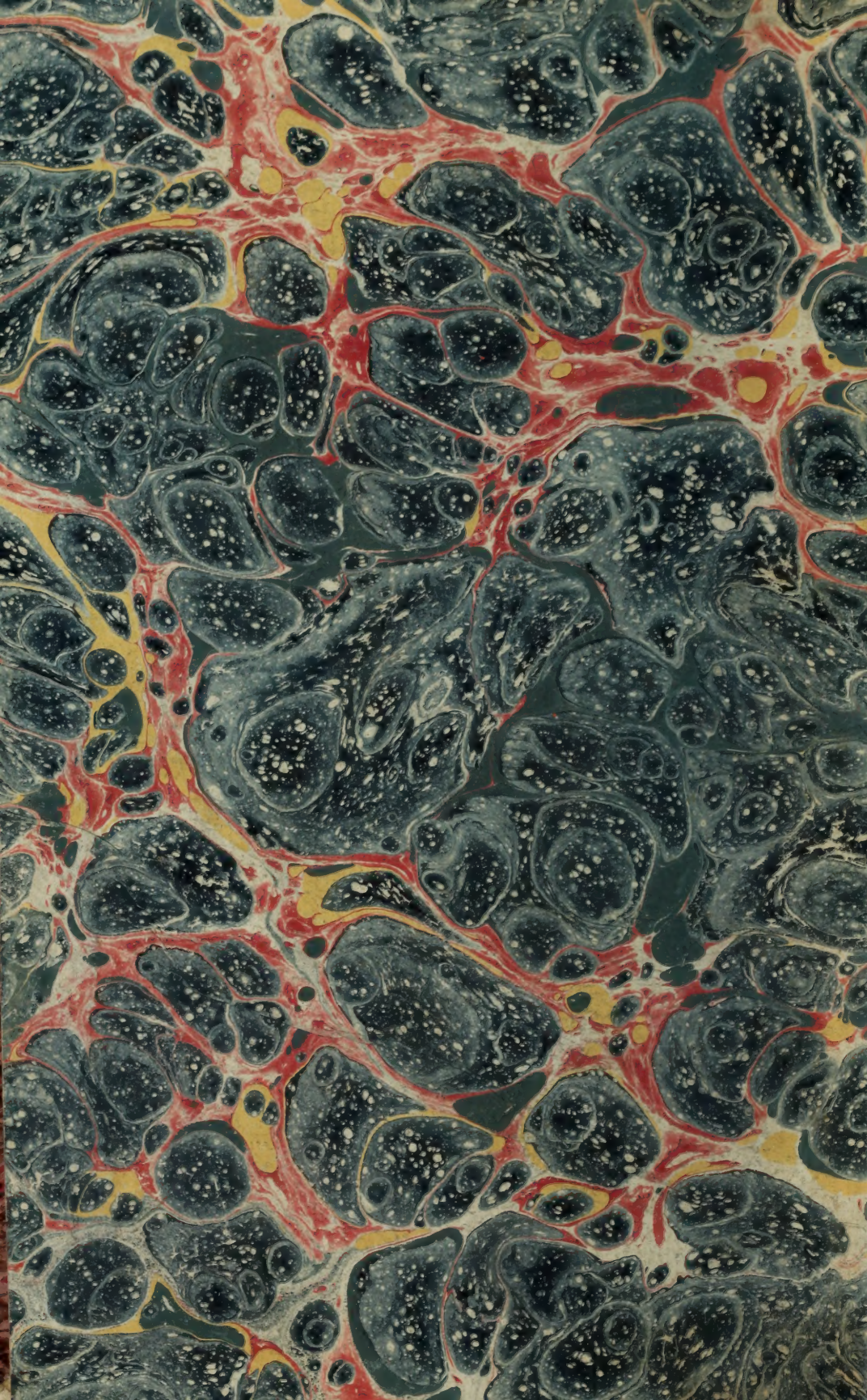
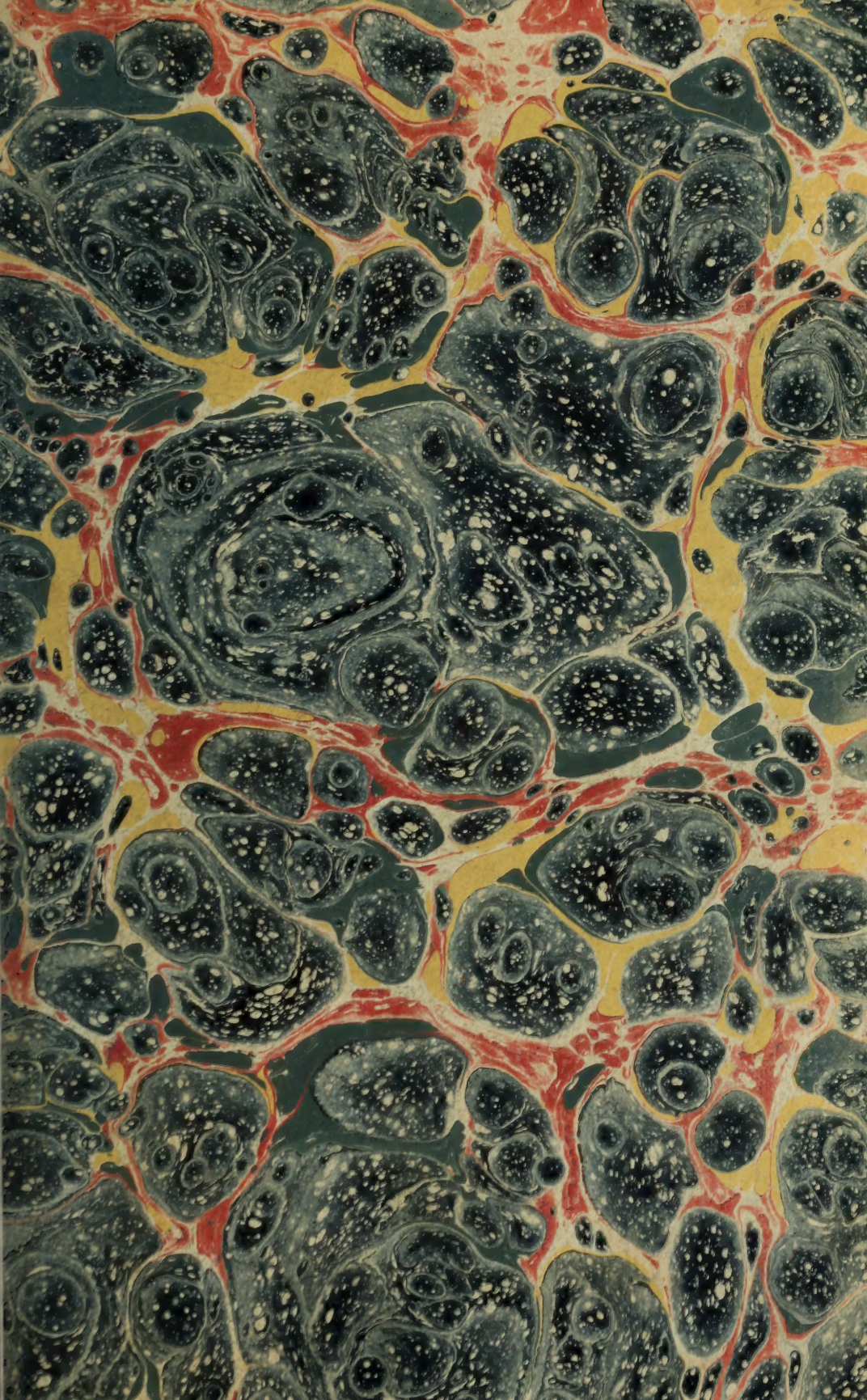
3 1761 08107645 7





00-

4588-89

REVISTA

LITTERARIA.

REVISTA
LITTERARIA.

PERIODICO

DE

LITTERATURA, PHILOSOPHIA, VIAGENS, SCIENCIAS, E BELLAS-ARTES.

TOMO PRIMEIRO

1.º ANNO.

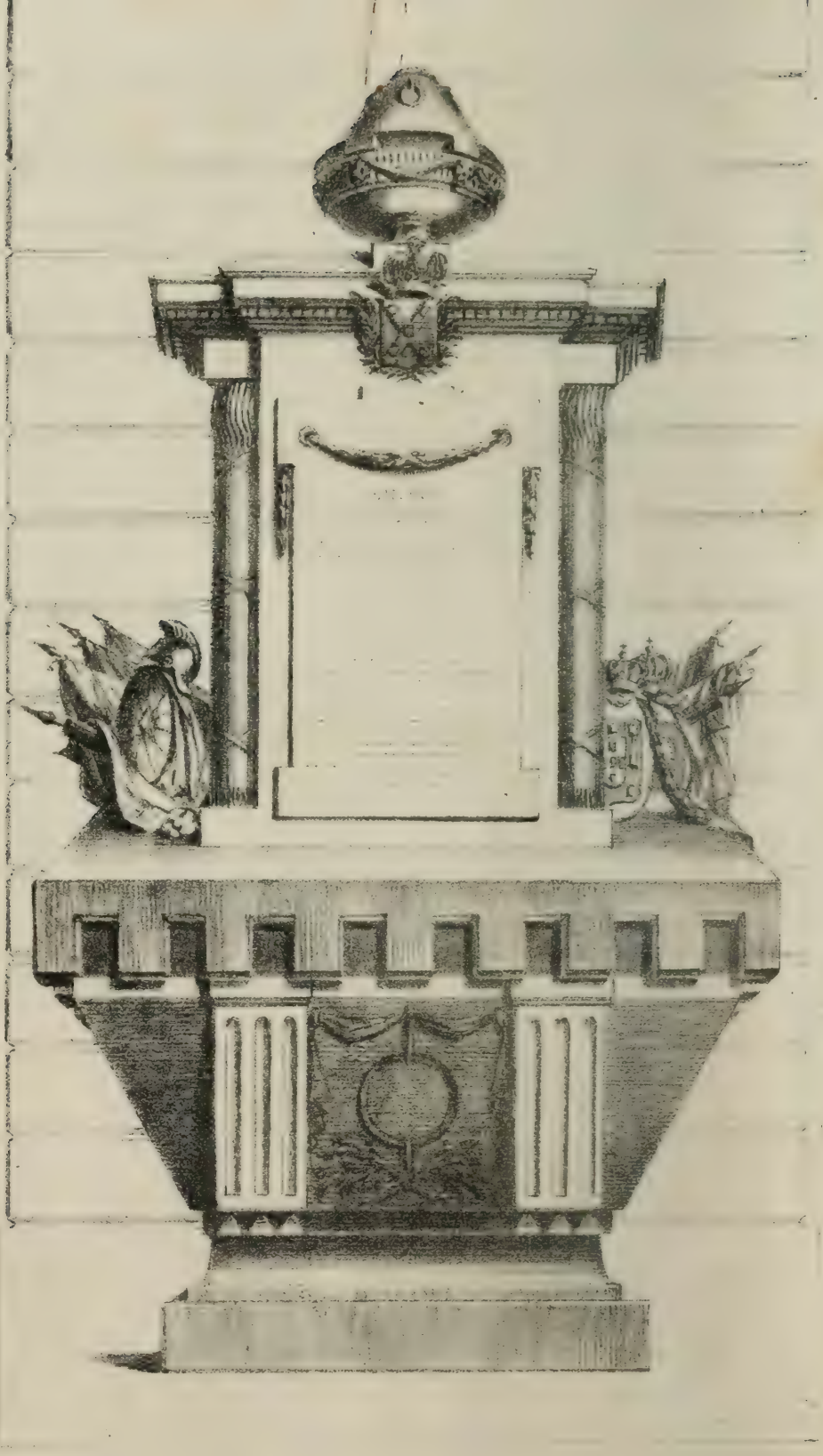
PORTO:

TYPOGRAPHIA COMMERCIAL PORTUENSE
LARGO DE S. JOÃO NOVO N.º 12.

1838.

A publicação deste numero vae retardada em consequencia da demora que houve na recepção do papel: esperamos porem adiantar as publicações dos proximos numeros, até que a entrega corresponda exactamente ás datas.

LIBRARY
JAN
27
1987
UNIVERSITY OF TORONTO



Jazigo de Carvão de G. Pedro

REVISTA LITTERARIA.

Artes.

JAZIGO DO CORAÇÃO DE D. PEDRO.

Nunca eu salvo o lumiar do magestoso templo da Lapa, que não seja acommettido de um tropel de sentimentos tão encontrados e contradictorios como as paixões humanas. Que ternas e saudosas recordações da minha juventude! Estas augustas e elevadas abobadas já retumbárão com as canticos sagrados que eu e meus pequenos camaradas de collegio vinhamos cheios de enthusiasmo entoar ao Divino em occasiões de festa. Aqui, nessa quadra magica da vida, já a vehemente eloquencia d'um cenobita arrancou de meus olhos uma torrente de lagrimas as mais abundantes e as mais apaixonadas que em vida minha tenho derramado. São passados desoito annos; e os meus affectos, as sensações da minha alma são vasadas em outros moldes: — será a mudança só devida ao progresso da idade, ou tambem á differença dos tempos? Valerei eu agora mais,

ou não terei com que compensar a perda da paz, e abandôno da innocencia? Ganharia o espirito á custa do coração? Não sei responder; mas é certo que a minha alma reflue com saudosa complacencia a estes tempos passados.

Após reminiscencias dos mais tenros annos, que rapidamente me atravessão a imaginação, como um brilhante meteoro, o *presente* se apossa todo de mim. Encerra esta grande fabrica um tão fino talisman, que eu, como homem, como Portuguez, e sobre tudo como Portuense, me sinto penetrado de tão profundo respeito, tão cheio de pura e suavissima gratidão, tão pungido e repassado de dolorosa saudade, e sôbre isto tão corrido de pejo, e fremente de indignação, que minha alma, levada de vencida com tão violentos embates, quasi que abandona o corpo, e cáio de joelhos diante do Coração do Grande Pedro.

O Duque de Bragança tinha levado a cabo a mais ardua e a mais generosa empreza que nunca Principe algum commettêra. O espirito tinha-se antecipado metade d'uma vida humana ordinaria; e quando o *Homem* contava apenas trinta e cinco annos, a existencia completa d'um heroe estava percorrida; — já elle podia exclamar como Cezar: *Satis naturæ, vel gloriæ vixi.* Tal é a sorte do genio sublime, ou seja que a Providencia revoca ao seu seio aquelles que tem destinado para obrarem algum grande feito, depois da sua consumação; ou seja que o espirito do homem de genio, consumindo e corroendo com sua extraordinaria energia o terreno vaso que o contém, abrevia a vida do corpo mortal que animava. Era pois a existencia do genio, do genio sublime esta curta duração de trinta e cinco annos!

O frio bafejo da morte ja fazia tremular o quasi extincto lume da existencia, e então acode ao Grande Homem um pensamento sublime, digno epilogo de sua brilhante carreira. — Chamae-me um soldado de Mindelo — Aproxima-se o consternado veterano do leito da morte, e ao ser cingido pelos já desfallecidos braços de seu idolatrado General, as faces, que cem vezes encarárão a morte com mais que indifferença, forão sulcadas por mal-refreadas lagrimas. — TRANSMITTE AOS TEUS CAMARADAS ESTE ABRAÇO EM SIGNAL DA JUSTA

SAUDADE QUE ME ACOMPANHA NESTE MOMENTO, E DO APREÇO EM QUE SEMPRE TIVE SEUS RELEVANTES SERVIÇOS!

Preza esse abraço, guerreiro venturoso, eu não o trocára senão pelo nome do teu Imperial Chefe. O abraço funebre da ultima despedida já foi enviado ao seu valente exercito; mas que lhe mercerá o corajoso Povo, cujo idolo era? qual legado será o seu? Não ha engenho que o descubra, não ha poesia que o invente; é uma daquellas inspirações que só baixão ao genio na hora de passamento. — O coração que pulsava com o generoso pensamento de libertar um povo; que voluntariamente se votou aos mais custosos sacrificios; o coração em que morou a mais heroica perseverança, que, unico nunca trepidou, nem perdeu os brios da firme confiança; o coração que alvergava o valor, a clemencia, a generosidade, a amizade, a gratidão, o amor da patria — este coração, tirae-o do meu seio e levae-o á Cidade do Porto E' legado de amigo a outro amigo. — Este foi o pensamento sublime do amigo dos Portuenses. O coração que batêra tanto á larga naquelle peito generoso, só na gloriosa Cidade do Porto podia achar igual largueza!

No dia 7 de Fevereiro de 1835 entrou a Cidade herdeira do grande homem na posse do seu precioso legado. Então foi elle provisoriamente collocado em uma pequena urna de pau. Passados dois annos achava-se concluida a obra destinada a recolher o augusto penhor; e procedendo-se a exame de peritos que o achárão em estado de perfeição, seguiu-se no dia immediato o acto da trasladação, acto solemne, em que, se não houve luxo e pompa Real, houve abundancia de lagrimas, e não faltou verdadeiro sentimento.

Erão apenas passados tres annos, e a perda que se lamentava já era demasiado sensivel. Aquelle coração prodigioso que ja em vida principiára a ser ulcerado pela aspide da ingratidão, alli estava para fatal desengano de que os homens-gigantes, que de longe em longe apparecem sobre a terra para arrancar as nações do abismo em que a maldade dos homens as tem despenhado, não são producções frequentes da natureza, como fatuos facilmente se persuadem. Mas não prosigueirei nestas dolorosas reflexões, e passo já a fallar do monumento.

Na Capella-mór, do lado do Evangelho, faceando com o Orgão, se levanta encostado á parede o monumento que a nossa estampa representa. E' elle feito do bello granito que se corta nas pedreiras dos suburbios desta cidade, e que, no tempo do seu famoso assedio, erão outros tantos bastiões, donde seus heroicos moradores se defendêrão da impotente raiva dos sitiantes. Compõe-se de um grande sarcophago grego, que forma o stibulato, ou corpo fundamental do monumento. Sobre este corpo se erguem duas columnas formadas de lanças em feixe, que sustentão uma elegante cimalha Dorica, que no centro é interrompida pelo escudete das armas de Bragança. Sobre esta cimalha, que pela parte superior vai escoando em *repuxo*, ou plano obliquo para augmentar a elegancia das fórmas piramidaes, está collocada uma urna lacrymal, tractada no severo estylo antigo, que remata toda a obra. Os dous tropheos que se veem junto á baze das columnas, apoiando-se sobre ellas, formão um bello ornato ou sejão considerados em quanto á sua execução, ou pelo lado ideal e philosophico. O do lado direito é composto de emblemas militares classicos, taes como um escudo coroado de um casco, e uma pelle do Leão Nemeo pendente, symbolo da fortaleza. Por detraz do escudo brotão obliquamente bandeiras, espadas, segures &c. No grupo de emblemas que formão o tropheo do lado esquerdo se vê o escudo das armas de Portugal meio sobreposto em outro com as armas do Brazil, abraçados por uma só purpura Imperial. Ambos são respectivamente coroados com as duas coroas que o Principe cingíra e abdicára em sua vida. Diversos emblemas da Magestade e do Legislador completão este bello tropheo. Entre as duas columnas está uma lamina de cobre adornada com um festão de carvalho dourado graciosamente lançado na parte superior, sobre a qual se lê a inscripção lapidar que abaixo se transcreve. Esta lamina pregada em um solida porta de carvalho, serve igualmente para cubrir o penetral em que se encerra o preciozo deposito. Recolhidas por meio de chaves as lingoas de bronze, que engenhosamente fechão e sustentão a porta, apparece dentro deste penetral, de fundo e cupula semicircular, a urna

de prata dourada que encerra o Coração Magnanimo, collocada sobre um elegante pedestal de ordem Jonica, primorosamente trabalhado. Esta urna de altura pouco mais ou menos de dez pollegadas, nem pela sua fórma nem pelo seu lavor offerece alguma couza de notavel. Em duas almofadas se leem as inscripções que tambem se transcrevem. Toda esta obra, que tem de altura 28 palmos, está encostada a um fundo do mesmo granito trabalhado a rustico, que sobe até ao nivel do coreto.

A necessidade de depositar o Coração em um lugar decente foi parte para que a Camara Municipal desta Cidade emprehendesse esta obra sendo Presidente o Sr. Vicente Ferreira Novaes; e coube ao Sr. Joaquim da Costa Lima o seu plano e inteira execução. Este architecto, em quem não fallecem talento e amor da arte, foi obrigado a moldar as suas concepções não só pelos limitados recursos pecuniarios do Municipio, (1) senão tambem pelas considerações devidas ao local, onde nem artista, nem empregadores podião talhar á sua vontade. Estas e outras circumstancias concorrêrão para que a obra sahisse humilde e de pouco relevo, e por tanto menos adequada ao grandiozo assumpto a que era destinada. Apezar disso honra seja feita a quem a projectou e levou a cabo, que é ella a unica, e talvez *para sempre* a unica, consagrada a perpetuar, não a fama do grande homem, mas a nossa gratidão. Porem eu direi concluindo com as palavras do eloquentissimo Vieira.— " Deixae-os ser ingratos para que vós sejaes
,, mais gloriozo. Um grande merecimento sobre uma
,, grande ingratidão fica muito mais subido. — Se vos-
,, sos feitos forão Romanos, consolae-vos com Catão,
,, que não teve estatua no Capitolio. Vinhão os Es-
,, trangeiros a Roma, vião as estatuas daquelles varões
,, famosos, e perguntavão pela de Catão. Esta pergun-
,, ta era a maior estatua de todas. Aos outros poz-lhes
,, estatua o Senado, e a Catão o Mundo. ,,

---

(1) Custou a obra Rs. 1.800$. Principiou-se a 30 de Junho de 1835, acabou-se a 11 de Fevereiro de 1837.

Inscripção lapidar que se lê na lamina de cobre.

En Cor.
Illius tanti viri,
Qui gloria, amore flagrans,
Singularique in omnes ingenio liberali præditus,
Primum (MDCCCXXVI)
Lusitanos sua sponte libertate donavit.
Deinde (MDCCCXXXII)
Ipsos acerbissima captivitate oppressos
Armis et consilio
Iterum in libertatem asseruit.
Tum (MDCCCXXXIV)
Innumeris tyranni copiis contusis penitusque disjectis,
Ipso e solio deturbato, ac finibus expulso,
Maria autem II filia sibi carissima
In avito solio collocata,
Conventus indixit, imperiumque,
Prout tempora postulabant, stabilivit.
Ad postremum (MDCCCXXXIV)
Tot tantisque laboribus fractus,
Et immatura morti præreptus,
Ab hac in meliorem vitam migraturus (VIII kal. octob.)
Hoc tantum amoris pignus
Optimam sui partem
Huic nostræ antiquæ civitati,
Et nobilitate, et illustribus Pactis, et spectata fide
Omni tempore inclytæ, atque invictæ
Testamento reliquit.

Inscripção latina gravada na Urna de prata.

DEO OPTIMO MAXIMO.

PETRO. BRAGANTIÆ. DUCE. FUNDATORE. PACIS. AC. PUBLICÆ. LIBERTATIS. AUCTORE. ET. VINDICE. QUOD. DIVINITATIS IMPULSU. ANIMI. MAGNITUDINE AD. PORTUGALENTIA. LITTORA. APPULSO. IBI. CUM. EXERCITU. SUO. NEC NON. MAXIMO. ET. VIX. CREDIBILI. CIVIUM. ADJUTORIO. TAM. DE TYRANNO. QUAM. DE. OMNI. EJUS. FACTIONE. UNO. TEMPORE. JUSTIS. ARMIS. LUSITANIAM. ULCISCENTE. ET. ILLIC. UBI. SE. SUAMQUE. VITAM. PATRIÆ. MAGNANIMITER. OBTULIT. CORDIS. SUI. REQUIETORIUM. IN. VITA, ADHUC. ELIGENTE. AMELIA. AUGUSTA. CONJUX. AMANTISSIMA. LIBENS. MERITO. SPONSI. VOTUM. SOLVENS. QUOD. MORTALE. FUIT. ILLIUS. CORDIS. IN. HAC. URNA. DEVOTISSIME POSUIT.

Do outro lado se achão gravadas as seguintes palavras, extrahidas da Proclamação que o Duque de Bragança dirigiu aos Portuenses na sua visita a esta cidade em Julho de 1834.

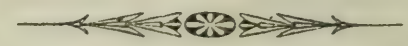
. . . . . *Eu me felicito a mim mesmo por me vèr no theatro da minha gloria, no meio dos meus amigos Portuenses, d'aquelles a quem devo, pelos auxilios que me prestárão durante o memoravel sitio, o nome que adquiri, e que honrado deixarei em herança a meus filhos.*

Porto 27 de Julho de 1834.

D. Pedro, Duque de Bragança.

Litteratura Portugueza.

O CAMOES DO Snr. GARRET.



Nil intentatum nostri liquêre poetæ,
Nec minimum meruêre decus, vestigia Græca
Ausi deserere, et celebrare domestica facta.

HORAT. ART. POET.

E' de muito pouco tempo, que se tem lançado mão para assumpto de composições litterarias, da vida quasi sempre miseravel d'um pobre poeta. Estas existencias despresadas, — sem aduladores que as cortejem; — sem galas, que as enfeitem; — sem ouros, sem joias, sem adereços ... parecião mesquinho thesouro para se erguerem até tão alto.

A epopêa domestica, ou de familia, como lhe chama Sainte-Beuve e Gustavo Planche, tinha com tudo desenvolvido uma influencia admiravel na litteratura da Europa. Goldsmith, Wordsworth, e Crabbe, forão os primeiros anneis da cadêa, que por fim se veio a fechar no Jocelin de La-Martine. Ião-se pondo de parte esses prestigios antigos; e a civilisação moderna, espraiando-se como um rio que trasborda, fazia já do poema e drama alguma couza mais do que uma galeria de potentados. O nascimento humilde, podia ser objecto de um entrecho, que bem desenvolvido, apparecia no mundo com a cara descoberta; e era recebido pelo publico com prazer e enthusiasmo.

Começada a restauração não admirava que continuasse. Ella tinha em si certos elementos democraticos, que seduzem e enamorão as massas. O cazo era sahir dos palacios para salvar um lumiar mais humilde:

obtido isso, vasto campo se abria ao talento, para quantas modificações lhe aprouvesse. E' o que fez Goethe com o seu drama de Torquato Tasso. Não podia a escolha deixar de interessar a todas as almas sensiveis, ou o encarassemos pelo lado de poeta mal pago e ludibriado; ou como amante infeliz e perseguido.

O triumpho era por tanto infallivel; e esse triumpho tinha de ser um incentivo formidavel, e para assim dizer, um desafio a todos os vates do mundo.

Mas se nos não enganamos, o primeiro a levantar a luva foi um compatriota e contemporaneo nosso. O Snr. Garret se apresentou no campo para lutar com o poeta allemão, tão illustre e conhecido pelo seu talento superior, e prodigiosa facundia. Camões, o unico rival do Tasso, achou tambem quem lhe erguesse um monumento duradouro de gratidão e de estima, monumento, que enobrecendo ainda a fama do grande autor dos Luziadas, servirá ao mesmo passo de immortalisar o cisne que ouzou cantal-o.

Deste modo encetou o Snr. Garret sua bella carreira épica, se assim podemos chamar-lhe; e foi o seu Camões a primeira passada de desvio, que começou a afastar-nos do caminho de contínuo trilhado pelas celebridades dos dous ultimos seculos. Os preceitos d'Horacio, transplantados depois por Boileau e Pope, preceitos que devemos estudar todavia, não podião durar em toda a severidade de suas exigencias, na presença do progresso, que todos os dias fazia o gosto, e intelligencia humana. Uma opposição quasi constante com a natureza, tão magestosa e elegante em sua simplicidade; um luxo de artificio nos caracteres, e no estylo; uma especie de mascara a disfarçar todos os objectos, todas as existencias ... era mister que cahisse aos golpes dos inspirados de Shakespeare e de Calderon. A escola destes dous grandes homens devia pois de renascer a cabo de pouco, não tal qual elles a deixárão; mas com as alterações, que as luzes e idéas da epocha rigorosamente exigião. E foi assim que ella renasceu com effeito. Ahi a temos viçosa como uma arvore na primavera, copando-se mais e mais todos os dias, e dando-nos fructos, que a posteridade não deixará de saborear, e agradecer-nos.

Entra por ventura nesta conta o poema de que tratamos: e posto que, como primeiro ensaio, não podesse eximir-se inteiramente de algumas faltas, tantas bellezas tem elle, que todas essas faltas de bom grado se relevão. As desgraças do poeta, seu valor e engenho, seus amores... davão na verdade uma latitude immensa ao estro, que quizesse e soubesse comprehendêl-os. A' semelhança do Tasso, tinha Camões a lutar com as intrigas da Côrte, com as intrigas sempre avessas ao talento, que offuscão e embação os peralvilhos della. A idéa era vastissima, e seu desenvolvimento podia ser uma Odissêa.

Nesta parte não teve o Snr. Garret as mãos bem largas. Seu poema é um pouco esteril em pormenores. Era preciso considerar o autor dos Lusiadas em opposição coutinua com aquelles aulicos efeminados da Côrte do Monarcha mancebo: e então, começava o pleito entre o talento independente do poeta, e os bons ares e hypocrisia dos privados influentes. Depois, como consequencia dêsse pleito, marcharião á vontade todos os recursos de uma intriga palaciana. Foi esta a idéa capital de todo o enredo do drama allemão: e pelo contrario, em nosso poema, quasi que nem se percebe! Os irmãos Luiz, e Martim Gonçalves, apenas se falla delles! E' para lastimar que não fossem mais caracterisados. Em vez de traços, queriamos vê-los sobresahir n'uma pintura acabada e forte. Não era mesmo sufficiente a nosso vêr o pincel de Rubens, ou Van Dych ... fazia mister a mão pesada de Rembrandt com todo o relevo de seus toques carregados. Que de bellas couzas nascerião de semelhante plano! ... A natureza cultivada em extase, a braços com a natureza amortecida e degenerada pela politica e pela ambição, era sem duvida um contraste, germen de infindas bellezas: mas o cantor de Camões lhe deu de mão, talvez para evitar a censura de plagiario.

O poema pois do Snr. Garret pecca essencialmente por falta d'invenção e de interesse: e logo que no 2.º canto se passa a scena do enterramento, sublime scena na verdade, parece que o romance devia de acabar de todo. Que faremos nós de Camões du-

rante os cantos que se seguem ?.. Seu amor, era toda sua vida; e sem este amor, que nos interessará por elle ?.. Que El-Rei o acolha bem ou mal, que D. Aleixo obtenha ou não algum preço a seus trabalhos, que os Jesuitas triumphem ou decáião... o amante de Natercia já não póde ter prazeres. Este amor, como o Snr. Garret o descreve, não é uma allucinação de cabeça, que se dissipa com facilidade: pelo contrario, é um amor de sentimento, é uma paixão de coração, uma paixão forte, vehemente, invencivel. Ora, quem ama deste modo, ama por toda a vida, e a morte de D. Catherina deve considerar-se como a morte pelo menos moral de seu infeliz adorador. E se não désce com elle á sepultura, se a mesma terra o não devora, que vida de miseria a sua! ... Vida sem esperança; pois que toda a esperança se quebrou contra a louza do jazigo. As portas do porvir ei-las cerradas para sempre, e quando outra vez tente entrar por ellas, lá verá sobre a verga, como nas portas do inferno, a terrivel inscripção do Dante.

Per me si va nella città dolente,
Per me si va nell' eterno dolore...
.....
Laciate ogni speranza voi che 'ntrate.

Neste estado de couzas, não se podia evitar por muito tempo a monotonia, e após ella uma indifferença involuntaria por quanto se vae passando. O heroe que devia interessar-nos, perdeu d'um golpe todas as probabilidades de successo, e sem essas probabilidades qual será a negaça que nos atráia?

Queriamos pois que esta scena fosse uma das ultimas do poema. Antes della desejavamos ser espectadores de algumas entrevistas amorosas: appeteciamos ouvir os requebros de Camões, como ouvimos os do Tasso: requeriamos que essas duas almas tão sensiveis, tão enamoradas ... se fallassem, se communicassem ... e depois, embora seguisse a catastrophe. Como não seria bella uma scena á feição da de Romeo e Julietta! ... Sua situação era tão analoga!... o Snr. Garret nos podia suspirar adeoses igualmente ternos e sublimes. D. Catha-

rina, a poetica Natercia, tinha elementos para rivalisar as bellas creações de Shakespeare... mas não sabemos porque máo fado nosso, que apenas a conhecemos ao entrar da eternidade.

Todavia, ponde de banda estas omissões, o poema em questão possue bellezas de primeira ordem: e computamos nesta conta a elegancia de poesia, a sublimidade dos pensamentos, muita riqueza de descripções, e caracteres, em que ha verdade e elevação de desenho.

Começaremos por notar a amenidade e vida de hum quadro com que deparamos logo no primeiro canto. Ahi se nos esboção alegrias de viageiro, — que depois de longa ausencia, volta outra vez a ver a patria. O prazer que trasborda de hum coração satisfeito, lá reçume de todos os poros. O pae, o filho, o esposo ... abrem os braços e a alma para receberem os queridos objectos de suas affeições mais ternas. — Mas não tarda que de mistura com essa alegria venhão mil receios entretecidos, que moderão em parte o arrobo do primeiro enthusiasmo. Então o prazer se destempera; — e este matiz, esta oscillação é tão natural, — tam simples ... que nós todos participamos das alegrias, dos receios, que os navegantes experimentão.

Logo de seguida vem o retrato de Camões; que é hum retrato sahido da paleta de Reynolds ou de Laurence. As côres são vivas; e ao mesmo tempo que nos apresenta alguns traços duros e descuidados, achamos que nos atráie pela energia e lhaneza do estylo. Alem do que, transluz nelle tanta exactidão e semelhança, julgamol-o tam conforme com a idéa que formamos do original, encontramos taes pontos de contacto entre a pintura e o caracter do individuo, que nos damos por completamente satisfeitos, mesmo antes de lhe tirarmos outras provas.

Sigamos porem com a vista o galeão que entra no Tejo; attentemos para o escaler, que recebe a bordo a turma dos passageiros ... Quem vae entre elles? vae o guerreiro sizudo e melancolico, que não tarda a ouvir

Um sentido clamor, como suspiro.
De amargurado tom ...

E' o pobre Jáo, é o Indio, que se carpe porque não segue o amo: o Jáo, o Indio escravo; mas escravo tambem d'amizade. Esta passagem historica sería bem mais interessante, se a projectassem nos incidentes. Escravo ... natureza bruta e selvagem: alma pura, tal como Deos a formou. E de que serve este escravo? E' o unico amigo e soccorro do maior poeta do mundo. Que idéa tam fertil em recursos de entrecho e de poesia!...

Toda esta scena do descembarque é cheia de sentimento: e quando o missionario entrevem como enviado de hum Deos de paz e de misericordia, o painel se alarga a ponto de tocar talvez o sublime.

Sublime se póde chamar tambem o pincel que retratou esse missionario respeitavel. Em suas dimensões parece-nos estar vendo o S. Jeronimo de Corregio; ou um dos anachoretas, que devemos á imaginação e eloquencia de Mr. de Chateaubriand. Como é linda a comparação que o Snr. Garret faz nos versos seguintes.

Como a humanas couzas retirados,
Se encovárão nas faces decahidas
Os olhos, onde a luz quasi assemelha
A' lampada, que ardeu no tabernaculo
Inteira a noute, e ao arraiar do dia
Fallece á mingua d'oleo...

Quem tem inspirações como esta, nasceu, e ha-de morrer poeta.

Mas não findão aqui os symptomas de seu engenho. Vem-lhe no alcance a descripção da madrugada, do lusco-fusco, da noute. Como é bonita a pintura que o Snr. Garret nos faz da noute, e do aspecto de Lisboa durante ella!... Como ahi se vae a pouco e pouco preparando a feliz transição de objectos materiaes para os sentimentos mais intimos do homem!... Estas passagens quando são feitas com habilidade, dão hum realce e embelesamento á poesia, que arrebatão quasi sempre.

Todos os encantos da natureza amena de nosso clima, brilhão nessas descripções sem o mais pequeno esforço de espirito. Thompson e Dellile não cessão de adejar em tôrno de suas concepções idylicas: mas se pertende descrever o guerreiro, o salão do paço, a

caza d'armas do Castello, ou mesmo a estreita cella do Cenobita ... é de W. Scott, que sentimos o arremêdo. Toda a officina do bardo Escocez se abre de par em par ao fingido Filinto: e raras vezes deixa a imitação de hombrear com o prototypo que copia.

O genero descriptivo é pois visivelmente predominamte neste poema: e debaixo dêsse ponto de vista, consideramo-lo ao nivel das melhores producções que conhecemos. Não lhe faltão tambem de vez em quando imagens excellentes: e ainda que pouco dramatico, como ja observámos, lá se topa de longe com alguma scena digna do resto. Lembra-nos, como amostra, a dos dous rivaes, que é sem duvida a melhor de todas. Depois da morte de Natercia, Camões tem uma entrevista com o Conde, como elle adorador d'aquella bella Dama. Inimigos irreconciliaveis pelo ciume, parece que a sympatia do soffrimento os convida agora a consolarem-se mutuamente. O combate de generosidade a que dá lugar o retrato, poderia reprodusir-se sobre o palco com infallivel vantagem: e se este combate tivesse sido representado nas catacumbas do mosteiro, perto do tumulo do objecto querido desses dous cavaleiros ... Se o Snr. Garret se lembrasse de imitar aqui o encontro de Romeo e Paris junto do tumulo de Julietta ... o effeito seria necessariamente magestoso e sublime.

Reservámos para o fim as duas melhores couzas do poema: o epilogo dos Lusiadas, e a morte do poeta. No epilogo, toca o Snr. Garret com uma subtileza e talento admiravel todos os pontos cardeaes da grande obra. Seu estilo de continuo analogo ás circunstancias do momento, vae tomando todas as côres na proporção do assumpto de que se trata. Altiloquo, quando falla do terrivel Adamastor; melancolico e terno descrevendo os amores e desastres da formosa Castro; travêsso e voluptuoso nos brincos lascivos das nymphas encantadas ... seu canto se vae enriquecendo de todos os matizes por onde passa, como hum espelho, em que se reflectem todas as couzas que se lhe põem diante.

Mas a morte de Camões nos toca muito mais de perto. O coração punge de dor, quebra-se o peito de magoado, e o que ainda é mais, se nos cobrem

as faces do rubor da vergonha. O principe dos poetas morre no seio da patria que lhe deve tanto ... cheio de miseria e de fome, abandonado n'hum hospital! ... Este facto indigno acalorou, como devia, a musa do nosso vate. Elle gemeu de ser portuguez, quando uma quota da infamia tinha a pezar sobre seus hombros. Assim, seus versos são de fogo; suas arguições, cilicios, que nos torturão e flagellão. Ao passo porem destes sentimentos de escandalo e desaire, marchão as penas e desgosto de o haver perdido. Do rancor, passamos á saudade, que jámais nos deixará em quanto que vivermos, e tivermos algum interesse pelas couzas da patria.

Esta saudade se une ainda a outros sentimentos para augmentar *o pungir de acerbo espinho.* Não se contentou o Snr. Garret com o terrivel golpe do finamento! Quér elle que presenciêmos todos os tramites da agonia. Crava-nos o punhal da mais aguda dor, e depois remeche-o dentro da chaga, para nos dilatar o soffrimento. Esta dor porem com todo o luxo de sua exacerbação traz de envôlta comsigo a melancolia, em que tanto se aprasem compleições de certa têmpera. Lagrimas correm então, abundantes lagrimas, que pena é não possão regar a lapide do illustre guerreiro e poeta.

Começa este periodo de sensibilidade e mágoa no diálago de Camões com o seu Antonio. Um e outro vão marcahando junto ás margens do Tejo, e o nosso Homero, o Homero de nossa Troia, pobre, sem nenhum recurso ... ignora mesmo se terá um abrigo em que passe aquella noute!

Durante essa marcha, a lua illumina de seu froxo clarão todos os objectos que o cercão. Mas eis que chega ao sitio, onde noutro tempo habitava Natercia. La está a caza, a gelozia onde se vião e fallavão.

Um platano frondoso, que muitas vezes o abrigou de veladores espias, seccou, e cahiu sem folhas e sem viço. Qual sería a imaginação que não achasse nestas circunstancias e referencias, pasto de sobejo a meditações profundissimas? ... Calculemos pois o que seria da imaginação do poeta, infeliz, isolado, e miseravel! ...

As forças porem se consomem; e alfim chegão a fenecer de todo.

" Os olhos turvos para o Ceo levanta;
E ja no arranco extremo: " Patria ao menos,
Juntos morremos... „ E expirou com a patria.

A patria, a cara patria, era o seu terceiro ídolo. Primeiro do que ella Deos, e Natercia.

Estes promenores da morte de Camões não vemos com que comparál-os, a não ser a morte de Gilbert no Stello de Vigny; todavia, se o espirito de nacionalidade nos não seduz, preferimos a magestosa simplicidade do Snr. Garret, á affectação e requinte do romancista francez.

Em ultimo resultado, muita gloria reverbéra em nossa litteratura, d' um tam distincto poeta como o Snr. Garret. Assim elle não deixasse a estrada, que tam gloriosamente encetára, e que mais do que nenhuma outra o havia de conduzir á immortalidade. Varias são as producções com que nos tem enriquecido, que progressivamente iremos analysando, sempre na esperança de que chegue um dia, em que novos primores nos abasteção ainda.

Viagens.

A ESTRADA DO SIMPLON.

Fragmento inedito extrahido do roteiro d'um Emigrado.

Nesse ferreo periodo em que um governo destruidor afugentou do sólo da patria tantos milhares de Portuguezes que por ella se havião sacrificado, muitos aproveitárão o ensejo para percorrer paizes estrangeiros, procurando com a vista de novos objectos minorar as saudades patrias e desviar da mente a recordação das desgraças, que pesavão sobre o infeliz Portugal. — Entrámos nesse numero — apesar de estar-mos ainda no verdòr dos annos; mas por isso mesmo talvez que as impressões que recebemos fossem mais vivas, como tambem as reflexões occorrião menos apaixonadas. Do nosso imperfeito roteiro alguns extractos apresentaremos ao publico, grangeando-lhe desculpa para os defeitos, já a sua originalidade, e já a raridade de taes assumptos tractados na nossa lingua.

Pelas 5 horas da manhã (do dia 28 d'Outubro de 1828) estavamos já em marcha, para podermos chegar antes da noite á aldêa do Simplon. Demorámos-nos meia hora em Viege, a fim de vêr-mos a antiga Igreja catholica; e logo, seguindo jornada, deixámos á esquerda a villa de Brieg, ou Brigg, que externamente offerece um bello golpe de vista pela variedade das cazas, e pelas suas diversas torres, sobre as quaes pousão grandes globos de metal branco, resplandecentes com os primeiros raios do sol. Aqui se começão a pi-

sar os primeiros trabalhos do Simplon, estrada, que tem causado a admiração da Europa inteira, a maravilha das maravilhas, segundo a expressão d'um viajante moderno. Só o vasto genio de Bonaparte podia conceber e levar a effeito obra tão estupenda, a qual só bastaria para lhe abrir as portas da immortalidade, como mui apropriadamente se lê na inscripção em uma das barreiras = *Hic Buonaparte proprium viam patefecit Olimpo* =.

A grande e espantosa cadêa dos Alpes era considerada como uma barreira insuperavel, que separava a Italia da Suissa e da França; nenhuma estrada se havia practicado nestes despenhadeiros, e no Simplon apenas se podia passar a pé, ou a cavallo com muita difficuldade. A aspereza e tortuosidade do lugar do Simplon, situado junto a precipicios de 1028 toezas d'altura, sem contar os altos picos que a seus flancos se elevão até ás nuvens, fazia julgar que jámais nestes ingremes penhascos se poderia riscar uma estrada regular. Porem o genio fecundo de Bonaparte, para quem as maiores difficuldades erão pequenos embaraços, decretou esta estrada no anno de 1801; e á sua vóz parece que se abatêrão os montes, construirão pontes, vasárão galerias, edificárão cazas; e em uma palavra appareceu feito como por encanto tudo o que póde tornar uma estrada commoda e bella. Tres mil homens forão constantemente empregados nas obras desta magnifica estrada no curto espaço de quatro annos, ficando toda completa no anno de 1805. Os generaes engenheiros, tanto Francezes, como Italianos que traçárão o plano, e se encarregárão da sua execução, corresponderão perfeitamente ás vistas de Bonaparte, superando com a maior constancia todas as difficuldades. Em todo o decurso da estrada, isto é, n'uma extensão de quatorze legoas, tres seges podem passar a par, e o seu constante declive nunca excede duas polegadas e meia em toeza. Foi necessario cortar altos rochedos em vinte e dois pontos, e construir cincoenta pontes, das quaes algumas d'um só arco. Notão-se sete galerias cortadas no granito, das quaes a maior no valle de Gondo tem 633 pés de extensão. Em toda a estrada ha em pequenas distancias *cazas de refugio* para

abrigo dos viajantes, sendo mais proximas nos sitios onde o perigo das tormentas é mais terrivel.

Continuámos a subir com indizivel prazer admirando a solidez do pavimento, bem como o cuidado que houve em guardar os viajantes dos precipicios, postando pequenos peões do lado dos despenhadeiros para evitar qualquer accidente. Contrastão bem com a belleza e boa conservação da estrada os altos montes que a cercão por todos os lados, sendo muitas vezes preciso que ella fizesse grandes voltas, ou *zigzags*, para conservar a sua constante gradação. Causa na verdade admiração vêr como é possivel que nos maiores despenhadeiros, e no mais elevado daquellas altas serras, se descubrão choupanas e visos d'agricultura; não se podendo conceber como seja possivel subir a taes alturas, e lavrar terras tão ingremes.

A' uma hora da tarde chegámos ao terceiro refugio, onde almoçámos. Continuámos depois, passando por trez galerias antes de chegar ao refugio que está situado no cume das montanhas. Entre a segunda e terceira galeria ha um lugar que é considerado um dos mais perigosos em rasão das *avalanches*. São estas formadas por grandes massas de neve, que, ao despontar dos primeiros calores da primavera, se desprendem do alto dos montes e despenhando-se impetuosamente se engrossão até formar uma massa enorme e destruidora, que tudo arrasta após de si — Vimos signaes evidentes de semelhantes estragos; grande numero d'arvores por terra; penedos arrolados no abismo, e choupanas destruidas e arrasadas. Muitas vezes tem chegado as *avalanches* a despenharem-se a mais d'uma legoa de distancia; e por vezes tem sido victimas dellas viajantes que passavão n'outra direcção mui remota da sua queda, tão somente em rasão da compressão do ar. — Nestes logares de gelo já não ha vegetação; as arvores crescem, mas logo são queimadas pelas neves que tudo estragão — Vimos nestes sitios diversas cascatas d'agoa gelada, onde os raios do sol fazião brilhar as cores do prisma, — Em uma dellas corrião as agoas por detraz de uma chapa de gêlo, como se se despenhassem por dentro d'uma vidraça.

Ao comesar a descer a montanhas para o lado da

Italia se vê á esquerda o grande Hospicio que Napoleão começára e que agora se continua a edificar com o producto das esmolas que a caridade dos viajantes lhe destina; os quaes todos se prestão de bom grado, porque ninguem ignora os grandes e importantes serviços feitos a humanidade pelos monges do grande S. Bernardo, não se poupando a perigos e incommodos para salvar os viajantes no meio das tormentas, quando em poucos instantes toda a superficie é coberta por as neves, perdida para o caminhante a esperança de salvação. — Continuámos a descer a estrada que é construida sempre com as mesmas proporções; vimos o antigo Hospicio situado n'um pequeno valle, e pelas sete horas da tarde chegámos á aldea do Simplon, onde pernoitámos. E' na verdade para admirar como no centro destas escabrosas montanhas, e a uma tão grande distancia das povoações se depára com uma hospedaria mui commoda, e provida de tudo quanto pode servir para mitigar o cançasso d'uma penosa jornada. — No seguinte dia nos pozemos a caminho pelas sete horas da manhã; o tempo era bello e sereno, mas o frio se tornava insupportavel. — Depois de descermos algum tempo, entrámos no terrivel valle de *Gondo*, por onde passa o rio *Doveria*. — Aqui empregou a natureza tudo o que tinha de mais medonho e horrivel. Entra-se na galeria d'*Algaby*, formada toda no granito em 215 pés d'extensão, depois da qual as montanhas se estreitão de tal sorte, que apenas, na immensa profundidade que entre ellas existe, se poude construir a estrada a par do impetuoso rio, menos largo do que ella — Transito medonho, onde a luz se torna escassa na profundidade de duas paredes perpendiculares de dous mil pés d'altura. — Nesta passagem, mais do que em nenhuma outra parte, se admira o trabalho que custou esta estupenda estrada — Quantos rochedos a abater!. — Quantos obstaculos a superar! ... Foi preciso em muitos logares arrancar á rocha o terreno para formar a estrada. — Cento e sessenta mil quintaes de polvora bastárão apenas para levar a effeito tão pasmosa maravilha. — E' nestes medonhos lugares que se passa na galeria de Gondo, que tem 633 pés d'extensão, vasando um enorme rochedo que era impossivel abater — A' entrada

della admirá-se o terrivel sorvedouro do rio Doveria, que se despenha por entre escarpados rochedos em um espantoso abismo, cuja profundidade é escondida a todo o vivente. — E' tal a sua immensidade, e as agoas ao cahir se batem com tal estrondo, que a vista não pode descançar sobre esta aterradora voragem; e, quem não fôr prevenido, é obrigado a recuar por não poder encarar pacificamente tão grande horror.

Entrámos depois na galeria, que é alumiada por duas grandes frestas abertas na rocha; e ao sahir della, ao mesmo passo que se respira o ar livre, um novo espectaculo se apresenta ao viajante. As agoas do rio Tracinone, despenhando-se d'uma altura immensa ao lado da estrada formão uma bellissima cascata, indo depois engrossar o impetuoso Doveria.— Pouco a pouco começão os rochedos a alargar-se, o ceo a descobrir-se, e logo se avistão ao longe as risonhas planicies da Italia, desta terra classica nas artes e nas antiguidades. Um sentimento de prazer se apodera do viajante; já se antecipa os gosos que o esperão, e engolfado nestas considerações chega a pisar a patria de Dante e de Pietrarca, onde novas maravilhas o aguardão.

Curso de Historia Moderna.

Quarta Lição

Senhores! já estudámos o estado da Europa depois da queda do Imperio romano na primeira epocha da historia moderna, que é a epocha barbara. Ficámos sabendo que no fim desta epocha, no principio do décimo seculo, o primeiro principio, e o primeiro systema que se desenvolveu, e que tomou posse da sociedade europea, foi o systema feudal, e que do seio da barbaria nasceu primeiramente o feudalismo. O objecto por tanto do nosso estudo nesta lição é o regime feudal.

Creio que não será necessario lembrar-vos, que não é da nossa competencia a historia dos acontecimentos propriamente ditos. Não vos hei-de entreter com os destinos do feudalismo. O que nos importa, é a historia da civilisação; eis ahi o facto geral e occulto que nós procuramos por debaixo de todos os factos exteriores, que o involvem.

Assim, os acontecimentos, as crises sociaes, os diversos estados por que a sociedade passou, não nos interessão senão pelo nexo que tem com o desenvolvimento da civilisação: devemos interrogal'-os para saber em que elles a contrariárão, e em que a auxiliárão, o que lhe derão, ou o que lhe negárão. So debaixo deste ponto de vista é que temos a considerar o regime feudal.

No principio deste curso determinámos o que era civilisação; tentámos conhecer os seus elementos; vimos que ella consistia, por uma parte, no desenvolvimento do homem individual ou da humanidade, e por outra,

no da sua condição visivel, ou da sociedade. Toda a vez que nos achamos na presença d'um facto, d'um systema, d'um estado geral do mundo, temos sempre de fazer estas duas questões: em que contribuiu esse facto, ou systema, ou estado geral, pro ou contra o desenvolvimento do homem, pro ou contra o desenvolvimento da sociedade?

Vós, Senhores, já estaes prevenidos que nesta investigação temos por força de encontrar as maiores questões da philosophia moral. Quando quisermos saber em que um facto, ou um systema contribuiu para o desenvolvimento do homem ou da sociedade, será mistér que saibamos qual é o verdadeiro desenvolvimento da sociedade e do homem, quaes desenvolvimentos serião fallazes e illegitimos, quaes preverterião em vez de melhorarem, e quaes causarião um movimento retrogrado em vez de progressivo.

Não faremos illusoria, Senhores, esta necessidade do nosso trabalho. Com isso não só nós não fariamos mais que mutilar e deprimir as nossas ideas e os factos; mas alem disso o estado actual do mundo nos impõe a lei d'acceitar francamente esta inevitavel alliança da philosophia e da historia. Ella é precisamente um dos caracteres, e talvez o caracter essencial da nossa epocha. A nossa missão é considerar e fazer marchar unidas, a sciencia e a realidade, a theoria e a practica, o direito e o facto. Ate aos nossos dias vivêrão separadas estas duas potencias; o mundo está affeito a ver a sciencia e a pratica seguirem caminhos diversos, sem se conhecerem, e sem ao menos se encontrarem. E quando as doutrinas, quando as ideas geraes quizerão penetrar os factos, e ter influencia no mundo, não o podérão fazer senão revestindo a forma, e assumindo o braço do fanatismo. Duas sortes d'influencias tem até aqui presidido ao imperio das sociedades humanas, e á direcção dos seus negocios: por um lado os crentes, os homens possuidos d'ideas e principios, ou por outra, os fanaticos; por outro os homens alheios a todos os principios de rasão, que unicamente se governão pelas circunstancias, os practicos, ou libertinos, como se lhes chamava no decimo setimo

seculo. Tal é, Senhores, o estado que hoje acaba; nem os fanaticos, nem os libertinos podem actualmente dominar. Para governar e prevalecer entre os homens é mister agora conhecer e comprehender simultaneamente as ideas geraes e as circunstancias. E' mister ter em conta principios e factos, respeitar a verdade e a necessidade, evitar o cego orgulho dos fanaticos, e o desdem não menos cego dos libertinos. O desenvolvimento do espirito humano e do estado social ja nos levou ate este ponto. Por uma parte o espirito humano elevado e liberto comprehende melhor o nexo e as relações das couzas, sabe encaral'-as por todos os lados, e faz entrar em suas combinações tudo o que existe; por outra parte o aperfeiçoamento da sociedade subindo até ao ponto de ella se poder collocar perante a verdade, e de os factos se poderem cotejar com os principios, e de, apezar da sua immensa imperfeição, não inspirar por esta comparação um desalento, ou um invencivel desgosto. Obedecerei por tanto á tendencia natural, á conveniencia, e á necessidade do nosso tempo, passando incessantemente do exame das circunstancias para o das ideas, d'uma exposição de factos para uma questão de doutrinas. Talvez que mesmo na disposição actual e momentanea dos espiritos haja mais um motivo a favor d'este methodo. De certo tempo para cá manifesta-se entre nós um gosto decidido, e para melhor dizer, uma especie de predilecção pelos factos, pelo ponto de vista practico, e pelo lado positivo das couzas humanas. Tem sido tal a nossa sujeição ao despotismo das ideas geraes, e das theorias, e tem-nos elle custado tão caro a certos respeitos, que ellas são ja para nós objecto d'alguma desconfiança. Todos preferem o conhecimento simples dos factos, das circunstancias especiaes, e das applicações. Mas não nos dê isto pena, Senhores; olhae que é um grande passo para o conhecimento e para o imperio da verdade; com tanto porem que nos não deixemos invadir e arrebatar por esta disposição; com tanto que nos não esqueçamos que só a verdade tem direito de reinar no mundo; que os factos não tem merito, senão em quanto a exprimem, e tendem a identificar-se com ella ca-

da vez mais; que toda a verdadeira grandeza vem do pensamento; e que toda a fecundidade lhe pertence. A civilisação da nossa patria, Senhores, tem este caracter particular, de que nunca lhe faltou grandeza intellectual; ella sempre foi rica em ideas; o poder do espirito humano foi grande na sociedade franceza, maior talvez do que nas outras. Não é justo que ella perca este bello privilegio; não a deixemos cahir nesse estado um pouco subalterno, um pouco material que caracteriza outras sociedades. E' mister que a intelligencia e as doutrinas tenhão hoje na França o lugar ao menos que até ao presente tem occupado.

Não podemos pois de modo algum evitar as questões geraes e philosophicas; não seremos tambem nós que as havemos-de suscitar; mas quando os factos nos metterem nellas, tratál'-as-hemos sem hesitação e sem enleio. E não nos faltarão occasiões de o fazer quando considerarmos o regime feudal nas suas relações com a historia da civilisação europea.

A melhor prova, Senhores, de que no decimo seculo o regime feudal era necessario, e o unico estado social possivel, é a universalidade do seu estabelecimento. Por onde quer que a barbaria cessou, túdo revestiu a forma feudal. No primeiro momento os homens vírão nelle o triunfo do chaos. Toda a unidade desappareceu, assim como toda a civilisação geral; por todos os lados se via desmembrar a sociedade; e vião-se nascer um sem numero de pequenas sociedades obscuras, isoladas, e incoherentes. Aos contemporaneos pareceu isto a dissolução geral, e a anarchia universal. Consultae os poetas desses tempos ou os chronistas, e vereis que elles se julgão no fim do mundo. E com tudo era uma sociedade nova e real que ía começando, a sociedade feudal, tão necessaria, tão inevitavel, e que tanto era a unica consequencia possivel do estado anterior, que tudo adoptou a sua forma. Até os elementos mais estranhos a este systema, a igreja, as communs, e a realeza tiverão de se conformar com elle; as igrejas tornárão-se suzeranas e vassallas, as cidades tiverão senhores e vassallos, e e realeza se encobriu

com a suzerania. Todas as couzas forão dadas em feudo; não só as terras, mas certos direitos, como o de poder cortar madeira em matas, e o direito de pescar; as igrejas dérão em feudo o *pé d'altar*. A agua e o dinheiro tambem forão dadas em feudo. Da mesma forma que todos os elementos geraes da sociedade entravão no quadro feudal, igualmente as maiores bagatellas, os menores factos da vida commum, erão materia de feudalismo.

Alguem vendo que a forma feudal toma assim posse de tudo, acreditará á primeira vista que o principio essencial e vital, o feudalismo, prevalece assim universalmente. Isto, Senhores, seria um grande erro. Apezar de assumirem a forma feudal as instituições e os elementos da sociedade que não erão analogos ao regime feudal, elles nem por isso renunciavão á sua natureza, e ao seu principio proprio. A Igreja feudal não deixou de ser animada, e essencialmente governada pelo principio theocratico; e para o fazer prevalecer trabalhava incessantemente d'accordo, ja com o poder real, ja com o papa, ja com o povo, com o fim de destruir este regime, de que ella, para assim dizer, trazia a libré. O mesmo foi a respeito da realeza, e das communs: naquella o principio monarchico, e nestas o democratico continuárão sempre a dominar. Não obstante os seu atavios feudaes, estes elementos diversos da sociedade europea forcejavão de continuo por se despirem d'uma forma estranha á sua verdadeira natureza, e tomarem a que convinha ao seu principio proprio e vital.

Demonstrada, como está, a universalidade da forma feudal, é mister ter cuidado em não deduzir dahi a universalidade do principio feudal, e em estudar indifferentemente o feudalismo onde quer que apparecer a sua physionomia. Para bem conhecer e comprehender este regime, para desembaraçar, e julgar seus effeitos em relação á civilisação moderna, será necessario procural'-a onde o principio e a forma estiverem em harmonia; será necessario estudal'-o na jerarchia dos feudatarios leigos, e na associação dos conquistadores do

territorio europeo. Ali reside verdadeiramente a sociedade feudal; e para este ponto é que agora nos dirigimos.

Acabei de fallar da importancia das questões moraes, e da necessidade de não omittir nenhuma. Ha ainda outra ordem de considerações inteiramente opposta a aquella, e de que geralmente se tem feito pouco caso; refiro-me á condição material da sociedade, ás mudanças materiaes introduzidas no modo de ser e de viver dos homens occasionadas por um facto novo, por uma revolução, ou por um novo estado social. Nem sempre se tomou isto na devida consideração; não se examinou devidamente que modificações fazião estas grandes crises do mundo na existencia material dos homens, na parte material das suas mutuas relações. Estas modificações tem mais influencia, do que commummente se crê, sobre o todo da sociedade. Quem ha ahi que não saiba quanto se tem estudado a questão da influencia dos climas, e a importancia que lhe deu Montesquieu? Se consideramos a influencia directa do clima sobre os homens talvez não seja tão extensa como se presume; sua avaliação pelos menos é vaga e difficultosa. Mas a influencia indirecta do clima, o que, por exemplo, resulta deste facto, que n'um paiz quente os homens vivem ao ar livre, em quanto que nos paizes frios se fechão no interior das habitações, que se nutrem aqui d'um modo, acolá d'outro, tudo isto são factos de extrema importancia, e que pela simples mudança da vida material obrão energicamente sobre a civilisação. Qualquer grande revolução traz ao estado social modificações deste genero, e de que é precizo fazer o maior caso.

Assim o estabelecimento do regime feudal fez tal modificação que era impossivel deixar de reconhecer sua gravidade; elle mudou a distribuição da população sobre a face do territorio. Ate então os senhores do territorio, a população soberana, vivião reunidos em massas d'homens mais ou menos numerosas, ja sedentarias no interior das cidades, ja vagueando em bandos pelo paiz. O feudalismo fez que estes homens vivessem separados,

cada um em sua habitação, e a grande distancia uns dos outros. Vós ja presentis quanto esta mudança devia influir no caracter e na marcha da civilisação. A preponderancia social, o governo da sociedade passou de repente das cidades para os campos; a propriedade particular teve de prevalecer sobre a propriedade publica, e a vida privada sobre a vida publica. Tal foi o primeiro effeito do triunfo da sociedade feudal, triunfo puramente material. Quanto mais o investigarmos, mais se offerecerão a nossos olhos as consequencias deste unico facto.

Examinemos esta sociedade em si mesma, e vejamos que figura ella fez na historia da civilisação. Consideremos primeiramente o feudalismo no seu elemento mais simples, no seu elemento primitivo e fundamental; consideremos um só possuidor de feudo no seu dominio, e vejamos, o que a sociedade, que ao redor delle se vae formando, virá a ser, e o que fará de todos aquelles que a compõem.

Esse possuidor escolhe para sua residencia um lugar ermo, elevado, trata de o fazer seguro, e de o fortificar; construe finalmente um edificio que depois chama — seu castello. E com quem é que elle ali se estabelece? Com sua mulher e filhos; e pode ser que alguns homens livres, que não podérão ser proprietarios, se lhe aggregassem tambem, e continuem a viver com elle, e a ser seus commensaes. São estes os habitantes de dentro do castello. Nas suas visinhanças vae-se juntando uma pequena povoação de colónos, e de servos que cultivão os dominios do senhor feudal. No meio desta população inferior vem a religião plantar sua igreja, e traz para ali um padre. Este padre ordinariamente nos primeiros tempos do regime feudal, é simultaneamente capellão do castello, e cura da aldêa: mas lá virá tempo em que estes dous caracteres se hão-de separar, e a aldea terá o seu cura que habitará junto da igreja. Aqui temos a sociedade feudal elementar, a mollecula feudal, para assim dizer. Este elemento é o primeiro que temos d'examinar; nós o interrogaremos dos dous modos, que convem fazer a todos os factos:

que resultou delle para o desenvolvimento — 1.° do homem — 2.° da sociedade ?

Temos todo o direito de dirigir á pequena sociedade, que venho de descrever, as duas questões propostas, e devemos dar fé ás suas respostas, porque ella é o typo, e a imagem fiel da sociedade feudal no seu todo. O senhor feudal, o povo dos seus dominios, e o padre, eis o que é, tanto em ponto grande, como em pequeno, o feudalismo, quando delle se separárão a realeza e as cidades, elementos distinctos, e estranhos.

O primeiro facto que me faz impressão quando considero esta pequena sociedade, vem a ser a prodigiosa importancia que deve tomar o proprietario do feudo, não só a seus proprios olhos, como tambem aos dos que o cercão. O sentimento da personnalidade, e da liberdade individual era o sentimento dominante na vida barbara. Agora porem o cazo é differente; já não é só a liberdade do homem, ou do guerreiro; é tambem a importancia do proprietario, do chefe de familia, do senhor. Desta situação deve nascer uma impressão de superioridade summa; superioridade inteiramente particular, e bem differente da que se encontra no decurso das outras civilisações. A prova, ei-la ahi. Vamos tomar ao mundo antigo uma grande situação aristocratica, um patricio romano, por exemplo; este tambem era, como o senhor feudal, chefe, amo, e superior. Era alem disso magistrado religioso, ou pontifice no interior da sua familia. Ora a importancia do magistrado religioso deriva do exterior: não é uma importancia puramente pessoal, e individual; recebe-a do ceo; é o delegado da Divindade, e interprete das crenças religiosas que lhe são relativas. O patricio romano era de mais a mais membro d'uma corporação que vivia reunida em um mesmo lugar, era membro do senado; importancia esta que igualmente lhe vinha de fora, da sua corporação, e por tanto importancia recebida, e emprestada. A grandeza dos antigos aristocratas associada a um caracter religioso e politico pertencia mais á situação, e á corporação em geral, do que ao individuo.

Porem a do possuidor de feudo é puramente individual; de ninguem depende; os seus direitos todos, e todo o seu poder, vem só delle. Não é magistrado religioso; não faz parte d'um senado; na sua pessoa, no seu individuo é que rezide toda a sua importancia; tudo quanto elle é, é-o por si mesmo, e em seu proprio nome. Como não ha-de ser grande a influencia que uma tal situação deve exercer sobre os espiritos! Que altivez individual, que prodigioso orgulho, e, digamos o termo proprio, que insolencia não deve nascer em nossa alma! Acima delle não ha superior de que seja representante ou interprete; junto delle não ha iguaes; nenhuma lei poderosa e commum o opprime; não ha imperio algum exterior que peze sobre a sua vontade; e só os limites da sua força, e a presença de perigo, são o unico freio que o reprime. Tal é o resultado moral da situação sobre o caracter do homem.

Agora passo a uma segunda consequencia, igualmente grave, e mui pouco attendida, o molde particular do espirito da familia feudal.

Lancemos os olhos para os diversos systemas de familia, examinemos em primeiro lugar a familia patriarchal, cujo modelo encontramos na Biblia e nos monumentos orientaes. E' muito numerosa, e constitue a tribu. O chefe, ou patriarcha vive nesta familia em commum com seus filhos, parentes, e com as diversas gerações que em torno delle se ião accumulando, com toda a parentela destas gerações, e com os servos; e não só vive com elles todos, mas tambem tem os mesmos interesses, e as mesmas occupações; vive do mesmo modo. Não seria esta a situação de Abrahão, dos patriarchas, dos chefes de tribus arabes, que ainda reproduzem hoje a imagem da vida patriarchal?

Temos ainda outro systema de familia, o *clan*, pequena sociedade, cujo typo se deve ir procurar á Escossia e á Irlanda, e pela qual provavelmente passou uma grande porção do mundo europeu. Esta não se parece com a familia patriarchal. Ha uma grande diversidade de situação entre o chefe e o resto da população; elle não vive do mesmo modo; a maior parte

e serve; elle é ocioso e guerreiro. Sua origem porem é commum; todos tem o mesmo appellido; e as relações de parentescos, antigas tradições, recordações identicas, e affeições semelhantes, estabelecem entre todos os membros do *clan* um nexo moral, e uma especie d' igualdade.

Taes são os dous principaes typos da sociedade de familia que a historia apresenta. E pergunto eu, será algum desses o typo da familia feudal? Não de certo. Parece á primeira vista que esta tem alguma semelhança com o *clan*, a differença porem é muito maior. A população que rodêa o senhor feudal é-lhe perfeitamente estranha; não tem o seu nome; não ha parentesco entre ella e elle, nem nexo historico ou moral. Não é a familia patriarchal. O senhor feudal não vive a mesma vida, nem se applica aos mesmos trabalhos, que aquelles que o ladeão; elle está ocioso ou guerrêa, em quanto os outros cultivão a terra. A familia feudal não é numerosa; não é tribu; reduz-se á familia propriamente dita — mulher e filhos —; vive encerrada no interior do castello separada do resto da população. Os colonos e os servos não fazem parte della; sua origem é diversa, e prodigiosa a desigualdade de condição. Cinco ou seis individuos em uma situação ao mesmo tempo superior, e estranha, tal é a familia feudal. Ella deve evidentemente tomar um caracter particular. E' intima, concentrada, incessantemente obrigada a defender-se, a desconfiar, e a arredar-se até mesmo de seus servos. A vida interior e os bons costumes domesticos devem necessariamente reluzir nesta familia. Eu bem sei que a brutalidade das paixões, e o habito do chefe passar o tempo em caçadas, ou na guerra, devem obstar grandemente ao desenvolvimento das virtudes domesticas. Este obstaculo porem será superado. O chefe tem de voltar tambem habitualmente a sua caza; lá encontrará a esposa, e filhinhos, e quasi sós; tambem só elles constituirão a sua sociedade permanente, e elles só participarão sempre de seus interesses, e do seu destino. E' impossivel que a existencia domestica não adquira um grande imperio: e as provas são em abundancia.

Não foi por exemplo, no seio da familia feudal que se desenvolveu a importancia do sexo femenino? Em todas as antigas sociedades, não fallo agora daquellas em que não havia espirito de familia, mas naquellas em que elle era poderoso, como na vida patriarchal, as mulheres não occupavão o lugar que depois tiverão na Europa sob o regime feudal. Ao desenvolvimento, e á preponderancia necessaria dos costumes domesticos no feudalismo é que ellas principalmente devem esta mudança, e o progresso da sua situação. Alguem tem querido ir buscar a causa disto aos costumes particulares dos antigos germanos, ao respeito nacional que, segundo a tradição, elles tributavão ás mulheres, mesmo no meio dos bosques. Sobre uma phrase de Tacito elevou o patriotismo germanico uma certa superioridade, e uma certa pureza primitiva nas relações mutuas dos dous sexos. Puras chimeras! Phrases como as de Tacito, sentimentos e usos analogos aos dos antigos germanos, topão-se a cada passo nas narrações d'um semnumero d'observadores dos povos selvagens ou barbaros. Nada pois se nota nelles, que se possa dizer primitivo, e particular a certa raça. E' nos effeitos d'uma situação social fortemente determinada, é nos progressos e na preponderancia das virtudes domesticas, que teve origem a importancia das mulheres na Europa, e a preponderancia daquellas virtudes ficou sendo desde logo um caracter essencial do regime feudal.

Um segundo facto, que serve de nova prova do imperio da existencia domestica, e caracteriza igualmente a familia feudal, é que o espirito hereditario, e de perpetuidade evidentemente ahi domina. O espirito hereditario é inherente ao espirito de familia; mas em parte alguma se desenvolveu elle tanto como no feudalismo. E depende isto da natureza da propriedade a que a familia andava incorporada. O feudo não era uma propriedade como outra qualquer; elle tinha necessidade d'um constante possuidor, que o defendesse, que cumprisse as obrigações inherentes ao dominio, e que desta sorte o conservasse no lugar que lhe competia na associação geral dos donatarios do paiz. Daqui nascia uma especie

de identificação entre o possuidor do feudo, e esse mesmo feudo, e toda a serie de futuros possuidores.

Esta circunstancia concorreu muito para fortificar e estreitar os laços de familia tão fortes já pela propria indole da familia feudal.

Vamos agora sahir da morada do proprietario, e desçamos ao meio da pequena população que o cerca. Aqui já tudo muda d'aspecto. A natureza do homem é tão boa, e tão fecunda que quando alguma situação social dura por certo tempo, inevitavelmente se estabelece entre aquelles que ella avisinha, e quaesquer que sejão as condições da visinhança, um certo nexo moral, e sentimentos de protecção, de benevolencia, e d'affeição. Assim foi no feudalismo. E' certo que passado algum tempo se formárão entre o senhor feudal e os colonos algumas relações moraes, e alguns habitos affectivos. Isto porem aconteceu apezar da sua situação reciproca, e e de modo algum por sua influencia. A situação olhada em si mesmo era radicalmente viciosa. Nada havia de moralmente commum entre o senhor e os colonos; estes fazem parte do seu dominio; são propriedade sua; e debaixo deste termo — propriedade — estão comprehendidos todos os direitos, que hoje chamamos direitos de soberania publica, direitos de propriedade, direito de legislar, de impor tributos, de executar e applicar as leis, e de dispor e vender os bens. Não ha portanto entre o senhor, e os cultivadores de seus dominios, nem direitos, nem garantias, nem sociedade.

Daqui veio, segundo eu penso, o odio prodigioso, e invencivel que o povo das aldeas nutriu sempre contra o regime feudal, contra a sua memoria, e até contra o seu nome. Ha exemplos de terem os homens soffrido pesados despotismos, e de se terem acostumado a elles, para não dizer que os acceitárão. O despotismo theocratico, e o despotismo monarchico obtivérão por varias vezes o consenso, e quem sabe se tambem a affeição do povo que os soffria. O despotismo feudal foi sempre aborrecido, e odioso; elle pezou sobre os destinos, sem já mais reinar sobre as almas. A razão da differença é porque na theocracia, e na monarchia se exerce o po-

der em virtude de certas crenças que são communs ao senhor e aos subditos : elle é o representante , e o ministro d'um outro poder , superior a todos os poderes humanos ; elle falla e obra em nome da Divindade ou d'uma idéa geral , e não em nome do proprio homem, do homem só. Não é assim porem o despotismo feudal ; é o poder d'individuo sobre individuo ; o dominio da vontade pessoal e caprichosa d'um homem. Será talvez esta a unica tyrannia que o homem para sua honra não tem querido acceitar. Por onde quer que n'um chefe elle não vê senão um homem , e logo que a vontade que sobre elle peza não é mais que a vontade humana, e individual como a sua , indigna-se , e só enraivado supporta o jugo. Tal era o verdadeiro caracter , o caracter distinctivo do poder feudal ; e tal é tambem a origem da antipathia que elle sempre inspirou.

O elemento religioso que lhe andava annexo era pouco proprio para lhe suavizar o pezo. Ao menos eu por mim creio que a influencia do padre na pequena sociedade que venho de descrever não era grande , nem que elle podesse chegar a legitimar as relações entre a população inferior e o senhor. A Igreja exerceu sobre a civilisação europea uma acção mui grande , procedendo porem d'um modo geral , e mudando as disposições geraes dos homens , Quando se entra de perto na pequena sociedade feudal propriamente dita, vê-se que é quasi nulla a influencia do padre entre o senhor e os colonos. As mais das vezes tambem elle era grosseiro e subalterno como um servo, e não estava muito em estado de lutar contra a arrogancia do senhor. E na verdade, destinado somente para entreter e desenvolver na população inferior alguma vida moral , era por isso estimado e util; elle diffundia alguma consolação e illustração ; mas , pelo que eu penso , pouco , ou nada concorria para o destino desse mesmo povo.

Temos examinado a sociedade feudal elementar , mostrámos as principaes consequencias que della devião deduzir-se , já para o proprietario do feudo , já para a sua familia , ou para a população em torno delle reunida. Saiâmos agora deste estreito recinto. A população

do feudo não é a unica sobre o territorio; ha mais outras sociedades, analogas ou differentes, e com as quaes ella está em relação. E que é então feito della? Que influencia deve exercer sobre a civilisação esta sociedade geral, a que ella pertence?

Antes de responder, permitta-se-nos uma curta observação: não ha duvida que o senhor feudal e o padre, ambos pertencião a uma sociedade geral; e que tinhão para o longe numerosas e frequentes relações. Não era porem o mesmo a respeito dos colonos e dos servos: quando para designar a população das aldeas naquella epocha se uza um termo geral, e que parece comprehender uma só e a mesma sociedade, como é por exemplo o termo povo, falla-se com pouca exactidão. Para essa população não havia sociedade geral; sua existencia era puramente local. Os colonos fora do territorio que habitavão não tinhão contractos com ninguem, de ninguem dependião, nem estavão ligados a couza alguma. Para elles não havia destino nem patria commum; não formavão um povo. Quando se falla da associação feudal no seu todo, deve-se entender que é só dos possuidores de feudo de quem se trata.

Vejamos quaes erão as relações da pequena sociedade feudal, com a sociedade geral em que estava incluida, e que consequencias devião produzir estas relações no desenvolvimento da civilisação.

Vós sabeis, Senhores, que nexos ligavão entre si os possuidores de feudos, que relações estavão inherentes ás suas propriedades, e quaes erão as obrigações — de serviço por um lado, — e de protecção por outro. Não descreverei miudamente estas obrigações, bastará que vós tenhaes dellas uma idéa geral. Dahi devião necessariamente passar para a alma de cada senhor feudal um certo numero d'idéas e sentimentos moraes, idéas de dever, e sentimentos d'affecto. E é manifesto que o principio de fidelidade, de submissão, de lealdade ás promessas, e todos os sentimentos que a estes podem andar annexos, forão desenvolvidos, e entretidos pelas relações mutuas dos feudatarios.

Estas obrigações, estes deveres, e estes sentimen-

tos estiverão para ser convertidos em direitos e instituições. Ninguem ha que não saiba, que o feudalismo quiz regular legalmente quaes erão os serviços que o feudatario devia ao suzerano; que serviços reciprocos tinha aquelle a esperar deste; em quaes cazos devia o vassallo ao seu suzerano o soccorro militar, ou o pecuniario; e com que formalidades devia o suzerano obter o consentimento de seus vassallos, para os serviços a que estes não erão obrigados pela simples possessão dos feudos. Pretendeu-se que estes direitos fossem collocados debaixo do patrocinio d'instituições, que tivessem por fim tornal'-os respeitaveis. Desta sorte as jurisdicções *senhoriaes* erão destinadas a distribuir justiça entre os feudatarios, sobre as reclamações levadas perante o suzerano commum. Assim, qualquer donatario um pouco consideravel reunia seus vassallos em Parlamento para tratar com elles os negocios que exigião o seu consentimento, ou a sua concorrencia. N'uma palavra, havia um encadeamento de meios politicos, judiciarios, e militares, pelos quaes se tentava organisar o regime feudal, e converter as relações dos feudatarios em direitos e instituições.

Mas estes direitos e estas instituições, nem tiverão realidade, nem forão protegidas.

Quando se indaga o que é uma garantia, e uma garantia politica, vem-se no conhecimento que o seu caracter fundamental é a presença constante no meio da sociedade d'uma vontade, d'uma força em disposição, e em estado d'impor uma lei ás vontades e ás forças particulares, de lhes fazer observar a regra commum, e respeitar o direito geral.

Não ha mais do que dous systemas possiveis de garantias politicas: faz-se precisa ou uma vontade, e força particular de tal modo superior a todas as outras, que nenhuma lhe possa resistir, e que ellas sejão obrigadas a submetter-se apenas essa intervenha; ou então uma força, e uma vontade publica que seja o resultado do concurso e do desenvolvimento das vontades particulares, e que tendo sahido do seu seio, se ache igualmente em estado de pezar sobre todos, e de se fazer respeitar de todos.

Taes são os dous systemas de garantias politicas possiveis; o despotismo d'um só, ou d'uma só classe, e o governo livre. Quando se examinão os variados systemas, vê-se que elles todos se podem incluir nos dous mencionados.

Ora pois, Senhores, nem um nem outro existia, nem podia existir no regime feudal.

E na verdade os feudatarios não erão todos iguaes entre si; havia muitos poderosos de mais, e muitos assaz poderosos para opprimir os mais fracos. Não havia nenhum, começando pelo primeiro dos suzeranos, pelo rei, que estivesse em estado de dictar a lei aos outros, e em estado de se fazer obedecer. Deveis notar que faltavão todos os meios permanentes de poder e d'acção; não havia tropas permanentes, nem impostos, nem tribunaes tambem permanentes. As forças, e as instituições sociaes vião-se d'alguma sorte obrigadas a principiar de novo, e a passarem por nova creação de cada vez que erão precisas. Era mister crear tribunaes para cada processo; crear um exercito quando havia guerra; e crear rendas quando se necessitava de dinheiro; tudo era occasional, accidental e especial; não havia meio algum de governo central, permanente e independente. E' claro que n'um tal systema nenhum individuo estava em proporção de impor aos outros a sua vontade, e de fazer respeitar por todos o direito geral.

Por outra parte a resistencia erão tão facil, quanto era difficil a repressão. O feudatario encerrado na sua habitação, tendo a combater um pequeno numero de inimigos, e achando facilmente, entre os vassallos na mesma situação que elle, meios de alliança, e soccorros, defendia-se com muita facilidade.

Eis aqui pois o primeiro systema das garantias politicas, o systema que as colloca na intervenção do mais forte, reconhecido como impossivel no regime feudal.

O outro systema, o do governo livre, d'um poder publico, d'uma força publica, era igualmente impraticavel; elle nunca poude nascer no seio do feudalismo. A causa é simples. Quanda nós hoje fallamos d'um poder publico, daquillo a que damos o nome de direitos de

soberania, direito de fazer leis, de impor tributos, e de punir, bem sabemos, e pensamos que estes direitos não pertencem a pessoa alguma em particular, que ninguem tem por sua propria conta o direito de castigar os outros, de lhes impor um encargo, ou uma lei. Estes direitos só pertencem á sociedade em massa, são exercidos em seu nome, mas não os tem de si mesmo, deriva-os d'origem mais sublime. Assim, quando um individuo chega á presença da força investida destes direitos, o sentimento que logo o domina, e talvez sem que o perceba, é que está na presença d'um poder publico, legitimo, encarregado da missão de o reger, e fica d'algum modo antecipada e interiormente submettido. No feudalismo porem era inteiramente differente. O feudatario no seu dominio, e sobre os homens que o habitavão, era investido de todos os direitos da soberania; estes direitos erão inherentes ao dominio, materia de propriedade particular. O que hoje se chama direitos publicos, erão direitos particulares; o que nós chamamos poderes publicos, erão poderes particulares. Quando um feudatario depois de ter exercido a soberania em seu nome, como proprietario, sobre toda a população no meio da qual vivia, se dirigia depois para uma assemblea, para um parlamento convocado em presença do seu suzerano, parlamento d'ordinario pouco numeroso, e composto dos seus *pares* com pequenas differenças, não levava para lá nem de lá trazia a idéa d'um poder publico. Semelhante idéa estava em contradicção com toda a sua existencia, e com tudo o que elle tinha practicado no interior de seus dominios. Naquellas reuniões não via elle senão homens investidos dos mesmos direitos que elle tinha, na mesma situação, e obrando como elle em nome da sua propria vontade. Nada o induzia, nem o obrigava a reconhecer na porção mais elevada do governo, ou nas instituições que chamamos publicas, aquelle caracter de superioridade, e de generalidade inherente á idéa que nós formamos de poderes politicos. E se elle não gostava da decisão, negava o seu assenso, ou lhe resistia appellando para a força.

A força é que no regime feudal era a verdadeira e

usual garantia do direito, se é que á força se pode dar o nome de garantia. Todos os direitos recorrião incessantemente á força para se fazerem reconhecer, ou para se fazerem respeitar. Nenhuma instituição só por si o podia fazer: era isto tão sabido que pouco se contava com ellas. Se os tribunaes senhoriaes, e os parlamentos dos vassallos tivessem alguma influencia, haviamos de encontral'os muito mais activos, e muito mais frequentes do que os apresenta a historia; porem a sua raridade prova a sua nullidade.

Não é porem de admirar; ha uma rasão mais decisiva e mais profunda do que as que acabo de indicar.

De todos os systemas de governo e de garantia politica, aquelle sem duvida mais difficil de estabelecer, e de fazer prevalecer, é o systema federativo. Este systema consiste em deixar em cada localidade, em cada sociedade particular, toda a porção de governo que ahi pode ficar, e em lhe tirar apenas a porção indispensavel para a manutenção da sociedade geral, para a levar para o centro dessa mesma sociedade, e constituil'-a depois dando-lhe a forma de governo central. O governo federativo sendo logicamente o mais simples, é realmente o mais complexo; para conciliar o gráo de independencia, e de liberdade local, que elle deixa subsistir, com o gráo d'ordem geral, e de submissão geral que elle exige e suppõe em certos cazos, é mister evidentemente uma civilisação muito adiantada; é mister que a vontade do homem, e a liberdade individual concorra para o estabelecimento, e para a manutenção do systema muito mais do que em outro qualquer, porque os meios repressivos são então muito menores do que nos outros.

E' pois o systema federativo aquelle que evidentemente exige maior desenvolvimento de rasão, de moralidade, e de civilisação na sociedade a que elle se applica. E com tudo era este systema o que o regime feudal tentava estabelecer; pois o feudalismo geral era uma especie de federação. Elle firmava-se nos mesmos principaes que hoje sustentão a federação dos Estados-Unhidos da America! Elle pretendia deixar nas mãos de

cada senhor a porção de governo, e de soberania possivel, e levar para o suzerano, ou para a assembléa geral dos barões a porção restante do poder, e só nos cazos, em que isso fosse absolutamente necessario. Já vedes a impossibilidade d'estabelecer semelhante systema no meio da ignorancia, das paixões brutaes, e n'uma palavra, no meio do estado moral tão imperfeito do homem sujeito ao feudalismo. A mesma natureza do governo estava em contradicção com as idéas, e com os costumes dos proprios individuos, aos quaes se queria applicar. Como podia neste caso fazer admirar o máo resultado destas tentativas d'organisação?

Temos considerado a sociedade feudal, primeiro no seu elemento mais simples, no seu elemento fundamental, e depois no seu todo; e em cada um destes dous pontos de vista indagámos o que ella tinha feito, o que deveria fazer, e o que se tinha deduzido da sua natureza em quanto á sua influencia no progresso da civilisação. Agora parece-me que temos chegado aos dous seguintes resultados:

1.° O feudalismo deve ter exercido mui grande influencia, e, em ultima analyse, uma influencia salutar sobre o desenvolvimento interior do individuo; elle suscitou nas almas idéas e sentimentos energicos, moraes, e bellos desenvolvimentos de caracter e paixão.

2.° Em quanto ao lado social, não poude elle fundar nem ordem legal, nem garantias politicas; elle era indispensavel para fazer começar novamente na Europa a sociedade, reduzida pela barbaria a tal estado de dissolução, que não era capaz d'uma outra forma mais regular nem mais extensa; mas a forma feudal, radicalmente má em si mesma, nem se podia regularisar, nem estender-se. O unico direito politico que o regime feudal soube fazer valer na sociedade europea, foi o direito de resistencia: não fallo da resistencia legal; porque n'uma sociedade tão pouco avançada não podia haver idéa de resistencia legal. O progresso da sociedade é exactamente substituir, por um lado, os poderes publicos ás vontades particulares; e pelo outro, a resistencia legal á resistencia individual. Eis o grande fim,

e o principal aperfeiçoamento da ordem social. Deixa-se á liberdade pessoal uma grande latitude; pois quando a liberdade pessoal chega a falhar, quando é mister pedir-lhe contas de si mesmo, appella-se unicamente para a rasão publica, que é quem deve julgar o processo que se faz á liberdade individual. Tal é o systema da ordem legal, e da resistencia legal. Assim ficaes conhecendo que no feudalismo não havia lugar para nada semelhante. O direito de resistencia, que sustentou e praticou o regime feudal, é o direito de resistencia pessoal; direito terrivel, antisocial, porque appella para a a força, para a guerra que é a destruição da propria sociedade; direito com tudo que não deve ser abolido no intimo do coração humano, porque a sua abolição equivale á acceitação da escravidão. O sentimento do direito de resistencia tinha-se perdido no opprobrio da sociedade romana, e não podia surgir das suas ruinas; e tambem não podia derivar-se naturalmente, segundo creio, dos principios da sociedade christan. O feudalismo introduziu-o nos costumes da Europa. E' uma honra para a civilisação reduzil-o para sempre á inacção e á inutilidade; assim como o foi para o feudalismo o têl-o constantemente professado e defendido.

Tal é Senhores, se eu me não illudo, o resultado do exame da sociedade feudal considerada em si mesma, em seus elementos geraes, e independente do desenvolvimento historico. Se passamos aos factos, á historia, acharemos que aconteceu o que devia acontecer, que o regime feudal fez o que devia fazer, e que o seu destino foi conforme á sua natureza. Os acontecimentos podem ser trazidos para prova de todas as conjecturas, e de todas as inducções que eu acabo de tirar da propria natureza deste regime.

Lancemos os olhos para a historia geral do feudalismo do decimo ao decimo terceiro seculo: é impossivel desconhecer que elle exerceu uma grande e saudavel influencia sobre o desenvolvimento individual do homem, sobre o desenvolvimento dos sentimentos, dos caracteres, e das idéas. Não se pode abrir a historia deste tempo sem encontrar uma multidão de sentimentos nobres,

de grandes acções, e bellos desenvolvimentos da humanidade, que evidentemente procedêrão dos costumes. A cavallaria parece-se realmente muito-pouco com o feudalismo, é com tudo sua filha; foi do feudalismo que sahiu esse ideal de sentimentos elevados, generosos e fieis, que depõe a favor da sua origem.

Dae agora uma outra direcção ás vossas vistas: os primeiros impulsos da imaginação europea, os primeiros ensaios de poesia e litteratura, os primeiros prezeres intellectuaes que a Europa saboreou ao sahir da barbaria, nascêrão ao abrigo, e sob o amparo do feudalismo, no interior dos castellos. Para este genero de desenvolvimento da humanidade faz-se necessario o movimento na alma e na vida, o ocio, e mil condições que não podião dar-se na existencia penosa, triste, grosseira, e dura do commum do povo. As primeiras recordações litterarias, os primeiros gozos intellectuaes da Europa na França, Inglaterra e Allemanha, referem-se aos tempos feudaes.

Em troco disto, se consultamos a historia sobre a influencia social do feudalismo, ella nos responderá sempre d'accordo com as nossas conjecturas, que o regime feudal esteve por toda a parte em opposição, não só com o estabelecimento da ordem geral, como com a extensão da liberdade. Por qualquer lado que considereis o progresso da sociedade, encontraes sempre o regime feudal a servir-lhe d'obstaculo. E por isso desde o principio da sociedade feudal, as duas forças que forão os grandes moveis do desenvolvimento da ordem e da liberdade, o poder monarchico d'um lado, e do outro o poder popular — a realeza, e o povo — attacão-na, e lutão incessantemente contra ella. Algumas tentativas se fiserão em diversas epochas para a regularisar, e fazer della um estado um pouco legal, e um tanto geral; na Inglaterra tentou-o Guilherme o Conquistador e seus filhos, na França S. Luiz, e na Allemanha muitos dos imperadores. Mas todos os ensaios e todos os esforços forão baldados; porque a propria natureza da sociedade feudal repugnava á ordem e legalidade. Nos seculos modernos tentárão alguns homens de genio rehabilitar o

feudalismo como systema social; elles quiserão suppol-o um estado legal, regular, e progressivo; considerárão-no como uma nova idade d'ouro. Perguntae a essa gente, onde collocão elles semelhante systema, citae-os para que lhe designem lugar e tempo, e vereis que não são capazes de o fazer; é uma utopia sem data, é um drama, para o qual se não encontra no passado, nem theatro, nem actores. A causa do erro é facil de descobrir, e ella explica igualmente o engano daquelles que não podem proferir o nome do feudalismo sem o acompanhar d'um anathema absoluto. Uns e outros não tomárão a seu cuidado — considerar os dous lados porque o feudalismo se apresenta; — nem distinguir por uma parte, a sua influencia sobre o desenvolvimento individual do homem, sobre os sentimentos, caracteres e paixões; e da outra parte a influencia sobre o estado social. Uns não podérão imaginar que um systema social, em que se achavão tão bellos sentimentos, tantas virtudes, em que se vião nascer todas as litteraturas, e em que os costumes tomavão alguma elevação, e alguma grandeza, que um tal systema fosse tão mao, e tão fatal como se pretendia. Os outros apenas virão o mal feito pelo feudalismo á massa da população, o obstaculo posto ao estabelecimento da ordem e da liberdade, e não podérão suppor que dahi procedecem bellos caracteres, grandes, e um progresso qualquer. Ambos desconhecêrão os dous elementos da civilisação; ignorárão que ella consistia em dous desenvolvimentos, um dos quaes podia, com o tempo, produzir-se independente do outro, posto que no fim de seculos, e pela longa serie de factos elles tivessem de ser reciprocamente necessarios.

Em quanto ao mais, Senhores, o que o feudalismo foi, devia-o ser. A individualidade, e a energia da existencia pessoal, tal era o facto dominante entre os vencedores do mundo romano; o desenvolvimento da individualidade devia pois resultar, primeiro que tudo do regime social fundado por elles e para elles. Aquillo com que o homem entra n'um systema social, as suas disposições interiores e moraes, influem energicamente

sobre a situação em que elle se estabelece E alternadamente a situação reage sobre as disposições, fortifica-as, e desenvolve-as. O individuo dominava na sociedade germana; em proveito do desenvolvimento do individuo é que a sociedade feudal, filha da sociedade germana, estendeu a sua influencia. O mesmo facto será por nós encontrado nos diversos elementos da civilisação; elles permanecêrão fieis ao seu principio; elles avançárão, e impellírão o mundo pelo caminho em que primeiramente tinhão entrado. Na nossa proxima reunião veremos o novo e brilhante exemplo que disto nos offerece a historia da Igreja e da sua influencia sobre a civilisação europea desde o quinto ate ao duodecimo seculo.

Economia Politica

ALFANDEGAS.

Chama-se Alfandega, ou aduana, a casa aonde se dão ao manifesto, ou se depositão as mercadorias importadas, ou exportadas, e aonde se cobrão os direitos de entrada e sahida. (*Moraes*, *Diccion*). As aduanas ou alfandegas são barreiras levantadas nas fronteiras de cada nação, já para perceber os tributos impostos sobre a importação dos productos exoticos, já para proteger a industria nacional contra a concurrencia da industria estrangeira : ainda que esta indubitavelmente não seja a origem das aduanas, é comtudo este o seu actual officio. (*Ganilh*, *Dictionaire analytique &c.*) Chamão-se direitos das alfandegas as taxas estabelecidas na entrada, e na sahida das mercadorias. Remonta á mais alta antiguidade a criação deste genero de taxas ; ellas nos vem dos Gregos e dos Romanos em linha recta ; justiça é reconhecer tambem, que desde os antigos até nós ellas não tem deixado de successivamente peorar em sua marcha. O imposto das alfandegas em Athenas não excedia jamais a *quinquagessima* parte (uns cincoenta ávos, ou 2 por cento) do valor das mercadorias importadas, e devia ser pago no momento da descarga. Entre os Romanos tinha o nome de *portorium*, e variou em sua importancia, ou quota, segundo os tempos e fortuna da republica. Muito frequentemente era arrendado ao que mais offerecia, ou dava maior lanço. Foi momentaneamente supprimido no tempo do pretor Metello ; mas de novo restabelecido por Julio Cesar ; e a tão consideraveis sommas subia elle, per-

cebidas por meio de tantas vexações, que o proprio Nero teve intenção de o abolir inteiramente: a isto s'oppoz o senado com o estranho motivo, de que destruindo este imposto, era mister prescindir em pouco tempo dos outros, e arruinar o Estado. Desde então a taxa das alfandegas, *o portorium*, se achou accompanhado do inevitavel cortejo de restricções, visitas, e multas, que em nossos dias fiserão delle o imposto mais incommodo, e ao mesmo tempo o mais attentatorio contra a dignidade do homem. As declarações falças, commissões, o contrabando, violencias de todo o genero, enganos e manha, por cujo meio se trata de subtrahir-se a seu pagamento, não são cousas novas; já a lei romana as previa, logo que as alfandegas começarão a existir, materia que foi tratada pelo Dr. Bouchaud, e daqual deu uma completa, ainda que carregada historia, em seu tratado do *Imposto so re as mercadorias* entre os Romanos.

Em todas as épocas de nossa civilisação este imposto reapparece debaixo de formas mais ou menos variadas, e a mal aconselhada avidez de muitos soberanos lhe acrescentou novos rigores. Não se contentárão de o cobrar nas fronteiras, e o estabelecêrão até no interior; multiplicárão-se as barreiras de provincia para provincia, tornando-as por tal modo como estranhas umas a outras, por meio de *alcavalas* (extorsão propriamente, direitos, imposições), cuja denominação franca e simples exprime perfeitamente o caracter deste indigno trafico. Por muito tempo os diversos districtos da França estiverão separados por linhas imaginarias, que tantos damnos causárão, e para as fazer desapparecer do sólo nacional foi preciso nada menos que a aura do grande movimento reformador de 1788. — Colbert foi em França o primeiro Ministro, que haja systematisado o imposto das alfandegas, e que haja alterado o seu caracter com outro fim além da fiscalisação. Quando elle lançou os fundamentos das numerosas manufacturas, que a tão alto levárão a riquesa industrial de nossa nação, cuidou que afóra os soccorros de que ellas carecião, o melhor meio de afiançar-lhe permanente incentivo era carregar os productos das fabricas estrangeiras rivaes com taxa tal, que lhes não permittisse concorrencia nos

mercados interiores com productos analogos aos nossos. E na verdade, estimulados por esta protecção á custa dos consumidores, nossos fabricantes podérão dar extensão consideravel ao desenvolvimento das suas manufacturas. A *influencia protectôra* da taxa pouco e pouco lhe attenuou o caracter fiscal, e a industria franceza passou a ser o palladium da alfandega, que cada dia vae causando a aquella incalculaveis males.

Portanto hoje as alfandegas tem de ser consideradas debaixo de dous pontos de vista; — como meio de rendimento; — e como instrumento de protecção.— Ninguem duvidará que debaixo do primeiro aspecto ellas tem notavel importancia. Parece justo que as mercadorias estrangeiras sejão sujeitas a uma taxa, bem como o são as do interior, e que ellas contribuão, em conveniente proporção para o rendimento do Estado. Muitas nações grandes dahi tirão lucros consideraveis; e quasi a totalidade do rendimento geral dos Estados-Unidos da America não tem outra origem. O que é muito preciso ter em vista, é empregar toda a intelligencia no estabelecimento das *pautas* contemplando muito as materias primas da producção, para que o trabalho não perca vantagem alguma. Tanto mais moderadas as pautas forem, tanto mais forte será o consumo, e mais segura a prosperidade publica. A experiencia tem provado que nada a pode favorecer mais que o bom mercado dos productos, e por conseguinte, a moderação das taxas. O thezouro publico ganha nesta moderação tanto como os particulares. Sempre que as pautas forão diminutas no cafe, assucar, cha, algudão, ou em qualquer materia, se seguiu augmento do consumo, e do rendimento do Estado. O fisco recebendo por muitas vezes sommas pequenas, acaba por arrecadar muito subido total. São hoje por tal modo evidentes estas verdades, que todas as taxas terião infallivelmente baixado muito, se a alfandega não tivesse outros fins mais que os de adquirir recursos para o thezouro publico: mas o systema de Colbert criou habitos que por muito tempo se tem opposto á reforma da legislação sobre as pautas.

Esta regulação, considerada debaixo do ponto de vista exclusivamente protector, assenta hoje sobre

base inteiramente destituida de fundamentos. Entende-se mui bem que ao principio em que as manufacturas s'estabelecêrão na presença das fabricas da Europa amplamente organisadas, ellas carecião de protecção para adquirir meios d'entrar em concurrencia com ellas; mas depois d'uma luta demais de cento e cincoenta annos, sustentada por immensos sacrificios feitos pela nação, parecia natural que o algarismo das pautas da alfandega descesse ao minimo das taxas de consumo! Bem longe disto; não sómente as pautas se conservárão na altura, de que jamais deverião deixar de descer, mas ellas tem marchado constantemente em uma progressão crescente, a ponto de que na maior parte dos artigos passa ainda alem do valor total dos artigos taxados, e algumas vezes chega até ao dobro, ou triplo. Sua excessiva exageração não bastou mesmo para fartar a ambição, ou a cubiça de certos industriaes; desenvolveu-se o espirito do systema protector, e ordenarão-se as *prohibições*. Foi impossivel introdusir por qualquer condição grande numero de mercadorias da mais alta importancia, taes como algumas d'algudão, e outras de lan: nem jamais se houvera feito a comparação com as nossas, se o contrabando se não incumbisse de nos prover d'amostras ao principio, mas ao depois de consideraveis massas. A consequencia deste estado de couzas foi acostumar os fabricantes a uma quasi completa indifferença á cerca dos meios d'aperfeiçoar sua industria. Um delles a quem no ultimo inquerito s'indicárão certos processos novos descobertos em outras nações, respondeu mui sinceramente; —„ E que precisão tenho eu de cuidar disso, se a prohibição me protege "? E tinha rasão, porque a prohibição lhe segurava em França o consumo de seus productos, por mais defeituosos que elles podessem ser. A nação paga por este modo premios immensos para ser mal servida; e a protecção, em vez d'alentar as industrias, as faz cahir na decadencia.

Do mesmo modo opérão os elevados direitos, quando elles augmentão o preço das mercadorias estrangeiras, pois que sua introducção se torna impossivel. Jámais esquece o recurso da fraude, resultando perda para o thesouro publico, uma pura perda de toda a somma que elle houvera recebido, se a taxa fôra mais moderada. Os

negociantes honrados, que com exactidão executão a lei, apezar de sua severidade, passão a ser victimas daquelles que são menos escrupulosos. A continuação de direitos fortemente protectores parece d'ora em diante impossivel na presença dos inconvenientes geralmente reconhecidos, causados pela prohibição; e pouco e pouco vamos pendendo para mais macio, e mais bem concebido regime, em interesse de todas as industrias. Já ninguem duvida da vantagem que ha, de ir buscar objectos que se careção, aos lugares aonde taes objectos se produsem com menos dispendiosas condições, dando-lhe em troca artigos obtidos no sólo nacional. Por qualquer modo que s'encarem as questões commerciaes, viremos sempre a esta conclusão; — que uma nação não paga os productos das outras nações senão com seus proprios productos, isto é com seus productos especialmente naturaes.

Se em vez de proceder segundo este systema, um povo se obstinasse em querer produzir tudo por si mesmo, acontecer-lhe-ia certamente achar-se empachado com grande porção de productos inuteis, carecendo de muitos outros, ou não os podendo obter senão com condições inteiramente ruinozas. Com que paga a America do Norte as mercadorias das manufacturas da Europa? Evidentemente com algudão, e com outras materias primas que ella vende aos Europeus. Se os povos da Europa se lembrassem de cultivar o algudão em estufas, ou de o produzir por qualquer outro meio artificial igualmente custoso, é certo que elles perderião na America o consumo que lá achão seus productos, pois que os Americanos não terião que dar lhe em troca. Assim o resultado da protecção concedida á cultura facticia do algudão seria fazer pagar horrivelmente caro o algudão aos Europeus, e impedil-os de vender alguma couza na America.

As leis das alfandegas, taes quaes ellas existem hoje, tem em geral o inconveniente de conceder á industria premios em demasia elevados, cuja despeza recáe toda sobre os contribuintes (1). Ellas levantão dous

(1) A prohibição é um privilegio exorbitante estabelecido em puro lucro dos fabricantes com grave prejuizo dos consumidores; assim estes que formão a massa da população olhão para as leis prohibitivas como leis injustas; são por isso inclinados a resis-

impostos distinctos : aquelle que se paga ao thesouro pelo consumo dos productos, e aquelle que se paga ao fabricante pelos productos taxados com o titulo de protecção. O segundo é tanto mais injusto, quanto elle pode considerar-se como incentivo para a preguiça, e descuido dos manufactores. Interroguem-se os annaes das fabricas, e bem depressa virá a certeza de que as industrias mais protegidas são precisamente aquellas que menos progressos fazem. A protecção que as leis ás vezes concedem, ou tem pertendido conceder a certa industria não serve mais que para alimentar outra menos digna d'interesse ; as mais das vezes morre uma fabricação pe-

---

tir-lhes, querem consumir os productos prohibidos, e quando elles estão dispostos a pagal-os, não lhes faltão ; daqui o grande incentivo para o contrabando que arruina nossas fronteiras. A resistencia á lei parece legitima, e viajantes, aliás mui hourados, não tem recuado diante da idéa de elles mesmos practicarem a fraude, trazendo em seu regresso á França mercadorias prohibidas (*).

Em consequencia desta exigencia dos consumidores, os negociantes e mercadores são impellidos a vender artigos prohibidos. Ha alguns annos que um dos mais respeitaveis mercadores de Paris foi chamado perante o Director da Alfandega, que lhe fez sevéras observações sobre o saber-se que em seus armazens se achavão mercadorias cuja entrada era prohibida em França; a resposta foi simples e franca : " — E' com magoa, Senhor, que eu vendo artigos prohibidos ; deverei diser-vos que mesmo eu ganho menos nelles que em outros, mas sou obrigado a ceder ás exigencias do publico ; os meus collegas lhos vendem, e eu passaria por mal sortido se os não tivesse igualmente, e em pouco os freguezes me abandonarião. Vós mesmo, Senhor Director, quereis comprar em minha casa, e quando vós mobilhastes o gabinete, em que hoje fazeis a honra de receber-me, nada achastes que mais vos agradasse para fazer estas cortinas, que a caça (murselina) suissa entrada por contrabando. " — Com effeito, a propria casa d'alfandega era mobilhada com artigos prohibidos.

(Horace Say. *Enquete commerciale de* 1834 — 35)

(*) Esta funesta disposição da resistencia á lei tem infelizmente justificado a humiliante visita sobre a propria pessoa, a que os empregados das alfandegas tem obrigado os viajantes em sua entrada em França. Eu confesso que por minha parte sempre experimentei sentimento de vergonha, e d'inodignação todos as vezes que me senti apalpado e buscado pelos homens da alfandega. Comparei então com magoa a minha chegada aos Estados Unidos, com o meu regresso á França, pois que a comparação era bem desvantajoza á minha patria. Effectivamente a minha bagagem tendo sido desembarcada na alfandega de Charleston, os empregados da administração me prevenírão que só as mercadorias destinadas para commercio erão obrigados a pagar direitos ; que eu podia designar as malas que só contivessem effeitos para meu uso, que essas nem mesmos abertas serião, e que se fiarião em minha declaração. Tal maneira de proceder tende ao aperfeiçoamento humano, elevando os homens a seus proprios olhos ; o que em nossas fronteiras se practica tem tendencia diametralmente opposta. Id,

lo proprio abuso do modo protector inventado em seu favor. A tarifa, ou direito estabelecido sobre o ferro estrangeiro (em França) teve por consequencia o augmento enorme do preço da lenha (como combustivel). Pertendeu-se proteger o mestre de forjas intelligente, e o resultado foi enriquecer o proprietario de matas. Os direitos differenciaes exorbitantes com que se carregão os assucares estrangeiros, com a esperança de que estes direitos aproveitem aos assucares coloniaes, tiverão só por effeito dar ao assucar de beteraba um impulso que feriu mortalmente este unico ramo do rendimento das colonias. Taes acontecimentos, que transtornão todas as previsões, são em nossa opinião a mais amarga satyra d'um systema, cuja pretenção é limitar todas as transacções ao commercio interno, e augmentar o numero das vendas, restringindo o das compras. Responde-se comtudo, que se as leis da alfandega tem o inconveniente de supprimir a concorrencia estrangeira, ellas crião no seio da nação muito mais viva concorrencia, e fundamentalmente mais proveitosa, pois que os manufactores, animados pela certesa dos lucros, fazem entre si uma concorencia que redunda inteiramente em vantagem do consumidor. Mas este resultado, sempre incompleto, opéra-se mui lentamente, e jamais os fabricantes deixão de entender-se entre si para lhe attenuar as consequencias; é por isto que nós não vemos que o preço dos artigos protegidos pela legislação das alfandegas haja baixado proporcionalmente, ha dez annos, tendo muito delles, bem pelo contrario, augmentado desnecessariamente. Promettem-se sempre abatimentos, e não vemos senão augmentos.

Se as leis das alfandegas fossem redusidas a seu verdadeiro destino, que é tributar o consumo dentro do limite da necessidade do fisco, e do interesse das industrias, nós veriamos desapparecer taxas excessivas com que tantos productos se achão gravados; não haverião mais prohibições, nem direitos prohibitivos, mas simplesmente o que se chama direitos da balança, salvo os que se achão estabelecidos sobre o tabaco, e alguns artigos mais d'importancia quasi politica. Esta é a tendencia geral dos espiritos em França e em Inglaterra; mas em quanto, de preferencia á vóz do in-

teresse geral, s'escutar o concerto interessado de queixumes particulares, não é permittido esperar que o estado de couzas tenha melhoramento sensivel. No estado actual os direitos das alfandegas não tem outro resultado senão fazer encarecer, no mercado interior, os artigos taxados com toda a importancia da taxa; e ella mesmo muito imperfeitamente aproveita a aquelles a favor de quem ella foi criada. São elles obrigados a alcançar com grande custo e despezas, e depois d'ensaios penosos, vantagens quasi imperceptiveis, e das quaes mesmo mui depressa a concurrencia interior os despoja; e assim vemos as industrias, desenganadas do systema protector, refugiar-se na liberdade do commercio como em um asylo, e reclamal-a mesmo como remedio unico aos males criados ou agravados pelas altas taxas, ou pela prohibição. E' isto o que ultimamente fez o conselho colonial de Guadalupe em uma Petição ao Rei, na qual elle invocava a doutrina do *laisser faire*, *laisser passer*, que até ha pouco fôra o objecto de sua indignação, e sarcasmos.

Ao prejuizo causado pelas pautas convem accrescentar aquelle, que é inseparavel das medidas de superintendencia e execução dos empregados das alfandegas. Sempre que se passa uma fronteira, é mister abrir caixas e fardos, expôr as mercadorias ás avarias, perder tempo precioso, e sofrer incommodos e despesas. Antes do tratado das alfandegas prussianas, por exemplo, qualquer mercadoria que atravessava a Alemanha, passando pelos pequenos Estados da confederação germanica, era condemnada a passar por tantas visitas quantos os Estados que crusava. De que servião essas bellas estradas, sendo preciso parar a cada passo, experimentar novas avarias, e pagar interminaveis despesas? A Prussia imaginou simplificar o commercio germanico, fazendo da maior parte destes Estados um todo homogeneo, e julgou mostrar-se liberal, o que é exacto, não elevando direito algum acima de 30 p. 100 do seu valor. A França, que aos estrangeiros não offerece condições tão vantajosas, vê-se por tanto ameaçada de ser supplantada pela Prussia, e não ter mercado possivel em Alemanha. As alfandegas pois não terão daqui em diante outro resultado mais qu'entreter a guerra durante a

plena paz entre as nações, e privar umas dos productos que sobrão, e estão empatados nas outras. Esta guerra não se faz sómente sobre uma linha nas fronteiras; ha tres linhas de superintendencia pelas quaes cumpre que o viajante passe com grandes despesas, e sofra toda a sorte de buscas inquisitoriaes, tão nocivas a suas bagagens, quanto attentatorias á dignidade de suas pessoas. Eu não receio affirmar que as alfandegas são hoje o flagéllo do commercio, pelos tropeços, demoras, e difficuldades de todas as especies que ellas multiplicão sobre os passos dos negociantes. O systema que permittisse ao Estado perceber a justa parte que lhe cabe dos lucros do commercio, sem molestar seus movimentos, e sem paralysar suas especulações, deveria considerarse como grande beneficio, e não tardaria em pagar com uzura as generosidades que elle houvesse de dispensar. Não ha palavras, qu'exprimão, nem algarismos que convenientemente avaliem a importancia dos prejuizos causados pelas leis restrictivas. Para que é multiplicar as estradas, os canáes, os caminhos de ferro, os navios, para os fazer tocar em verdadeiras barreiras, aonde as mercadorias são sujeitas a pagar taxas variaveis todos os dias? Os climas ao menos conhecemse; os mesmos mares tormentosos tem monções favoraveis; cada um se prepara para tirar proveito destes conhecimentos; calcula-se com a natureza apreciavel destas eventualidades; mas quantos embaraços não derivão da differença das pautas! Aqui é prohibida uma mercadoria, que alem é admittida em franquia, e mais longe admittida com direitos. Visitas minuciosas e frequentes, tão prejudiciaes aos artigos visitados, quanto perigosas aos negociantes, pelos embustes e dolos, com que ellas se achão cercadas, tem transformado o commercio exterior em verdadeira guerra com todos os governos, deverá talvez dizer-se, em uma luta cruel, na qual os combatentes procurão fazer-se o maior mal possivel, uns por meio d'astucia e manha, e outros por meio da força. A alfandega está sempre d'atalaya, e os negociantes não tem com ella um instante de repouso. O erro d'um caixeiro, a omissão d'uma formalidade basta para atrahir verdadeiras catastrofes sobre uma caza. Por mais de cem vezes eu pude jul-

gar, em nossas fronteiras, do caracter hostil das relações da alfandega com os negociantes; póde dizer-se que cada fardo de mercadorias encerra, como o cavallo de Troya, um exercito inteiro inimigo em seu interior. Todo o negociante aos olhos da alfandega está em estado de suspeita permanente, e a criação de *mercados ficticios* tem feito nascer mais processos, e dado lugar a mais multas, do que favorecido transacções.

Alguns exemplos houve no mundo commercial, de paizes libertos de toda a servidão aduaneira, de portos francos, aonde formalidade alguma restrictiva molestava jámais as relações industriaes: estes paizes em pouco tempo s'elevárão ao mais alto gráo de prosperidade. A pequena ilha de Singapore, na extremidade da peninsula de Malaca, era apenas uma estação de pescadores e de piratas, quando os Inglezes imaginárão fazer della um grande mercado livre, e no fim d'alguns annos, já ella era colonia de vinte mil almas, aonde tudo respirava actividade, e abundancia. O que mais anima o commercio é, ainda menos a ausencia das taxas, que a ausencia de formalidades, e vexações. Ora, no estado actual da Europa, eu não temo dizer que ha guerra geral declarada contra o commercio. A serie de tribulações, porque deve passar um capitão de navio ao entrar em um porto, é verdadeiramente para fazer estremecer; e como se não bastassem os rigores da alfandega, ainda tem de sofrer mais os dos *lazaretos*, ainda mais odiósos que absurdos, e que ao commercio europeu fazem perder mais de 30 milhões de francos por anno.

A administração das alfandegas conta em França mais de 20 mil empregados, organisados militarmente, e armados como tropa de linha. Poder algum se atreverá a exercer, mesmo durante o *imperio do estado de sitio*, tão absoluto despotismo como os mais inferiores oficiaes desta milicia postada nas fronteiras, sobre as aldêas, ou cazaes isolados, aonde não se permitte accesso algum ás queixas, nem auctoridade superior á delles. Seria bem curiosa a historia que se escrevesse sobre os factos e *gestos* da alfandega, as mais das veses juiz e parte, inteiramente impregnada ainda das doutrinas subversivas do bloqueio continental, do ódio

dos Inglezes, e dos prejuizos os mais strictamente exclusivos e fiscaes das épocas ruins da nossa historia; interessados na qualidade de apprehensores, em quantas tomadias e prezas podem fazer, são por isto naturalmente propensos os empregados da alfandega a multiplicar as eventualidades de as repartir com o Estado; e não é para admirar que um negociante em forma lhes pareca um refractario que recusa pagar a sua parte de contribuição. Não ha processo, ou tomadia que lhes não renda alguma couza, e eis-aqui a razão porque se fazem tantas tomadias, e tantos processos. Ainda mais graves abusos se havião introdusido desde muitos annos, e ameaçavão por modo perfido os interesses geraes do commercio, quero fallar do direito de *preempção*, modificado, quanto á duração, por nossas ultimas leis da alfandega. Em virtude deste direito, os officiaes da alfandega achavão-se auctorisados a *preemptar*, isto é, a comprar, mediante o accrescimo de 10 p. 100, as mercadorias taxadas *ad valorem*, e cujo valor declarado lhes parecesse inferior ao preço verdadeiro. Este direito de preempção, reduzido hoje a 3 dias, estendia-se em outro tempo a 10 dias, durante os quaes o proprietario deixava realmente de ser senhor de suas mercadorias, cujas amostras andavão de mão em mão pela alfandega, para achar compradores. Assim o segredo das especulações, os lucros que o negociante deveria legitimamente tirar dellas, tudo por espaço de 10 dias, ficava subordinado, e tudo ainda o fica agora por espaço de 3, ao bel-prazer da alfandega, que faz de commerciante, e *aposta* contra os commerciantes que ella deve proteger.

Todo o systema das alfandegas assenta pois sobre uma base falsa, que é a protecção, e sobre uma execução inexoravel que após de si arrasta delongas, visitas, preempção, multas, chicanas de tara, de mercado, e todo o cortejo de vexações, de que apenas havemos dado bem incompleto debuxo. E apezar de tantos rigores o contrabando ri-se das pautas, e das prohibições; elle transtorna os bellos calculos da balança do commercio em virtude dos quaes nossos administradores se persuadem que a riqueza cresce tanto mais quanto mais s'exporta, e menos s'importa: elle introduz

por *infiltração*, e sem direitos, multidão de productos que vem fazer a concorrencia com aquelles que a alfandega tinha por fim preservar inteiramente della. O unico resultado incontroverso das leis prohibitivas é pois encarecer todos os productos, molestar todas as relações, redusir todos os pontos de consumo, e criar industrias facticias sobre as ruinas de todas as industrias naturaes. Como é que este edificio criado ainda para outros tempos, e para outras necessidades tem sobrevivido ás necessidàdes que o fizerão nascer? Porque rasão será que as alfandegas se tem tornado insupportaveis e mais exigentes depois de 150 annos de protecção, do que ellas forão na época em que o mesmo grande Colbert as considerava como um mal transitorio, e como incentivo em favor de nossas industrias, ainda na sua infancia então? A rasão é porque em vez de permanecerem como simples meio de rendimento, ellas tomárão o caracter protector, e passárão a ser fonte de privilegios para as industrias protegidas. Ellas formão, á custa do publico, a melhor parte do orçamento (budget) dos manufactores, que ellas tem habituado a viver mais por meio de premios, que de trabalho e intelligencia. No momento em que estamos escrevendo, em quanto os fabricantes d'Elbeuf, e Louviers reclamão a conservação da prohibição dos pannos belgas, affectando o receio da concurrencia de Verviers, os fabricantes desta cidade belga pedem ao seu governo a conservação da tarifa que proscreve os pannos francezes: e por este modo os dous campos, ou melhor diremos, os dous theatros fazem semblante de medo um do outro, para conservarem ambos as taxas de que tirão lucro. Em presença destes significativos factos, cumpre esperar que os cidadãos abrirão em fim os olhos, e farão comprehender a seus deputados a impossibilidade de por mais tempo manter o systema d'imposto tão profundamente nocivo aos verdadeiros interesses do paiz. A organisação actual das alfandegas tem vivido mais do que devêra viver; ellas são hoje um verdadeiro anachronismo, pois que todas as suas tradições remontão a Colbert, e ao bloqueio continental; não rendem ao fisco em proporção do que ellas custão aos contribuintes; ellas atacão a industria em sua origem quando taxão as mate-

rias primas ; ellas destróem o commercio prohibindo os productos manufacturados; ellas esmagão a agricultura fazendo-lhe pagar caros os artigos de que esta carece; ellas entretem pela criação do contrabando uma escola permanente de fraude, e d'immoralidade; e por suas vexações para com os viajantes são a causa perpetua d'irritações e desgostos: ellas empregão em fim 20 mil homens, e 20 milhões em separar o que a Providencia uniu, multiplicando barreiras, retardando as communicações, e paralysando os esforços dos homens generosos de todas as nações para a grande obra da civilisação. Eu não sei se m'engano, mas creio que antes de 20 annos este velho edificio da malicia, do odio, e da fiscalidade terá desapparecido diante da rasão esclarecida das nações.

(Encyclopedie du commerçant. Dictionaire du commerce et des marchandises. Caderno d'Abril de 1837. — Artigo de *Blanqui l'ainé.)*

Variedades

AMOR E RECEIO.

Conto.

1.º

Carlos Magno, esse heróe de quem nos conta
O bom padre Turpim proezas tantas;
Que deu aos Mouros mais de cem batalhas,
E que nellas cortava por tal arte,
Que se vive mais annos, adeos Mouros... —
Teve uma filha, Emma, tão formosa
Que mais formosa ser ninguem podia.
De seus cabellos a madeixa loura
Era, qual d'um cometa a magestosa
Cauda brilhante que no Céo se estende
Com todo seu luzir e relampejo.
Vinhão quatro criadas cada dia
Para lh'a pentear, e diz a historia,
Que de ganchos de rosca lhe pregavão
Pelo menos dous mil!.. Mas assim mesmo
Se desfazia tudo ao mais pequeno
Balanço que fazia... — tal o pezo
A que deitavão caraçóes e tranças!
Quem dera hoje um penteado destes
Para as nossas donzellas se enfeitarem!

2.º

Arqueada tinha a testa, e tão perfeita
Que não faltou quem vendo-a a comparasse

Co'a lua, quando em noute luminosa
Vae proxima a fazer quarto-crescente.
Seus olhos erão pardos, mas tão vivos,
Que melhor se fitava o sol do que elles!
Afilado o nariz, ovado o rosto, —
Pequena a boca, perolas os dentes;
A cutis delicada, a côr mui linda, —
Largas as costas, a cintura estreita;
O pé, que enchia mal uma chinela
De curta dimenção, e tam bem feita! ...
E logo acima a perna... Oh! que d'encantos
Suas vestes reaes dissimulavão! ...
Erão Céos, Paraizos; era o Olimpo
Com seus primores todos, c'o seu nectar ...
Mas pinte-os o desejo; pois não ouza
A paleta e o pincel dar-me o arrebique
Que faz mister para bellezas tantas.

3.°

Tinha o Monarcha invicto e poderoso
A seu serviço um pagem — Era Eginhardo
O nome que lhe davão. — Moço esbelto,
Agil, valente... que fallar sabia
Com doçura e meiguices ás raparigas.
E' verdade que d'aguas de colonia,
D'oleos de macassar, nunca fez uso.
Andava como deve andar um homem,
Bem lavado, vestido com aceio,
Sem effeminação, sem ar d'eunucho.
Não tinha pois signaes de peralvilho,
Nem ares de boneco, que hoje vogão
Com vergonha d'Avós, que no outro mundo
A cara escondem por nos vêr tam loucos.

4.°

Este pagem um dia vio a furto
Emma filha de Reis; e n'um relance
Sentiu arder o peito em lavaredas
Tão fortes, tão activas, que ao Vezuvio
Podião sem mentira comparar-se.

Amor cresce depressa, é como a chama
Que entrou n'um armazem de linho ou stopa:
E tanto amor cresceu, que alfim não poude
Emma desconhecêl-o por mais tempo.
Vê neste cazo a dama como um lynce...
Nos astros, sob o pólo, entre os Antipodas
Que va sumir-se o amante... ha-de enchergal-o;
Louvado seja Deos, que tão bons olhos
Lhe deu p'ra seu resguardo... e nossa pena!

5.º

Mas d'Emma o coração não era um seixo...
Quasi sempre a belleza é humana e terna.
Primeiro a paixão; e a pouco espaço
Vem vindo amor fagueiro, e sem sentir-se!
Depois sonhos nocturnos... e ella os teve,
Com desejos, e ais... gemidos ternos;
Melancolia, involuntario pranto,
Que a rosea face inunda. Ah! como é linda.
A donzella no despontar d'amores!...
Assim, Emma gentil, todos os dias
Sentia amor crescer, e ao mesmo passo
Crescerem graças no arrebol da idade.

6.º

Eginhardo pescou estas mudanças
Que em Emma se fazião. Destro amante
As pesca pelo ar: e exp'rimentado
Não quiz (teve rasão) perder o ensejo.
Começão de correr doces missivas
Por delanbida ancilla *estafetadas*
(E esta moda pegou, que ind' hoje dura!)
Após missivas não tardou o engodo
De ternas entrevistas; té que a cabo,
Vencidos com rasões alguns escruplos
— Rasões que o bom cupido ia douraudo
Com promessas de eterna lealdade, —
Uma comprida noute, era em dezembro,
A porta se lhe abriu bem á surdina
Do palacio d'Armida, mas d'Armida

Sem ser bruxa, nem velha disfarçada
Com feitiços do demo. Armida pura,
Casta, innocente, em todo o luxo e arreio
De sua juventude, e formosura.
Então, que juramentos, que protestos
De ser sempre fiel, amante espozo ...
E porque não os crê, pois sempre as bellas
Parecem duvidar do amor que inspirão,
O mesmo que jurára outra vez jura; —
E mais jurára, sei eu lá! ... mil vezes
Se teima a duvidar. São os amantes
Mui faceis em jurar, e por desgraça
Faceis tambem em prejurar no alcance.
Mas Eginhardo aos juramentos dava
No tom de sua voz, no volver d'olhos
Tanta força que alfim, bom ou máo grado
Acreditou-se tudo, — tudo — tudo ...
Então, osculo de paz prende-lhe as almas,
E por palavras houve de presente
Casamento solemne, — ingenua boda.

7.º

Eginhardo, que eterna desejava
A noite mais feliz da vida sua ...
Custa-lhe a desprender-se; — mas convinha
Aproveitar da escuridão amiga
O protector silencio. — A despedida
De lagrimas e risos é mesclada:
E com firmes tenções, — com firme espe'rança
De na seguinte noute darem novas
Demonstrações da fé, tornando a ver-se.
Mas oh dor! — oh destino ingrato sempre
Aos votos de quem ama! Em quanto os novos
Esposos, ao prazer se dão incautos,
A neve, a que d'amor não queima o fogo,
Em camadas cahiu taes e tamanhas,
Que o mais pequeno pé, atravessál-as
Não poderá sem que deixasse a marca.
Eginhardo, — coitado! — conhecendo
Ser força descobrir-se a tentativa
Com tão feliz auspicio começada,

Perdeu a côr, — estremeceu ... — e disse:
„ Agora sim, — querida Esposa! é certa
„ E' certa a minha morte. — Eu não a temo,
„ A vida tenho em pouco: — e mais, oh Emma!
„ Morrer por ser amado, é dom precioso
„ Que vale vidas mil, — mil existencias ...
„ Mas morrer e perder-te ... eis todo o spinho
„ Que me punge no peito. — Quando a sorte
„ Em seu desvélo me afagava os dias,
„ Quando teus beijos, — um porvir de gozos
„ Me descerravão prasenteiros, ternos ...
„ Que terrivel tormento! — D'improviso
„ Do cumulo da mais aurea ventura
„ Despenhado n'um mar de mil angustias!
„ Esta neve, esta neve ..." A voz faltou-lhe,
E cáe nos braços d'Emma. Feliz queda
Que mesmo a um de nós não molestára! ...
„ Ah! tu não morrerás, lhe diz chorando,
„ A carinhosa amante, ás minhas costas
„ Te quero conduzir. Assim se illudem
„ Curiosos olheiros; pois no gelo
„ Verão em vez das tuas, as pegadas
„ De meu pequeno pé. Eis-te pois salvo ... „
Terna paixão d'amor, como és pod'rosa!
Que força, em quem te sente, soprar sabes! ..
Uma fraca menina, e delicada
Trilhando o gêlo frio, lá caminha
Inspirada por ti, c'o amante aos hombros!
(Pobre de mim, que nunca topei disto!)

8.º

Porem, não era este ainda o cabo
Dos desastres da noute endiabrada!
Horas tiverão de prazer e dita,
Agora sperem, qu'hão-de ter os pesares.
Mundo, mundo fatal! Assim a vida
Humana se compõe de dor, e gozos!
Se o calix do prazer nos dá um trago,
Os toneis do pezar nos dão almudes!
A prova disto achareis, leitores!
Na historia, que vos conto... verdadeira.

9.º

Andava Carlos Magno malucando
N'uma nova Campanha contra os Mouros.
Estes Mouros jámais se despegavão
Do bestunto do Rei, era o seu fraco! ...
Que fosse pois Orlando com seis homens
Do Catai á conquista, era o assumpto
Qu'então o entretinha. Nem de noute
Dormia com socego o pobre velho!
Madrugára este dia a pensar nisso;
E per acaso, abrindo uma janella,
(Se foi para cuspir, ou por ter calma,
A historia aqui, mancando, não refere)
Vio a filha c'o a carga; e como tonto
Ficou com tal visão. " Serão encantos
De Brunélo ou Atlante? ! . „ Eis o que disse
Fallando c'os botões; e de seguida
Começa a passear na salla d'armas,
D'ira, d'agitação, de suor cheio;
Que é contra o frio a colera remedio.

10.º

Ja vinha do Oriente a bella aurora
Varrendo ao sol a estrada ... ja chilrava
Importuno pardal sobre os telhados...
Scancaravão-se as lojes, e os caixeiros
No liminar da pórta abrindo as bocas,
De covado na mão se espreguiçavão...
As mulheres giravão pelos ruas
Deitando os seus pregões garganteados;
Quando o bom Carlos Magno o seu Conselho
Convocou a Palacio. Então propoz-lhe
O caso como o víra; e os conselheiros
Derão diversos votos. Houve delles
Quem quizesse uma forca para premio
Do mais fiel amor! Mas o Monarcha,
Que, não sendo c'os Mouros, era docil,
Compassivo, e bondoso ... deu ao demo
O rigor, e de prompto fez que viesse
Ante Curiam dizer de facto e d' reito

O venturoso amante. Conta a Historia,
Que quando o triste moço ouvíra a ordem,
Tremêra como um vime; e que disséra
Quasi desesperado: " E' impossivel
„ Qu' invenção do diabo amor não seja!
„ Eu que vivi na Córte tantos annos
„ De todos bem aceito e acarinhado
„ Em quanto não amei... e apenas sinto
„ Tocado o coração d'uns meigos olhos,
„ Um malvado me fazem, um perverso,
„ Digno de morte atroz n'um cadafalso!
„ Como é isto, Senhores! Hão-de os homens
„ Censurar a quem ama uma donzella,
„ Que tem requebros mil, que tem encantos
„ P'ra tresloucar um santo! Não é ella
„ Solteira e cazadeira?... Melhor fôra
„ Punir os que cortejão altas damas
„ Que tem sposo e senhor. Esses olvidão!...
„ Embora sem pudor vão postergando
„ Da sociedade as leis sabias e justas;
„ E no charco do crime se enlabuzem,
„ Commettendo adulterio a cada canto!
„ Mundo, mundo! Que és caza dos orates...
„ E eu um delles, por ir tão lampeiro
„ Saborear manjares d'alta estofa! ...
„ Que tormento infernal! E' impossivel
„ Qu' invenção do diabo amor não fosse!
Disse: e caminha á salla do Conselho,
Onde, ante o Imperador, olhos na terra
Como a mulher de Lot, statua parece.
Eis que, sáe trovejando aos regios labios
O som, que nas abobadas rebomba:
„ Infeliz, que fizeste? A Magestade
„ De teu Rei e Senhor ousado insultas?...
„ Que negregado genio, impio, protervo
„ A mente te offuscou, te entrou no peito?
„ Ingrato a meus favores, tu pensavas,
„ Perfido, em illudir-me?... E não sabias
„ Que sobre os máos a providencia véla
„ So para os descubrir, e castigál'-os?
„ Julga-te agora, dize, que mereces? —
A tão terrivel voz o pobre pagem

Trémulo titubêa, sem sentidos
Cahiu de bruços nos degráos do throno.
A pancada foi tal, e tão 'strondoza,
Que 'spantados fugírão p'ra os buracos
Centenares de ratos, bons freguezes
D'aquelles salões todos do Palacio !...
E diz entre parenthesis a Chronica
Que não sahírão mais em todo o dia:
Tanto poder n'um bicho tem o medo !...
Surrio-se o Imperador; pois só foi esta
A punição que quiz dar ao culpado.
E não foi tam pequena ! ... Quanta gente
Tem morrido de susto pelo mundo ? ! ...

11.°

Emma, que recebêra então aviso
Para vir ao Conselho, entrava agora
Com os olhos pizados, com olheiras...
(Pisados de chorar, que não por moda)
E logo vê o misero do amante
Estendido no chão como um cadaver.
Correu p'ra o levantar; porem conteve-a
O respeito do Pae, que assim lhe falla:
„ Chega, querida filha, e não receies.
„ Sou teu Pae, não serei o teu verdugo...
„ Se amor te deu um sposo, não t'o roubo.
„ As Leis do pondonor, e o feudalismo
„ Que entr' o nobre e plebeu enlaces vedão;
„ Que principes separa dos vassallos
„ Para ligações taes por um abismo...
„ Devem-se respeitar, bem o conheço !
„ Mas nunca com tal força e tyrania,
„ Que a natureza em ferros agrilhôem.
„ A lei suprema, oh filha ! é ser ditoso.
„ Agradou-te Eginhardo, eu t'o concedo ...
„ Homem nasci, não Rei ! Da humanidade
„ A voz somente escuto ... quem lhe é surdo
„ Será Principe ou Rei, mas não é homem.
„ Levanta-te Eginhardo : Sê meu filho :
„ Eis a tua consorte : adora-a sempre :
„ E dae-me netos, que a velhice extrema

„ Me possão consolar, matando Mouros. „
Fallando assim, benigna mão estende
Ao pobre derrocado, que se agarra
Sem se lembrar que é mão de Rey? Mal póde
Minha penna escrever o que sentírão
Neste momento os dous ternos amantes.
Imaginem-o pois almas sensiveis, —
Que eu ca por mim não sei 'sboçar delicias
Deste pezo e medida. Em taes apertos
Se viu o bom Camões em seus cantares,
Quando na bella ilha dos amores
A muza pôz em fralda de camisa,
Para brincar a gosto c'os requebros
Das nymphas tão ladinas. Que fez elle
Nesse caso intrincado? Disse, e eu digo
Seguindo o trilho seu, trilho de mestre:
Melhor é exprimentál-o que julgál-o,
Mas julgue-o quem não póde exprimentál-o

D'esta arte perdoar soube um monarcha
A' natureza um erro, e não um crime.
Obrou bem; mas o cazo é melindrozo:
Fuja-se a entrada, louve-se o desfecho.

F. L. D'A.

(*Communicado.*)

Noticias Scientificas.

M. Charles de l'Escalopier communicou ao conselho da sociedade d'agricultura, que examinando um *Nepenthes distillatorio*, em Montmartre, vio uma das urnas que terminavão as folhas desta planta cheia até ao meio d'uma agua, que lhe pareceu ter o sabor do mel. Sabe-se que nas regiões dos tropicos o *Nepenthes* offerece sempre em suas urnas uma bebida salutar ao viajante sequioso; mas até hoje em nossos climas nunca se virão as urnas terminaes das folhas desta planta senão vasias.

M. Bottiger fez uma nota curiosa ácerca da fórma exquisita que tomão os vasos de vidro cheios d'agua, quando se quebrão batendo de certo modo. Para observar este effeito usa-se d'uma garrafa conica que contenha uma ou duas libras d'agua, e arrolha-se de maneira que não haja alguma bolha d'ar entre a agua e a rolha. Pega-se então nella pelo gargalo e bate-se na rolha com força bastante para produzir a ruptura do vidro. Se esta experiencia se faz por cima d'um vaso cheio d'agua, de grandeza bastante para receber os fragmentos do vidro, vêr-se-há constantemente, seja qual fôr a natureza do vidro empregado, que a porção que fica na mão, e os fragmentos que se encontrão na agua são cobertos de entalhos finos, semelhantes a linhas que partem todas d'um mesmo ponto do fundo do vaso, divergem em todos os sentidos, e vão perder-se no cóllo da garrafa.

Erratas — Na ultima linha da pag. 34 onde está = *maior parte*; lêa-se = *a maior parte cultiva.*

INDICE

DAS

Materias contidas neste Numero.

I. Artes. — O jazigo do coração de D. Pedro (com uma estampa) 5

II. Litteratura Portugueza. — O Camões do Snr. Garret 12

III. Viagens. — A estrada do Simplon..... 21

IV. Historia —Quarta Lição d'Historia Moderna 26

V. Economia Politica. — Alfandegas 49

VI. Variedades. — Amor e Receio..... 62

VII. Noticias Scientificas..... 7

31 DE JULHO DE 1838.

REVISTA LITTERARIA.

Antiguidades Portuguezas.

DOS JOGOS E ESPECTACULOS PUBLICOS.

Incedunt pueri, pariterque ante ora parentum
Frænatis lucent in equis; quos omnis euntes
Trinacriæ mirata fremit Trojæque juventus.

VIRG. EN. C. 5.

Os antigos tinhão tal veneração pelos seus jogos publicos, que quasi sempre os dedicavão a objectos divinos, ou politicos da maior importancia. Assim, esses jogos, sempre sumptuosos e magnificos, ao mesmo passo que servião de passatempo e deleite a povoações inteiras, constituião tambem a parte mais consideravel do culto externo de sua religião, e facilitavão a reunião de assembléas periodicas nestes tempos indispensaveis ao andamento regular dos negocios do estado.

Alem destas vantagens accrescião outras não menos attendiveis. Tal era, por exemplo, a de alimentar a coragem e amor da gloria no espirito da mocidade; e

fortificar-lhe o corpo por meio de exercicios violentos, habituando-a pouco e pouco aos trabalhos e fadigas da guerra.

Debaixo deste ultimo ponto de vista, seguírão seus vestigios as nações modernas da Europa, instituindo ja distracções analogas, e ja conservando outras, que Grecia e Roma lhes transmittira. — Não é nosso intento tratar aqui de todas; para isso fazião mister volumes: mas tentamos esboçar as mais notaveis, e com preferencia as que entre nós se usárão desde o começo da monarchia.

A primeira de que nos chegou noticia é o jogo do tavolado, que segundo a expressão technica da idade se dizia *lançar a tavolado*. Falla-nos deste jogo a Monarchia Lusitana, e Duarte Nunes do Liam no seu livro da origem da lingua portugueza. Consistia elle na fabrica de um Castello de madeira, em que se união as taboas por tal modo, que nem por si podião cahir, nem tão pouco resistião sendo abalaadas com porfiado esforço. Semelhante espectaculo dava sempre occasião a grandes festas; e ahi comparecião os mais notaveis cavalleiros afim de entrarem no assalto, e dessa arte fazerem prova de suas forças e destreza. Ordinariamente era o Castello atacado com tiros de arremêço, e o que primeiro o derrubava, havia o preço da victoria.

Ainda hoje existe um campo chamado *do tavolado* na antiquissima quinta de Resende. Parece pois que esta particularidade indica sobejamente que lá tiverão lugar esses exercicios: e combinando-a com o que diz Fr. Antonio Brandão, ficamos de todo convencidos que não só se jogou ahi o dito *tavolado*, mas que se jogou em tempo de Egas Moniz, proprietario da quinta, e donatario daquelles sitios.

Diz o Chronista, que por occasião das grandes festas, que em honra de Nossa Senhora aquelle Egas Moniz mandou fazer, como acção de graças por ter sarado o Infante Affonso Henriques da molestia de pernas que padecia, — *podia ser se exercitassem esses jogos, a que os antigos erão mui afficioados.* — Ora, esta opinião não foi aqui lançada ao acazo. Antes de se confiar nella, é bem natural que o illustre historiador indagasse tudo o que podia haver de provavel neste

particular: e só depois disso se afoutasse a dar o caso como quasi certo. Mas ou tivesse, ou não tivesse lugar nessa occasião e sitio; o que é indubitavel, pois o asseverão escriptores respeitaveis, é que o jogo foi nosso, e tal como o esboçamos: sem que todavia se possa decidir donde o houvemos, ou se nasceu dentro do paiz. D'uma ou d'outra maneira, nacional foi elle, e como nacional considerado durante muitos annos.

As justas e torneios, apenas differentes por serem entre duas pessoas, ou entre dous bandos, forão outro espectaculo publico, que grande voga teve entre nós, e por toda a Europa, mormente durante a idade media. Não é facil porem marcar a epocha em que se começárão a introdusir, posto que alguns autores queirão attribuir sua invenção a Godofredo de Prenilli, que falleceu no anno de 1061. Nossas chronicas fallão de justas e torneios desde o começo da monarchia: mas as que pelo seu apparato e magnificencia se tornão mais dignas de commemoração, são as que tiverão lugar por occasião das festas que se fizerão em Evora quando se effeituou o consorcio do Princepe D. João com a Princeza de Castella. Custa a crer o que a semelhante respeito se lê em Garcia de Resende ... Desde o Cap. 97 (chron. de D. João 2.°) que começão os preparativos. — " *Os banquetes e consoadas, as justas, momos, os touros, as canas e antremezes*, concorrêrão á porfia para celebrar a illustre noiva": mas não fallando senão das justas, assumpto a que por ora nos dedicamos, é notavel o Cap. 126 da referida chronica, que se inscreve. = *De como se ordenárão as justas Reaes, e se pôs a tea na praça, e da fortaleza da madeira.*

A *praça pois* (falla o chronista) *era per cima toldada de finos panos, sobre grandes mastos, e com infinitas bandeiras reaes. E a tea era cuberta de panos finos verdes e roxos, que erão as côres del-Rey, toda de huma parte, e da outra chea de Pelicanos dourados, e bordados na tea, que parecia muito bem. E no cabo da tea se poserão em mastos muito altos bandeiras muito grandes, e muito ricas das armas de Portugal e Castella juntamente, que erão as da Princesa. E foy feita huma fortaleza e tavola de madeira com grande novidade pera o caso, no cabo da rua dos mercadores, pregada na*

praça como fortaleza, com suas torres e cubellos, com muitas infindas bandeiras, e com hum facho cuberto de brocado posto muy alto, pera se derribar á entrada, e vinda dos aventureiros, e com hum sino, com que repicavão, como em frontaria de contrarios. E a fortaleza tomava o vão da rua, e as casas, onde ora he a camera, e as outras da outra parte; e tudo era ricamente armado com ricas camas pera os mantedores, e officiaes del-Rey, que esses dias ahi estiverão com ella, todos bonqueteados em muita perfeição, e muitas festas e prazeres dentro. E a fortaleza era de fóra toda chea de muitas e claras lanternas muito bem feitas pera isso, e erão tantas, que acesas de noite, parecia de fóra, que a fortaleza ardia em fogo; e era cousa muito fermosa, afora as luminarias da praça que erão sem conto.

No Cap. seguinte segue-se o desafio da justa, que el-Rei fez entre *muito excellentes e singulares momos.* Era elle que a devia manter com intenção e nome *do Cavalleiro do Cirne.* Este desafio foi feito *com grande estrondo de artilheria, que tirava, e trombetas, atabaes, e menistres altos, que tangião, e com muitas gritas e alvoroços ... A'tarde, partio el-Rey de seos Paços, e foi tomar a tea, o que fez com tanta realeza e tantas novidades e ceremonias de grandeza, como nunca ja se vio tomar.* — Tanto ella como seus mantedores descêrão á fortaleza ja de noite, e todos dormírão no Castello, *e dentro tinhão suas armas, e muitos cavallos sempre selados, e elles armados a gyros, para que em vindo o aventureiro, tanto que o facho fosse derribado, sahissem com muita diligencia sem detença alguma; e assi se fazia e fez em quanto as justas durárão.*

Fez tambem el-Rei a sua mostra com seus oitenta mantedores, e após elle a fizerão os aventureiros, que passárão de cincoenta. *Nos quaes todos em cavallos, arneses, paramentos, cimeiras, letras e lanças, moços desporas, e todalas outras cousas de justa, ouve tanta riqueza, galantaria, invenções, tudo em tanta perfeição, que muitos justadores velhos, e de muitas partes, que ahi erão, que ja vírão outras muitas justas Reaes, se maravilhárão muito destas, e dizião, que nunca tal cuidárão de ver.*

Seria demasiadamente extenso mencionar aqui todos

os pormenores de tam esplendida festa; e por isso, so diremos mais, que toda esta justa foi muito bem justada, e derão-se nella muitos e grandes encontros.— Quatro dias durou o divertimento, acabo dos quaes, se julgárão e publicárão a el-Rei ambos os preços. — O primeiro, que era um annel de diamante, estava promettido ao que mais *galantemente* se apresentasse: e o segundo, que era um grande collar d'ouro e esmalte, ao que melhor justasse entre os cavalleiros. Forão juizes por esta occasião Rodrigo Dilhoa, Ruy de Souza e o Regedor Fernão da Silveira.

Varios auctores tem descrito as justas e os torneios, que pouco mais ou menos forão identicas em quanto á forma em todas as epochas, e em todas as nações que as usárão. Recomendamos porem a quem desejar uma descripção ampla, circunstanciada e magnifica desta sorte de exercicios, o Cap. 12 do mui distincto romance de W. Scott intitulado Ivanhoe. Ahi se depara em bem pouco espaço com todas as ceremonias, estilos e especialidades desse passatempo guerreiro e cortesão, que pouco e pouco se esqueceu á sombra da civilisação moderna. Em 1559 ainda houve um torneio em França, que foi o ultimo regular, por se ter seguido delle a morte de Henrique 2.º Depois desta epocha, apenas se virão imitações mesquinhas, pelos tempos de Carlos 9.º e mesmo de Henrique 3.º

As pontas, era tambem um jogo, que com mui pouca differença devia de regular pelo das justas e torneios. Dizia-se *correr pontas*, irem uns contra outros com armas de ponta, como lanças, &c.: e achamos memoria deste exercicio em a vida de D. João 1.º onde se diz: *se desafiarão para correrẽ pontas, certas carreiras a cavallo;* e mais abaixo, *outros muitos correrão pontas pé terra com os Inglezes d'espadas e fachas.*

A respeito deste jogo copiaremos aqui o que achamos em um manuscripto, que julgamos inedito e de muito interesse.

E' o Cap. 30 e se inscreve = *das pontas que se correrão em Benavẽte: &c.*

No seguinte dia (diz o manuscripto), *que era festa de paschoa, assertouse, que falando os de dentro cõ os de fora, como he costume a salva fe, vierõse a de-*

zafiar para correr pontas Alvaro Gomes, criado do Condestable, cõ outro escudeyro castelhano, as quais avião de ser corridas acavalo cõ bacinetes de camaal sen escudos não mais de tres carreiras. Asi mesmo se desafiarão hũ cavalleiro gascão do Duque, que chamavão Marbony cõ mosẽ Roby que estava na vila. Veo Alvaro Gomes o primeiro dia cõ o seo ao campo armado de hũas solhas, e não quis levar faldrão, posto que lho acôselharão muitos; e anduva ben desenvolto, e bon cavaleyro; e o castelhano muito por contrário ... e a primeira carreyra o encõtrou Alvaro Gomes de modo, que deu cõ elle en terra, e elle tornou a cavalgar, e correo outra ves; e o castelhano não levando a lansa ben sosegada, encontrouho bayxo por acõtecimento, e resebeo hũa ferida de que dispois morreo, e não correrão então mais.

— — — — — — — — — — — — — — — — — — —

Dispois vierão aho campo correr suas pontas aquelle cavaleyro do Duque, Marbony; e mosẽ Roby, que estava na vila: e vinhão ambos ben guarnesidos asi elles como os cavalos. Marbony era de bon corpo, e correra ja pontas muitas veses: e mosẽ Roby era mais piqueno, e não tão destro en aquelle negocio; e quando Marbony corria, levava o bacinete sen cara, e cõ a broca do escudo cobria o rosto de modo, que lhe não paresia mais que o olho direito; e seo cavalo não hya mais rijo que quanto podia andar de galope; e não encontrava direito, mas de traves: e a primeira carreira que correrão, encontrou Marbony ao outro no pescoso, que ainda que trazia dous camaes e hũ gorjal, pasoulho todo, e teve a lãsa da outra parte; e pos na ponta della fóra da sella limpo no chão, cuidando todos que era morto. Cavalgou outra vez mosẽ Roby, e ouve hum encontro de que enbelecou; e da triceira não se encontrarão, e por aqui sesou aquelle joguo.

Tal era o jogo das pontas, que como se vê, e nós ja observámos, mui pouco divergia das justas, e dos torneios. Em todos elles o mesmo fim ... exercitar o corpo e habituál-o aos exercicios da guerra. Este mesmo fito acharemos nos que se seguem, e em quasi todos os dessa idade.

Entra nessa conta o da *alcancia* ou *alcanzia*, de que vemos fazer-se memoria em nossos escriptores. —

Não podemos porem marcar a epocha fixa de sua maior voga; e só sabemos que consistia em atirar, correndo a cavallo, com uma bola de barro, toda oca por dentro, que se secava ao sol para tomar consistencia; e que não excedendo o tamanho regular de uma laranja, se enchia de cinza ou de flores. O tiro era dirigido contra um adversario, que tambem corria a cavallo; e logo que lhe acertava, quebrava-se a bola, e o cavalleiro era proclamado bom atirador.

O jogo das canas conta tambem muitos seculos de existencia; e apresenta os mesmos pontos de contacto, e ares de familia, que qualquer destes outros de que temos fallado. Consistia elle n'uma especie de peleja de homens a cavallo, com suas quadrilhas distinctas, que acomettião os contrarios, dando voltas, e perseguindo-se com as canas, como que se fossem lanças. Querem alguns, que ja este jogo fosse conhecido nos fabulosos tempos de Troia, donde Julio Ascanio o trouxera para a Italia. Com effeito, parece que Virgilio tinha conhecimento delle quando compoz o Livro 5.º da sua Eneida: e talvez fosse esse o motivo porque alguns antiquarios asseverão que o jogo das canas passou d'Italia para a Hespanha, donde depois, com quasi todas os seus costumes e usanças, veio dar á nossa patria.

Duarte Galvão na sua arte da Cavallaria falla deste passatempo e exercicio. Costumavão, diz elle, ser os vestidos dos cavalleiros ou de preto, ou á mourisca. A' mourisca trazião uma marlota que chegava até os joelhos, com meias mangas largas, e um capillar, a que chamão alguns Bedem, que pouco mais ou menos tinha o mesmo comprimento da marlota.

Nossos Monarchas entravão neste jogo muitas vezes; e el-Rei D. Manoel era nelle eminente e desembaraçado.

Guardamos para o fim o mais notavel talvez de todos estes jogos, mais notavel ao menos pela duração de seu costume. Queremos fallar das corridas dos touros. Este divertimento barbaro e sempre applaudido, marcha atravez dos seculos desde Tarquinio Soberbo até os nossos dias. Foi este Monarcha Romano, quem, se acreditamos o Liv. 10. da *respublica gentilica*, o instituiu primeiro: e depois, não sabemos porque modo,

passou para a Persia, onde ha pouco se usava muito. Na Europa so a Peninsula Iberica o admittio em seus fastos: mas ahi, grande voga, e mui distincta fama obtiverão, mormente em Castella e Portugal, que ainda hoje correm touros, e os correm com todo o alvoroço e enthusiasmo dos antigos tempos.

Ninguem mais do que nós está convencido da barbaridade e bruteza de semelhante espectaculo; todavia, um não sei que de respeitavel encontramos nelle, a que não podemos deixar de tributar tal ou qual veneração. Todo este prestigio nos vem por ventura da nacionalidade. São os touros o unico uso nosso, que tem resistido ao poder das innovações. Assim, consideramol-o como um monumento da nossa passada civilisação. Temos por elle os mesmos sentimentos, que nos despertão a vista d'um edificio gotico-arabe, ou outra qualquer couza deste genero. Que os dos progressos nos censurem ... embora. Humildemente lhe pedimos perdão, mas a tal affeição não desmerece.

Muitas descripções de touros andão por esse mundo, nenhuma porem conhecemos tão nacional e minuciosa, como a com que deparamos n'um pequeno livro em 4.°, de que nos não lembra nem o auctor, nem a data. Não vem ella embrulhada em farrapos de poesia, como a muito gabada de Florian... é uma corrida de touros tal qual se fazia entre nós ha pouco menos de um seculo, sem que lhe falte a mais pequena circunstancia, e sem que se lhe acrescente a menor ficção ou improviso.

Aqui daremos algumas informações e apontamentos que de tal livro extrahimos: porem, antes disso, faz mister estabelecer em geral a natureza do exercicio. Suas leis e estilos vem em Bluteau; e tambem em Colmenar — Delicias de Portugal, p. 857.

Corrião-se pois os touros ou a pé, ou a cavallo. Neste ultimo cazo vinha sempre o cavalleiro montado n'um cavallo, sellado á gineta. Erão muitas, e mui varias as sortes, que se podião fazer de um e de outro modo. Com garrocha, com garrochão ás ancas do cavallo, com garrochão de rosto a rosto, ou finalmente á estribeira, e sobre a redea. Vid. o cit. Bluteau na palavra *Tourear*.

O toureiro a cavallo deve vir montado á gineta,

como acima dissemos. Deve trazer borzeguins, e esporas de acicates; o corpo direito, e em meio dos arções; bem plantados os pés nos estribos; as pernas juntas no direito da silha, os joelhos fechados, e o corpo levantado na sella dous ou trez dedos. Entrando na praça, se dirige logo em linha recta ao Principe, Supremo tribunal, Governador, ou pessoa principal que ahi preside. D'um e d'outro lado estarão os lacaios em duas alas, com os garrochões e garrochas: e então, passando pelo meio delles, começará a fazer as continencias, que são trez, tirando o chapeo com arte; e depois, virando sobre o lado direito com o cavallo ladeado, fará logo fio ao touro, apercebendo dé caminho a capa, passando a ponta della da parte esquerda para a direita, e segurando bem o chapeo na cabeça, para que lhe não cáia na praça.

Os de que acima fallamos, e que veem no tal volume em 4.° forão corridos no terreiro do Paço. Mas primeiro que tudo, se fizerão uns palanques, e se levantou um masto com sua bandeira, em que de um lado apparecião pintadas de excellente mão as quinas portuguezas, e no reverso a imagem de St.° Antonio de Lisboa. Os palanques formavão um angulo recto defronte da vedoria, cujos lados de 70 palmos de altura, se distendião da mesma vedoria para o arco dos pregos e para a caza da India; e com os outros dous lados, que são da mesma caza até o corpo da guarda, e d'aqui até o arco dos pregos, fechão uma praça quadrangular de lados iguaes, de 440 palmos de extensão cada um delles.

Omittiremos a descripção do material da praça: e passando de salto ao que nella se fez por esta occasião, fallaremos agora da maneira porque forão colocadas as differentes classes dos espectadores. Os moços da Camara tomárão o posto que ficava por baixo da varanda real. Nos camarotes á direita apparecia toda a nobreza da côrte: e nos da outra banda a Camareira Mor, e mais Damas de serviço, assim como outras muitas das mais distinctas famillias. El-Rei appareceu com a Familia Real, por volta das duas horas da tarde: e logo que se assentou em sua tribuna, entrou na praça Victorino Mendes, Meirinho da Cidade vestido mui flamante á Castelhana, todo de melania preta, forro de setim

encarnado, cocar de plumas brancas e pretas, e montando em um *generoso e briozissimo cavallo.* Seguirão-no quatro pretos de partasanas com librés de azul claro, forradas de branco, com suas fitas e dragonas no hombro; e levava por volantes outros dous pretos á estribeira. Assim que entrou, fez trez cortesias a SS. Magestades e Altezas, depois, á Camareira Mor e Damas do Paço, e ultimamente ao Senado da Camara: e acabando as ditas cortesias, foi occupar seu lugar junto á varanda real, esperando ali as ordens de S. M. que lhe erão communicadas pelo Marquez de Marialva.

Após o Meirinho da Cidade entrou a guarda real, marchando em duas alas a toque de pifano e tambores. Era seu Commandante D. Manoel de Souza, que montava um mui bello e soberbo cavallo; e era seguido de grande numero de creados: todos vestidos com o maior luzimento. Esta guarda fez as suas continencias, e virando caras aos lados, por via de um quarto de conversão, se redusiu a uma só fileira, que marchando em frente, foi levando diante de si toda a gente que entulhava a praça.

Vazia pois a praça, entrárão nella onze toureiros a que o vulgo chama *capinhas*, todos vestidos de encarnado. Fizerão suas cortesias, tomárão garrochas, e retirárão-se, dando lugar a que entrassem nove monteiros de chuça, ou homens de forcado, com suas couras d'anta, e vestidos tambem de encarnado. Como os toureiros, fizerão estes suas cortesias, retirando-se aos lados para deixarem o campo livre ás danças, que ião entrando. A primeira foi de Ciganas, que vinhão, assim como todas as outras, mui asseadas e ricamente adereçadas. Seguirão-se-lhe a das peixeiras, couveiras, collarejas, e medideiras do terreiro, que todas representavão as quatro quadras do anno.

No alcance destas, seguio outra dança, chamada dos pausinhos dos Galegos, e ultimamente a dos pretos, trajados á moda d'Africa e da America, com suas olandilhas pretas, que parecião nus; e com varias plumagens na cabeça. A ultima de todas foi a das corraleiras, que mereceu pelo seu asseio e brilho mais encomios do que nenhuma das que a precedêrão.

A cabo das danças, apparecêrão immediatamente

oitenta homens para regarem a praça. Vinhão vestidos á china; e com seus regadores e maças, que trazião traçadas sobre o braço. Seus Chefes erão todos mascarados, cada qual mais extravagantemente, com suas achas d'armas, &c. e logo que acabárão de regar, se retirárão na melhor ordem.

Então se virão demandar o campo dous carros, que não se sabia porque mais devião de ser admirados, se pela sua grandeza, ou se pela opulencia e elegancia de sua architectura. Enchião o primeiro muitas figuras allegoricas, e triumphavão bem no centro delle em uma grande e bem obrada tarja as armas reaes de Castella e Portugal. Junto a estes reaes brazões ía a Fama entoando um clarim, e tremulavão dos lados dous estandartes mui erguidos e brilhantes. Tiravão delle oito rompentes leões conduzidos por alguns selvagens.

No segundo carro figurava Apollo no monte Parnaso vestido tanto ao natural, que parecia não trazer cobertura. Acompanhavão-no as musas, que ao som de harmoniosos instrumentos memoravão em doces cantos as virtudes do Monarcha reinante. Era esse carro tirado de formosos urcos, ou frizões: e tanto elle, como o primeiro, depois de se postarem por algum tempo diante da Tribuna real, fizerão alguns giros, e se retirárão.

Era ja tempo de começar com o combate dos touros. Forão cavalleiros nesta primeira tarde Manoel dos Santos, e Luiz Antonio. Entrou pois Manoel dos Santos, insigne combatente, dentro da praça, escoltado de um grande numero de capinhas. Feitas as cortezias do estilo, começou a procurar o touro; mas não achou que com elle podesse fazer sorte de geito; a ferocidade do animal não correspondia a seus desejos. Assim retirou-se, cedendo o lugar a Luiz Antonio, que fez uma sorte, e se retirou do mesmo modo. Ambos mudárão de cavallo, segundo a practica; e como o touro fugia dos cavalleiros, procurando só toureiros de pé, foi sentenciado á morte, como logo morreu aos golpes de espada que lhe atirárão.

Seguírão-se outros, e successivamente até 21 que morrêrão nessa tarde. Manoel dos Santos fez a grande sorte de matar um delles do primeiro rojão que lhe meteu. Os mais forão corridos com rojões, farpas, e

garrochões de fogo; e mortos á espada, á choupa e á faca.

No fim, quizerão apresentar um carro de fogo, que ía sendo origem de mui serias desgraças. Ainda mesmo assim, morrêrão algumas pessoas: pois, pegandose fogo ao artificio do dito carro, espantados os bois, que o condusião, começárão de correr sem direcção nem guia por tal modo, que incendiárão a armação da porta do curro; e poserão tudo n'uma desordem terrivel. O fumo e as chamas crescião a cada momento; e os espectadores que se lembrárão de fugir, saltando das trincheiras e camarotes, quebrárão pernas e braços, e alguns morrêrão sem se lhes poder valer.

Por fim, diz o escriptor de que tirei estas informações, o socego se restabeleceu, e ainda se continuárão a correr mais touros —. Não podemos deixar de admirar o sangue frio e fleugma de nossos avós, que não abandonárão o espectaculo apezar de tão tristes episodios! Isto é que erão homens de boa fibra! Que somos nós ao pé delles? ... Miseraveis pigmeus, e despresiveis *maricas.*

Bellas Artes.

DA ARTE SCENICA, E PRINCIPALMENTE DA DECLAMAÇÃO TEATRAL.

O estado d'abatimento a que tem chegado o theatro Portuguez tem tocado o coração de todos aquelles que ainda presão a litteratura nacional, e que dezejão vêl-a accordar do seu profundo lethargo. Litteratos de grande nomeada tomárão a peito dar impulso a este importante ramo da nossa litteratura; juntaremos aos seus exforços o nosso pequeno brado, colocando, como o minimo dos Hebreus, a nossa pedrinha no edificio da prosperidade da scena nacional.

A causa primaria do progresso e melhoramento do theatro é o gosto da nação por os divertimentos dramaticos: elle forma, por assim dizer, a vida theatral; é o calorico que vivifica e anima as emprezas theatraes, excita os litteratos a produzirem composições deste genero, e alenta as companhias para as dar á execução. E faltará em Portugal este gosto pelos espectaculos dramaticos? O povo Portuguez é folgasão, amante dos divertimentos, concorre a elles com avidez, e por tanto não se poderá avançar que esta seja a causa da decadencia do nosso theatro. A carestia de bons actores não anima, é verdade, os compositores dramaticos, por que é certo que o successo de qualquer drama depende muitas vezes para obter successo do modo por que é desempenhado. E qual será o autor que se queira dar ao trabalho de escrever neste genero tão difficil, para ver depois as suas producções desmerecidas pelos artistas dramaticos? Por outro lado tambem se poderá dizer que a falta de boas composições dramaticas con-

corria para a decadencia dos actores; e aqui temos o que chamão os logicos um circulo vicioso. Não entraremos na difficil tarefa de indagar qual destas causas tem prevalecido, e procuraremos tão somente mostrar os principios da arte scenica, e apontar as qualidades e estudos que competem aos artistas dramaticos.

Um actor só poderá tocar a perfeição da sua arte, reunindo em si mui differentes qualidades; umas que são dons da natureza, e outras filhas do estudo e da applicação. Se porem a natureza tiver sido prodiga em conceder todas as qualidades essenciaes para ser bom actor a aquelle que for dotado de genio e inclinação para a scena, nem por isso deve desanimar; porque muitas vezes o estudo e a arte tem chegado a vencer inteiramente as imperfeições e defeitos naturaes. Sirvanos d'exemplo Lekain, famoso actor Francez, o qual deveu somente á arte a grande reputação que soube alcançar. Tinha elle a principio uma voz surda e rouca, e nos seus primeiros ensaios theatraes, parecia antes gaguejar do que declamar. Era mal parecido, d'uma estatura ordinaria, defeituoso, com as espadoas mui curvas &c. Mas a arte tudo soube corrigir; a sua vóz adoçou-se pouco a pouco, chegando a conseguir o manejal-a prefeitamente; desapareceràn todos os defeitos do corpo, podendo dizer-se poucos annos depois, que se tinha tornado um novo homem. O effeito de varias pregas habilmente arranjadas desvanecião a desigualdade das suas formas; e á arte de se vestir sempre do modo o mais elegante, juntava o tomar as mais bellas attitudes. Parecia que se havia modelado á face das estatuas dos melhores artistas, conseguindo por fim pôr-se em estado de servir tambem de modelo aos seus collegas, que á porfia procuravão imitar as suas bellas attitudes nos differentes papeis que desempenhava. O grande successo de Lekain deve servir d'estimulo a todos os artistas para seguirem as suas pisadas, estudando corrigir os seus defeitos. Lekain devia sem duvida muito á arte, mas o dote principal recebeu-o da natureza. Esta lhe havia dado uma alma ornada dessa profunda sensibilidade que tudo vivifica, e sem a qual a arte apenas teria formado uma estatua, que se poderia admirar um momento, mas diante da qual se

passaria dahi a pouco sem ao menos lhe lançar os olhos.

As qualidades essenciaes a um artista dramatico, (principalmente a aquelle que se destina a representações de caracter) são : 1.º Uma figura elegante e agradavel. 2.º Maneiras urbanas e delicadas, adquiridas no trato da boa sociedade. 3º. Conhecimentos da declamação, e 4.º A mimica.

1.º Uma bella figura é um dom da natureza que muito concorre para que o actor haja de produzir um bom effeito prevenindo desde logo o espectador, e dispondo-o a desculpar alguns leves defeitos que possão apparecer.

2.º Porem se a este dote natural o artista juntar maneiras delicadas, taes que se conformem com o que se espera da personagem que representa, pode o actor ficar seguro de que o seu successo será pleno, pois que destas circunstancias depende em grande parte a impressão que houver de fazer nos espectadores.

3.º O artista dramatico por maior que seja o seu genio, por mais adequados que sejão os seus dotes naturaes, e por vastos que sejão os seus conhecimentos dramaticos, jámais poderá tirar grandes vantagens da sua arte se não estiver possuido dos verdadeiros principios de declamação.

As palavras são os signaes das nossas idéas ; porem se ellas forem recitadas inconsideradamente, sem serem reforçadas com os tons, accentos e cantos proprios, farão por certo nos ouvintes mui debil impressão ; e muitas vezes transmittirão um sentido diverso daquelle que o autor havia concebido. Alem de que, é sabido que ha tal nexo entre certos sentimentos e o meio proprio de os declamar, que o actor que os não pronunciar d'aquelle modo, jámais poderá persuadir aos espectadores que sente o que está representando.

O artista dramatico que tiver em vista fazer impressão no auditorio deve pôr em practica quatro pontos principaes a saber — 1.º uma certa força na voz, bastante para ser ouvido em toda a salla ; — 2.º distincção ; — 3.º pausa e vagar na declamação, e — 4.º conhecimento da lingua, materna e propriedade da pronuncia.

A primeira obrigação do actor é fazer-se ouvir, e para esse fim deve ter cuidado d'encher com a sua

vóz todo o espaço occupado pela salla d'espectaculo. A faculdade d'extender a voz é em grande parte um dom natural, mas pode ser muito melhorado pela arte. O homem pode servir-se de tres tons de voz, o alto, o medio, e o baixo. Do baixo usamos quando fallamos em segredo; o alto é aquelle que empregamos quando chamamos por alguem em grande distancia; e nos servimos do medio na conversação familiar; e este em geral é que compete ao actor. E' um grande erro pensar (e desgraçadamente o vemos empregar muitas vezes no nosso theatro) que é necessario usarmos do mais alto tom de voz para podermos ser ouvidos por uma grande assemblea. Isto é confundir duas couzas distinctas, voz alta, e voz forte. E' facil ao actor elevar a sua voz sem alterar o tom, podendo dar mais força de voz a aquelle tom de que se usa commummente na conversação. Pelo contrario se para ser melhor ouvido levar o actor a sua voz ao tom mais alto, cançar-se-ha antes d'acabar o discurso; fallará com mais difficuldade; e jamais deixará de fatigar o auditorio aquelle que recitando se fatiga a si proprio. Tenha pois o actor sempre em vista forçar a voz sem alterar o seu tom ordinario, tendo como regra constante o nunca empregar maior corpo de voz, do que aquelle de que puder usar sem fazer grande exforço. Em quanto o actor se conservar dentro destes limites, poderá empregar livremente os diversos orgãos nas suas varias modulações. Porem se se transgridem estas regras, a poucos passos será o actor obrigado a commedir-se talvez na passagem mais forte e mais pathetica. Para que o actor possa conhecer se é ouvido em toda a salla, deverá fitar algumas vezes a vista nos espectadores que lhe ficão mais distantes, e imaginar que lhes está fallando. Nós naturalmente pronunciamos as palavras com a força necessaria para sermos ouvidos por aquelles a quem nos dirigimos, com tanto que estejão ao alcance de nos ouvirem; e nisto o ponto principal consiste em não offender o espectador, gritando em vez de fallar.

2.° Segue-se, para que o actor seja bem entendido, usar d'uma precisa distincção na articulação, o que talvez seja mais necessario do que mesmo a elevação da voz. A quantidade de som necessaria para encher um

grande espaço, é mais pequena do que commummente se imagina; e uma voz fraca com uma articulação distincta se fará ouvir mais longe do que uma voz forte mal articulada. A isto deverá o actor prestar grande attenção, tendo cuidado de pronunciar todas as syllabas, dando a cada uma o seu devido som, sem supprimir alguma que deixe de ouvir-se.

3.º Para poder articular distinctamente, cumpre não pronunciar com rapidez. O fallar precipitado confunde toda a articulação, e por conseguinte o sentido das palavras. E' mister porem guardar-se contra o extremo opposto, pois que uma declamação em extremo vagarosa se torna fatigante e insipida. Porem carece maior attenção obstar ao habito mais commum de fallar com demasiada pressa, porquanto sendo mais frequente este excesso, é ao mesmo tempo mais difficil de corrigir.

4.º Nenhum actor deve pisar a scena sem ter um cabal conhecimento da lingua materna, pronunciando-a com propriedade, isto é, dando a cada uma das palavras aquelle som que lhe é conferido pelas classes mais polidas; isto em opposição á pronuncia baixa e vulgar. O accento que cumpre dar ás palavras é o que se usa na conversação familiar, sem procurar protrahil-as, ou estendel-as, tornando-as desagradaveis ao ouvido, improprias e indevidamente pomposas. Neste ponto toda a instrucção se reduz a modelar os sons segundo o que se practica na conversação familiar. E' bem sabido que quando qualquer se acha empenhado n'uma acalorada conversação, está possuido d'uma eloquencia e persuasão natural. E qual será a rasão porque se veem na scena tantos actores frios e monotonos? E' sem duvida porque se apartão do modo natural de fallar, guiados por uma mal entendida affectação. Siga o artista fielmente a natureza, e considere por que modo ella ensina a exprimir os sentimentos do coração; esta deverá ser a sua unica mestra, e a verdadeira norma que deve seguir.

4.º Resta-nos fallar da mimica, ou acção theatral. Quasi todas as pessoas costumão acompanhar as suas palavras com alguns movimentos, ou gesticulações. Não seria por conseguinte conforme á natureza que o actor exprimisse as suas palavras sem as accompanhar com

alguns gestos expressivos. A regra fundamental quanto á propriedade da acção, é a mesma que demos pelo que respeita á declamação, isto é, seguir em tudo a natureza. Attenda-se aos movimentos e gestos que desenvolvem geralmente os homens quando affectados pelas diversas paixões; e eis os modelos que há a seguir. E' porem do dominio da arte corrigir aquelles movimentos que apparecem pouco graciosos, no que se deve pôr grande esmero. Procure o actor conservar sempre a maior dignidade nas suas acções, e uma nobre attitude, de modo que possa dominar todos os seus movimentos. A physionomia seguirá as modulações do discurso; e os olhos não estarão fixos em qualquer objecto, mas rolarão lentamente segundo o exigirem as attitudes. Os movimentos rapidos são quasi sempre pouco graciosos, e o dos braços deverá antes começar dos hombros, do que dos cotovêlos. Jamais voltará o artista á sua primeira posição com uma excessiva rapidez. Geralmente fallando não convem mover os braços perpendicularmente, devendo preferir-se dar-lhes direcções obliquas. Toda a acção será sempre subordinada á paixão, e nunca mais forte do que ella, e é neste ponto que se distingue do actor vulgar o artista consciencioso e de talento. Tanto mais exforços faz o actor sem merito para produzir effeito á força de trabalho, d'excitações de todo o genero, de gestos e d'exclamações bannaes, e tão pouco o verdadeiro se estuda, contendo-se e moderando-se para produzir o effeito mais forte e o mais natural. Esses actores que gritão, que gesticulão, e que se enfurecem, ora com a espuma na bocca, e ora derramando torrentes de lagrimas; que batem no peito ensopão-se em sangue, ou rolão aos pés da sua amada, sahem fora dos limites do bom senso, e longe de commover, excitão só tedio e despreso. Concluiremos pois dizendo que todas as regras theatraes se reduzem a dous pontos principaes, — conceber energicamente, — e sentir. O artista que tiver conhecido profundamente a força da parte que desempenha, e que puder sentir o que devidamente tiver concebido, ha-de necessariamente executar com perfeição.

Sciencias.

CURSO DE PHRENOLOGIA.

Quarta Lição.

Senhores. — Agora devo dizer-vos o que os antigos pensavão ácerca do cerebro, pois é necessario que cheguemos quanto antes ás localisações. Entremos na parte historica da phrenologia propriamente dita.

Desde remota antiguidade, quinhentos annos antes de Jesus-Christo, ou para melhor dizer antes da nossa era, tinha dito Pythagoras que a alma vegetativa e a alma sensitiva estavão no corpo e no sangue, e que na cabeça estava a parte mais sublime do homem, a alma cogitante. Tal foi tambem a opinião de Democrito. Platão collocou igualmente na cabeça a alma cogitante, deu porém as paixões ás visceras, idéa esta que vogou por muito tempo. Em quanto ao mais, a actividade que faz obrar o cerebro e as visceras, foi derivada do *pneuma*. Mas que é este *pneuma*? Era, segundo os antigos, a alma universal, um movimento de vida que se suppunha animar toda a natureza. Elle provia o cerebro e os sentidos d'uma especie d'*aura*, que constituia o elemento de sua actividade. E' esta a doutrina mais antiga; como é porém feito esse *pneuma*? Por subtilisação; isto é, suppunha-se um corpo extremamente tenue, aeriforme, e que á força de ser refinado, chegava ao ponto de não ser senão um elemento imperceptivel aos sentidos. Attribuião-lhe uma actividade extraordinaria. Já por aqui vêdes, Senhores, que esta antiguidade tinha d'algum modo presentido os

nossos fluidos imponderaveis e incoerciveis. O cerebro era sempre o deposito desta aura que delle mesmo nascia, e que servia para a producção dos phenomenos da intelligencia, porque as paixões pertencião ás visceras.

Aristoteles foi pouco coherente no seu modo de pensar, nem se exprimiu sempre da mesma forma ácerca das funcções do cerebro: confesso que não tive tempo de lêr e meditar bem as obras de Aristoteles para me pôr bem ao facto das suas opiniões; porém vou dar-vos conta do resultado dos trabalhos feitos por outrem. Parece que Aristoteles adoptou primeiro a idéa de que o cerebro era uma glandula, que segregava um humor pituitoso destinado a refrescar o sangue. Era com pouca differença a mesma idéa de Hippocrates. Dahi provinha que quando esta glandula era muito consideravel, o temperamento era humido; e uma cabeça grande era considerada como signal d'idiotismo. Isto tem seu fundamento porque é sabido que os rachiticos que tem cabeças muito volumosas, são pela maior parte idiotas por effeito d'uma hydropesia do cerebro. Creio que tal é a origem desta opinião, contra a qual tanto murmurão os inimigos da phrenologia: mas eu não creio que Aristoteles seguisse sempre esta idéa, porque elle tambem é o fundador da anatomia comparada. Elle comparou o cerebro do homem com o dos animaes, e notou que o do homem tinha um volume relativamente, e até mesmo absolutamente maior que o dos animaes, e era a isso que elle attribuia a superioridade da sua intelligencia.

No Jornal d'Edimburgo publicou-se uma noticia historica que não foi traduzida em francez; e como ella é entre nós pouco vulgar, vou dar-vos uma idéa que não será fóra de proposito na parte historica da phrenologia. Segundo o autor dessa noticia, Aristoteles teve idéas menos grosseiras ácerca da natureza do cerebro. Eu vou lêr.

"Aristoteles, de quem se derivão a maior parte das theorias scientificas, considerava o ventriculo anterior do cerebro, que elle suppunha corresponder á região frontal, como séde do senso commum, porque nascião daquelle sitio os nervos dos cinco sentidos. Aquartelava depois a imaginação, o juizo e a reflexão no segundo ventriculo, o qual communica com o primeiro por uma pequena

abertura que, segundo elle, dá passagem ás impressões transmittidas pelos cinco sentidos. O terceiro ventriculo era destinado para a memoria; elle era uma especie de armazem, onde as concepções da alma produzidas no segundo ventriculo, ficavão depositadas. Estas noções forão reproduzidas posteriormente por muitos autores, sem serem ampliadas nem aperfeiçoadas. „

Ellas passárão de seculo a seculo, até que se encontrão na escola d'Alexandria. Erophilo põe a alma atraz da abobada dos tres pilares. Erasistrato é menos explicito. Vós sabeis que uma grande parte das obras daquelle tempo se desencaminhárão. Mas seja de que modo fôr, ainda se encontra quanto basta nos classicos que nos restão, para conhecer qual era a idéa dos philosophos antigos. Elles consideravão as nossas faculdades como dependentes de certas especies *d'auras*, que nós hoje chamariamos gazes. Para ellas estarem mais á vontade, mettião-as dentro dos ventriculos do cerebro. E como ha costume de levar a mão á testa, e alem disso parece que a testa está affectada quando se pensa, collocavão por isso o senso commum na região frontal: elles elaboravão estas idéas na parte mediana, e as depositavão na parte posterior. Já por aqui vedes a tendencia para a localisação.

Estas tendencias porém da antiga Grecia para a localisação, não se limitavão só aos philosophos, porque os artistas e os poetas tambem as tinhão. Assim os artistas quando querem representar o genio, a sciencia e a sensatez, configurão sempre uma testa prominente, e volumosa; e se o seu intento é mostrar unicamente a força muscular, fazem então a testa pequena com musculos, bem desenvolvidos. Isto tambem está perfeitamente d'accordo com as observações que hoje se fazem em Londres, onde tiverão a curiosidade d'arranjar esclarecimentos e illustrações da parte dos chapelleiros; e na verdade estas noticias mostrão que as pessoas athleticas comprão chapeos mais pequenos do que as pessoas menos musculosas, e cuja intelligencia tem tido mais exercicio do que os membros. Nas estatuas de Jupiter e dos grandes sacerdotes é que principalmente se veem as testas prominentes, em quanto que os athletas, os gladiadores e as mulheres quasi sempre se apresentão com as testas achatadas.

Os poetas tinhão feito a mesma observação ; e Gall cita a este respeito um cazo muito importante. E' uma passagem d'Apollonio de Rhodes, que diz nas suas *Argonauticas*, que quando Medea estava perdida d'amores por Jazon, elle soffria na região do cerebello. Com estas citações não quero senão mostrar-vos a tendencia que sempre existiu para a localisação.

Galeno era, como bem sabeis, discipulo da escola d'Alexandria. Elle modificou um tanto esta doutrina vinda d'Aristoteles, e em que provavelmente fora imbuido pela escola em que estudou. Assim o cerebro era, na sua opinião a séde da alma. Os sentidos e todos os orgãos lhe estavão sujeitos. Elle tinha advertido que havia nervos de sentimento, e nervos de movimento. E na verdade semelhante distincção foi feita logo que se começou a cultivar o estudo da anatomia, mas esta observação não tomou tão grande latitude senão depois dos trabalhos de Gall. Ella limitava-se aos orgãos dos sentidos, ao nervo optico, ao olfactorio, e ao acustico. Estes tres nervos sempre forão considerados como orgãos da sensibilidade. Sabeis igualmente que muito tempo foi necessario para que nos outros sentidos se distinguissem quaes erão os nervos do sentimento, e quaes os do movimento. O *pneuma* que Galeno tinha tirado da antiga escola grega, animava tudo : elle admittia tres especies d'espiritos — naturaes, vitaes e animaes. Os primeiros erão o vapor do sangue ; este vapor arrecadado pelo figado, sobe ao coração e aos pulmões por via da circulação, e recebe ahi o primeiro gráo d'apuro ; depois é crivado pelas membranas do cerebro e definitivamente subtilisado, isto é, attenuado a ponto de não ser perceptivel pelos sentidos. E que mais fazem os modernos quando collocão no cerebro uma substancia que elles affirmão não ter nada de material, e que no entretanto está em relações activas e passivas com a materia que compõe o cerebro ?

E' sabido que Pacchioni, Baglivio, e muitos outros fizerão as membranas do cerebro agentes principaes de todos os movimentos nervosos. Mas não insistiremos nisto. Já vedes que esta doutrina de Galeno é a doutrina de Platão e d'Aristoteles, depois de ter passado pela escola d'Alexandria ; e effectivamente estas doutrinas vogárão por muito tempo : reinárão em toda a meia-idade ;

mas então mesmo apparecia tal ou qual tendencia para a localisação. E é uma couza muito curiosa. No tempo em que o Clero se occupava com a medecina, um bispo, por nome Ceria, fallou d'um cubiculo da memoria que se tinha tapado em consequencia d'uma ferida, conforme uma observação colhida por um cirurgião que tinha sido seu mestre.

Alberto Magno tão famoso por suas disputas philosophicas ácerca do realismo e do nominalismo, tambem procurava localisar, do mesmo modo que São Thomaz d'Aquino seu discipulo. Hoje já ninguem se lembra que S. Thomaz quizesse ser phrenologista.

Consultemos mais a nossa nota. O jornal d'Edimburgo deixou-nos esclarecimentos ácerca d'um certo Gordon (Bernardo), que eu passo a ler.

" Em 1296, Gordon, medico escossez, e professor em Montpellier, n'um livro intitulado *Affectus præter naturam curandi methodus*, reproduziu em grande parte as opiniões d'Aristoteles. O senso commum reside na parte anterior do ventriculo anterior, cuja funcçãoé tomar conhecimento das formas variadas, ou das imagens recebidas pelos cinco sentidos, e julgar sobre ellas: a parte posterior deste ventriculo era destinada á *phantasia*: sua funcção é conservar as impressões dos cinco sentidos. A *imaginação* reside na porção anterior do segundo ventriculo; ella é sempre activa, e produz as chimeras, tanto durante o somno, como durante a vigilia Tem duas denominações porque se distingue: se os productos da imaginação são conformes á razão, se concordão com objectos realmente existentes, e se coincidem com as percepções sensoriaes, a faculdade é então chamada *cogitativa*; se os productos não coincidem com as percepções dos sentidos, e se são influidos pela faculdade chamada *estimativa*, conserva-se a denominação *imaginativa*, porque as idéas concebidas são falsas, e provavelmente impossiveis. Gordon collocava na porção posterior do ventriculo medio a faculdade chamada *estimativa*, e a sua funcção é julgar as impressões que não são recebidas pelos sentidos, como, por exemplo, a amizade. Em virtude desta faculdade sabe o cordeiro instinctamente que o lobo é seu inimigo, sem que nunca o tivesse visto: é um instincto que dirige o comportamento

dos animaes, assim como a razão dirige o homem. Quando este se deixa governar pelo instincto, obra como um animal. O professor de Montpellier colloca a memoria no terceiro ventriculo, ou ventriculo posterior; logo, diz elle, ha tres faculdades ou virtudes, *imaginação* (imaginatio), *cogitação* (cogitatio), e *memoria* (memoria). Todas são naturaes, corruptiveis, e tem orgãos; acima dellas encontra-se uma faculdade divina e incorruptivel, chamada intelligencia que não tem orgão que lhe possa servir d'intermedio para obrar sobre o mundo exterior.

Estas faculdades, acresceuta elle, podem tornar-se imperfeitas, quando os orgãos estão doentes, e como elles são distinctos, uma pode enfraquecer, em quanto as outras nada soffrem. ,, Em algumas pessoas altera-se a imaginação em quanto nas outras faculdades não occorre mudança alguma, *et vice versa*. Um exemplo desta especie, e bem notavel. foi observado em um demente que tinha batido em seu pae, e ao qual este perguntava se era decoroso que um filho levantasse mãos contra seu pae; elle cahiu immediatamente de joelhos, e pediu perdão. A imaginação neste cazo estava alterada a ponto tal que o filho tinha chegado a desconhecer seu pae, mas como não tinha perdido a razão, ella lhe fez conhecer promptamente o seu erro. ,,

Varias outras observações do mesmo autor se lêem no livro que elle publicou em 1305 (Lilium Medicinæ); as quaes contem muitos factos interessantes relativos á phrenologia, especialmente a secção *De passionibus capitis* pars ij, pag. 186, 187 e 193, *De somno naturali*. A paginas 200 dá uma longa lista de prescripções para fazer cessar a insomnia, das quaes uma é a seguinte: *Et si omnia deficiunt, incipiat dicere horas dominicas, et statim dormiet.* Elle expõe depois uma theoria fundada sobre um supposto movimento dos espiritos animaes, que é constatemente entretido, e que se oppõe ao repouso das faculdades dependentes da imaginação. Tudo isto foi escrito durante a meia idade, em que era dominante a paixão pelas disputas theologicas. Já por aqui vedes como é que os homens observadores descobrírão as varias differenças dos nossos principios moraes sem serem capazes de as explicar. Achamos

tambem no citado Jornal " que a doutrina dos espiritos animaes foi combatida com alguma vantagem no seculo XVI. Todavia mesmo em 1550 Miguel Servet, victima infeliz do fanatismo, admittiu a doutrina dos espiritos, e collocou a alma no rego de Sylvio. Desta sorte manifestou elle a tendencia para localizar as nossas faculdades. Porém o Hespanhol Huarte parece ter sido mais positivo do que qualquer dos seus predecessores. „ Ou fosse hespanhol, ou francez, foi com tudo contemporaneo d'Henrique 4.º; e o seu modo de pensar aproxima-se muito mais da phrenologia que hoje se estuda. O titulo da sua obra, que traz a data de 1580, é — *Exame d'Espiritos em quanto á sua aptidão para as Sciencias.* O seu contheudo reduz-se a duas palavras: — Cada homem nasce com seu genero d'espirito; cada genero de espirito e cada aptidão corresponde a uma certa forma de cabeça. Em 1658 tentou Wepfer lançar por terra a doutrina dos espiritos animaes sustentada pelo celebre Willis, professor de philosophia natural na Universidade d'Oxford. Willis adoptou uma theoria singular. Segundo elle, o cerebro e o cerebello segregavão cada um uma differente especie de espiritos animaes; o cerebello era destinado para regular os movimentos das visceras, idéa que ainda prevalece, com a unica excepção dos espiritos animaes. Os espiritos cerebraes produzião a imaginação, a memoria, o raciocinio, e a razão. Tornando ao Jornal, de que já vos citei varias passagens, vemos que " os espiritos animaes occupão a attenção de varios autores. Vesalio falla delles extensamente e cita Thomás d'Aquino, J. Duns Scoto (*Dunes o Escossez*), Alberto-Magno, e outros que dividirão as funcções em imaginação, raciocinio, cogitação, e memoria; faculdades correspondentes a differentes partes do cerebro. „

Estas noções compunhão toda a philosophia relativa ao cerebro, e ao entendimento; nós as achamos miudamente descriptas e determinadas por uma figura que um Veneziano, Ludovico Dolce publicou em 1572 n'um livro intitulado: *Dialogo di M. Ludovico Dolce, nel quale si raggiona del modo d'acrescer e conservar la memoria.* „ Roberto Flood publicou uma theoria semelhante. Assim este celebre philosopho e alchimista da meia

idade tambem tentou localizar as faculdades. Não menciono algumas particularidades posto que interessantes, mas não me posso eximir de fallar em J. B. Porta. Este publicou em 1596 em Vico uma obra intitulada: *De humana Physiognomenia*; na qual encontrareis muitas das noções seguidas mais tarde por Lavater. Este livro contem muitas idéas bem mais philosophicas do que era de esperar daquelles tempos tão remotos. A paginas 14 podeis lêr um catalogo dos instinctos communs ao homem e animaes. Varias cabeças humanas são comparadas com as d'animaes; a de Vitellio Cezar está ao lado da de um mocho; a d'um idiota é comparada com a d'uma marran; a de Platão com um cão de caça etc. E elle nos faz saber que Rhazes considerava como mais bem formada, a cabeça de mediana grandeza, de forma redonda, um pouco achatada dos lados, e projectada para a parte posterior. Allurto considerava uma cabeça longa como signal de circunspecção e prudencia; Pericles tinha assim a cabeça. Uma cabeça redonda indica falta de memoria e de juizo; quando a porção anterior é achatada, a percepção e memoria são fracas; pelo contrario se a parte posterior é pouco desenvolvida, apenas soffrem a memoria e a energia; na parte media são pouco sensiveis a razão e a reflexão. N'uma palavra, esta obra contem grande numero de interessantissimas observações.

Na sociedade phrenologica de Londres foi contada por um membro convertido á crença da doutrina de Gall a seguinte anedocta. " O marquez Mascordi, presidente do tribunal criminal de Napoles desde 1778 até 1782, tinha estudado profundamente a obra de Porta já citada e a physiologia de Cabanis. E quando um criminoso condemnado á morte com provas sufficientes teimava a invocar a sua innocencia, o marquez mandava-o chamar á sua presença, examinava-lhe a cabeça attentamente, e depois passava a sentença final, de que vos darei dous exemplos:

1.ª *Auditis testibus pro et contra, visa facie et examinato capite, ad furcas damnamus.* 2° *Auditis testibus pro et contra, réo ad denegandum obstinato, visa facie et examinato capite, non ad furcas, sed ad catenas damnamus.*

Aqui temos, Senhores, um grande numero de cáveiras; olhae para estas cabeças em que os instinctos predominão, em quanto a intelligencia é muito fraca; ellas erão de parricidas, e de assassinos. Olhae agora para aquelle lado, para os craneos d'homens de genio e virtuosos, de cidadãos afamados por suas nobres qualidades; elles estão igualmente desenvolvidos em todos os pontos. Não nos admiremos pois se Mascordi ouzou julgar os homens pela forma de suas cabeças, e não pelos seus protestos d'innocencia, especialmente quando elles tinhão sido convencidos por testemunhas respeitaveis. Isto são exforços do espirito humano que procura sahir da ignorancia, e que se não contenta já com dados vagos *a priori*. Certas pessoas poderão contentar-se com elles, mas não os homens que a uma consciencia delicada reunem um juizo severo. No systema de Porta foi a memoria collocada na parte posterior do cerebro; era a opinião antiga, que é erronea; mas elle attribue a mesma séde á *energia*, observação plenamente justificada pela phrenologia, porque das massas posteriores e lateraes é que nascem os impulsos apaixonados, e por conseguinte a energia, que vem antes dos instinctos, do que dos sentimentos e reflexão. Desta sorte já vedes que as tentativas de localisação não forão inteiramente infructuosas. Em 1778 Carlos Bonnet presentiu até certo ponto estas descobertas. Georget (1) cita uma passagem deste autor, a que muita gente tem alludido. Bonnet, physiologista e philosopho, considera o cerebro como uma reunião d'orgãos, de que provinha a multiplicidade das idéas. cada sentimento tem suas fibras proprias: quando ellas são movidas com violencia, ou por muito tempo, cansão, e padecem. Elle tambem atribue uma funcção differente a cada parte do cerebro; aqui deveis vós notar uma tendencia manifesta para a phrenologia. Elle porém não poude limitar estas funcções, porque quando nós procedemos d'um modo arbitrario, todas as normas e limites se perdem. Elle sentiu a necessidade de admittir uma certa relação entre os objectos externos e o cerebro. Masqual é o meio porque esta relação se faz? Elle suppoz a existencia d'uma fibra particular para

(1) Physiologie du systeme nerveux Paris 1821.

cada substancia. Isto excluiu toda a possibilidade d'um limite. Faz-se a mesma objeção ao systema de Gall ; e diz se : " Porque não creaes vós tantos orgãos como ha de corpos na natureza, e como ha de differenças nos sentimentos? „ Responderemos a esta questão quando tratarmos de cada orgão em particular. Em 1775 mostrou Herder esperanças que de alguma vez se virião a descobrir as funcções das differentes partes do cerebro. Willis em 1779 sustentou que cada faculdade tem seu local proprio no cerebro, e designou o coração e as visceras para séde das paixões. Esta ultima doutrina de Galeno foi seguida até ao tempo de Cabanis. Este collocou a reflexão, e o pensamento no cerebro , mas localizou estas faculda des muito longe das paixões , asquaes a exemplo dos antigos, levou para as visceras. Elle *quasi* que fez do pensamento um ente real ; imaginou que era uma secreção do cerebro. Serviu-se desta expressão, que é defeitosa, e que deu pretexto aos inimigos da philosophia positiva para lhe dirigirem censuras demasiado virulentas, e pela maior parte injustas.

Creio estar já dito quanto basta para provar, que desde as mais remotas epochas forão collocadas no cerebro as faculdades intellectuaes. Os modernos desgostosos pelas controversias dos antigos, fizerão-se reservados, receando sempre cahir em explicações hypotheticas, e systemas *a priori*. Com tudo observações muito valiosas forão feitas de tempos a tempos. Camper estabeleceu a relação que ha entre o angulo facial e a intelligencia. Esta idéa é fundada na verdade ; e encontrão-se vestigios della entre os antigos , pois que a intelligencia reside particularmente na parte anterior e superior da cabeça , e o predominio desta parte faz agudo o angulo facial. Cuvier tinha dito que era em geral vantajoso que o volume da cabeça fosse maior que o da face. E com effeito isto assim é commummente , porem a face pode ser excessivamente gorda e carnosa, e ao mesmo tempo o cerebro muito desenvolvido. Nete cazo o signal é infiel. O proprio Cuvier que acolheu favoravelmente a doutrina de Gall , de repente a abandonou mal que viu que o chefe do estado repugnava a que os nossos sabios adoptassem as idéas do philosopho allemão. Mas será o homem moral realmente explicado pelas differentes func-

ções que os phrenologistas attribuem ás varias partes do cerebro? Eu creio que sim. Entre tanto não é facil d'avaliar estas differentes massas pelo exame exterior; mas posto que nós estejamos privados dos esclarecimentos que nos podia fornecer esta exploração, sabemos comtudo bastante para determinar d'um modo geral as funcções das tres grandes massas. Certos orgãos escapão á nossa descoberta, mas as massas, essas permanecem sempre. Ainda que nós não sejamos capazes de fazer uma avaliação exacta das funcções dependentes de todas as partes salientes do cerebro, nem *a fortiori* das circunvoluções da baze, nem finalmente as d'algumas outras circunvoluções que se notão nos intervallos dos hemispherios, entre tanto tudo o que nós sabemos nos obriga a admittir a divisão de faculdades correspondentes ás tres grandes massas cerebraes já apontadas n'uma das precedentes lições. Os orgãos são meramente subdivisões destas massas; nós podemos presumir da sua existencia *a priori* pelos seguintes factos.

1.° O successivo desenvolvimento das faculdades. Se notamos a ausencia de certa faculdade em certa idade, e ao mesmo tempo houver pequeno desenvolvimento de certa parte do cerebro; e se depois aquella faculdade se desenvolver, e simultaneamente acontecer o mesmo á parte do cerebro que lhe corresponder; teremos já um argumento a favor da nossa opinião.

2.° A differença d'aptidões inculca differenças d'orgãos. Os homens varião em aptidões, inclinações etc. Assim obteremos um segundo argumento mostrando que existe uma relação constante entre as nossas tendencias, inclinações etc. e entre o desenvolvimento de certas partes do cerebro. Das molestias do cerebro tambem tiramos algum argumento. Desta sorte avançamos um passo se podemos descobrir uma affecção parcial de cerebro corrrespondente a uma lesão parcial d'instinctos, sentimentos, ou intelligencia. Todavia este diagnostico é summamente difficil, e muito mais do que os phrenologistas podem suppor.

A este respeito sempre farei uma observação, para responder antecipadamente a certas objecções que talvez neste mesmo momento sòem a vossos ouvidos; e vem a ser — que quando se chega a perder a razão,

por qualquer motivo que seja, cada orgão recobra a sua acção predominante; um orgão até ali reprimido por innumeraveis considerações, e particularmente pela razão, adquire a preponderancia proporcional ao seu volume, logo que se levanta o jugo que o opprime. Costuma-se reputar então este orgão mais doente do que os outros, quando elle não está senão mais desenvolvido. Já verifiquei este facto em hospitaes de doudos. A cauza d'alienação mental nem sempre corresponde á cauza da predominante aberração. Isto depende da circunstancia de ter sido retido o orgão desarranjado em estado de saude dentro dos devidos limites por força da reflexão; assim mesmo de vez em quando elle faz alguns exforços por se manifestar. Isto acontece constantemente na vida commum; as nossas propensões são descobertas pelas paixões; assim um homem cruel que dissimula o seu vicio, mostra o que é, n'um momento de colera ou d'embriaguez; outro que tem podido occultar a sua perfidia, denuncia-se n'um momento de delirio, ou mesmo quando o *amor proprio* offendido excita o seu ressentimento. E' portanto extremamente difficil sustentar a doutrina phrenologica com provas deduzidas da molestia d'um só orgão, porque a lesão raras vezes se limita só a um sitio, e os seus effeitos sendo sentidos em todo o orgão, a especie d'aberração será determinada pelos orgãos mais bem desenvolvidos, que não costumão ser os mais doentes. Comtudo a monomania explica-se facilmente quando ella corresponde ao orgão predominante no cerebro.

A dissecção anatomica nunca poderá revelar a existencia de taes orgãos; mas esta objecção cahe na presença das observações positivas. Que tereis vós que dizer vendo uma cáveira, como esta d'um idiota de nascença? Ella apenas differe d'um rudimento de cabeça d'uma criança acephala. E não será isto prova sufficiente de que a intelligencia depende da porção anterior do cerebro? Mas vós podereis dizer-me: " Mostrae a presença das faculdades intellectuaes nessa porção de cerebro. „ Eu já respondo: " Vós não sois capazes de seguir o movimento da sciencia; porque o scalpello e o microscopio não os unicos meios que nós possuimos para augmentar os nossos conhecimentos. Muitas vezes é

a inducção que nos guia, e não é pouco concluir que uma faculdade depende d'um orgão, quando se vê que a auzencia do orgão traz sempre comsigo a falta da faculdade. ,, Nada ha mais evidente do que isto, e com tudo não foi a dissecção que no-lo ensinou. Combe judiciosamente notou qua a observação de si mesmo, ou por outra o methodo psychologico d'exame do individuo, nunca pode conduzir á descoberta dos nossos orgãos; mas eu não insistirei mais sobre este ponto, que já vos repeti.

O craneo amolda-se á forma do cerebro; isto é um facto positivo. Aqui tendes uma cáveira que vos dará exemplo. Vós sabeis como os ossos do craneo cedem apezar da sua solidez, elles seguem as varias modificações do cerebro mesmo na idade adulta. Os adversarios da phrenologia frequentemente citão a depressão da lamina interna do craneo, ou de todo elle em certas molestias, no idiostismo; e velhice; depressão que, segundo elles dizem, nos não deixa avaliar exactamente os orgãos contidos. Observae porém, que a differença de volume que esta causa produz, é muito consideravel; isto já se calculou, e vio-se que o maximum era d'uma oitava ou nona porte d'uma pollegada; em quanto que a differença natural de volume entre certos orgãos sobe varias vezes a mais de pollegada. Comparae com effeito estas cabeças d'assassinos e idiotas, com os craneos do General Foy, ou com o de Bagnol Director da companhia das Indias, homem cuja probidade e alta intelligencia constantemente se cita como modelo. Nesta comparação achareis com que vos convencer, se não fordes scepticos ou pyrrhonicos. A objecção tirada da perjecção dos seios frontaes em certas pessoas, tambem é de pouco pezo. Estes seios não se achão completamente desenvolvidos antes de avançada idade. Alem disso o Snr. Dumontier observa que a projecção dos seios frontaes pode ser conhecida, tirando uma linha do ponto do osso frontal em que começa a projecção, e dirigindo-a para baixo até á sobrancelha; da parte de cima, e de fóra desta linha é que ficará a pequena projecção formada pelos seios. Combe notou que a sua parede interna nunca era deprimida, o que augmenta consideravelmente a exactidão do methodo do phrenologista parisiense.

Estas poucas e mesquinhas objeções em nada enfraquecem a massa de provas sobre que a phrenologia se funda. Quando vós vedes uma grande massa prominente na superficie da cabeça, ainda vos resta decidir se é um estado meramente physiologico; porque se a hypertrophia for morbida, a intelligencia dessa pessoa estará pouco benificiada pelo geral ou parcial volume da sua cabeça. A faculdade de manifestação é proporcional ao volume de cada orgão. Muito se tem insistido no volume, mas na minha opinião, a energia ou actividade ainda não mereceu a devida attenção da parte dos phrenologistas. Eu creio que nas fibras do cerebro ha tal ou qual movimento, que é dés vezes mais activo nas pessoas dotadas de grande energia d'espirito, ou soffrem alguma irritação, do que naquellas que estão em circunstancias oppostas. Ora a differença do movimento deve dar differença de resultados, alem das diversidades de volume; e daqui vem a razão porque nós achamos tão grande differença entre as faculdades intellectuaes de duas pessoas, cujas cabeças são quasi do mesmo tamanho. E na verdade quando a cabeça chegou a um certo gráo de desenvolvimento, as suas faculdades podem-se manifestar com pasmoso gráo d'energia. Abaixo do gráo necessario de desenvolvimento, não é possivel que as faculdades sejão um pouco eminentes. Vós nunca chegareis a fazer um homen scientifico, ou um eminente politico da pessoa e quem este craneo pertencia — um infeliz idiota, apenas capaz de pronunciar algumas palavras, depravado em summo gráo, e privado da reflexão. Mas depois que a cabeça chegou a certo volume, se existir um concurso d'orgãos dirigidos para um fim d'utilidade na ordem social, e estes orgãos tiverem o conveniente exercicio, e ao mesmo tempo forem dotados de consideravel actividade, semelhante cabeça, ainda que de mediocre volume poderá dominar cabeças menos activas, e dotadas de menos energia, ainda que mais volumosas sejão. Estas particularidades porem serão melhor entendidas quando considerarmos cada orgão de per si.

O resumo do que tenho dito é o seguinte — As faculdades são multiplas, e não singulares; e o seu instrumento é o cerebro. O cerebro e cerebello são or-

gãos duplos; não se pode descobrir nenhum orgão central, nem realmente existe. Esta era a maior objecção que se fazia ao systema de Gall. Elle não cuidou em lhe responder, ou não quiz. Eu serei mais franco, ou talvez mais ousado; responderei que a existencia d'um orgão central é impossivel; um orgão central que vigiasse e dominasse os restantes, não seria mais do que a repetição das varias theorias que eu ja enumerei nas lições antecedentes; não ha pois orgão algum central, mas sim uma concordancia entre os differentes orgãos que produz a somma daquellas acções que assegurão a vida individual e a reproducção. Alguns escritores comtudo dizem que o sentimento do *eu*, ou da individualidade, faz presumir a existencia d'algum orgão central que regule todas as acções do homem moral. Porem isto é um erro qne provem de falta d'observação; por moral entende a maior parte dos philosophos a intelligencia, os sentimentos, e uma porção dos instinctos; ora estes ultimos começão a sua acção muito antes que exista o sentimento d'individualidade, tanto no embryão como nas crianças. Estas ultimas pouca ou nenhuma idéa tem do *eu* quando nellas se manifestão os primeiros sentimentos; e a percepção dos corpos externos occorre muito antes da idéa abstracta do *eu*. A criança percebe corpos, sente impulsos instinctivos, amor, alegria, receio &c, e obra debaixo da influencia destes sentimentos, sem nem uma vez dizer a si mesmo. " Estes corpos não são EU; *ou* EU não sou os corpos que percebo ". A idéa abstracta da individualidade vem com o progresso do entendimento, e nunca é bem distincta no idiota de nascença, ao qual falta a faculdade reflectiva, apezar de elle ter percepções de sentimentos, de instinctos, e de perceber tambem os seus proprios orgãos.

Alguem sustentou na Academia de medicina que a idéa do *eu* destruia a pluralidade d'orgãos; mas os factos que tenho mencionado provão o absurdo de semelhante asserção. A percepção de nossa propria existencia tem lugar da mesma maneira, e debaixo das mesmas leis, que a percepção da existencia d'um estranho. A criança percebe o seu corpo por meio dos seus sentidos, e esta percepção levada ao cerebro pro-

duz a sensação, ou antes a consciencia da individualidade. Eu desafio qualquer para que me mostre um individuo privado de seus sentidos, e que se possa distinguir a si do resto da natureza. A criança não diz naturalmente *eu* quando começa a reflectir na percepção de *si*; ella designa-se *a si*, do mesmo modo que designa os outros, sempre na terceira pessoa, ou pelo seu nome; quando se lhe falla por *tu*, ella repete; e so a muito custo, á força de observar os outros, é que chega a comprehender que o vocabulo *eu* designa o seu individuo, que ja d'ha muito tempo ella percebia.

Assim, nós não podemos admittir a idéa d'algum orgão particular central, e a percepção de nós mesmos é bazeada na percepção sensitiva em geral. Esta percepção, assim como todo o resto, é um facto primitivo, não explicado ate aqui, inexplicavel para o futuro, e que nada tem com os outros phenomenos da acção cerebral, nem os esclarece.

A massa cerebral a que pertence o *eu*, e a que preside á reflexão, é a região superior e anterior que corresponde á testa, admittindo sempre que ella é auxiliada pela porção inferior que opera as percepções dos corpos. Mas dar ao *eu* um orgão particular nesta região, não me parece que seja couza possivel. Os animaes inferiores são privados do sentimento pessoal; e os que se aproximão da nossa especie gozão-no quando possuem todas as suas faculdades, posto que o não possão exprimir, porque este acto requer orgãos que elles não tem. Elles nunca se confundem com outros entes; n'uma palavra, cada animal que percebe os outros corpos, tambem se percebe a si mesmo, porque uma couza involve a outra; mas ha differenças muito consideraveis nas reflexões que lhe suggere a percepção de *si*; e estas differenças dependem do desenvolvimento dos orgãos da comparação, do juizo, e da causalidade.

Agora ja é tempo de vos dar os caracteres d'uma faculdade. Elles tem sido engenhosamente enumerados até sete. Uma faculdade é considerada primitiva:

1.° Quando ella existe n'uma especie d'animaes, e não existe em outra.

2.° Quando varia conforme o sexo na mesma especie.

3.° Quando não está em proporção com as outras faculdades do mesmo individuo.

4.° Quando apparece, ou desapparece muito cedo, ou mais tarde do que as outras faculdades.

6.° Quando se pode transmittir de pae a filho.

7.° e ultimo: Quando ella pode conservar separadaramente o seu estado proprio de saude ou molestia.

Eisaqui como os phrenologistas expõem a sua idéa d'um orgão. E' será isto completamente satisfactorio? Não vos direi que sigo absolutamente esta divisão: mas explicar-me-hei melhor quando fallar de cada orgão em particular. E' difficultoso dar uma definição da palavra *faculdade* que possa agradar a todos; vós agora vedes que principalmente se tem insistido nos actos muito notaveis que parecem determinados por uma porção do cerebro para estabelecer as faculdades; mas tambem deveis notar que isto não é inamovivel, porque se lhe tem feito mudanças; n'uma palavra é uma concepção abstracta a que designa o vocabulo *faculdade*, uma couza intellectual, difficil de determinar. Todavia os caracteres que vimos de designar são outros pontos de grande valor, que eu recommendo á vossa attenção: vós os achareis no *Manual* de Combe, do qual eu os extrahi, porque é necessario estar bem ao facto do estado actual da doutrina phrenologica, para a poder bem tratar.

Estatistica Commercial

do

REINO DE PORTUGAL.

Tivemos a fortuna d'alcançar os quadros statisticos do commercio portuguez, começando desde o anno de 1825. Factos desta natureza são mui pouco conhecidos entre nós; e parece mesmo que se lhes não dá a importancia, que elles realmente merecem: alem do que achamos na Estatistica de Balbi, mui pouco mais se tem exposto á attenção publica, e offerecido á meditação dos entendedores, e daquelles que podem subministrar ao Governo lembranças, que aproveitadas podem muito influir na prosperidade publica. A Estatistica, é por assim dizer o braço direito da Economia politica; sobre os factos que aquella fornece, é que esta tem d'assentar os seus dictames; d'uma e d'outra mais que muito carecem nossos Representantes para bem poderem preencher a honrosa missão que lhes confiou a patria: entende-nos pois que faremos grande serviço aos interesses nacionaes com a publicação dos quadros statisticos de nosso Commercio. Será facil fazer o termo de comparação entre a especificação destes, e a dos que publicou o erudito Balbi.

Faremos as observações que nos parecerem mais proprias para excitar a curiosidade, e attenção daquelles que se dedicão a este ramo d'instrucção, cuja applicação redunda em immediato proveito da prosperidade nacional; é mais que tempo de começar a cuidar dos interesses vitaes de que exclusivamente depende a questão da *nossa independencia*, de ser, ou de não ser nação: é tempo de dar a nossas colonias aquella importancia que nossa propria utilidade reclama, e porque a humanidade mui alto brada ha muito! Os portuguezes d'Africa são tambem portuguezes. Mui pouca attenção se ha prestado a alguns valiosos escriptos que sobre este as-

sumpto possuimos. Ha nos Diarios das primeiras Cortes Constituintes um importantissimo relatorio á cerca das nossas possessões africanas; mas lá se acha enterrado, a ninguem importou mais; de lá o desenterraremos, e de novo o apresentaremos ao publico; com elle bradaremos aos Representantes da Nação, e com o que escreveu o eruditissimo autor da Memoria Estatistica sobre os Dominios Portuguezes na Africa Oriental; mui relevante serviço fez á sua patria o Ex.mo Snr. Sebastião Xavier Botelho; e grande vantagem seria se possuissemos trabalho igual a respeito da Africa Occidental: ainda que mui digna d'attenção, fica mui longe da importancia daquella obra singular o escripto, que com o titulo de Memorias contendo a biografia de Vice-Almirante Luiz da Motta Feo e Torres, a historia dos Governadores, e Capitães Generaes d'Angola desde 1575 até 1825, e a descripção geografica e politica do Reino d'Angola e Benguella, publicou em Paris seu filho J.C. Feo no anno de 1825. Porem vamos-nos alongando do objecto a que por ora nos circumscrevemos: esperamos que nossos eruditos leitores nos não censurarão por causa desta publicação.

E para que elles conheção a authenticidade dos Quadros que apresentamos, devemos fazel-os scientes, que forão copiados do Balanço do Commercio, documento official que foi do archivo da extincta Camara dos Pares, cujo Balanço se acha em dous volumes in folio, e de que tivemos a fortuna de ter uma copia fidedigna: reportamos-nos pois inteiramente a aquelle documento official; do qual continuaremos a fazer extractos exactos, que temos para nós serem de summo interesse.

Observaçoens.

A primeira couza que se offerece á nossa attenção é a comparação da importação de Inglaterra para Portugal, e a exportação deste para aquelle reino;

O total da importação é	6.945:039$655
O total da exportação é	6.812:676$171
Balanço	132:413$484

Segundo a forma ordinaria d'argumentar o balanço foi contra Portugal de 132:413$484.

E se compararmos a importação, e exportação entre Portugal e Suecia, por exemplo, teremos;

Total da importação	345:025$220
Total da exportação	113:209$540
Balanço	231:815$680

Acharemos que o balanço foi contra

Portugal de	231:815$680
o d'Inglaterra foi	132:413$484
Differença ...	99:402$196

Isto é, o commercio com a Suecia foi mais prejudicial que o d'Inglaterra ... ... 99:402$196 differença notavel, attentas as prodigiozas sommas que constituem o commercio entre Inglaterra e Portugal, e as insignificantes entre Suecia e o mesmo Portugal.

Esta observação é fecundissima em resultados.

1.º Que nos trouxe a Inglaterra? o quadro o diz; — grande porção de valor em mantimentos, em cuja denominação entra particularmente o bacalháo e a manteiga; a maior porção é de tecidos d'algudão; paremos aqui. Que o valor dos tecidos d'algudão se não consumiu em Portugal é couza mui geralmente sabida, e o quadro mesmo o indica, pois que na linha de Castella, e na columna dos generos de fora do reino re-

exportados achamos o valor de 1.069:981$050 rs., que não pode corresponder a outro artigo senão ao de tecidos d'algudão; e apezar de que esta cifra é ja de bastante importancia, podemos affoutamente asseverar que ella é diminuta; cazas de commercio conhecemos nós que terão reexportado só á sua parte ametade deste valor. Fazendo a deducção deste valor daquelle que lhe corresponde no quadro de importação, isto é de 2:786.410$462 rs. resta 1.716:429$312 rs., que seria o valor destes tecidos consumidos em Portugal; e dado que na verdade seja grande este consumo, temos fundados motivos para crer que não é tanto; ora concedendo que para Hespanha fosse *unicamente* a ametade daquella verba, ou 1.393.205$181, a differença entre esta, e a que vem designada no quadro da exportação, que é certamente diminuta, porque muito mais sahiu por contrábando sem passar pelas alfandegas de terra; esta differença, dizemos, salda com muita vantagem os 132.413$484 rs., que o balanço de Commercio de Inglaterra dá contra Portugal.

2.° Que nos levou a Inglaterra? Só em productos do reino foi a enorme somma de 6:098:133$620 !! Qual é a nação que no quadro deste anno nos levou tão avultado valor em generos de producção indigena? E que generos forão estes? ..... Vinho ..... vinho ... ... vinho ..... frutas, e algum sal.

Sem passar ávante sahe logo por conclusão necessaria; 1.° que a *unica nação* com quem podemos commerciar, com quem devemos commerciar, que deve merecer nossa mais peculiar attenção para o commercio, sem cujo commercio ficariamos no ultimo gráo d'indigencia, é a Inglaterra; 2.° que este commercio reciproco interessa a ambas as nações. Como será possivel que ainda ouçamos proferir a barbarissimo absurdo de que não carecemos da Inglaterra para commerciar? Carecemos certamente, e á Inglaterra tambem faz conta o nosso commercio, tambem ella delle carece, por que nem Inglaterra exportaria para Portugal valor de mais de 17 milhões de crusados, nem Portugal exportaria para Inglaterra quasi o mesmo valor, segundo o quadro; devendo notar-se que esta exportação é principalmente constituida de Vinho, — producção portugueza, unica que ain-

da podemos exportar; e que da quantia importada, mais grande porção, talvez a maxima, foi em tecidos d'algudão, que passárão para Hespanha, cujo valor entrou em Portugal, e deve por tanto ser deduzido daquelles 17 milhões, deixando em vantagem do Thesouro nacional — grande somma de direitos nas alfandegas; — e em vantagem do commercio, as commissões, — armasenagens, — conducções, &c.! E será isto desvantajozo!

3.º Que nos mandou a Suecia? — Metaes (ferro quasi exclusivamente) e algumas madeiras de Flandres. E que nos levou? 112:640$590 em productos do reino, que são vinhos, e sal. Ora que comparação tem esta limitadissima quantia com a que na mesma columna se vê tocar á Inglaterra? Muito mais podemos nós passar sem o ferro e madeiras de Suecia, que sem os tecidos d'algudão d'Inglaterra, donde tambem nos pode vir o ferro, posto que não tão bom como o Suéco, já que o não mineramos em Portugal. E fallámos expressamente em tecidos d'algudão, por se fabricarem alguns em nosso paiz; mas, quando é que os nossos fabricantes poderão competir em gosto, variedade, qualidade, e preço com os fabricantes inglezes? Quando, responderão certos Economistas, as fazendas inglezas d'algudão forem prohibidas; — quando nossos fabricantes as hajão de vender *pelo preço que quizerem*, e *da qualidade que quizerem*! Santo Deus! Que é o que nós vemos? fallemos claro; que é o que vemos agora, em que por effeito das pautas os fabricantes tem a maxima protecção, e o *consumidor nenhuma*? vêmos cada vez mais atrasamento no fabríco; os fabricantes com tanta, e tão desproporcional protecção não montão as suas fabricas com maquinas novas, que já são, ha muito, velhas em Inglaterra, não curão de aperfeiçoar ss suas manufacturas, muito ao contrario vão de mal a peor, e por mais alto preço; certos da venda desses máus e ordinarios tecidos que fazem, não se importão com o adiantamento da industria; — retrogradão. —

Em alguns artigos havemos na verdade adquirido alguma perfeição, e por certo em pouco tempo mais não teremos necessidade de outros similhantes estrangeiros; taes são por exemplo os artefactos de vidro;

muito se tem adiantado as fabricas de Lisboa, e no pouco tempo que a de Paço de Rei junto desta Cidade, tem d'existencia, seus progressos são mui grandes; é muito d'esperar que, caminhando nesta progressão, em breve tenha adquirido grande aperfeiçoamento; recommendamos a seus directores que trabalhem por fazer seu vidro um pouco menos fragil, principalmente nas mudanças de temperatura, por que elle tenha de passar.

E que poderiamos nós dizer a respeito do papel? para outra occasião reservamos fallar deste assumpto.

Não fallamos de lanificios, por que hoje em dia não temos uma só fabrica, que neste ramo se empregue, se exceptuarmos as *Saragoças;* a este respeito mesmo muito e muito ha que dizer.

Continuaremos a offerecer a nossos Leitores os corollarios que nos suscitão estes quadros; e muito desejariamos que alguem nos ajudasse, ou corrigisse nossas idéas, filhas da boa fé, e do puro amor da patria: pode ser que erremos, mas esta é nossa convicção; e reformaremos nossas opiniões quando nos convencerem.

Publicações Litterarias.

QUADROS HISTORICOS DE PORTUGAL.

POR

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO.

A Historia Portugueza tem sido tractada por muitos e mui graves escriptores. Este vasto campo de gloria, de façanhas, de triumphos e de feitos generosos, onde o amor da patria era o primeiro sentimento do coração, e a moral o principal pasto do povo; este campo em torno do qual se descobrem arrimados os monarchas que só tiverão a peito a felicidade publica, os nobres valorosos sempre fieis á patria e ao soberano, os varões que concorrêrão com suas virtudes e talentos para a prosperidade geral e engrandecimento da patria; este campo vae ser novamente roteado por um Portuguez, que em talento e amor da patria não cede aos que mais assomão no circuito dessa campina. Até hoje não havia apparecido em Portugal producção alguma tendente a perpetuar os fastos nacionaes, que juntasse a um estilo grave e conceituoso, a belleza, luxo e riqueza d'edição. Estava reservado ao Snr Castilho mimosear os amadores da gloria nacional e das antiguidades patrias com a descripção d'alguns actos historicos, illustrados com paineis analogos; entre os quaes difficil é extremar onde se torna mais viva a pintura, se no esboço do author, ou no quadro do artista. Esta empreza não pode deixar de ser animada, não só por todos os litteratos Portuguezes, mas por quaesquer paes de familia que

dezejem alimentar o espirito de seus filhos com as iguarias d'uma leitura instructiva, util e moral.

Nada ha que mais fortemente possa fallar á imaginação da mocidade do que os elogios historicos dos nossos antepassados, traçados com força e energia, e avivados e illustrados por muí habies artistas. O primeiro quadro com que não mimoseou o Snr. Castilho foi um esboço do reinado de D. Affonso Henriques, rematando por a reunião das côrtes de Lamego, onde os Portuguezes proclamárão a sua independencia. O Snr. Castilho percorre rapidamente todos os factos principaes desse heroico reinado; eleva-nos sobre elles bem como a aguia que do seu alto vôo descobre os edificios mais nobres d'uma cidade; e depois de no-los indicar a todos desce rapidamente a pousar nas Côrtes de Lamego, objecto da primeira estampa.

Foi a sua execução encarregada ao Snr. A. M. Fonseca, artista d'um raro merecimento e bem conhecido por suas primorosas producções, não só em Portugal, mas em Roma, onde tivemos o gosto de presencear a sua assiduidade, o seu amor ao trabalho, e as suas bellas producções, bem como a consideração que lhe davão os Landis e os Camucinis, primeiros pintores dos nossos dias. O quadro do Snr. Fonseca é vivo e pathetico como o objcto que representa. Na Igreja de Santa Maria d'Almacave se veem reunidos os tres braços do estado, separados entre si como era usança; e ali depois de fazerem leis porque á terra de Portugal se lograsse em boa paz, perguntou o procurador d'ElRei Lourenço Viegas, se querião que ElRei fosse ás côrtes de Leão, ou lhe desse tributo, ou a alguma outra pessoa, tirando o Snr. Papa que o confirmou no Reino? Ao que todos se levantárão, e tendo as espadas nuas, postos em pé disserão „ Nós somos livres, nosso rei é li-
„ vre, só nossas mãos nos libertárão, e o senhor que
„ tal consentir morra, e se fôr rei não reine. „

Tal é a acção do quadro. No centro se vê em pé no throno ElRei D. Affonso, com a espada nua e corôa na cabeça, no acto de dizer. „ Quanto hei lidado
„ por vossas liberdade, assas o sabeis vós. Por testemu-
„ nhas vos tomo, e tambem a este meu braço e es-

„ pada; se alguem em tal consentir, morra pelo mesmo „ caso, e a ser filho ou neto meu não reine. „ A figura de D. Affonso é magestosa e cheia de dignidade; sentimos porém que o artista o representasse muito mais velho do que na realidade era. As côrtes de Lamego forão celebradas, segundo as melhores auctoridades, em 1149; e havendo D. Affonso nascido em 1106, ou conforme a opinião fundamentada de Frei Antonio Brandão de 1106, a 1110, claro está que em 1143 não podia ter mais de 37 annos. Porém a estampa representa D. Affonso ser um ancião de mui avançada idade. Mas este leve defeito fica offuscado por muitas e grandes bellezas. O dezenho do Snr. Fonseca é dotado d'uma animação pouco commum, e talvez nova nas producções dos nossos artistas. A graciosa distribuição com que os grupos são formados, a graça e naturalidade das roupas, a vida e exaltação de cada uma das physionomias, trasbordando d'altivez e d'amor da patria, e emfim a sua bem concebida composição, lanção sobre este painel um merecimento real, e nos obriga a tributar ao Snr. Fonseca os mais sinceros elogios, esperando do seu talento que nos brindará com iguaes producções do seu genio.

Com o titulo *de Reflexões sobre a discussão de Cortes que produzio a lei, que restabeleceu a Companhia dos vinhos do Alto-Douro*, chegou hoje ás nossas mãos um folheto de 46 paginas, assignado pelo Ex-Deputado Caetano Xavier Pereira Brandão. Se em estilo jocoso, e faceto quizessemos fazer a analyse deste opusculo, é mui provavel que podessemos mover em nossos leitores tanta *alacridade*, como por ventura movêrão nos ouvintes os discursos do illustre Ex-Deputado. Neste opusculo o o A. vê as couzas como ellas lhe parecem, e não como ellas são: tira consequencias que se não encerrão nos principios d'Economia politica, e que delles por uma boa logica se não podem dedusir; segue a dialectica do *non causa pro causa*, do *post hoc ergo propter hoc*, que, na verdade, nem é a mais concludente, nem é por certo a mais sensata. Este opusculo, dictado, ao que nos

parece, pelo espirito de partido, publicado, e distribuido *nas vesperas das eleições*, deve ter-se como *um escripto de circumstancias*, para ser espalhado no districto em que o A. habita, pertencente ao districto vinhateiro da Bairrada; e parece ter por unico intento indusir os proprietarios, para que hajão de o tornar a escolher para seu representante, como defensor de seus interesses, de nenhum modo lesados com o restabelecimento da Companhia dos Vinhos: este parece ser o espirito com que aquelle opusculo foi escripto, e *não outro.*

As doutrinas enunciadas nos artigos d'Economia Politica publicados na *Revista Estrangeira*, são aquellas que professão os Patriarcas da sciencia, as que se achão consignadas nos auctores mais acreditados, e de que parece o A. quer esquecer-se; não são *bravatas das Revistas Estrangeiras* (nota do A. a pag. 8) são o resultado do bom senso, confirmado pela experiencia, que o A. desfigura, ou de que deduz consequencias pouco verdadeiras.

Fallando das Pautas, diz o A. na citada nota; — " Uns dizião e prognosticavão, que a sua execução faria diminuir consideravelmente os rendimentos publicos, e outros que ellas forçavão o povo a pagar por avultados preços as couzas que não possuimos, nem teremos. " — E apezar dos algarismos com que nessa nota quer provar o contrario, o A. fica unicamente nos algarismos, e não vê mais uma polegada adiante delles, ou não quer vêr, porque a couza é tão clara que até um cego *a vê*, ou pelo menos apalpa. Que importa dizer, que nos mappas do Thesouro se vê, que o rendimento das Alfandegas de Lisboa e Porto, no ultimo semestre do anno passado, foi o daquella 800,635$127, e o desta (dedusidos os depositos e tomadias) de 637,743$199? (*contos* diz o A., entendemos que quiz dizer *reis*). " &c. Acaso mencionou o A. a despeza da fiscalisação? e quem não vê, que esta sendo muitissimas vezes superior ao que era, faz um grande desfalque no rendimento? acazo não será desgraçadamente verdade que todos os generos sujeitos ás pautas tem subido consideravelmente de preço, á custa do pobre consumidor, que é toda a nação, sem que até agora o maior numero desses generos haja sido fabricado em nossas fa-

bricas, que apezar das pautas, nem assim mesmo podem competir (como é natural, e como é demonstrado pela experiencia, e pela razão da Economia Politica da Revista, que é a de todos os bons AA.) com esses generos estrangeiros? por fim não vê que a importação desses generos é muito e muito menor, como consequencia necessaria do augmento dos direitos, figurando na receita maior somma de direitos, percebida em menor quantidade de generos importados; — e tambem não vê, que sendo principio incontroverso, que *para comprar é preciso vender*, isto é, que productos não se comprão senão com productos, — que os estrangeiros para nos venderem seus productos é preciso que nos comprem os nossos, *porque o dinheiro não nasce*; e que mandando-nos poucos porque se consomem pouco, em razão do maior preço a que são elevados para o consumidor por causa das pautas, tambem nos hão-de levar pouco, segue-se forçosamente, que os nossos productos nacionaes, aquelles que erão consumidos pelos estrangeiros, hão-de *regurgitar* e *estancar* em nossos depositos, e que *esses estrangeiros*, que até agora vinhão procurar a nossa caza o genero, que por sua qualidade os attrahia, daqui por diante se habituarão a passar sem elle, e o irão procurar aonde o tenhão em troca de seus productos: eis-aqui a razão principal de empate do vinho do Douro, e dos outros vinhos do nosso paiz; digo *principal*, porque ainda ha outras que *não queremos* agora designar, e entre estas mencionaremos a penas o contrabando das aguas-ardentes, e que o digão as praias d'Aveiro, Villa de Conde, &c. &c. para que nos não ataquem, ainda que injustamente com as mesmas armas com que estamos combatendo o A. das *Reflexões*. Isto é que é verdadeiramente logico.

Com a mesma dialectica, e artificio (miseravel na verdade) escreve o A. na nota a pag. 11 — " Do que se vê tambem, como são falsos alguns principios, e a conclusão tirada na Revista Estrangeira de Novembro a fl. 175 — " *Este principio quer, que em Portugal se cultive o vinho, o trigo em Polonia, e nos Estados-Unidos; os tecidos d'algodão em Inglaterra, e os de seda, e as quinquilharias em França.* " — Este principio é a *natureza das couzas*, cuja força *omnipotente* parece ser desconhecida

pelo A. das reflexões. — Todas as Nações tem uma industria especial, e como privativa, que não pode ser disputada pelas outras, provenha ella de sua situação geografica, ou corografica, ou de sua legislação, ou de seus habitos, ou de circumstancias peculiares, e circumscriptas; este principio é que faz, que Portugal seja Nação mui propria para a cultura dos mais especiaes vinhos; que a Polonia seja mais apta para a cultura do trigo, etc. etc: quererá isto dizer que não cultivemos o trigo em Portugal! .. santo Deos! Quer dizer que Portugal não pode aspirar a cultivar trigo como principal objecto de sua exportação, porque hade achar em concurrencia no mercado estrangeiro *trigo melhor*, *e mais barato* do que o que pode lá levar. Aquelle principio — *a natureza das cousas*, e *a differença* natural das producções nos differentes paizes, — é que constitue a causa e origem do *Commercio*, e é tambem o principio motor da civilisação universal e internacional. O A. parece desconhecer a sua força ou affecta força para combater a propria lei da natureza!

Por esta simples exposição verá o leitor imparcial de que parte está a razão, e quem é que escreve movido pelo espirito do partido. Podéramos levar mais longe a nossa rapida analyse; basta por ora. O opusculo formigueja em innumeros erros, e até absurdos; não tem outro fim senão fascinar o espirito dos proprietarios da Bairrada. Em tempo competente emittiremos as nossas idéas a respeito da Companhia dos vinhos, cujo restabelecimento em nosso humilde pensamento não remediaria o mal, nem é preenchido com o ultimo Decreto das Cortes, nem com o que presuppõe que se lhe ha-de seguir: os interesses dos proprietarios da Bairrada, são como os do Douro, *vender a sua producção*: aquella Companhia em nada ataca os interesses dos proprietarios da Bairrada, que em verdade muito mais tem invadido os interesses dos lavradores do Douro; combinar estes interesses de modo que se não collidão é o que ensina a Economia-Politica; os seus dictames *modificados pelo poder das circumstancias*, a que são sempre subordinadas todas as theorias, como havemos dito no nosso artigo da *liberdade do commercio*, inserto na Revista Estrangeira do mez de Abril do corrente anno, é que hão-de regular a maneira de

combinar os interesses d'uns e d'outros, e formar o verdadeiro interesse nacional; porque este não consiste *no beneficio d'uns á custa dos outros*; no interesse dos lavradores da Bairrada á custa dos interesses dos lavradores do Douro, e *reciprocamente*; do interesse de poucos fabricantes, e monopolistas á custa de milhões de consumidores. A respeito das Pautas recommendamos ao A. já que leu o voto especial *de Claudio Adriano da Costa*, o medite com seria attenção; e mais lhe lembramos que não é *com doestos que os litteratos combatem*, é com os principios scientificos, com a *linguagem litteraria*, que é a da civilidade; e porque nem nos temos por infalliveis, nem nos julgamos possuidores de sobra de conhecimentos scientificos (ainda mal) não temos duvida em reformar nossas opiniões quando com melhores rasões nos convencerem; nem a vaidade, ou presumpção nos abafa, nem o espirito de partido nos domina, ou guia nossa penna: por ora é a nossa convicção fundadada na razão, na experiencia, e na indagação da natureza das couzas.

Miscellanea.

CAMÕES e CERVANTES,

PARALLELO HISTORICO.

Não ha sem duvida na Europa duas nações limitrophes que menos tracto tenhão entre si, que menos se conheção, que menos se comprehendão do que as duas que formão a Peninsula Iberica. Verdade é que as cortes de Lisboa e Madrid tem formado estreitas relações de sangue, tiverão principio no berço da nossa monarchia e se tem renovado até aos nossos dias; é igualmente sabido que os destinos politicos dos dous Estados de tal sorte estão ligados entre si, que passa por mutuo arremedo servil o que não é por ventura senão uma rigorosa deducção logica dos acontecimentos. Existem alem disso tractados de paz e amizade celebrados quando já não é possivel continuar a guerra, e de commercio reciproco que nunca se fez senão por contrabando. Estas são as relações de Estado, que todas se podem entabolar com a nação mais longinqua do globo; porem as relações de homem para homem, de visinho para visinho, de Portuguez para Castelhano, dessas se póde dizer com afouteza que *actualmente* não existem. E' este um facto na historia da civilisação hespanhola ja observado por varios viajantes e historiadores modernos. Preconceitos nacionaes originados em a natural rivalidade de visinhos, e fortalecidos em longas e sanguinosas guerras, lançárão entre as duas nações, ambas de um caracter orgulhoso e consideravelmente

desconfiado, os primeiros fundamentos desta barreira, que a inepcia dos governos, e a apathia em que de seguida forão cahindo o commercio, a agricultura, a litteratura e as artes nos dous paizes, foi elevando e fazendo cada vez mais espessa. E quem sabe o tempo que será preciso para demolir esta colossal obra das trevas! O Portuguez não carece estudar a lingua do Castelhano para se communicarem, elles tem a mesma religião, pouca differença nos costumes, e são apenas separados por uma linha geographica. Porem, com todos esses pontos de contacto nós conhecemos menos o Hespanhol, seus usos e costumes, sua litteratura, sua geographia, sua propria historia, isto é, metade da nossa, do que conhecemos o Francez e o Inglez com sua historia e litteratura, usos e costumes. Não será para causar admiração a um espirito observador o ver que nas lojas dos nossos livreiros, e na maxima parte das estantes dos nossos litteratos se não encontrão Garcilaso, Lope de Vega, Calderon, Cervantes; ao passo que é familiar a leitura de Corneille e Racine, de Milton e Shakspeare, e mesmo não pouco lidas as producções de Schiller e Goethe? Contemos os Hespanhoes que vem estabelecer-se entre nós, os navios que vem ancorar em nossos portos, os viajantes que atravessão as nossas fronteiras; ou façamos o calculo pelo inverso, e acharemos uma espantosa disproporção comparando o resultado com o Inglez, com o Francez, com o Alemão e ainda com o Italiano.

Estas reflexões faziamos depois de ter lido com summo prazer a vida de Cervantes escripta por Navarrete, maravilhados de ver que a semelhança de physionomia das duas nações se reproduzia, ainda em leves circumstancias, na fortuna dos dous illustres caracteres, que ha mais de dous seculos empunhão nos seus respectivos paizes o sceptro litterario, Cremos dar gosto aos nossos leitores apresentando-lhes o seguinte parallelo como uma curiosidade de historia litteraria.

I.

Camões descende de uma illustre e antiga familia da Galliza, chamada *Camoa*.

Cervantes procede igualmente de uma antiquissima e nobre caza da mesma provincia, conhecida pelo apellido de *Cervatos*.

2.

O nome de *Camões* é corrupção de *Camon*, castello na Galliza, e solar da caza dos antigos Camões.

Cervantes é tambem corrupção de S. Servando, castello pertencente á familia do autor de D. Quixote.

3.

Varias cidades disputárão entre si a honra de ter sido o berço de Luis de Camões, até que Manuel de Faria e Sousa poz definitivamente termo á questão, mostrando por assentos achados nos archivos publicos, que a Lisboa pertencia aquella gloria.

Madrid, Sevilha, Lucena, Toledo, Esquivias, Alcazar de S. Juan e Consuegra reclamárão por muito tempo a mesma prerogativa a respeito de Cervantes, mas D. Vicente de los Rios descubriu por diversos documentos, inclusivamente o assento do seu baptismo, que nenhum destes lugares, mas sim Alcalá de Henares era a sua patria.

4.

Camões sahiu de sua patria e foi servir como simples soldado para estranhos climas, onde se distinguiu por seu valor.

Cervantes militou com muita distincção fóra da sua patria na qualidade de soldado razo.

5.

Camões perdeu um olho em uma jornada naval contra os Mouros.

Cervantes perdeu uma mão na famosa batalha naval de Lepanto.

6.

Diz-se que o cantor dos Lusiadas fôra accusado de malversação no lugar que servira em Macao de Provedor

dos Defunctos, prezo, e obrigado a dar contas, de que sahiu honrosamente absolto.

Cervantes soffreu igual accusação, como Commissario do Provedor das Galeras e armadas, de que sahiu com sua honra illibada, e solto da cadea, em que por isso o tinhão mettido.

7.

Camões foi resgatado por duzentos crusados da prisão em que o tinha mettido seu credor Pedro Barreto.

Cervantes foi resgatado por seis mil sete centos e setenta reales do captiveiro que soffreu em Argel durante cinco annos, tendo cahido em poder daquelles barbaros.

8.

O poema dos *Lusiadas* teve as duas primeiras impressões no mesmo anno, no mesmo lugar, no mesmo formato, e pelo mesmo impressor.

O mesmo litteralmente aconteceu com a primeira parte do famoso D. Quixote de la Mancha.

9.

Faria e Souza foi o primeiro que notou a existencia das duas edições, observando a avidez com que foi acolhida aquella immortal obra. Depois de alguns posteriores litteratos terem fallado nestas duas edições, o Morgado Matheus na sua edição em 8.º feita em Paris se preza de as ter collacionado, e aproveitado as suas variantes.

Navarrete depois de apontar a 2.ª edição do D. Quixote, em Madrid, 1605 — 4.º por Juan de Costa, diz: " E' mui notavel esta edição por ser feita no mesmo lugar, anno e formato, e pelo mesmo impressor da primeira: prova do applauso com que se recebeu o Quixote, e da extraordinaria extracção que teve." O Sr. Bowle ja disse depois de citar a anterior: — *Consta que houve outra do mesmo lugar e formato* — porem Pellicer ainda que citou esta noticia não poude certificar-se da sua exactidão. Nós porem conseguimos examinar e

cotejar exemplares de ambas as edições, e não só são distinctas, senão que a Academia pôde aproveitar muitas variantes da segunda.

10.

Antigos editores de Camões tiverão a ousadia de alterar o titulo que elle tinha dado ao seu poema. Assim ao que elle chamou *Os Lusiadas*, chamárão elles *As Lusiadas* e *A Lusiada*; alteração ignorante que durou até aos nossos tempos. Todas as antigas traducções deste poema vertêrão o titulo errado, e só modernamente lhe restituírão o verdadeiro, o Italiano Briccolani, o Alemão Donner, e o Francez Millié.

Editores houve que mudárão o titulo que Cervantes tinha dado á sua obra, chamando-lhe — *Vida y Hechos del ingenioso caballero D. Quijote &c.* — em vez de — *El ingenioso Hidalgo D. Quijote &c.* — Esta alteração foi julgada essencial pela Academia hespanhola. Algumas traducções se fizerão com o titulo alterado.

11.

Os Lusiadas tem sido varias vezes traduzidos em Hespanhol, Italiano, Francez, Inglez, Allemão, Dinamarquez, Russo, Latim, e Hebraico.

D. Quixote foi vertido em Portuguez, Italiano, Francez, Inglez, Alemão, e não sabemos se em mais alguma lingua.

12.

Camões teve um zoilo no Padre José Agostinho de Macedo, que tendo vociferado contra este grande homem, tentou escurecer a sua fama, compondo um poema heroico ao mesmo assumpto dos Lusiadas.

Avellenada, ou como se suppõe, um frade mascarado com este nome, ainda em vida do auctor do D. Quixote publicou uma segunda parte deste engenhoso livro, insultando indecentemente a Cervantes, cuja gloria julgou ter offuscado.

14.

Camões acabou seus dias sepultado na mais pro-

funda miseria, e não existe o mais humilde monumento consagrado á sua memoria.

Cervantes morreu pobre, e até 1780 em que escrevia Navarrete não havia monumento levantado ao seu genio.

14.

Luis de Camões foi o mais brilhante engenho de Portugal, onde ninguem até hoje o tem igualado.

Miguel de Cervantes Sávedra é o caracter mais illustre da Litteratura Hespanhola, e a sua obra desafia toda e qualquer rivalidade.

NOTICIAS SCIENTIFICAS.

Tuberculos do pulmão — M. Langlois communica á Sociedade de Historia natural de Strasbourg os resultados do exame chimico de massas tuberculosas achadas no pulmão d'um fabricante d'armas, que se ocupava em amolar alfanges n'um rebolo sêcco.

Estes tuberculos infestavão todo o pulmão, e lhe davão uma côr parda, uma dureza e uma densidade maior que a que ordinariamente possue. Isolados do parenchima pulmonar, estes tuberculos são d'um cinzento carregádo, transparentes, quando se observão á lente. Seu volume é variavel entre o d'uma ervilha e d'uma avelan. Posto que mui duros, elles sensivelmente se amollecem quando se conservão alguns similhantes entre os dedos. Sua superficie é semeada d'eminencias lisas. Dissolvem-se totalmente n'uma solução quente de potassa caustica e em acido nitrico. O acido hydro-chlorico tambem os dissolve tomando uma côr de violeta; o alcool e o ether não tem acção sobre elles. Cincoenta grammos de massa tuberculosa bem secca e calcinada n'um cadinho de platina, produzirão um grammo de cinza, que continha silica, oxido de ferro, phosphato de magnesia. A silica é em grande quantidade, comparativamente ás outras substancias mineraes. Se não fôra esta circumstancia a materia tuberculosoa teria muita analogia com a fibrina.

Erratas do n.º antecedente. — A pag. 12. l. 6. em lugar de *thesouro* — lea-se: thema. — pag. 16. l. 24 em lugar de *Laurence* — lea-se: Lawrence. — pag. 18. l. 11. em lugar de *de longe.* — lea-se: de longe a longe — pag. 64. verso 12. — *paixão* — lea-se: compaixão. — pag. 66. verso 33. — *pesares.* — lea-se: pesares.

INDICE.

DAS

Materias contidas neste Numero.

I. Antiguidades Portuguezas — Dos Jogos e espectaculos publicos 73

II. Bellas Artes — Da arte scenica; e principalmente da declamação theatral 85

III. Sciencias — Quarta lição de Phrenologia (com uma estampa.)..... 91

IV. Estatistica Commercial do reino de Portugal. 108

V. Publicações Litterarias — Quadros Historicos..... 114

VI. Reflexões sobre a discussão de cortes que produziu a lei, que restabeleceu a companhia. 116

VII. Miscellanea — Parallelo Historico entre Camões e Cervantes..... 121

VIII. Noticias Scientificas..... 127

XIX. Erratas do N.º antecedente..... id.

15 DE AGOSTO DE 1838

REVISTA LITTERARIA.

Historia Contemporanea.

MEMORIA BIOGRAFICA

DO

CONSELHEIRO D'ESTADO HONORARIO

JOSE' FERREIRA BORGES.

At mihi nunc, narraturo vitam . . . . . hominis, venià opus fuit; quam non petissem, ni cursaturus tam sæva et infesta virtutibus tempora.

(*Tacit J. Agricolæ vita.*)

Nemo enim justus esse potest, qui mortem, qui dolorem, qui exilium, qui ægestatem timet . . .

(*Cicer. de Offic. Lib.* II *Cap.* XI.)

Se nossos maiores houvessem tido mais empenho e diligencia de ajuntar, e coordenar noticias e documentos ácerca de todos os contemporaneos, que tanto tem illustrado a patria, á qual dérão por seus feitos, virtudes, meritos, litteratura e sciencia, merecido renome, que transmittido á posteridade, servisse d'exemplo e d'estimulo aos vindouros, e conservasse illeza quanta gloria

aquelles havião grangeado, não tivéramos nós hoje tamanha difficuldade em revindicar direitos de muitos delles injustamente usurpados: se assim nossos maiores houvessem procedido para com todos aquelles que muito merecêrão da patria, não nos fôra hoje tão difficil provar a injustiça com que a Bartholomeu Dias se rouba a gloria da invenção da bussola, ou pelo menos da sua applicação, invenção que na historia da navegação constitue e marca a época mais notavel; nem com escandaloza ingratidão se usurpára a Pedro Nunes a invenção da alidade movel, com que nos instrumentos mathematicos se marcão as subdivisões minimas das graduações das medidas angulares, ou linares, o que lhes conferiu notavel aperfeiçoamento; aquella invenção foi por muito tempo conhecida com o nome de *Nonios*, hoje o substituírão os francezes pelo de *Vernier*, attribuindo a este aquella invenção. Apontaremos apenas estes dois exemplos, e muitos mais podemos adduzir para censurar formalmente o indesculpavel desleixo com que forão tratados os interesses da nossa patria, a gloria, e renome dos homens que a illustrárão, e de que tanto temos abundado em todos os tempos. Como é que nossos antigos e modernos chronistas tem desempenhado o officio de que s'incumbirão? Se algumas queixas temos que fazer aos antigos pelo que deixárão de commemorar, ou por o que apenas fugitivamente tocárão, muito mais graves são ellas, muito mais severa é a censura que cabe a aquelles que desde muitos annos não se pejão de possuir o emprego, melhor diremos o diploma, tão sómente para colher-lhe os proveitos, sem se darem ao trabalho de escrever a minima couza das muitas, que na historia occupão um lugar distincto, e cuja noticia, para opprobrio delles, vamos mendigar a estranhos! Qual dos nossos chronistas nos deu como lhe cumpria, a chronica circumstanciada da época do reinado de D. José, da Rainha D. Maria, do tormentoso reinado de D. João 6.º como Principe Regente, e como Rei; a historia da invasão franceza; a historia da revolução operada em 24 d'Agosto de 1820, a escandaloza época da usurpação, e o glorioso e heroico episodio do cêrco do Porto? Quão grande é sua responsabilidade para com a Patria!

Nós, que apezar dos labéos e baldões com que os estrangeiros s'esmerão em anuviar o nome portuguez, e fazer esquecer a gloria immarcessivel que heroicos feitos lhe grangeárão, dado que assombrada por outros, que os homens de bom sentir lamentão, e de que não pouco s'envergonhão; nós, dizemos, que apezar do desfavor europeu com que o nome portuguez por similhante causa é tratado; e não sem alguma razão, pelo muito que para de todo o delir tem trabalhado homens, que fortuna da humanidade, e de nossa patria fôra não haverem nella nascido; nós sim, que ainda muito nos honramos de haver nascido em Portugal, e de ter portuguezes por ascendentes, esforçarnos-hemos quanto em nossa esféra cabe, por arrancar ao esquecimento, e ás garras da ingratidão muitos dos nossos illustres compatriotas, já finados uns, outros ainda existentes, e procuraremos salvar seus nomes das *aguas do Lethes*, transmittindo-os com seus feitos á posteridade. Elles fazem uma parte essencial da nossa historia patria; as noticias que houvermos de lançar em nossas paginas ainda que não coordenadas com tanto alinho e requinte, como dezejavamos, e entendemos que o deverião ser, poderão servir de grande auxilio para algum historiador que deste honroso trabalho queira incumbir-se. Muitos são os illustres varões de que teremos que nos occupar; esta honrosa tarefa é tributo devido á nossa Patria, e propomo-nos a desonerar-nos do escóte que nesta divida nos cabe; e grande será nossa satisfação, se este pequeno, mas sincero testemunho da veneração que lhes consagramos, despertar o genio e os talentos de compatriotas, cuja apurada penna muito melhor que nós fará conhecer a cóevos e a vindouros, que nossa terra, bem longe de dizer-se esteril de varões extremados, tem delles abundancia, sem ter muito que invejar a outras nações.

Encetaremos este aprasivel trabalho com o nosso compatriota o Snr. José Ferreira Borges; afóra os relevantes meritos que caracterisão este illustre contemporaneo Portuense, ha uma rasão a que não podemos resistir; desde muitos annos conhecemos este benemerito varão, e com elle havemos sempre conservado não interrompida amisade; temos quasi a mesma idade, e fo-

mos contemporaneos quando cursámos na Universidade de Coimbra, ainda que em differentes faculdades... E não serão sobejas estas rasões para por elle começar o desempenho do nosso projecto ! ...

Ainda que muito nos movão os sentimentos da amisade, mais do que ella respeitamos a verdade; não podemos esquecer-nos do grande principio — *amicus Plato, sed magis amica veritas*; é unicamente a verdade que procuramos, e o dezejo d'encontral-a, que nos dirige; só deste modo é que devidamente os vindouros poderão avaliar os varões illustres de nossa Patria, e os coetaneos reconhecer a imparcialidade com que escrevemos.

José Ferreira Borges não blasona de uma ascendencia avoenga, nem della carece para illustrar-se; preza-se de descender de progenitores virtuosos e honrados: seu pae exerceu por muitos annos nesta Cidade do Porto uma profissão mui decente, com a qual adquiria a subsistencia d'uma familia numerosa; poude dar a seus filhos uma educação cuidadosa, unindo-a porém com os preliminares precizos para as differentes profissões, a que os destinava, já na carreira militar, já na commercial, já na litteraria. José Ferreira que foi o mais velho nasceu nesta Cidade em 6 de Junho de 1786; seu pae, que talvez o destinára para succeder-lhe na administração de seu genero de commercio, foi informado pelos mestres a quem commettera a primeira instrucção de seus filhos, de que no joven José transluzião ja em seus primeiros annos não equivocos indicios d'um talento pouco vulgar; e tão evidentemente se manifestou este, que definitivamente resolveu applical-o á carreira litteraria. Com effeito com grande aproveitamento, e em muito pouco tempo o joven estudante se achou senhor dos principaes estudos que constituem as humanidades; a lingua latina, e grega, a filosofia racional, e moral, a rethorica e eloquencia, e a geometria elementar lhe erão disciplinas familiares; e ao mesmo tempo, que com ellas ia formando o seu espirito, applicava-se cuidadosamente á leitura dos nossos classicos assim em prosa, como em verso, e em pouco deixou vêr de mais a mais um genio especial para a poesia; muito moço pois, mas com avultada instrucção já, e com decisivas provas d'um extraordinario talento, se apresentou na Universidade de Co-

imbra para fazer os exames preliminares á entrada no curso juridico, que se propunha seguir; feitos estes, e com grande distincção, matriculou-se no primeiro anno do mesmo curso em Outubro de 1801. Como seu pae o havia recommendado á vigilancia e cuidado d'um Lente respeitavel da faculdade de Canones, foi naturalmente por indicação e conselho deste, que elle seguiu aquella faculdade, mostrando sempre em todo o proseguimento do curso canonico seu não vulgar talento, uma memoria prodigiosa, uma exposição facil, e clara, e sobre tudo a admiravel facundia, que tanto depois o distinguiu em todos os actos em que lhe foi mister figurar como orador.

No anno de 1805 lhe foi conferido o grau de Bacharel, e no seguinte fez a sua formatura na faculdade de canones, obtendo as melhores informações para seguir os lugares de magistratura; carreira de que declinou, para de todo o coração s'entregar á de advogado, e jurisconsulto em sua patria: como tal s'estabeleceu no anno de 1808, começando o exercicio do fôro sob os mais prosperos auspicios; dedicou-se desde logo ao estudo profundo da jurisprudencia commercial, que com tanto esplendor tratára José da Silva Lisboa: — propoz-se a estabelecer solidamente sua reputação neste ramo de jurisprudencia pouco cultivado, sendo aliás da mais attendivel importancia: e em mui pouco tempo conseguiu adquirir o nome de primeiro advogado em materias commerciaes no Porto, se não em todo o Reino. No exercicio de sua nobre profissão grangeou J. F. Borges uma reputação bem merecida d'habilissimo jurisconsulto, manifestou as mais decisivas provas do seu talento transcendente, e conseguiu não menos o respeito de seus collegas, e até dos mais acreditados, e respeitaveis magistrados, para quem como jurisconsulto erão as opiniões do nosso contemporaneo de grandissimo pezo. Por outra parte a amenidade da sua conversação, a graça do seu estilo, a abundancia de conhecimentos em litteratura, seus talentos poeticos (a), e affeição para a musica, que

---

(a) *Daremos as seguintes Odes como provas do seu estro poetico.*

A *B C. de C. S.* em 18 de Novembro de 1820

muito bem entende, attrahiu á sua caza um continua-

ODE.

Vae scelerado, vae viver ignobil.
Foge á virtude: ao teu covil, ao crime
Fuja comtigo o genio da discordia,
E ali se abismem todos.

Parricida da Patria do Heroismo!
Tu ensopaste o braço delinquente
No coração de Lysia, que hoje é salva;
E a salva Ulyssêa.

Ancora firme do Altar, do Throno,
Sepulveda immortal! acceita os votos
Qu' inda outra vez a Patria agradecida
Ergue a teu peito nobre.

Nem só no campo o Militar se c'roa;
Quem a intriga debella, alcança louros
Tão viçosos, que Marte os invejára,
Porque vence com mortes.

Alem no campo ha so estragos e males,
Geme ali na victoria a natureza:
Quem varre a intriga vil, vence em segredo,
E só dispersa o crime.

Monstros a que o Averno desconhece penas,
Insecto roedor, peste da ordem,
Desde hoje o nome teu será o nome
Da infamia, da vileza.

Tu quiseste enlutar os almos dias
D'Agosto, de Setembro, que apontados
Serão nos fins dos seculos exemplos
De Liberdade e gloria.

Falhou a roda á marchina terrivel,
A que os teus dérão hombros criminosos ;
Mas tu , e os teus bebêrão triunfados
O fel d'atro remorso.

Levas do pobre imprecações terriveis :
Levas do rico pragas furibundas :
A Patria de seu seio te arremessa ,
Do seio que rasgaste.

Ode em 18 de Novembro de 1820.

Salve ! d'Ullyses primorosa filha !
Do Luso Imperio gloria — alta Lisboa !
Em teu regaço a paz renasce ovante
Da Liberdade em braços.

Salve ! filhos de Marte , heroes que ao mundo
Destes exemplo de valor , de brio :
Vós tornastes á Patria seus direitos
Que a discordia embargava.

Da vil intriga o halito empestado
Crestava os louros que enramára a gloria :
Vosso denodo emfim , vossas virtudes
Tapão do monstro as fauces.

Lá se esvaece a mancha desastrosa ;
Lá surge mais brilhante o nome d'honra :
Qual , varrida a borrasca , resplandece
Mais luminoso Phebo.

Eia ! esses peitos que Bellona affaga ;
Eia ! esse nome que respeita a morte .
Desde hoje , oh Lusos ! vão gravar-se immoveis
Na abobada celeste.

Port. Const. N.º 54

do e numeroso concurso de pessoas tanto da classe commercial, como litteraria, sendo assiduamente frequentada por tudo quanto havia de notavel na Cidade.

Assim forão correndo os annos de 1807, e 1808; em 29 de Março de 1809 entrou no Porto o Marechal Soult á testa d'um forte exercito; grande foi o risco que J. F. Borges correu na passagem do Douro, a qual conseguiu com grande custo; mas vendo-se isolado, e sem noticias d'uma familia que prezava, e principalmente d'uma terna Esposa, com quem ainda não havião dez mezes se havia ligado, resolveu voltar á cidade em procura destes caros objectos, o que verificou passados os tres primeiros dias do saque; e quando a ordem começou a ser restabelecida pelo General Francez não tardou este em ter cabaes informações do merecimento litterario, e aptidão do jurisconsulto Portuense, que além disto possuia a vantagem de fallar correntemente as linguas franceza e ingleza; e carecendo aquelle d'empregar homens, que entre seus compatriotas tivessem uma bem fundada reputação, não poude este eximir-se de ser nomeado Auditor da sessão do interior junto ao Ordenador em chefe do exercito: a posição em que esta nomeação o collocára, e que com grande repugnancia lhe foi mister aceitar, derão-lhe occasião de repetidas vezes tomar a defeza de seus concidadãos, e de prestar-lhes relevantes serviços, assim directa, como indirectamente, dissipando a impressão de calumniosas denuncias, grande numero das quaes era provocada por esse fatal, e desordenado espirito de rivalidade, d'inveja, e até de mesquinhas vinganças, que não deixa escapar instante algum em que ella possa exercer-se; e tão grandes e notorios forão estes serviços, que a não serem elles mal podéra forrar-se o nosso illustre jurisconsulto á perseguição popular, que depois se fez a homens benemeritos, vulgarmente stigmatizados com o inadequado nome de *jacobinos*, muitos dos quaes forão desgraçadas victimas d'um furor frenetico, que tendo por verdadeira causa a politica traiçoeira do chefe da nação franceza, e ainda mais o comportamento violento e depredatorio de seus commissionados agentes, assim de primeira cathegoria, como subalternos, era não menos agitado e dirigido já pelo genio intolerante d'um clero ignorante, e fanatico, já por

aquelle espirito de vingança iniqua, e inexoravel, que infelizmente por muitas vezes temos visto predominar em nossa terra.

Esta agitada e turbulenta época, aliás de grande risco pessoal para nosso compatriota, deve fazer comtudo uma das mais brilhantes paginas da sua biografia; pela distancia em que hoje nos achamos do tempo a que ella pertence, deixa de ser competentemente avaliada; mas como as acções boas não perdem o seu caracter, seja qual for a época da vida em que são praticadas, é da nossa parte um dever necessario consignar a sua commemoração nestas noticias. Ainda hoje bastantes pessoas viviráõ que podem attestar aquelles serviços, não só porque forão delles testemunhas presenciaes, mas até pelo que delles houvessem participado.

Não passaremos sem mencionar um destes mais importantes serviços, de que em nossa mão temos os documentos authenticos; foi por sua diligencia e industria que poude salvar-se das garras dos francezes o cofre do Depozito publico, no qual se achavão 250 contos em dinheiro, e em joias, de modo que o General francez nunca poude lançar-lhe a mão; assim o vemos attestado em tres documentos authografos escriptos e assignados pelos Deputados do mesmo cofre, que então erão Manoel Francisco Guimarães, o Dr. João Henriques de Magalhães, e Placido Lino dos Santos Teixeira; todos tres assás conhecidos nesta Cidade. — Desde fins do anno de 1807 até que no Porto entrou no dia 11 de Maio de 1809 o commandante em chefe do Exercito Anglo-Luzo, Sir Arthur Wellesley, depois Lord Wellington, havendo expulsado daquella Cidade e de Portugal o Marechal Soult, Duque de Dalmacia, e inutilisado os vastos projectos de conquista formados por Napoleão, os tempos tinhão sido sempre agitados, e politicamente procellosos; no emtanto o nosso illustre compatriota não deixava perder momento algum para dilatar a esfera de seus conhecimentos, tornando-se cada dia mais conspicuo: já elle então meditava profundamente sobre a progressiva decadencia em que ia caminhando nossa infeliz patria, e d'ante mão calculava os resultados dos ambiciosos planos do Chefe dos Francezes, que havião forçado o Principe Regente de Portugal a assentar a Sé-

de da Monarchia Portugueza no Rio de Janeiro; mas então a primeira necessidade era terminar a guerra da restauração; todas as attenções se fixavão sobre este unico pensamento, e todos punhão as suas esperanças na paz geral, que restabelecendo a independencia portugueza, deveria restituir á antiga metrópole o Principe Regente.

Em quanto assim corrião os tempos, o nosso contemporaneo continuava a exercer a sua profissão de jurisconsulto, sendo nomeado advogado do numero da Relação do Porto em 6 d'Agosto de 1811. Sua reputação ia progressivamente crescendo, e de dia em dia ganhando mais celebridade no ramo commercial, a que mais especialmente se havia dedicado; mui briosa e cavalheiramente exercia elle sua honrosa profissão, prestando-se gratuitamente a aconselhar e defender muitos clientes, cuja mingoa de fortuna os fizera succumbir, a não ser a generosa franqueza, e a promptidão do jurisconsulto portuense; não menos franco e generoso foi sempre para com muitos de seus amigos; e todavia sua numerosa clientela lhe fornecia abastados meios para uma subsistencia mais que decente, para a formação d'uma vasta e escolhida bibliotheca, e até para accumular consideraveis cabedaes, se não o houvesse designado o destino para ulteriores projectos, que sendo na verdade de muita honra, e gloria para o illustre Borges, forão quiçá a causa essencial de sua actual situação penosa; penosa sim, pela consideravel diminuição de sua fortuna, e mais ainda pela privação do mais preciozo sentido, do orgão da vista; e mais que muito o fôra a não ser a franca e verdadeiramente fraternal liberalidade d'um irmão extremozo, hoje residente nos Estados da Russia; mas não antecipemos a historia dos acontecimentos; approximemo-nos ao tempo da sua vida, de certo o mais importante, porque elle está intimamente ligado com um acontecimento, que na historia e annaes da nossa patria constitue uma época memoravel; neste tempo a sua existencia correu tão eminente risco, como muitas outras vezes posteriormente, mas então sua falta fôra irreparavel, porque sem ella estamos plenamente convencidos que o feito politico de 24 d'Agosto de 1820 jámais se houvera realisado.

A paz geral terminou em Maio de 1814 a porfiada e sanguinaria luta européa, que já contava pelo menos 22 annos de duração: nesse anno, cobertas de louros as nossas aguerridas tropas recolhêrão ao seio da patria, com a esperança de talvez em ocio brando reparar as fadigas d'uma longa e trabalhosa guerra: toda a nação esperava que em pouco o Principe Regente, e a Corte regressasse á antiga séde da monarquia; mas estes ardentes desejos, cuja realidade se reputava então como devido premio e galardão de tantos sacrificios, sendo por outra parte o cumprimento d'uma promessa feita solemnemente, em pouco se desvanecêrão: em quanto todas as attenções s'entretinhão com os males immediatamente sensiveis provenientes da guerra com os francezes, não se avaliavão competentemente os damnos que forçosamente teria de causar aos interesses immediatos da nação portugueza a mudança subita da metropole para o Brazil, e a violenta revolução feita no commercio, e na industria em rasão daquelle acontecimento; logo depois da paz a sensação foi mais geralmente experimentada, e subio de ponto, quando para sustentar mal entendidos caprichos e mais remotos interesses foi precizo ver partir de nossos portos uma expedição forte e luzida, que devia ser sustentada, e mantida a milhares de leguas de distancia, á custa do thesouro portuguez, exhausto pela guerra, cujos recursos não offerecião esperança alguma de melhoramento, porque todas as fontes da prosperidade publica começavão a estancar-se. Fazião-se então mais sensiveis as remessas para o Brazil dos rendimentos das cazas de Bragança, do Infantado, das Rainhas, e de muitos titulares que la então se achavão. Tornava-se então mais insupportavel, e opprobriosa uma Regencia do Reino destituida de todo o poder para fazer o minimo bem, e authorisada com todo o poder do desporismo para fazer quanto mal lhe lembrasse. Era mais que muito oppressiva a terrivel dependencia da Corte do Rio de Janeiro, cuja immoralidade estava na razão da distancia. Todas estas couzas erão mui fysicamente sentidas; a este respeito havia um unico pensamento, e este era a impossibilidade de por muito tempo permanecer nesta violenta situação; e tal comtudo continuou ella do mes-

mo modo até Maio de 1817, em que foi descoberta a conspiração vulgarmente denominada de Gomes Freire, e terminou com a sanguisedenta catastrofe, bem conhecida com o nome das *fogueiras do Campo de Santa Anna*; ella viu Lisboa, ainda hoje horrorisada, e viu todo o mundo a tragica execução do General Gomes Freire sobre a esplanada da Torre de S. Julião, e a de mais doze Martyres da Patria no Campo de S.ta Anna. Este horroroso acontecimento levou ao mais alto grau a execração em que geralmente erão tidos os Governadores do Reino, e em vez d'extinguir as idéas d'uma reacção que libertasse o infeliz Portugal do ferreo jugo com que era tão injusta e atrozmente opprimido, a idéa de o sacudir, e de restaurar antigos e imprescriptiveis direitos tornou-se mais dominante, e popular: era ella a idéa constante que occupava o espirito do nosso compatriota; e podemos asseverar que já antes do anno de 1817, e com muito mais calor depois do dia fatal 18 d'Outubro desse anno, o ouvimos discorrer sobre a urgente necessidade de acabar com a façanhosa Regencia de Lisboa, de organisar um governo *essencialmente nacional*, e de convocar Côrtes em que os votos e necessidades da nação fossem franca e lealmente discutidos e resolvidos.

Em quanto que este generozo pensamento constituia um dos mais importantes objectos de suas meditações, elle não perdia tempo em dar amplitude a seus conhecimentos quer em jurisprudencia particularmente commercial, quer em litteratura; foi neste intervallo, e nas horas d'ocio que dictava a um amigo, como por passatempo, a bella traducção das Cartas d'Emilia sobre a Mythologia por Dumoustier, das quaes s'imprimiu em Paris apenas um volume; nessa versão o traductor passou para a nossa linguagem toda a amenidade do estilo do Auctor, ella principalmente sobresáe na traducção dos versos que com tanta graça o mesmo Auctor entremeia com a proza; pena foi, que as muitas occupações do traductor privassem a litteratura portugueza d'uma traducção completa daquella amena e interessante producção de Dumoustier.

Durante esta mesma época foi J. F. Borges nomeado Secretario da Junta da Companhia dos Vinhos

do Alto Douro, e Syndico da Camara Municipal do Porto, empregos que elle exerceu e desempenhou com aquella dignidade e vantagem que era de esperar de seu grande saber, e promptidão. Pode dizer-se que foi elle o primeiro secretario que a companhia teve desde sua instituição : cuja secretaria foi em pouco tempo methodicamente arranjada, e devidamente classificada a immensidade de documentos que ali existião quasi como em cahos; fazendo o Repertorio de mais de 20 volumes, ou 55 pastas das suas leis, e resoluções particulares, adiantando-o desde o anno de 1786 até o de 1801. (*Prefacio dos Instituições de Direito Cambial*). No exercicio deste trabalhoso emprego elle prestava importantissimos serviços á Junta, da qual era além de Secretario, propriamente o accessor, subministrando-lhe preciosos conselhos, que oxalá ella houvera inteiramente seguido. Já nesse tempo elle havia feito serios estudos em Economia Politica, e attentamente meditado o profundo curso daquella sciencia escripto pelo Professor Storch, de cujas doutrinas foi sempre defensor strenuo; esta lição, e a que com tanta vastidão possuia em jurisprudencia civil e commercial, o habilitava na verdade para que melhor que alguem occupasse o emprego, que a Junta lhe conferiu em 22 de Janeiro de 1818, e com effeito não teve senão reiterados motivos de gloriar-se do acerto da eleição.

Através de tantas occupações, e estudo, que parecião absorver todas as suas meditações, e todo o seu tempo, surgia sempre cada vez mais activo o pensamento da regeneração patria, e como este pensamento predominava no espirito de outros patriotas, foi facil a Manoel Fernandes Thomaz, nesse tempo ligado com J. F. B. em estreita amisade, reconhecer neste o mais denodado, e apropriado socio para tamanha empreza; podemos asseverar que Manoel Fernandes Thomaz o não precedeu na concepção do pensamento, mas foi o primeiro que alguns dias antes de 22 de Janeiro de 1818 lhe propoz a necessidade de o levar a effeito. Temos em nossa mão o authografo da seguinte declaração :

" Aquelle que se lembrou de que cumpria organisar um corpo d'homens escolhidos que mettessem hombros á salvação da patria, foi Manoel Fernandes Tho-

maz. Os que se reunírão, traçárão o plano, e o effectuárão forão os seguintes: Manoel Fernandes Thomaz, José Ferreira Borges, José da Silva Carvalho, João Ferreira Vianna, Duarte Lessa, José Maria Lopes Carneiro, José Gonçalves dos Santos Silva, José Pereira de Menezes, Francisco Gomes da Silva, João da Cunha Souto Maior, José de Mello Castro e Abreu, José Maria Xavier de Araujo, Bernardo de Corrêa Castro Sepulveda. Começou-se desde 22 de Janeiro de 1818. Elles poderão conseguir para o effeito à cooperação das seguintes pessoas, e seus respectivos Corpos, a saber:

Antonio da Silveira Pinto da Fonseca, o Brigadeiro Sebastião Drago Valente de Brito Cabreira, então Coronel Commandante do Regimento d'Artilheria n.º 4.

O Coronel Domingos Antonio Gil de Figueiredo Sarmento, então Tenente Coronel do Regimeno d'Infantaria n.º 6.

O Coronel José Pereira Leite de Berredo, então Tenente Coronel commandante do Corpo da Policia do Porto.

O Major José de Sousa Pimentel e Faria do Regimento de Milicias do Porto.

O Ajudante do Regimento de Milicias da Maya Tiburcio Joaquim Barreto, e o Major do mesmo Regimento José Pedro Cardozo da Silva.

O Brigadeiro Francisco Antonio Pamplona Moniz, então Coronel commandante do Batalhão de Caçadores n.º 11, acantonado na Villa da Feira.

O Brigadeiro Antonio Lobo Teixeira de Barros, então Coronel do Regimento d'Infantaria n.º 9 em Vianna.

O Tenente Coronel Manoel Vaz Pinto Guedes, então Major Commandante do Batalhão de Caçadores nº. 6 acantonado em Penafiel.

O Tenente Coronel Antonio Pinto Barreto Feio, do Regimento de Milicias da Villa da Feira. „

Este authografo está assignado por todos os primeiros, menos por Manoel Fernandes Thomaz. Cumpre agora notar que a associacão instalada no dia 22 de Janeiro de 1818 para trabalhar na regeneração da patria, não começou desde o principio com todos aquelles individuos; em outros authografos que temos

á vista se vê a ordem successiva porque se forão associando; e segundo as datas da sua entrada se verá qual o tempo da cooperação que a cada um toca, e a parte que lhe cabe, e de que evidentemente resulta ser José Ferreira Borges o mais activo e principal collaborador, sendo elle que redigiu os estatutos da associação, e organisou o primeiro plano que posteriormente foi seguido com algumas modificações filhas das circumstancias, e das idéas mesmo dos novos adeptos. Como documento para a historia do patriotico feito de 24 de Agosto de 1820, apresentaremos a seguinte copia d'um authografo de Duarte Lessa.

A associação regeneradora denominada desde o principio — *Synedrio* — era designada por numeros pelo modo seguinte:

N.º 1 A associação.
„ 2 Manoel Fernandes Thomaz } fundadores em 22
„ 3 José Ferreira Borges } de Janeiro de 1818
„ 4 José da Silva Carvalho, admittido logo depois no mesmo dia bem como o numero seguinte..
„ 5 João Ferreira Vianna.
„ 6 Duarte Lessa, admittido em 10 de Fevereiro.
„ 7 José Maria Lopes Carneiro, adm. em 3 de Maio.
„ 8 José Gonçalves dos Santos Silva, admittido em 8 de Maio.
„ 9 José Pereira de Menezes, em 7 d'Agosto.
„ 10 Francisco Gomes da Silva, em 26 Maio de 1820.
„ 11 João da Cunha Sotto Maior, no mesmo dia 26 de Maio.
„ 12 José de Mello Castro e Abreu, em 5 de Julho desse mesmo anno de 1820.
„ 13 José Maria Xavier da Araujo, em 22 de Junho.
„ 14 Bernardo Corrêa de Castro Sepulveda, entrou em 18 d'Agosto de 1820.

E' pois visivel que desde 21 de Janeiro de 1818 até 26 de Maio de 1820 a associação trabalhou só com oito collaboradores.

A installação da associação foi feita naquella noite com os quatro socios n.º 2, 3, 4, e 5. e desde então por diante começárão ordenadamente os trabalhos com aquelle recato e segredo, que tamanha empreza, e o estado das couzas exigia. Desde logo foi in-

cumbido Borges de formalisar o regulamento da associação, e a plano da empreza; e logo que se achárão reunidos estes oito socios, seu primeiro cuidado foi dirigir a opinião publica, assaz favoravel para a execução do projecto, espreitar os acontecimentos correntes, e calcular o modo de haver os recursos que estes poderião prestar. Com tudo a assiduidade das reuniões teve de suspender-se por causa da forçada precisão d' ausentar-se para Inglaterra José Pereira de Menezes, e para Lisboa José da Silva Carvalho. Fernandes Thomaz começava a arrefecer um pouco; a empreza esteve a ponto de abandonar-se inteiramente, por que já pouco com ella s'importava este fundador, cuja volubilidade de genio fez esmorecer os outros socios; estes porem instárão com F. Borges para ter com Frz. Thomaz uma final e definitiva decisão, e aquelle soube manejar tão bem este delicado negocio que a associação por assim dizer resurgiu, e tomou desde então todo o calor e empenho em levar ao cabo tão arriscado, quão importante e patriotico projecto. E' certo que os acontecimentos da Ilha de Leão, e o restabelecimento da Constituição de 1812 em Hespanha, offereciaõ vantajosa opportunidade para o seu desenvolvimento: foi justamente em 26 de Maio que os trabalhos e diligencias dos associados redobrárão em actividade, reforçando-se com novos colloboradores; já a esse tempo se havia começado a predispòr o Tenente Coronel Domingos Antonio Gil, o Tenente Coronel Manoel Vaz Pinto Guedes, o Ajudante das Milicias da Maia Tiburcio Joaquim Barreto Feio, e o Tenente Coronel Francisco Antonio Martins Pamplona: nós temos á vista os authografos assignados por alguns destes officiaes, em que formalmente declarão ter sido F. Borges, quem os resolveu, e determinou a tomar parte na execução do projecto: Domingos Antonio Gil diz em um delles, cuja data é de 21 d'Abril de 1821, que muito antes do dia 24 d'Agosto o convidara J. F. Borges, e mandara conferir com Cabreira para concertar o modo de fazer a revolução, mesmo antes da chegada do R. d' Infantaria n.º 18, então ainda em Elvas, porque Sepulveda, Comandante deste R. poderia talvez ser contrario, em rasão de suas relações com os officiaes In-

glezes, e especialmente com o Peacoch. Foi por via do Dezembargador João da Cunha Sotto Maior que foi predisposto Antonio da Silveira Pinto, não só para que este manejasse e dispozesse o Brigadeiro Cabreira, como para chamar e dispôr, á cooperação o Conde d'Amarante, e o Coronel Manoel da Silveira Pinto, seus irmaõs: por via daquelle Dezembargador é que, a Antonio da Silveira erão levadas as participações e deliberações da associação, de cuja existencia elle jamais teve a minima idéa; e foi por este modo que se movia o Brigadeiro Cabreira, igualmente ignorante *do centro motor:* e eisaqui a origem do errado pensamento deste illustre official, julgando-se ser com Antonio da Silveira o primeiro auctor da revolução de 24 d'Agosto: na verdade elles não forão mais que uns automatos habilmente dirigidos pela associação, cujas resoluções erão executadas por aquelle de seus membros, que estivesse mais nas circumstancias de as levar a effeito; para com estes foi o Dezembargador João da Cunha o intermedio escolhido; e cumpre confessar, que este se houve na commissão que lhe coube com a maior circunspecção, e dexteridade; e ao principio, antes d'entabolar o andamento do negocio, não pequeno foi o risco a que s'expoz: eisaqui a rasão porque o mesmo illustre official, e Antonio da Silveira não conhecia os membros que compunhão a associação, nem havia a minima precizão de tal; os trabalhos desta erão assim habilmente manejados; e se o fossem por outra forma talvez ella tivera as mesmas consequencias, que teve a que dirigio a revolução denominada de Gomes Freire.

Assim progredião os trabalhos preparatorios para o apparecimento do grande dia da regeneração patria; elle foi primeiramente fixado para 29 de Junho, que circumstancias occorrentes, e inesperadas fizerão prorogar.

Na carta que J. F. Borges escreve ao General Cabreira na data de 9 de Abril de 1821, e que corre impressa no mesmo anno na Imprensa Nacional de Lisboa, em resposta ao Manifesto que o mesmo General dirigiu ás Cortes em 12 de Fevereiro do mesmo anno, e que remetteu impresso a muitas pessoas com uma circular tambem impressa, na data de 28 de Feve-

reiro com sua assignatura authografa e de que possuimos o exemplar que elle nos fez favor enviar; na quella carta, dizemos, se achão reveladas numerosas circumstancias, ignoradas por muito tempo do publico, que o mesmo General não poude, nem realmente podia contestar, attenta a organisação de associação, sem embargo da segunda Representação por elle dirigida ao congresso em 5 de Maio de 1821, e que tambem corre impressa na officina de Gandra no Porto. Quem ha que possa ou queira jamais contestar os eminentes serviços prestados á causa da Patria pelo General Cabreira, e por os outros benemeritos officiaes, que se prestárão ao apparecimento do dia 24 d'Agosto? grande é na verdade a gloria que lhes cabe pela parte importantissima que tomárão neste grande feito; mas seria elle executado se primeiramente não fosse preparado? ficarão por ventura despojados de gloria todos aquelles que com riscos eminentes concebêrão o plano, reunírão os elementos, e os pozerão em estado de produzir um resultado feliz? E quem ousou negar a J. F. Borges a parte mais activa, mais penosa, e mais arriscada desta empreza? Alguem houve, mas não nos esqueçamos do = *Parce sepultis.*

Finalmente os trabalhos da associação tinhão já tomado tão grande corpo, que não era possivel demorar por mais tempo a execução do plano. Ao governo já havião chegado algumas participações das auctoridades do Porto; o General Canavarro estava ja informado do projecto, e pela maneira como posteriormente se houve, é facil de vêr que não tinha merecido a sua aprovação; esperava-se por dias a volta do Marchal Beresford, era em fim forçoso determinar com a maior brevidade o dia improrogavel, de o levar a effeito.

Com effeito nos dias 21 e 22 d'Agosto concertou-se definitivamente o plano, e não sem graves debates, e eminente risco não só de o ver abortar, mas o especial de cada um dos collaboradores, a quem não restava outro recurso, que retirar-se immediatamente da patria: foi decidida a reunião dos officiaes que devião formar o conselho militar para o dia 23 á noite em caza do Coronel Sepulveda; porque o rompimento devia realisar-se na madrugada do seguinte dia, como na

verdade se realisou: neste conselho militar apparece J. F. Borges, como João Pinto Ribeiro já outróra apparecêra no conselho que decidiu a revolução de 1.º de Dezembro de 1640. —

Já a este tempo se havião concertado os meios como se havião de trazer ao campo de S.to Ovidio as forças possiveis dos Regimentos de Milicias do Porto. da Maya, e da Feira, por via de cada um dos officiaes já mencionados; desde logo forão igualmente prevenidos por F. Borges o Coronel Pamplona na Villa da Feira, e o Tenente Coronel Vaz Guedes em Penafiel para fazerem o mesmo rompimento na madrugada do dia 24 com seus respectivos corpos, e tambem o havia sido pelo General Cabreira o Coronel comandante da Policia José Pereira da Silva Leite de Berredo.

O Conselho militar reuniu-se com effeito no local convencionado e sendo composto então dos seguintes officiaes: o Coronel Cabreira, o Coronel Sepulveda, o Tenente Coronel Gil, o Tenente Coronel Berredo, o Major Pimentel, o Ajudante Tiburcio, que foi depois substituido pelo Major J. P. Cardozo; e de José Ferreira Borges, que appresentou as Proclamações que havião de lêr-se pela manhãa á Tropa; e bem assim uma nota sobre os individuos com que se deveria formar a Junta Provisional do Supremo Governo do Reino; o que sendo approvado pelo Conselho, cada um tratou de dirigir-se ao ponto que lhe havia sido assignado, e ao desempenho da commissão que lhe fôra incumbida; havendo-se primeiro expedido os officios e ordens precizas que forão escriptas por alguns dos membros da associação. Não obstante todas estas boas disposições a empreza esteve a ponto de mallograr-se porque o Coronel Grant, Commandante do Regimento 6.º, homem muito bem visto do Regimento, quasi que ia entrando dentro do Quartel, sendo mais que muito natural, que o Regimento em virtude de sua exemplar subordinação, e em razão da particular estima em que tinha o seu commandante, obedecesse a sua voz; felizmente o Tenente Coronel Gil, e os Tenentes José de Souza Pinto e Magalhães, e Paulo Corrêa, houverão-se por tal maneira, e com tal denodo, que o Coronel Grant teve de

retirar-se e desistir de seu empenho, conseguindo aquelles levar o Regimento ao campo de Santo Ovidio, ponto da reunião dos corpos predispostos para tão grande feito.

No dia 24 d'Agosto pelas quatro horas e meia da manhan consumou-se a grande obra. Os Chefes e os Corpos militares, logo depois que no Campo terminárão os diversos actos que ahi tinhão de praticar, como se havia concertado, dirigírão-se aos Paços do Concelho, para onde havião sido convocados o Juiz de Fóra, Vereadores, o Doutor Syndico (José Ferreira Borges), Escrivão da Camara, e mais officiaes della. Os dous Chefes Cabreira, e Sepulveda fizerão as suas respectivas allocuções á Camara, e convocadas as authoridades ecclesiasticas, civis, militares, e litterarias, e muitas mais pessoas conspicuas da Cidade, foi proposta á Assemblêa a lista dos Cidadãos que devião compôr a Junta do Governo, que foi plenamente approvada, e nella foi comprehendido José Ferreira Borges como um dos Secretarios com voto. Tudo quanto se passou nesse acto consta dos papeis publicos do tempo, e do Auto de vereação, que foi dictado por José Ferreira Borges na qualidade de Syndico, como lhe cumpria.

Foi então que competentemente se avaliou a extensão da capacidade de José Ferreira Borges, bem como a actividade de seu genio, na minucioza attenção que era mister prestar á multiplicidade de occurrencias, e providencias instantaneas, em razão da urgencia das circumstancias. Desde os dias precedentes ao 24 d'Agosto até o dia 14 de Setembro, em que a Junta Provisoria do Governo sahiu do Porto para Lisboa, em seguimento do Exercito regenerador, e successivamente até á entrada da mesma Junta em Lisboa no 1.° d'Outubro, mui poucas noites poude despir-se: e pode dizer-se que nem um só instante teve de socego, sendo presente a todas as deliberações do governo, dictando as ordens d'execução das repartições a seu cargo, e propondo principalmente muitas das medidas adoptadas: entre os mui aziagos dias porque elle e muitos de seus illustres companheiros passárão, não deverão esquecer os dias 25 e 27 de Setembro. No dia 25, já feita então a revolução em Lisboa, e em conformidade das tran-

sácções concertadas com o Governo interino ali estabelecido, se concordou no arranjo da Junta do Governo em duas secções, sendo a primeira encarregada do Governo executivo, e confiada a sua Presidencia ao Principal Decano; contra cujo arranjamento fez Antonio da Silveira o celeberrimo protesto, que no dia 27 pertendeu levar a effeito com o *emprego das bayonetas*. A energia de José Ferreira Borges, e o seu espirito conciliador, poude conseguir amainar irritações, que alias poderião naquelle momento ter consequencias as mais desastrosas: destes dous dias data o nefando plano concebido pelo turbulento e ambicioso Antonio da Silveira, cujo desenvolvimento começou por sua sugestão, e embustes no fatal dia 11 de Novembro (a). Naquelle iniquo plano estavão irremissivelmente votados á morte Manoel Fernandes Thomaz, José Ferreira Borges, e José da Silva Carvalho; e se por ventura escapárão do ferro homicida que devia trucidal-os, foi porque a tempo souberão evadir-se ao golpe, e porque os auctores de tão horroroso projecto ficárão aterrados pela maneira como o successo foi recebido na Capital.

Depois do dia 27 de Setembro, em que a Junta tomou suas definitivas deliberações, ella partiu para Lisboa, e chegando a Sacavem no dia 30, José Ferreira

(*) No dia 11 de Novembro se formou toda a tropa, que compõe o exercito do Sul e Norte debaixo das ordens do Marechal Gaspar Teixeira de Magalhães e Lacerda; e marchou para o Rocio a titulo de Revista — Dali subírão os Officiaes Commandantes á Sala da Inquisição, aonde se fazia a junta preparatoria das Cortes; e formado Conselho, tentárão depôr os quatro membros do Governo Manoel Fernandes Thomaz, Fr. Francisco de S. Luis, José Joaquim Ferreira de Moura, e Hermano José Braamcamp do Sobral; trama que Antonio da Silveira Pinto houvera urdido; e falhando porque os votos desprevenidos não seguírão, sempre chegárão a augmentar o Governo de mais quatro membros, a saber Pedro Leite Pereira de Mello, Francisco de Souza Cirne de Madureira, o Conde de Sampaio, e José Manoel Ferreira de Souza e Castro — que ficárão; e aquelles se demittírão, — o que eu e José da Silva Carvalho fizemos depois — As demissões não forão acceitas.

Nos dias 12, 13, 14, 16, e 17 houverão convulsões continuas no povo e tropas — Então apparecêrão os reprobos — Figurárão os Estados maiores milicianos; distinguiu-se José de Souza Pereira Sampaio, e alguns outros que ou por illudidos, ou por conniventes tomárão parte nesta funesta cabála, e de que por decóro nacional, não repetimos seus nomes, apesar de impressos nos periodicos do tempo. No dia 17 á noute forão os 4 membros que se demittírão, levados em triunfo ao Governo. Eu fui com o Fernandes na sege. (*Autografo de F. Borges.*)

Borges foi sozinho a Lisboa conferir com José Ferreira Pinto Basto, e ambos depois conferírão tambem com o Intendente Geral da Policia Mattos, depois do que, volveu a reunir-se com os outros membros do Governo, que encontrou a Arroios, que acompanhou, e com quem entrou no Palacio do Rocio. E' bem sabido que sem embargo da apparente união, que se mostrava entre os membros da Junta do Porto, e os do Governo interino de Lisboa, de facto ella não existia, porque o espirito discolo d'Antonio da Silveira havia lançado uma zizania, que ia prodigiosamente multiplicando: felismente porém no dia 5 d'Outubro, em que o Exercito Regenerador fez a sua entrada na Capital, a conciliação dos dous Governos ficou definitiva, e cordealmente feita, excepto Antonio da Silveira, que reconcentrava em seu coração o terrivel plano que vingativo concebêra; e é sem duvida que neste agradavel resultado tiverão parte mui distincta, as diligencias, maneiras, e poderosas razões empregadas por F. Borges.

A Junta Provisional do Supremo Governo do Reino foi composta do modo seguinte:

Presidente — O Principal Decano. Vice-Presidente Antonio da Silveira Pinto da Fonseca. Membros; o Conde de Penafiel, Hermano José Braamcamp, o Desembargador Manoel Fernandes Thomaz, o Doutor Fr. Francisco de S. Luiz, e o Bacharel José Joaquim Ferreira de Moura, ficando encarregado dos Negocios do Reino e Fazenda Manoel Fernandes Thomaz, tendo por seus ajudantes José Ferreira Borges, e José da Silva Carvalho; o dos Negocios Estrangeiros Hermano José Braamcamp, tendo por Ajudante Roque Ribeiro de A-Branches Castello Branco; da Guerra e da Marinha com voto nessa repartição o Tenente General Mathias José Dias Azedo, tendo por Ajudante para a Repartição da Marinha o Coronel Bernardo Corrêa Castro Sepulveda.

Um dos primeiros cuidados do Governo provisorio foi a liquidação da divida publica; e por Decreto de 27 d'Outubro de 1820, foi José Ferreira Borges nomeado um dos vogaes que devião compor a commissão liquidataria desta divida, em cujos importantes trabalhos teve elle mui distincta parte; assim como na Repartição dos negocios do Governo, que lhe ficavão competindo

No entanto a segunda secção Governativa apressava os seus trabalhos para as eleições de Deputados ás Cortes Geraes e constituintes, e com effeito em 31 d'Outubro se publicou o Decreto, e instrucções respectivas para levar ao cabo esta importante tarefa. Procedeu-se á eleição de Deputados, e o nosso compatriota F. Borges foi eleito Deputado em 27 de Dezembro de 1820 nesta Cidade do Porto, pela Provincia do Minho.

A reunião das Côrtes em 26 de Janeiro de 1821 era o desejado e necessario complemento da nacional revolução do dia 24 d'Agosto. Esta eleição foi a unica em que, desde aquella época, a urna tem patenteado a vontade nacional, porque em nenhuma outra ella foi tão livre, tão espontanea, tão alheia a ominosas influencias, e cabalas, que a tem deturpado. Com a reunião desta respeitavel Assembêa, na verdade composta de homens conspicuos, e de reconhecido merito, terminárão todas as funcções de F. Borges; A Patria reconhecendo nelle o cidadão benemerito e eminentemente patriota que por ella se tinha votado em holocausto com seus companheiros para a resgatar da vergonhosa e tyranica escravidão em que se achava abysmada, impoz-lhe inda uma tremenda responsabilidade na qualidade de Legislador que acaba de conferir-lhe.

Historia Portugueza.

D. LIANOR de MENDOÇA,

DUQUEZA DE BRAGANÇA.

O nosso illustre e joven *menestrel* mimoseou-nos mais com o novo e lindissimo *romance*, que hoje apresentamos a nossos leitores, e confiamos folgarão de ter esta nova producção poética do fecundo talento de nosso amigo. O assumpto é nacional; é o tragico fim d'uma innocente princeza, victima do tetrico temperamento d'um marido arrebatado, excitado pelo zelo indiscreto, talvez requintada hypocrysia d'um confidente arteiramente officioso. Foi mui bem escolhido, e aproveitado este melancolico facto, para com elle compôr o bello poema que hoje publicamos, e que o nosso erudito amigo começou e concluiu, em poucas horas mais, do que aquellas, em que o facto se passou: esperamos por isso que esta producção poetica careará quanto ella merece a attenção do leitor; a historia é fielmente seguida, o estilo do romance plenamente sustentado, a dicção correcta, o ornato poetico simples e natural: assim parece-nos que longe d'enfado, o leitor achará tanto deleite, que não poderá despegar-se da leitura sem a levar ao cabo. E' com grande pezar que o publicamos anonymo; não ousarêmos violar a promessa de nós exigida de fielmente observar esta imposta condição ...

Para mais facil intelligencia do romance, ainda que o facto historico foi passado em poucas horas d'uma aziaga noite, e é exactamente desenvolvido, nós o faremos preceder do seguinte proémio, que fará as vezes de argumento, e foi extrahido e sumariado do que

extensamente narra o Douto D. Antonio Caetano no Tomo 5.º da Historia Genealogica da Casa Real no capitulo 8.º —

O Duque de Bragança D. Jayme era filho segundo-genito do desditoso D. Fernando 2.º — , que juridica mas illegalmente sentenceado, foi decapitado em Evora aos 21 de Junho de 1483; a sentença proscreveu a inclita Casa de Bragança, e lhe confiscou todos os seus dilatados Estados; a virtuoza Duqueza viuva poude a tempo fazer passar para Hespanha seus tenros filhos, e entregal-os ao cuidado de sua tia a Rainha Catholica D. Isabel. D. Felipe era o primogenito, e tinha oito annos quando aconteceu a fatal catastrofe de seu pae; D. Jayme contava apenas quatro, mas passados alguns aquelle falleceu em Hespanha, e não sem vehementes suspeitas de ser morto com veneno, que tambem foi propinado a D. Jayme, talvez em menor quantidade. A opinião publica nacional havia altamente desapprovado o procedimento de D. João 2.º para com seu cunhado e primo; assim que pelo fallecimento deste Rei aos 25 d'Outubro de 1495, lhe succedeu o Duque de Beja D. Manoel, depois cognominado o Afortunado, tendo apenas vinte e seis annos quando subio ao throno, sua mãe a Infanta D. Brites não tardou em lembrar-lhe o desterro de seus netos, que erão sobrinhos delle Rei; fez-lhe ver que devia principiar seu reinado reparando a desgraça de seu proximo parente o Duque D. Fernando, satisfazendo á equidade de Rei, e ás obrigações da natureza; ao que ElRei D. Manoel annuio chamando dahi a pouco seus sobrinhos para o reino, e restituindo-lhes todos os Estados que havião sido confiscados, o que effectuou em 1496, sem preceder outra justificação ou prova de direito, como acto de pura espontaneidade; de modo que o Duque D. Jayme, seu irmão D. Diniz, e seu tio D. Alvaro entrárão em Elvas no 1.º de Maio, e dahi partírão logo para Setubal, aonde se achava, ElRei D. Manoel que os foi receber em pessoa fora da villa, fazendo-lhes o melhor gazalhado. Teria então 17 annos o duque D. Jayme; e como fosse crescendo em idade, e desejando ElRei dar-lhe estado, contratou-o com D. Joana d'Aragão, filha d'ElRei Catholico D. Fernando,

o que não teve effeito; mas antes delle, já o Duque de Medina Sidonia D. João de Gusmão trabalhava por cazar sua filha D. Leonor com o Duque, offerecendo-lhe ao mesmo tempo um grande dote, o que veio a conseguir, celebrando-se os contractos em Lisboa em 11 de Setembro de 1500, e em cuja alliança o Duque de Medina Sidonia tinha a maior satisfacção: mas sua filha D. Leonor era ainda de tenra idade, e por vontade de seu pae devia acabar de crear-se na companhia da Duqueza de Bragança, sua sogra até chegar á idade competente do matrimonio: cujo contrato foi tratado por ordem d'El-Rei D. Manoel, da Rainha D. Leonor sua irman, da Infanta D. Brites sua mãe, e da Duqueza de Bragança D. Isabel sua irman, e por ElRei confirmado em 14 de Setembro do mesmo anno de 1506. O Duque D. Jayme contava então 21 annos, e com pouca satisfação sua accedeu a este contracto, em rasão da pouca idade da noiva, sujeitando-se á determinação d'ElRei, e ao gosto da Rainha D. Leonor sua tia, Infanta sua avó, e de sua propria mãe, superando a vontade na obediencia. Esta disposição cresceu, mesmo depois de com a Duquesa se ajuntar em 1502, e della haver filhos. O Duque tinha o temperamento melancolico, desgraçadamente muito azado para a paixão do ciume; e instigado por alguma diabolica sugestão, deixava de dia em dia crescer sua indisposição contra a innocente e infeliz Duqueza. Foi deste ciume injusto motivo Antonio Alcoforado, moço fidalgo de poucos annos, que servia na caza do Duque, e para com o qual a Duqueza mostrava alguma estima: começou este injusto ciume por uma pequena circunstancia; havia o Duque dado a sua espoza algumas joias, e uma destas deu ella a uma sua Dama, que, sem a Duqueza o saber tinha amores com Antonio Alcoforado; a Dama deu aquella joia ao amante, e este a poz no chapéo, e como o Duque a visse e conhecesse, perguntou por ella á Duqueza, que por lhe a ella parecer que o Duque lhe levaria a mal o donativo que havia feito, respondeu, dizendo que a tinha em seu poder; o Duque, estimulado de ciume, exigiu que lha mostrasse, e não lha mostrando ella, ficou elle confirmado na te-

meraria suspeita, que havia concebido, e que de todo se aggravou, ao ponto de tomar como certeza, pelo que depois se seguiu.

Havia aquella Dama facultado ao seu amante uma entrevista, por uma janella que do Paço cahia para o jardim, aonde se fazião obras, e estavão os muros abertos; os amantes resolvêrão aproveitar tão bôa conjunctura, e foi escolhida a noite de 2 de Novembro, que, já ominoza, tinha de lhes ser fatal; e como o Duque havia incumbido algumas pessoas d'observar Antonio Alcoforado de dia e de noite, ellas assim o fiserão; e logo que este entrou pela janella foi Fernão Velho, veador da Duqueza, avisar o Duque do que se passava: este correndo, ardendo em ciume, e estimulado pela supposta offensa de sua honra, colheu o ousado, infeliz mancebo, e sem lhe dar mais tempo que o preciso para o fazer confessar por seu capellão Lopo Garcia, lhe mandou logo por um negro cortar a cabeça com um manchil da cosinha. A Duqueza estava perfeitamente ignorante do que succedia, mas ouvindo tão grande arruido, passada de susto foi em busca de seus filhos, e sobre a cama em que elles estavão a achou o Duque; e vendo-a, voltou, e mandou entrar o capellão para a confessar; mas a Duqueza possuida de sua innocencia, segura em sua consciencia, animosamente lhe perguntou, porque a queria matar? Porque sois traidora, respondeu o Duque: Nem eu o sou, nem jamais o forão meus avós, replicou a Duqueza; e havendo-se com a constancia da innocencia o Duque quasi se deixava convencer daquellas razões, bem como das persuasões do capellão que afiançava a innocencia da Duqueza; porem como elle sahisse do aposento desta, um criado por nome Pero Vaz, o persuadiu a que voltasse, o que com effeito o Duque fez, e com cinco feridas tirou a vida á infeliz e innocente Duqueza. —

Por muitas maneiras foi attestada a innocencia da desditosa Senhora, e o arrebatamento, e precipitação do Duque. D. Francisco Manoel de Mello que narra este successo, — diz. *Dio muerte a su primera muger D. Leonor; ay fama que sin otro fundamento que su antojo. Dice-se por cierto, que Jayme partici-*

pando en su mocedad del proprio bervaje, que su mayor hermano D. Felipe, ya que no peligró de vida, adolesió de seso, cuyos intervalos le fueron continuos, y a tiempos le oprimian, agora de subita colera, agora de indeterminable melancolia. (Hist. Genealog. P. 5.º)

Refere Fr. Jeronymo Roman, que ElRei D. Manoel sentira este escandaloso procedimento do Duque, e que o quisera mandar prender; e por isto se acautelou este, andando muito tempo retirado, e recatado com receio do rigor d'ElRei, e occultando-se em uma caza fortificada que tinha em Evora Monte.

ElRei depois permitiu-lhe poder tratar de seu livramento, concedendo-se-lhe carta de seguro, e outra d'Editos para citar as partes, que erão pessoas a quem a notificação se não podia d'outro modo fazer: não consta porem que o pleito seguisse, ou se proferisse sentença. Foi tambem opinião vulgar que o Duque reflectindo depois no caso sentiu em extremo seu fatal excesso, e com tal arrependimento, que fazendo asperas penitencias pedia a Deos perdão de tamanha culpa.

Os parentes da Duqueza sentírão vehementemente seu tragico passamento; e seu cunhado D. Pedro Giron Duque d'Assuna mandou desafiar formalmente D. Jayme, ao que este respondeu, que não podia aceitar o desafio com um fidalgo particular, havendo elle sido jurado Principe herdeiro da corôa Portugueza; parece porem que não fora esta a principal razão de não aceitar o desafio, sendo o Duque esforçado cavalheiro, mas porque estando já livre da terrivel suspeita que o turbára (diz Fr. Jeronymo Roman) não devia em publico sustentar a injustiça de tal causa, devendo e querendo sepultar o motivo e a execução em esquecimento perpetuo, para que nem noticia houvesse de tão infausta tragedia.

Acha-se o auto, e inquirição que se tirou sobre a morte da Duqueza, na Torre do Tombo, Gaveta 11 — maço 8' — n.º 16.

Com este summario poderão agora nossos leitores avaliar melhor a belleza do romance, e o genio do nosso erudito *menestrel.* E' innegavel, que este estilo mui grato ao ouvido, e que muito facilita a memoria, pode ter mui vantajosa applicação para por este methodo vulgarisar factos mui pouco conhecidos da nossa historia.

A DUQUEZA de BRAGANÇA.

ROMANCE HISTORICO.

CANTO I.º

" Onde vais a taes deshoras,
Onde vais, ó meu Irmam?"
— Vou cumprir a estas horas
Hum meu voto, e devaçam. —
" Comtigo leva o criado,
Leva comtigo a Fernandes;
Assim vais acompanhado,
A tais horas só não andes;
Ha muitos lobos no monte
Ha javalis, e veados,
E andão junto da fonte
Muitas almas dos finados."
— Eu não quero companhia;
Das féras não tenho medo;
E da minha romaria
Jurei guardar o segredo;
Nem as almas dos finados
Me faram atraz voltar;
Se penão os seus peccados,

Meus peccados vou penar. —
" Ao menos deixa que vá
Tambem eu hoje comtigo,
Qualquer sorte bôa, ou má
Se repartirá comigo. "
— Já vos disse, meu Irmam,
Eu não quero companhia,
E' segredo a devaçam,
Farei só a romaria. —
" Aqui tens a minha espada
Seja a tua companheira,
Queres segredo? he calada,
Nunca me foi treyçoeira."
— Eu nam quero a tua espada,
Nada tenho que temer,
Eu nam vou fazer jornada
Em que deva combater.
Vou cumprir a estas horas
Hum meu voto, e devaçam,
Adeus que já me demoras;
Fica em paz ó meu Irmam. —
" Nam queira o Ceo que permitta
Que assim vás! entam vou eu:
Hum mau agoiro me agita,
E deste presagio meu
A tua alma nam cogita;
Mas nunca avizos do Ceo
Enganam huma alma afflicta
Do povir rompendo o véo. "
— Leixa-me partir to peço,
E que nam venhas comigo,
Teus concelhos agradeço,
Por certo são d'hum amigo.
Se teus extremos mereço

'Stá certo, nam temo p'rigo,
Que os caminhos bem conheço,
Nam arreceio inimigo:
Dá me cá a tua espada,
Eu comigo a levarei
Nam será desbainhada
Com ella nam ferirei.
He de paz minha jornada
Sem falhas ta tornarei. —
" Onde vais a tais deshoras,
Onde vais ó meu Irmam?
Nam levas tuas espóras,
Nam levas teu morriam?
Já o sei: porque tu córas
Porque levas teu gibam,
Qu' é de fustam prateado,
Meias mangas e collar,
E as pontas de veludo,
Roxo, côr de namorado;
Cinto de coiro bordado,
Com lavor de prata fina,
Burzoguim preto calçado,
Calça de cor purpurina,
Sayo, e barrete dobrado
De negro, a volta tambem:
Onde vais tam enfeitado
Agora conheço bem ..."
Tinha dado meia noute,
Era uma noute invernoza,
E ja tudo adormecido
Jazia em Villa-Vizoza,
Só Manuel Alcoforado
Com Antonio seu Irmam
'Stam com este arrezoado

Com esta conversaçam.
Antonio Alcoforado
Tomou a espada, sahiu,
Tam nobre, tam delicado
Tam bello pagem quem viu?
¿ Elle vai só ? vai; que não teme,
Vai com elle seu coraçam:
He seu piloto, seu leme,
Seu amor, sua paixam.
Os sinos da freguezia
Dobráram descompassados,
Ao triste nam lhe occorria
Que era o dia de finados.
Os cabellos se arriçáram,
Sem o querer mais se apressou,
Ao longe sombras passáram,
O coraçam palpitou.
Junto a elle piou hum moxo
Outro ao longe respondeu;
E hum claram quasi roxo
Mal brilhou, desapareceu.
Onde vais? ó desgraçado!
Torna atraz, nam vás avante:
Tanto agoiro aziagado
Traz o mal, nunca distante.
Signal da cruz sobre o peito
Nam te lembrou de fazer;
Nam he de Deus bem aceito
Quem sem elle pensa vencer.
Lá se abrio alta janella;
Huma luz appareceu
Era uma tocha amarella
Que logo desappareceu.
O stertor que o assaltára

Aquella luz dissipou ,
Ah ! se podesse voára :
O prazer logo voltou.
Huma voz muita sonóra
O seu nome fez ouvir :
Aquelle som que o enamora
Deu-lhe as azas para subir.
Huma corda lhe atiráram
Elle por ella se guindou ,
Dentro as luzes se apagáram ;
Tudo nas trevas ficou.
O anjo da sua guarda
Para o céo triste voando ,
Junto ao throno de Jesus
Chegou, afflicto , e chorando.
„ Ah ! Senhor , perdôa ;
„ Perdôa áquelle peccador,
„ Pelos espinhos da corôa
„ Pelo do fel amargor ;
„ Pela cruz onde morreste
„ Para remir peccadores ,
„ Pelos tratos que soffreste
„ Tantas offensas , e dores ;
„ Ah ! Senhor Jesus ! perdôa
„ Perdôa áquelle peccador :
„ Era sua alma tam bôa !...
„ Quem o perdeu foi amor ! !

CANTO 2.°

Stava Dom Jayme deitado
Em o seu nobre apozento ,

Dormia ; mas agitado
Das dores com o tormento,
Acorda sobresaltado.
Fernam Velho, seu Vedor
Lhe diz = Senhor acordai ;
= Que trahindo vosso amor
= A vossa espoza vos trahe :
= Pois entrou pela janella
= Do seu quarto de dormir
= Hum homem que 'stá com ella
= E que eu mesmo vi subir.

O Duque.

" Dá-me cá a minha espada
Toma tu aquella lança ;
Será hoje degolada ;
Vou cevar minha vingança ,
Nem te vale, ó Lianor ,
Ser Duqueza de Bragança ,
Nada importa a meu furor ;
Vamos lá , e sem tardança.=
Bate á porta da pouzada
Aonde habita a Duqueza ,
Diz querer agoa rozada ,
Tem no 'stamago dureza.
O' quem abre aquella porta ?
Abri que a furia lhe cresce;
Ali vem Briatris Eanes
Que appressada já desce.

O Duque.

Onde está vossa Senhora ?

Aonde está Lianor ?

BRIATRIS.

Eu deitada estava agora ,
E vim abrir-vos , Senhor...
De rezar he sua hora
Se o meio da noute fôr... „
Entra o quarto da Duqueza;
Ali ninguem encontrou :
Para donde 'stão seus filhos
Seu passo encaminhou.

O DUQUE.

Que fazeis aqui , Senhora?
O que fazeis vós aqui?

DUQUEZA.

Eu vim vêr os nossos filhos,
Que a chorar os senti.

DUQUE.

Estão callados nossos filhos,
Que a chorar eu nam os vi.
Que fazeis aqui, Senhora?
O que fazeis vós aqui?

DUQUEZA.

Ouvi ruído , e cuidoza
Para aqui logo corri ;

Eu vim ver os nossos filhos,
Que a chorar os senti.

DUQUE.

Que fazieis vós, Senhora,
A' porta quando bati?
Porque nam me destes agoa
A' porta quando a pedi?

DUQUEZA.

Estava ao pé de nossos filhos:
Vossas vozes não ouvi,
E por isso a minha porta
De par em par não abri. =
Dali sahio furiozo;
Torna ao quarto da Duqueza:
Por detraz d'uma alcatifa
Alfim acha a sua prêza...
De giolhos, de maons postas,
Estava Antonio Alcoforado;
„ Perdoai ó Senhor Duque,
„ Perdoai o meu peccado,
„ Por Christo crucificado...

O DUQUE.

Morrerás, traidor infame,
Morrerás morte cruel,
A teu Senhor tu trahiste
A teu dever infiel.

A. Alcoforado.

Perdoai-me Senhor Duque
Que nunca vos fui traydor
Assim o céo vos perdoe
E Jezus Nosso Senhor.

O Duque.

Vais morrer, traydor criado,
Vais morrer, to juro eu...

A. Alcoforado.

Dai-me Senhor hum instante
Que peça perdam ao ceu:
Mandai fazer por minh'alma
Bem, que ao corpo me negais;
Se com elle hes tam cruento;
Com ella não o sejais.

O Duque.

Pero Vaz, ide chamar
Algum dos meus capellaens;
Nam se percam suas almas
Como se foram de caens.
Ide chamar a Diego,
E que traga o seu manchil:
Degole braço de negro,
Pescoço d'hum homem vil.
Ficai aqui ó Rodrigues
E guardai o condemnado,
The que todas suas culpas

Tenha ao Padre confessado.

A. Alcoforado.

Aqui tens Fernam Rodrigues
Aqui tens a minha espada :
Eutregai-a a meu Irmam ;
Diz-lhe que nam foi uzada ...
Pedi perdam a meu Pay
A minha Mãy, minha Irmãa,
E contai-lhe minha sorte ,
Logo desponte a manhãa.
— Já chegou o Confessor ,
Já fez sua confissam —
„ Mandai tapar-me a cabeça
„ O' meu Deus dai-me o perdam.
A cabeça lhe tapáram ,
Alçou o negro o manchil ;
Cahe a cabeça d'um golpe
Pela mam d'algoz tão vil...

O Duque.

Ide ó Padre confessar
A Duqueza Lianor ,
A sua alma ide livrar
Das penas d'eterna dor.
— Stá na sua guarda roupa
A Princeza desgraçada ,
Sua vida he ja tam pouca ,
Que parece já finada.

Lopo Garcia. (*Confessor.*)

Dizei , Senhora , dizei

Dizei os vossos peccados;
Nosso Senhor os perdôa,
Se forem bem confessados.
Que ordenou o Senhor Duque
Vossa vida de acabar:
E depois de confessada
Vos quer el'mesmo matar.

A Duqueza.

Eu não tenho, Senhor Padre,
Peccados que confessar:
Só se he crime a meu espozo
Meus filhinhos adorar —

Lopo Garcia.

Vosso marido, Senhora,
Fez hum homem degolar;
Que elle achou no vosso quarto
Onde eu o fui confessar.

A Duqueza.

Eu não tenho, ó senhor Padre,
Peccados p'ra confessar;
Cruel morte nam a temo,
Irei no ceo habitar;
Pedirei por meu marido
Por meus filhos pedirei,
Lhes perdôe seus peccados
Como eu lhos perdoei...
E que sabendo a innocencia
Com que a morte supportei

Faça sancta penitencia.
Rezai por mim, senhor Padre,
Muita missa, e responsorio:
E dizei o meu officio
Mesmo no meu oratorio.
Adeus filhos de minh'alma
Adeus ó caros filhinhos!
Quem vos fará meus afagos?
Quem vos fará meus carinhos?
E se tiverdes madrasta,
Minha morte lhe contai,
E como eu a perdôo
Vós tambem a perdoai...
E quando vós vos cazardes,
Sem ouvir nunca julgueis.
Sede sempre virtuozos
Ao dever sempre fieis.
Adeus Espozo cruel!
Sê venturozo, e feliz:
Tu me mataste innocente,
Tu te fizeste infeliz...
— Nisto entrou o Duque irozo
Perguntou = Stá confessada? =
= Nam, Senhor. = responde o Padre,
= Nam confessou inda nada.

O Duque.

" Pois entam, Lopo Garcia,
Dai-lhe a vossa absolviçam."
— Pelos cabellos lhe trava
Cabellos que lindos são.
Com um cutello de caça
A cabeça lhe cortou,

E qual cordeiro innocente
Deu um ai ... logo expirou.
Huma Dona da Duqueza
Em altas vozes bradava
= Suspendei, ó Senhor Duque!
Mas em vam ellà gritava...
Que o Duque sem a ouvir,
O lindo corpo arrastava
Para o pé d'outro cadaver
Que do amante julgava...
Mas não era a Lianor
Que o bello pagem amàva,
Era sim huma Donzella
Com que d'amores andava...
De novo sinos dobráram
Dobráram na freguezia,
E o dia de finados
Por entre as nuvens surgia.
Mas o Duque logo soube
O quanto fôra cruel,
E que sua linda espoza
Nunca lhe fora infiel;
Vestio áspero cilicio,
Fez austera penitencia:
Aos monges fez hum Hospicio,
Onde fazia abstinencia.
Mettido n'huma cisterna
Passava noutes, e dias;
E fez muitas devaçoens
E fez muitas romarias —
E o santo confessor
O mandou fazer a guerra
Aos mouros que habitavão
D'Azamor infiel terra...

Elle comprio logo o preceito,
É Azamor conquistou:
Mas a magoa de seu peito
Só a morte lhe tirou.
Alta noute uma fantasma
Junto ao leito lh'apparecia:
Ou era alma da espoza,
Ou o remorso o mordia...
E quem ler este Romance,
Ou quem o cantar de cór,
Reze ao menos hum responso
Por D. Jayme, e Lianor.
E se fôr tambem cazado
Nunca julgue sem ouvir:
Muitas vezes apparencias
Nam fazem mais que mentir.

Miscellanea.

AS DUAS IRMANS.

Ha na natureza humana paixões tão fortes e tão estranhas, que difficil seria procurar-lhes uma rasão na providencia do creador. O coração humano parece abranger todas as formas, e moldar-se a todos os sentimentos; — se nobres ornão o ser que os encerra, e se baixos e abjectos, o tornão hediondo e despresivel, qualquer que seja o sexo, a idade, ou a jerarchia da pessoa que em si os nutre. — E como será possivel ver sem pasmo as paixões mais infames serem partilha do ente mais affavel e mais meigo da creação? Quem poderá combinar sentimentos d'odio, de vingança e de traição n'um ser tão bello, tão cheio d'encantos e tão expressamente formado para só conter sensibilidade e ternura! Uma mulher, e as paixões mais execrandas! ... eis o contraste mais extraordinario! A mulher, um ente brando por essencia, meigo por natureza, formado para ser a amavel companheira do homem, mitigar-lhe as asperezas da sociedade, apartar-lhe os abrolhos na carreira da vida, e temperar por sua innocencia e brandura os trabalhos da terra; este ente, que só devêra ser benefico, tem por vezes degradado o seu ser e a sua especie! Mas quantos exemplos oppostos apparecem? quantos se apresentão pesando tanto na balança das perfeições, que o fiel pende para o seu lado, logo que se apresenta um parallelo!?

Todos conhecem o caracter altivo, cruel, vingativo e apaixonado da Rainha Dona Leonor, espoza d'El-Rei D. Fernando. — E Dona Leonor era uma mulher! Se esse fosse o typo de tão encantadora especie, o homem fugiria da sociedade, e embrenhado nas mattas e nos bosques, viviria isolado para não ver o crime, e não sentir o remorso! Mas a providencia lá poz a par de Dona Leonor um ente ornado de dotes tão diversos, e qualidades tão oppostas, que o altivo caracter d'uma, ficava como compensado pela suavidade e brandura da outra. E onde iria a natureza collocar este contraste? Em Dona Maria, sua propria irmãa, para o tornar mais saliente, mais vivo, e mais dominante. Ambas ellas se assemelhão em successos que dependem do acaso; e só se oppõem n'aquelles em que o coração podia ter parte; ambas passárão a segundas nupcias, e ambas com pessoas da familia real; mas por caminhos tão oppostos, e tão diversas rasões, que só neste facto se patentea o contraste de seus genios e sentimentos.

Dona Maria era dama d'honra da infanta D. Beatriz, irmãa d'El-Rei, quando sua irmãa, mulher de D. João Lourenço da Cunha, partiu da provincia da Beira, onde se achava, e foi a Lisboa vizital-a; e nesta occasão viu El-Rei pela primeira vez em caza de Dona Maria sua irmãa Dona Leonor. Subitamente seu coração s'inflamou da mais violenta paixão. Dona Leonor o percebe; a sua conversação era viva e brilhante; na flor da idade, dotada d'uma rara formosura, tinha á sua disposição quantos meios uma mulher pode desenvolver para captivar e prender; e excitada por sua demasiada ambição poz tudo em practica para augmentar o amor que havia inspirado ao monarcha. El-Rei não podendo em breve suffocar a sua paixão, a communica a Dona Maria declarando-lhe que estava determinado a esposar sua irmãa. Uma tal proposta espanta o coração terno de Dona Maria, lembra a El-Rei como estava contractado a cazar com a Infanta de Castella; e que não podia romper sua promessa sem se expôr a uma guerra cruel. D. Fernando, que não attendia senão ao seu amor, responde, que tudo sacrificaria comtanto que podesse agradar a Dona Leonor. " Mas, minha irmãa, responde Dona Maria, contractou um laço indissoluvel, e Vossa Alteza sabe mui-

to bem que ella é casada com D. João Lourenço da Cunha. „ — " Elles são parentes, respondeu vivamente o rei, e como se unírão sem dispensa, não será difficil cassar o seu cazamento. „ — " Embora, tornou Dona Maria, mas minha irmãa jamais consentirá em tal! „ — " Não importa, replica El-Rei, proponde-lhe o que acabo de vos dizer. „—Dona Maria obedece; e, quanto se enganava seu ingenuo coração! Dona Leonor acceita no cumulo da alegria o impensado offerecimento d'El-Rei!

Apesar da grande opposição que D. Fernando encontrou da parte da nobreza e do povo para effectuar este cazamento, conseguiu por fim celebral-o; e este fatal consorcio foi a origem de todas as desgraças que assolárão Portugal durante este infeliz reinado. Os crimes commettidos por Dona Leonor manchárão o solío e degradárão o monarcha aos olhos dos Portuguezes. Dona Maria tinha d'algum modo sido o degrau porque sua irmãa havia subido ao trono, e nem por isso deixou de ser sacrificada á desmarcada ambição dessa mulher desnaturada.

Era Dona Maria viuva de D. Alvaro Dias de Sousa; a côrte a respeitava por seu raro merecimento, e o mundo a admirava por sua belleza e modestia. Não foi insensivel a tantos dotes o infante D. João filho da infeliz Dona Ignez de Castro, mancebo de rara gentileza e disposição, o melhor cavalleiro que em Hespanha se sabia, e sobre tudo muito bem-quisto e venerado por sua benignidade, e generosa condição. Abrasado da mais viva paixão offereceu-lhe clandestinamente a mão d'espozo, e Dona Maria julgou poder acceital-a, imitando o exemplo de sua irmãa, e tanto mais que ella era viuva e livre. Effectuou-se o cazamento, e sendo celebrado debaixo dos melhores auspicios foi em breve cortada a ventura que delle houvera de dimanar.

A rainha não tinha filho algum varão; e D. Fernando, definhando-se cada dia, não promettia viver muito. O infante D. João tinha fortes direitos á corôa, e Dona Leonor, dominada pela sêde de governar, não podia encarar sem terror o instante em que houvesse de descer do solio; muito mais pensando que sua irmãa poderia vir a occupar o seu lugar. Excitada a mente por estes funestos pressentimentos, concebeu o projecto de a

perder, ferindo ao mesmo tempo o infante seu espozo. Finge ignorar o cazamento secreto do infante, e lhe propõe cazar com a infanta Dona Beatriz, sua filha unica; porem nada move o apaixonado D. João. Vendo que tinha falhado esta primeira tentativa, ha recurso á calumnia. Manda chamar o infante, e fingindo-se penetrada de dôr lhe diz: " Senhor, sei que tendes desposado
„ secretamente minha irmãa; mas ella é ingrata a tan-
„ to affecto e indigna do vosso amor, pois que ousa tra-
„ hir-vos amando outrem. Corrida d'um crime que a
„ deshonra a ella e á sua familia preferi sacrifical-a ao
„ vosso ressentimento, a vêl-a gosar tranquillamente da
„ perda da sua honra. „

Um coração excessivamente apaixonado é facil em se deixar dominar pelos zêlos. D. João não podia presumir que Dona Leonor tivesse uma alma tão negra a ponto d'inventar semelhante falsidade. Transportado de colera, nos primeiros momentos do seu furôr, vôa a Coimbra, onde então vivia Dona Maria. Entra com impeto no seu quarto; ella, nadando em prazer, corre a abraçalo, mas é repellida com violencia. Pergunta-lhe porque motivo assim a maltrata: — é porque, responde o Infante, tendes divulgado o nosso cazamento, e demais me haveis faltado a fé jurada. — Eu vos provarei que estou innocente, torna D. Maria — Não venho para escutar escusas, replica o infante, mas sim para punir o crime.—Ao mesmo tempo crava duas vezes um agudo punhal no seio da espoza! Ella cahe banhada no proprio sangue, e expira nos braços de suas servas desoladas. D. João torna a montar a cavallo e foje espavorido.

A rainha foi logo informada desta terrivel catastrophe. Fingiu uma profunda dor, tomou lucto, e foi lançar-se aos pés d'E-lRei pedindo-lhe vingança da morte da sua irmãa. D. João tendo descuberto a perfidia da rainha se retirou para a provincia do Minho, onde se lhe renovou toda a ternura para com sua esposa. Recordava-se de todos os seus encantos e dos deliciosos momentos que havia passado junto della. Uma profunda melancolia se apoderou do seu animo, apresentava-se continuamente á sua imaginação a idéa de sua esposa, morta por suas proprias mãos; e esta imagem o perturbava a ponto que chegou a recear-se que attentasse con-

tra os seus dias. Retirou-se depois a Castella, onde passando por varios successos, perseguições e trabalhos, acabou seus dias com o infante D. Diniz seu irmão, que já lá andava por não ter querido beijar a mão á rainha.

Assim perdeu Portugal estes dous fructos do mais terno amor, que, perseguidos desde o berço, abandonárão por fim a patria, que uma mulher ambiciosa dominava por suas intrigas e seus crimes.

E a Providencia consentiu, — e a providencia decretou que essa mulher, rainha por um amor impuro que conseguiu inspirar ao monarcha, adultera nos dous consorcios, e tantas vezes criminosa, fosse o instrumento da triste morte da infeliz irmãa, tão virtuosa, tão amavel, e tão digna de melhor sorte! — Respeitemos os seus decretos, já que os não podemos sondar na sua immensa profundidade! ...

———

Variedades.

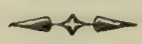
GALERIA DE RETRATOS COMICOS.

Nec te quæsiveris extra.

PERSIO, SAT. 1.ª

1.º

O CASQUILHO.



E' costume nosso muito antigo, e talvez seja um máo costume, escutar conversas alheias, quando vemos que se não falla em segredo. Donde nos veio esta manha, não podemos dizer ao certo; mas viesse donde viesse, o caso é, que della colhemos materia para instrucção, materia para divertimento, e materia tambem, quando Deos quér, que nos não serve para nada. Nesta ultima hypothese forçoso é confessar que perdemos nosso tempo: consolamo-nos porem com a idea, de que não ha sobre a terra quem possa gabar-se de o ter aproveitado todo.

Ora, raro é dia, em que se nos não proporcione occasião de satisfazer este vicio ... este vicio dizemos bem, pois na verdade, consideramos nelle uma especie de sigarro ou de pitada. Nas lojas, nos passeios, no theatro ... por toda a parte se conversa, assim como se fuma e cheira, e por toda a parte conseguintemente se póde escutar á vontade.

Ha tempos, estando nós assentados no passeio de S. Lazaro, observavamos com prazer os differentes figurões que por ali se achavão. Uns passeavão conversando em casos celebres de voltarete e de boston ...

cuidamos que serião jogadores; mas soubemos depois que erão ... ! *oh tempora! oh mores!* ...

Outros, fazendo circulo, entregavão-se inteiramente ás elaborações da politica. Organisavão e demettião ministerios, discutião sobre se devia de haver uma ou duas camaras, apresentavão projectos para melhorar as finanças, querião um appendix ás pautas, para que os estranjeiros não podessem espirrar sem direitos de importação; e sobre tudo insistião, em que se lançassem grandes tributos aos proprietarios, capitalistas, e industriaes ... de que devião de sahir fundos para o estabelecimento de um hospicio de vadios, sustentado á custa do Estado.

Cuidámos que estes senhores erão deputados; mas disserão-nos do lado, que nem para os eleger servião; pois que nenhum delles tinha oitenta mil reis de renda. *Magna in minimis!*

No meio de tudo isto, vimos chegar dous sujeitos elegantes, e bem vestidos. Era facil de ver que ambos elles pertencião a familias abastadas: porem, dava-se logo entre elles com um não sei que, que os differençava, — incomprehensivel, mysterioso ... mas que os differençava muito. Era um não sei que, que dizia, este homem, é um homem de senso: ess'outro, não passa d'um pateta.

Não sabemos se a todos acontece o mesmo; mas temos para nós, que a sciencia de Lavater e de Gall, é uma sciencia que nada tem de futil, — uma sciencia mystica na verdade, d'arcanos; mas em que acreditamos piamente, sem que nos envergonhemos disso. Se nos demandarem a rasão, talvez a não possamos dar de prompto: pois que a experiencia, e só a experiencia de muitos annos, nos tem embutido nesta teima. Ha certas carinhas, que desde a primeira vez que as vemos, nos repugnão e antipathisão, quando outras pelo contrario nos despertão de improviso sentimentos oppostos. Acontece-nos o mesmo para decidirmos do juizo, talento, e esperteza de qualquer individuo. Embora ás vezes queira elle disfarçar com certa belleza e elegancia de figura e trajo, os defeitos do entendimento. Através dessa belleza e elegancia, lá transparecem os indicios que o denuncião de relance. Tudo gri-

ta no desgraçado ... este Adomis que aqui vedes, é bronco como um rochedo.

Estes indicios pois é que nos obrigárão a fazer a distincção de que acima fallámos: e depois de concluida, não tardou muito que os documentos nos viessem provar a justiça della. O dialogo de que fomos testemunhas, e de que vamos dar conta a nossos leitores, melhor poderá, cremos nós, justificar o que avançamos. Bem conhecemos sua futilidade; mas tambem as bagatellas precisão de encher um espaço no grande espaço deste nosso globo.

A. — Que fazes hoje?
B. — Não sei ainda.
A. — Se ficasses á noute em caza ...
B. — Ficar á noute em caza! ... só se eu estiver estuporado.
A. — E onde vaes passál-a?
B. — Veremos.
A. — Ao theatro?
B. — Hoje é portuguez ...
A. — Ah! gostas de musica ...
B. — Qual gósto, nem meio gósto! se não fosse o diabo da moda, nunca lá punha o meu pé.
A. — Pois não gostas da Beatriz e dos Puritanos! ...
B. — Eu não. — Antes queria um entremez em que entrasse o *grilo cocho.* Ao menos ri-se a gente como um doudo.
A. — Pois meu amigo! nessas couzas cada um deve fazer o que mais lhe apraz.
B. — Isso é bom de dizer.
A. — Mas, não importa, confessa-me que gostas de ouvir a Galvi! ... (a)
B. — Juro-te que lhe não acho graça nenhuma. — Canta de um modo que parece que que está a fallar com a gente ... Antes a Passarini. — Essa ao menos faz couzas difficeis, como são huns trinadinhos, com suas corridas para baixo e para cima, que parece um realejo.
A. — Não disputo sobre gôstos, o meu porem não é esse.

(a) Este artigo foi escripto quando a Snr.ª Galvi, de que hoje lastimamos a perda, enriquecia com seu talento eximio o nosso theatro do Porto.

B. — E' que tu não tens gosto ... entendes?
A. — Tambem não disputo isso: mas diz-me, onde vaes passar a noute?
B. — Talvez á assemblêa
A. — Jogas as cartas?
B. — Deos me livre.
A. — O bilhar?
B. — Peor.
A. — Lês?...
B. — Eu ler!... Parece que me conheces d'hoje! — Para que diabo queres tu que eu leia?...
A. — Tens razão, — tens razão; pois em Portugal a fallar verdade não serve isso para nada. Quanto mais ignorante, tanto melhor se leva a vida.
B. — Entro ás vezes na salla da livraria para ver as pinturinhas ... e temos agora bom sortimento dellas. Muitos navios, — soldados — palacios ... e outras couzas bonitas. Nem eu queria que se comprassem d'outros livros. Se ha dinheiro de mais, deem bailes todos os oito dias. Eu gosto tanto de dançar!...
A. — Então vaes á assemblêa para ver as pinturinhas!..
B. — Certamente, e para matar um bocado de tempo.
A. — O tempo é que te ha-de matar a ti: — agora o que fazes é desperdiçál-o, e desperdiças a maior riqueza que Deos nos concedeu no mundo.
B. — Se o tempo fosse riqueza ... era eu um *Ferreirinha*. Tenho tanto, que não sei o que fazer delle.
A. — Faz-me curiozidade de saber em que occupas os teus dias?
B. — Eu t'o digo. Levanto-me ás onze horas. Visto-me em *deshabillé*, e almoço: acabado o almôço, faço a *toillete*, e ponho-me na rua.
A. — Até ahi vamos bem.
B. — Segue-se depois ir por esse mundo fora. Umas vezes vou á praça ...
A. — Pois déste agora em nogociante?...
B. — Qual negociante! ... converso por ali um pouco, serve-me de matar o tempo.
A. — E de o tirar a alguem, que careça de aproveitál-o?...
B. — De lá vou ao livreiro francez ...
A. — Mas se não lês, para que vaes gastar dinheiro?

em livros?

B. — Gastar dinheiro em livros!... eu!... nem um vintem, juro-t'o pela minha alma. Olha quem! Andão atraz de mim para assignar um jornal litterario; e eu fujo-lhe como o diabo das cruzes. A qui para nós, a letra redonda faz-me vontade de vomitar.

A. — Pois bem, mas segundo me consta, o tal jornal ha-de ter pinturinhas.

B. — Nesse cazo talvez me resolva ... Se trouxer couza de geito. Ouvi porem fallar n'um retrato do Ferreira Borges, — e retratos não é o meu forte. Agora se trouxesse uma serpente bem feia a comer um boi por uma perna, ou um Crocodilo, um leopardo ... e mesmo a Cidade de Cochinchina ...

A. — Boa Cóchinchina me pareces tu.

B. — Gósto d'aquellas couzas.

A. — Fazes bem; mas vamos a continuar nas tuas occupações diarias.

B. — E' verdade. Do livreiro francez, vou-me a caza do G. . . . . Ali encontra-se sempre boa sucia. Vae-se jogar um bocado de bilhar: cavaqueia-se com quem apparece .....

A. — Naturalmente lá acabas a manhãa.

B. — Algumas vezes: mas outras, subo á Calçada dos Clerigos, e encaixo-me no T.... ou no S...

A. — A comprar fazendas?...

B. — Quando preciso; e quando não precizo chalaceio com a caixeirada, um quarto d'hora na loja de baixo, outro quarto d'hora na loja de cima; e assim ando para baixo e para cima até que dou cabo do tempo que falta para jantar

A. — O pobre do tempo tem em ti um inimigo irreconciliavel:

B. — Se eu podesse tirar pelo menos seis horas a cada dia ...

A. — Da manhãa ja estamos livres: vamos á tarde.

B. — De tarde... ora namôro, ora alfaiate ...

A. — Alfaiate!

B. — Sim, alfaiate. Cuidas que as cazacas bem feitas, as calças elegantes se fazem sem mais nem menos!...

A. — Pois não sabe elle trabalhar sem as tuas direc-

ções!...

B. — Por certo que não. Queres saber o que ha tempos me aconteceu? Eu te conto. Mandei fazer um colete para um baile da Feitoria, — um colete de *felipó da Suecia* ... talvez não saibas o que é?

A. — Não tenho ouvido fallar.

B. — Ninguem tem disso senão eu ... Veio-me pelo ultimo paquete de Inglaterra. E o maldito alfaiate, mandou-me o dito colete, para um baile ... repara bem, um colete de *felipó da Suecia*, com seis botões em vez de cinco, que é o dado.

A. — Na verdade o cazo é grave.

B. — Se visses como fiquei desesperado!.. Estive para o matar...

A. — Era bem morto.

B. — Que se seguiu d'aqui? Não havia tempo de se emendar o defeito; pois eu estata *engajado* para a primeira contradança, tinha *vis-á-vis* apalavrado... que horror se faltasse a tudo isto! ... antes faltar ao pagamento de uma letra no dia do seu vencimento. Assim, fui ao baile com o maldito do colete, e dei que fallar á critica de toda a gente de bom gosto.

A. — O melhor tinha sido arrancar o botão superabundante.

B. — Isso quiz eu fazer; mas como fechar a caza?..

A. — Não me lembrava essa difficuldade ...

Aqui deixámos de os ouvir; pois começárão de afastar-se. Ainda lhe fomos no alcance; porem, logo os perdemos de vista: e como estavamos empenhados em apresentar este curioso dialogo a nossos leitores, viémos pôr em limpo os apontamentos, que a lapiz tinhamos feito com o soccorro da tachigraphia.

Noticias Scientificas.

Metallurgia: *Cementação do ferro.* — M. Laurent enuncia como resultado de suas experiencias metallurgicas; 1.º Que o carvão não é um corpo fixo como até agora se tem julgado, mas que em altas temperaturas pode evaporar-se. 2.º Que é o mesmo de muitos outros corpos repudos fixos, como o ferro, o cobalto, o nickel e seus oxidos. 3.º Que nos fornos de revebéro e nas caixas de cementação, a carbonisação se faz pelo hydrogeno carbonado contido no carvão, e que é pelo vapor deste que ella se ha-de aperfeiçoar. 4.º Que o transporte de diversos copos solidos para o interior d'outros corpos solidos não se faz de moleculas a moleculas pela influencia d'uma corrente electrica, mas porque um delles póde passar em vapor para os poros de outros. „

Optica — O Mont-Blanc offerece algumas vezes, depois do sol posto, um phenomeno d'optica assaz singular.

Quando o sol é já escondido para Genebra, o Mont-Blanc fica muito mais esclarecido pelos raios que as montanhas visinhas, o que é devido á sua grande altura. Mas depois que tem deixado de ser esclarecido, no fim de 10 ou 15 minutos reapparece ás vezes mui visivelmente e com um certo gráo de claridade, posto que d'uma maneira menos franca que d'antes. Este phenomeno tem lugar principalmente quando a atmosphera é mui pura, ou carregada de vapores aquosos em estado invisivel. M. Delarive explica este facto da seguinte maneira. Tem reconhecido por observação exacta do tempo decorrido entre as duas illuminações successivas da montanha combinado com o calculo da marcha do sol,

que o phenomeno é devido a raios solares que atravessão a atmosphéra a uma distancia da terra menor que a altura do Mont-Blanc e maior que a metade da sua altura, e que encontrão as camadas mais raras da atmosphéra com uma tão grande incidencia que são reflectidos em lugar de serem refrangidos. Esta reflexão inferior é facilitada pela humidade dessa parte da atmosphera, que os raios atravessão antes de tocarem no seu ponto d'incdencia. Os raios que soffrêrão reflexão, cahindo no cume nebuloso do Mont-Blanc, produzem a segunda illuminação, e a humidade augmentando a transpareneia do ar torna esta illuminação mais brilhante.

CIRURGIA. — *Novo instrumento para amputações* — M. Cazenaud, medico suisso inventou um processo operatorio para amputações, que abreviando muito o tempo em que ellas se fazem, torna quasi nulla a dor. Serve-se para isso d'um instrumento a que dá o nome de *citexcisor*, por via do qual com um so golpe amputa os membros na sua continuidade, e ás vezes nas suas contiguidades; as partes molles e os ossos são subitamente divididos, sem contusão, nem fenda, nem esquirola. O citexcisor está contido n'uma caixa de molas que se abre por si, e que tambem serve para collocar o membro. Uma peça em que se toca a um signal dado, e em quanto se entretem por outra parte a attenção do doente, põe o instrumento em movimento, e a operação termina dentro d'um segundo de tempo.

Só resta fazer ligaduras, e o curativo do costume; porque a pelle e as partes molles ficão de modo que podem cobrir a extremidade do osso. Em 21 de Maio deste anno que se deu parte desta descoberta á Academia das sciencias de Paris, disse-se que seu autor estava redigindo uma memoria com grande numero d'observações, e a descripção completa do seu apparelho.

NB. — Na primeira pagina deste numero depois de = *Memoria Biographica do Conselheiro d' Estado Honorario José Ferreira Borges* = deve ler-se — Primeira Parte.

INDICE.

Das materias contidas neste Numero.

I. Historia — Memoria Biographica do Conselheiro José Ferreira Borges. *Primeira Parte*..... 137

II. Litteratura— A Duqueza de Bragança — Romance..... 160

III. Miscellanea — As duas Irmans..... 179

IV. Galeria de Retratos — O Casquilho..... 184

V. Noticias Scientificas..... 190

José Ferreira Borges

REVISTA LITTERARIA.

Historia Contemporanea.

MEMORIA BIOGRAFICA

DO

CONSELHEIRO D'ESTADO HONORARIO

JOSE' FERREIRA BORGES.

SEGUNDA PARTE.

Examinemos agora o nosso illustre compatriota na sua nova situação de legislador.

Logo compareceu na primeira sessão preparatoria das Cortes em 24 de Janeiro de 1821, sendo nomeado para a commissão de redacção. Foi eleito secretario para o primeiro mez na sessão de 26: propoz na de 3 de fevereiro a abolição provisional dos dias feriados em todos os tribunaes e juizos, principalmente nas Alfandegas de Portugal, e Algarves, exceptos os domingos, e dias santos de guarda, e outros expressamente designados; foi eleito para membro da commis-

são de commercio; e tornou a ser eleito secretario para o segundo mez. Declarou na sessão de 13 de Março, que jamais receberia os ordenados que se projectavão dar aos que servírão desde 24 d'Agosto: na de 24 votou pela abolição do tribunal da Inquisição: na sessão de 26 apresentou o projecto do Codigo de Commercio Maritimo, em seis titulos, principalmente em relação aos beneficios que vem ao Commercio do contracto de seguro maritimo; projecto ao depois habilmente refundido e coordenado na Parte segunda do Codigo Commercial: na de 28 foi eleito para membro da commis-especial da reforma da marinha: na de 4 d'Abril apresentou um projecto a favor do commercio da praça do Porto, tornando-se livre aos Commerciantes da India, bem como o era aos de Lisboa: e sustentou nessa mesma sessão a nesessidade de ser igualmente creado no Porto um Terreiro publico (de cereaes) como em Lisboa, que servisse de regulador para as provincias do Norte: na de 7 oppoz-se fortemente ao artigo 8.° do projecto para a amortisação da divida publica, porque por esse modo augmentava-se a escripturação, e complicava-se o expediente: na de 10, tambem se oppoz contra o artigo 10 do mesmo projecto, porque dahi resultava uma auctorisação á Regencia para alterar quanto constitue a hypotheca particular: na de 12 offereceu um projecto para melhoramento da Misericordia do Porto, especialmente pelo que toca ao Hospital e Expostos.

No emtanto a sua saude ressentiu-se gravemente dos trabalhos preteritos; quasi todo o restante mez d'Abril, e todo o mez de Maio esteve impossibilitado de comparecer nas Cortes, bem como em muitos dias do mez de Junho; com tudo neste mez na sessão de 5 entrou brilhantemente na discussão do projecto sobre a entrada das lans d'Hespanha: na de 14 apresentou o projecto da abolição da Junta do Commercio; na de 20 votou pela divisão do producto da collecta ecclesiastica, sendo ametade para amortisar a divida publica, e a outra ametade para as despezas urgentes do Estado: na de 22 defendeu a utilidade da Companhia dos Vinhos do Porto, reconhecendo que suas leis carecião de reforma; opinião, que debaixo da forma em que o il-

lustre Deputado via a Companhia naquelle tempo, mereceu então alguma censura, talvez por não se haver bem entendido o seu pensamento. Quando elle votava pela necessidade da reforma da legislação, queria a existencia da Companhia, debaixo porem d'uma organisação nova, que podesse convir á agricultura, sem prejudicar o commercio; e é exactamente ainda hoje o que se preciza. Elle fez vêr que a abolição da Companhia, pelo modo que se queria fazer, tinha graves inconvenientes, sendo o proprio Thesouro publico o primeiro compromettido na abolição, pois que era necessario supprir por algum modo os direitos involvidos no exclusivo. Longe de nós advogar a existencia da Companhia na forma porque ella se achava, e com a cathegoria de Tribunal, mui similhante em seus processos ao da Inquisição; mas é innegavel que a existencia d'um corpo tal, organisado sob a influencia dos principios da Economia Politica, modificados pelo inflexivel poder das circumstancias, vistos, não abstractamente como geralmente se considerão, mas em concreto e em relação a este ramo d'industria, fonte quasi unica de nossa riqueza, e d' importancia verdadeiramente nacional, a-que devem curvar-se os principios abstractos, e puramente theoricos da sciencia, é innegavel, dizemos, que uma associação patriotica, combinando o bem da agricultura com a facilidade do commercio, seria da maior utilidade para a nação; e tal era o pensamento do nosso illustre Deputado, hoje amplamente confirmado pela experiencia.

Na sessão de 27 do mesmo mez deu um projecto para melhorar a fiscalisação das alfandegas, empregando nelle alguns veteranos e reformados. Votou pela constituição d'uma só camara legislativa, contra o *veto absoluto*. pelo Conselho d'Estado proposto pelas Cortes, pela declaração de que deixa de ser cidadão aquelle, que recuze jurar as bazes da constituição; e portanto que deve sahir do Reino. Estas opiniões, forão um tanto corrigidas pela experiencia; era mui natural que assim votasse quem para sahir da prolongada escravidão em que Portugal existia desde tantos tempos, em manifesta opposição com seus primitivos fóros, havia arriscado tanto: então o illustre Deputado esqueceu-se ple-

namente do *despotismo da democracia*, tendo só na lembrança o *despotismo d'um rei absoluto*: a poca é sua maior apologia.

Depois do desembarque d'ElRei D. João VI, e seu juramento ás bazes da constituição, na sessão Real de 4 de Julho, o Monarca havia nomeado o seu Ministerio, e entre outras pessoas, o Conde de Barbacena D. Francisco para Ministro dos Negocios Estrangeiros; este fidalgo fôra o unico que havia recusado prestar o juramento ás mesmas bazes, e o Deputado F. Borges, fazendo ver na sessão de 16 de Julho, quanto era perigozo que a pasta daquelles negocios se achasse em tão duvidosas mãos, fez demais a mais a corajosa accusação contra o mesmo Ministro, por ainda não ter participado aos Ministros, ou Encarregados estrangeiros residentes em Lisboa a espontanea prestação do juramento d'ElRei, propondo que este objecto fosse levado ao conhecimento de S. M., para haver de prover, como importava, á segurança publica. Esta moção foi apoiada por alguns Deputados, decidindo-se sobre ella, que primeiro que tudo fosse o Ministro chamado perante o congresso, o qual nessa mesma sessão compareceu, e foi interpellado pelo Presidente das Cortes sobre o facto da não participação do juramento d'ElRei aos Ministros estrangeiros na Corte de Lisboa, declarado ás Cortes pelo Deputado F. Borges, e sobre outra accusação feita pelo Deputado Frnz. Thomaz, ácerca d'uma ordem expedida por aquelle Ministro ao Redactor do Diario do Governo, para não publicar folha alguma sem sua approvação. O Ministro defendeu-se, dizendo que fizera immediatamente participação aos Ministros estrangeiros, que se achavão em Lisboa com credenciaes competentes, ao da Prussia, e Dinamarca, e que ainda no dia antecedente o Ministro d'Hespanha as recebêra; quanto ao segundo facto, respondeu que havia ordenado que o Diario conservasse o caracter official proprio d'um papel ministerial, *sem se occupar de chocarrices*. Na sessão de 30 é communicada ao Congresso a participação de que o Conde de Barbacena, fôra demittido, e substituido por Silvestre Pinheiro Ferreira.

Com a mesma energia se houve na sessão de 8

d'Agosto, em que, discutindo-se o parecer da commissão da fazenda, sobre a indicação feita por ella, e pelo Deputado Wanzeller a respeito das alterações feitas pela commissão *das novas pautas da alfandega*, disse que a commissão das pautas, e o Governo havião excedido as suas attribuições, por que nem aquella estava auctorisada a fazer nova pauta, nem o governo podia sanccional-a; devendo fazer-se sentir o seu effeito; e neste sentido foi decidido o parecer na sessão de 11, depois d'um importante, e mui instructivo debate.

Propoz na sessão de 10 de Outubro um projecto para a creação d'uma commissão, nomeada pelo Congresso, para se proceder a averiguações no Thezouro Nacional: na de 6 de Novembro propoz que o convento de S. Domingos do Porto fosse applicado para a alfandega da mesma cidade.

Na discussão sobre a criação do Banco de Lisboa discorreu sempre como quem possuia já vastos conhecimentos sobre a materia, principalmente na sessão de 27 de Dezembro, discutindo-se o §.° 23 do projecto, que tinha por objecto impôr ao Banco a obrigação de cooperar para a amortisação do papel moéda, concorrendo no primeiro anno de suas operações com o emprestimo de 2 mil contos de reis em notas, a juro de 4. p. 100, isto em compensação das prerogativas concedidas ao mesmo Banco: e posto que mais Deputados fallassem sobre o assumpto com bastante conhecimento delle, o discurso de F. Borges poz a questão em toda a sua clareza, de modo que o artigo passou como fôra redigido. Igualmente se distinguiu na questão da Companhia dos Vinhos; o tempo tem provado que elle discorria com conhecimento de causa; elle nunca defendeu os abusos daquella corporação, muito ao contrario sustentou sempre a necessidade da sua reforma; queria porem que esta se fizesse com modo, porque o objecto sobre que ella exercia as suas attribuições era de importancia maxima: o vinho é com effeito o genero de producção patria, que constitue a maxima porção da riqueza nacional, talvez unica em nossas actuaes circumstancias; as theorias da Economia politica tem precisamente de ser modificadas por estas.

Na sessão de 14 de Fevereiro de 1822 começou

a discussão do projecto sobre a alteração do valor do ouro, apresentado pelo Deputado Miranda, e nella entrou F. Borges, mostrando sobre o objecto os mais solidos principios, e vastidão de conhecimentos economicos.

Fazendo, na sessão de 12 d'Abril, a indicação d'inserir-se na Constituição o estabelecimento dos tribunaes privativos do commercio, deixa vêr qual o seu pensamento dominante a este respeito, resultado de uma experiencia, e meditações de muitos annos. Com o mesmo vigor que sempre mostrára, apresentou na sessão de 19 d'Abril uma energica indicação contra a carta, que mais pode chamar-se libéllo famoso, que o Deputado por S. Paulo, Antonio Carlos Ribeiro d'Andrade, escreveu ao Redactor do Diario Governo contra o Congresso, declarando nella que cessavão suas funcções como Deputado: cuja indicação sendo remettida á Commissão de Constituição, voltou com um parecer inteiramente no sentido da indicação, achando-se reprehensivel o procedimento do Deputado por S. Paulo (Sessão de 23 d'Abril). Assignou o projecto d'emprestimo para pagamento da divida contrahida desde 24 d'Agosto, apresentado pela Commissão da Fazenda em 18 d'Abril de 1822, sustentado por elle em um extenso, e instructivo discurso, proferido na sessão de 7 de Maio, vencendo-se a proposição da commissão da Fazenda.

Não menos se distinguiu na discussão sobre o projecto para fixar as relações commerciaes entre Portugal e Brazil. (Sessões de 2, e 9 d'Abril)

Uma das questões mais interessantes, até por suas desgraçadas consequencias, em que as paixões se achárão em acção, e reacção com toda a sua energia, e vehemencia, foi a das relações politicas com o Brazil; os mais conspicuos e illustrados Deputados tomárão nella quinhão mui importante, e entre elles vemos figurar com a mesma dignidade, o nosso illustre F. Borges; nada dizemos quanto ás opiniões animadas, e corajosamente sustentadas por um e por outro lado; pode ser que nessa época pensassemos como a questão se venceu, hoje por certo poderemos asseverar; que ainda que os destinos do Brazil, estavão ha

muito decididos irremissivelmente, fosse qual fosse a decisão do Congresso Constituinte, este se houve com a competente decoro, e sustentou dignamente seus direitos; todavia a decisão appressou o rompimento dos já mui debeis laços que prendião uma união nominal.

Tormentosas forão nesta época as sessões das Cortes, principalmente quando o objecto da discussão versava sobre relações politicas do Brazil; os Deputados desta parte da Monarquia forcejavão por obter uma como separação legal, entretanto que os Deputados do Reino sustentavão com dignidade a integridade da Monarquia; o artificio e o genio da independencia transluzião nos discursos daquelles, habil e eloquentemente concertados; era preciso rebatêl-os vigorosamente, e cumpre dizer que nesta discussão interessantissima brilha d'uma e d'outra parte a eloquencia, e a erudição. Ella foi entre-cortada por alguns outros assumptos incidentes, como o do registo das Hypothecas, o do concurso aos lugares da magistratura, a importação das aguas ardentes na ilha da Madeira, o da consolidação da divida publica, o do emprestimo, na conformidade da sua indicação, o da reforma da administração da marinha; em cujas discussões, sempre que o nosso compatriota fallou, discorreu com conhecimento de causa, gravidade, e eloquencia.

As Cortes Constituintes terminárão os seus trabalhos em 4 de Novembro de 1822, occupando-se alem d'outros objectos, da organisação das Relações Provinciaes; e na discussão deste projecto distinguiu-se igualmente o illustre Deputado Ferreira Borges.

A sua carreira parlamentar foi realmente brilhante; mas interrompida por incommodos repetidos em sua saude, foi por isto forçado a fazer longos intervallos no Congresso, e por esta mesma rasão em alguns debates parlamentares não poude entrar com a efficacia, que lhe permettião seus recursos intellectuaes.

Não havia elle sido reeleito para as Cortes Ordinarias, e nesta occorrencia mui grande parte teve a cabala, que em todo o reino dominou aquella eleição; mas quando mesmo o fôra, mui pequena deveria ser a sua assiduidade no Congresso, pois que o estado de sua saude reclamava descanso para reparal-a;

o que na verdade conseguiu, habilitando-se para desempenhar o novo emprego para que foi chamado.

Entre os cidadãos que as Côrtes havião proposto em lista triplice, para delles El-Rei escolher o Conselho d'Estado, achava-se comprehendido o nome de F. Borges, e elle foi um dos escolhidos em 6 de Março de 1823, e prestou juramento em 12 do mesmo mez. O decreto é assim concebido:

"Sendo-me presentes as duas propostas que as Cortes fizerão de Cidadãos Europeus e Ultramarinos para Conselheiros d'Estado nos termos do artigo 164 da Constituição: Hei por bem escolher a José de Mello Castro o Abreu, Conde de S. Paio, João Antonio Ferreira de Moura, Candido José Xavier, João da Cunha Sotto Maior, José Ferreira Borges, Antonio João de Menezes, Matheus Valente do Couto, e Romualdo Antonio de Seixas; pelo merecimento e mais partes, que nelles concorrem. Filipe Ferreira d'Araujo e Castro &c. &c. — Palacio de Bemposta em 6 de Março de 1823.

Agitada, e tormentosa era a época, e muito arriscado se apresentava o successo da causa Constitucional, e da emancipação dos povos. Uma força mui respeitavel devia entrar em Hespanha, como entrou, para levar a effeito as resoluções do Congresso de Verona. A guerra civil já ha muito lavrava em Hespanha sob o estandarte do *despotismo*, e da *inquisição*; *viva ElRei absoluto*, *e viva a inquisição*, era o grito do denominado Exercito da Fé! e em Portugal tinha ella ostensivamente levantado sua sanguinoza bandeira no dia 22 de Fevereiro em Villa Real. Sob taes auspicios ião os novos Conselheiros d'Estado auxiliar com suas luzes, pareceres, e inspirações as faculdades do Poder Real, abalado d'uma banda pelo espirito desconfiado, e terrivel d'uma democracia exasperada; e da outra lutando com os continuos embates de aulicos, ligados já ao partido antipatriotico, cujos chefes existião debaixo dos proprios tectos do Palacio do Rei: tal era a falsissima situação em que os membros do Conselho d'Estado entravão no exercicio de suas funcções. De sobejo era ella avaliada por estes, e em particular por F. Borges. Installado o Conselho, no-

tou o nosso compatriota que nelle, e em tal conjunctura, apenas se tratavão objectos triviaes, e proprios de tempos pacificos, taes como, votar sobre consultas de Secretaria d'Estado, propôr lugares de magistratura, &&; e cansado de vêr que então estas erão as unicas occupações, e incumbencia confiada ao Conselho, dirigiu ao Rei em 17 d'Abril uma respeitosa representação, em que com a acatamento devido á Magestade Constitucional, mas possuido de leal e puro patriotismo, lhe fer vêr a necessidade, de em tal crise, s'exigir o auxilio das luzes, da fidelidade, e do amor patrio do seu Conselho d'Estado; notou que o Exercito Francez havia passado, e descido os Pirinêos, e que apezar que do Throno de França se declarasse que a guerra não era com Portugal; como ella tinha por objecto dar máte ás instituições liberaes existentes, era innegavel que a guerra tambem era feita a Portugal: que os Ministros deslumbrados, ou por suas proprias opiniões, ou por promessas pouco acreditaveis, partindo d'hypothese já não existente naquella época, não se havião aparelhado para a guerra, como lhes cumpria; sobre tudo para obter dinheiro: e que sem embargo da faculdade obtida das cortes para obter um emprestimo de dez milhões, objecto em que elle muito havia trabalhado no transacto congresso, e das muitas e vantajosas offertas, que se havião já feito, aquelle arbitrio havia sido desprezado, dando causa a que o chefe da revolução em Traz-os Montes, tomasse por principal pretexto della a falta de pagamentos ás Tropas; increpação que toda devia recahir sobre o Ministerio, pois que nos cofres das provincias, e até no da Alfandega do Porto, havia bastante dinheiro: que ainda era tempo d'adoptar este arbitrio, posto que com muito mais sacrificio, do que se faria, quando a faculdade se concedeu; mas que este sacrificio deveria considerar-se como pequeno, quando com elle se mantivesse o systema Constitucional, e se salvasse a liberdade dos Portuguezes com a independencia nacional; obtidos estes meios, era mister aperceber para a guerra, fortificando as praças, e refazendo os arsenaes: — que era preciso cuidar da venda dos bens nacionaes, que nada rendião sendo conservados em ad-

ministração, e cujos compradores serião outros tantos defensores das liberdades patrias, como nella interessados: — que o Exercito não deveria ir fazer a guerra aos Francezes em Hespanha por mui obvias razões. Alem detes objectos, sobre muitos outros de não menor importancia versava esta representação, e outras que do novo levou á presença do Rei: mas as couzas estavão já muito adiantadas; o ministerio caminhava sobre um volcão sem s'aperceber; deixava de ver o que até os mesmos cegos sentião, se não vião; o erro, a illuzão, uma falsa confiança, talvez deslumbrado amor proprio, dictavão as providencias emanadas do Governo, tanto é certo que de um abismo se passa a outro abismo... ! os conselhos dos homens de senso e de tacto erão mal ouvidos, e reputados como filhos da cobardia, do medo, ou da collusão! a cabála tinha minado o palacio Real, cujas avenidas estavão inteiramente tomadas pelos conjurados contra a liberdade; era mister succumbir; o exercito francez na Hespanha tinha uma extensa atmosféra, este era o centro para que tendião todos os movimentos peninsulares; a liberdade ia fuguindo pela tangente, e tudo se achou de novo involto no turbilhão do despotismo: o principio da intervenção armada, aceito pela França, e por ella posto em execução, acabava d'uma vez com a possibilidade da prolongação d'instituições liberaes na peninsula iberica; ellas havião já succumbido antes ás armas austriacas na peninsula italica. A estas disposições unia-se a traição; a qual é tanto mais facil, tanto mais abraçada, quanto aquelles que a afagárão uma vez no coração veem o lisongeiro prospecto de que este nome, horrivel em sua essencia, mas sem mudar da essencia todavia, se converta no titulo honroso de fidelidade, e o de traidor no epitheto de benemerito! Assim aconteceu. Na noite de 29 para 30 de Maio o Infante D. Miguel, e perto de uns tres mil homens sahírão da Capital para Villa Franca: novo Ministerio succede ao que por incuria, ou por nimia confiança havia não pouco concorrido para o mais apressado desenredo d'um drama, que tinha de involver um prodigioso numero de cidadãos *verdadeiramente liberaes.* Os gritos *Viva o Rei absoluto* soárão cada vez mais a-

miudados ; — a guarda d'honra do Rei os repetia com vivacidade. *Viva o Rei absoluto ; abaixo a Constituição*, — foi a voz tremenda, que acabou de fazer baquear o edificio constitucional, e sem embargo disto, tão sincera foi sempre a bôa fé do Rei, que ainda resistiu por algum tempo, até que exclamou ; — pois que assim o quereis : Viva o Rei absoluto ; e o Rei partiu em direcção de Villa Franca no dia 31. O dia 2 de Junho foi o ultimo da existencia das Cortes, nas quaes se achavão então 77 Deputados, e muitos destes não assignárão o protesto lavrado naquelle dia : no emtanto o Presidente do Conselho d'Estado (o Conde de S. Paio) convidava os outros membros para se reunirem no dia 31, *para ouvir a opinião de seus collegas, sobre um passo que talvez tivesse de dar-se ;* logo depois novo aviso desfez a reunião ; antes deste escreveu a nota, cujo authographo temos em nossa mão ! *M... o V... veio perguntar-me da tua parte se havia Conselho ; respondo perguntando ; e temos Rei a quem aconselhar ? Eu não sei bem o estado das couzas, creio com tudo que a haver Conselho, não deve ser na Bemposta ; o que eu não quero é morrer n'um chuço : a morrer no meu posto não hezito eu.* 31 de Maio — Teu do C. F. Borges. Este documento, se não houvessem outros, bastára para provar a firmeza de caracter, probidade, e honradez do nosso compatriota ; acabando de confirmar estas excellentes qualidades a carta, por elle escrita a El-Rei no 1.° de Junho a bordo do Paquete Marlborough e que foi impressa no Diario do Governo. Tal foi o desfecho da causa constitucional em 1823 ! — F. Borges, julgando em perigo sua propria segurança, da qual nem mesmo o proprio Rei então lhe podia dar garantia sufficiente, achou que devia emigrar para Inglaterra, e ir demandar azilo no paiz classico da liberdade Europea, aonde outros infelizes defensores dos direitos do povo o tinhão ido já procurar. Daqui em diante começa propriamente a época litteraria do nosso illustre compatriota.

Salvo do turbilhão politico que envolvia Portugal, fóra do alcance da violenta perseguição d' inexoraveis sycophantas, ei-lo agora no seio da livre Albion, lamentando a situação da sua infeliz patria, co-

lhendo por unico fructo de seu continuo risco pessoal, de seus incessantes cuidados, e trabalhos, de sua dedicação pela emancipação do povo, a plena convicção de que o povo, mais voluvel que a ventoinha, apedreja aquelle mesmo que um minuto antes elevára ao fastigio da gloria; tranquillo porem pelos dictames de sua intima consciencia, e com os meios que ainda lhe restavão, achou-se na precisa situação de poder dar a seus conhecimentos toda a extensão, que seus extraordinarios talentos lhe permèttião. Coordenando os apontamentos, e manuscriptos que havião sido o fructo de seus primeiros estudos, e as primicias de suas meditações em diversos assumptos de jurisprudencia, especialmente commercial, elle viu, e nós lho ouvimos de sua propria bôca, que elles carecião de completa refusão; achou pois que mais proveitoso seria á sua propria instrucção e á instrucção publica, á qual queria consagrar toda a utilidade de suas lucubrações, começar de novo, e abandonar seus primitivos trabalhos litterarios, coordenando-os por diverso plano, refundindo-os, e enriquecendo-os com a nova acquisição de conhecimentos, em que incessantemente s'esmerava, já lendo os auctores, recorrendo para isto ás bibliothecas publicas de Londres amplamente providas, comprando copia de livros, com que engrandecia sua propria livraria; já consultando os proprios auctores vivos com quem amiudadamente conferia; já assistindo assiduàmente ás sessões publicas dos tribunaes inglezes, reconhecendo assim practicamente a forma e andamento dos processos, o methodo do debate entre os jurisperitos, patronos e juizes, admirando a ordem, regularidade, e a escrupuloza indagação com que ali, salvas rarissimas excepções, são tratadas as questões, seja qual fôr sua importancia, e em qualquer ramo do fôro, quer civil, quer criminal, quer commercial. Possuido constantemente da idéa de coordenar um Codigo Commercial para a sua patria, e de que havia sido publica e verbalmente incumbido pelo transacto Congresso Constituinte de Portugal na sessão de 6 de Julho de 1821 (V. Diario das Cortes pag. 1460), dominado mais pela idéa da gloria de ser o coordenador deste assas dezejado e necessario Codigo, que pelo in-

teresse do premio decretado (a) a favor do Auctor, cujo trabalho fosse approvado; tanto mais, que pela abolição do Systema Constitucional ficavão caducando todos os Decretos legislados pelos Cortes Constituintes; o nosso Compatriota dedicou-se inteiramente a tão penosa tarefa; e como para a levar a effeito lhe era mister passar em revista diversissimos tratados de legislação, elle poude ao mesmo tempo colligir materiaes de muita importancia para a legislação, e de summa utilidade publica.

Vimos que elle apresentára ás Cortes só seis titulos do *Codigo de Commercio Maritimo;* agora depois de dois annos de successivo estudo publicou em 24 d'Agosto de 1825 *As Instituições de direito cambial portuguez*, que forão impressas em Londres; nesta obra considera o auctor o contracto cambial, e o seu instrumento, desde o ponto em que foi celebrado até á sua resolução, tanto em sua marcha regular, como nos incidentes que a podem alterar, comparando a lei estranha com a patria, sempre que esta existe; assentando suas conclusões sobre as auctoridades veneradas no fòro de diversas nações, e especialmente de *Phoonsen* em Hollanda, de *Heinecio* em Alemanha, *de Suarez y Nuñes* em Hespanha, de *Pardessus* em França, e de *Chitty* em Inglaterra: fecha esta importante obra, de que o fòro Commercial portuguez muito carecia, e do que nem mesmo tratára o eruditissimo A. do *Direito Mercantil*, com as Taboadas franceza e ingleza dos usos, vencimentos, e dias de graça das letras de cambio nas principaes praças de Europa, e com a maxima parte da legislação patria ácerca de letras.

Ao mesmo tempo, e como por desenfado escrevia, e publicava as 63 interessantes cartas que constituem o periodico denominado *Correio interceptado*, cuja epigrafe — *Quidquid agunt homines, votum, timor, ira, voluptas, gaudia, discursus, nostri est farrago libelli* — do atilado Juvenal, assaz indica o objecto: com

---

(a) O Decreto é de 14 de Fevereiro de 1823 das Cortes Ordinarias, prometendo 8 contos de reis ao Auctor do Codigo de Commercio, que fosse approvado: e a Camara dos Deputados de 1827 havia elevado este premio á quantia de 12 contos, e mandado o projecto para a Camara dos Pares.

effeito neste opusculo com uma critica sevéra, e com delicado atticismo examina diversos actos do Governo Portuguez, taes como o Tratado de 29 d'Agosto de 1825, e os celebres Alvarás de 20 de Setembro e de 19 de Novembro do mesmo anno; e ajunta considerações sobre o papel moéda então em curso, e sobre muitos outros assumptos, que trata naquelle estilo critico-jocozo, que prende o leitor.

Em 1826 publica as suas *Dissertações juridicas.* A primeira á cerca do artigo 126 da Carta Constitucional, sobre a publicidade do processo nas causas crimes, mandado instaurar *desde já*; nella prova a sabedoria desta medida, muito mais providente que o artigo 201 da Constituição de 1822, de que aquella deriva; aponta e aplana as difficuldades que podem occorrer na execução daquella providencia. A segunda Dissertação ácerca do artigo 145 §.° 17 da Carta Constitucional, que manda *organisar* quanto antes *o codigo civil, e criminal*, fundado nas solidas bazes da justiça, e da equidade; nella expende a theoria novissima do Juriscunsulto Inglez *James Mill* sobre a organisação do corpo de Direito civil criminal; e remata a segunda parte com a exposição da sua opinião á cerca da natureza das leis, seus officios, e effeitos; bem como a ordem porque deve ser coordenado o codigo.

Estas duas Dissertações encerrão muita erudição, e revelão o mais fino tacto em jurisprudencia.

No emtanto apparece um inesperado, posto que natural acontecimento. El-Rei D. João 6.° fallecêra a 10 de Março de 1826; uma respeitavel deputação é com todo o ceremonial da diplomacia enviada ao Rio de Janeiro a prestar preito, e homenagem da parte da Regencia e dos Portuguezes, ao filho mais velho do Rei defuncto, como tal successor legitimo da Monarquia, e agora seu Rei natural. O novo Rei, alimentando em seu coração principios eminentemente liberaes, manda coordenar o sempre lembrado e saudoso Codigo fundamental, que denomina Carta Constitucional, e que aos Portuguezes outorgou em 29 d'Abril do mesmo anno. Depois deste generoso e verdadeiramente magnanimo acto, no qual deixa sanccionado o principio da soberania popular,

elle abdica a nova Corôa em sua Augusta Filha, e a designa como Rainha de Portugal. Aquelle immortal, posto que malfadado presente, malfadado sim, porque a mais negra ingratidão dos homens o ladeou sempre desde o seu nascimento até o seu occaso, é trazido a Portugal na Corveta *Lealdade*, que entra pelo Tejo dentro arfando ovante no dia 2 de Julho: perscindiremos de mencionar os promenores, que occorrêrão desde este dia até o 11 do mesmo mez, em que a Carta Constitucional foi mandada publicar, e por fim jurar em 31 desse mez, juramento que foi prestado por toda a nação com o mais intenso jubilo, e vivo enthusiasmo. Depois deste acto verdadeiramente Nacional, procedeu-se á convocação de Cortes, e a Sessão Real do Corpo Colegislativo prezidida pela Regente, a Senhora Infanta Isabel Maria, teve effectivamente lugar no 1.º d'Outubro no Palacio Real da Ajuda, com a assistencia do Corpo Diplomatico, e foi celebrada com toda a pompa, que era possivel.

Estes acontecimentos abrião as portas da patria ao nosso emigrado em Londres; e com effeito nós o vemos regressado a ella no 1.º de Fevereiro de 1827.

(Continúa)

Litteratura Portugueza.

FERNAM MENDES PINTO.

Ninguem duvida, cremos nós que as relações dos viajantes, são um manancial riquissimo, de que tirão grande partido historiadores, philosophos, e poetas. A prova disto se encontra no primeiro livro que se abra em qualquer destes tres generos.

Igualmente servem essas relações de passatempo agradavel, mesmo quando se leião sem fito de instrucção mais séria. E tanto isto é verdade, que entre nós, pobres portuguezes que somos, em quem não ha, digamol-o sem rebuço, grande inclinação pelas lettras, se depara a cada passo com a collecção de La-Harpe, e outros escriptos como os delle.

Muito pouca gente porem conhece Fernam Mendes Pinto! ... Suas peregrinações, historia excellente da viagens, são tam lidas pelos nossos, fallando mesmo da maior parte dos litteratos, como o Piani-tian dos Chins, ou como as relações arabes de Ebd-Allah Yaconti. —

Com bem vergonha o dizemos; mas é força confessál-o, nossos portuguezes de hoje, em vez de se darem primeiro que tudo, ao cultivo da litteratura indigena, tão bella e rica em quasi todos os ramos, por ahi se embrenhão em exoticas veredas, as mais das vezes sem direcção nem guia, o que faz que acabo de pouco, ei-los perdidos como em um labyrintho. Os poucos que leem um livro não querem livros dos seus: francezes, e mais francezes ... e com essa mania nos arruinão tudo: linguagem, estylo, e até o amor da patria. —

De mais valia para estranhos, quantos e quantos nos lêem por esse Universo todo!... Quantos e quantos estudão e prezão nossos optimos escriptores?... Boutterwek e Sismondi, fizerão da litteratura portugueza o assumpto de mui serios exames. São elles, que nos vierão dar a mão, e servir-nos de Palinuros no vasto e pouco navegado oceano de nossas riquezas litterarias.

Ainda conhecemos outro, a quem muito e muito devemos. Ferdinand Denis, nos tem enriquecido com excellentes e curiosas reflexões, resultado de sua applicação a nossas couzas, reflexões de grande proveito e vantagem, para quem dezeje instruir-se. Foi em um de seus opusculos, que ha dias deparámos com o juizo critico deste nosso grande classico. — Como é bem pouco extenso, quizemos dál-o em linguagem a nossos illustres leitores, para que tomem a quota, que julgarem pertencer-lhes, do bom nome, e fama do distincto compatriota.

" Examinemos ainda, diz o citado Ferdinand Denis, alguns desses homens, cujas ideas religiosas, nos podem emprestar côres e matizes, com que nos seja facil arreiar todas as tradições. Em circunstancias taes deparamos com um, que bem pouco conhecido, não deixa por isso de ser brilhante e sublime em seus magestosos toques. Tanta poesia esplandecente e cavalheiresca, espalhou elle em seus escriptos, que dos que o lêem, uma grande parte o considerão como desvairado lunatico, victima da sua imaginação enferma. De continuo inspirado pelas ideas da magnificencia oriental, exaltado por um grande enthusiasmo pela gloria, torturado ainda pela recordação de passadas dores; poeta ... verdadeiro poeta pelo estylo e pelos pensamentos, Mendes Pinto, é considerado por uns espiritos de gelo e fleugma, como impostor; e por outros, como um individuo, que luta sem cessar, e se deixa vencer das imagens aereas de seus sonhos. Mas nem uma couza, nem outra. Este viajante, de quem a vida, foi sempre uma vida d'aventuras, deve ler-se, é verdade, com circunspecção e cautela; e se quizermos entrar bem em suas bellezas, deveriamos possuir-nos de disposições analogas ás suas. Então, segui-o em

seus dezesete captiveiros, segui-o nestas ilhas do oriente, a que elle chama, como os Chinos, *as palpebras do mundo.* Examinae-o em suas differentes vezitas aos Malaios, povo que não sonha senão com as delicias d'amor, com as dansas graciosas, com os prazeres da vingança, e que ao passo que se abandona sem freio ao impeto de todas as paixões, se torna por isso mesmo, uma das castas mais poeticas da terra.

Vêde como Mendes Pinto lança mão de dous novos amantes, que vogando ao som d'agua sobre um mar pacifico e tranquilo, se adornão de bellas flores, e se embriagão com o perfume dellas! ... Escutae suas expressões d'amor; e dizei-me se expressões como aquellas se podem inventar a sangue frio? Nesta magica pintura de uma vida real, quantos mais encantos e atractivos, do que em qualquer dessas passagens tão gabadas e graciosas dos contos orientaes! ...

Este grande escriptor porem está hoje de todo esquecido, depois de ter sido traduzido em quazi todas as linguas da Europa. Mas que traducções poderião fazer comprehender todas as bellezas do original? ... Não se traduz a poezia sublime, que nasce das mais intimas expressões de nossa alma: e é essa qualidade principalmente que caracterisa Mendes Pinto, e o colloca a par dos maiores escriptores da litteratura portugueza."

Eis a opinião do celebre Denis, que por ser monumento erguido a um escriptor dos nossos, se deve eternisar nas paginas de nossos livros. Não passemos pela vergonha de consentir que taes gabos e verdades lhe sejão tributadas exclusivamente em idiomas estranhos. Ahi o tendes, detractores de nossas couzas, correndo o mundo nos escriptos de um grande homem; ahi o tendes elogiado como cumpre pela penna estrangeira! ... E vós que o não sabieis, pasmaes de que houvesse um Mendes Pinto entre os Portuguezes! ... Vergonha, e vergonha eterna a tão peccaminoso desleixo.

Viagens.

A CAZA DE CAMPO DE FERNEY.

O viajante que percorre a encantadora Suissa, apenas chega a Genebra pergunta com avidez onde é Ferney— em que distancia fica da cidade,— qual é o tempo proprio para lá ir, a fim de que sendo este um dos seus primeiros passeios, possa satisfazer nesta parte a sua curiosidade.— E qual será a causa deste dezejo universal? Esperará por ventura encontrar ali os dourados palacios de Genova, ou os soberbos jardins de Versalhes?— Cuidará que descobre esses bellos pontos de vista do Ghigi?— Ou contará ver diante de si essas maravilhas da natureza do valle de Chamouny? — Nada disto.— Figurae uma caza de campo simples e commoda, ornada com decencia, mas sem luxo; cercada de prados e campinas, n'uma situação agradavel como são os arrabaldes de Genebra.

Que encanto pois tem essa caza de campo? Que é que a torna tão extraordinaria? O nome d'um homem, d'um sabio, d'um philosopho!— Voltaire a habitou;— e eis o seu talisman;— eis o mysterio decifrado.

Voltaire tinha sido perseguido pelos grandes, pelos catholicos e pelos protestantes.— Apenas contava a idade de 22 annos quando foi encerrado na Bastilha por espaço d'um anno, por ser falsamente julgado auctor d'uma das muitas satyras mordases que apparecérão depois da morte de Luiz XIV. Pouco havia gosado da liberdade quando em 1724 foi novamente prezo na mesma fortaleza por espaço de seis mezes,

donde sahiu por fim, com a condição de sahir de França.

Refugiou-se em Inglaterra. Voltando á patria encontrou novas perseguições:— e depois de haver habitado dous annos em Alsace se resolveu a escolher um retiro independente. Costumava tomar os banhos de Aix na Saboya, e passando em Genebra, gostou tanto dos seus arrabaldes que determinou fixar ali a sua residencia. Escolheu o lugar de Ferney, situado nos limites do territorio da França e da Suissa, e assim conseguiu um asylo seguro contra dous poderosos perseguidores, em França contra os protestantes, e em Genebra contra os catholicos.

Quando Voltaire comprou a caza de campo de Ferney em 1759, era este lugar habitado por alguns poucos moradores que vivião em pequenas choupanas, quasi todas arruinadas pelos estragos do tempo, sem que seus proprietarios podessem reparal-as em rasão da sua extrema pobreza. Porem este philosopho por sua grande liberalidade melhorou tanto a sorte dos seus visinhos, que todas as cazas forão em breve reparadas, não se vendo n'aquelle lugar os vestigios d'indigencia que outróra ali existião. Por isso a sua memoria é tão venerada por aquelle povo, que o viajante que perguntar a qualquer ancião, se conheceu Voltaire, pode estar certo de o vêr responder á sua curiosidade com as lagrimas nos olhos, e cheio de gratidão.

A caza de campo de Ferney conserva-se ainda no mesmo estado em que se achava quando Voltaire a deixou na idade de 83 annos para ir a Paris assistir á representação da sua tragedia = *Irene* = que acabava de compor. Os mesmos moveis, a mesma disposição, os mesmos ornatos, tudo ali s'encontra sem a menor alteração. — No salão estão dispostos alguns quadros, representando grupos allusivos, entre os quaes se distingue um em que se figura a apotheose de Voltaire, o qual, segundo se affirma, foi delineado por elle mesmo

Vê-se o philosopho subindo ao Olimpo, levando na mão a sua Henriada, e vem a recebel-o Apollo e as Musas. — Por baixo se descobre, do lado esquerdo a barca de Charonte na qual acabava de passar, e do lado direito o seu busto, que os zephiros estão

coroando de flores. — Junto delle estão lançados por terra os authores que combatêrão as doutrinas de Voltaire, tendo cada um escripto nas costas os titulos das suas obras. Este quadro, se é verdade, como se affirma, que foi por elle delineado, prova, a par do seu merecimento, a sua excessiva vaidade.

No quarto de dormir de Voltaire se veem em torno do seu leito, os retratos das pessoas, que lhe forão mais caras, como o do grande Frederico, de Catharina 2.ª bordado por ella mesma, e do qual fez presente a Voltaire, da Marqueza du Chatelet, Lekain, Washington, e por baixo a seguinte inscripção, escripta pela propria mão de Voltaire —

= *Nequid detrimentum capiat Respublica.* =

Milton, Racine, Delille, e por baixo este verso d'Horacio —

= *Nulli flebilior, quam tibi, Virgili* =

Newton, Franklin, Corneille, Marmontel, Clemente XIV, Thomas, Helvetius, d'Alembert, o Duque de Choiseul, e Leibnitz.

A um dos lados do quarto está um pequeno obelisco, dentro do qual esteve o coração de Voltaire; — por cima se lê a seguinte inscripção:

Mes mânes sont consolés, puis que mon coeur est ici.

e por baixo:

= *Son esprit est partout, et son cœur est ici.* =

O coração porem ja ali se não acha. A marqueza de Vilette, sobrinha de Voltaire, quando vendeu esta propriedade, mandou-o tirar, e agora se conserva no Pantheon de Paris.

Uma curiosidade que ainda existe em Ferney em poder do jardineiro (o mesmo que havia servido Voltaire) é um pequeno livro em que elle costumava collocar os diversos sêllos dos sinêtes com que seus cor-

respondentes costumavão fechar as cartas. Apenas recebia as cartas do correio examinava, antes de as abrir, á face deste livro quem era o auctor de cada uma dellas, e desta sorte podia reenviar para o correio aquellas, que descobria serem de pessoas com quem não queria corresponder-se. — Por baixo d'alguns dos sêllos se vê no livro escripto por sua propria mão a palavra = *fou* =, e as cartas que trazião igual sêllo não erão por elle abertas, sem duvida por ter conhecido que taes correspondencias não merecião a pena de que com ellas occupasse o tempo.

Tal é o lugar que Voltaire escolheu para gosar do repouso nos seus cançados dias. — E onde se encontrarão situações mais aprasiveis e mais amenas do que nas vizinhanças do lago Leman? As suas agoas são tão cristalinas e tão transparentes, que os antigos as consideravão tão puras como os seus Templos, e por isso ião sobre ellas sacrificar aos deuses. — Quereis inspirações? — velejae ao longo do lago, — olhae em torno de vós, e vos achareis cercado de maravilhas. D'um lado as sombrias e carrancudas montanhas do Jura, do outro a soberba cadeia das Alpes, — ali Genebra, acolá Lausania, e tantas aldeias, e lugares, e varzeas, e collinas tão amenas, que a alma se extasía no meio de tantas bellezas! —

O celebre Lord Byron era tão affeiçoado a este aprasivel lago, que por muito tempo residiu n'uma bella caza de campo, situada á borda d'agoa e proxima a Genebra. E' hoje apontada ao viajante esta habitação, junto da qual o poeta havia feito construir um pequeno porto para mais facilmente poder navegar no lago quando as suas agoas se agitavão pela furia dos ventos. — Então elle podia, a seu prazer e livremente, segundo a sua expressão, = *gosar da tormenta* = sentado n'um pequeno barco, furiosamente impellido pelas encapeladas ondas.

Sciencias.

CURSO DE PHRENOLOGIA

Quinta Lição.

Senhores: Na lição antecedente tratei de vos fazer conhecer a importancia de empregar o methodo experimental no estudo das funcções cerebraes. As experiencias porem devem ser feitas nos vossos semelhantes, e não em vós mesmos. Este ultimo ponto é muito importante, porque os psychologistas dizem que empregão o mesmo methodo *por excellencia*. Mas elles fazem as experiencias em si mesmos, não observando o que se passa no homem durante as varias mudanças da sua vida moral e physica, desde o estado d'embrião atẽ ao de adiantada velhice. Estes dous methodos são muito differentes; e senão reparae. — Elles dizem, " Eu concebo tal idea; eu tenho experimentado taes ou taes sentimentos, taes e taes sensações; isto é um facto; e o meu semelhante affirma, que tanto existe nelle como em mim ,,. Tal é a experiencia; entretanto eu direi que a sciencia pelo modo porque hoje existe não pode ser assim estudada. As observações experimentaes devem ser simultaneamente feitas nos outros e em nós — tanto no homem moral como no homem physico, e em todos os periodos da vida. Este é o methodo de Gall. Seu systema não é meramente fundado em concepções originadas no silencio do estudo, e communicadas aos outros para que as approvem. Gall começou com as suas observações ainda muito novo, com poucos conhecimentos da historia natural, e sem a minima idéa d'anatomia. Elle advertiu que os rapazes seus condiscipulos que tinhão os olhos muito á flor do rosto decoravão as suas lições muito mais de-

pressa, do que os que tinhão os olhos encovados. Este reparo foi por elle feito muito naturalmente: e ainda fez outros semelhantes sem entender o seu valor. Mais tarde, depois de ja saber anatomia descobriu certa relação entre as eminencias vistas á superficie do craneo, e as da substancia cerebral. Suas primeiras observações immediatamente adquirírão novo grão de valor e de importancia. Elle examinou as varias opiniões publicadas sobre as funcções do cerebro, e immediatamente comprehendeu a possibilidade de corrigir as theorias que então vogavão ácerca das faculdades moraes e intellectuaes do homem. Desta sorte ja vêdes como Gall empregou a observação empyrica propriamente dita, antes que começasse a raciocinar, ou a edificar um systema. Depois de recolhido um numero sufficiente de factos cuidou logo em os arranjar, e comparar uns com outros, para dahi formar uma theoria rasoavel; esta tendencia é natural a todos os espiritos elevados. Ha com tudo individuos que nunca cogitárão de generalisar suas ideas para as reduzir a systema: o motivo ja o vamos ver. Outras pessoas porem sentem uma certa necessidade de descobrir um fio que ligue e explique as suas observações avulsas. E destes ultimos foi Gall. Elle tratou de proclamar a verdade apenas cuidou que a tinha descoberto. Encontrou logo muitos adversarios; como era natural. Em primeiro lugar a sua doutrina foi combatida por todos aquelles que por habito ou prejuizo encaravão a questão por differente lado. Em segundo lugar todos os inimigos de systemas tornárão-se seus adversarios; e estes formão uma classe numerosa, e tem grande influencia na sociedade, muito especialmente se acontece serem elles dotados de feliz memoria, e possuirem grande quantidade de factos, que estão sempre a citar para refutar indistinctamente todo e qualquer systema que lhes appareça. Elles até tem uma especie de orgulho em contribuirem para esta desorganisação, e pelos seus conhecimentos exercem grande influencia no animo do vulgo. Assim os adversarios naturaes de Gall constárão, d'um lado daquelles que sustentavão a doutrina do centro commum das sensações, ou fosse material ou espiritual; e do outro lado, dos inimigos de

todo o systema em geral. Estas circunstancias fizerão-no pensar que teria mais probabilidade de fazer fortuna em França do que na sua patria, e por isso fixou ali a sua residencia. O seu systema, sendo fundado na anatomia, e sustentado pelos resultados de mais esmiuçada investigação do cerebro, do que antes delle se tinha feito, foi a principio recebido muito fovoravelmente pelos philosophos francezes. A idea de localisação não agradou; forão porem admiradas as suas descobertas na anatomia do cerebro. A sua idea principal consistiu em seguir a direcção das varias fibras que nós vemos no cerebro, em vez de o dividir com córtes horisontaes, para descrever depois o que se notasse á superficie de cada um. Elle tambem insistiu na necessidade de seguir o desenvolvimento do cerebro desde o embryão até ao adulto, e de traçar sua successiva formação pela addição d'uma parte a outra. Esta idea era excellente, e foi universalmente recebida. Todavia Gall encontrou um obstaculo que não podia ter prevenido. O homem que naquelle tempo tinha em suas mãos os destinos de França, era um homem de genio sublime, era um consumado guerreiro, grando politico, e optimo administrador; elle porem viu com repugnancia quaesquer tentativas d'analyse das faculdades do homem, e para as reduzir aos seus mais simplices elementos; elle receou as consequencias que podião resultar desta especie d'instrucção. Foi por isso que suprimiu a *Academia de Sciencias Moraes e Politicas* no Instituto, ultimamente restaurada por Luis Felipe. Este facto é bem notavel, e geralmente sabido. Napoleão protegeu as bellas-artes, todas as obras da imaginação, todas as sciencias que contribuião para o progresso da organisação social, para multiplicar os nossos meios d'existencia, e para augmentar os recursos naturaes do paiz; mostrou-se porem sempre pouco affeiçoado a quaesquer discussões profundas sobre a natureza e origem de nossas faculdades intellectuaes, e em virtude deste aborrecimento proscreveu a doutrina de Gall. (1)

---

(1) As Lições de Gall erão naquelle tempo frequentadas por generaes, senadores, conselheiros d'estado, e pelos mais distinctos cortesãos: e sabemos de muito boa authoridade que no dia que se seguiu a uma certa tarde em que o Imperador proferiu alguns sarcasmos contra a craneoscopia, deixou a aula de ser honrada com a presença daquellas distinctas personagens.

Ninguem ha tão feliz que possua todas as qualidades de que a nossa natureza é capaz. Logo que foi sabida a opinião do Imperador, mudárão de tom as pessoas que até ali tinhão adoptado a doutrina de Gall; e umas se declarárão inimigas, e outras buscárão desculpas para explicarem a deserção d'uma causa que até ali abraçárão tão cordealmente. Porem ainda isto não era tudo. Empregárão-se as armas do ridiculo; os jornalistas derão largas á maledicencia; e por muitos annos Gall e a sua doutrina forão atacados com toda a virulencia. Demais a mais a França estava entretida com interesse de maior monta, de natureza mais vital; e por isso a phrenologia ficou estacionaria por alguns annos. Qual foi porem o seu destino? Foi o mesmo de que participão todas as sciencias despresadas pelos grandes e pelos poderosos. A phrenologia medrou no silencio e na obscuridade. Pouco e pouco se alistárão debaixo da sua bandeira muitos individuos que ião adiantando a sciencia contentando-se com uma modesta profissão de suas ideas. Assim se forão multiplicando os factos. Gall foi para Inglaterra, pouco satisfeito do máo acolhimento que encontrava na França: ali foi rapida a sua fortuna, porque não achava os mesmos obstaculos. A phrenologia foi adoptada com enthusiasmo, e desde esse tempo tem feito progressos consideraveis na Gram-Bretanha, na Suecia, Dinamarca, e America.

Na França ainda ficou algum resto da opposição que nasceu pela chegada de Gall a aquelle paiz; certos argumentos repetidos de sala em sala, zombarias e sarcasmos que toda a gente sabe de cór, e que ainda servem como d'uma especie de moeda falsa, interrompêrão o progresso da phrenologia. Mas como a liberdade d'imprensa, e a instrucção em geral se tornou mais ampla, a phrenologia tambem recebeu um impulso, e accordou do lethargo em que ha muito tempo estava submergida.

Aqui tendes, Senhores, um breve esboço do progresso da phrenologia: e notae que o progresso de qualquer sciencia é sempre d'uma maneira empyrica.

Os sectarios de Gall desejavão convencer-se das verdades da sua doutrina, e as suas observações para

este fim produzírão a descoberta de varios orgãos a que o proprio Gall tinha dado pouca importancia, ou que elle ainda não tinha perfeitamente estabelecido. Spurzheim associou-se a Gall: tambem era homem de genio, e tornou a phrenologia interessante para differentes pessoas que até ali olhavão para esta sciencia com alguma desconfiança. Permitta-se que expliquemos a razão disto. Gall começou o seu systema pelos factos mais familiares; desta sorte dizia que os rapazes que decoravão melhor as suas lições tinhão o orgão da memoria das palavras; que os que tinhão geito para comparar os factos entre si, erão dotados de sagacidade comparativa: observando nas cabeças de muitos ladrões sempre uma certa porção de cerebro mui desenvolvida, chamou a esta parte — orgão do roubo: nos assassinos descobriu igualmente o orgão do assassinio. Desta forma adoptou elle varios termos que, por um lado, parecião suspeitar uma tendencia organica para o vicio, e por outro destruião todo o merito ás acções virtuosas: elles admittião, por exemplo, *um orgão da benevolencia.* Isto deu lugar a varias reclamações. O povo começou de perguntar —: " Que entende este homem por orgão do vicio, e da virtude? Pois elle pensa que nós somos umas poucas de victimas destinadas a perpetrar crimes inevitaveis, ou a practicar boas acções sem sermos por isso dignos de louvor! Então em que se tornou a nossa liberdade d'acção? Visto isso, elle prega o puro fatalismo, contamina as bazes da moral, ataca a justiça das leis, e avilta a dignidade do ente humano! "

Spurzheim tratou de emendar estes erros na nomenclatura de Gall; elle disse que o roubo era simplesmente a applicação do orgão; um homem podia ter muita propensão para adquirir ou possuir bens, sem comtudo ser ladrão: podia tambem ter algumas vezes inclinação para derramar sangue, sem comtudo ser criminozo ou assassino.

Elle ainda foi mais adiante, porque provou que os orgãos que recebêrão de Gall nomes tão ominosos, não erão senão estimulos necessarios para desenvolver a actividade d'outros orgãos. Esta nota tinha perfeita applicação á necessidade de adquirir uma das pedras funda-

mentaes da sociedade, e aos orgãos da discordia, e destruição, nos quaes se encontrão os elementos da coragem militar, a resistencia á oppressão, e a defeza da patria.

Elle reformou igualmente o termo *astucia* que tinha sido tomado em má parte; mostrou como era necessario e natural ao homem encobrir os seus pensamentos em certas circunstancias. Esta dissimulação frequentes vezes se converte em prudencia, e pode tambem muitas vezes servir de muito, habilitando-nos para penetrar os planos d'um inimigo que conspira. Quando anda annexa a um juizo são, e a sentimentos elevados, toma então o nome de sabedoria, e é instrumento de varias acções beneficas para o homem, tanto na sociedade como na vida privada. Movido por estas importantes considerações substituiu Spurzheim o termo *secretividade* ao de *astucia*. Os outros orgãos forão mudados d'igual maneira. E' desnecessario mencional'-os aqui; com tudo não devo passar em silencio, que elle considerou o vocabulo *memoria* como não exprimindo perfeitamente as funcções da parte anterior e inferior do cerebro que preside á linguagem, porque elle observou;— Que a memoria procede do orgão que percebe, começando novamente a sua acção: quando o orgão é poderoso, é forte a memoria; se pelo contrario o orgão é dotado de pequeno gráo d'actividade, ou se experimenta difficuldade em repetir a sua acção, a memoria deve tambem ser fraca em proporção igual. — Desta sorte elle rejeitou os termos, *memoria das palavras*, *memoria dos sons*, *de lugares* &c. O mesmo orgão serve para a *percepção* e *repetição*. Agora já vós podeis entender como é que as mesmas leis governão os sentimentos, e comprehender a'asserção de Gall, que foi o primeiro a mostrar que a memoria não era uma faculdade independente, mas que cada orgão possuía uma memoria privativamente sua.

Desta sorte a phrenologia recebeu novo vigor; muitas pessoas que até ali olhavão com indifferença e até com desgosto para esta sciencia, começárão a tomar interesse pelo seu progresso. Foi rejeitada a idea de fatalidade que nos conduz cegamente ao bem ou ao mal, e mostrou-se que as nossas acções procedem d'uma associação d'orgãos combinados de varias maneiras, exercitados em diversos gráos, e produzindo assim os mais variados effeitos.

Foi mister chegar a esta conclusão para a historia dar testemunho contra o systema de Gall. Durante certas épochas do mundo entregárão-se as nações sem remorso a roubar seus inimigos, e considerárão este meio d'existencia como muito legitimo e moral. Em outras épochas encontramos nações universalmente propensas á guerrar e a augmentar o seu territorio; em outras parecião suas faculdades absorvidas pelas disputas religiosas. Taes differenças como se hão-de explicar? com o auxilio da phrenologia assim modificada por Spurzheim. Como todos os differentes orgãos existem no cerebro de cada individuo, aquelles que forem mais exercitados pela educação e pelo exemplo, ficão sendo mais fortes e dominarão sobre os outros. Entretando este resultado da educação ou do exemplo nunca pode mudar a organisação do cerebro; os orgãos da *comparação*, *causalidade*, e *reflexão*, tem uma constante tendencia para novamente considerarem os factos que tiverem sido admittidos por fé ou pela simples palavra d'um outro individuo. Sentimentos sublimes nunca podem aviltar-se completamente, porque estão arreigados na estructura do cerebro. Estes sentimentos mais cedo ou mais tarde tem de se associar á reflexão; e o espirito humano interrompido em seu progresso por um curto espaço de tempo, mais cedo ou mais tarde continuará a seguir o seu caminho. Quão vasto e bello objecto é este para se contemplar! Mal que a importancia da phrenologia foi sentida, logo lhe apparecêrão muitos sectarios, e os homens começárão a ver que a nova doutrina podia produzir um novo systema de philosophia, mais sensato, e ao mesmo tempo mais duradouro do que as theorias metaphysicas das escolas. Nesse mesmo tempo appareceu tambem uma reacção contra Gall e o seu systema. A principio só poucos homens instruidos, poucos cidadãos sem prejuizos, e dotados de bom senso, é que perseverárão no estudo deste systema com vistas d'instrucção publica, ou d'utilidade particular. Mas agora pelo contrario a phrenologia é a ordem do dia; uns estão empenhados em occultar a idea d'uma sciencia que ignorão absolutamente; outros combatem as suas doutrinas com subtilezas e sophismas; e alguns individuos parecem exclusivamente occupados em colligir factos que considerão appropriados para a destruir. Estas differen-

tes paixões manifestão-se com um certo gráo d'actividade e energia que caracteriza uma épocha scientifica.

Tal é a posição em que nós estamos collocados, posição que torna a phrenologia extremamente interessante, e o seu estudo um dos mais importantes do periodo em que vivemos. Agora cumpre que escolhamos o methodo que havemos de seguir neste curso. O de Gall é o unico que podemos adoptar; e vem a ser a observação do homem são, e do homem doente, na infancia, na adolescencia, e na velhice. Com tudo lançaremos mão das investigações feitas por seus successores, e estudaremos um após outro, os instinctos, sentimentos e faculdades intellectuaes do homem. Este é o methodo natural d'examinar o entendimento humano. Em uma das precedentes lições mostrámos como se desenvolvem os instinctos do homem antes dos seus sentimentos, — e como o apparecimento destas ultimas qualidades é logo seguido pela imtelligencia. Esta jámais produzirá sentimentos, a não estar extremamente desenvolvida; e alem disso só em muito pouca gente isto poderá acontecer. Permitti que eu faça uma observação a este respeito. No principio da juventude é a intelligencia muito activa; todos os dias alarga a esfera dos seus conhecimentos, tem a consciencia da sua força, e por isso é constantemente estimulada por inesperadas descobertas. O joven olha para si mesmo com orgulho quando sente as suas faculdades cogitantes com a mesma força que as dos homens que elle até ali reputava muito superiores. Mui activos sentimentos correspondem tambem a este energico desenvolvimento das faculdades intellectuaes. O joven tem naturalmente uma grande porção d'amor proprio, é presumido, e despreza facilmente aquelles que pensão de differente modo: suas paixões são as mais das vexes excitadas irreflectidamente; une-se facilmente com os que são da sua idade, torna-se irritavel, é sujeito a cahir em varios excessos só por effeito do exemplo, ou da meditação. O ajuntamento de pessoas novas umas com outras, é, como todos sabem, motivo de frequentes desordens, e mesmo de motins; um systema de philosophia, um mestre de que se não gosta, ás vezes uma opinião politica mal comprehendida, produzem não raras vezes os tumultos nas universidades ou academias: nas gran-

des cidades, sobre tudo entre as classes fabris, as collisões hostis, que nunca terminão sem alguma morte, são ordinariamente produzidas por vagas impressões do passado, ou por alguma expressão injuriosa. Nas aldeas vêmos os camponezes novos atacando-se reciprocamente em grandes massas só por uma simples differença de residencia, ou de nome.

Sobre estes frivolos motivos é que se fundão os mais capciosos e mais absurdos argumentos, mas que trazem comsigo terriveis consequencias. Com tudo a final com o progresso da idade, á força de se terem enganado e arrependido das suas precipitações, e com o augmento de juizo que amadurece pela incessante acquisição de novos factos, os mancebos vem a perder a sua impetuosidade, e a reprimir os seus excessos: o que até ali os apaixonava, é depois visto com impassibilidade, despontão interesses mais graves, e predomina por ultimo a intelligencia: entretanto não é isto geral em todos os adultos, e as mulheres conservão-se sempre mais sentimentaes e mais apaixonadas que os homens. Geralmente na maioria dos adultos as paixões e os sentimentos, ainda que menos impetuosos do que na mocidade, influem toda a vida sobre a intelligencia. Isto é, como já dissemos, um grande obstaculo que se oppõe ao descobrimento e progresso da verdade. Remedêa-se comtudo cultivando a intelligencia, para o que é necessario subministrar com tempo á mocidade os factos que devem amadurecer o seu juizo; porque em geral ha sempre nas massas intelligencia bastante para abraçar as grandes verdades, aquellas que podem previnir os desvios perigosos; faça-se porém o que se fizer, a natureza quer que a épocha das paixões preceda a do juizo.

Vós, Senhores, bem vêdes que estas consi derações nos impõem a lei de seguir a ordem da natureza; começaremos por tanto pelos instinctos, tendo sempre em vista as modificações feitas no methodo d' observação de Gall.

Antes de ir mais adiante, Senhores, não devo deixarvos ignorar, as menos a aquelles que ainda não estão ao facto do que vou dizer, que a escola philosophica da Escossia, chamada do *Senso commum*, tinha descoberto pela simples observação dos resultados da acção cerebral

uma grande parte dos factos annunciados p[illegible] Gall. E' uma couza muito importante, e que mostra [illegible] tanta verdade ha nesta observação; comtudo como [illegible] esco-la faltavão reguladores materiaes, erão p[illegible] muito arbitrarios os seus enunciados. Ella não ind[illegible] orgãos cerebraes, e com tudo observava os phenom[illegible] instinctivos, os sentimentos, e as faculdades in[illegible]; classificava-as tambem, e não se contentava [illegible] dizer, como muitos, que as sensações se co[illegible] em juizos, e em sentimentos; ou que o *Eu* [illegible] dotado, sem se saber como, de sentimentos, d'affect[illegible] de paixões. Aquella escola observava, e dizia: [illegible] todas as linguas encontrão-se palavras que corr[illegible] a qualidades determinadas dos individuos da e[illegible] por conseguinte é mister crer nestas qualidades; [illegible] o senso commum no-lo impõe como lei. Assim vemos [illegible] homens bons, e homens maos, uns soberbos, h[illegible] outros, pois que em todas as linguas ha voc[illegible] para exprimir estas qualidades. Ha homens [illegible], e homens crueis, homens invejozos ou zelozos [illegible] homens bons, generosos e prodigos. A virtude e [illegible], a justiça e injustiça, a bondade e maldade, [illegible] e crueldade; o sentimento do bello, do grande, [illegible], do venerando etc. não são por tanto palavra[illegible] de sentido, e não devem ser confundidas com as [illegible] dos attributos dos corpos, porque as palavras [illegible] designão os attributos não são as que representã[illegible] qualidades do homem, e nada ha que authorize [illegible] formar estes factos uns nos outros. Nós não in[illegible] a causa de todas estas diferenças, mas notamos [illegible] inherente ao homem cada caracter, e que ell[illegible] va toda a sua vida, quaesquer que sejão as [illegible] que se operem nas suas percepções, ou nos co[illegible] tos adquiridos„ Em quanto ao mais a escola c[illegible] que nós citamos, notava os factos intellectuaes [illegible] sem os referir a orgão algum. Estas o[illegible] tinhão tido principio antes das de Gall, e [illegible] vão ao mesmo tempo que as delle. Podeis lêr [illegible] do Snr. Lelut — *O que é a Phrenologia?*—e ahi [illegible] que elle colligiu e ordenou todas as faculdades [illegible] das pela philosophia escosseza, sem com tudo [illegible] doutrina que ella professa.

philosophia pois classificou as nossas faculdades, não tinha orgãos para basear a sua classificação, este defeito deixava-a no dominio do arbitrio. Todavia, posto que arbitraria, attendeu a muitos factos, e chegou até aos instinctos, e ás necessidades mais organicas. Assim, a respiração, a nutrição, a fome, a sede, a defecação, a necessidade da locomoção forão reunidas por Reid como instinctos, que ha em todos os homens, e lhes são communs com os animaes. Elle não cuidou em lhes dar um orgão; e mesmo a obra, que ainda agora vos citei, censura os phrenologistas por não terem dado attenção a todos estes phenomenos, e por não os terem referido ao cerebro, assim como tinhão referido muitos instinctos.

Nada direi da classificação de Huttcheson anterior á sua, porque ella comprehende muitos objectos, e é muito confusa. Porém no que acabo de dizer ha quantidade para vos mostrar, que estes philosophos construirão uma cadéa cujos primeiros élos estavão nas funcções das visceras, e que gradualmente ia subindo até aos sublimes actos da humana intelligencia.

Assim, já vedes que a nossa sciencia é uma necessidade do seculo em que vivemos. Na verdade os phrenologistas não tem podido localisar as varias necessidades e instinctos descobertos pela escola d'Edimburgo, o era materia de grande difficuldade; e por isso elle começou pelo instincto gerador. Desde então os passos mais ousados derão; e alguns escriptores pensão estabelecido orgãos da alimentação, e do amamentar. Entretanto, estes não são universalmente admittidos; nós porem continuamos a observar, e vemos um certo numero de factos, que me induzem a admittir a existencia d'um orgão da *alimentividade*: o mesmo lugar que lhe attribuiu Combe.

Mais difficultoso é ainda localisar a necessidade da respiração. Na França costuma-se referir a necessidade de respirar só a aquelles pontos da medulla oblongada, em que se insere ou de que nasce o 8.º par de nervos. Segundo as experiencias de Legallois, os phenomenos da circulação parecem depender daquella porção da espinal medulla que fica logo abaixo da região cerebral. As differentes evacuações parecem tambem depen-

uma grande parte dos factos annunciados por Gall. E' uma couza muito importante, e que mostra quanta verdade ha nesta observação; comtudo como a esta escola faltavão reguladores materiaes, erão por isso muito arbitrarios os seus enunciados. Ella não indicava orgãos cerebraes, e com tudo observava os phenomenos instinctivos, os sentimentos, e as faculdades intellectuaes; classificava-as tambem, e não se contentava só com dizer, como muitos, que as sensações se convertião em juizos, e em sentimentos; ou que o *Eu* é dotado, sem se saber como, de sentimentos, d'affectos, e de paixões. Aquella escola observava, e dizia: " Em todas as linguas encontrão-se palavras que correspondem a qualidades determinadas dos individuos da especie: por conseguinte é mister crer nestas qualidades; e o senso commum no-lo impõe como lei. Assim vemos que ha homens bons, e homens maos, uns soberbos, humildes outros, pois que em todas as linguas ha vocabulos para exprimir estas qualidades. Ha homens piedosos, e homens crueis, homens invejozos ou zelozos, e homens bons, generosos e prodigos. A virtude e o vicio, a justiça e injustiça, a bondade e maldade, a piedade e crueldade; o sentimento do bello, do grande, do sublime, do venerando etc. não são por tanto palavras vazias de sentido, e não devem ser confundidas com as percepções dos attributos dos corpos, porque as palavras que designão os attributos não são as que representão as qualidades do homem, e nada ha que authorize a transformar estes factos uns nos outros. Nós não indagamos a causa de todas estas diferenças, mas notamos que é inherente ao homem cada caracter, e que elle o conserva toda a sua vida, quaesquer que sejão as mudanças que se operem nas suas percepções, ou nos conhecimentos adquiridos,, Em quanto ao mais a escola celebre que nós citamos, notava os factos intellectuaes e moraes sem os referir a orgão algum. Estas observações tinhão tido principio antes das de Gall, e continuavão ao mesmo tempo que as delle. Podeis lêr a obra do Snr. Lelut — *O que é a Phrenologia* ?—e ahi vereis que elle colligiu e ordenou todas as faculdades estabelecidas pela philosophia escosseza, sem com tudo analisar a doutrina que ella professa.

Esta philosophia pois classificou as nossas faculdades, mas não tinha orgãos para basear a sua classificação, e este defeito deixava-a no dominio do arbitrio. Todavia, posto que arbitraria, attendeu a muitos factos, e chegou até aos instinctos, e ás necessidades mais organicas. Assim, a respiração, a nutrição, a fome, a sede, a defecação, a necessidade da locomoção forão consideradas por Reid como instinctos, que ha em todos os homens, e lhes são communs com os animaes. Elle não cuidou em lhes dar um orgão; e mesmo a obra, que ainda agora vos citei, censura os phrenologiscas por não terem dado attenção a todos estes phenomenos, e por não os terem referido ao cerebro, assim como já tinhão referido muitos instinctos.

Nada direi da classificação de Huttcheson anterior á de Reid, porque ella comprehende muitos objectos, e é muito confusa. Porém no que acabo de dizer ha quanto basta para vos mostrar, que estes philosophos construírão uma cadêa cujos primeiros élos estavão nas funcções das visceras, e que gradualmente ia subindo até aos mais sublimes actos da humana intelligencia.

Assim, já vedes que a nossa sciencia é uma necessidade do seculo em que vivemos. Na verdade os phrenologistas não tem podido localisar as varias necessidades e instinctos descobertos pela escola d'Edimburgo. Isto era materia de grande difficuldade; e por isso Gall começou pelo instincto gerador. Desde então poucos passos mais ss derão; e alguns escriptores pensão ter estabelecido orgãos da alimentação, e do amor da vida. Entre tanto, estes não são universalmente admittidos; nós porém continuamos a observar, e eu possuo um certo numero de factos, que me induzem a admittir a existencia d'um orgão da *alimentividade*: no mesmo lugar que lhe attribuiu Combe.

Mais difficultoso é ainda localisar a necessidade da respiração. Na França costuma-se referir a necessidade de respirar só a aquelles pontos da medulla oblongada, em que se insere ou de que nasce o 8.º par de nervos; e segundo as experiencias de Legallois, os phenomenos da circulação parecem depender daquella porção da espinal medulla que fica logo abaixo da região cervical. As differentes evacuações parecem tambem depen-

dentes da medulla espinal; na physiologia porém mostrou-se que a medulla espinal excita a acção do cerebro que ella provoca para a auxiliar. Assim, quando o desejo da defecação é excessivo – quando o utero faz grandes esforços para a expulção do feto, os musculos respiratorios, e mesmo os das extremidades superiores, participão dos esforços expellentes: do que resulta que a volição, que sem duvida reside no cerebro, é excitada para auxiliar a influencia das visceras, e da espinal medulla. Estas reflexões, Senhores, dão-vos uma idea da profundidade das observações feitas pela escola d'Edimburgo. E' certo que todas as nossas funcções internas estão d'um, ou d'outro modo ligadas ao cerebro, nós porém ainda não estamos tão adiantados, que possamos determinar com exactidão quaes pontos do cerebro obrão primeiramente, em todas as circumstancias em que tem lugar esta connexão.

Se é licito fallar eu aqui de mim mesmo, devo dizer-vos que antes de conhecer os trabalhos da escola d'Edimburgo, tambem admitti aquellas necessidades no meu *Tratado de Physiologia applicada á Pathologia*. Alem disso, á semelhança da mesma escola, admitti igualmente a necessidade da actividade muscular, e a impaciencia de fazer alguma couza: porque esta necessidade parece-me muito imperiosa nas pessoas novas; não localisei parém estas necessidades no eixo cerebro-espinal; nem tambem os phrenologistas o podérão ainda fazer. De modo que fica sendo um tanto provavel que a necessidade d'actividade, e a de repouzo, dependem da disposição geral do systema nervoso. Taes são os motivos porque os phrenologistas, quando fazem a exposição dos instinctos e das necessidades, não passão alem dos orgãos da alimentividade, e do amor da vida, sobre cuja existencia ainda não estão muito conformes.

Passo agora a expor-vos uma observação anatomica do cerebro, que infelismente não tem por si tantas provas que a torne incontestavel, como eu julgo que é.

E' sabido que ha duas ordens de nervos: nervos do sentimento, e nervos do movimento. E particularmente na medulla espinal é que isto se tem podido observar. Sabe-se que a inserção dos nervos do movimento é na face anterior, e na posterior a dos

do sentimento : de forma que se pode estabelecer que cada uma das duas tiras nervozas brancas destas duas regiões tem sua funcção propria, sendo a posterior para o sentimento, e a anterior para o movimento. O sentimento porem não tem lugar na medulla; e estimulo que o produz, sobe e chega ao cerebro. A superficie posterior d'este prolongamento, que é o do sentimento, ou a camada nervoza branca pue a representa, entra no encephalo. Depois de chegar á extremidade superior da medulla oblongada, toma muitas direcções: passando pela superficie dos tuberculos quadrigemeos dirige-se por uma banda para o ventriculo do cerebello, e pela outra para o terceiro ventriculo, e para os ventriculos lateraes. De forma que as paredes dos quatro ventriculos são formadas pela substancia nervosa do sentimento, que é a mesma que se encontra na superficie posterior da medulla. A mim parece-me isto muito provavel, e deduzi-o não *a priori*, mas de varios cazos pathologicos. Nesta lição não tenho tempo para mais esclarecimentos a este respeito. E que fará depois esta camada nervoza do sentimento? Dos ventriculos lateraes do cerebro deve dilatar-se pelos hemisferios, e o mesmo deve ser no cerebello. Chegando aos hemisferios cerebraes esta substancia branca e dilatada, acha-se em relação com a substancia branca do movimento, o que faz, como já disse na Academia de Medecina ha pouco tempo, que as fibras nervozas do movimento concorrão com as fibras do sentimento para formar a massa dos hemisferios: facto importantisimo, e que não tem sido tomado em consideração.

Eu não fallo aqui do modo de communicação destes dous systemas nervozos; mais para o diante tratarei disso. Mas o que é certo é, que todas a fibras do movimento se reunem e convergem para a parte inferior de cada hemisferio para formar os *pedunculos do cerebro*. Ninguem ha-de negar que esta massa de fibras é exclusivamente destinada para o movimento, pois que os derramamentos, e amollecimentos que ali tem lugar produzem paralysias musculares do lado opposto; e se não houver simultaneamente alguma molestia das outras partes do cerebro, o entendimento, os sentimentos, os instinctos, e mesmo a sensibilidade não soffrerão altera-

ções notaveis. Este facto é demonstrado pelos pequenos ataques de hemiplegia sem congestão, que vem depois das effusões hemorrhagicas muito circunscriptas dos corpos striados e dos thalamos dos nervos opticos, eminencias que resultão da interposição de substancia cinzenta entre os fasciculos brancos das fibras motrizes; que se dirigem dos hemisferios, por via dos pedunculos, para toda a extensão da medulla.

Assim, cada nervo puramemte senstivo acha a sua substancia branca correspondente na baze do cerebro; e cada nervo que xerece simultaneamente as duas funcções do sentimento e movimento, nasce por duas origens das massas nervosas da sensação e movimento já descriptas, das quaes passa a distribuir-se no tecido dos nossos orgãos. Haverá porém talvez quem nos interrogue para reconciliar esta hypothese com a insensibilidade da parte mais elevada do corpo callozo, a qual é tão incontestavel como a extrema sensibilidade de sua porção inferior que cobre os ventriculos. Isto póde explicar-se considerando a parte superior como formada pelas fibras medullares motrizes que passão d'um para outro hemisferio; as commissuras igualmente são partes que estabelecem uma communicação mais perfeita do que o raphe, e são formadas pelas fibras sensitivas, e motrizes misturadas entre si. Do que acabo de dizer podeis já colligir como as fibras sensitivas, e as superficies ventriculares passão para um e outro lado dos hemisferios por via do corpo callozo. Semelhante disposição tambem existe provavelmente no cerebello, eu porém não examinei esta parte da anatomia do cerebro com bem cuidado para poder dizer alguma couza com segurança; penso com tudo que a superficie inferior da ponte de Varolio é a parte correspondente ao corpo callozo, em quanto que a sua superficie superior corresponde á abobada dos tres pilares.

Da disposição organica que deixo descrita podem-se deduzir as seguintes consequencias. As fibras nervosas do sentimento passando dos ventriculos para os hemisferios convertem-se nas fibras dos differentes sentimentos e faculdades; donde resulta a connexão intima entre estas faculdades e a sensibilidade, de que primariamente ellas derivão. Igualmente as fibras de cada

faculdade estão connexas com as fibras do movimento, e por isso cada faculdade tem uma tendencia directa para produzir movimentos musculares; e mal é excitado um instincto de necessidade, logo elle tende a produzir o movimento mais bem calculado para satisfazer essa necessidade, como se vê frequentemente em varios animaes e na criança. No momento em que um ente desta classe recebe uma impressão, o movimento que deve satisfazer o sentimento ou a necessidade excitada, é executado com a rapidez do relampago. Nem sempre póde assim acontecer no adulto, é porém sentida a representação interior do acto; o movimento é apenas rudimentario, e só tem lugar interiormente. Se a impressão for viva, e nos accometter quando não estivermos preparados para resistir ao sentimento ou instincto, teremos então um principio d'execução, ou ao menos certos movimentos dos musculos da face, ou outros revélão a impressão, ou denuncião os esforços necessarios para prevenir a execução do acto correspondente. Ha então uma tendencia para a continuação da acção interior desde as simplices impressões sensitivas até á acção muscular, e isto prova que cada faculdade tem tal ou qual connexão com as fibras motrizes do cerebro. Assim, já vedes que para descrevermos qualquer faculdade não precisamos recorrer ao sensorio commum, á alma, ou a algum ponto central, antes de se produzir o movimento muscular. Nenhum observador imparcial negará a verdade disto na criança, nos animaes das classes inferiores, e nos animaes novos das classes mais chegadas ao homem. Todavia póde-se fazer a seguinte objecção — " Quando o homem passou do estado de infancia para o de adolecencia, e começa a reflectir, elle reprime as suas paixões e instinctos obrando d'um modo inteiramente diverso daquelle para que é naturalmente impellido. „ Porém este facto, que é incontestavel, de nenhuma forma destróe a verdade do que eu já disse e agora mencionei; elle prova unicamente a existencia d'um systema nervoso destinado a produzir este effeito. Assim, nós possuimos orgãos, que podem ter o nome de prohibitivos, por isso que suspendem, tanto quanto é possivel, os movimentos e impulsos instinctivos communicados pelos sentimentos. Esta massa nervosa deve ser a appropriada de-

pois para as faculdades intellectuaes. Em quanto estas ultimas são fracas, ou não tem exercicio, são os instinctos e sentimentos satisfeitos logo que a memoria, ou a impressão sensitiva os põe em acção; quando porém a intelligencia adquire um certo gráo de força, ella começa a obra, ou no interesse d'um sentimento ou d'um instincto differente daquelle que sollicita o movimento, ou em seu proprio interesse, isto é, no interesse da razão. Com tudo para preencher esta funcção, deve a massa nervosa, de que acima fallámos, ter alguma connexão com as partes destinadas aos instinctos, propensões e sentimentos.

Mostrámos já que a intelligencia rezide na porção superior da região frontal, e parece muito provavel que uma porção das fibras medullares sentitivas que formão os ventriculos lateraes passa para esta região, e perde-se nas suas circumvoluções, contribuindo para produzir a faculdade de *repressão* de que ellas são dotadas.

A commissura anterior deve estar ao mesmo tempo em harmonia com as duas regiões correspondentes de cada hemisferio.

Ella deve ser evidentemente a séde da faculdade de repressão; e como ella necessite de fibras motrizes para fazer parar a acção muscular já começada, lá as encontra na camada nervoza que compõe a porção superior do corpo callozo.

Alem desta força intellectual prohibitiva, ha ainda outra que talvez seja mais sensitiva do que intellectual, a qual tem a sua séde na parte media do corpo callozo, e que manda fibras motrizes e sensitivas para os orgãos da circunspecção. Mas nós podemos perceber uma caracteristica distincção entre estas duas forças: a ultima está sempre em acção á semelhança de todos os impulsos sentimentaes e instinctivos, em quanto pelo contrario a força intellectual obra só de tempos a tempos, e em consequencia de reflexão. Daqui vem, e que melhor se verá quando entrarmos nas particularidades, que a prudencia instinctiva é muito differente da simples prudencia reflectiva, que muitas vezes falha no curso ordinario da vida. Em summa: nós consideramos a força repressiva, a que tantas vezes se al-

lude, como residindo no corpo callozo; julgamo-la maior na porção anterior correspondente á intelligencia, do que na parte posterior; e na porção media correspondente aos orgãos da circunspecção é ainda maior; ella finalmente offerece grandes variedades, segundo as conformações individuaes. Parece tambem certo que os instinctos mui fortes situados junto da base do cerebro não são quasi nada influidos pelas faculdades dependentes do corpo callozo, as quaes perdem a sua influencia sobre aquelles á proporção que elles são mais depressa obedecidos. Assim nós não somos capazes de seguir a massa nervoza relativa á respiração, alem da base do cerebro, onde é a inserção do oitavo par. Vós podeis suspender a respiração por alguns segundos, porem a volição, ou imperio da vontade, cedo perde o seu poder, quando não a necessidade de respirar é intensissima. A ira, o instincto gerador, os impulsos d'amor materno, são difficultosamente reprimidos, em quanto que se forem poderosos os orgãos da reflexão, podemos suspender muito mais promptamente os elevados instinctos de veneração, esperança, idealidade, e benevolencia. Nós ate affirmamos que esta força repressiva pode chegar a ponto de alterar completamente o caracter moral do individuo; mas esta mudança nunca se observa nos instinctos de conservação, a menos que na verdade os proprios orgãos não sejão mais ou menos modificados. O poder repressivo parece não ter influencia alguma na circulação, posto que certas paixões retardem, e ate suspendão os movimentos do coração. O exame porem deste ponto tão interessante é estranho ao nosso objecto.

Não levarei mais adiante estas considerações, receoso de cahir em hypotheses. Quando eu estou em duvida sobre qualquer questão, precizo provocar antes ulteriores investigações, do que resolvel-a theoricamente, como muitos fazem. Entretanto as nossas reflexões tem, segundo eu penso, demonstrado que a parte branca ou medullar do systema nervozo obra como um conductor para os phenomenos de sentimento e movimento, em quanto que a materia cinzenta é um tecido intermedio entre o antecedente, e o systema vascular.

Ficarei aqui com estas conjecturas; mas não me

posso eximir de dar em poucas palavras os motivos por que adopto esta opinião. A's partes do corpo distantes do cerebro são levadas as sensações e movimento por via da substancia branca contida nas bainhas dos nervos; isto é indubitavel. E por que não havemos nós admittir o mesmo na substancia branca do cerebro? Por que motivo se hão-de collocar as faculdades na substancia cinzenta que umas vezes está estendida pelas superficies do cerebro, e outras vezes disseminada por pontos isolados no meio de filamentos medullares, e que nunca ostenta conformação regular, ou continuidade de estructura commum a todos os orgãos? Havemos nós de personnalisar as nossas faculdades, e prendel-as a taes ou taes porções de substancia cinzenta, nas quaes elles recebem despachos por via de certas fibras brancas, e donde por via d'outras semelhantes expedem as suas ordens? Isto seria nada menos que uma miseravel parodia do obsoleto *sensorio commum.* Em vez d'um centro, viriamos a ter trinta e seis, ou ainda mais, por quanto ainda nos falta muito para chegarmos ao limite das subdivisões que pode ter o entendimento humano. Em summa, este singular systema não é susceptivel d'exame, ao passo que pelo contrario, eu posso seguir com os olhos o estimulo que entra no systema nervozo por via das fibras medullares das sensações, e que termina na substancia medullar propria do movimento. Este facto é completamente manifesto nos vermes, em certos molluscos, e em varios outros animaes inferiores que não possuem as massas nervosas, de que dependem a deliberação e repressão. A intervenção deste ultimo systema nervozo tambem explica como os estimulos sensientes procedem dos musculos nos animaes superiores, e no homem; e como os movimentos tem lugar, umas vezes por um particular sentimento ou instincto nos animaes, e outras vezes pela razão. Para entender tudo isto, basta-me admittir tão somente a existencia d'um certo numero de nervos intercraneanos, que sendo estimulados pelos sentidos expostos aos corpos externos produzem uns as percepções, outros os instinctos e sentimentos; alguns finalmente os phenomenos da intelligencia.

Os advogados d'uma entidade intercraneana po-

derão sem duvida perguntar-me como é que isso se faz. Mas eu nada sei sobre tal objecto, porque é impossivel chegar ás causas primarias; respondo comtudo, que esta producção de faculdades, cujo misterio me é occulto, é demonstrada pelos sentidos, e por inducção; em quanto que a existencia do seu ente intercraneano é imperceptivel aos sentidos, não se prova por inducção, e na verdade é uma pura hypothese fundada n'uma *petição de principio.* Eu ja vos disse que a massa do cerebro se pode distinguir em tres partes principaes; mas é necessario que tambem vos dê uma distincta idea disto. *(Aqui o Professor referiu-se a um busto phrenologico, cuja cabeça estava pintada das cores amarella, branca, vermelha e azul; e do qual se pode fazer perfeita idea pela estampa que vem no segundo numero deste jornal.)*

Para tomar as dimensões da cabeça, nós começamos do canal auditivo d'ambos os lados pelo qual vamos ter acima do buraco auditivo interno: aqui achamos a ponte de Varolio quasi defronte dos tuberculos guadrigemeos, imaginado centro dos orgãos cerebraes. E notae que eu digo *imaginado*, porque segundo as minhas ideas, o centro deve ser o corpo callozo. Entretanto este ponto central sempre nos dará meios de com alguma certeza determinar o volume dos differentes orgãos; porque á proporção que qualquer ponto da superficie craneana estiver mais afastado deste lugar central, as fibras brancas devem ser mais longas, e por conseguinte mais volumosos os orgãos que ellas formão. Nós devemos tambem tomar em consideração a espessura dos orgãos, que muitas vezes depende do modo porque as circumvoluções se dobrão.

Quando temos de examinar um cerebro phrenologicamente, começamos dividindo-o geralmente nas tres massas que já mencionámos; isto porem demanda que partamos d'um ponto certo, ou de determinados orgãos. Quando houvermos d'examinar os varios orgãos, então darei as regras certas que vos possão guiar nesta exploração; assim, por exemplo, para determinar a extensão da massa intellectual, deveis partir da parte anterior do orgão da circunspecção, — passar por cima do orgão da comparação, e descer no lado opposto

para o ponto correspondente a aquelle, donde se principia. Todas as porções de cerebro que ficão para a parte anterior da linha pertencem á intelligencia; e as que ficão para a parte posterior comprehendem os sentimentos e instinctos. Depois temos outras linhas a tirar; porem ainda não é tempo de entrarmos nesta parte do nosso objecto. Eu só quero que deis attenção á posicão relativa das tres grandes massas, e ao importante facto — de que todos os nossos orgãos são pares, tanto os que estão na linha mediana, como os lateraes. — Donde vem que sendo pares os orgãos cerebraes, póde um lado continuar a exercer as funcções do outro, uma vez que nada soffrão as partes centraes por onde se faz a communicação. Agora cumpre que examinemos cada orgão de per si; o que fará o objecto das seguintes prelecções.

AGRICULTURA.

(*Contiuado da P. Estrangeira pag.* 480.)

Artigo 5.° D'outras substancias mineraes que entrão na composição chimica dos terrenos.

37. 1.° *Magnesia.* Esta terra por ser pouco abundante não constitue terrenos em que por quantidade prepondere ; e por fortuna assim acontece ; pois está bem demonstrado que no seu estado de pureza ella põe o ferrete da esterilidade aos terrenos , e que só quando está bem saturada d'acido carbonico , podem elles recobrar sua faculdade vegetativa ; sendo a ella que se devem attribuir os máos effeitos algumas vezes attribuidos ás marnes argillosas e calcareas , das quaes forma uma parte mais ou menos notavel : encontra-se commummente no estado de carbonato ; e as cinzas vegetaes contem sempre uma proporção maior ou menor.

38. 2.° *Ferro.* Este metal existe em quasi todos os terrenos , principalmente nos argillosos , no estado d'oxydo , em differentes gráos d'oxydação , e ainda combinado com o acido carbonico : dependem as differentes côres das argillas do gráo d'oxydação em que elle se acha ; parece não haver differença na influencia que os differentes oxydos podem produzir nos terrenos : mui raras vezes se acha combinado com o acido sulfurico , formando o sulfato de ferro, ou vitriolo verde , e só na vizinhança dos lugares em que ha pyrites sulfureas ; muito mais raras vezes se acha unido ao acido phosphorico , em cujo estado imprime aos terrenos uma qualidade nociva. Dá-se o nome de terrenos *ocráceos* a aquelles que são compostos d'argilla arcenta misturada com os oxydos de ferro : elles são mui poucos ferteis , mas seus productos são d'excellente qualidade , a qual não conservão sendo as sementes semeadas em outros differentes , o que prova a sua influencia neste ponto.

39. 3.° O oxydo de manganez e differentes materias

salinas tambem se encontrão, mas nunca constituindo terrenos de per si, e por isso não merecem que além desta menção se trate delles mais extensamente: é certo que sua maior ou menor quantidade, quando apparece em um terreno qualquer cultivado, ou que de novo se começa a cultivar, tem uma influencia necessaria, e dependente das suas propriedades chimicas; porém, como em relação ás outras substancias sua proporção é sempre mui diminuta, não temos muito que cuidar sobre elles.

Artigo 6.º Das marnes.

40. Talvez se julgue haver lugar mais opportuno para tratar desta materia entre os adubos, com tudo penso que mui naturalmente se liga com a doutrina dos terrenos, aos quaes beneficia e corrige, segundo os defeitos que lhes são proprios e dependentes de sua natureza.

D'entre os escritores antigos só *Plinio* dá uma ampla noticia da sua applicação, e do seu primeiro uso na Bretanha e nas Gallias, posto que menciona ter sido conhecida dos Gregos, e empregada por elles nas terras visinhas de *Megara*; o mesmo author descreve algumas especies (1). Comtudo só em épochas mui posteriores, e visinhas á em que vivemos, se tem tratado este objecto com mais cuidado. A *marne* é uma mistura de carbonato calcareo com argilla, a qual expondo-se ao ar livre delitesce, e se *esborôa*; esta mistura é tão intima e completa que nem com o auxilio do microscopio se conhecem e distinguem as particulas calcareas das argillosas: ainda que esta é a composição da marne, ella é de tal modo feita pelas forças da natureza, que não é possivel imital-a, e fazer adquirir á mistura artificial aquella essencial propriedade de esboroar-se em contacto do ar, isto é, de perder sua aggregação, e reduzir-se a pó como a marne natural: dizemos que esta é a propriedade mais essencial, considerando sua acção chimicamente no terreno em que ella se applica; por meio della exerce sua faculdade absorvente do acido carbonico, e humidade atmosferica, desaggregando-se tanto mais, quanto tambem se vae impregnando d'uma e d'outra couza.

(1) *Plin. Hist. Nat. lib.* 17. *c.* 5, 6, 7, 8.

41. Geralmente fallando parece que as marnes forão produzidas pelo *detritus* das madreporas e conchas marinas, depostas em camadas mais ou menos espessas, e pelas aguas que as continhão em dissolução ou em suspensão; é por isso que não s'encontrão nos paizes graniticos e primitivos, e mesmo são rarissimas nos calcareos de segunda formação; ellas podem ainda ser formadas pelos depositos de molleculas calcareas provenientes da fricção das pedras calcareas e argillosas arrastadas pelos rios e regatos: mas sua natureza e qualidades differem das primeiras, e só se achão em monticulos superficiaes, e nunca em bancos ou camadas, como aquellas.

42. Além das duas essenciaes substancias, cal e argilla, que constituem as marnes, entrão os oxydos de ferro, a quem particularmente devem as varias côres que apresentão, arêa quartzosa, alguma magnesia e ainda gesso; mas em geral as suas propriedades procedem da proporção relativa das duas primeiras; a denominação das marnes será a d'*Andrea*: chamaremos *marne argillosa* aquella em que predomina a argilla, acima de metade, ou até dous terços da quantidade total, em relação á cal; e quando ella contiver mais dos tres quartos d'argilla, se chamará *argilla calcarea* ou marnosa; se ao contrario a cal está na proporção contraria, isto é, acima de metade, ou quasi dous terços, em relação á argilla, ella tem o nome de *marne calcarea*; porém se contiver tres quartos e dahi para cima, denominar-se-ha *cal argillosa*; será simplesmente *marne*, quando houver iguaes proporções d'uma e d'outra.

43. Já dissemos que as marnes são mui raras, e que mesmo se não encontrão em terrenos graniticos e primitivos, comtudo ainda, posto que com muita raridade, se tem encontrado em maior ou menor altura do terreno, em formações de transição; os sitios mais proprios são os collinosos, e nas vizinhanças das montanhas stratiformes e secundarias de formação moderna, juntando-se na parte mais inferior do terreno, ou depositando grandes bancos; nos paizes planos e chaôs é mais difficil encontrar-se, e só em massas desiguaes ou ninhos, é que algumas vezes apparece: plantas ha que quasi sempre denuncião a sua existencia, taes são, a *tussilago farfara*,

(tussilagem ou unha de asno), e *tussilago alpina*; a *salvia glutinosa*, *pratensis*; as quaes vegetando mui bem nas marnes podem servir d'indicio na sua pesquisa.

44. Suas propriedades fisicas são *esboroar-se* muito ao ar, dividir-se, e mesmo dissolver-se sendo lançada na agua, deixando escapar muitas bolhas d'ar; é mui friavel, apega-se á lingua, e faz bastante effervescencia com o vinagre mui forte, e acidos; a côr varia muito, pois ha marnes brancas, amarellas, azuladas, escuras, denegridas, avermelhadas, &c. Estas côres são produzidas pelos oxydos de ferro, e mesmo de manganez, e ainda por algumas substancias, humosas ou combustiveis, contidas nas marnes; esta propriedade não póde distinguir a sua natureza, pois que ha marnes similhantes em principios e desiguaes em côr e *vice versa*; para achar pois as suas propriedades caracteristicas recorremos á natureza de seus principios constituintes.

45. Lembrando-nos das propriedades da cal e da argilla, acharemos que a tenacidade e unctuosidade desta são temperadas pela cal; assim como a rudeza e aspereza desta o são pela argilla; e que á proporção que uma destas substancias prepondera sobre a outra, assim mais se vão manifestando suas respectivas propriedades; e por isso conforme a acção da agua, conservando-se ou evaporando se mais ou menos facilmente; conforme a maior ou menor plasticidade, ou effervescencia com os acidos &c., assim decidiremos da sua natureza.

46. Tambem as marnes varião quanto á consistencia e contextura; por quanto são umas molles, e macias como o pó, ou se deixão esmagar com facilidade entre os dedos, chamando-se por isto marnes *terrosas*; e outras tem a consistencia *lapidea* ou de pedra chamando-se marnes *concretas*.

47. Do que precede se segue agora, que a acção da marne nos terrenos por ella beneficiados assenta em dous principios; um relativo á natureza das substancias que a compõe, outro relativo á affinidade por ella exercida para com substancias, que attrahe, e com quem se combina; isto é, que a marne obra *machanica* e *chimicamente*. Obra do *primeiro modo* corrigindo os terrenos que peccão por excesso de um principio; os siliciosos, v. g., tornando-os mais compactos, e mais capazes de reter a

humidade; os argillosos, fazendo-os menos tenazes, e mais permeaveis ás chuvas e ás raizes, applicando-lhes a marne calcarea ou a cal mesmo; os calcareos, tornando-os menos asperos e aridos, &c.: e dado que todas estas correcções possão ser feitas por as terras puras, como não é possivel obtel as sem grande dispendio, nem mesmo conseguiriamos as outras vantagens que dá a marne, esta terá sempre a preferencia na sua applicação, quando nos seja possivel. Estes mesmos preceitos já forão dados por *Plinio* (loc. cit.). Aquellas vantagens são a faculdade de dividir os terrenos, pois que por sua friabilidade misturando-se igualmente nelles por meio das lavouras, tornão-se estes mais fôfos e soltos, quando antes d'empregar a marne calcarea, elles erão compactos e tenazes, e *vice versa*. Obra *chimicamente*, porque segundo as experiencias, ella ainda em maior gráo que a terra humosa, possue a faculdade de absorver o ar atmosferico no acto de seu esboroamento, e com elle a humidade nelle dissolvida, e o acido carbonico; assim como de fixar em suas moleculas aquelle que provém da decomposição de substancias animaes e vegetaes: além disto por sua parte calcarea facilita a solubilidade do torrão humoso, que ainda não foi dissolvido, cuja acção posto que mais lenta que a da cal pura, é ainda um beneficio, porque faltando-lhe a causticidade em que aquella abunda não destróe as radiculas, de que resulta a morte das plantas.

48. Devendo pois apoiar-se nestes principios a operação de *marnar* as terras, deduzir-se-ha em ultima analyse, que não se deve misturar marne, que por seus principios constituintes não seja capaz de corrigir os defeitos daquellas terras em que se applicar, ou que d'antemão não seja reduzida ao estado mais pulverulento possivel, sendo este a meta da saturação do ar atmosferico, humidade, e acido carbonico: é por isto que ao momento d'extrahir-se de seus jazigos, ella não póde nem deve ser applicada, e só sim depois que, deixada em monticulos exposta ao ar livre, se tem conseguido esta preparação; sendo o tempo para isto preciso sempre variavel, e dependente da natureza da marne, devendo ficar exposta mezes, um anno, dous e até mais; pois desse modo, não só se lucra em fixar mais acido carbonico, mas em attenuar a marne a ponto que suas mo-

leculas se possão ao depois misturar, e distribuir igualmente pelos terrenos. A quantidade que deve administrar-se aos terrenos não póde exactamente determinar-se; para isso guiará não só a experiencia, mas o estado de precisão em que elles se achão. A época mais propria para a lançar e espargir é no fim do outomno, quando a terra está em descanço e começão as chuvas e gêlos; ficando assim mais susceptivel de ser decompostas e attenuadas as moleculas, que ainda o não tivessem sido; deve ser mui igualmente espargida pela superficie, enterrada por meio das lavouras em Março ou Abril. Alguns agronomos usão pôl-a em camadas ou stratifical-a com os estrumes, e terras vegetaes e plantas, formando vastas estrumeiras em sitios em que o ar circule pouco, conservando-as assim um ou dous annos antes de lançar á terra; funda-se esta pratica em que a marne decompõe o ar com avidez, e fixando-se o azoto, esta estrumeira passa a ser uma nitreira artificial, com que muito se fertiliza o terreno.

49. Não só utilizão as marnes ás terras empregadas na cultura dos cereaes, mas ainda para os prados naturaes e artificiaes; e de tal modo os beneficião, que della não precisão vinte e mais annos (*Arthur Young*): sobre tudo aproveitão nas terras fracas e areentas; e sua mistura com os estrumes torna seu effeito mais permanente e duradouro. Seria mui util que os habitantes das provincias do Sul, como o Além-Téjo e Estremadura, fizessem uso desta substancia, em que ellas tanto abundão, e que quasi desconhecem, negada pela natureza ás do norte, ou nas mesmas rarissima, e por isso de grande dispendio. A instituição de Juntas Agrarias, á similhança daquellas que em Inglaterra tem dado tão grande impulso á agricultura nacional, tendo a seu cargo fazer bem conhecer a marne, e suas differentes qualidades, extrahil-a de seus jazigos, preparal-a e empregal-a nas terras, bem como muitos outros objectos não menos importantes, seria um dos meios mais efficazes para convencer, e fazer-lhes tirar o possivel partido daquelles bens que a natureza nos outorgou. Deve advertir-se que se uma justa proporção de marne dá tanto proveito aos terrenos, a sua excessiva quantidade tambem os torna estereis, e imprime má qualidade aos fructos que nelles se crião. Ter-se-

ha pois a maior attenção em que não se haja de marnar um terreno que prepondéra no mesmo principio em que essa marne abunde; mas que ao contrario se corrigem os terrenos pela diminuição correlativa dos principios que nos mesmos prepondéra com aquelle que nas marnes é o mais abundante; sendo este o motivo porque, podendo servir ellas de tão grande beneficio, são quasi sempre por si mesmas estereis, principalmente as que tem uma côr esbranquiçada; ou ocracea; pois que no primeiro caso os raios do sol sendo reflectidos quasi todos da superficie da terra, esta não se aquece no gráo conveniente, e tornando-se *fria* atraza-se muito a vegetação, que não só é menos viçosa, porém mais serodia, e os fructos menos desenvolvidos e sazonados.

Variedades.

GALERIA DE RETRATOS COMICOS.

Nec te quæsiveris extra.

PERSIO, SAT. 1.ª

2.º

O ERUDITO.

O nosso erudito ignora absolutamente os factos mais vulgares de sua historia. Jamais lhe chegou noticia da batalha d'Ourique, do Sallado, ou de Aljubarrota! Alguem mesmo lhe ouviu dizer, que não sabia ao certo, se a ultima guerra peninsular tinha sido com a França, ou com os Turcos.

Mas em vez déssas futilidades, tem de cór toda a mythologia, que estudou com desvelo summo pela historia poética de Mr. Chompré. Talvez mesmo vos aponte algumas particularidades dos Babilonios e Assyrios; e se apertaes muito com elle, ainda vos dará conta de um ou dous successos dos antigos Egypcios.

Não lhe perguntei porem de quem nasceu D. João 1.º, e quem foi Nunalvares Pereira ... Que vergonha para um erudito entrar com essas bagatellas! Que lhe importa a dinastia d'Aviz e a de Bragança? . . Importa-lhe sim, e importa-lhe muito quem forão os Reis dos Medas; e em que throno se assentão hoje os descendentes de Enéas.

Abris a bocca de sorpreza por vêl-o duvidar se D. João 4.º foi cazado! . . Isso todo o mundo sabe para que elle queira sabêl-o. O que o interessa é indagar se Nino teve duas mulheres; e se uma dellas foi a inventora das Calças.

Se nem os rudimentos sabe da lingua de seus maiores, é por que todo se tem dado aos idiomas estrangeiros. Palra o inglez e o francez como um papagaio sem pevide: e agora anda a apprender de cór alguma palavra em grego.

Jamais pessoa alguma poude resolvêl-o a vizitar Mafra e Cintra Nem a natureza d'uma, nem a arte dessoutra lhe despertárão curiosidade. O mesmo aconteceu com Alcobaça e a Batalha: mas foi correr as sete maravilhas do mundo, vizitou a Ninive e a Palmira, e quasi que viu a grande torre de Babel, e o templo d'Apollo em Delphos.

Sobre tudo, não lhe falleis em nossa litteratura. Dir-vos-ha que é a mais pobre, mesquinha e desgraçada. A Castro do Ferreira e os Lusiadas, serião capazes de o matar d'enojo. Sua leitura ordinaria consiste em as poesias chinas de Tou-Fom, ou no Chi-King de Confucio: assim, se lhe tocaes nessa materia, affirma-vos de prompto, que o primeiro escreveu no seccuło 8.º e que o segundo contem poesias pelo menos mil e duzentos annos mais antigas do que a era de J. Christo.

3.º

O RALHADOR.

Amo — Maldicto! não ouves bater a esta porta ha quasi duas horas? . .

Creado — Estava trabalhando no jardim; e á primeira pancada vim logo, e corri tanto, que estive para cahir na escada.

Amo — Não quiz Deos que quebrasses a cabeça, alma damnada! E porque não deixaste a porta aberta?..

Creado — Hontem assim o fiz, e vós me ralhasteis uma hora a fio. Quando a deixo aberta ralhaes: se a fecho, ralhaes tambem... Por minha vida que não sei o que hei-de fazer.

Amo — Não sabes o que has-de fazer, sim! — não sabes o que has-de fazer?..

Creado — Juro-vos que não: — e peço-vos que me digaes, se quereis que a porta fique sempre aberta...

Amo — Não.

Creado — Ou que esteja sempre fechada...

Amo — Não.

Creado — Uma couza ou outra!..

Amo — E querem ver o diabo que se lhe mette na cabeça raciocinar...

Creado — Que desgraça a minha de ter sempre razão...

Amo — Não te calarás, bregeiro!..

Creado — Não posso calar-me, Senhor! pois faz mister que uma porta ou esteja fechada ou aberta. Escolhei uma das duas?..

Amo — E não te tenho eu dito mil vezes que a quero ... que a ... Ah! ah! como este maroto me falla!.. Um creado a fazer perguntas a seu amo!.. Se te deito as mãos, cachorro! saberás então se a quero aberta, se fechada ... — Varreste a escada?

Creado — Sim, senhor ... desde o primeiro degráo até ao ultimo.

Amo — E o pateo?..

Creado — Se achardes lá uma palha, não me pagueis um vintem da soldada.

Amo — Mas não déste de beber á mula? ...

Creado — Dei, sim senhor! E perguntae-o aos vizinhos, que me virão passar com ella.

Amo — E deitaste-lhe a ração?

Creado — Sim, senhor. — O Antonio bem lha vio deitar.

Amo — Aposto porem que não levaste as garrafas on-

de te disse? . .

CREADO — Levei-as cheias, — e trouxe-as vazias.

AMO — E as cartas deitárão-se no correio? . .

CREADO — Todas as que me desteis; — e aqui está o recibo d'uma que me ordenasteis de levar ao seguro.

AMO — Cem vezes te tenho prohibido de me não tocares viola dentro de caza; — e esta manhãa ...

CREADO — Como póde isso ser, senhor, se vós m'a quebrasteis hontem com um pontapé ...

AMO — Talvez a lenha esteja ainda na loja? . .

CREADO — Está arrumada onde mandasteis: e ja depois disso ajudei o Antonio a guardar um carro de palha; — reguei o jardim; — limpei-lhe as ruas; — sachei dous taboleiros, — e estava com outro, quando batesteis á porta.

AMO — Ah! Não tenho remedio senão pôr este diabo na rua ... Nenhum creado ainda teve mais gosto do que elle para me fazer ir aos ares ... E' capaz de me matar de impaciencia .... — Fóra d'aqui filho da . . . —

Noticias Scintificas.

Physica: *Calculos curiosos sobre a luz d'uma vela.* — Um apaixonado de physica teve a exquizita idea de fazer os seguintes calculos, cujo resultado elle considera como prova da extrema divisibilidade da luz. Não julgamos a este respeito nada melhor do que o mesmo Autor. " Assentado uma noite ao canto do fogão com muitas pessoas da minha familia, reparei que todos estavão lendo á luz d'uma só vela; e logo se me suscitou a seguinte idea: qual será a porção de luz empregada para cada leitor? Supponhamos esta luz de tal modo distribuida que se não perca nada: para quantas pessoas chegará? Eu vi que podia ler muito bem á distancia de tres pés em um livro affastado de meus olhos nove pollegadas. Por tanto a vela teria allumiado sufficientemente a superficie concava d'uma esphera de seis pés de diametro. O livro que eu lia continha quatrocentas letras em cada pollegada quadrada. Por conseguinte uma esphera concava de seis pés de diametro conteria 6,514,400 letras sufficientemente alumiadas para se poderem distinguir por um olho distante do livro nove pollegadas.

" Ora a luz reflectida por uma só letra torna-a visivel a esta distancia, não só n'uma direcção, mas em todas as direcções, seja qual fôr o ponto que o olho occupe sobre a superficie concava d'uma esphera de 18 pollegadas de diametro; e a quantos olhos poderia a luz assim reflectida fazer ver a dita letra?

Supponhamos que a pupilla (*menina*) do olho tem um oitavo de pollegada de diametro, que na verdade assin é com insignificante differença. Neste cazo a superficie d'um hemisferio de 18 pollegadas de diametro será igual ás pupillas de 41,465 olhos. A luz pois reflectida d'uma só letra chegaria para a fazer vizivel a ametade deste numero de pares d'olhos. Dirão que para olhos postos muito perto do plano da pagina não reflectiria a letra sufficiente quantidade de luz; mas tam-

bem é incontestavel que a pagina tambem não reflecte nem ametade da luz que lhe é enviada; e por tanto a compensação é de mais.

" A luz finalmente que cahe sobre uma só letra sendo bastante para a tornar visivel a 20,732 pares d'olhos, e sendo 6,514,400 o numero de letras contidas na superficie concava d'uma esphera de seis pés de diametro, a luz que cahe sobre todas estas letras chegaria para 135,056,540,800 pares d'olhos: ou mais claro; a luz d'uma só véla, no cazo de se não perder nenhum raio luminozo, e de ser igualmente distribuida, poderia fazer ler ao mesmo tempo 13 5,056,540,800 pares d'olhos.

" Ora se o nosso globo conta 900,000,000 d'habitantes (e são de mais), a luz d'uma só vela seria mais que bastante para que os habitantes de cento e cincoenta mundos iguaes ao nosso tivessem o gosto de se darem á leitura, se as *meninas* dos seus olhos podessem sahir de seus corpos, e virem collocar-se ao redor da vela na ordem acima dita. Eu ja estou a ver que esta conclusão póde ser tratada de absurda. Mas não deixa por isso de ser verdadeira; e sem ser mathematico, póde qualquer repetir os calculos, e chegará ao mesmo resultado. "

Botanica. *Influencia das terras na vegetação.* — M. Pelletier leu na Academia das Sciencias de Paris uma memoria na qual se propõe tratar d'uma maneira especial esta questão: — Que parte tomão as terras no acto da vegetação?

Apoiando-se nas observações dos agronomos e dos chimicos, e mais particularmente nas analises de diversos terrenos feitas por Chaptal, Davy, e por elle mesmo, o auctor admitte, com estes chimicos que uma terra fertil deve ser formada de silica, d'alumina e de cal; que a fertilidade diminue na proporção que uma das tres terras predomina, e que se torna quasi nulla nos casos em que a mistura não apresenta senão as propriedades d'uma só.

Mas porque e como esta mistura de tres terras, a que vem quasi sempre ajuntar-se o oxido de ferro e ás vezes a magnesia, é uma condição de fertilidade?

" Eis aqui, diz M. Pelletier, o que não tem sido explicado d'uma maneira satisfactoria ate hoje. Com effeito, a constituição fisica dos terrenos, sua propriedade hygroscopica, sua faculdade de se aquecer mais ou menos fortemente pelos raios solares, são circunstancias ás quais se tem com razão attribuido uma certa influencia, mas que entretanto não parecem obrar senão como causas secundarias. Parece pelo contrario evidente que a mistura das diversas terras que compõem o sólo, obra sobre a vegetação por uma força eléctrochimica cuja acção tem sido bem reconhecida n'outras circunstancias, mas que não foi ainda indicada no caso em questão. "

M. Pelletier faz notar que, n'uma terra vegetal fertil, a silica, a cal e a alumina devem existir em estado de simples mistura; que se estas substancias estivessem combinadas, a terra seria esteril; e que, n'uuma mistura, a fertilidade cessaría se a combinação se fizesse instantaneamente. " Ora, diz elle, n'uma mistura de silica, d'alumina e de cal, existe uma força que deve tender a combinar estas substancias: a silica e a alumina são, em relação á cal, corpos electronegativos, e na presença delles a cal deve tomar uma eletricidade contrária. Depois disto, se, segundo movimentos exteriores, causas estranhas pozerem as moleculas a maior ou menor distancia, assim as juntarão de diversas maneiras, estabelecer-se-hão pilhas electricas, as tensões variarão, terão lugar descargas, e a terra achar-se-ha por assim dizer animada. O fluido electrico que a percorre excitará os póros radiculares, e a absorpção dos fluidos proprios á nutrição do vegetal terá lugar: as fibrillas radiculares impregnadas d'humidade tornar-se-hão conductores encarregados de transmittir a electricidade á planta, electricidade certamente tão necessária á vida como a luz e o colorico. "

M. Pelletier considéra depois certas operações practicadas em Agricultura para melhorar os terrenos, taes como a mistura de camadas de terra de diversas naturezas, o marneamento, a exposição das margas ao ar, as lavouras: e procura tirar de sua theoría uma explicação do effeito util destas operações.

M. Pelletier examina depois, como em grandes

profundidades aonde pensa que o oxigeno do ar e o acido carbonico não pódem penetrar, as radiculas das arvores de seculos pódem encontrar o acido carbonico, que, absorvido, deve fornecer-lhes o carbono necessario á nutrição do vegetal. Elle admitte, vista a tendencia que a alumina e a silica tem a combinar-se com a cal, que ha reacção destas duas terras sobre o carbonato calcareo, combinação, formação de silicato e desenvolução d'acido carbonico.

" Assim pois, diz elle, a certas profundidades e debaixo d'influencias ainda pouco conhecidas, a silica decomporía o carbonato de cal; tanto que na superficie da terra e debaixo da influencia d'agentes exteriores, os silicatos serião decompostos pelo acido carbonico. "

Statistica. *Condemnações pronunciadas pelos jurys.*— M. Poisson lê uma nota addicional á que já na sessão de 4 de Setembro ultimo lêu sobre este mesmo objecto. (V. Rev. Estrangeira pag. 577)

Em a nota precedente tinha annunciado as proporções annuaes das condemnações para os accusados, nos julgamentos que tiverão lugar em Inglaterra durante os cinco annos desde 1832 até 1836, menos o anno de 1833, para o qual esta proporção lhe não era conhecida. O objecto da prezente nota é fazer conhecer esta proporção que é 0,7197.

Comparando esta proporção á dos quatro outros annos dada em a nota precedente, vê-se que durante estes cinco annos consecutivos, estas proporções não tem feito de differença uma centesima, para mais ou menos do termo medio que se tem elevado a 0,7128.

Em França, nos seis annos decorridos desde 1825 a 1830, as proporções annuaes não se tem afastado uma sexagesima, para mais ou menos, do termo medio que é inferior pouco mais d'um decimo ao que se refere á Inglaterra, e sómente igual a 0,6093.

Para que se possão comparar estes resultados da justiça criminal com os da justiça civil, M. Poisson estabeleceu proporções annuaes entre as sentenças de 1.ª instancia, confirmadas pelos tribunaes de 2.ª instancia de toda a França, e as que lhe tem sido submettidas durante tres annos consecutivos, de 1832 a 1834. Estas proporções

teem-se a penas afastado uma centesima de seu termo medio, que é igual a 0,6867.

M. Poisson faz depois as seguintes reflexões:

„ Estas tres sortes de proporções, mui differentes entre si, mas quasi invariaveis em cada especie, são outros tantos exemplos notaveis da *lei universal dos grandes numeros*, á qual tudo é submettido na ordem moral e na ordem fizica, como eu tenho explicado e demonstrado em minhas *investigações sobre a probabilidade dos julgamentos*, e que é, com os dados especiaes de cada questão fornecidos pela experiencia, a base de todas as explicações do calculo das probabilidades. Estas proporções tem variado com a causa geral de que dependem; o que é igualmente conforme a lei que se acaba de citar. Assim, em Inglaterra, durante os annos que precedêrão 1832, o numero annual dos individuos chamados á presença dos jurys, tinha continuamente augmentado, de tal sorte, que quadruplicou no intervallo de 18 annos; este augmento do numero dos accuzados é uma circunstancia que tem podido tornar os jurados mais severos; e com effeito a proporção das condemnações tem-se elevado, neste mesmo espaço, pouco menos de $\frac{60}{100}$ a um pouco mais de $\frac{70}{100}$. Mas desde que o numero annual dos accusados se tornou quazi estacionario, esta proporção tambem se tornou constante, e igual a $\frac{70}{100}$

„ Em o nosso paiz, a legislação sobre o jury tem sido muitas vezes alterada n'estes ultimos tempos, e a proporção annual do numero dos accusados e a dos condemnados tem igualmente variado. Em 1831, a lei exigiu a maioria pelo menos d'oito votos contra quatro para uma condemnação, em lugar de sete contra cinco que bastavão d'antes; no decurso d'este anno, os numeros dos accusados e o dos condemnados tem sido 7606 e 4098; a proporção do segundo numero para o primeiro tem descido a 0,5388. Ora, no intervallo dos dous annos precedentes, a proporção do numero das condemnações pela maioria *minima* de 7 votos contra 5, para o numero total dos processos sobmettidos aos jurys, tinha sido 0,0711; tirando esta fracção da proporção média 0,6063, citada mais acima, e que corresponde a todas as maiorias su-

periores ou iguaes a aquella, fica 0,5382, para a proporção das condemnações pela maioria de ao menos 8 votos contra 4; e o que é mui notavel, esta proporção não faz differença d'uma millesima, da que teve lugar em 1831. Nos tres annos seguintes, tem sido respeitada a maioria exigida em 1831; mas introduziu-se demais a questão de *circuntancias attenuantes*; o que devia tornar as condemnações mais faceis, e mais numerosas. Mas em que proporção? é o que a experiencia só podia ensinar-nos; e ella tem mostrado que o termo medio das proporções annuaes do numero dos condemnados para o dos accusados, se tem elevado a 0,5924 nestes tres annos, e tem excedido de 0,0536 a proporção 0,5388, relativa ao anno 1831. A legislação não tendo mudado n'estes tres mesmos annos, as proporções annuaes devião ser tambem quasi invariaveis; com effeito, ellas não tem variado uma centesima do seu valor mediano.

„ Uma lei de Setembro de 1835, sustentando a questão de circunstancias attenuantes, restabeleceu a maioria de sete votos contra cinco, sufficiente para uma condemnação. Se a proporção das condemnações n'esta maioria *minima*, debaixo da influencia desta questão, era ainda igual a 0,0711, como antes de 1831 quando não existia tal questão, sua proporção actual seria a fracção 0,5924 augmentada de 0,0711, ou 0,6635; mas é o que se não póde avançar; e demais, a lei actual impõe s - gredo ao voto dos jurados, o que d'antes não tinha lugar, e poderá influir sobre esta proporção, que não será por tanto bem conhecida senão pela experiencia, para os annos posteriores a 1834 „

Erratas do numero antecedente — Pag. 161: linha 21 = 1475 = lêa-se 1495 — Pag. 162: l. 16 = 1506 = lêa-se 1500. — l. 23 = 1592 = lêa-se 1502 — Pag. 163:— l. 8; depois de *Novembro*, lea-se. de 1512. Pag. 170 verso 26 = Que apressada já desce = lêa-se — Que appressando o passo desce. Pag. 178: versso. = 1. = Elle cumprio logo o preceito—lea-se Opreceito foi cumprir. —

Erratas deste numero. Pag. 237 — l. 36 = montanhas = léa-se — formações: l.37 juntando-se = êa-se achando-se: l. 38 = depositando = lêa-se—depostas em.

INDICE.

Das materias contidas neste Numero.

I. Historia — Memoria Biographica do Conselheiro José Ferreira Borges. (*Segunda Parte* com um retrato). 193

II. Litteratura — Fernam Mendes Pinto..... 208

III. Viagens — A Casa de Campo de Ferney. 211

IV. Sciencias — Curso de Phrenologia = Quinta Lição 215

Agricultura 235

V. Variedades — Galeria de Retratos:
2.º o Erudito..... 242

3.º o Ralhador..... 244

VI. Noticias Scientificas 246

REVISTA
LITTERARIA.

Historia Contemporanea.

MEMORIA BIOGRAFICA

DO

CONSELHEIRO D'ESTADO HONORARIO

JOSE' FERREIRA BORGES.

TERCEIRA PARTE.

Alheio a toda a gerencia de negocios politicos, sem a minima pretenção a emprego algum publico, F. Borges restituido á patria, e a seus amigos, não teve jámais outra idéa, que a de proseguir como Advogado na carreira litteraria que no Porto havia encetado; e na verdade com o grande augmento d'instrucção adquirida por meio d'aturado estudo, e da pratica forense dos tribunaes inglezes, principalmente no ramo commercial, elle vinha illustrar ainda mais o fóro portuguez; podendo tambem por este meio reparar se dos prejuizos que havia sofrido, sem onerar a fazenda pu-

blica, e com grande vantagem dos clientes, que o escolhessem para patrono. Com este pensamento elle sollicitou, e lhe foi concedida pelo Regedor das Justiças da Relação de Lisboa, a preciza licença para advogar alli, a qual tem a data de 30 de Março de 1827.

Por occasião do Edital que os Directores do Banco de Lisboa mandárão affixar, e tem a data de 6 de Dezembro de 1827, inserto na Gazeta do tempo, e pelo qual o Banco suspendeu o pagamento de suas notas, e sofreu a crise terrivel que é bem-notoria naquella época, F. Borges imprimiu nesse tempo um folheto com o titulo — *Do Banco de Lisboa*, — que é de summo interesse: nelle dá um esbôço historico das crises do Banco d'Inglaterra e França e das medidas então empregadas; — faz o parallelo com o Banco de Lisboa, e dá a causa *unica* do seu ponto; isto é, *a excessiva emissão de notas*, causa bem differente da que os Directores enunciárão no seu Edital. Compára depois o A. a influencia d'outras causas, que podem originar a suspensão de pagamentos das notas, e que são o *balanço desfavoravel do Commercio*, *panico domestico*, e conclue que o ponto feito pelo Banco não proveio d'alguma destas causas. Termina este opusculo com uma importantissima digressão sobre novo papel moeda com curso forçado, e com algumas particularidades relativas a aquella crise do Banco de Lisboa.

Este escripto é sem duvida mui instructivo, e digno de ler-se.

Assim occupado, sem ao mesmo tempo desistir do estudo, e de proseguir incansavel na compilação do Codigo Commercial, foi entretendo esse anno, já assaz tormentoso na politica domestica. Nova guerra civil havia rebentado nos ultimos mezes do anno antecedente: a Carta Constitucional, outorgada espontaneamente pelo Rei de Portugal D. Pedro 4.º, foi considerada pelas classes privilegiadas, e que unicamente subsistião dos inveterados abuzos que levárão a Nação ao abysmo em que começou a submergir-se, como continuação da Constituição do anno de 1822; o fanatismo, e hypochrisia havião levantado seu pendão sanguinolento; uma nova cruzada d'emigrados se havia retirado para Hespanha, e alli ia successivamente engrossando, a

despeito das representações feitas pelo Governo portuguez ao Governo daquelle visinho Reino; e tal corpo tomou, que d'ali fez a sua incursão em Portugal, excitando a guerra civil, que podéra ter desde logo um decisivo resultado, pois que se achava apoiada n'uma parte do Exercito Hespanhol, que tendo vindo para cobrir a fronteira, e com o pretexto ostensivo d'impedir nova entrada dos facciosos portuguezes no territorio de Hespanha, não tinha em realidade outro fim que dar calor á facção, e desviar o animo dos povos, já muito abalado com as sugestões, e praticas dos homens interessados na queda do regime constitucional; e é bem evidente que sendo este tambem o intereresse urgente do Governo Hespanhol, bem sabião os facciosos que das forças reunidas na fronteira não tinhão couza alguma a recear, antes todo o auxilio a esperar. Foi esta a causa porque o Governo Portuguez recorreu ao d'Inglaterra para em virtude dos Tratados lhe ser prestado o adjutorio nelles estipulado; e julgado pelo Parlamento Britannico ser este na verdade o *casus fœderis*, uma brilhante Divisão de seis mil Inglezes desembarcou em Lisboa, da qual só uma pequena parte chegou até Coimbra; este auxilio foi effectivamente muito prestadío, porque o Governo portuguez poude facilmente dispòr de todas as suas forças; não carecendo já dellas na capital, nem na Estremadura, mandou reunir as que fossem bastantes, e deu o seu commando ao bravo Conde de Villa Flor, que com effeito depois das batalhas de Coruche, e da Ponte de Prado acabou com a facção, e forçou os seus restos a entrar em Hespanha, onde forão mandados desarmar pelo Governo desse Reino, e repartidos por differentes depositos. Com tudo a facção só foi apparentemente destruida; se pelo momento ella desistio do recurso das armas, empregou todavia com o maior zelo, e vantagens as vias da cabala, e da intriga, com que surdamente ia minando o Estado, preparou os successos que nesse anno tiverão lugar, e aplanou as difficuldades para novamente entrar em combate por meio das armas, ou de chamar a Portugal o Infante D. Miguel, então residente em Vienna d'Austria; e tão bem dirigido foi o seu plano assim em Por-

tugal, como no Brazil, que o Imperador na qualidade de Tutor natural de sua augusta filha a Rainha Reinante de Portugal, vendo seu Irmão D. Miguel chegado á idade marcada na Carta Constitucional, lhe entregou a Regencia do Reino, como unico meio de conter os partidos, restabelecer a paz, e conservar o throno e as instituições liberaes, na fórma que elle, como Rei de Portugal, as havia organisado! Assim, exigidas e dadas todas as possiveis garantias de fidelidade, parte de Vienna d'Austria o Infante D. Miguel, e chega a Lisboa no dia 22 de Fevereiro!

E' bem sabido que desde o momento do desembarque começou a desenvolver-se ostensivamente o plano de usurpação, previamente formado; não é este o lugar de entrar nesta discussão, nem mesmo rapidamente tocariamos nestes principaes acontecimentos da epoca, se elles não tivessem immediata correlação com o processo biografico do nosso compatriota, que logo desde os primeiros tumultos populares de Lisboa depois do desembarque do Infante, justamente receoso, de que a sua qualidade de Regenerador, e Collaborador do dia 24 d'Agosto, não fosse pretexto para qualquer insulto, tratou de occultar-se, e esperar, fóra do alcance d'um lanço de mão, o resultado dos successos.

A revolução de 16 de Maio de 1828 feita no Porto, deu por algum tempo as mais bem fundadas esperanças do restabelecimento da ordem; e na verdade, tal foi o soçobro de D. Miguel, e de seu partido, tão notoria era a justiça da cauza da revolução, que a não ser o desacordo com que foi dirigida a força constitucional, a causa da usurpação estava difinitivamente julgada: em vez deste seu natural resultado, ella foi desgraçadamente confirmada. D. Miguel foi acclamado Rei pelos Tres Estados, juntos em Cortes no dia 23 de Junho de 1828.

Desde este momento F. Borges não tinha mais nada que esperar em Portugal.

Com tudo o procedimento de D. Miguel havia escandalizado a parte sensata da nação; as abominaveis perseguições, com que começava a vexar grande numero de cidadãos, alienavão-lhe muitos outros a quem

taes procedimentos parecião injustos; muitos realistas mesmo as reprovavão, porque nenhum crime havião comettido aquelles, que tinhão abraçado a Carta Constitucional, uma vez que ella havia sido jurada pela nação, e até pelo proprio Infante em Vienna d'Austria, e confirmado o seu juramento perante as Cortes, e perante o corpo diplomatico residente em Lisboa. F. Borges presenciou tudo isto, e concluio que uma facção immoral, e furiosa, habilmente agitada e impellida pelo partido apostolico-aristocratico, punha em conflagração a nação inteira, que desde muitos seculos habituada ao poder de nossos monarcas, posto que absoluto, todavia sempre moderado, e até mesmo paternal, havia sem repugnaucia, mas com desconfiança, abraçado as instituições liberaes outorgadas por um monarca, primogenito do defunto Rei D. João 6.º, arteiramente inculcado como successor illegal; concluio mais que se antigos habitos, e populares preconceitos manhosamente manejados por um clero fanatico, e por uma aristocracia aurisedenta, inclinavão o povo ao regime absoluto, nem por isso no fundo de sua consciencia elles legitimavão a usurpação, pela maneira traiçoeira com que foi consumada, e muito menos as perseguições instauradas, que já ião atulhando as cadêas, e os calabouços com cidadãos probos, e conhecidamente innocentes; concluiu finalmente que D. Miguel não podia sustentar a usurpação senão mediante uma tirannia prolongada, e de horrores taes que alienando-lhe forçosamente a maioria nacional, devia por fim despenhal-o; e que attentas tão ponderosas considerações, elle devia combinar com dexteridade todos estes elementos, e preparar uma reacção que *arrancando o Sceptro da mão do tirano, e o raio vingador da mão de Jupiter*, restituisse o throno á Rainha legitima, e a liberdade á nação: dominado por este generoso e audaz pensamento, e lembrado que já uma vez havia sido o motor principal do feito memorando, que devia regenerar a nação, em vez de retirar-se para Inglaterra como havia premeditado, passou nos fins de Junho para bordo da Fragata Franceza Thetis, que se achava surta no Tejo, e nella foi encontrar o coronel Chaby, que já alli se havia refugiado, a quem communicou o seu pensamento;

desde logo procurou tirar partido de sua actual posição, e das boas relações que tinha em Lisboa, bem como da força das circumstancias, que o ião secundando, pois que o atroz procedimento de D. Miguel cada vez exasperava mais os homens de boa fé, que em tal procedimento vião mais que decisiva e justificada causa da instabilidade de tal governo; e dali começou a preparar a reacção, cuja justiça era reconhecida por nacionaes e por estranhos; não tardou a policia, desconfiada de tudo, em pressentir disposições que erão ominosas ao governo intruso, e seguindo-lhe com vigilancia a pista, descobriu finalmente que a bordo da embarcação de guerra franceza se abrigava o agente de que devia recear-se; o governo fez vigorosas reclamações ao Commandante francez da estação no Téjo, foi mister fazer sahir a *Thetis*, e rendêl-a pela *Themis*, para cujo bordo passárão aquelles dous refugiados; cumpre mencionar que F. Borges, logo que começou a pôr em acção as relações com que contava, participou para Londres ao Marquez de Palmella e agentes de Portugal ali residentes, acreditados pelo Augusto Pai da Joven Rainha, tudo quanto havia começado a fazer, e premeditava continuar, recebendo d'Inglaterra plena auctorisação para levar a effeito tão patriotica e justa empreza, fornecendo-se-lhe até os meios pecuniarios indispensaveis; e na verdade as couzas ião correndo á medida dos desejos; novas reclamações porem da parte do governo de D. Miguel, forçárão a sahida da *Themis*, que foi rendida pelo Brigue *Faucon*, para cujo bordo se passárão os dous foragidos. Se Chaby era conhecedor de grande parte da conjuração, nem por isso tinha cabal conhecimento de tudo, posto que com suas proprias relações tambem coadjuvasse alguma couza a empreza.

A Rainha de Portugal havia chegado a Inglaterra; o governo de D. Miguel havia-se tomado de susto pelo acolhimento que a Joven Rainha havia recebido em Londres; os mais culpados agentes da usurpação achavão-se aterrados, muitos de seus sequazes começavão a arrefecer, muitos outros que se dispunhão a seguil-a fiserão pé atraz, e aquelles que se preparavão para a reacção enchêrão-se de animo, achárão

favoravel o ensejo, e insistião pelo rompimento; F. Borges com tudo achava que o *desejado dia não era ainda chegado* (*spectata dies non aderat*), e foi contemporisando ainda: mas o honroso e affavel acolhimento que a Joven Rainha de Portugal havia recebido, *nesta qualidade*, do Rei de Inglaterra no seu palacio de Windsor em 22 de Dezembro, e a maneira como triunfal, com que o povo Inglez a havia saudado em todas as ruas de seu transito desde o Palacio do Rei até á sua residencia em Laleham, decidirão F. Borges a apressar o momento da reacção, e assim o communicou ao Coronel Chaby; tinha este official um filho, joven aspirante da marinha, de 17 annos de idade, e que estava ao alcance do que se tratava; inconsideradamente lhe communica a proximidade do rompimento; o fogoso mancebo transbordando em alegria communica o segredo ao Brigadeiro Moreira, o qual desejando ter neste desfecho o mais avultado quinhão de gloria, julgando todas as couzas definitivamente arranjadas, e cada um dos actores em seus respectivos postos, antecipou o momento, fixado já para outro dia. F. Borges havia redigido e feito imprimir as proclamações, algumas dellas, e os manifestos annexos circulavão desde alguns dias entre os soldados, e entre os habitantes da cidade; era geralmente esperado com anciedade o momento desejado; a policia havia redobrado sua vigilancia, mas esta fôra baldada, a não ser a desacordada precipitação do Brigadeiro Moreira, que apresentandose no Quartel da Brigada da Marinha pela meia noite de 9 de Janeiro, sem que a hora do rompimento estivesse improrogavelmente concertada, e chamando o Corpo da Marinha ás Armas, sem que o official da guarda houvesse previamente sido advertido, foi por este modo malograda uma empreza, tão habilmente combinada, e cujo exito parecia indubitavel, a não ser esta ambição precipitada, posto que louvavel! Moreira tinha levado comsigo alguns officiaes de differentes corpos, e paizanos, que ficárão fóra do quartel, todos elles forão apanhados.

No dia 12 de Janeiro o tiranno de Portugal mandou publicar o sanguisedento Decreto, absolutamente illegal, e monstruoso, em que mandou processar as pes-

soas designadas em uma lista annexa, *aprehendidas*, diz o horroroso *firman*, dentro do Quartel da Marinha, quando *só um lá se encontrára*, e este era o Brigadeiro do corpo ali abarracado! revogando, annullando, e destruindo toda a legislação que marca a ordem do processo, e que sem illicita e violenta violação do direito natural, e publico não podia ser postergada!

Mais monstruoso processo ainda se não tinha visto! uma commissão mixta de militares e de magistrados nomeada para julgar Moreira, e seus sequazes, calcando todas as fórmas, atropellando todos os principios do direito natural e publico, forçando todas as disposições das leis, desfigurando todas as declarações, no que consumio o restante do mez de Janeiro e todo o de Fevereiro, assim mesmo não poude impôr outra pena que a de degredo perpetuo para Africa ao Brigadeiro Moreira, e a mais quatro de seus companheiros, e o de dez annos de degredo para as mesmas possessões a dous outros, sendo o resto absolvido por falta de prova. *O coração paternal de D. Miguel* offendeu-se com a sentença, na qual queria vêr *todos os implicados* condemnados á pena ultima, e com o pretexto d'irregularidade de processo, ou d'engano na applicação da pena, recambiou a sentença para ser reformada, em consequencia do que forão condemnados á forca o Brigadeiro Moreira, o bravo Coronel Perestrello, debaixo do nome de Joaquim Vellez Barreiros, então emigrado em Brest! mais dois officiaes, e o infeliz aspirante Chaby (com 17 annos de idade.) os que havião sido condemnados a degredo por dez annos, agora o fôrão por toda a vida, e os que havião sido absolvidos, lhes foi imposto o degredo por dez annos! (a)

(*) A sentença foi executada no Caes do Sodré no dia 8 de Março de 1829 nas pessoas de

Alexandre Manoel Moreira Freire, Brigadeiro graduado da Brigada de Marinha.

José Gomes Ferreira Braga; Segundo Tenente d'Artilharia de Pernambuco.

Ignacio Perestrello Marinho Pereira, Coronel de Milicias de Vianna, enforcado debaixo do nome de Joaquim Vellez Barreiros.

Jaime Chaves Scarnichia, Soldado nobre da Brigada da Marinha.

Antonio Bernardo Pereira Chaby, Aspirante a Guarda Marinha.

O infeliz Perestrello das escadas da forca bradou desta maneira. "*Eu morro por a liberdade, assim como por ella vivi; o meu ultimo alento é respiração de odio e execração ao Usurpador e Tiranno de minha patria*".... mas foi logo suffocado.

Tal é em resumo a origem, e o resultado da conspiração de Janeiro de 1829, dita do Moreira! Esta catastrofe devida certamente á indiscreta ambição do infeliz Brigadeiro, teria indubitavelmente melhor exito, a não ser prematuramente antecipado o momento da explosão, porque só proximo a esse momento é que estava resolvido dar-se o desenvolvimento ao plano concertado, e á acção rapida dos instrumentos que se havião habilmente disposto; e tanto, que parte da tropa da Brigada da Marinha, que se achava a bordo da Náo D. João 6.°, sentindo reboliço no quartel de terra, cuidando haver-se realisado o rompimento, e querendo obrar de concerto com seus camaradas, formalmente se revoltou, tendo d'entregar d'ahi a pouco as armas a um corpo forte da policia, que para este fim lá foi mandado!

Assim se malogrou o trabalho de 7 mezes passados no Téjo a bordo das referidas embarcações francezas! F. Borges durante este tempo havia empregado o mais ardente zelo, e as mais bem combinadas medidas para levar ao cabo esta honrosa empreza, com a mesma fortuna, com que já conduzira a que fez despontar o dia 24 de Agosto! Mas outros erão os fados do infeliz Portugal! Em uma carta authografa do punho do Marquez de Palmella, dirigida a F. Borges, lemos o seguinte paragrafo. "... Estimarei que esta tentativa seja mais feliz que as precedentes; em todo o caso póde V... ter a certeza de que ninguem fez ainda mais pela Patria, e pela Rainha." — Tem a data de 25 de Novembro de 1828 em Londres! —

Estes longos 7 mezes não forão só consagrados ao objecto de que acabamos de dar noticia; durante elles continuou F. Borges com preseverança em suas applicações litterarias, ajuntando copia de materiaes para as obras que posteriormente publicou, como vamos vêr.

Malogrado pois o principal objecto de sua demora no Téjo, dali partiu para Londres no 1.° de Fevereiro, proseguindo em sua segunda emigração, e como já havemos notado, e o mesmo F. Borges confessa na Dedicatoria do seu Codigo Commercial, auxiliado pela generosa liberalidade d'um bom irmão; é por este modo que elle poude dedicar-se exclusivamente ao estudo, e á coordenação de suas diversas obras.

Pouco depois da sua chegada a Londres foi ali fundada a magnifica Universidade, e nella um Curso de Jurisprudencia medica, cujo Lente (do qual tinhamos mui particular conhecimento, e com quem entretivemos relações amigaveis, por haver comnosco servido nos Hospitaes militares Inglezes em Coimbra nos annos de 1812 e 1813) era homem de grandes talentos, estudos, e esperanças, como depois mostrou, e de que mui prematuramente foi victima: impellido F. Borges pela curiosidade, e pelo dezejo d'obter plena instrucção sobre este especial ramo de Jurisprudencia, pois desgraçadamente em Portugal nada se ensinava sobre o assumpto, de modo que os Juristas apenas tinhão o conhecimento dos nomes d'alguns auctores, sem os poderem entender, deliberou-se a frequentar aquelle curso, e até a ir ouvir as prelecções, e assistir ás demonstrações do eruditissimo *Spurzheim*, companheiro do célebre *Gall*; e como frequentava para instruir-se, foi ao mesmo tempo consultando, e examinando os diversos auctores de mais conhecida reputação, de modo que em pouco se achou possuidor de copia d'apontamentos importantes, que coordenou, e reduzio a systema regular, podendo assim publicar as suas *Instituições de Medicina forense*, que imprimiu em Pariz em 1832, e dedicou ao Immortal Duque de Bragança.

Desta producção já as folhas periodicas tem fallado com o devido louvor; podemos dizer que é nesta materia o primeiro livro systematico, e didactico publicado em lingua portugueza, e por auctor portuguez; nelle apresenta admiravel vastidão de erudição, referindo o texto a numerosissimas citações, que são a prova manifesta de que elle lêra, e meditára os escriptos citados.

E como da grande quantidade d'apontamentos que havia colligido em seus anteriores estudos juridicos, podia coordenar differentes tratados, deu-se pressa em reunir e organisar aquelles apontamentos, de modo que no anno seguinte ao do seu segundo exilio em Londres, em 1830, foi successivamente publicando;

Commentarios sobre a legislação portugueza ácerca d'avarias. Londres 1830.

Jurisprudencia do contracto mercantil, de sociedade mercantil, de sociedade segundo a legislação e arestos

dos Codigos, e tribunaes das nações mais cultas da Europa. Londres 1830.

Synopsis juridica do Contracto de Cambio maritimo, regularmente denominado Contracto de risco. Londres. 1830.

Não se limitavão a estes os seus estudos. F. Borges foi um dos primeiros que em Portugal possuio o *Curso d'Economia politica de Henrique Storck*, Mestre dos Irmãos do Imperador Alexandre, os Grãos Duques Constantino, e Nicoláo, (hoje Imperador); elle havia recebido um exemplar remettido por seu irmão, já a esse tempo residente em S. Petersbourgo, cuja leitura lhe havia conciliado para com aquella obra uma particular, e bem mercida predilecção; esta leitura foi feita antes de 24 d'Agosto, ella lhe inspirou o gosto da sciencia, cuja importancia ficava então cabalmente avaliando; foi elle o que fez tambem parte de seus estudos nos 7 mezes de demora no Téjo, e nos primeiros dous annos da sua segnnda emigração em Londres, aonde consultou todos os Auctores mais acreditados, e com que enriqueceu a sua Bibliotheca, mui abundante na verdade em obras desta sciencia. Tendo tambem na idéa reduzir o Curso do Professor Russo á fórma didactica, e compendiosa, addicionado com o que julgou proprio extrahir dos differentes auctores, que ia lendo, poude ao mesmo tempo coordenar os *Principios de Syntelologia*, ou da *Sciencia do Tributo*, que publicou e imprimiu em Londres no anno de 1831. Esta obra é realmente uma das mais bem acabadas do nosso Compatriota, e deveria ser lida vulgarmente, com especialidade por aquelles, que se propõem á Candidatura de Deputado, e que aspirão á honra de Representantes de seus Concidadãos. O A. mostra não só a profunda lição dos Auctores Inglezes e Francezes, mas um cabal conhecimento do estado financeiro de Portugal até áquella época, e um peculiar tacto nestas materias.

O trabalho que havia tido com o Curso de Storch, e o seu extracto, enriquecido com ineditos e mais opportunos additamentos e notas, foi depois publicado em Lisboa no anno de 1834, com o titulo de *Instituições d'Economia Politica*, dedicadas ao Grande Du-

que de Bragança, cuja offerta este lhe agradeceu com as mais obrigantes expressões, como já havia feito por occasião da dedicatoria das Instituições de Medicina forense, o que se póde vêr nas Portarias respectivas, impressas em cada uma destas obras.

Para bem se avaliar a extensão dos talentos de F. Borges, a assiduidade de sua applicação, a robustez do fisico, a vastidão de conhecimentos, a promptidão da sua memoria, e extrema facilidade d'escrever, bastará enunciar o que elle escreveu, e publicou durante esta segunda emigração, ou exilio, como elle lhe chama, que durou até Setembro de 1833.

Para entretenimento de alguns momentos consagrados ao recreio, foi em 1829 o principal collaborador do *Chaveco liberal*, que começou em 9 de Setembro, e se sustentou até Dezembro deste anno, com o mesmo estilo faceto, e chistoso, com que se havia redigido o *Correio interceptado*.

A bordo da Thetis escreveu as *Duas palavras* sobre o chamado "*Assento dos Tres Estados do Reino juntos em Cortes na cidade de Lisboa — em* 11 *de Julho de* 1828.

E' esta a primeira refutação juridica daquella irrita e illegal Assembléa, e dos futeis, e sofisticos argumentos em que o *Assento* se bazêa. F. Borges refutou cabalmente e com toda a clareza, e laconismo aquelle celebre Assento: as *Duas palavras* forão tradusidas em francez, inglez, e italiano.

Alguns outros illustres jurisconsultos portuguezes trabalhárão no mesmo sentido, e suas interessantes producções estão cheias de saber, de deducção, e de argumentos incontestaveis; alludimos aos escriptos do Sr. Joaquim Antonio de Magalhães com o titulo de *Breve Exame do Assento feito pelos denominados Estados do Reino de Portugal, congregados em Lisboa aos* 23 *de Junho de* 1828, que foi traduzido em francez: e o do Snr. Antonio da Silva Lopes Rocha, com o titulo de *Injusta acclamação do serenissimo Infante D. Miguel*, ou *Analyze e refutação do Assento dos chamados Tres Estados do Reino de Portugal de* 11 *de Julho de* 1828, que foi tradusido em inglez; sendo tambem para mencionar o opusculo do Sr. Paulo Mi-

dosi, que tem o titulo — Quem é o legitimo Rei de Portugal, publicado tambem em Londres em 1828.

Os Snrs. Silvestre Pinheiro Ferreira, e Felippe Ferreira d'Araujo e Castro havião publicado em Paris um opusculo com o titulo de *Parecer sobre os meios de se restaurar o governo representativo em Portugal*, por dous conselheiros da Corôa Constitucional, no qual sustentão, que o Senhor D. Pedro d'Alcantara, Ex-Imperador do Brazil, para levar ao cabo a heroica empreza que se propunha commetter, devia tomar o caracter politico de Regente na menoridade de sua filha. A este opusculo fez F. Borges umas *observações* que imprimiu em Londres em 21 de Janeiro de 1832, e logo depois em 11 de Fevereiro do mesmo anno imprimiu a *Opinião juridica sobre a questão: "Quem deve ser o Regente de Portugal, destraida a usurpação do Infante D. Miguel?"* coordenado antes da publicação do Manifesto do Senhor D. Pedro, Duque de Bragança abordo da Fragata Rainha de Portugal aos 2 de Fevereiro de 1832.

As *observações* e a *opinião juridica*, refutando o Parecer, estabelecem uma outra opinião á cerca do caracter politico com que o Senhor D. Pedro devia entrar em Portugal: F. Borges entendendo, que o Augusto Pae da Rainha não podia juridicamente tomar o titulo de Regente, devia comtudo assumir o de *Negotiorum gestor politico*, ou governador supremo, e Dictador com poder amplissimo d'empregar os meios que podesse obter para realisar a restauração.

Este assumpto deu lugar a uma polemica ainda hoje interessante, e que sempre o será nos annaes da Historia Portugueza, e no seu immortal epizodio — Restauração do throno constitucional da Senhora D. Maria Segunda, e destruição da usurpação de D. Miguel.

Os Aut. do *Parecer* reimprimírão este opusculo em Paris em 1832, com algumas alterações, e juntamente as *Observações*, e a *opinião juridica* com uma *analyse daquelles;* e F. Borges redarguio com outra publicação, que intitulou *Revista critica da segunda Edição do opusculo — Parecer* &. impressa em Londres em 1832.

Esta polemica é sobre interessante pelo lado politico, assaz instructiva pelo lado juridico e historico,

sendo a questão desenvolvida por uma e outra parte com bastante saber e erudição.

Havia por esta occasião o Coronel R. P. Pizarro publicado em Paris, a 8 d'Janeiro de 1832, o seu opusculo intitulado *Norma das Regencias*; logo depois em 6 de Março o Sr. José Liberato Freire de Carvalho publicou em Londres — *Reflexões sobre um paragrafo do Manifesto do Senhor D. Pedro Duque de Bragança*; — em 16 de Maio o Sr. João Bernardo da Rocha publicou em Londres o seu Appendix á opinião juridica do Sr. Dr. J. F. Borges: — em 5 de Abril um anonymo cujas iniciaes são L. V. C. M. publicou em Plymouth um opusculo com o titulo *Gerente e Não Regente* &c. Na mesma Cidade de Plymouth algumas cartas anonymas, e uma proclamação aos *honrados Portuguezes da Emigração*; — alguns outros escriptos, e nomeadamente o *Breve Razoamento* dos Srs. J. da S. Passos, e M. da S. Passos, datado de *Eaubonne* em o 1° de Janeiro de 1832, impresso em Paris em 11 do mesmo mez, cujas doutrinas, e principios, com tanta decisão expostos (a), forão com summa volubilidade esquecidos, depois da revolução de Setembro de 1836; — todos estes escriptos, dizemos, sem entrar no merecimento especial de suas theorias, e doutrinas, erão o resultado de uma *ominoza e concertada oppozição*, feita á propria pessoa do Sr. D. Pedro, posto que era nelles *arteiramente* tratado com todo o respeito, e acatamento, devido não só ao magnanimo Outorgador da Carta Constitucional, mas ao Denodado, e Generozo Chefe da Expedição Restauradora Portugueza: esta *oppozição* está formalmente enunciada naquelles es-

---

(a) A pag. 4 diz = Ahi vão os artigos da nossa fé. Quanto á realeza somos por a Snr.ª D. Maria II: e quanto aos principios, por os do patriarcha M. F. Thomaz, salvas comtudo *as lições da experiencia, que para nós não forão perdidas*: a Carta (*por nós jurada*) satisfaz todos os nossos escrupulos com as beneficas doutrinas dos artigos 12 e 140, que em si contem o germen de todos os progressos e melhoramentos.

E a pag. 7 " aos destemidos officiaes, voluntarios, soldados, e mais patriotas pertence velar por a Corôa da Snr.ª D. Maria II, e por a *Carta Constitucional*. Que não seja rasgada por mão de traidores, nem por seus pés calcada. Vejão nossos soldados, que ambas, *Rainha* e *Carta*, forão entregues ao valor, e lealdade de *suas espingardas*; e *espadas portuguezas*. "

criptos, que quasi estamos chamando virulentos. A coincidencia da opinião de F. Borges com a dos individuos, que já em terra estranha, antes do feliz desembarque nas praias de Mindelo, e muito antes da final restauração da patria, havião formado uma opposição indecorosa, inopportuna, injusta, e quiçá interesseira, e de que com o Mantuano podemos affoutamente dizer

Quæ prima malorum causa fuit.

fez persuadir a muitos Portuguezes que elle se havia ligado com ella: podemos asseverar, e os factos cabalmente o justificárão, que F. Borges era inteiramente estranho a esta ominosa opposição, a sua opinião era propriamente sua, da sua consciencia, sem pensamento ulterior; e todavia alguma injusta animadversão lhe motivou a franca exposição de seus sentimentos, pois que se por uma parte contendia que o Snr. D. Pedro não podia declarar-se Regente, por outra reconhecia que elle *devia* por necessidade, e por direito assumir titulo que ainda com mais ampla auctoridade o invertisse; e este titulo era o de *Negotiorum gestor.*

No mesmo anno de 1832 publicou elle em Londres a *Autopsia do Manifesto do Infante D. Miguel* datado em 28 d'Março de 1832; opusculo que merece ser lido não só pela instrucção historica que encerra, mas pelos principios juridicos em que se apoia, e que cabalmente desenvolveu.

Por distracção e desenfado, logo depois *da Grande Semana de Paris*, comecou a imprimir em Londres o periodico que denominou *o Palinuro*, com a epigrafe — *Spectacta dies aderat*, que começou em 2 d'Agosto de 1830, e acabou em 17 d'Outubro do mesmo anno, escripto com o mesmo atticismo do *Correio interceptado*, e do *Chaveco liberal.*

Sem embargo de todas estas diversões, F. Borges não havia deixado de assiduamente trabalhar no Codigo Commercial, alvo fixo de todos os seus estudos, e lucubrações; e é bem claro que para tudo isto lhe era mister uma força herculea. A continua applicação de leitura, e escripta em um paiz, aonde o dia amanhece d'inverno depois das oito horas da noite sobre-

vem antes das 4 da tarde afóra muitos dias de denso e tenebroso nevoeiro, em que é indispensavel a luz do candieiro, forão-lhe successivamente gastando a faculdade visual; debalde lhe reflectia sua espoza a necessidade de minorar suas applicações; debalde lhe bradavão seus amigos: fiado em sua natural robustez, sem se lembrar de que um dia podia de todo perder o mais preciozo sentido, unicamente possuido da idea dominante, a que excluzivamente obedecia, em vez de moderação, cuidando munir se de precauções apressou, pozitivamente a ruina da sua vista. Para augmentar a força da luz passou a uzar da lampada reverberante *de Locatelli*, e para evitar o incommodo de curvar-se muito sobre os livros, e artificialmente engrandecer o typo com que erão impressos, fez uzo d'uma lente convexo-convexa, ou augmentativa de mui grande diametro, encaixilhada em um caixilho movel sobre dous eixos, assente em um commodo pedestal. A consequencia destes, *certamente indiscretos meios*, não podia ser duvidoza. A vista foi successivamente enfranquecendo mais; foi míster dezistir então de tão aturado estudo, mas sem o suspender. O Codigo estava coordenado, e com elle ao mesmo tempo —

O Diccionario Juridico, Commercial, cuja proxima, publicação já está annunciada:

Os Commentarios em forma de Diccionario sobre a legislação portugueza ácerca de seguros maritimos; que ainda estão ineditos, mas que seu illustre A. intenta publicar cedo.

E ao mesmo tempo que coordenára as *Instituições de Medecina forense*, ouvindo as prelecções de John Gordon Smith, e de Spurzheim, elle coordenou a *Psychologia forense*, que ainda está inedita; a qual nós vimos, e lèmos, e em que achámos, alem d'uma vasta erudição, assumpto de grande importancia para o fôro criminal.

Assim passou o nosso illustre Compatriota até meado de 1833: e logo que em Londres soube da restauração de Lisboa, apressou a sua partida trazendo consigo como fructo de seus trabalhos litterarios, e de sua dedicação pela patria, — *seus preciozos manuscriptos*, — *sua incipiente cegueira*, *e uma honroza pobreza*!!.. Mal poderia a isto rezistir em seu protrahido exilio a

não ser, como já notámos, o franco auxilio d'um irmão generozo, e elle mesmo se compraz de o confessar como obrigação imposta por sua gratidão! Poderia diser-se abastado, quem para subsistir carece dos subsidios fraternaes? Uma honroza pobreza pois, era um dos fructos dos relevantes, e extremados serviços que J. F. Borges havia feito á sua patria, já desde o anno de 1818, pela qual se havia inteiramente dedicado. Cumpria á patria a inquestionavel obrigação de lhe resarcir seus prejuizos, e ainda mais a de render ao merito o devido testemunho de seu reconhecimento.

F. Borges endereça ao Augusto Senhor D. Pedro o seu Codigo Commercial, com uma erudita dedicatoria, escripta em Londres a 8 de Junho de 1833, a qual se acha impressa, e precedendo o Codigo. Depois disto parte para Lisboa, aonde chega em principios de Setembro. Todas as pessoas notaveis naquella Capital o comprimentão, abração, e congratulão pelo seu regresso á patria, á qual podia ainda ser tão util em razão de grande somma de conhecimentos, que havia adquirido com uma proficua experiencia.

O Senhor D. Pedro não tardou em começar o desempenho da divida da patria para com F. Borges, aprovando o projecto do Codigo Commercial Portuguez e ordenando que corresse, e se observasse por lei nestes Reinos, e seus Dominios; e em publico testemunha do apreço em que tinha o relevante serviço da coordenação do Codigo o nomeou Supremo Magistrado do Commercio, e Juiz Presidente do Tribunal Commercial de Segunda instancia: o que lhe communicou em Carta Regia de 18 de Setembro de 1833: declarando mais, que aquella nomeação era sem prejuizo de qualquer reconhecimento, e galardão que as Cortes houvesem de decretar. Este Tribunal havia sido creado, bem como os Juizos de primeira instancia em Lisboa e Porto, por Decreto desta mesma data.

Litteratura.

MARTINEZ DE LA ROSA.

EM vista do obejcto a que se dedicou nosso jornal, é facil de presumir qual deverá ser o lado porque encaremos esta notabilidade peninsular. Dando de mão inteiramente á politica, — cadaverica e macilenta politica, que qual outra Dalila, causa a ruina de quantos se fião nella, nós consideraremos o Snr. Martinez de la Rosa, como o homem de talento; como filho das muzas, como um Corypheo de litteratura, a quem a Hespanha nomêa com orgulho, e bem entendido orgulho: e a quem, nós os Portuguezes, tributamos sentimentos de mui proximos parentes, de irmãos talvez, ainda que não germanos.

As obras deste illustre autor, são hoje conhecidas por quasi toda a Europa. A publicação que dellas se fez em Pariz, durante o seu exilio em 1827, concorreu muito para as vulgarisar. A critica, o maior meio talvez de notoriedade, não tardou a apossar-se de sua analyse. Classicos e romanescos se disputavão então, com todo o calor de inimigos irreconciliaveis, a primazia de suas escholas: e desta luta, devia por força resultar a qualquer proselyto, o encarecimento dos seus, e má vontade dos outros. Assim, não é por essas criticas, que hoje se devem avaliar seus deffeitos e bellezas. Faz mister procurar outra direcção, que pelo menos quanto possivel seja, offereça tal ou qual garantia de justiça e imparcialidade.

Amavel poeta, e prozador distincto, o Senhor Martinez de la Rosa, se espraia no vasto campo da litteratura sempre com igual gosto e talento. Nenhum

genero parece estranho a seu lavor. Didactica, epopêa, drama, historia, e de vez em quando a poezia ligeira ... se succedem a seu capricho, e mostrão a flexibilidade de seu genio e faculdades. E em todos os assumptos a mesma facilidade, a mesma graça e elegancia. Senhor dos recursos de seu idioma mui fecundo, e talvez ninguem conheça a lingua hespanhola melhor do que elle, depara-se em suas obras, com um estilo tão variado, e com harmonia tão doce, que deleita e enamora ao leitor mais circunspecto. De continuo puro e correcto, ás vezes brilhante e nervoso ... a seducção da sua linguagem, se augmenta ainda á custa de um certo tacto, de um certo espirito de observação, que póde ser deva considerar-se como o maior lustre de seus escriptos.

No meio porem destas qualidades brilhantes, que, como é facil de ver, mais pertencem á forma externa e d'apparato, do que ao intimo d'uma producção litteraria, não podemos deixar de confessar, que se encontra uma pobreza da ideas novas e profundas, um vazio intellectual, que faz com que o leitor se não dè por completamente satisfeito. Ou seja por timidez, ou por esterilidade, o Snr. Martinez não pode chamar-se autor original. Imitando quasi sempre um modelo; todavia o faz com tanta habilidade e successo, que ninguem se lembra de arguir-lhe essa falta de originalidade. A sua poetica, póde servir de exemplo ao que acabamos de dizer. Modelada inteiramente pela de Boileau, modela-se com tudo tão engraçadamente, e mesmo diremos, de vez em quando com tanta superioridade, que a Hespanha nada tem tão bem escripto, pelo menos neste genero. Todas as regras da arte são ahi apresentadas com um gosto transcendente, com uma clareza rara, e sobre tudo, com uma força de elocução, que é impossivel exceder-se, e muito difficil de imitar-se. Serve porem de desmerecer-lhe o preço o muito que encarece o systema classico! ... Na verdade, essa especie de anachronismo, erro foi que manchasse obra tão bem delineada, e construida.

Imitador d'Alfieri e Moratin em seus dramas, de Virgilio em seu poema de *Zaragoza*, nem sempre seu talento poude exceder os prototypos que adoptára. Al-

fieri, de envòlta com suas bellezas, lhe empresta tambem os seus deffeitos. Na *Viuda de Padilla*, tragedia abundante em attractivos de todo o genero, commette elle uma grande falta; falta, que consiste na anomalia da epocha da acção com as costumes e linguagem de suas personagens. Depois, acabrunhado com o jugo dos preceitos classicos, carece esta obra de ideas brilhantes, de variedade e força d'invenção, qualidades, que hoje, quando não desarmonisão com as exigencias de bom gosto, dão a todas as composições dramaticas o cunho de excellencia, que é proprio da civilisação do seculo.

A comedia parece estar mais ao alcance de seu genio, e accommodar-se melhor á natureza de seu espirito. O primeiro ensaio, que fez neste genero, — *lo que pueda un empleo*, foi coroado com o mais brilhan- successo. Ahi, faz elle com summo ingenho e habilidade a satyra destes camaleões politicos, que abundão em todos os paizes, e em todos os seculos; mas que, talvez em razão de vicio organico de algumas de nossas instituições modernas, se tem augmentado ainda durante o seculo desenove. Surprehende-nos porem ver que o Snr. Martinez de la Rosa, excluiu esta linda peça da collecção de suas obras completas: e não sabemos a que se possa attribuir semelhante singularidade. Dar-se-ha cazo, que o primeiro Ministro desprezasse o proselyto das muzas? ... Dar-se-ha cazo, que o Cortezão da rainha Christina temesse o pelourinho, que o poeta de Cadiz tinha erguido? ..... Temo-lo em grande conta para que nos persuadamos de tamanho desvario.

Outra producção da mesma ordem seguiu passados annos aquelle primeiro ensaio — *La Niña en casa, y la Madre en la mascara*, foi representada em Madrid no anno de 1821. Esta comedia, talvez inferior á outra, se a olhamos pelos lado do estylo, houve o melhor acolhimento na Capital das Hespanhas; e traduzida, ou imitada em outras linguas, por toda a parte mereceu os mais vivos applausos e enthusiasmo. Nella mostra outra vez o autor, aquelle talento de observador, aquella sagacidade analytica, de que fallámos ha bocado. Todas as vezes que faz mister apenas tocar

de passagem a epiderme social; e projectar, deixem assim explicar-nos, as pequenas vaidades d'este nosso mundo egoista e corrompido; ninguem possue uma vista tão penetrante, ninguem usa com mais arte do escalpelo anatomico, do que o Snr. Martinez de la Rosa. Mas ah! Quanto não é para lamentar, que tanta perspicacia não tenha mais alcance, e não mire a um fito mais alto, a fim de obter mais elevados resultados!... No seio de um paiz movido de continuo pelo choque das tempestades politicas; mettido entre um povo já fatigado de guerras e convulções, mas lutando sempre debaixo do pezo dos grilhões, e precisões que o opprimem...— como póde o homem de talento, o homem, cujo sangue ferve ao calor da poesia, desconhecer sua alta missão, e repousar-se ocioso, ou abandonar-se a efeminadas seducções de alguns versos sem caracter? (1) Mas não é elle só! ... Toda a litteratura hespanhola, que como observa mui judiciosamente Schlegel, devia resentir-se de um vivo e profundo sentimento nacional, pois que tal é sua existencia intima, não deixa transparecer em suas criações coevas o espirito do seculo.

E na verdade, se as obras primas de Miguel Angelo, deixão transparecer através de suas maravilhas a idade dos Medicis: — se o Dante se deixava inspirar pelas guerras civis do seu tempo: se Cervantes, pegando na penna para satisfazer um resentimento pessoal, revoluciona todos os costumes de seus contemporaneos . . . porque repudiaremos nós tão nobres tradições n'um momento de regeneração universal, — momento, em que todas as luzes, todas as intelligencias deverião concorrer exclusivamente para o seguimento do progresso, do progresso racional, bem entendido... e preparar os espiritos incultos, como se prepara o enfermo para uma cura radical, a fim de lhe serem menos sensiveis os abalos das transições?...

Todavia, se Martinez de la Rosa, so se tem dado pouco ás actualidades, não devemos por isso deixar de confessar, que sua penna algumas vezes tomou por as-

---

(1) O Snr. Martinez de la Rosa publicou em 1833 um pequeno volume de poezias ligeiras.

sumpto objectos da patria. Debaixo deste ponto de vista, muita honra lhe dá já a mencionada trajedia, *la viuda de Padilla*: e igualmente sua ultima obra, *Hernan Perez del Pulgar*, que alem disso é um bello monumento historico do tempo das guerras com os Mouros. Se não temessemos avultar de mais o artigo, dariamos uma idéia de tão interessante producção. Talvez porem mais de espaço o faremos em outra occasião.

Tem-nos ultimamente constado, que o Snr. Martinez de la Rosa, acaba de publicar algumas obras, de que não fallamos neste opusculo. Sentimos que não nos chegassem ainda; mas quando as conhecermos, daremos a nossos leitores, uma segunda parte que os satisfaça.

---

d'um governo da religião, d'um clero, d'uma corporação ecclesiastica, d'um sacerdote, d'uma religião acommodada ao estado sacerdotal.

Para muitos homens illustrados, estas unicas palavras — corporação de padres — sacerdocio, e governo da religião, parecem decidir a questão. Elles pensão, que uma religião que chegou a ter um corpo de padres, um clero legalmente constituido, n'uma palvra uma religião governada, exerce uma influencia, em todo o cazo mais nociva do que proveitosa. A religião, no seu entender, é uma religião puramente individual do homem para Deus; e todas as vezes que esta relação perde tal caracter, todas as vezes que uma autoridade exterior se interpõe entre o individuo e o objecto das crenças religiosas — ou Deus —, altera-se a religião, e periga a sociedade.

Não é possivel, Senhores, deixar de examinar esta questão. Para saber qual foi a influencia da Igreja christan, é mister saber qual deve ser pela propria natureza da instituição a influencia d'uma Igreja, e d'um clero. Para avaliar esta influencia, é mister antes de tudo indagar se a religião é com effeito puramente individual, se ella não provoca nem produz mais do que uma relação intima entre cada homem e Deus; ou então, se se torna necessario entre os homens um manancial de relações novas, de que procedem tambem necessariamente uma sociedade religiosa, e um governo desta sociedade.

Se a religião fôr reduzida ao sentimento religioso propriamente dito, a este sentimento muito real, mas um pouco vago, um pouco incerto no seu objecto, que se não póde caracterizar melhor do que nomeando-o, a esse sentimento que ora se dirige á natureza exterior, ora ás partes mais intimas da alma, hoje á poesia, ámanhan aos mysterios do futuro, que corre todos os lugares, que em toda a parte se quer satisfazer, e que em sitio algum se fixa: se se reduzir a religião a este sentimento, parece-me evidente que ella deve ficar puramente individual. Semelhante sentimento póde sim promover entre os homens uma associação momentanea; póde e até deve excitar sympathias que o sustentem e lhe deem forças,

mas sua natureza incerta e duvidosa oppõe-se a que elle seja o principio d'uma associação permanente, e extensa, e que se accommode a qualquer systema de preceitos, de practicas e formas; e ultimamente a qne produza uma sociedade, e um governo religioso.

Porém, Senhores, ou eu me engano muit o, ou este lentimento religioso não é a expressão completa da natureza religiosa do homem. A religião segundo eu creio, é couza muito differente e muito maior.

No destino da natureza humana ha problemas, cuja solução está fóra deste mundo, que se referem a uma ordem de couzas estranhas ao mundo visivel, e que atormentão invesivelmente a alma do homem, porque absosutamente as quer resolver. A solução destes problemas, as crenças, os dogmas que as contem, ou que pelo menos se jactão disso, tal é o primeiro objecto, a primeira fonte da religião.

Outra estrada guia ainda para aqui os homens. Aos que d'entre vós tem cursado com mais extensão os estudos philosophicos, deve ser hoje manifesto que a moral existe independente das idéas religiosas; que a distincção do bem e do mal moral, a obrigação de evitar o mal, e de fazer bem, são leis que o homem reconhece na sua propria natureza, do mesmo modo que nas leis da logica, e que tem nelle o seu principio, assim como na sua vida actual tem a applicação. Verificados porém estes factos, e restituida a moral á sua independencia, inda se desperta esta questão no espirito humano: d'onde vem a moral? e qual é o seu objecto? Esta obrigação de fazer bem, que subsiste por si mesmo, será um facto isolado sem autor, e sem fim? Não esconderá ella, ou antes, não revelará ella ao homem uma origem, e um destino estranhos a este mundo? Eis a questão que nasce por si mesma, que é iuevitavel, e pela qual tambem a moral guia o homem á porta da religião, e lhe patentea uma esphera de que elle a não derivou.

Assim, d'um lado os problemas ácerca da nossa natureza, do outro a necessidade de procurar á moral uma sancção, uma origem, e um fim, taes são para a religião

os mananciaes fecundos e seguros. Deste modo ella se apresenta com aspectos muito differentes além do d'um puro sentimento semelhante a aqnelle que já descrevemos; apresenta-se como um todo composto, 1.º de doutrinas suscitadas pelos problemas que o homem tem em si mesmo; 2.º de preceitos que correspondem a estas doutrinas, e que dão á moral natural um sentido, e uma sancção; 3.º de promessas relativas ás esperanças d'um futuro para a humanidade. Eis o que verdadeiramente constitue a religião; eis o que ella é essencialmente, e não uma pura forma da sensibilidade, um impeto da imaginação, uma variedade da poesia.

Reduzida assim a seus verdadeiros elementos, á sua essencia, apparece a religião, já não como um facto puramente individual, mas como um poderoso e fecundo principio d'associação. Se a consideraes como um systema de crenças, e de dogmas, a verdade não pertence a ninguem; é universal e absoluta, os homens tem necessidade de a procurar, e de a professar em commum. Se se encara em quanto aos preceitos que se associão ás doutrinas, uma lei obrigatoria para um é obrigatoria para todos, é mister promulgal-a, e trazer todos os homens para debaixo do seu imperio. O mesmo é a respeito das promessas que faz a religião em nome de suas crenças e de seus preceitos; é mister divulgal-as, e fazer que todos lhes colhão os fructos. Vêdes pois a sociedade religiosa surgir dos elementos essenciaes da religião; e tão infallivelmente ella se deriva delles, que o termo que exprime o sentimento social mais energico, a necessidade mais imperiosa de propagar idéas, d'estender uma sociedade, é o vocabulo *proselytismo*, vocabulo que sobre tudo se applica ás crenças religiosas, e que parece ser-lhes quasi exclusivamente consagrado.

Formada fiinalmente a sociedade religiosa, e depois que um certo numero de homens se reunírão em crenças religiosas cummuns, sob a lei de preceitos religiosos communs, e em esperanças religiosas communs, faz-se então necessario um governo. Não ha sociedade alguma que subsista oito dias, e melhor direi, nem uma hora,

sem um gorverno. No mesmo momento em que a sociedade se forma, e só pelo simples facto da sua formação, ella convoca um governo que proclame a verdade commum, nexo da sociedade, e que promulgue e mantenha os preceitos que esta verdade deve produzir. A necessidade d'um poder, d'um governo da sociedade religiosa, como de qualquer outra, está incluida no facto da existencia da sociedade. E não só o governo é necessario, mas até naturalmente se vae formando. Não posso demorar-me muito a explicar como é que o governo nasce e se estabelece na sociedade em geral. Só me limito a dizer, que quando as couzas seguem o seu curso natural, sem que a força se metta de permeio, o poder cahe sempre nos mãos dos mais capazes, dos melhores, daquelles em fim que hão-de guiar a sociedade ao desejado termo. Se se trata d'uma expedição de guerra, o poder tocará aos mais bravos. Se a associação tem por objecto uma descoberta ou empreza scientifica, o chefe será de todos o mais habil. No mundo entregue a si mesmo apparece livremente em tudo a desigualdade natural dos homens, e cada qual toma o lugar que é capaz de occupar. Ora pois, debaixo do ponto de vista religioso tambem os homens não são iguaes em talento, em faculdades, e em poder; será um mais capaz do que outro qualquer de esclarecer as doutrinas religiosas, e de as fazer geralmente adoptar; um tal terá em si mais autoridade para fazer observar os preceitos religiosos; outro conseguirá com mais facilidade entreter e animar os sentimentos e esperanças religiosas. A mesma desigualdade de faculdades e d'influencia que faz nascer o poder na sociedade civil, fal-o iguálmente nascer na sociedade religiosa, Os missionarios fazem-se a si mesmos generaes; e como taes se declarão. De forma que por um lado procede necessariamente o governo religioso da natureza da sociedade religiosa; e por outro, desenvolve-se naturalmente só por effeito das faculdades humanas e da sua desigual repartição. Assim, mal que a religião nasce no homem, logo se desenvolve a sociedade religiosa; e apenas a sociedade religiosa apparece, immediatamente gera o seu governo.

Mas nota-se uma objecção fundamental; aqui não ha ordens a dar, nem a prescrever ; o que se faz com coacção não póde ser legitimo. Não póde finalmente haver governo, porque a liberdade deve subsitir toda inteira.

Mas , Senhores, parece-me que é fazer uma mui pequena idéa do governo em geral, o suppôr que elle reside unica e principalmente na força que ostenta para se fazer obedecer , ou no seu elemento repressivo.

Deixo agora a lado religioso para considerar o governo civil. Segui comigo o simples progresso dos factos. A sociedade existe: e alguma couza ha a fazer , seja o que fôr, para seu interresse e em seu nome ; ha para promulgar uma lei , ha medidas a tomar, e sentenças a proferir. E' verdade que tambem ha um bom modo de satisfazer a todas estas necessidades sociaes; ha para fazer uma boa lei , um bom partido a tomar , e uma boa sentença a pronunciar. Seja o que fôr de que se trate, qualquer que seja o interesse em questão , ha em toda a occasião uma verdade que é mister conhecer , e que deve decidir do modo de proceder.

O primeiro officio do governo é procurar esta verdade , descobrir o que é justo , rasoavel , e conveniente á sociedade. Logo que o achou , publica-o. E' mister então que elle trate de o insinuar nos animos, que o faça approvar dos homens em quanto domina; e que lhes persuada que a razão está da sua parte. Haverá em tudo isto alguma couza de violencia? Não por certo. Agora suppunhamos que a verdade que deve decidir da questão , seja ella qual fòr, supponhamos , digo , que achada e proclamada esta verdade , immediatamente ficão convencidas todas as intelligencias, e todas as vontades determinadas, que todos reconhecem que o governo tem razão, e espontaneamente lhe obedecem; neste cazo não ha coacção , não ha lugar para o emprego da força. Não subsistiria por acazo o governo ? Ou para tudo isto não houve governo ? Houve evidentemente, e cumpriu a sua missão. A coacção não vem senão quando se apresenta a resis-

tencia das vontades individuaes, quando a idea e o partido que o poder adoptou, não obtem a approvação, ou a submissão voluntaria de todos. O governo emprega então a força para se fazer obedecer; é o resultado necessario da imperfeição humana, imperfeição que simultaneamente reside no poder e na sociedade. Não é possivel que em tempo algum haja meio de absolutamente a evitar; os governos civis serão sempre obrigados a empregar meios de coacção para fazerem adoptar certas medidas. Mas evidentemente não é a coacção quem os constitue; quando podem passar sem ella não a empregão; e é para todos um grande bem; de modo que são mais perfeitos aquelles governos que menos uso fazem dos meios repressivos, e que em vez d'esses empregão os meios puramente moraes, dirigindo antes a sua acção para as intelligencias; assim serão mais fieis á sua verdadeira natureza, e desempenharão melhor o seu dever. O governo que deixa de empregar a força não se confessa fraco nem se retira, como vulgarmente se diz; obra porem d'outra maneira mais geral e mais efficaz.

A essencia pois do governo não reside do modo algum na coacção, ou emprego da força; o que principalmente o constitue é um systema de meios e de poderes, concebido com designio de chegar a conhecer o que convem fazer em cada occasião, de chegar a conhecer aquella verdade que por direito deve governar a sociedade, para a fazer entrar depois nos animos, e fazel'-a adoptar voluntaria e livremente. A necessidade por tanto, e a presença d'um governo facilmente se imaginão, quando mesmo não houvesse lugar para nenhuma coacção, e até quando fosse absolutamente prohibida.

E tal é, Senhores, o governo da sociedade religiosa; a coacção certamente lhe é prohibida; e como o seu unico territorio é a consciencia humana, o emprego da força nestes dominios é illegitimo, qualquer que seja o fim para que se destine: mas nem por isso deixa elle de ser governo, nem lhe incumbe menos o cumprimento de todos os actos que já vos fiz notar.

E' necessario que elle indague quaes são as doutrinas religiosas que resolvem os problemas do destino humano; ou no caso que ja haja um systema geral de crenças em que estejão resolvidos esses problemas, é então mister que em cada caso particular elle descubra e manifeste as consequencias do systema; é mister que promulgue e mantenha os preceitos que correspondem ás suas doutrinas; a final é mister que pregue e ensine aquelles preceitos, e que quando a sociedade se desviar delles, ou os esquecer, a admoeste, ou lhos lembre. O governo religioso por tanto nunca tem de empregar meios obrigatorios, mas sim os suasorios, e quando seja necessario, tambem a censura e a reprehensão. Supprimida igualmente a coacção como se quizer, ver-se-hão apparecer as questões essenciaes da organisação do governo, e reclamarem uma solução qualquer. A questão, por exemplo, de saber se é preciso um corpo de magistrados religiosos, ou se é possivel confiar na inspiração religiosa dos individuos, esta questão que se agita entre a maior parte das sociedades religiosas e a dos Quakers, ha-de existir sempre, e sempre será necessario discutil'-a. Igualmente a questão de saber se quando se concordou que era necessario um corpo de magistrados religiosos, se deve preferir um systema d'igualdade, ministros da religião iguaes entre si, e deliberando em commum, ou uma constituição jerarchica com diversos gráos de poder. Esta questão, apezar de se tirar o poder coercitivo a todos os magistrados ecclesiasticos indistinctamente, nem por isso terminará tambem. Em lugar pois de dissolver a sociedade religiosa, é mister reconhecer que a sociedade religiosa se forma naturalmente, que o governo religioso procede tambem naturalmente da sociedade religiosa; e que o problema que fica para resolver, é saber com que condições deve este governo existir, quaes são as bazes, os principios, e as condições da sua legitimidade. Tal é a verdadeira investigação a que obriga a existencia necessaria do governo religioso, ou qualquer outro.

Senhores, as condições da legitimidade são as mesmas tanto para o governo da sociedade religiosa, como

para outro qualquer; e podem-se reduzir a duas: a primeira, que o poder chegue e permaneça constantemente nos limites, pelos menos, da imperfeição das couzas humanas, nas mãos dos melhores e dos mais capazes; que as superioridades legitimas que existem dispersas no meio da sociedade, sejão ali procuradas, descobertas, e chamadas para manifestarem a lei social, e exercerem o poder: segunda, que o poder legitimamente constituido respeite as liberdades legitimas daquelles sobre quem se exerce. Um bom systema de formação e organisação do poder, um bom systema de garantias para a liberdade, — taes são as duas condições em que reside a bondade do governo em geral, quer seja religioso, quer civil. Por este criterio é que todos elles devem ser julgados.

Por tanto, em vez de censurar á Igreja, ou por outra, ao governo do mundo christão, a sua existencia, é mister indagar como elle era constituido, e se seus principios correspondião ás duas condições essenciaes de todo o bom governo. Examinemos a Igreja destes dous modos.

Em quanto ao modo de formação e de transmissão do poder na Igreja, ha um vocabulo que muitas vezes se empregava fallando do clero christão, o qual é necessario que eu rejeite, e vem a ser a palavra *Casta* ou *Raça*. Muitas vezes se deu o nome de casta ao corpo dos magistrados ecclesiasticos. Esta expressão porem não é justa: a idea d'herança anda annexa á idea de casta. Lançae os olhos por todo o mundo; reparae em todos os paizes em que se produziu o regime das castas, na India, por exemplo, e no Egypto; em toda a parte achareis a casta essencialmente hereditaria, é a transmissão da mesma situação, e do mesmo poder de paes a filhos. Aonde não houver herança não ha casta, mas pode haver corporação; o espirito de corpo ou de classe tem seus inconvenientes, mas é differente do espirito de casta. A' Igreja christan não se pode applicar semelhante vocabulo. O celibato dos padres impediu que o clero christão podesse vir a ser uma casta.

Vós ja presentis as consequencias desta differença. Ao systema de casta anda inevitavelmente ligado o privilegio; isto deduz-se da propria definição de casta. Quando ficão hereditarias no seio das mesmas familias as mesmas funcções e os mesmos poderes, é claro que o privilegio lhe anda ligado, e que ninguem o pode adquirir independentemente da sua origem. E na verdade foi isto o que aconteceu; onde quer que o govenno religioso cahiu nas mãos d'uma casta, ficou logo sendo materia de privilegios; e a ninguem tocou, que não fosse das familias pertencentes á raça. Na Igreja christan nada houve que com isto se parecesse: e não só foi isto, mas ate a Igreja sustentou constantemente o principio da igual *admissibilidade* de todos os homens, qualquer que fosse a sua origem, para todos os cargos e para todas as dignidades. A carreira ecclesiastica, principalmente do 5º seculo até ao 12º estava patente a todo o mundo. A Igreja a todas as classes ia buscar recrutas, tanto ás inferiores como ás superiores, porem a aquellas com mais frequencia. Quanto a cercava, cahia no regime do privilegio; e so ella mantinha o principio da igualdade e da concorrencia; so ella é que chamava á posse do poder todas as superioridades legitimas. Era esta a primeira grande consequencia que se deduziu naturalmeute de ser uma corporação, e não uma casta.

Est'outra é a segunda consequencia; ha um espirito inherente ás castas, que é o espirito d'immobilidade. Esta asserção não carece de prova. Abri todas as historias, e vereis como o espirito d'immobilidade penetra todas as sociedades politicas ou religiosas, em que domina o regime das castas. O temor do progresso introduziu-se em certa epocha, até certo tempo na Igreja christan. Não se pode dizer que esse reccio prevaleceu sempre; não se pode dizer que a Igreja christan ficou immovel e estacionaria; por longos seculos esteve ella em movimento e progresso, ora provocada pelos ataques d'uma opposição exterior, ora determinada em seu gremio pelas necessidades de reforma, e de desenvolvimento interno. Em todo o caso é uma

sociedade que constantemente mudou, caminhou, e que tem uma historia variada e progressiva. E' certo que a igual admissão de todos os homens a todos os cargos ecclesiasticos, que o continuado recrutamento da Igreja por um principio d'igualdade, concorrêrão grandemente para entreter e reanimar o movimento e a vida, e para prevenir o triunfo do espirito d'immobilidade.

Admittindo a Igreja todos os homens ao poder, como sabia ella que elles tinhão direito a esta admissão? Como é que se descobrião e ião tirar ao seio da sociedade as superioridades legitimas, que devião tomar parte no governo?

Dous principios havia em vigor na Igreja: 1.° a eleição do inferior pelo superior, a escolha, e a nomeação; 2.° a eleição do superior pelos subordinados, ou eleição propriamente dita, como hoje se entende.

A *ordenação* dos padres, ou a faculdade de fazer um homem padre, pertencia exclusivamente ao superior. Igualmente na collação de certos beneficios ecclesiasticos, entre outros dos annexos a concessões feudaes, era o superior, rei, papa, ou senhor quem nomeava o beneficiado. Em outros cazos vigorava o principio da eleição propriamente dita. Os bispos fôrão por muito tempo, e erão ainda na epocha de que estamos tratando eleitos pelo corpo do clero, intervindo muitas vezes os fieis nesta eleições. No interior dos mosteiros era o abbade eleito pelos frades. Os papas em Roma erão eleitos pelo collegio dos cardeaes; e em tempos mui remotos todo o clero romano tomava parte nesta eleição. Aqui tendes por tanto os dous principios em practica, a escolha do inferior pelo superior, e a eleição do superior pelos subordinados legitimos e com exercicio na Igreja, particularmente na epocha que nos occupa: por um ou por outro destes meios é que ella designava os homens chamados ao exercicio d'uma porção do poder ecclesiastico.

Estes dous principios não so existião, más como erão essencialmente differentes estavão sempre em luta. Depois de muitos seculos, depois de muitas vicissitudes, o que prevaleceu na Igreja foi a designa-

ção do inferior pelo superior. Mas geralmente do 5° seculo até ao 12° prevalecia ainda outro principio da escolha do superior pelos subordinados. E não vos admireis, Senhores, da coexistencia destes dous principios tão diversos; olhae para a sociedade em geral, para a marcha natural do mundo, e para o modo de transmissão de poder, e vereis que esta transmissão se faz, ora d'um, ora d'outro destes dous modos. Não foi a Igreja quem os inventou; achou-os ja no governo providencial das couzas humanas, e dahi é que os appropriou. Ambos encerrão verdade, e utilidade. Sua combinação seria pela maior parte o meio mais proficuo para descobrir o poder legitimo. Foi, no meu modo de pensar, uma grande calamidade que só um dos dous — a escolha do inferior pelo superior —, prevalecesse na Igreja; entretanto, o segundo nunca se extinguiu de todo; e com diversos nomes, e mais ou menos voga, se tem reproduzido em todas as epochas, ao menos o bastante para protestar, e para impedir a proscripção.

A Igreja christan, Senhores, na epocha a que nos referimos, tirava uma força immensa do seu respeito pela igualdade, e pelas superioridades legitimas. Ella era a sociedade mais popular, mais accessivel, e a mais patente a todos os talentos, e a todas as nobres ambições da natureza humana. Dahi principalmente é que vem o seu poder, ainda mais do que de suas riquezas, e dos meios illegitimos que ella por muitas vezes tem empregado.

Pelo que toca á segunda condição d'um bom governo — o respeito á liberdade — essa faltava quasi completamente no governo da Igreja. Dous máos principios se encontravão nelle: um manifesto, e incorporado, para assim dizer nas doutrinas da Igreja: o outro introduzido em seu seio pela fraqueza humana, e não por consequencia legitima das doutrinas,

O primeiro era a denegação dos direitos da razão individual, a pretenção de transmittir as crenças das jerarchias superiores em toda a sociedade religiosa, sem que ninguem tivesse direito de as discutir. Bem-se vê

que é mais facil estabelecer esta pretenção como um principio, do que fazel'-a realmente prevalecer. Jámais entra uma convicção no entendimento humano, sem que a intelligencia lhe abra a porta: é mister que ella se faça acceitar. De qualquer modo que ella se apresente, seja qual for o nome que ella invoque, a razão considera-a, e se nella se chega a insinuar, é porque a acceita. Assim, a razão de cada individuo exerce sempre uma acção sobre as ideas que lhe querem impor. E' bem verdade que a razão pode ser alterada; pode até certo ponto annullar-se e mutilar-se; pode-se induzil'-a a fazer máo uso das suas faculdades, ou a não fazer todo o uso que ella deve fazer. Tal foi com effeito a consequencia do máo principio admittido pela Igreja; mas quanto á acção pura e completa deste principio, ella nunca teve lugar, nem o podia ter.

O segundo máo principio é o direito de coacção que a Igreja se arrogava, direito contrario á natureza da sociedade religiosa, á origem da propria Igreja, e ás suas maximas primitivas, direito contestado por muitos dos mais illustres Padres, como Santo Ambrozio, Santo Hilario, e S. Martinho, mas que assim mesmo prevalecia, e se tornava facto dominante. A pretenção de *obrigar a crer*, se é que estas duas expressões podem estar juntas, ou de punir materialmente a crença, a perseguição da herezia, isto é, o desprezo da liberdade legitima do pensamento humano, tal é o erro, que ja muito antes do 5.º seculo se tinha introduzido na Igreja, e que mais caro lhe tem custado.

Se pois considerarmos a Igreja em suas relações com a liberdade de seus membros, ver-se-ha que seus principios a este respeito erão menos legitimos, e menos salutares, que os que presidião á formação do poder ecclesiastico. Não se deve com tudo acreditar que um máo principio vicie radicalmente uma instituição, nem mesmo que lhe faça todo o mal que em si tem. Nada falsifica mais a historia do que a logica: quando o espirito humano se fixa n'uma idea, tira della todas as possiveis consequencias; faz-

lhe produzir o que com effeito ella pode produzir ; e depois representa-a na historia com todo este apparato. Mas não é assim; os successos não são tão rapidos como o espirito humano em suas deducções. Em todas as couzas ha um mixto de bem e de mal, tão profundo, e tão invencivel, que para qualquer parte que se va, quer se desça aos ultimos elementos da sociedade, ou da alma, sempre se encontrão estas duas ordens de factos coexistentes, medrando ao lado uma da outra, lutando entre si, mas sem se exterminarem. A natureza humana nunca chega aos ultimos limites, nem do bem nem do mal; ella passa incessantemente d'um para outro, endireitando-se no momento em que parece mais proxima a cahir, e fraqueando ao tempo que mais vigorosa e mais firme se ostenta. Ainda nisto encontramos o caracter de discordancia, de variedade e de luta, que eu fiz notar como caracter fundamental da civilisação europea. Ha alem disso um facto geral que caracterisa o governo da Igreja, e que é preciso mencionar. Hoje, Senhores, quando se nos apresenta a idea d'um governo, seja elle qual for, ja sabemos que nenhuma outra pretenção mais tem, do que governar as acções exteriores do homem, e as relações civis dos homens entre si: os governos fazem profissão de não cuidar de mais nada. Pelo que toca ao pensamento humano, á consciencia humana, á moralidade propriamente dita, em quanto ás opiniões individuaes, e aos costumes privados, disso não curão os governos; porque isso entra no dominio da liberdade.

A Igreja christan, Senhores, fazia, ou queria fazer inteiramente e contrario disto: o que ella pretendia governar era o pensamento humano, a liberdade humana, os costumes privados, e as opiniões individuaes. Ella não fazia um codigo como os nossos, para nelle so definir as acções que ao mesmo tempo são moralmente culpaveis, e socialmente perigozas, não punindo senão as que tivessem estes dous distinctivos: ella formava um catalogo de todas as acções moralmente culpaveis, e com o nome de peccados

castigava-as a todas, e fazia tenção de as reprimir tambem a todas; em uma palavra, o governo da Igreja, não se dirigia, á semelhança dos governos modernos, ao homem exterior, e ás relações puramente civis dos homens entre si; dirigia-se ao homem interior, ao pensamento, e á consciencia, isto é, ao que ha de mais intimo, de mais livre, e de mais difficil constrangimento. A Igreja pois, pela propria natureza da sua empreza, combinada com a d'alguns dos principios sobre que se fundava o seu governo, estava sempre disposta a exercer a tirannia, e a fazer uso não legitimo da força. Mas ao mesmo tempo a força encontrava uma resistencia que não podia vencer. A intelligencia e liberdade humana, por pouco espaço e movimento que se lhes deixe, reagem logo energicamente contra qualquer tentativa dirigida a sujeital'-as, e obrigão o proprio despotismo, que ellas soffrem, a abdicar a todos os momentos. E' o que succedia no gremio da Igreja christan. Vós ja visteis a proscripção da herezia, a condemnação do direito d'exame, o desprezo da razão iindividual, o principio da transmissão imperativa das doutrinas por via da autoridade. Agora achae, se poderdes, uma sociedade em que a razão individual se tenha desenvolvido com mais ousadia do que na Igreja! Que é o que são as seitas, e as herezias, senão o fructo das opiniões individuaes. As seitas, Senhores, as herezias, e todo esse partido da opposição na Igreja christan são a prova inconstestavel da vida, e da actividade moral que ahi reinava; vida tempestuosa, cheia d'amarguras, semeada de perigos, d'erros e de crimes, mas com tudo nobre e forte, e que deu occasião aos mais bellos desenvolvimentos da intelligencia e da vontade. Agora sahi da opposição, e entrae no proprio governo ecclesiastico; achal'-o-heis constituido, obrando d'um modo muito differente do que parecem indicar alguns de seus principios. Elle nega o direito d'exame, quer tirar á razão individual a sua liberdade; e no meio de tudo isto é para a razão que incessantemente appella; e é de facto a liberdade que nelle domina. Quaes são suas

instituições e seu meio d'acção? os concilios provinciaes, os nacionaes, os geraes, uma continuada correspondencia, a não interrompida publicação de cartas, d'admoestações, e d'escriptos de varios generos. Em tempo nenhum caminhou o governo para este ponto por via da discussão, e de commum deliberação. Vós julgareis estar no meio das escolas de philosophia grega, e com tudo, não é d'uma pura discussão, ou da pura indagação da verdade de que se está tratando: trata-se sim ácerca d'autoridade, de medidas que se devem tomar, de decretos que se hão-de publicar, finalmente d'um governo. Mas é tal no seio deste governo a energia da vida intellectual, que ella fica sendo o facto dominante, e universal, ao qual cedem os outros todos, e o que de todas as partes se vê, é exercicio da razão e da liberdade.

Apezar do que deixo dito, Senhores, nem por isso concluo, que os máos principios que eu tratei de distinguir, e que, segundo eu penso, existião no systema da Igreja, ficassem sem effeito. Na epocha a que nos referimos ja davão bem acerbos fructos; e mais acerbos os derão ainda nos tempos que se seguírão; não fizerão comtudo todo o mal que podião; nem suffocárão o bem que crescia no mesmo chão.

Tal era, Senhores, a Igreja considerada em si mesma, no seu interior, na sua natureza. Agora irei fallar das suas relações com os chefes do poder temporal: — segundo aspecto porque eu prometti de a considerar.

Quando cahiu o Imperio, Senhores, quando, em em vez do antigo regime romano, desse governo no meio do qual tinha nascido a Igreja, com o qual ella tinha medrado, e com quem tinha habitos communs, antigas ligações, ella se viu cara a cara com esses reis barbaros, com os chefes barbaros, ou vagabundos, ou fixos em seus castellos, e aos quaes ainda nada a prendia — nem tradições, nem crenças, nem sentimentos, — seu perigo então foi grande, assim como o seu terror.

Uma unica idea ficou perdominando na Igreja, e foi a de tomar posse destes recem-chegados, e con-

vertel'-os. Nesses primeiros tempos não tiverão outro fito as relações da Igreja com os Barbaros.

Para fazer alguma impressão sobre os Barbaros, era principalmente necessario fallar-lhes á imaginação, e aos sentidos. E por isso vemos nessa epocha augmentar muito o numero, a pompa, e a variedade das ceremonias do culto. As chronicas mostrão que era principalmente por este meio que a Igreja influia sobre os Barbaros: ella convertia-os com lindos espectaculos.

Depois de elles estarem estabelecidos e convertidos, quando ja havia algum nexo entre elles e a Igreja, esta por cauza delles correu grandes riscos. A brutalidade e a irreflexão dos costumes dos Barbaros erão taes, que as novas crenças, e os novos sentimentos que se lhes tinhão inspirado, exercião sobre elles muito imperio. Não tardou a ficar de cima a violencia; e a Igreja, da mesma sorte que o resto de sociedade, era sua victima. Para se livrar do jugo estabeleceu ella um principio, ja em voga no tempo do Imperio, posto que mais vagamente, e era — a separação do poder temporal e do poder espiritual, e a sua mutua independencia. Com o soccorro deste principio é que a Igreja viveu livre a par dos Barbaros; ella sustentou que a força não tinha acção alguma sobre o systema das crenças, das esperanças, das promessas religiosas, e que o mundo espiritual, e o mundo temporal erão completamente distinctos.

Vós ja ides ver que saudaveis consequencias se derivárão deste principio. Independente da utilidade temporaria que prestou á Igreja, teve tambem o inestimavel effeito de fundar em direito a separação dos poderes, e de os corrigir um pelo outro. Alem disto a Igreja sustentando a independencia em geral do mundo intellectual, preparou ao mesmo tempo a independencia do mundo intellectual individual, ou a independia do pensamento. A Igreja dizia que o systema das crenças religiosas não podia estar sujeito á força; cada individuo teve necessidade de adoptar como sua a linguagem da Igreja. O principio de livre exame, ou

da liberdade do pensamento individual, é exactamente o mesmo que o da independencia da authoridade espiritual geral, relativamente ao poder temporal.

Infelismente é facil a passagem da necessidade de liberdade para a vontade de dominação. E é o que aconteceu no seio da Igreja. Com o desenvolvimento natural da ambição, e do orgulho humano, ella tentou estabelecer não so a independencia, mas tambem a dominação do poder espiritual sobre o poder temporal. Não se deve comtudo suppor que esta pretenção não tinha outra origem alem das fraquezas da humanidade; houve outras mais prefundas, que importa conhecer.

Quando a liberdade reina no mundo intellectual, quando a razão, e a consciencia humana não estão sujeitas a um poder que lhes contesta o direito de discutir e decidir, e que emprega força contra ellas, quando não ha governo espiritual visivel, constituido, que reclame e exerça o direito de dictar as opiniões; então a idea de dominação da ordem espiritual sobre a ordem temporal mal pode nascer. Tal é pouco mais ou menos hoje o estado do mundo. Mas quando existe como extistia no decimo seculo, um governo da ordem espiritual; quando a intelligencia e a consciencia estão sujeitas a leis, a instituições, e a poderes que se arrogão o direito de as dominar e constranger; n'uma palavra, quando o poder espiritual está constituido, quando elle em nome do direito e da força, tomou effectivamente posse da razão e da consciencia humana, é natural que elle seja instigado a pretender o dominio sobre a ordem temporal, e que diga: ‘ Pois como! ... ter eu direito, e acção sobre o que ha de mais sublime e mais independente no homem, sobre o seu pensamento, sobre a sua vontade intima, sobre a consciencia, e não hei-de ter tambem direito sobre seus interesses externos, materiaes, e passageiros! ... Pois eu sou interpretre da justiça e da verdade, e não hei-de poder regular os negocios mundanos conforme a justiça e a verdade! ... „ Só em virtude deste arrasoamento devia acontecer que a ordem

espiritual tentasse invadir a ordem temporal. E isto devia mais principalmente acontecer, por quanto a ordem espiritual comprehendia então todos os desenvolvimentos possiveis do pensamento humano; não havia mais que uma sciencia, a theologia, uma so ordem espiritual, a ordem theologica; todas as outras sciencias, a rethorica, a arithmetica, a mesma musica, tudo fazia parte da theologia.

Achando-se deste modo o poder espiritual á frente de toda a actividade do pensamento humano, devia necessariamente arrogar-se o governo geral do muudo.

Uma segunda causa contribuia ainda para este fim: o estado miseravel da ordem temporal, a violencia, e a iniquidade que presidião nos governos temporaes das sociedades.

De seculos a esta parte falla-se livremente dos direitos do poder temporal; mas na epocha de que estamos tratando, o poder temporal era a pura força, era uma depredação insupportavel. A Igreja, com quanto imperfeitas fossem ainda as suas noções sobre moral e justiça, era assim mesmo muito superior a aquelles governos temporaes, o clamor dos povos pedia-lhe incessantemente que os fosse substituir. Quando um papa, ou os bispos proclamavão que um soberano tinha perdido os seus direitos, e que seus subditos ficavão desligados do juramento de fidelidade, esta intervenção, na verdade sujeita a graves abuzos, era muitas vezes em alguns cazos particulares, legitima e salutar. Em geral, Senhores, quando faltou aos homens a liberdade, foi a religião quem se encarregou de a substituir. Os povos no decimo seculo não estavão em estado de se defenderem, nem de fazerem valer seus direitos contra a violencia civil; a religião por tanto era para os povos um auxilio e intervenção celeste. Esta foi uma das causas que mais contribuírão para as victorias do principio theocratico.

Ha ainda, no meu modo de pensar, uma terceira causa, a que se não tem dado a devida importancia: é a situação complexa dos chefes da Igreja, e a variedade dos aspectos com que elles apparecião na

sociedade. Por um lado elles erão prelados, membros da ordem ecclesiastica, porção do poder espiritual, e por este titulo, independentes; por outro lado, erão vassallos, e como taes, sujeitos ás obrigações do feudalismo civil. Mas ainda isto não é tudo; alem de vassallos, tambem erão subditos; um quer que seja das antigas relações dos imperadores romanos com os bispos, e com o clero, passou para as relações entre o clero e os soberanos Barbaros. Por uma serie de causas que seria mui longo e fastidioso desenvolver, forão os bispos levados a reputar ate certo ponto os soberanos Barbaros, como se fossem successores dos imperadores romanos, e a attribuir-lhes todos os direitos que aquelles tinhão. Por tanto os chefes do clero distinguião-se por tres caracteres; um ecclesiastico, e como tal independente; outro feudal, e como tal obrigado ao cumprimento de certos deveres, e á satisfação de certos encargos; e ultimamente o de simples subdito, e como tal obrigado a obedecer a um soberano absoluto. O que daqui resultava, era; que os soberanos temporaes, que não erão menos avarentos, nem menos ambiciosos do que os bispos, pela maior parte se valião de seus direitos, como senhores, ou como soberanos, para attentarem contra a independencia espiritual, e para se apoderarem da apresentação dos beneficios, da nomeação dos bispados &c. Os bispos pela sua parte tambem frequentes vezes se intrincheiravão no reducto da independencia espiritual, para se substrahirem ás suas obrigações como vassallos, e como subditos: de forma que das duas bandas havia uma quasi inevitavel tendencia que movia os soberanos para destruirem a independencia espiritual, e os chefes da Igreja para fazerem da independencia espiritual um meio de dominação universal.

Este resultado mostra-se claramente nos factos que ninguem ignora; na questão das investiduras; na luta do sacerdocio e do imperio. As diversas situações dos chefes da Igreja, e a difficuldade de os conciliar forão a verdadeira origem da incerteza, e do combate de todas estas pretenções.

A Igreja finalmente tinha com os soberanos uma terceira relação, que para ella era a menos favoravel, e mais funesta. Aspirava á coação, ao direito de constranger, e de punir a herezia; ella porem não tinha meio algum de o fazer: não dispunha de força alguma material; depois de condemnar um herege, não podia fazer executar a sentença. E que fazia ella então? Invocava o que se chama *braço secular*: recorria á força do poder civil, como meio de coacção. Por este modo ella apparecia perante o poder civil n'uma situação de dependencia, e d'inferioridade. Deploravel necessidade a que a levou a adopção do máo principio da coacção e da perseguição.

Ficarei por aqui, Senhores; é já muito tarde para poder hoje acabar com a questão da Igreja. Ainda me resta dar-vos a conhecer as suas relações com os povos, sobre que principios erão ellas fundadas, e as consequencias que dellas podião resultar para a civilisação geral. Tratarei por ultimo de confirmar pela historia, pelos factos, e pelas vicissitudes do destino da Igreja desd'o quinto até ao duodecimo seculo, as inducções que aqui tiramos da propria natureza de suas nstituições e de seus principios.

Miscellanea.

UMA PREDICÇÃO DO DOUTOR GALL.

— Julgo que seguis a opinião geral, Doutor; sem duvida a princeza de C... parece-vos encantadora?

— Completa.

— E julgaes que terá capacidade para seguir uma intriga politica?

— O seu olhar denota grande finura, e a sua physionomia é bem expressiva; mas parece não ser dotatada de firmeza, nem de porserverança.

— E que pensaes deste brilhante conde de Pehf...? Apenas são passados quinze dias depois que chegou á côrte, e já tem captivado todas as nossas damas. Raro se encontrarão tantas graças e tanta nobreza reunidas a um profundo saber. O imperador intenta proporcionar-lhe um cazamento distincto e fixal-o na côrte. Eu lhe vaticino o mais brilhante futuro.

— Apenas o vi de passagem. Tem a seu favor todas as vantagens exteriores; mas ...

— Não procureis assim apressadamente fazer a applicação do vosso systema.

— O máo juizo funda-se sempre na observação; por ora não me foi possivel examinal-o com a attenção necessaria para me poder decidir; mas nem sempre um bello exterior é indicio de boas qualidades.

— Pois bem, eu o entrego ao vosso exame. Analisae as suas feições, apalpae as eminencias do seu craneo, e estou certo que ficareis convencido, como

eu, de que jamais se viu uma alma tão bella habitar corpo mais perfeito.

— Talvez ...

— Esta conversação tinha logar n'um magnifico baile dado em Vienna pelo principe de Metternich. Ahi se achava reunido tudo o que a corte d'Austria tinha de mais illustre e mais distincto, quer pela nobreza, quer pela fortuna; todos os embaixadores das potencias europeas, e todos os grandes empregados do estado, cobertos de ricas bordaduras, de gram-cruzes, e de crachás ricos de brilhantes; e um grande circulo de encantadoras Damas, bellas pela mocidade e pelas graças, resplandecentes pelas joias que as ornavão, e vestidas com a maior elegancia. Nesta multidão d'altas personagens se distinguia principalmente a bella P. de S... que nascêra princeza de C... com a qual Metternich esperava captar a benevolencia e o favôr particular do Imperador Alexandre, e mais estreitamente do joven conde de Pehf... o qual por sua alta nobreza, brilhante exterior, e qualidades amaveis tinha conseguido em poucos dias captivar toda a alta sociedade de Vianna. O conde havia deixado uma bella propriedade situada no interior da Bohemia, e apparecia pela primeira vez na côrte de Francisco, a quem vinha prestar homenagem como a seu soberano. Metternich havia já lançado sobre elle as suas vistas.

O primeiro dos interlocutores era um homem que parecia ter quarenta annos, cujo exterior, supposto um pouco efeminado, era com tudo sobre modo agradavel. Uma ampla testa, um nariz bem feito, grandes olhos azues, uma boca graciosa, sobre a qual o sorrizo apparecia á medida do dezejo, compunhão a sua physionomia. Sem recorrer aos recursos ordinarios era amavel e lhano nas suas maneiras. Senhor de si em todas as circunstancias, sabia tomar parte na dissipação e na loucura dos grandes, mas com a mira de tirar dahi partido.

O segundo ainda que mostrasse ter mais de cincoenta annos, tinha todo o vigôr e firmeza da mocidade. A sua fronte ja calva era elevada, e as suas feições pronunciadas e distinctas annunciavão o habito da meditação e da observação. Este era o celebre

Doutor Gall, o illustre physiologista; o outro o principe de Metternich, primeiro ministro do imperador d'Austria.

O principe se retirou, segundo costumava, do bulicio da festa, para a solidão do seu gabinete, a fim de ali se entregar alguns instantes aos seus trabalhos. Gall tendo ficado só, e excitado pelo interesse que Metternich mostrava, assim como toda a côrte para com o joven conde de Pehf... procurou observal-o com a sua attenção penetrante, e olhar incisivo, durante todo o resto do baile.

Como o conde de Pehf... acabava uma *hungara* que havia dançado com a encantadora condessa de Tchw..., durante a qual uma grande multidão havia concorrido em torno delle para admirar a sua graça, o seu ar esbelto, e a elegancia de suas maneiras, o principe que tinha entrado no sallão se achou situado por detraz do Doutor Gall, e batendo-lhe ligeiramente no hombro:

— Então, lhe diz, tivesteis já occasião de o examinar? Estaes agora convencido de que o conde é uma creatura perfeita?

Sem lhe responder, Gall conduziu o principe para fora do circulo, e quando se achárão sós lhe diz: " A vossa creatura perfeita, principe, é um profundo malvado ".

— Por Santa Maria, Doutor, replicou o principe rindo-se, ou vós estaes zombando, ou o vosso systema mais do que nunca demonstra a sua falsidade.

— Vós não escutarieis os motivos em que se funda o meu juizo... mas esperemos. O tempo mostrará, qual de nós se engana.

Passados alguns annos um crime horrivel, inaudito, veio espantar toda a Alemanha. O culpado tendo comparecido perante o supremo tribunal de justiça foi condemnado a ser degradado de todos os seus titulos e dignidades, e depois a ser decapitado. A sentença foi executada.

O criminoso era o brilhante conde de Pehf....

Dous mezes depois do baile dado pelo principe de Metternich, no qual achámos o conde Pehf... este joven senhor tinha espozado a herdeira d'uma das

cazas mais ricas e mais illustres da alta Hungria. Joven e bella, apenas havia apparecido na côrte, e logo o imperador tinha disposto della por seu pleno consentimento, pois ella não tinha podido ver o conde sem sentir por elle o que quasi todas as mulheres experimentavão á sua vista. O conde logo depois do seu cazamento se havia retirado para uma remota propriedade, querendo, segundo dizia, gozar em socego da felicidade que experimentava no seu novo estado. Os tres primeiros annos deste cazamento forão felizes; e os filhos que delle brotárão tinhão augmentado o encanto. O conde porem vivia inteiramente isolado; não vizitava parentes nem amigos, e não recebia ninguem no interior do seu palacio. Sua espoza, sem que tivesse motivo de se queixar delle, o achava frio, reservado e severo; muitas vezes um véo sombrio escurecia a sua fronte. Supposto nunca tivesse maltratado nenhum dos seus vassallos, comtudo elles procuravão evital-o, e tremião só ao encaral-o. O seu unico prazer era a caça; em todas as estações do anno se entregava a este exercicio com um ardor infatigavel. Procurava d'ordinario os animaes selvagens, e principalmente aquelles em cuja perseguição se apresentavão maiores perigos. Não gostava que o animal ficasse logo morto; pois se comprazia em o entregar ao furor dos seus cães, para poder calcular a duração da sua agonia. Quando a lucta era demasiado longa, um sorriso particular apparecia na sua physionomia, que o dispunha a tornar-se benevolo para com aquelles que o acompanhavão. Se durante o dia se lhe não tinha proporcionado um destes espectaculos, fazia começar na sua presença um combate entre os seus cães, que nunca deixava interromper até que um delles tivesse succumbido. Se acontecia que alguns delles quizessem fugir da arena, matava os barbaramente ali logo. Com tudo estas extravagancias não parecião mais estranhas do que outras muitas practicadas por varios nobres Hungaros, que vivião nas suas terras sempre distantes da côrte. Apesar disto o conde era liberal, e mesmo magnifico para com todos aquelles que o cercavão.

Havião dous ou trez mezes que tinha fixado um cirurgião ao seu serviço, a fim de que para o futuro

nenhum ente estranho ao castello pudesse lá penetrar. Este cirurgião era largamente recompensado, e não tinha outra obrigação mais do que velar pela saude dos habitantes do castello; mas o conde lhe tinha recommendado que communicasse o menos que lhe fosse possivel, com pessoas que lhe não pertencessem, e sobre tudo que observasse uma discrição absoluta sobre todos os factos, por minimos que fossem, que se passassem no seu interior.

Uma noute entrou o conde no castello depois de ter sido mal succedido em uma caçada; tinha a physionomia mais sombria do que d'ordinario, e mostrava muito mau humor. Subiu em direitura ao quarto de sua espoza sem mudar de vestido, nem tomar algum alimento como costumava. A condeça tinha junto a si os seus filhinhos que formavão o seu unico prazer e a sua consolação. O seu primeiro movimento foi levantar-se e enlaçar o conde com seus braços; o conde porem a repelle docemente, e sem lançar um terno olhar sobre seus filhos, ordena que deixem immediatamente o quarto de sua mãe.

Apenas se achou só com sua espoza, convidou-a a sentar-se, occupando elle uma cadeira defronte della de forma que podesse contemplal-a e estudar as suas menores sensações. Tirou da cinta um longo punhal d'um riquissimo punho, e cuja folha era triangular e muito bem afiada. Parecia divertir-se em experimentar a ponta, firmando-a brandamente ora na seu dedo, ora na palma da mão. A condeça, aterrada com este novo estado, e com a singular preoccupação de seu marido, baixava os olhos e esperava com extrema anciedade o resultado desta scena estranha.

— Senhora, é preciso morrer.

— Que quereis dizer? exclamou a condeça espantada com estas palavras, e com o accento tenebroso com que erão pronunciadas.

— Eu vo-lo repito, senhora, morrereis... e sem proferir um só gemido, uma só queixa.

— Tomando a depois pelo braço deu-lhe em um dos lados uma pequena punhalada. A condeça cahiu desmaiada sem dar um grito. Quando tornou a si achou-se no seu leito com um apparelho applicado á fe-

rida. O conde se achava só no seu quarto, junto ao seu leito com um olhar fixo e os labios animados d'um ligeiro sorriso; parecia comprazer-se em examinar nas feições da sua victima as diversas impressões que lhe causavão o terror e o soffrimento.

Já mudei de parecer, senhora; lhe diz elle, apenas descubriu que ella tinha tornado a si do seu desmaio; vós vivireis; mas a vossa vida dependerá da vossa discrição. A' menor revelação do que se tem passado, ou do que d'hoje em diante se houver de passar entre nós, eu saberei segurar-me para sempre do vosso silencio.

O conde continuava no seu costumado viver. Todos os dias, apenas voltava da caça subia ao quarto de sua espoza, e ali examinava cuidadosamente sem proferir uma palavra a ferida que havia feito. Uma tarde que ella começava a cicatrizar-se, começou elle por fazer decorrer a ponta do seu punhal por todo o corpo da condeça, sem duvida para experimentar as suas angustias, e depois de lhe ter ordenado que reprimisse a dôr, e se abstivesse de queixas, a feriu novamente com um golpe engenhosamente applicado. Depois de aberta a ferida exultou vendo correr o sangue por espaço d'alguns minutos; e logo a ligou como a primeira vez sem algum abalo notavel.

Apenas esta nova ferida estava cicatrizada fez-lhe novamente outra, e assim successivamente de oito em oito dias sempre com o mesmo socego, e com a mesma inexplicavel crueldade. Ninguem no palacio suspeitava a verdadeira causa do progressivo enfraquecimento da condeça, quasi sempre retirada no seu quarto de dormir.

Entretanto nada podia calmar a monomania sanguinaria de Pehf... O bello corpo da encantadora condeça não formava mais do que uma só chaga horrivel, tanto havia sido lacerado pelo agudo punhal. Ainda que estas feridas fossem ligeiras, feitas com a mais refinada e infernal crueldade, para que não pudessem causar a morte, erão comtudo tão multiplicadas que occasionárão na condeça uma febre violenta, que ameaçando a sua vida ião privar o algoz de suas horriveis recreações. O conde reflectiu, e se resolveu a chamar

o seu cirurgião, depois de ter ameaçado de novo sua espoza com toda a sua colera se confiasse o seu infernal segredo, atemorisando o cirurgião com as mais terriveis ameaças se procurasse conhecer a causa da doença. Este cirurgião, assim como toda a familia do castello pensava que a condeça estava atacada d'uma molestia de consumpção, originada pelo modo de vida austero, triste e misterioso que era obrigada a seguir. O facultativo como practico habil não tardou a conhecer que o estado da condeça procedia d'uma causa mais extrordinaria; e ajudado da sua prudencia e sangue frio em breve lhe soube arrancar o seu horrivel segredo.

Sem deixar o castello teve occasião d'informar a auctoridade do que ali se passava. Uma noite quando o conde chegava da caça, achou o pateo do seu palacio occupado por um destacamento de cavallaria. Foi prezo e conduzido a Bude, e em breve processado, condemnado, e decapitado.

Variedades.

GALERIA DE RETRATOS COMICOS.

Nec te quæsiveris extra.

PERSIO, SAT. 1.ª

4.º

O EGOISTA.

O egoismo é o vicio predominante das sociedades modernas. Quantas e quantas vezes deparamos com elle em todo o luxo de sua torpeza; e porque as leis o não classificárão crime, passamos sem fazer reparo! Erro e demencia nossa; pois que delle nascem maiores prejuizos á humanidade, do que de muitos delictos, que se punem com severidade. Notemos esta contradicção, para a incluirmos na resenha em que de ha muito trabalhamos, resenha que deve ter por titulo, *historia dos desvarios da nossa especie;* e por epigraphe, *O curvæ in terras animæ, et celestium inanes!*

Na verdade, custa a conceber o rigor que se desenvolve contra um miseravel, que para illudir a fome de sua triste familia, de uma fraca mulher enferma, de um bando de innocentes filhinhos ... lança mão de algum vintem alheio, unico recurso que o póde salvar da morte!.. Ladrão, se vocifera de toda a parte ... e de envôlta com essas vociferações, la vae o desprezo e a execração geral! E não satisfeitos ainda, ahi o enterrão n'um calabouço infecto, até que o juiz que o julga, lhe impõe uma pena a seu arbitrio.

Mas o egoista vive livre, respeitado, querido ... porque suas acções não vão de encontro á ordenação

do Liv. 5.º Embora a dureza de seu coração seja uma rocha contra que se quebrem milhares de existencias ... embora a especialidade de seu modo de viver offenda e preverta a moral publica ! . . A lei o protege ; e elle marcha incolume no meio de suas victimas.

Não podemos resistir á tentação de dar a nossos leitores a seguinte fabula de Mr. Arnault. N'um tão pequeno quadro ninguem teria posses para mais vasto esboço.

Sans amis, comme sans famille,
Ici bas vivre en étranger;
Se retirer dans sa coquille
Au signal du moindre danger;
S'aimer d'une amitié sans bornes;
De soi seul emplir sa maison;
En sortir, suivant la saison,
Pour faire à son prochain les cornes;
Signaler ses pas destructeurs
Par les traces les plus impures;
Outrager les plus tendres fleurs
Par ses baisers, ou ses morsures;
Enfin, chez soi, comme en prison,
Vieillir de jour en jour plus triste;
C'est l'histoire de l'Egoiste,
Et celle du colimaçon.

Nestas circunstancias se acha perfeitamente o Snr. Pancracio Varella, que sem se lhe fazer injustiça, tem muitos visos com o caracol de que falla Mr. Arnault; e para o compararmos com alguma couza mais volumosa, dá ares de uma penedia calva e alcantilada, em que nunca houve vegetação nem vida. Ninguem melhor do que elle sabe declinar o pronome — *ego*, *mei*, *mihi*: e é couza que o sorprehende muito, não se poder encher uma grammatica com suas terminações infinitas. Com este monosyllabo, não só, segundo sua convicção, se podem fazer sublimes combinações, mas ainda compor uma epopêa.

Tudo vae ás mil maravilhas com tanto que o não incommodem. Males ou gozos apenas conhece os que lhe tocão de perto; e não o affligíra um diluvio se

Deus o escolhesse para Noé nessa catastrophe, e lhe désse na arca boa cama, boa meza ... e outras commodidades de que não prescinde.

Que excellente instituição a do Jury! . . dizia elle um dia destes, em que lhe derão provado um facto de que era autor: mas quando sahiu sorteado, mandou chamar o seu medico, que lhe attestou uma surdez que nunca teve, e certas debilidades, que começárão a atacál-o naquella occasião. Depois, elegêrão-no para Juiz de Paz, e como lhe não aceitassem as escusas, mudou immediatamente de domicilio.

Quando passeia pelas ruas da cidade, é um gosto ouvil'-o discorrer. Se vae a pé, parece-lhe impossivel como a policia tolera que andem seges e cavallos ... com incommodo dos pedestres, que são sempre em maior numero. Porem, se vae de sege ou a cavallo, queixa-se sem cessar do rigor das leis, a que chama draconicas neste ponto, que não consentem que se atropelle tudo quanto se encontra.

Sempre que se trata de algum negocio, usa elle das seguintes reflexões: "Que vantagem me resultará d'ahi? . . que arranjo me póde isto fazer? . . que aproveito eu com esta medida? . . " Mas como, nem assassina, nem rouba ... goza o nosso Varella da reputação de um homem de bem. E quem sabe o que faria, se o assasinio e o roubo não trouxessem comsigo algum incommodo! . .

O seguinte facto, póde melhor do que quaesquer ponderações, caracterisar a sua indole. Ha tempos, que um de seus amigos mais intimos o preveniu de que muito carecia delle ao outro dia. Tratava-se de um depoimento em juizo, de que dependia toda a fortuna do dito amigo.

— A que horas será isso? — perguntou o egoista.

— A's nove em ponto, — respondeu o outro.

O Snr. Pancracio fez uma careta, que parecia de endemoninhado.

— E não se poderá passar sem mim?

— E' absolutamente impossivel.

— Com que, ás nove da noute . . heim?

— Onde visteis que os tribunaes se reunissem de noute! . . .

— Diabo! Mas o tal negocio é de pouco mais ou menos? — Deixae-o perder; que vos importão bagatellas?..
— Se o perco fico a morrer de fome, e toda a minha familia.
— Oh! se estivesse na minha mão ... havieis de ganhál-o por força.
— Na vossa mão está; pois o descobrimento da verdade depende unicamente de vosso depoimento.

O egoista, fez outra careta do mesmo genero que a primeira; e depois, encolheu os hombros.
— Pois bem, contae com a minha amizade ... farei o que poder.
— Adeus! até amanhãa ás nove horas em ponto.
— Ficae descançado. — Levantar-me ás nove horas em ponto!.. murmurou o Sr. Pancracio depois que o amigo se foi embora, isso é bom de dizer; mas quem passa incommodado sou eu todo o resto do dia ... Tomára saber se me vêem andar a chamar gente para que va depôr nas minhas causas!.. Maldito systema é este de provar um facto com testemunhas: documentos, — documentos, que não obrigão a ninguem a alterar os seus habitos. Diz que perde quanto possue!.. e que me póde reslutar d'ahi? Pedir-me algum dinheiro emprestado, e eu jurar-lhe que o não tenho.

Erão oito horas e meia quando o pobre amigo da demanda chegou a caza do Sr. Varella. Ainda estava na cama! Começou de apreçal-o, pedindo-lhe pelo amor de Deus que se aviasse. Então, esfregando os olhos, e bocejando, principiou a vestir-se. Mas depois de vestido, faz mister que almoce: o medico lhe prohibe sahir de caza em jejum por causa das enxaquecas. Almoça pois ... e nove horas ja la vão ha muito. Acabado o almoço, e nosso homem vae partir: porem, o frio e humidade são excessivos. E' necessario calçar as gallochas, procurar as luvas de pello, metter algudão nos ouvidos ... e tudo isto leva seu tempo. Em fim, ei-lo ahi vae! Chega: mas ja derão onze, a audiencia está terminada; e a ruina do seu amigo ja não tem remedio.
— Valia bem a pena de me fazer levantar tam cedo, diz elle muito enfadado. Peço-vos que não me torneis a mortificar com ninharias deste genero.

NOTICIAS SCIENTIFICAS.

Publicações Litterarias — A Sociedade Sericola formada em 1837 com o fim de melhorar e propagar a industria da seda na França, vae cada dia tomando novo incremento. O Presidente da Sociedade é o Visconde Héricart de Thury; Vice Presidentes, os Snrs. Camillo Beauvais e Aubert; e Secretario o Snr. Frederico de Boullenois, discipulo do Snr. Beauvais.

As sessões celebradas em Paris na rua Taranne, são sempre muito numerosas. A Sociedade Sericola consta já de grande numero de membros, tanto no meio-dia da França, como no centro, entre os quaes se notão muitos sabios distinctos, como os Snrs. D'arcet, Andoin, Stanislas Julien, Loiseleur des Lonchamps. E de mais a mais está em correspondencia com a maior parte das Sociedades d'Agricultura daquelle reino.

Publicou-se ja o primeiro numero dos seus Annaes, pertencente ao anno de 1837, no qual se encontra boa copia de preciosos documentos ácerca da industria da seda. Vê-se nelle em resumo tudo quanto ha annos se tem tentado para dar novo impulso, e vigoroso, a esta bella e rica industria, e para livrar o paiz do tributo de mais de vinte milhões que paga todos os annos com a compra da seda a estrangeiros. Em todas as paginas se vê repetido o nome do Snr. Camillo Beauvais; nem d'outra sorte podia ser, por que a elle é que se deve não só a naturalisação da industria Sericola no centro da França, mas juntamente os mais importantes melhoramentos na arte de cultivar as amoreiras, e de criar os bichos da seda *(annaes pag. 49 a 52)*

O nome do Snr. D'arcet devia tambem ter um lugar importante no 1.º numero dos Annaes, e os serviços por elle feitos á iudustria da seda são immensos: o seu apparelho de *Magnanerie* (a) salubre é um dos meios mais infalliveis de fazer certa uma boa educação

(a) Apozento para a criação dos bichos da seda.

dos bichos de seda. Este apparelho, tão simples quanto engenhozo, deve ser recommendado aos educadores para que estudem o seu mechanismo, e o appliquem ás cazas de criação. Por via delle ver-se-hão livres dos *furacões*, das tempestades, e de todas as variações da atmosfera; ser-lhes-ha facil obter uma boa ventilação, renovação d'ar não interrompida, e constante igualdade de temperatura e de hygrometria: sobre este objecto reproduzem os Annaes interessantissimas observações feitas pelo Snr. D'arcet.

O governo francez pela sua parte fez quanto poude para animar e promover a industria da seda. Nos Annaes achão-se os promenores de tudo o que os diversos ministros do Commercio fizerão com estas vistas desde alguns annos.

A cultura da amoreira, baze da industria sericola devia ter um lugar reservado nas publicações da sociedade, por quanto primeiro que tudo era mister plantar, e plantar nas melhores condições possiveis. Tres artigos dos Snrs. Deshons, administrador do Concelho de Ganges, Aubert, e Camillo Beauvais apresentão sobre esta materia os mais importantes documentos, tanto no meio-dia como no centro da França. Com a leitura attenta destes artigos, e com o seu meditado estudo podem, os que quizerem fazer plantações d'amoreiras evitar calculos errados, e funestos, não so para os interesses particulares, como para a industria em geral. O Snr. Deshons examina qual seja a cultura da amoreira no meio-dia, e especialmente nas Cevennas. Nestes sitios não se enxerta a arvore pelo pé, por cauza d'um prejuizo injustamente arreigado contra este methodo, por quanto as arvores assim enxertadas offerecem grandes vantagens. Entre os varios generos d'enxertos, o Snr. Deshons prefere o enxerto de flauta, e aconselha o corte annual da amoreira, dizendo que se devem cortar mais ou menos ramos, segundo o terreno for mais ou menos fertil. Diz tambem que a amoreira requer frequentes amanhos, e estrumes, mas que indemnisa bem todos os cuidados que com ella se tem por via dos abundantes productos que dá. Por ultimo, terminou examinando as differentes especies d'amoreiras, e as molestias a que são sujeitas: as variedades

que elle dá como melhores são as quatro seguintes — a *Fourcada* (Trident), a *Rebalaira espessa* (Trainante epaisse), *Amousa grisa* (Mure grise), e *Fiora Rosa* (Feuille de rose).

Em quanto ás molestias das amoreiras elle descreve-as muito minuciosamente, e indica os meios de as prevenir, e de as curar.

O Snr Aubert indaga em primeiro lugar as causas que tem paralysado os effeitos dos incentivos dados successivamente desde Henrique IV ate hoje á cultura da amoreira nas provincias centraes da França. Em differentes epochas tem sido renovada esta cultura, produzindo sempre estereis resultados. O Snr. Aubert attribue isto á ma direcção das plantações, á ignorancia, e aos prejuizos geralmente espalhados contra a naturalisação da industria da seda no Norte. Elle pensa que a vegetação da amoreira nas provincias do centro da França é tão viva, tão viçosa, e tão productiva como no meio-dia; mas o que é necessario, é fixar bem as ideas sobre o regime que convem a esta arvore, e sobre o modo de plantação que deve ser adoptado.

Finalmente o Snr Camillo Beauvais reuniu em um so artigo o resultado de todos os seus trabalhos e de todas as suas experiencias d'ha dés annos sobre a cultura da amoreira, confirmando inteiramente a opinião do Snr. Aubert. A amoreira resiste ao mais rigoroso frio; as que forão plantadas nas devezas de Sénart nunca soffrêrão as geadas do inverno. N'uma palavra pode-se estar certo que onde a videira se dér, tambem a amoreira ha-de vegetar bem. Depois expõe o melhor methodo de plantar e cultivar esta arvore no centro da França.

A ultima parte dos Annaes da sociedade com o titulo — Miscellanea — tem por fim reproduzir tudo o que ha de mais interesse na correspondencia dos socios: descrevem-se os varios estabelecimentos formados segundo os novos processos; dá-se conta de grande numero de criações feitas no centro da França, e que todas tem sido muito felizes. Em todas as partes de paizes, em que ha alguns annos nem se conhecia a industria da seda, veem-se hoje plantar amoreiras, e con-

struir cazas de criação. Os proprietarios mais ricos são os primeiros a dar o exemplo, e este exemplo encontra numerosos imitadores; pode-se por tanto considerar como decidida a questão de naturalisação da industria da seda no centro da França. Vem tambem nos Annaes um relatorio feito á sociedade real e central d'agricultura pelos Snrs. Paroissien, Delbarre, e Boucher a respeito da qualidade de sedas produsidas nas immediações de Paris; donde resulta que as sedas do Norte podem competir com as do Meio-dia, e em nada cedem em quanto a alvura, finura, e elasticidade A maior parte dos educadores com 2:000 folhas não mondadas fazem 140 — 160 — e 180 cazulos. As criações prefazem-se em 22 e 24 dias, e ganha-se deste modo um tempo precioso para a mão d'obra, e para a poda das amoreiras.

Tal é em poucas palavras, o rezumo da primeira publicação da Sociedade Sericola, reunindo assim todas as experiencias, e todos os documentos relativos á industria da seda. Firmada na publicidade, e certa da protecção do Governo Francez a nova sociedade promette grandes serviços e importantes resultados.

Chimica organica — *Affinidade dos liquidos do organismo vivo para a agua.* Os Naturalistas teem notado quanto o estado hygrometrico e statico do meio atmospherico em que vive um animal, tem d'influente sobre suas formas, esguias, esbeltas, elegantes, ou pelo contrario grosseiras, enfartadas, ou mesmo engurgitadas, segundo que este meio é constantemente secco e em movimento, ou então saturado d'humidade e estagnado, como se pode verificar visitando comparativamente a Hollanda e a Andalusia, por exemplo: elles tinham igualmente observado que a introducção habitual de bebidas abundantes e d'alimentos aquosos, ou pelo contrario de materias alimentares raras e seccas, tem um effeito evidente sobre a gordura do homem e dos animaes; mas estes diversos resultados exigindo um tempo mais ou menos longo para terem lugar, sua etiologia não podia ser tão evidente como se tornou, ao que nos parece, em consequencia d'um facto observado no Egipto por o Snr. Botta, naturalista aggregado ao

INDICE.

Das materias contidas neste Numero.

I. Historia — Memoria Biographica do Conselheiro José Ferreira Borges. (*Terceira Parte*) 253

II. Litteratura Hespanholla — Martinez de la Rosa..... 270

III. Historia Moderna — Quinta Lição 275

IV. Miscellanea — Uma predicção do Dr. Gall. 297

V. Variedades — Galeria de Retratos — *O Egoista*..... 304

VI. Noticias Scientificas..... 308

30 DE SETEMBRO DE 1838.

REVISTA LITTERARIA.

Historia Contemporanea.

MEMORIA BIOGRAFICA

DO

CONSELHEIRO D'ESTADO HONORARIO

JOSE' FERREIRA BORGES.

QUARTA E ULTIMA PARTE.

A NECESSIDADE d'um Codigo Commercial era, como já notamos, desde muito tempo reconhecida, bem como a criação d'um Tribunal especial para as causas mercantis; assim esta foi uma das instituições do Senhor D. Pedro, que mais gloria fazem á sua indelevel memoria: a nomeação de primeiro Magistrado Supremo só deixou d'agradar a algum invejozo, porque ella não só teve o prazme da opinião publica, mas foi reputada como devido galardão ao distincto, e indisputavel merito de seu Auctor. O Illustre José da Silva Lisboa (Visconde de Cayrú) em carta escripta no Rio

de Janeiro em 1834, e dirigida a F. Borges, diz " *Tenho lido, e relido uma* obra, em que, no meu humilde entender, o *menor merito* é a *difficuldade vencida.* (A carta acha-se no opusculo impresso no Porto em 1835, e que F. Borges publicou com o titulo *Das fontes, especialidade, e excellencia da Administração Commercial* &c., de que logo fallaremos.)

O Codigo Commercial coordenado por F. Borges é hoje lei vigente em Portugal; toda a jurisdicção judicial contencioza que anteriormente pertencia ao Tribunal da Junta do Commercio, ao Conselho do Almirantado, Juizo d'India e Mina, e Ouvidorias das Alfandegas, Juizo dos fallidos, e Provedoria dos Seguros, foi inteiramente abolida; segundo o mesmo Codigo, todas as causas que se julgavão nestes differentes tribunaes ficárão sendo da attribuição do novo fôro Commercial. São da primeira intuição as vantagens provenientes desta instituição, pelo que pertence ao processo forense, e não são menos quanto á economia do Thesouro. Se não fôra disto prova bastante o Relatorio que em data de 27 de Novembro de 1835 o Supremo Magistrado levou á Presença da Augusta Rainha, inserto no Diario do Governo N.° 52 do 1.° de Março de 1836, suppriria a voz publica, unisona em proclamar, e reconhecer experimentalmente a vantagem desta bella instituição, plantada em nossa patria pelo Augusto Restaurador das nossas liberdades, aproveitando o importantissimo trabalho do nosso compatriota, que fundou e installou os Tribunaes Commerciaes

Não pequenos forão os esforços por elle empregados, para que já em Março de 1834 estivesse impresso o Codigo, e arranjados competentemente os respectivos Tribunaes quanto ao pessoal, e quanto ao material. Naquelle Relatorio se evidencêa a economia, porque dispendendo as repartições extinctas o melhor de 60 contos de réis, hoje concentradas todas ellas na Magistratura e Tribunaes Commerciaes não chega a despeza a 20 contos.

Em mui pouco tempo conseguiu organisar regularmente as Praças Commerciaes de Lisboa, Porto, Figueira, Setubal, e Ponta-Delgada, tendo cada uma dellas sua respectiva Associação Commercial.

Já organisada a Praça de Lisboa, F. Borges, para competentemente organisar a do Porto, embarcou no Barco de Vapor de conserva, que acompanhou SS. Magestades Imperiaes, e Real, na honrosa visita que vierão fazer, em fins de Julho de 1834, á heroica cidade, que havia sido o baluarte inexpugnavel da patria liberdade: é muito interessante o Relatorio desta instituição, que em data de 19 de Março de 1835 levou á Presença da Augusta Rainha. Elle obteve do Governo o Convento de S. Francisco, que em 1832 havia sido devorado pelo fogo até ás abobedas, para alli estabelecer a Praça do Commercio, o Tribunal, a Sála dos jurados, a das fallencias, e a da Magistratura, com todos os seus respectivos pertences; e cumpre confessar que em todo este trabalho foi cordialmente coadjuvado pelo Corpo do Commercio, não só com o adiantamento d'alguns meios pecuniarios, mas com importantes conselhos, mui principalmente depois de constituida a Associação Commercial, a qual sollicitou que para desaffrontar o edificio, e dar mais ampla e immediata communicação á cidade baixa, se abrisse uma nova rua, que começando na esquina do extincto convento de S. Domingos, facêa com o edificio de S. Francisco, hoje designado Praça Commercial, e desemboca na rua dos Inglezes em frente de S. Nicoláo. Esta bella rua foi denominada *Rua do Ferreira Borges*, e deve ser de grande satisfação para o Illustre Magistrado este novo testemunho de devoção de seus Compatriotas: bem como a honrosa Portaria de 22 de Abril de 1835, dirigida pela Secretaria d'Estado da Presidencia do Conselho de Ministros, declarando que a Rainha ouvira com particular agrado as recommendações por elle feitas em seu Relatorio, e avaliava devidamente os serviços de seu illustrado patriotismo.

Já neste tempo a vista se lhe ia pouco e pouco esvaecendo; forão baldados todos os esforços da arte manejada por amigos sinceros, e desvelados por lhe conservar alguma porção deste precioso sentido, porque em meado do anno de 1835 elle inteiramente se aniquilou. Esta perda era mui sensivel, era a maxima em fim que lhe podia sobrevir; e todavia assim mesmo fazia lér aos seus familiares, e amigos quanto se

ia publicando, servindo-lhe de grande auxilio a sua memoria, e a tal ponto, que sendo mister consultar algum auctor dos que tem em sua vasta Biblioteca, elle não só indicava o lugar da estante em que o livro se achava, porem muitas vezes até as paginas, aonde se devia procurar a materia em questão. Com tudo elle não podia consolar-se de tamanha perda; e a tal gráo subiu por muitas vezes a insofrivel impressão que ella lhe fazia, que nelle determinava terriveis accessos de desesperação, e como de monomania; algumas o vimos neste miserando estado, que mui amarga sensação nos causou; e meio natural era tal sofrimento, não podendo achar consolação alguma, pois se via privado do exercicio habitual, que desde tantos annos havia contrahido, empregando a maior parte do seu tempo na leitura, e na escripta; passados, repetimos, estes accessos, ainda que apparentemente restituido ao seu modo normal, elle deixava transluzir em seus gestos, e expressões o profundo sentimento que lhe amargurava a existencia!

Assim mesmo entretinha uma activa e mui extensa correspondencia com o Governo, e com os Tribunaes a seu cargo, dictando officios, representações, relatorios, projectos, e até materia para publicações literarias: foi neste mesmo anno de 1835, já depois daquella irreparavel perda, que elle dictou e coordenou o opusculo que então imprimiu na Imprensa Commercial do Porto com o titulo *Das fontes, especialidade, e excellencia da Administração Commercial, segundo o Codigo Commercial.*

Neste interessante opusculo apresenta elle na introducção um resumo mui exacto e erudito da historia do Commercio, e da navegação; passa depois á materia que se propunha tratar, e a enriquece com cinco appendices, contendo mui eruditas notas ao texto, a Provisão e Regimento do Consulado publicado ha dous seculos, cujo Regimento não havia sido impresso, mas se achava registado em diversas estações, e é a fonte proxima do nosso Codigo na parte forense, e administrativa commercial.

E' em um destes mesmos appendices que elle combate o requerimento que em nome da Commissão de

Commercio, Artes, e Manufacturas, foi apresentado ás Cortes na Sessão de 29 de Novembro de 1834, cujo requerimento indicava a necessidade d'uma Revisão do Codigo Commercial; e com não menos energia que saber, pulverisa o projecto contra o mesmo Codigo apresentado por um Deputado na Sessão de 28 de Fevereiro de 1835; é tambem digno do maior louvor a respeitosa coragem com que protesta contra o Decreto de 7 de Maio do mesmo anno, referendado por Manoel Duarte Leitão, nesse tempo Ministro das Justiças, Decreto no qual se estabelece o recurso da revista, designado pelo Supremo Tribunal de Justiça, cujo protesto foi attendido, e poude impedir a execução do mesmo Decreto.

Tão considerados erão por S. M. a Rainha os relevantes serviços de F. Borges, que no Decreto de 7 de Julho de 1835 se exprime assim; " Considerando, que o Conselheiro J. F. Borges foi por meu Augusto Avô o Snr. D. João 6.º de gloriosa memoria, escolhido para membro do Conselho d'Estado, e que em todos os tempos, e em todas as circumstacias tem sempre dado eminentes provas da sua lealdade, e amor da Patria, a qual tem não menos illustrado com seus escriptos, que util e distinctamente servido: Hei por bem conceder-lhe as Honras de Conselheiro d'Estado. "

Foi por este tempo que, achando-se o Governo auctorisado pelas Cortes para fazer a reforma da Instrucção publica, elle representou a necessidade de estabelecer-se uma aula d'Economia Politica, e outra de Medecina forense, ao que lhe foi respondido em Portarias de 4 d'Abril, e de 7 de Setembro desse anno, que o Governo se achava attentamente occupado deste importante objecto, comprazendo-se S. M. de vêr o seu nobre, e patriotico empenho no desenvolvimento da Instrucção publica nestes Reinos.

E achando-se então inteiramente privado da vista, a Rainha lhe permittiu na Portaria de 16 de Setembro de 1835 a graça especial de, em todas as suas correspondencias officiaes com o Governo, assignar só o seu appellido — *em attenção ao seu estado de saude, e aos extraordinarios serviços por elle praticados em beneficio publico, e especialmente em utilidade do commercio.*

Neste estado, mas sempre com o mesmo zelo, e actividade, progredia elle no desempenho das altas funcções de que se achava incumbido, sem que apesar da deploravel perda que experimentava, o serviço publico sentisse a minima falta, porque elle dictava com tão admiravel promptidão, que os officios, providencias, respostas, e o immenso expediente da Suprema Magistratura, nunca sofrêrão em seu poder a minima dilação.

Apezar de tão indisputaveis utilidades como as que o Corpo Commercial ia experimentando da instituição de seu novo fôro, nem por isso a inveja, e mais que tudo a animosidade particular, deixárão de manobrar indirectamente contra o A. do Codigo Commercial, contra o qual era pessoalmente toda a sanha, e em quem uma e outra intentavão empolgar toda a sua ralé; foi por isto que na Sessão de 25 de Fevereiro um Deputado se *arrojou* a apresentar *um projecto da Administração commercial*, assignado por mais dous, dos quaes um era filho do denominado A. do mesmo projecto, cujo ostensivo fim era destruir a instituição, mas o objecto principal em vista era atacar pessoalmente o nosso illustre Compatriota.

Não valeu este miseravel estratagema, porque logo que o écco da *façanhoza* proposta foi ouvido nas Praças commerciaes, as suas respectivas Associações representárão vigorosa e constitucionalmente contra ella, mostrando em suas representações quaes erão as preciosas vantagens, que o Commercio Portuguez havia daquella instituição recebido. Assim a Associação Mercantil de Lisboa enviou a sua representação datada em 3 de Março, assignada por grandissimo numero de commerciantes, a qual foi apresentada na Sessão de 11 do mesmo mez. A Associação Commercial Portuense representou em data de 7, e foi sua representação apresentada no mesmo dia 11 de Março pelo Deputado Passos (Manoel). A Direcção da Associação Mercantil da Figueira dirigiu a sua a cada uma das Camaras, com a data de 10 daquelle mez. A Direcção da Associação Commercial de Setubal enviou a sua com a data de 12 de Março, e foi apresentada na Sessão de 17 pelo Deputado Rodrigo

da Fonseca Magalhães. A Associação Commercial do Funchal enviou a sua em data de 14 d'Abril, e a de Ponta Delgada em 18 deste mez. Representárão pois todas quantas Praças Commerciaes se achavão organisadas, e estas representações achão-se nos Periodicos do tempo, e juntas todas ellas com outros documentos em uma Memoria publicada em 1837 em Lisboa pelo nosso Illustre F. Borges, em *refutação do Relatorio, e Decretos do Ministro das Justiças o Rv.° Antonio Manoel Lopes Vieira de Castro*, na parte relativa á Administração Commercial, de que logo fallaremos, para não antecipar acontecimentos.

Tão energicas demonstrações da opinião publica das Praças Commerciaes mais importantes, fiserão mirrhar naquella Sessão o façanhoso projecto, que de frente atacava o fòro especial, auctorisado pela Lei fundamental; mas a sanhuda inveja, e a truculenta animosidade havião-lhe declarado guerra de morte; e as occorrencias subsequentes forão-lhes propicias.

Havia o Governo dissolvido a Camara dos Deputados em 4 de Junho, e mandado proceder á eleição de nova camara, o que na verdade se effectuou em 7 d'Agosto, e por esta occasião no Districto do Porto foi o illustre F. Borges eleito Deputado ás Cortes extraordinarias, que devião reunir-se em 11 de Setembro desse anno; mas a revolução feita do dia 9 para 10 impediu a installação das Cortes, proclamando-se a obsoléta Constituição de 1822, que havia sido destruida pela contrarevolução de 1823, e que fòra subrogada pela Carta-Constitucional, sob cujo *Lábaro* tão prodigiosos feitos se havião practicado durante a sanguinolenta luta da restauração, e pela qual tão grandes sacrificios havião os Portuguezes feito, já emigrando para terras estranhas, já sofrendo longa prisão em lòbregas masmorras, já corajosamente arrostando-se com as numerosas e enraivecidas falanges do usurpador, quer no glorioso cêrco do Porto, quer na prolongação da guerra civil: a saturnal d'uma noite, e quiçá as menos bem combinadas medidas, ou descuido d'um ministerio, que apezar de seu empenho, e mesmo dos attendiveis serviços de cada um de seus membros, não havia grangeado tanta opinião publica como lhe era

mister, forão a causa da abrogação da Carta Constitucional, que mesmo a despeito dos corifeos da revolução, e decididamente contra a opinião da parte sensata da nação, havia sido naquella noite supplantada. Desde então o espirito do demagogismo tem prezidido a quasi todos os actos; se a Constituição de 1838, que hoje rege a nação d'algum modo legalisou aquelle *facto* do dia 9, nem por isso elle sanccionou os direitos da insurreição, ou a totalidade dos principios que lhe são correlativos, adoptados então por os caudilhos da revolução, e por elles illegalmente sustentados no subsequente tempo. F. Borges pezou a gravidade das consequencias necessarias de similhante excesso, e lamentando tão ominoso acontecimento, não hesitou *em resignar nas mãos de S. Magestade a Senhora D. Maria II o seu lugar de Magistrado do Commercio, e Presidente do Tribunal Commercial de* 2.ª *Instancia*, na representação que á Mesma Augusta Senhora dirigio em 16 de Setembro. Este documento que fez logo imprimir e distribuir é de grande transcendencia: é o resumo historico de sua vida politica desde 24 d'Agosto de 1820; nelle faz vêr, que posto que jurasse a Constituição de 1822, havendo cooperado, como Deputado, para o fazimento della, elle entendia, que depois da sua abrogação, e da aceitação que a Nação havia feito da Carta Constitucional, elle se achava dispensado do seu primeiro juramento, e ligado ao segundo, que tambem havia prestado; que neste procedimento não havia a minima contradicção, tanto mais que aquella Carta Constitucional era o tronco original da Dynastia da Rainha, sendo por isso *incompativel com* seus *conhecimentos*, *com* sua *honra*, *com* seu *nunca desmentido caracter*, *amalgamar os Direitos* da Rainha *ao Throno Portuguez com a ordem da successão legislada na Constituição Politica de* 23 *de Setembro*, *feita em outras circumstancias*, *e para outros effeitos que já hoje não podião dar-se*, *depois que* a Rainha *governa pela Carta de* 1826 *sobre o assenso*, *e consentimento expresso e jurado de todos os Portuguezes.* Este documento fez profundissima impressão até na gente da facção vencedora, que não era muito a fizesse em muitissimos cidadãos que daquelles principios se achavão convencidos.

E d'accordo com este procedimento officiou ás Associações Commerciaes das Praças organisadas, participando a cada uma dellas em data de 19 de Setembro os motivos, que o havião determinado a resignar o lugar de Supremo Magistrado do Commercio, recebendo de todas ellas honrozas respostas, cujas expressões manifestavão o sentimento que recebêrão por tal deliberação. São dignas de lêr-se estas respostas, e podem-se vêr na Memoria citada, da qual nos aproximamos já. — Por Decreto de 15 de Setembro, referendado por Antonio Manoel Lopes Vieira de Castro, foi aceita a resignação, e demittido do emprego, que tão dignamente exercia.

Pelo nobre acto que tão resolutamente acabava de practicar, eis-aqui o nosso illustre Compatriota outra vez dependente da generosa beneficencia de seu irmão, que promptamente fez pôr á sua disposição os precisos meios para a sua subsistencia, tendo constante e cordialmente continuado a prestar-lhos.

Coherente com os principios que adoptára tambem não hesitou em assignar o protesto, que os Deputados eleitos dirigírão á Rainha contra os acontecimentos de Setembro.

Apparece o Decreto de 30 de Setembro de 1836, que com justa razão F. Borges denomina *Exterminador*, precedido d'um relatorio, que formiguêja em crassissimos erros, ampla e cabalmente demonstrados na Memoria que já mencionámos, e cuja leitura muito recommendamos, pela instrucção que encerra, e não menos pelos factos publicos, e privativos a elle F. Borges, com que se acha enriquecido. Este Decreto desorganisou inteiramente a instituição commercial, unico ramo da Administração publica judicial, que se podia dizer estabelecido com a perfeição compativel com os tempos, e estado do paiz: mas o partido dominante havia declarado guerra d'exterminio a todos, e a tudo quanto estivesse em opposição com ella, saltava por cima de quanto ha de justo, decoroso, e honesto. Para prova desta asserção ahi está o Diario official do Governo, não é preciso mais que folheal-o desde 10 de Setembro até depois de 26 de Janeiro, dia da reunião das Cortes Constituintes; até este dia tudo corre

por conta da *dictadura autocratica*, delle em diante tudo o mais recahe sobre as Cortes.

Reduzido ao estado de *mui simples particular*, mantido pelos liberaes auxilios de seu generoso irmão, victima de repetidos e violentos ataques nervosos, motivados pela consideração da perda da vista, agora para elle ainda mais sensivel, posto que jámais lhe faltasse a companhia d'amigos leaes, assim foi atravessando a aziága época da Dictadura pseudo-patriotica. De quando em quando comprazia-se em dictar alguns artigos, que sem designação d'auctor forão insertos no Periodico denominado — *Correio* —, que apezar dos tempos sustentou com vigor, e *sem pavor* as sans doutrinas constitucionaes. Por este mesmo tempo dictou o *Exame critico do valor politico das expressões* soberania do povo, e soberania das Cortes; e *outro sim das bazes da organisação do poder legistativo no systema representativo, e da sancção do Rei*, dedicado a S. M. a Augusta Rainha. Esta dedicatoria escripta em linguagem respeitoza, e tersa, é digna de lêr-se; o exame que se propoz fazer é vigorosamente desenvolvido; este opusculo é menos conhecido do que devêra sêl-o, pois que as proposições que encerra são em nosso entender de toda a exactidão; elle tomou por epigrafe a passagem d'Aristóteles, na sua Ethica L. 5.° Cap.° 8.° — *Justitia in se virtutes continet omnes*, que mui bem desenvolve.

Não tardou muito que em Julho desse anno rebentasse no Minho a reacção *cartista*, que apresentando-se tremenda, e com o mais vantajozo prospecto de lograr-se, pois que mereceu o assentimento da maioria da nação, foi com o desastre de Ruivães completamente suffocada. Logo que em Lisboa correu a noticia, ella encheu de terror o Ministerio e o Congresso; e aquelle e este lançárão mão de quantos recursos licitos, e illicitos, ou elles fossem, ou não aprovados pela moral, e pela decencia, lhes sugeriu sua inexoravel sanha, e seu terrifico pavor; esmerando-se principalmente em todos os actuaes procedimentos um homem, cujos precedentes execraveis já o havião stigmatisado na opinião publica; este homem era Antonio Dias d'Oliveira, que embravecido por a imprenssa periodica com

documentos veridicos, e que elle julgava serem perdidos, ter assoalhado a dobreza de seu caracter, e achando ensejo azado para dar pasto a sua vingança indomita, nem se esqueceu de metter no bojo inficionado d'uma velha embarcação ancorada no Tejo, não pequeno numero de cidadãos benemeritos, mas cujas opiniões e caracter o assombravão, e aonde passárão uma longa quarentena em affrontoza prisão, practicando-se com elles quanto um abominavel Telles Jordão havia previos annos antes practicado na Torre de S. Julião com as infelises victimas do despotismo de D. Miguel; exemplo abominavel, que renovado nestes tempos pelos homens da revolução de setembro, cobriu seus nomes d'opprobrio eterno. A miseranda situação do F. Borges devia servir-lhe d'egide contra as perseguições destes tempos d'execranda memoria, mas elle era reputado auctor d'alguns artigos, cujas verdades amargas havião irritado a sanha das olygarchas; este aggravo era imperdoavel, e permanecia *alta mente repostum*, e como a hora da vingança havia batido (*jamque dies infanda aderat*) F. Borges foi igualmente votado á mesma proscripção, que já estavão sofrendo cidadãos cuja probidade era illibada; nem sua fatal cegueira, nem os terriveis accessos nervosos que periodicamente sofria, nem milhares d'outras causas afrouxavão a perseguição acintosa a que fôra condemnado; neste bem geralmente sabido estado a sua caza foi entrada por um agente da auctoridade publica, seguido de esbirros, e de gente de força, que lhe intimou a ordem de captura, e se propunha conduzil-o á embarcação que estava servindo de prisão; e tanto se doeu este agente do miserando estado em que foi encontrar F. Borges, que não receou sobre-estar á execução de suas ordens, em quanto um dos Ministros da Corôa, com quem já desde Londres tratára amisade, não ficasse como seu fiador, consentindo-se, que por esta razão, permanecesse recluso em sua propria caza! Depois desta epoca de ominosa memoria, o estado de saude do nosso compatriota engraveceu progressivamente: foi mister deixar a capital, passar para os ares patrios, e procurar na *caza de seu nascimento* o socego, e o conforto, que na capital não podia gozar.

Aquelle pois que não receára *sofrimentos*, *a morte*, *e o exilio*, *e que sacrificára seus commodos*, *interesses*, *e fortuna* ao bem da patria, que perdêra a vista por illustra-l'a com seu saber, que se via na dependencia d'um irmão generoso, é verdade, mas que nem por isso deixava de ser pobre, podendo possuir mui grande fortuna; aquelle que desde 1818 votára a vida á liberdade de sua patria, e que hoje é não só esquecido dos homens que a si mesmos (falsa e immerecidamente) se denominavão patriotas, mas até por elles perseguido, — vem procurar debaixo do tecto patrio alguns dias de repouso, unico premio que, *depois de desesete longos annos de sofrimentos, perseguições*, *exilios*, *fadigas*, *serviços*, *vigilias*, *trabalhos literarios*, *e incommodos de toda a especie*, (a) colhêra o Conselheiro José Ferreira Borges, victima infeliz d'uma revolução fatal, por desnecessaria e desorganisadora.

Eil-o em 2 de Dezembro de 1837, nos proprios lares, sem vista, arruinado de saude, victima dos terriveis ataques nervosos, que de dias em dias o acommetem e fazem passar por sofrimento tormentozo, que mais que muito contrista quem o observa; e assim mesmo, nos intervallos de descanço que sua longa e penosa molestia lhe deixa, ainda s'entretem, já ouvindo ler alguns pedaços de obras que designa, já dictando, já entretendo-se com as pessoas que lhe são conjunctas pelos vinculos do parentesco, ou da amisade, e ornando a conversação com muitos daquelles assumptos, que outrora fazião suas delicias, e que sua feliz memoria lhe ministra sem esforço!

Quanto é omnipotente a força da verdade! Seus proprios e mais figadaes inimigos envergonhando-se da pungente censura com que a rasão, e o décoro os estão continua, e incessantamente stigmatisando, e do tremendo auto d'escandalosa ingratidão que contra elles lavrára a opinião publica, fazendo um esforço sobre seus proprios sentimentos de raiva, e cobrindo com reconhecida hypochrisia os nefandos dezejos que os agitão, lá vão na vespera do encerramento das Cortes Constituintes (3 d'Abril de 1837) apresentar uma proposta em favor do

---

(a) O Correio n.º 87 de 6 de Dezembro de 1837.

novo *Belisario Portuguez* ! — Esta proposição foi feita por Manoel da Silva Passos, nella vemos assignados 49 Deputados, e se destes exceptuarmos talvez não mais que quatro, ou quando muito cinco, todos os mais, não poderemos duvidar, que forão levados pelo espirito d'uma apparente generosidade.

Transcrevendo o discurso do Deputado Passos (Manoel) terminaremos a tarefa biografica a que nos proposemos; note-se, que este discurso é proferido por um homem que fizéra parte do quadrumvirato, que com o pseudonymo de *Ministerio Patriota*, mais s'esmerou por desvaliar, e até aniquilar o verdadeiro Patriota, e Jurisconsulto Portuguez.

As expressões que vamos transcrever postas nos labios d'um antagonista, e d'um émulo de gloria, a que este jamais poderá attingir, são o maior elogio que podemos hoje fazer ao nosso benemerito patricio, considerem-se essas expressões por qualquer lado, ou como proferidas por a convicção, ou como dictadas pela hypochrisia.

A proposta foi adoptada, e reduzida a Decreto; mas quão mesquinha recompensa! Ferreira Borges achava-se nessa época gravemente enfermo, a sua molestia era geralmente sabida; por tanto o prospecto da duração da ténue pensão concedida a tão reconhecidos serviços era assaz limitada, e ainda mal, assim a consideramos hoje, dado que o illustre pensionario haja obtido melhoramento em sua arruinada saude; era pois d'esperar que o benificio da pensão s'estendesse a uma espoza desvalida, quando por uma lei suprema da natureza, chegasse a ponto de vêr-se privada d'um consorte que jamais desamparára; a transmissão de toda a pensão á pessoa da espoza não poderia jamais chamar-se uma prodigalidade, era um acto de justiça! —

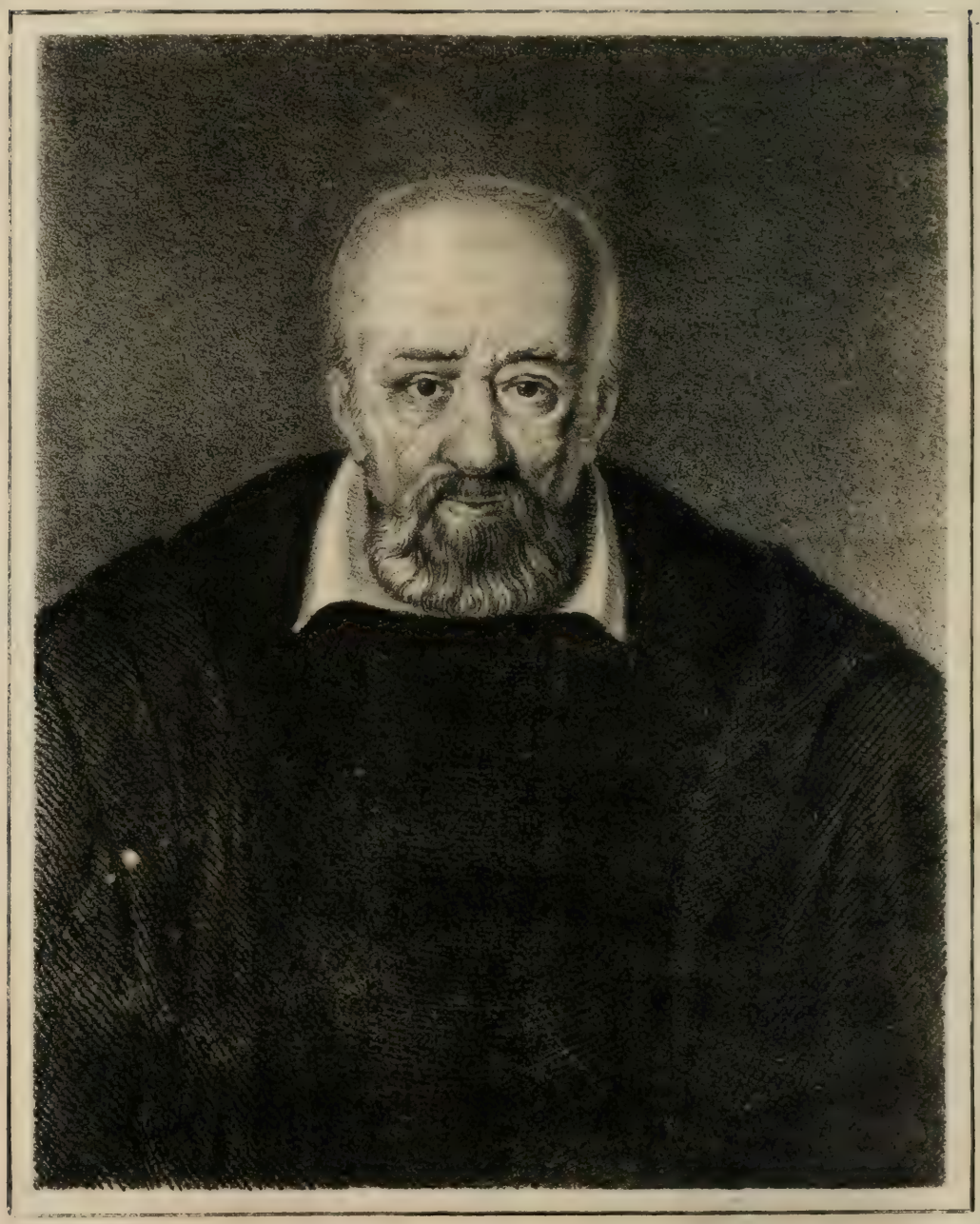
Eis o discurso. —

" Sr. Presidente, o congresso separando-se, e deixando na miseria ao empregado que fez um dos maiores serviços ao seu paiz chamaria sobre si a mais sevéra responsabilidade. Para que isto se não verifique, eu chamo a attenção do congresso sobre a seguinte proposta : = Proposta. = As Cortes decretão que ao auctor do Codigo Commercial, José Ferreira Borges, se pague

annualmente, em quanto vivo fôr a pensão de 800 mil reis. = Assignado. = Manoel da Silva Passos, — e mais 48 Deputados: *e continuou:*

" Agora só direi duas palavras, mas estas duas palavras hão-de achar echo dentro e fora desta caza.

" O Codigo do Commercio foi um dos maiores benificios que o magnanimo *Libertador* fez a este paiz. Propondo uma pensão para o autor deste Codigo, nós não tratamos d'um jurisconsulto que levou ao cabo tamanha empreza, e ao qual Sua Magestade Imperial promettêra em nome da nação uma recompensa que devia ser decretada pelas Cortes. Não é esta á epoca de tratar este negocio com vagar, mas é a época de *não deixar morrer de fome um cidadão illustre, cego pelas fadigas litterarias* (apoiado geral). Se muitos destes aggravos se deparão na historia antiga, é preciso que hoje os não repitamos em Portugal. Peço que esta proposta seja decidida com urgencia. „



Jorge Buchanan

Lente de Medicina na Universidade

de Coimbra em 1542

Biografia.

NOTICIA BIOGRAFICA

DE

JORGE BUCHANAN. LENTE NA UNIVERSIDADE DE COIMBRA EM 1542.

A vida dos homens de lettras é o maior incentivo que se póde offerecer á mocidade para seguir as suas pisadas e trilhar o difficil caminho das sciencias. Tanto mais difficil foi a carreira que o litterato teve de seguir para desenvolver as faculdades com que a natureza o dotára, tanto maior foi a sua firmeza e constancia em proseguir a sua inclinação a travez dos embaraços da vida, e de perseguições de toda a especie, e tanto mais forte e energico será o exemplo que se apresenta diante dos olhos. — Ao lêrmos a vida dos maiores escriptores diriamos que o espirito das trevas se apraz em supplantar o genio, perseguil-o, espezinhal-o; — mas a despeito de todos os seus esforços o espirito humano progride e se desenvolve cada dia. A personagem de que tratamos que até na nossa patria não poude achar abrigo ás perseguições que havia soffrido, é um dos muitos exemplos que nos offerece a Biografia dos homens de lettras.

Jorge Buchanan nasceu na Escocia em Fevereiro de 1506 em uma pequena aldêa chamada Killearn. A sua familia era, segundo a sua propria expressão, mais nobre do que abastada. Seu pae deixou por sua morte uma esposa e oito filhos em um estado lamentavel de pobresa. Jorge, um dos mais novos, foi salvo da miseria e da obscuridade pela benignidade de um irmão de sua mãe James Heriot, o qual havendo descuberto os prematuros talentos de seu sobrinho, determinou desenvolvêl-os, dando-lhe uma boa educação. A Escocia respeitava então a superioridade da França em maneiras, artes e saber; e por isso costumava mandar

ali educar os mancebos mais ricos e de melhores esperanças. Foi Buchanan na idade de quatorze annos mandado por seu tio para a universidade de Paris, onde se applicou com a maior cuidado ao curso d'estudos que lhe prescrevêrão, o qual consistia principalmente na lição dos melhores authores latinos, principalmente os poetas. Em breve fez taes progressos neste estudo, que era mui conforme com o seu gosto, que se tornou não só um profundo philosopho, mas um dos mais perfeitos escriptores latinos dos tempos modernos.

Depois de ter permanecido em Paris durante o espaço de dous annos, que empregou muito melhor do que a maior parte dos mancebos do seu tempo, ficou, em rasão da morte de seu tio, outra vez reduzido á pobresa. Já por este motivo, e já em rasão do seu mau estado de saude, foi obrigado a voltar á patria, onde viveu um anno. Depois de ter recuperado as forças, alistou-se como soldado raso em um corpo de tropas, que João, duque d'Albany, então regente d'Escocia, havia trasido de França com o fim de se oppôr aos Inglezes. O mesmo Buchanan diz, que entrára no exercito "para aprender a arte da guerra"; mas é provavel que as suas tristes circumstancias prevalecessem mais do que esta rasão. Durante a campanha houve de soffrer grandes incommodos em rasão da muita neve que cahiu no seu transito, em consequencia do que teve uma recahida que o obrigou a voltar á patria, onde esteve de cama grande parte do inverno. Apenas se restabeleceu na primavera de 1524, renovou com duplicado ardor o curso dos seus estudos, quando entrava na idade de dezoito annos. Neste tempo alguns amigos lhe proporcionárão meios para partir para a universidade de S.t Andrews, onde foi admittido como *pobre*, termo que corresponde ao de *servente* nas universidades Inglezas, isto é, alumno gratuito.

João Mair, mais conhecido pelo seu nome de Major alatinado por Buchanan, estava então lendo nesta universidade grammatica e logica. Logo foi informado dos talentos extraordinarios do estudante pobre, e immediatamente o tomou debaixo da sua protecção. Buchanan era dotado d'um temperamento ardente, e ao

mesmo passo susceptivel de tomar qualquer direcção que seus amigos lhes quizessem dar ; e de mais, d'um caracter indagador, e que jámais poude soffrer um absurdo.

Assim não podia deixar d'encontrar grande deleite nas doutrinas que o *Major* professava. Elle sustentava a superioridade dos concilios geraes sobre o Papa; negava que elle tivesse algum direito ao poder temporal; — e defendia que os dizimos erão uma instituição meramente humana, que podia ser alterada, ou mudada pela vontade do povo. — Nas materias politicas a sua crença coincidia exactamente com as opiniões publicadas por Buchanan ; — que a auctoridade dos reis não era de direito divino, mas proveniente do povo ; — que por uma convenção legal dos estados, um rei em caso de tyrannia, ou de mau governo, podia ser processado, esbulhado do poder, e mesmo punido segundo as circumstancias.

Se pois *Major*, que era um homem fraco, e de talentos pouco transcendentes teve tal preponderancia nas opiniões de Buchanan, muito mais devia ter João Knox o celebre reformador Escocez, que era seu condiscipulo em S.t Andrews. Aqui travárão ambos uma estreita amisade, que só acabou com suas vidas. Estes dous homens logo descubrírão o methodo absurdo porque então se ensinava a logica. Buchanan nos diz que o seu verdadeiro nome devia ser *arte de sophisticar*. Seus mutuos estudos para estabelecer melhores raciocinios produsírão grande effeito no methodo d'ensino publico.

Depois que Buchanan acabou os seus estudos em S.t Andrews, tendo tomado o gráu de Bacharel em artes, acompanhou *Major* a Paris, onde a sua attenção se voltou seriamente para as doutrinas da reforma que por este tempo se discutião fortemente ; mas quer por medo das consequencias, quer por outros motivos, ainda então se não declarou Lutherano. Por espaço de cinco annos permaneceu fóra da patria, algumas vezes empregado, e outras a braços com as maiores precisões; até que voltou á Escocia com o Conde de Cassilis, que o havia tomado para seu companheiro de viagem. Seu nobre patrono o apresentou na côrte de James V, pae de Maria Stuart, e este monarcha o encarregou da educação de seu filho natural James Stuart, depois abbade de Kelso.

Em quanto permaneceu na Côrte, como estava pouco occupado, divertiu-se em escrever uma satira mui severa contra os frades, á qual chamou "*Somnium*,, Figura nesta pequena obra que S. Francisco lhe apparecêra em sonho, e o convidára a que se fizesse frade da sua ordem. O poeta responde que elle é improprio para tal fim, porque se não encontrava com disposições para ser impudente, enganador e pedinchão, e que alem disso acreditava que mui poucos frades tinhão a fortuna de chegar ás portas do paraiso. — Esta pequena satira era mui bem escripta e demasiado acerba para não chamar a attenção; e os queixosos representárão contra ella ao rei; mas como Buchanan lhe não tinha posto o seu nome, ficou em nada por falta de prova. Pouco depois os Franciscanos cahírão no desagrado da Côrte, e o mesmo rei instingou o poeta a renovar o ataque. Obedeceu, mas não satisfez o odio do monarcha em uma ligeira publicação. Sendo-lhe ordenado que fosse mais severo, appareceu com a sua famosa satira intitulada "*Franciscanus*,, na qual pôz em pratica todo o seu espirito e poesia para attacar esta desgraçada ordem. O argumento do poema é o seguinte: suppõe o poeta que um seu amigo está mui dezejoso de entrar na ordem Franciscana, ao qual elle diz que já tivera as mesmas tenções, mas que fôra despersuadido por uma terceira pessoa pelas rasões que passa a relatar. Refere-se então ao mau comportamento dos membros da ordem, segundo se colhe das abominaveis lições que põe na bôca de um velho frade, mestre de noviços. Não dá a este frade o caracter d'um ignorante, mas antes o appresenta contando uma historia habilmente traçada, espraiando-se em todo o requinte da maldade que tem aprendido com a idade, e publicando neste sentido as couzas do convento sem temor, nem escrupulo. — O latim é puro e isempto dos barbarismos d'aquelle tempo.

Publicada uma satira tão mordaz, não admira que a ordem injuriada fizesse uso de todos os meios ao seu alcance para perseguir o seu autor. O Rei, homem fraco e versatil, depois de ter sido muito importunado, consentiu que Buchanan fosse preso em 1559 sob pretexto d'heresia, juntamente com outros muitos que havião publicado as suas idéas ácerca da Igreja Escoceza.

Sobre todos o cardeal Beatoun fez os maiores esforços para alcançar sentença contra elle. Porem os amigos de Buchanan o avisárão a tempo dos dezejos do prelado; e como não estivesse vigiado com grande cuidado, poude escapar-se pela janella da prisão, e fugiu para Inglaterra. Achando que ainda ali não estava seguro, pois que Henrique VIII mandava então queimar no mesmo dia e com a maior imparcialidade, catholicos e protestantes, passou pela terceira vez á França. Chegando a Pariz achou o seu antigo inimigo, o Cardeal Beatoun, embaixador na côrte de França, e receando que elle podesse alcançar meios de o prender, resolveu acceder ao offerecimento d'um sabio Portuguez, Andre de Gouvêa, para ser professor no novo colegio de Bordeaux. Durante a sua residencia n'aquella cidade, compoz as suas famosas tragedias Latinas — *Jephtes* e *Joannes Baptistes* — e traduziu a Medea e Alcestes d'Euripides para verso latino. — Estas duas ultimas mostrão que não era superficial o seu conhecimento do grego.

Depois de ter persistido neste emprego por espaço de tres annos, Buchanan, a instancias da Côrte de Portugal, veio com Gouvêa, para lente da Universidade de Coimbra. Antes de partir para Portugal fez saber a ElRei que havia escripto o seu poema — *Franciscanus* — por ordem do seu soberano, esperando por isso que não seria inquietado por aquella causa. ElRei lhe prometteu a sua protecção. Não havia muito tempo que residia em Coimbra quando foi pelos frades accusado d'heresia; e ElRei, esquecido da sua promessa, ou por a não poder sustentar, lhes permittiu que o tivessem recluso em um convento, com o fim, segundo dizião, de o resgatar á fé catholica. Ali lhe derão como pena, a tarefa de traduzir os Psalmos de David da Vulgata para verso Latino. Isto cumpriu elle admiravelmente, e esta producção gosa da reputação d'exceder tudo o que existe neste genero. Pouco depois sahiu desta prisão, embarcou-se para Inglaterra; e depois de se demorar ali algum tempo voltou para França.

Ali lhe encarregou o Marechal de Brissac a educação de seu filho Timoleon de Cossé. Em quanto gosou deste emprego, estudou mais particularmente as controversias então em voga a respeito da religião, e talvez

então adherisse secretamente ás idéas da reforma, supposto só passado algum tempo é que renunciou o catholicismo. Escreveu então, e dedicou ao seu discipulo, uma obra muito admirada, que intitulou — *Sphæra* — No anno de 1560 voltou outra vez á Escocia, e achando ali prevalecente a religião reformada, publicamente se declarou membro da Igreja protestante.

Um homem de tal merecimento não podia deixar de ser considerado pelos grandes d'Escocia, e Maria Stuart lhe offereceu a sua amisade. Elle lhe tinha escripto dous epithalamios, um sobre o seu cazamento com o Delfin, e outro sobre o seu segundo consorcio com Lord Darnley. Era tal a estima em que ella tinha os seus talentos, que o nomeou mestre de seu filho um mez depois de nascido, no anno de 1566.

Causa na verdade admiração o considerar que sendo Buchanan o mestre mais influente do joven James, herdeiro do throno d'Escocia, o houvesse d'educar de modo que o resultado foi contrario a todas as esperanças. Deve porem confessar-se que um livro publicado por Buchanan, uma das suas mais famosas producções "— *De jure Regni apud Scotos* — que consta d'um dialogo entre elle mesmo e Maitland, secretario da rainha, contem sentimentos e doutrinas totalmente diversas das noções de James. Ali segue Buchanan os modelos antigos em tudo o que se podia julgar a verdadeira politica. — Prova que os homens nascêrão para a sociedade, — que elegêrão reis a fim de proteger as leis que os ligão entre si, — que se os reis promulgarem novas leis, devem ser sujeitas á approvação dos estados da nação; — que um rei é o pae do seu povo, podendo fazer-lhe todo o bem, mas nunca mal algum; — que tal fôra a tenção primaria na escolha dos reis d'Escocia; — que a corôa não é necessariamente hereditaria, e que a sua transmissão pela linha dos descendentes, só se pode defender pela sua certeza; — que a violação das leis pelo monarcha pode ser punida conforme a sua enormidade, etc etc. Conclue dizendo; que se em alguns paizes os povos quizerão tornar os seus reis superiores ás leis, parece ter sido a intenção evidente da Escocia que os seus reis lhes fossem inferiores. Ora nada pode ser mais contrario ás opiniões de James do que todos estes preceitos. Bu-

chanan sendo accusado de ter tornado James um pedante, declarou que elle não tinha qualidades para se fazer delle outra couza.

Nos primeiros tempos em que Buchanan exercia o cargo de mestre do herdeiro do throno de Escocia, ligou-se estreitamente aos interesses do Regente Murray; e como este patrono se apartou da causa de Maria, o mesmo partido seguiu Buchanan até que por fim se tornou o mais forte de seus inimigos: elle foi o unico que asseverou pela imprensa no seu, — *Detectio Mariæ Reginæ* — publicado em 1571, que acreditava nas suas relaxações criminosas com David Rizzio; e sendo depois o seu grande accusador na côrte de Isabel, quando Maria Stuart estava prisioneira em Inglaterra.

Buchanan foi fortemente accusado de ter forjado as cartas attribuidas a Maria e ao seu terceiro marido Bothwell escriptas em quanto ella era ainda espoza de Lord Darnley, de cujos documentos parecia mostrar-se que ella tivera parte no assassinio de seu real consorte. Se na realidade elle forjou ou não esta correspondencia, é questão que ficou profundamente sepultada na noite da antiguidade. Buchanan se offereceu a jurar que ella era genuina, o que na verdade era uma má recompensa, suppondo mesmo que a rainha fosse culpada, attendendo á benignidade com que ella o havia tractado. A sua amisade para com Murray continuou durante o resto da sua vida; e parece mesmo que o regente fôra uma das poucas pessoas com quem Buchanan se havia estreimente ligado.

A ultima obra de Buchanan, na qual gastou os ultimos quatorze annos da sua vida, é a sua Historia da Escocia. Bem como o resto das suas producções foi escripta em latim, e della se diz que reune a elegancia de Livio á brevidade de Sallustio. Mas pelo que respeita á historia, é reputada pelos litteratos da Grã-Bretanha ter pouco merecimento, por quanto, a primeira parte é um tecido de fabulas, sem datas, nem auctoridades, e a ultima é a narração d'um partidista acrimonioso, e não d'um indagador e observador imparcial dos factos passados á sua vista.

Esta obra, e a de que fallamos — *De jure Regni apud Scotos* — forão publicadas ao mesmo tempo nos seus

ultimos dias; e quando Buchanan estava no leito da morte o parlamento d'Escocia as condemnou ambas como livros falsos e sediciosos. Acredita-se que James tivera grande parte nesta condemnação; pois não é provavel que elle deixasse passar sem uma excomunhão politica tão grandes offensas dirigidas a sua mã tanto directa, como indirectamente. — Resta fazer menção de duas pequenas producções deste aucthor escriptas em Escocez, sendo a primeira uma grave accusação aos pares de Escocia por causa do assassinio do conde de Murray; e a segunda uma satira mui severa contra o secretario Maitland por ter mudado de partido, a qual tinha por titulo — *Chameleon* —

Buchanan morreu na idade de setenta e quatro annos, no pleno uso das faculdades. As suas obras forão colligidas e publicadas em Edimburgo em dous volumes *infolio* no anno de 1715.

Poesia.

FERNAM RODRIGUES.

(*Cognominado o* Passaro.)

ROMANCE.

O memoravel feito do illustre Portuguez Fernam Rodrigues Pereira, referido em nóssa historia, e especialmente mencionado pelo doutissimo D. Antonio Caetano de Souza na Historia Genealogica da Caza Real no Tomo II pag. 385, prestou valioso assumpto ao fecundo genio do nosso erudito *menestrel* para a composição do lindo Romance, com que sua liberal generosidade continuou a brindar-nos, e que hoje publicamos, e que estamos bem certos ha-de causar grande prazer a nossos leitores, dando por bem aproveitado o tempo gasto em tão aprasivel leitura.

E' com o maior satisfação que nós vemos resurgir este genero de poesia d' antigos, e ditosos tempos, tão proprio para popularisar feitos honrosos da historia patria. Ao Snr. J. B. d'A. Garret deve-se indubitavelmente o renascimento desta poesia nacional; a sua Adosinda é, como já dissemos, um primor d'arte, digno por certo de tão distincto litterato; o Sr. A. F. de Castilho, brilhante ornamento da nossa litteratura, tambem não desdenha enriquecêl-a com valiosas producções poeticas compostas neste estilo; e o nosso estimabilissimo *menestrel*, de cuja amisade muito nos honramos, sabe

empregar a natural tendencia de seu talento, e genio poetico, aproveitando desta arte os numerosos assumptos que lhe presta o vasto conhecimento que possue de nossa historia. O feito de Fernam Rodrigues foi por certo mui bem escolhido, e tanto mais, quanto por ser este mesmo Fernam Rodrigues, aquelle a quem o moço Alcoforado (no Romance de D. Lianor de Mendoça) depois de colhido pelo Duque D. Jayme entregou a sua espada; e assim o interesse do leitor crescerá mais quando lêr este novo Romance; e para sua mais cabal intelligencia o faremos preceder do seguinte resumo historico, que lhe servirá como d'argumento.

Ainda que o laborioso autor da Historia Genealogica da Caza Real diz que Fernam Rodrigues Pereira era filho de João Pereira, criado do Infante D. Fernando, irmão de ElRey D. Duarte, lê-se a folhas 148 do Tomo 20 do livro de familia daquelle illustre Portuguez, que o nome de seu pae era Francisco Rodrigues Pereira, e seu terceiro filho; quando o dito Infante casou sua filha a Snr.ª D. Isabel com o desditoso Duque de Bragança D. Fernando, o mandou com ella por seu veador; e depois da lamentavel catastrofe do Duque, teve ella o judicioso accordo, em transe de tamanha afflicção, de confiar ao provado valor e lealdade de Fernam Rodrigues o precioso penhor de seus tres filhos, enviando-o com elles para Castella, para a Corte dos Reis Catholicos, de quem a Duqueza era Prima co-irmãn, sendo o infeliz Duque D. Fernando tio da Rainha Catholica.

Era difficilima, senão impossivel, a correspondencia para Portugal, e tão anciosa estava a Duqueza viuva de saber novas de seus filhos, quanto desejosa a Rainha Catholica de lhas enviar; desta empreza s'incumbiu Fernam Rodrigues, passando da Andaluzia a Portugal com as cartas: e porque ElRey D. João 2.º andava muito sollicito na indagação das communicações que os filhos do Duque podião ter com Portugal, tomou todas as precauções para conseguir este conhecimento; muito bem sabia Fernam Rodrigues que D. João 2.º havia dado apertadas ordens para a fronteira para ser escrupulosamente examinado qualquer viandante que de Castella passasse para Portugal, e por isto disfarçado em trage

de romeiro, a pé e andando de noite a deshoras, cometteu a empreza de que s'incumbira; mas nem assim mesmo escapou á vigilancia d'ElRey, que mal soube por seus espiões que elle era entrado em Portugal, ordenou sua prisão com as maiores cautellas, a fim de haver ás mãos as cartas que elle trazia; foi esta prisão incumbida a um Alcaide da Corte, que é o mesmo que Corregedor, e como Fernam Rodrigues sentisse proximo de si algum ruido, que logo attribuiu a proceder de gente da justiça, no que se não enganou, não tendo meio algum de evitar a apprehensão das cartas, sem perda de tempo as comeu, de modo que quando foi accomettido e prezo já as tinha no estomago. Foi em continente condusido á presença d'ElRey; a por mais apertadas perguntas que lhe forão feitas, só respondeu, que vinha ver seus parentes, amigos, e fazendas: e como isto parecesse impossivel a ElRey, este depois d'empregar os meios da convicção, fazendo-lhe entre outras valiosas promessas, a de veador da sua caza se descobrisse o objecto de sua vinda, recorreu aos meios de rigor, e bem que violentos forão elles, carecendo-se de grande constancia, e firmeza para não succumbir, nem porisso delles obteve ElRey melhor resultado; de modo que enfadado com tanta resistencia, o mandou para uma prisão perpetua, e como prezo estava em quanto ElRey viveu; posto que alguns annos depois abrandou um tanto seu primeiro rigor, assignando Alvarás para que o mesmo Fernam Rodrigues sobre fianças podesse visitar as Igrejas nas Endoenças; para ir ouvir missa a Igreja; para sahir de Santarem, se ali entrasse a pestilencia, que começava a grassar, e até para ir visitar suas fazendas. Estes Alvaras são, um feito por o Secretario Affonso Gonsalvez, em 17 de Fevereiro de 1487 em Almeirim, outro na mesma villa, por Rui de Pina em 31 de Março de 1488; outro feito em Setubal por Affonso Gonsalves, a 6 de Janeiro de 1489; outro feito em Santarem por Fernam Rolim em 18 de Janeiro do mesmo anno; &c. —, e depois disto o mesmo Rei lhe mandou passar um Padrão em que lhe fez mercê de sete mil reis brancos de tença em cada anno. Logo que pelo fallecimento deste Monarca lhe succedeu ElRey D. Manoel este o mandou soltar, mandando lançar-lhe o Habito de Christo

com vinte mil reis de tença; e logo depois disto o enviou a Castella a fim de acompanhar para Portugal os filhos do Duque de Bragança; D. Jayme era então o mais velho, e no caminho lhe fez mercê do officio de seu camareiro, e a doação de certos bens que o mesmo D. Jayme possuía em Santarem, em attenção aos grandes serviços que elle Fernam Rodrigues havia feito ao Duque D. Fernando e a elle D. Jayme; de cujos bens os fóros e pensões erão a parte mais valiosa, e que constituião o forte da caza do doado, e de seus successores e herdeiros, do que estes em razão das leis novissimas se achão agora privados com grandissimo detrimento da sua familia.

Fernam Rodrigues foi Alcaide mor de Borba e Monforte, e Commendador de Parada em Santarem; cazou nesta villa com sua Prima D. Helena de Brito Patalim, filhade Duarte Pereira Patalim; e é hoje seu representante José de Sousa de Menezes, mui distincto cavalheiro de Villa Viçoza, aonde tem o seu solar.

FERNAM RODRIGUES.

CANTO I.º

Pelas terras da fronteira
Caminhava um peregrino,
Traz na capa uma vieira
Rota já do uzar contino.
Traz o bordam, e as contas;
Traz nos pés umas sandalias,
Seu barrete nam tem pontas,
Seu gibam umas mortalhas:
Um cordam do rijo esparto
Cinje o corpo estreitamente;
Seu par'cer de magoas farto
Demostra penas que sente:
Suas barbas sam grisalhas,
Seu cabello é todo cam;
Nem tezouras, nem navalhas
De ha muito sabe o que sam.
Seus olhos scintillam fragoas
Medindo tudo ao redôr,
Mas p'ra logo manam agoas
Que lh'embaciam fulgôr:
Seu ademan é tam nobre,
Bem composto seu andar,
Que nam parece de pobre;
Mas é de pobre o trajar.
Vém das terras de Castella:
A que vém? elle nam diz;
Romeiro de Compostella
Portuguez, mas infeliz.

Vem buscando sempre as serras;
Foge sempre o povoado,
E d'Alemtejo nas terras
Já entrou o desgraçado:
Que desgraçado é de certo
Quem faz tanta romaria
De prigos cercado e perto,
Só, callado, noute e dia.
Era o veram, horas de sesta,
E deparou c'uma fonte;
Agoa tam bôa como esta
Nam a tem este horizonte:
E cançado do caminho,
E dos cuidados cançado,
Cuidou por um bocadinho
Repousar no sitio azado.
O seu livro de rezar
De sobre o peito tirou,
E ao depois de o beijar,
Com devaçam nelle rezou:
Mas era tanto o cançasso
Do muito qu'andado tinha,
Que dalli a breve espaço
Adormeceu bem azinha.
Era a fonte conhecida
Dos caminheiros, pastores,
E delles mui concorrida
Nos do estio calores:
Um homem por hy se fôra,
Para matar a secura,
Que por certo áquella hora
Em taes sitios mal se atura:
Alli viu o peregrino
Dormindo junto da fonte,

Ao pé delle livro divino,
Nobre seu ar, sua fronte:
Sinaes trazia sabidos,
Mas nam sam os de quem busca.
„ Tem este pelos crescidos,
„ Sua barba é densa, e fusca.
" Nam é este o que procuro,
„ Elle nam tem os seus sinaes,
„ Nem elle dormira seguro,
„ Assim só em sitios taes „
Já vai longe o caminheiro
No peregrino a pensar:
Torna atraz, e mais certeiro
Ainda o quer consid'rar:
Dorme ainda socegado
Tem o livro ao pé de si,
E no somno descançado,
Mesmo dormindo sorri.
" Som livro encadernado!
„ Com broxes de prata finos!
„ Um tal livro, em tal estado
„ Nunca o tem peregrinos „
Chega ao pé delle sorrateiro,
Toma o livro, e nelle vê,
Uma cifra, e um letreiro
Que lhe dizem de quem é ...
" Tenho certo o galardam,
„ Agora serei feliz;
„ Mas o sangue d'um christam,
„ Ai! por certo me maldiz.
„ Que mal me fêz este velho
„ Para assim eu ó vender,
„ O' mal o haja o conselho
„ Que tal me faz cometter:

„ Mas qu'importa? eu obedeço.
„ Eu sou fiel a meu Rey,
„ Por ventura grande preço
„ Desta acçam conseguirei „
Nesta lucta o caminheiro
Algum tempo esteve incerto,
Mais emfim, por derradeiro,
Gentes chama que tem perto.
O interesse da maldade
Fez-lhe a maldade esquecer;
Condiçam que a humanidade
Tanto sohe perverter.
O tropél da gente armada
O peregrino acordou,
Vae a puchar pela espada,
Mas espada nam achou.
„ Sem armas o cavalleiro
„ Nunca poude combater:
„ Agora sou um Romeiro
„ Ninguem me deve offender:
„ Mas o segredo que tenho
„ Certo ninguem saberá;
„ Nem saber a que eu venho
„ Força d'homem poderá „
Toma as cartas que trazia,
Facilmente as engoliu:
Ainda isto fazia
Quando cercado se viu.
Eram pioens, cavalleiros,
Tambem gentes da justiça
A quem pobres, e Romeiros
Nunca fizeram cobiça.

AGOAZIL.

Prezo sois, ó peregrino,

Da parte do Senhor Rey :

PEREGRINO.

Eu nam sou um assassino,
Nem os bens d'outrem furtei;
Vou seguindo meu destino
Romagem que comecei.

AGOAZIL.

Prezo sois, ó peregrino,
Da parte do Senhor Rey;
Elle dirá vosso destino;
Ante elle vos levarei.

PERIGRINO.

¿ Mas d'um pobre peregrino
Que pertende o Senhor Rey?

AGOAZIL.

O que de vós ElRey quer,
Elle mesmo vo-lo dirá
Antes do anoitecer,
Pois daqui nam longe está. —
— Antes da noute chegáram
A' Corte de Dom Joam,
Que o *Perfeito* chamáram,
Sabe Deus se com razam.
Estava em Evora Cidade,
Cidade nobre, e real,
De remota antiguidade
Segunda de Portugal.
Ao passar pello rocio
Toda a gente se callou,

Mesmo algum se descobrio,
Um *de profundis* rezou ...
Dos olhos do peregrino
Jorrou torrentes de pranto,
Beijou o livro divino
Que tinha sido d'um santo.

AGOAZIL.

Foi aqui decapitado
Por crime d'alta traiçam
Dom Fernando desgraçado;
Justo foi o galardam:
Pola ley foi justiçado
Com justiça, e com razam:
Por ElRey o foi mandado,
Alto Senhor Dom Joam.

PEREGRINO.

Deixai em paz quem descança
Já no seio do Senhor,
Que da justiça a balança
Só elle tem no fiador;
Na dos homens a vingança,
Por vezes tambem amor,
A's vezes desconfiança,
Outras vezes o temor,
Nos pezos fazem mudança
Qu'alteram justo valor.

AGOAZIL.

Dom Fernando de Bragança,
Ao seu Rey foi um traidor...

PEREGRINO.

Vós o dizeis porque a lança

Não vêdes do contendor ,
Se a visseis ... talvez que mansa
Ficára a sanha , e furor ...
Nisto nos Paços entravam
O Peregrino, Agoazil ,
No patio os outros ficavam ,
Fazendo juizos mil.
„ Quem será este Romeiro ? „
He a pergunta de todos ,
„ Elle parece cavalleiro.
„ No fallar, no gesto , e modos „
— He por certo um espiam ,
Disse um pagem „ eu aposto ,
„ Destes trages d'Ermitam
„ Por aqui , bem pouco gosto „
— Nada — , nam , é romaria
„ Qu'algum santo prometteu.
„ Nunca faças zombaria
„ D'um homem por trage seu.
Isto disse um velho ao pagem ;
O pagem nam contestou ,
Porem fez uma viagem
Como de quem duvidou.

De caçar tinha chegado
A seus Paços Dom Joam:
E logo lhe annunciárão,
O Agoazil, e Ermitam:
E foi o seu Camareiro
N'uma salla introduzi-los,
A um porteiro ordenando
A um'outra conduzi-los.
Sós ficáram, — tristemente
D'um brandam allumiados,
E com pensar bem differente
Ficáram ambos callados,
Té qu'emfim o Agoazil
Conversa quiz encetar,
Sendo o meio astucioso
De segredos penetrar.

AGOAZIL.

Grande cuidado por certo
Vos deve dar a prizam?
Se sois monge do deserto,
Que vos dá tanta paixam?

PERIGRINO.

Nada temo, nem receio,
Nada tenho que temer,
O que tenho? no meu seio
Hade morrer comigo.

Tenho pena d'um Christam,
Feito Judas treiçoeiro,
A vender um seu Irmam
Por vil preço do dinheiro ...
— Então as portas d'outra salla
De par em par se abriram,
Do Romeiro ao contempla-la
Côres ao rosto subiram ...
Um porteiro os faz entrar
Perante o Rey Dom Joam,
Qne apenas os vê chegar
Mostra alguma torvaçam. —

ELRey.

Quem sois vós?

Agoazil.

De vossa Corte
Eu, Senhor, sou Agoazil,
Cumprir venho desta sorte
Emprego que nam é vil ...
Aqui trago um peregrino,
Conforme as ordens reaes,
Que de certo é paladino
Dos vassallos desleaes:
Por espiam o tomei,
Vem das partes de Castella,
N'um seu livro deparei
A cifra... que podeis vê-la:
Ao passar polo rocio
Dom Fernando defendeu.

ELRey.

O Rey, e patria trahio.

Foi um vil, — e vil morreu...
Quem és tu?

PERIGRINO.

Um desgraçado
Que perdeu o seu Senhor,
Longes terras tenho andado,
Mas não passou minha dôr:
E' o meu nome Fernam,
Rodrigues, meu appellido:
Eu nam sou um espiam
Por *leal* sempre fui tido. —

ELREY.

Serás tu o Camareiro
Que era do de Bragança?

PERIGRINO.

Nam minto; — sou cavalleiro,
Mas quebrou-se a minha lança:
Eu fui sim, o camareiro
Do que em paz no céo descança.

ELREY.

Fostes vós o que levastes
Seus filhos para Castella?

FERNAM RODRIGUES.

Senhor si.

ELREY.

E que salvastes
Suas joias, e baixella?

FERNAM RODRIGUES.

Senhor si. — Fiz meu dever :
O Senhor Duque eu servia,
E serví-o ate morrer,
Como servil-o cumpria.

ELREY.

Por certo mui bem fisestes
Em servir vosso Senhor,
Nem dirá de mim ninguem
Que ao que é bom nam dou louvor.
Mas para que disfarçado
Nesses trages d'Ermitam ?
Trouxestes algum recado ?
Ou foi só por devaçam ?

FERNAM RODRIGUES.

Vinha vér os meus parentes,
Que ha muito que 'os nam vi ...

ELREY.

Carta alguma dos absentes
Nam trazieis ?

FERNAM RODRIGUES.

Senhor si.

ELREY.

Vós por certo sois leal,
Pois que ao Rey vós nam mentis :
Vós mostraes que em Portugal
Honra val mais que seitis : —
Vós sereis meu Camareiro,

Dar-vos-hei muitas Comendas,
Vós sereis o meu Couteiro,
Dar-vos-hei mui grossas rendas.

FERNAM RODRIGUES.

Beijo as mãos a Voss'a Alteza;
Mas eu nam posso aceitar.

ELREY.

Nam é por certo baixeza
Reaes graças disfructar;
Muito mais vossa nobreza
Quem poderá contestar?

FERNAM RODRIGUES.

Ninguem a salvo o fazia
Quando tinha a minha lança,
Que só ao Rey cederia
Real caza de Bragança...
Mas servidor treiçoeiro
Eu trocára o meu Senhor,
Eu seria um intersseiro,
Venderia o meu amor...
Serviços a Vossa Alteza
Nunca mais posso fazer,
Pois meu Senhor com dureza
Cruel morte fez morrer.

ELREY.

Dai-me as cartas que trazeis,
Pois mercês nam aceitais;
Nos Paços repousareis,
Depois ide onde queirais.

FERNAM RODRIGUES.

Eu da mam de Vossa Alteza
Couza alguma aceitarei.
Nem a pousada, ou a meza
Por vontade tomarei ...
N'este sitio o meu Senhor
Por vós mesmo foi detido,
E daqui ao cadafalso
Innocente conduzido ...
As cartas que eu trazia
Tenho dentro do meu seio,
Só mostra-las poderia
O peito rasgando ao meio ...

ELREY.

Pois que vossa condiçam
Nam quiz a nada mover-se;
Nem ao premio, e galardam
De vosso Rey quiz render se;
Nos tormentos se confesse,
Diga segredos que traz,
E a tortura nam cesse
Sem que os diga; — isto me apraz. —
Sete tratos de polé
Lhe déram feros algozes;
Nem os martyres da fé
Os sofreram tam atrozes. —
Nem um ai, — nem um lamento
Exhalou o desgraçado,
Té que a força do tormento
O deixou como finado.
Mettido n'uma masmorra
Nam lhe deram çurujoens,

Mas nam quer Deus elle morra,
Nem lhe pezem seus grilhoens.
Assim sete annos passaram,
Sete annos e mais um dia,
Do Rey dias se finavam;
Fernam Rodrigues vivia.
Já o Rey arrependido
D'haver sido tam cruel;
E até enternecido
Por ver servo tam fiel;
Lhe mandou Ordem de Christo
Com tença muito avultada,
Querendo mostrar com isto
Estar sua alma emendada;
Qu'as desgraças que sofreu
Perdendo o filho querido,
Lhe mostraram ser do Céu
O castigo merecido.
E apenas levantado
Foi ElRey Dom Manoel,
Foi a Castella mandado
Ante a Raynha Izabel;
P'ra condusir seus sobrinhos,
Os filhos de Dom Fernando,
A quem fez muitos carinhos;
Seus bens, e caza entregando.

E Dom Jayme de Bragança
Ao ver o seu Camareiro,
Maldição eterna lança
Ao ingrato que primeiro
De sua alta geraçam
Desfizer a doaçam

Que lhe fez tam generoza
Como a acçam fôra famoza :
Que nam cabe em coraçam
Que é nobre , ver um tal feito
Tanto amor, tanto respeito ,
Tanta fé , tanto valor,
Tantas magoas, tanta dôr ,
Tantos tormentos , e penas ;
E ver as pagas pequenas.
Pois que nam ha galardam
Que pague tanta amizade,
Qu' é eterna a obrigaçam
Quando é tal a lealdade.

FIM.

Sciencias.

MEDECINA.

Combustões humanas espontaneas. — O corpo humano é, em certos casos, susceptivel de s'inflammar espontaneamente, e reduzir-se a cinzas d'uma maneira mais ou menos completa. Este terrivel phenomeno, a que se tem dado o nome de combustão humana espontanea, tem sido por muito tempo duvidado, e com effeito, em razão de sua excessiva raridade, e da impossibilidade em que s'está de poder explical'-o satisfactoriamente, assim devia succeder. Mas o tempo tem multiplicado os exemplos, homens de grande capacidade os tem testemunhado; todas as particularidades destes exemplos forão attentamente notadas por taes observadores, e actualmente, apezar da constante incerteza das causas que podem dar lugar a este modo estranho de destruição, os sabios concordão geralmente em admittil'-o como real.

Não é só á curiosidade que o incendio do homem vivo, sem a participação de combustiveis, e sobre tudo de corpos em ignição, pode offerecer interesse. Sem duvida, se reflectirmos na enorme quantidade de lenha que necessitava a incineração dos corpos entre os antigos, se pensarmos nas difficuldades que se encontravão, em tempos ainda bem proximos a nós, para executar as sentenças d'uma justiça barbara, teremos razão de nos admirar da rapidez com que se opéra a combustão de que se trata: mas deve-se encaral'-a ainda debaixo d'outro ponto de vista mais interessante para a sociedade, e vem a ser o de medicina legal. Lecat e Vigné fizerão

conhecer dous casos deste genero, em que a inexacta apreciação do acontecimento fez recahir sobre a cabeça de duas pessoas innocentes a suspeita dos crimes de homicidio e d'incendio.

E' por tanto da maior necessidade a diffusão dos conhecimentos que hoje possuimos sobre factos tão extraordinarios. Nós vamos primeiro fazer conhecer um certo numero d'observações até hoje publicadas; examinaremos depois os phenomenos, e veremos finalmente se as explicações que se têm dado são ou não a expressão da verdade.

1.º *Combustões humanas espontaneas geraes.*

1.ª *Observação.* — Engracia Pitt, da provincia de Suffolk (Inglaterra), de idade de sessenta annos pouco mais ou menos, costumava levantar-se todas as noutes, e sahir quasi nua de seu quarto, para fumar um charuto. A dez d'abril de 1774, sua filha, que dormia com ella, admirada d'estar só quando acordou, desceu logo á cozinha. Viu sua mãe deitada sobre o lado direito; a cabeça pouco distava das grelhas do lume, o corpo repousava sobre o lar, e as pernas sobre o solho que era de pinho. Assemelhava-se a um canhoto consumindo-se a fogo lento; a filha apressando-se a emborcar dous vasos cheios d'agua viu desenvolver-se um fumo extremamente fedorento. Examinando-se o tronco, appareceu semelhante a um montão de carvão coberto de cinzas esbranquiçadas; a cabeça, os braços, as coxas e as pernas tambem tinhão soffrido. — Diz se que, neste dia, Engracia Pitt bebera muitos licores espirituosos para festejar a chegada d'uma de suas filhas que viera de Gibraltar: mas é tambem necessario advertir ao mesmo tempo que não havia lume no fogão, que a vela com que Engracia Pitt se allumiava tinha sido inteiramente consumida, e que junto ao cadaver se achavão um abano, e os vestidos d'um menino a que não tinha chegado o fogo.

2.ª *Observação.* — Maria Clues, de 50 annos de idade, era dada ao vinho havia um anno pouco mais ou menos, e cada dia, bebia pelo menos meio litro (pouco mais d'uma libra) d'agua-ardente de cana (rhum) ou d'agua ardente anisada. No decurso de fevereiro, ella foi atacada d'uma ictericia que a obri-

gou a recolher á cama; mas não deixou por isso de beber, e de fumar todos os dias um charuto. No primeiro de março, a sua enfermeira deixou-a ás 11 horas e meia da noute, depois de ter posto no lume dous grandes pedaços de carvão de pedra, e ter posto uma luz em cima d'uma cadeira, ao pé da cama que era parallela ao fogão, do qual apenas distava tres pés. A's cinco horas e meia da manhãa, viu-se sahir fumo pela janella; arrombou-se á porta, e encontrou-se então, entre o leito e o fogão, em lugar da desgraçada Clues, uma coxa e uma perna ainda inteiras: os musculos e as visceras tinhão sido inteiramente consumidas; os ossos do craneo, do thorax, da columna vertebral e das extremidades superiores estavão perfeitamente calcinados e cobertos d'uma eflorescencia esbranquiçada. Os moveis, com tudo, tinhão soffrido tão pequeno damno que causou admiração: a parte da madeira da cama que correspondia ao fogão apresentava em sua superficie ligeiros indicios d'acção do fogo, mas o colchão de pennas, os lençoes e os cobertores nada tinhão soffrido. Um medico, o doutor Wilmer, que entrou no quarto duas horas depois, achou-o ainda cheio d'um fumo mui desagradavel, e as paredes, assim como todos os outros objectos lhe parecêrão cobertos d'uma camada fuliginosa.

3.ª *Observação.* — Em 1775, Lecat habitava em Reims, e morava em caza d'um chamado Millet, cuja mulher, acostumada a fazer um grande abuso de licores espirituosos, foi encontrada consumida em sua cosinha a distancia de pé e meio do fogo; o corpo inteiro, á excepção d'uma parte da cabeça, d'uma parte das extremidades inferiores e algumas porções dos grandes ossos, tinha sido reduzido a uma especie de cinza gorda. Os arranjos domesticos de Millet, diz Lecat, erão dirigidos por uma creada nova e bonita; e esta circunstancia bastou para fazer nascer suspeitas sobre o genero da morte. Um Cirurgião, o Snr. Chretien, foi encarregado de levantar os restos do cadaver com todas as formalidades uzadas em tal cazo, e a justiça incumbida do negocio, o examinou e proseguiu com viveza. A probidade e a innocencia do infeliz Millet não poderão abrigal-o da suspeita de se ter desfeito de sua mulher por meios taes; elle foi condemnado segundo todo o

rigor da lei; e posto que, em consequencia d'um recurso a uma instancia superior, fosse depois alliviado da sentença, não deixou com tudo de ser arruinado, e ir terminar seus dias n'um hospital.

4.ª *Observação.* — A condeça Cornelia Bandi, de Cesena, de idade de 62 annos e gozando boa saude, tinha-se desde longo tempo acostumado a esfregar o corpo com alcool concentrado. Uma noute pareceu pezada e somnolenta em quanto ceou; no entanto nada indicava gravidade alguma em seu estado; tambem se deitou e adormeceu segundo o costume. No dia seguinte, a sua camareira, indo ao pé d'ella, achou-a no estado seguinte: a quatro pés de distancia da cama pouco mais ou menos, estava um monte de cinzas com duas pernas, uma porção do craneo, e tres dedos carbonizados. A cinza era gorda, unctuoza, e as paredes da camara continhão uma ligeira fuligem.

5.ª *Observação.* — Em fevereiro de 1779, a viuva Gravier, baixa, muito gorda e abuzando de bebidas alcoolicas, foi achada incendiada em sua camara. O doutor Rocas, chamado para verificar este caso, não achou senão restos do cadaver e alguns ossos tão calcinados que pela menor pressão se reduzirão a pó. Os ossos do craneo, uma mão e um pé tinhão sómente escapado em parte á acção do fogo. Uma cadeira, muito proxima do lugar occupado pelo corpo inflamado, tinhão-se-lhe queimado os pés de diante e o assento, mas nenhum dos outros moveis tinha sido tocado pelo incendio. Circunstancias particulares provárão claramente que esta combustão se tinha operado em sete ou oito horas.

6.ª *Observação.* — Madama Thuan, de Caen, muito gorda e de mais de 60 annos de idade, foi encontrada espontaneamente queimada, a cinco de junho de 1782. Esta mulher, mui dada ao vinho, tinha tomado no mesmo dia do accidente tres garrafas, e tinha bebido, alem disto, um quarteirão d'agua ardente. O Snr. Merille, cirurgião que foi incumbido d'examinar o cadaver, achou o cimo da cabeça apoiado contra um dos ferros do fogão, a desoito pollegadas do fundo, e o resto do corpo obliquamente posto adiante do fogão. O todo, finalmente, não era mais que uma

massa de cinzas; não podião reconhecer-se entre os ossos senão o coronal, os dous parietaes, duas vestebras lombares, uma porção da tibia e uma parte do omoplata, ainda estes mesmos tinhão sido calcinados a um tal ponto que a mais ligeira pressão os pulverisava. O pé direito achou-se inteiro e inflammado; o esquerdo tinha sido queimado. Neste dia fazia frio, com tudo não havia no fogão senão dous on tres pequenos pedaços de páu. Alem disto, nenhum dos trastes do quarto tinha sido damnificado, nem a mesma cadeira em que Thuan estivera assentada, posto que não distasse do corpo mais que um pé. As diversas resenhas que se obtiverão provarão que tal combustão s'operara em menos de sete horas.

7.ª *Observação.* — O Snr. Robertson tinha, ha trinta e tantos annos, um domestico apaixonado por agua ardente, e que até chegava a beber o alcool destinado para as construcções dos thermometros. Succedeu-lhe uma vez beber uma garrafa sem intervallo entre cada copo que tomava; tendo depois querido accender o seu charuto, o vapor contido no estomago inflammou-se com uma explosão que apagou a vela. Em fim, um dia foi encontrado queimado a pouca distancia do lugar em que se assentava para trabalhar.

8.ª *Observação.* — Uma mulher de idade de noventa annos, e sua cosinheira de idade de sessenta e seis, habituadas ambas desde muito a abusarem d'agua de Colonia e de vinho assucarado, dormião ambas na mesma camara. A treze de janeiro de 1820, os vezinhos sentirão o cheiro proprio ás substancias animaes em combustão. Uma mulher entrando neste quarto e sendo quazi suffocada, gritou e acudiu-se: logo que o espesso fumo que enchia a camara se dissipou, viu-se que o leito d'aquella mulher estava inteiramente queimado. Não havia o menor indicio de lume no fogão; dous castiçaes estavão, um sobre o fogão, o outro no chão, porem não continhão vela; no lugar que tinha ocupado a parte anterior do leito notava-se a extremidade d'uma perna revestida de sua meia, tendo ainda o sapato no pé, era a perna direita da creada e a unica parte de seu corpo que não foi incinerada. No lugar em que a ama devia ter a cabeça, quando estivesse

deitada, estava um craneo sem carnes; todo o resto foi consumido, menos uma porção da pelle do pescoço involvida n'um lenço vermelho que servia de gravata. O leito da cosinha e todos os outros trastes estavão intactos. O Snr. doutor Charpentier, de Nevers, a quem é devida esta observação, sómente notou que as travessas da cama se tinhão enegrecido.

9.ª *Observação.* — Os Snrs. Orfila e Devergie consignárão na Encyclopedia moderna o facto d' uma mulher velha cujo corpo s'evaporou, desapareceu quazi totalmente, por uma cauza interna e desconhecida, no espaço d'hora e meia pouco mais ou menos. Achou-se sobre o pavimento uma fuligem gorda, e cinzas com restos d'um cadaver humano. Um cheiro extraordinario se sentia em todo o quarto.

10.ª *Observação.* — O Snr. Etoz Demarey, boticario em Mans, publicou uma observação muito minuciosa d'uma combustão d'este genero, e que apresentaria ainda maior interesse se os medicos da Cidade em que o accidente teve lugar se tivessem dado ao trabalho d'nm exame necropsico. Clotilda Herpain, cazada com Guy, çapateiro em Ferré-Bernard (Sartha), de idade de 53 annos, d'um temperamento limphatico-sanguineo, ha muitos annos que tinha passado a chamada época critica sem que sua saude fosse alterada; esta mulher muito gorda, e habitualmente viva o muito alegre, queixava-se com tudo de pezo de cabeça, somnolencia e de palpitações. Em a tarde do dous de fevereiro de 1829 (o thermometro de Reaumur marcava quatro graos abaixo de zero; a pressão barometrica era de 76 centimetros; o tempo era bello, o vento soprava nordeste), Clotilda vestida de grossos tecidos de lãa, sahiu para mercar um quartilho d'agua ardente; era, disse ella, para fazer pasteis, mas suppõe-se com razão que beberia uma grande parte.

Seu marido deixou-a ás seis horas, e sua filha meia hora depois, estando ainda occupada a frigir os pasteis. A's 7 horas, Guy entrou em caza; os pasteis estavam feitos e postos em cima d'uma meza; o lume do fogão consistia em alguns tições apenas accesos; não havia no quarto nem luz nem carvões incandescentes. Clotilda estava assentada n'uma pequena cadeira a pou-

ca distancia do fogão, uma mão elevada á altura da cabeça lha sustentava, e com a outra, ella parecia apoiar-se sobre o pavimento. Vendo sua mulher immovel, Guy a julgou dormindo, e questionando-a e não lhe respondendo, elle abanou com a cadeira. Logo viu lume em seus vestidos, e para melhor o apagar, arredou-a do fogão e a deitou sobre o solho. Porem o movimento imprimido ao ar excitou pelo contrario a combustão que se avivou e tornou geral, e n'um instante forão os vestidos consumidos. Os visinhos acudirão, trouxerão luzes, mas o fumo era tão espesso que o tacto só podia servir de guia, porque se não via nada; o cheiro era tão fedorento que alguãs pessoas o não poderão sofrer, e tal era sua intensidade que se sentia na rua a uma distancia de mais de 50 metros. Agua lançada sobre o corpo ferveu e augmentou a actividade das chamas, que erão até ahi ligeiras e de cor violete, quasi semelhantes ás que são produzidas pela agua ardente: somente a applicação de panos molhados, as poude extinguir. Quando o fumo desapareceu em parte, e que cessou a admiração, examinou-se o cadaver: era horrivel. A cabeça conservava ainda alguns de seus cabellos; o nariz, os beiços, os olhos e as orelhas estavão destruidos; o tronco, e os membros estavão cobertos d'escharras negras mais ou menos profundas e inteiramente carbonizadas em algumas partes; um pé e uma mama tinham unicamente escapado ao incendio.

A gordura corria á maneira dos oleos. Certificou-se ao Snr. Etoc Demarey que algumas vezes os escarros que a mulher Guy lançava sobre os carvões ardentes s'inflammavão como se estivessem impregnados d'um liquido alcoolico, e que no momento em que se lançara agua sobre o corpo, se vira sahir delle uma lavareda que parecia da grossura do braço.

Não é duvidoso que se a combustão se tivesse abandonado a si mesma, ella teria sido completa como nos casos precedentes. Porque razão, visto que assim não aconteceu, os doutores que habitavão em Ferté Bernard não aproveitárão esta circunstancia favoravel para examinar o cadaver em todas as suas partes e com o maior cuidado? Porque razão o juiz de paz que dirigiu um processo verbal deste acontecimento, o fez sem exigir a presença d'um homem d'arte?

Miscellanea.

Na Europa Portugueza de Manoel de Faria e Souza pag. 98 *do* 3.º *vol. edição de* 1680 ,, *se acha a seguinte noticia a respeito de um filho de D. Antonio , Prior do Crato , — que foi o terceiro , e se chamou D. Pedro.* ,, Este hijo se llamó del Decierto en la Religion de S. Francisco , señalado en virtud , y en letras. — *E' tudo que ha de real na composição que se segue. — Muitos edificios porem temos visto com bem mais fracos alicerces.* —

O PROSCRIPTO.

Conto.

Estranhas praias , ignoradas gentes ,
Barbaros cultos vi ; gemi n'angustia ;
Fenei ao desamparo , em soledade ;
Vaguei sosinho á mingua , e sem conforto
— — — — — — — — — — — — — — — — —
Tudo soffri no alento d'huã esp'rança ,
Que no instante de vê-la me ha fugido.

Garret , — Camões.

1.º Quadro.

Desde o começo do 16.º seculo que Cintra , — a bella e encantadora Cintra , situada a distancia de cinco leguas ao Oesnoroeste de Lisboa , goza em certos tempos do anno das vantagens de uma metropole. Foi

El-Rey D. Manoel que mais concorreu para seu augmento; pois que frequentando muito este sitio, mandou edificar os Paços, que com pequenas alterações ainda hoje la existem; e que apezar da sua modestia e pouquidade, não deixão por isso de constituir um dos monumentos mais caracteristicos daquella idade.

Seus successores seguírão o exemplo; e mormente no estio, em que a frescura dos bosques contrasta tão agradavelmente com a intensidade do calor da Cidade, não só os Monarchas, — que tambem a maior parte da Côrte, se acolhia áquellas sombras deliciosas, onde passava quasi toda a estação. Deu isto lugar a que se fabricassem muitos palacios e cazas de campo, que hoje são por ventura luxo e arreio do lugar, posto que em grande parte deteriorados, e alguns mesmo inteiramente destruidos.

Não forão porem os palacios e cazas de campo na proporção da concurrencia. Muita e muita gente ali se reunia, que não tinha habitação propria: e isso fez com que se estabelecessem a cabo de pouco, não commodas hospedarias á moderna; mas estalagens e tavernas, que davão gasalhado, e o necessario aos hospedes que as demandavão.

Entre estas havia uma, que por sua boa fortuna, e talvez porque o merecesse, gozava de maior credito do que nenhuma das outras. E com effeito, o escote era moderado, os guisados bem adubados, o vinho excellente; e sobre tudo, Gil Esteves, dono do estabelecimento, tinha muito bom modo, couza rara na sua classe. Assim, todo o mundo preferia a taverna *da Cabeça de Mouro*, symbolo baptismal que a representava, e a que o Hippocrates da terra chamava em sua erudição de humanidades, *Caupanium Gilis excellens.*

Foi nesta estalagem ou taverna, que no crespusculo de uma tarde de Maio, entrou certo individuo, cujo trajo indicava ser homem de baixa extracção: mas em que a figura elegante, mimo e regularidade de feições, e certo ar e garbo senhoril, reluzião atravez do vestuario. A' primeira vista pois, qualquer o tomaria por um villão dos arredores; logo porem que se affirmassem nelle, hezitava-se, e quasi que se mudava de

parecer insensivelmente.

Cobria-lhe a cabeça um barretinho escuro lançado á banda com seu golpe ao viez, tomado com laço de fita azul, cheio de pontinhas de latão mourisco esmaltadas de branco. Por debaixo do barrete, se escapavão melenas de fino cabello mui castanho, que naturalmente anelladas, ião pousar-se no colarinho da camiza, todo em volta bem lavrado de pardo: de resto, seu pelote e ferragoulo de vinteno, e umas calças de gardalate branco com a berguilha debruada de veludo preto, e sem nenhuma daquella fabrica, e curiosissimo artificio, que então usavão nobres e casquilhos com o nome pomposo de *imperiaes*. Ao lado pendia-lhe um bom verdugo, que junto á perna se ia encontrar com as botas de jornada, todas cheias de pó, e muito mal tratadas.

Quem conhecer os usos da epocha a que havemos transportado nossos leitores, não terá grande difficulculdade em marcar todos os lados porque este individuo podia ser considerado. Nesse todo que descrevemos apparecem certas anomalias; quando menos, entre a figura e o trajo ... e essas anomalias, devião de dar assumpto a desconfianças sobre as relações que existião entre uma e outra couza. Todavia, não nos consta que ninguem se lembrasse disso, e o sugeito passou pelo que dezejava passar em seu forçado e mal ataviado disfarce.

Quando entrou, ninguem estava na taverna; e Gil Esteves, repousando das fadigas do dia sobre um banco de cerdeira, meditava talvez em alguma especulação de seu mesquinho commercio.

Logo porem que vio importar um hospede, foi sahir-lhe ao encontro, e saudál-o com sua costumada urbanidade.

Aguarde-vos Deus, lhe disse elle, creio que vindes de jornada; e bem fatigado por certo ... Assentae-vos; e dizei-me se quereis comer alguma couza?

— Vos agradeço a offerta, respondeu o outro, reservo-me para a ceia, que conto me arranjareis para depois de trindades.

— Ao menos um copo de Colares ... (o fidalgo continúa) que ninguem o tem como eu em toda esta redondeza. Leva as lampas a quantos por ahi ha. Se

vos não dicessem donde era, havieis do tomál-o por Carcavelos ou Setubal.

— Não duvido da excellencia do vosso vinho, e espero saboreál-o á vontade.

— Como vos aprouver. —

— E que quereis cear, amigo? ...

— Deixo a escolha ao vosso arbitrio.

— Bravo! — gosto de quem se fia em mim para essas couzas ... e nunca eu tenha um hospede que me pague, se não ficardes satisfeito com minha eleição. Attendei-me. Um prato de azevias tiradinhas d'hoje... com sua seladeta de rabanetes ... e para compor o estomago, meio cento de berguigões, heim?

— Optimo! estaes-me fazendo um appetite de esfaimado.

— Bom apetite, e a bolsa cheia ... são as duas primeiras qualidades de um hospede estimavel: ah! ah! ah! ...

— Que hospedes tendes por ca?

— Isso de hospedes está em quarto minguante. Os Hespanhoes não gostão muito de Cintra, e hoje tudo vae com elles. Os Monarchas passados ... oh! esses muito se aprazião em passar aqui alguns mezes. Tempos, tempos! ... Agora, nem um homem póde fallar á sua vontade! Que Deus nos acuda, e tenha compaixão de nós. —

— Então nem um hospede sequer? ...

— Apenas o Mestre Rodrigo, physico de Lisboa. E esse mesmo veio porque o chamárão.

— Quem o chamou?

— O Duque de Bragança, que tem a filha mais velha, D. Maria se chama ella ... pois era uma donzella guapa! ... Uma vez me aconteceu ...

— Mas que tem a filha mais velha do Duque de Bragança? ...

— Que tem? ... pobre rapariga, que está quasi a dar a alma a Deus... Porem, que é isso? Estaes pallido como um morto!... Parece que desmaia ... Acudão cá, acudão ca! ...

Nesta exclamação se voltou o estalajadeiro para dentro, a ver se alguem lhe acodia; mas quando tornou, o estrangeiro tinha desapparecido.

2.°

A pouca distancia da villa, existia uma pequena capella, que tinha sido mandada construir por D. Alvaro de Castro, do Conselho del-Rei D. Sebastião e seu vedor da Fazenda, a rogo e recommendação de seu illustre Pae, o grande D. João de Castro, Vice-Rey e heroe da India. A esta Capella se anexava um cenobio, que pelo mesmo D. Alvaro fôra doado aos religiosos da forma de S. Pedro de Alcantara, ultima divisão da ordem dos Franciscanos.

Esta capella, de que a parte nobre foi construida no concavo de uma roca, ainda hoje se vizita com interesse, e constitue uma das notabilidades daquelles sitios. — Mesquinho recinto de orações e preces, não é por certo menos agradavel ao soberano creador de todas as maravilhas. Immenso, infinitamente grande e poderoso, sua imagem e seu culto cabe á larga no pequeno espaço do coração que o adora.

Amanhecia apenas; e entrava nesta capella o mancebo de que acima fallamos. Seu rosto desbotado, os olhos pizados, uma melancolia profunda espalhada em toda a sua figura... davão a entender que a noute antecedente lhe tinha sido penosa. — Logo que entrou, se prostrou de joelhos diante da imagem do Christo, e entre o som de um suspiro, proferiu estas palavras. — Oh meu Deos! salvae-lhe a vida... eu não posso viver sem ella.

Quando acabou, duas grossas lagrimas, que continhão mais dor e desespero do que o pranto de uma duzia de carpideiras, lhe escorregárão pelas faces abaixo. Ainda esteve alguns minutos, e depois, levantando-se, começou a caminhar com direcção á porta; mas quando se aproximava della, encarou com um ermita, que junto da pia d'agua benta, parecia aguardál-o.

Com effeito, chegando-se a pequena distancia, o ermita lhe dirigio a falla. — Que fazes por aqui, lhe disse elle, acazo poderão os capuchos da serra consolar das penas d'amor?...

O mancebo não esperava ser interrogado, e se admirou, como era bem natural, de ver que um es-

tranho, lhe fallava de tão bruseo modo.

Para mais embaraço e enleio, o interrogante se curvava debaixo do pezo da idade: pois nestes tempos, menos civilisados do que as eras d'ouro que nos felicitão hoje, um ancião era para os mancebos como um Deus, a quem veneravão com respeito. Assim, posto que offendido com a curiosidade do Ermita, o nosso heroe lhe respondeu em bons termos.

— Muito reverenceio as cans da vossa cabeça, e as rugas de vosso rosto, todavia, custa-me a supportar que vos mettaes a querer averiguar os meus segredos. Se fosseis d'outros annos...

Dizendo isto, foi insensivelmente com a mão ao punho do verdugo; e o Ermita, dando-lhe um sorrizo em paga da chança e brio que o afrontava, lhe tornou deste modo.

— Se fosse d'outra idade, não podera aconselhar-vos como posso agora. Quando tivesse a mesma vontade, faltava-me a experiencia, e sem experiencia, meu filho, nem um so passo seguro se dá nesta vida da miseria.

— E sabeis vós, prosegue o dialogo, se eu quero ou posso seguir esses conselhos, que de tão bom grado me offereceis?

— Sei que haveis mister delles, e tanto basta. Aceitae a mão de um guia, de que muito precisaes neste momento. Tão novo ainda, caminhando n'um sólo cheio de tropeços, quem, quem poderá mostrar-vos os immensos precipicios que vos cercão?...

— Saltarei por elles.

— E vossa vida em risco?...

— Com a espada sei muito bem defendêl-a.

— Defendêl-a-heis mesmo contra a corda do algoz que vos espreita?...

— Não tenho crimes.

— Mas tens direitos, tens sangue de Monarchas...

— Quem vos disse meu nascimento e origem?...

— Esses ares, que através de todos os disfarces vos estão trahindo a cada passo.

— Mentis, velho impudente.

— Negaes debalde, meu filho! — Eu sei tudo.

— E então que sabeis?...

— Sei que proscripto, vossa cabeça tem preço, como que se fosseis reo dos mais negros crimes.

— Por S. João de Malta, que não fallaes verdade.

— Era a ordem de Cavallaria de vosso Pae; mas jamais elle a invocou para sustentar uma mentira.

— Uma mentira? — Vêde como fallaes, ou mesmo aqui...

— Insensato! Em vez dessas ameaças, melhor fôra que viesseis lançar-te nos braços do amigo de teu Pae.

— Vosso nome?...

— Não te lembras, D. Pedro, de um homem, unico homem que não temeu prisões, nem cadafalsos, para defender sem descanço os direitos de D. Antonio?...

— Mas vosso nome?...

— Não te lembras de Diogo Botelho?...

— Diogo Botelho?...

Dizendo isto, se foi precipitar nos braços do velho ermita, e mil lagrimas de ternura, se misturárão ali por longo espaço. — D. Pedro precisava tanto de chorar!... As lagrimas parece que alivião o coração magoado, como a chuva alivia uma atmosphera carregada. Assim, depois que chorou, foi-lhe licito soltar um ai bem á vontade, que até aquelle momento parecia suffocál-o, sem que podesse salvar o lumiar dos labios.

3.°

A Quinta da Penha Verde é uma das couzas mais bonitas que tem a villa de Cintra. Todo seu luxo consiste na espessura do arvoredo que a assombra, unica vegetação que ali se deviza. Pendurada, para assim dizer, n'uma grande elevação da encosta do monte, parece um ramo de verdura, que nasceu ao acazo dentre as fendas dos rochedos. Faz esta Quinta parte do vinculo instituido por aquelle D. João de Castro, de que acima fallamos, sendo uma das obrigações de seus administradores não a cultivarem jamais, e deixarem que a mão de Deus tome sobre si o cuidado de seu arreio. Hoje pertence á familia de Saldanhas, nobre por sua antiguidade, e pelos illustres varões que teem nascido de seu sangue. Sempre que entramos nella nos lembra comparál-a a uma tragedia de Shakespeare; simples,

sublime, e bella.. como a natureza em seus dominios.

N'uma de suas extremidades havia, e ainda hoje se conserva no mesmo estado, um recinto em meia laranja, para que se entrava por duas escadas, quasi impedidas com o tronco de um copado sobro. Esta arvore, parece estar ali de guarda, e dizer aos que lhe demandão entrada, *tomae tento em não profanar este lugar.* E com effeito elle não deve ser profanado; pois la existe uma pequena ermida com invocação do senhor crucificado, e algumas sepulturas, que hospedão os despojos de differentes vidas humanas.

A vista que se descobre deste ponto é por ventura maravilhosa. A' feição de um panorama, de que amètade estaria coberta por um lençol de folhage, póde o espectador gozar um grande quadro em semicirculo, representando a meia face do horisonte que lhe fica para o norte. Ao longe, devisa-se o oceano em toda a sua magestade, e mais perto uma grande extensão de terreno, pela maior parte cultivado, e cheio de pequenas povoações, que lhe dão vida ás mãos cheias. Um pouco para o nordeste se eleva em suas dimensões colossaes o grande convento e palacio de Mafra, que dista d'ahi trez leguas. Maravilha d'arte; e monumento duradouro da louca superstição de um Monarcha do 18.° seculo.

Em toda esta descripção, e por vida nossa, que temos sido mui avaros de promenores, não tocámos ainda n'um magestoso despenhadeiro, que se descobre logo que alguem se aproxima de uma especie do parapeito, que está no fim deste recinto. Muito de proposito o reservámos até este momento, e isto porque não podiamos deixar de identificál-o, com o painel que vamos a descrever.

Meia noute tinha ja batido no relogio de Nossa Senhora da Pena. A atmosphera estava nublada; mas de quando em quando, atravez da espessura das nuvens, passava um raio da lua, brilhante e languido como o olhar de uma odalisca. Então, esse raio illuminava com sua fraca luz todos os objectos; e parecia estender um veo tecido de prata sobre a sumidade dos rochedos.

N'uma dessas vezes, em que a lua desatava seu esplendor dentre as massas que a offuscavão, cahiu por

acazo maior porção de luz sobre o recinto ou adro, de que ha pouco fizemos menção. Ah! por essa occasião não alumiou ella tão somente as campas das jazigos. Um vulto foi victima tambem de seu reflexo. E que era este vulto? ... O pobre D. Pedro, que fazia elle neste sitio?.. aguardava occasião de ver a sua Maria, que para tomar ares tinha vindo habitar a quinta da Penha Verde.

D. Pedro estava pois debruçado sobre o despenhadeiro. Seus olhos medião com prazer todo o espaço de sua profundidade. A enorme e rota penedia, toda a escabrosidade de seu precipicio parecia amenisál-o. Nenhum quadro naquelle momento lhe seria mais deliciozo; e nenhuma musica mais harmoniosa do que o sussurro de uma grande cachoeira d'agua, que se debatia a pouca distancia com os penedos em que se quebrava. Tal era o estado da sua alma, que só horrores lhe aprazião. E quem não tem conhecido em sua vida algumas horas deste desespero?

Abstrahido inteiramente das couzas deste mundo, só uma idea atravessava o pensamento. Maria enferma, Maria proxima do volcão incommensuravel da eternidade. E esta idea continha em si todo o porvir de sua malfadada existencia. E porque não preveniria elle o soffrimento de tamanho golpe?.. Um abismo se abria a seus pés; e este abismo podia offerecer-lhe um leito de repouso, um Leucates em que se esquecessem todas as penas que o acabrunhavão.

Estava o infeliz D. Pedro no fio destas cogitações melancolicas, quando sentiu que alguem lhe punha a mão sobre o hombro. Voltou-se de repente, e deu com os olhos no Ermita seu amigo.

— Tudo dorme no Palacio, lhe disse este, e D. Maria deseja ver-vos, e dar-vos o Adeus extremo.

— Nenhuma esperança pois? respondeu D. Pedro suffocado pela dor que o opprimia.

— Nenhuma, senão a da vida eterna, lhe tornou Diogo Botelho.—O Mestre Rodrigo acaba da abandonál-a.

— Oh meu Deus! dae-me forças para soffrer este golpe.

Dito isto, ambos caminhárão silenciosos, como a solidão que os cercava.

4.°

Uma vasta camara era apenas alumiada pelo clarão crepuscular de uma lampada. Sobre um sophá de damasco verde jazia quazi sem alento uma bella figura de mulher toda vestida de branco. Seu rosto pallido, ja não tinha outros simptomas de vida mais do que o lume de dous olhos azues, cuja doçura enamorava. Podia tudo isto comparar-se a uma estatua de marmore, que cahíra de seu pedestal, e jazia agora sobre a relva de um prado. Suas bellas formas, que transparecião dentre as roupas tão ligeiras, concorrião ainda a sustentar a comparação, que acabamos de fazer. Diante deste relevo estava D. Pedro como petreficado. Um joelho em terra, seus beiços se colavão sobre a mão branca de neve, mas ardente pelo calor da febre. Nem um nem outro fallava; e cada vez que a lampada produzia um reflexo sobre as projecções deste rosto, e destes contornos, o coração do amante estremecia, e se apertava como n'um instrumento de tortura.

Por fim, rompeu ella o silencio; e com a voz macia e rachada, que tanto distingue os pulmonares, voz, que se aparenta com o vagido das crianças, com o chilro dos passaros, e mais do que tudo, com a rouquice do moribundo, deixou cahir com difficuldade de seus labios descorados as seguintes palavras.

— E' n'outro mundo, meu D. Pedro, que Deus tem destinado nossas bodas.

— Não, tu não podes morrer... minha alma está tam preza á tua, que quando uma partir, a outra deve partir com ella.

— Vive... vive: eu to ordeno.

— Viver sem ti!.. e para que?...

— Para orares a Deus pela minha alma.

— Anjo entre os outros anjos, serafim entre os serafins, tua alma pura e nobre, é ja do Ceo antes de deixar a terra.

Seguiu-se a isto um grande espaço de silencio.

— Em que pensaes tão absorto? disse Maria, fazendo um esforço para poder ver mais á vontade o rosto de seu amante.

Um ai foi toda a resposta que houve delle.

— Em que pensaes? tornou ella, erguendo-se com difficuldade sobre um dos lados; em que pensaes?... E as louras tranças se desenrolárão em volta de seu pescoço, como fitas d'ouro, que adornão uma imagem divina.

— Em que penso?.. ah! que posso eu responder-te — Proscripto, perseguido... tudo arrisquei para ver-te um momento. — Que ideas se não estendèrão diante da minha imaginação faminta?.. Esse momento de ver-te, figurava-se-me como um Ceo, onde tudo é gozo, onde tudo são delicias. — E por fim...

— Por fim, em vez da bella Maria, encontras um cadaver... em vez d'um thalamo, encontras um feretro; em vez de bodas, um enterro. Não murmures das ordens divinas... Que somos nós para sondar-lhe os arcanos?.. Sinto-me tão opprimida!...

Depois de uma pequena pausa, Maria continuou.

— Eu ainda hei-de viver alguns dias. Não chores por ora, conto que nos vejamos mais vezes. — Sinto-me tão fraca!..

D. Maria ja não podia fallar. — O alvoroço que lhe havia causado a vista do amante, acabava de consumir o resto de forças que possuia. — Um suor frio lhe cobriu o corpo todo, o braço que a sustinha dobrou-se debaixo do pezo de seu corpo, e este corpo se deixou cahir como morto.

D. Pedro se levantou de repente, e vergando-se sobre ella, ainda poude colher n'um beijo as ultimas primicias da vida. Nesse beijo se havia exhaurido o derradeiro sopro de uma existencia de vinte annos.

5.°

Passados alguns tempos depois desta catastrophe, contou-se, que n'um convento de Franciscanos tinha morrido um santo religioso, cuja penitencia e severidade havia feito desta vida um caminho seguro para a felicidade eterna. — Seu nome era Fr. Pedro do Deserto, e quando forão para amortalhar seu cadaver, achárão-lhe unida ao peito uma grande medalha de ouro, cheia de finos e bellos cabellos louros. Em um dos lados desta medalha apparecia curiosamente aberto a buril um M. e um P., e no reverso, este verso de Ovidio.

Scilicet omne sacrum mors importune profanat...

INDICE.

Das materias contidas neste Numero.

I. Historia — Memoria Biographica do Conselheiro José Ferreira Borges. (*Quarta e ultima Parte*)..... 317

II. Biografia — Jorge Buchanan : Lente na Universidade de Coimbra (*com um retrato*) 331

III. Poesia — Fernam Rodrigues : *Romance*..... 339

IV. Sciencias — Combustão humana espontanea. 358

V. Miscellanea — O Proscripto : *Conto* 365

15 DE OUTUBRO DE 1838.

REVISTA LITTERARIA.

Paleographia.

DOS LIVROS e MANUSCRITOS,

ANTES E DEPOIS DA IMPRENSA.

A herança dos productos intellectuaes, junta á perenne transmissão das conquistas da humanidade, constitue o grande motor do progresso social. E como se terá feito semelhante transmissão? Porque prodigioso milagre é que se conseguiu que através de tantos obstaculos nada do que é necessario se tivesse perdido? Custa a crer! Apenas ha tres seculos é que o cunho da immortalidade se gravou nas obras do espirito humano; so desde essa epocha é que ellas ficárão confiadas a uma sublime e conservadora tutella — a IMPRENSA. Antes porem desta epocha qual seria a milagrosa protecção que no meio das ruinas dos imperios, entre as guerras, os incendios, e desastres, a pezar da incuria da multidão, preservou o precioso deposito das tradições scientificas e historicas, os fructos do genero humano em seus primeiros ensaios, os annaes dos po-

vos, da industria, e das artes? Serão authenticos os monumentos que ainda durão? quem nos diz que alguns impostores audases não fabricárão toda a historia, toda a poesia, e todas as religiões dos antigos tempos? e que o pretendido thesouro de nossos conhecimentos não é uma vasta illusão, um romance bibliographico com que impudentemente nos embalárão, e que fez passar por nossos olhos embaidos não sei que phantasmagoria de falsos Tito-Livios, falsos Virgilios e falsos Homeros; mascaras de theatro adoptadas por alguns monges laboriosos, que em seus ocios cenobiticos tomárão para si zombar do futuro?

A questão é muito grave. Ella transpassa muito o circulo litterario; e offende todos os nossos interesses de crença, d'herança, e d'existencia social: vae finalmente muito adiante do que á primeira vista se pode imaginar. Não terão acazo nenhum valor todos os titulos das cazas reinantes? que certeza haveria nas descendencias das familias? e serão por ventura uma irrisão, e uma perfeita burla os estudos que a Europa civilisada hoje admitte como indispensaveis? Se é certo que autores apocrifos podérão por tanto tempo embair o mundo, e usurpar uma autoridade fraudulosa, então são nullas as provas da religião christãa, e caducão todas as religiões europeas. Se não houver um *criterio* necessario para avaliar a transmissão sincera dos manuscritos nos antigos tempos, e a idade dos livros nos tempos novos, nenhum facto se poderá asseverar, e tem de se renunciar a toda a certeza historica. Ninguem ha que possa jurar que Homero, que é para nós um objecto de culto, não fosse algum villão da Baixa-Normandia, nascido no duodecimo seculo, educado em algum mosteiro, e feito abbade pelos seus confrades. Quem sabe se algum ocioso do septimo ou oitavo seculo escreveria a Eneida; e se toda a bibliotheca dos classicos não passa d'um engano temerario e feliz?! O jezuita Hardouin, escritor d'engenho, e ousado, não teve receio de sustentar estes paradoxos.

E que razão haveria para a antiguidade não ter seus falsarios como os tempos modernos? Chatterton cubriu-se com a mascara de Rowlei; Macpherson com a d'Ossian, Ireland com a de Shakespeare. Ireland a-

maldiçoado por seus compatriotas, justamente irritados por um tal sacrilegio contra o seu Deus, morreu n'um palheiro. Chatterton convencido de fraude, de desesperado matou-se. Porem Macpherson, o mais impudente de todos tres, foi recompensado com titulos honorificos e bens da fortuna. Elle fundou uma escóla; enganou homens d'engenho, metamorphoseou um bardo selvagem em imitador de Milton, de Shakespeare, d'Young, e da Biblia; e fez que por mais de meio seculo loucamente se admirasse uma das miserrimas frioleiras que tem illudido a critica. A habilidade do seu charlatanismo, e a feliz manipulação por elle empregada, abonárão uma voga tão completa ao *pseudo* Ossian, que um homem espirituoso na Italia, Cesarotti; um genio na Allemanha, Goëthe; um conquistador na França, Bonaparte; se prostrárão loucamente perante o idolo. Que motivo d'interior ironia não devia isto ser para Macpherson! bem sabia elle que todo este estylo e todas estas ideas nascidas da mais redundante rethorica, d'uma mui ridicula imitação biblica, e d'uma imperfeita copia d'Homero e dos Skaldas, exclusivamente lhe pertencião. Elle bem sabia de que se compunhão os fragmentos barbaros do verdadeiro Ossian, fragmentos que depois da sua morte forão encontrados e publicados. Ahi, nesses fragmentos, em vez do sublime d'encommenda, e das guindadas exclamações que Napoleão fingia admirar, o verdadeiro Ossian falla e respira. Elle diz a S. Patricio: *Caro Santo, vós sois um grande burro*! Fingal furta a Gaulo, filho de Morven uma posta de carne, que este ja tinha guizado com cebolas; furto que occasiona uma grande desordem entre os sobreditos heroes, a qual não acaba sem ser acompanhada de formidaveis injurias.

Se fraudes tão manifestas tiverão sequito e voga nos modernos tempos; se um pouco d'artificio, e muita ouzadia chegárão a enganar alguns dos criticos mais affamados; que difficuldade não haverá então para provar a authenticidade das producções antigas, testemunhas de tantas catastrophes, prodigios de conservação, sobrevivendo aos imperios, e mantendo sua santa juventude no meio das reliquias dos finados reinos!

Por uma parte a *Paleographia*, e por outra a *Diplomatica*, duas sciencias desconhecidas da gente frivola, e tidas em menos preço, levárão a luz a esta escuridade. Uma esclarece a transmissão dos livros, diz as suas epochas d'apparição e *renascensa*, e fixa a data de todos estes depositos successivos, em que o pensamento humano se conservou intacto. A outra, mais difficil e mais abstrusa, tomou a seu cargo o conhecimento dos manuscritos, determinando-lhes as datas com a maior exactidão, assim como os autores provaveis. Este ultimo estudo, cujos dados se firmão sobre multidão d'investigações delicadas, de resultados obtidos com grande paciencia, e de bem calculadas conjecturas, sahiu ja todo completo e vigoroso desses mesmos mosteiros, injustamente desprezados, e que durante toda a idade media cobrírão com suas protectoras sombras os restos das antigas luzes. Os padres Mabillon, e Montfaucon, notaveis ambos por sua extensa erudição, e por seu esclarecido talento, publicárão obras admiraveis ácerca da *Paleographia* e da *Diplomatica*, que ainda se poderão completar, e ampliar a muitos respeitos, mas que com tudo podem servir de bazes, e hão-de sempre ser modelos. Ultimamente um membro da sociedade real, e da sociedade dos antiquarios de Londres, M. Thomas Astle, guarda-mór dos archivos da capital, publicou um excellente tratado systematico sobre a origem da *escrita* e da *imprensa*. E por fim o Snr. Isaac Taylor occupou-se particularmente dos meios de verificar a authenticidade dos manuscritos antigos, e de explicar o milagre que salvou tantas producções do espirito humano. Tal é o objecto da sua *Historia da transmissão dos livros antigos ate aos nossos dias*, e d'um segundo tratado muito mais conciso, mas não menos curioso, sobre o *modo de estabelecer a certeza historica*.

Assim foi atravessando os tempos uma sciencia que á primeira vista parece chimerica, e de que apenas havia ideas antes do fim do decimo setimo seculo. Em 1781, Mabillon escrevendo o seu prefacio a Colbert, gabava-se de ter creado o estudo a que se tinha dado, „ estudo que antes delle não tinha outras regras nem „ outros limites alem dos que inventava o capricho de

„ de cada qual „ . Montfaucon em 1708 publicava a sua *Paleographia* , obra , que pelo que elle diz [em seu estylo chão] , deve captivar o leitor , não tanto pela utilidade , como pela amenidade e novidade : *jucunditate et novitate.*

Antes de chegar aos ultimos resultados d'uma sciencia tão nova , e que ja deixou de ser hypothetica e conjectural , vamos expor succintamente por meio de que instrumentos materiaes chegou o homem em primeiro lugar a pintar o seu pensamento e a fixal'-o , e depois a fazel'-o immovel e indestructivel. Estudemos a historia dos manuscritos e dos livros , os caracteres , e as variações da escrita e da imprensa , durante as phases porque uma e outra passárão. E como esta, analyse é puramente europea , ponhamos de parte a historia das escritas symbolicas , usadas nas civilisações incompletas. Nunca em tempo algum qualquer nação chegou a um desenvolvimento social verdadeiro e sublime , sem decompor os sons que formão as palavras , sem transformar estes mesmos sons em caracteres , sem recompor a palavra que voa e foge (*dicta volunt*) , sem a immobilisar sobre uma substancia solida , por meio de lettras juxta-postas (*scripta manent*) ; immenso e incrivel trabalho ! A pintura com que os Egypcios, Mexicanos , e Chinezes supprem a falta de escrita propriamente dita , é uma simplificação ; mas uma simplificação barbara , e ruinosa , porque põe pêas ás forças do entendimento , e do progresso civilisador. Prevenindo as modificações da lingua , ella a fixa , e petrefica-a para sempre ; produz uma materialisação intellectual que peza para sempre sobre um povo. Não ha senão uma creação de que o espirito humano deva ser vaidoso : a não ser ella , seria a sociedade , como na China , uma simples associação de castores de dous pés , mais ou menos industriosos. Se não fosse este instrumento , os homens mais sagazes , e mais habeis vegetariao em eterna infancia. Este pae das sociedades , o motor unico de todo o aperfeiçoamento , é o *alfabeto.*

Os mais antigos vestigios que nos restão da escrita são aquelles que seus autores confiárão a materias solidas , ao ferro , ao marmore , e ao bronze. A maior parte das leis e estatutos tem sido perpetuados por in-

scripções deste genero. O incendio que devorou o Capitolio no reinado de Vespasiano, destruiu mais de tres mil tabulas de latão. Os Gregos, Orientaes, e Septentrionaes seguírão o mesmo uso. Quando Voltaire mette a a ridiculo o versiculo do Pentateuco em que se encontra a ordem de gravar em pedra as palavras da lei, dá nisto uma prova da sua habitual leviandade. Os rochedos do Indostão, as cavernas da Suecia e Dinamarca estão cheias d'inscripções runicas, e de caracteres sanskritos. Empregava-se tambem a madeira para este uso em tempos mais antigos. A palavra *Codex*, especialmente consagrada para as collecções judiciarias deriva-se da casca das arvores; oitocentos annos antes da era christan, recommendava Salomão a seu filho que tivesse todo o cuidado em gravar as palavras paternas nas *tabellas do seu coração.* Os Romanos servião-se de pequenos pedaços de madeira polidos e cortados em placas muito delgadas, que em principio empregárão sem preparação, mas sobre as quaes estendião ultimamente uma camada de cera. O nome porque communmente os designavão era *Pugillares*; e *Vitellianos* quando nelles escrevião intrigas amorosas, e cartas de namorados. Tambem erão conhecidas dos Romanos as tabellas de marfim, que elles dispunhão em folhas como fazemos hoje com o papel, e sobre as quaes escrevião com um lapis de chumbo. Quando as nossas damas d'hoje vão para o baile munidas de tabellas semelhantes para nellas escreverem a lista dos seus pares de dança, mal pensão ellas que levão prezos em seus cintos uns restos d'herança de costumes romanos. —Da mesma forma se dispunhão folhas delgadas de chumbo, nas quaes erão os caracteres traçados com um ponteiro de metal. Montfaucon vio um destes pepuenos livritos compostos de papel de chumbo (*charta plombea*, como diz Suetonio), o qual tinha oito folhas, sendo somente seis as que servião para escrever, porque a primeira e a ultima fazião as vezes de capas.

De todos estes materiaes nenhum remonta a mais alta antiguidade do que a pelle de cabra, ou de vitella, que se curtia de maneira que ficasse macia, flexivel e duradoura. Depois de tinta, ordinariamente de vermelho ou amarello, formava-se um volume, isto é,

um rolo (*volvendum*) grudando pelas extremidades grande numero de pelles, que podesse conter a materia d'um volume, que ás vezes chegava a cubrir o espaço de cem pés. Os Orientaes, e principalmente os Hebreus, uzavão particularmente deste methodo de escrita, que Herodoto attribue aos Jonios, Diodoro de Sicilia aos Persas, e o Exodo aos Hebreus. E' muito provavel que o autographo da lei mosaica fosse traçado por seu autor em pelles assim preparadas e tintas. O viajante Buchanan obteve dos judeus negros do Malabar (raça curiosa, e que, segundo Wolfius, descende de oitenta judeus que escapárão á perseguição de Tito) os mais curiosos de todos os manuscriptos do pentateuco. Este exemplar conhecido dos sabios pelo nome de *Malabarico* ou *Indio*, existente hoje em Cambridge, compunha-se originariamente d'um rolo de noventa pés inglezes. Falta-lhe o Levitico e uma parte do Deuteronomio; e as trinta e sete pelles de cabra, tintas de vermelho, que o formão, cobrem unicamente quarenta e oito pés de comprimento com vinte e duas pollegadas de largura. As columnas, em numero de cento e desesete perfeitamente claras e legiveis, mas sem *pontos vogaes* (1), contem quarenta a cincoenta linhas de largura. Este manuscrito é um dos mais curiosos e dos mais antigos que ha em todo o mundo: a exquisita viagem que este monumento da legislação judaica fez de Jerusalem até á costa do Malabar, justifica o valor que os sabios lhe dão, e serve de desculpa aos pormenores com que delle temos fallado. Na bibliotheca de Vienna d'Austria existe um manuscrito mexicano cheio de geroglyphicos inexplicaveis. Fernando Cortez enviou-o a seu amo Carlos Quinto: é traçado em pelle de cabrito, e coberto por cima com uma massa esbranquiçada; o que, á vista da sua semelhança com os manuscritos hebraicos e orientaes da epocha primitiva, prova a aptidão dos homens de todos os paizes e de todos os tempos para seguirem os mesmos processos na creação das industrias.

Deve em segunda ordem ser collocado o *pergami-*

---

(1) Chamão-se pontos vogaes certos signaes com que alguns Povos orientaes marcavão as lettras para as fazerem vogaes. *N. do T.*

nho, que os Romanos chamavão pergamena (Pergamo era o centro do commercio deste genero), e a que tambem davão o nome de *membrana*. O pergaminho ainda não está abandonado pelos modernos. Os primeiros historiadores gregos referem o uso desta pelle a uma epocha antiquissima. A escrita em pergaminho requer o emprego d'uma penna molhada em materia colorante.,, ,, Bom methodo, diz Quintiliano para os que tem a ,, vista fraca. Mas, pelo que toca aos outros, acon- ,, selho-lhes que usem das tabellas de cera: os carac- ,, teres são nestas menos distinctos, e canção a vista, ,, mas o impulso do espirito não é a cada instante ,, cortado e interrompido pela necessidade de tomar ,, tinta: não se interrompe assim de momento a mo- ,, mento o trabalho ardente do pensamento.,, Aquelles que ignorão a immensa difficuldade da composição original, os obstaculos que se oppõem á fiel reproducção do ideal formado no espirito, lerão talvez com desprezo a minuciosa recommendação do critico, assim como a seguinte nota de Goethe que vem nas suas Memorias. Esta nota parece muito analoga á passagem de Quintiliano, e por isso a copiaremos. ,, Quando ,, eu sinto nascer a inspiração, diz elle, largo a pen- ,, na, e pego no lápis. A penna tem caprichos; ella ,, faz barulho, e espirra, mesmo debaixo da mão que ,, a guia. O lapis rapido obedece sem resistencia.,,

A maior parte dos manuscritos anteriores ao sexto seculo são em pregaminho, ou em *velino* (especie de pergaminho muito mais fino); materiaes estes por extremo duradouros. A humidade, o calor, e o andar dos tempos não os aniquilão nem mesmo deteriórão consideravelmente. Os Romanos em geral preferião o pergaminho mais delgado. Quando se querião manuscritos preciosos, tingião-se de purpura, d'azul escuro, ou de rôxo: e quasi sempre se juntava á tinta um liquido extrahido do páo de cedro, com o intuito de conservar o manuscrito. Os titulos com tinta vermelha pertencião ás obras de luxo. Entre os manuscritos mais preciosos que a Gram-Bretanha possue, devemos citar o *Codex Cottonianus* da versão grega do Velho-Testamento, escrito em pergaminho em lettras onciaes. Nenhum manuscrito desta versão se pode gabar de ser

mais antigo. Henrique VIII recebeu o de dous bispos gregos, que o trouxerão de Philippes; passou depois das mãos da rainha *Elisabeth* para as de sir John Fortescue, seu mestre de grego. Suppõe-se que elle pertence ao fim do quarto ou principio do quinto seculo; e esta mesma data é attribuida a um outro manuscrito da mesma bibliotheca, que contem uma parte do novo testamento em grego, e escrito em caracteres de prata, em fundo cor de purpura ja um pouco desmerecido pelo tempo.

Usar-se-hia ja em algum tempo de pelles de peixe preparadas em vez de papel, como suppõe Montfaucon? Semelhante asserção parece-nos, pelo menos, duvidosa. Pelo que pertence ás folhas d'arvore, principalmente de palmeira e bananeira entre os Orientaes, isso é incontestavel. Usava-se especialmente da casca interior de certas arvores (liber, *biblos*), especialmente da de tilia. Daqui vem a palavra *livro* (liber), e a palavra *bibia*, o livro por excellencia (*Biblos*).

Estes materiaes erão frageis. Para as obras importantes usava-se de preferencia do pergaminho ou de velino, ou de folhetas de madeira cobertas de cera para a composição literaria, e uso ordinario da vida. Os escritos dos antigos estão cheios d'allusões a aquellas taboas, nas quaes um ponteiro de latão ou de ferro (stylus) traçava os caracteres que se querião formar. Uma das extremidades deste ponteiro (graphius, *grapheion*) era achatada para poder apagar o rego feito com a ponta. Tal é a origem da palavra moderna — *estylo*, e da palavra *apagar*. Os modernos *apagão* ou *riscão* raras vezes, excepto nas transcripções muito melindrosas: hoje basta sujar com tinta as lettras que se não querem lidas. O *estylo* e as taboas dos antigos erão instrumentos perigosos. Quando os assassinos de Cezar o cercárão para o apunhalar, trazia elle na mão as suas taboas; e para se defender serviu-se do seu *estylete* de latão, com que furou o braço de Cassio. Os discipulos d'um certo Cassiano, professor de rhetorica, vendo que seu mestre não era bom orthodoxo, matárão-no a golpes de penna, mas erão pennas de bronze. Foi mister prohibir que os advogados trouxessem comsigo *estylete*; no furor de seus debates elles invocavão

esta arma em soccorro da sua eloquencia, e ferião-se uns aos outros. Vê-se finalmente em Plauto um estudante revoltado contra seu mestre, arremessar-lhe á cabeça o seu caderno, quer dizer, as suas taboas, e deste modo fazel'o fugir. O pao, e a pedra, e ate a cera sobre a qual se gravavão as palavras requerião uma certa força incisiva, que so se podia encontrar em pao, ferro, aço, ou marfim. Ao passo que se foi usando de papel mais brando foi tambem necéssario mudar a natureza das pennas. Fizerão-se a principio pennas de junco, de canna, e de bambu. Os pinceis erão so para as lettras iniciaes. As pennas de pato, de cysne e d'outras aves pertencem ao principio do setimo seculo. Era provavelmente couza muito nova uma penna para Isidoro de Sevilha que morreu em 636; e por isso com gravidade d'historiador elle nos ensina „ que „ os bicos d'uma penna se fazem cortando o seu tubo, „ depois de arrancado da aza da ave, em ponta aguda, „ e dividindo esta ponta em duas partes. „

Os Egypcios introdusírão no imperio romano e na Grecia o *papyrus* que pouco tardou a substituir todos os outros materiaes, e cujo consummo veio a ser consideravel: foi por longo espaço um dos principaes ramos de commercio do Mediterraneo. O papyrus é um daquelles productos naturaes que Deus dotou de tantas propriedades maravilhosas, que, so por si, ellas são bastantes para constituir a riqueza d'um povo. A parte inferior do caule desta planta aquatica serviu para fazer vazos, copos, e outros utensilios domesticos. A parte superior servia para a quilha e carenas das embarcações; a polpa interior era alimento; e a parte fibrosa entretecida fazia cestos, esteiras, cordas, panos mais ou menos grossos, torcidas para candieiros &c.

Do caule ou tronco da altura de trinta palmos, e de quasi dous de circumferencia, colhião-se folhas delgadas, que se dispunhão ao travez sobre uma meza, formando uma especie de tecido, a que so faltava coherencia. Mas para a obter recorria-se á agua do Nilo, a qual, enlodada e cheia de limo, formava um grude espesso que tapava todos os intersticios. As tiras de papel assim humedecidas e encruzadas umas sobre as outras não tardavão a compor uma so massa consolida-

da, cujas suturas se desvanecião com uma forte pressão. Cortava-se depois o papyrus, dando-lhe diversos tamanhos, de dous dedos a dous pés. (2) O papel maior e melhor chamava-se *papyrus imperial.* A segunda especie tinha o nome de *papyrus de Livia.* O *papyrus sacerdotal*, de todos o mais pequeno, formava a terceira e ultima especie. Affirma Plinio que os Egypcios inventárão este processo tres seculos antes do reinado de Alexandre: e Varrão que elle começara a ser usado no tempo deste conquistador. O uso do papyrus ate ao setimo seculo foi quasi universal; mas por esse tempo foi tambem quasi universalmente substituido pelo pergaminho: ate que no duodecimo seculo ficou em total abandono. Um documento escrito em papyrus, e que trouxer a data do seculo decimo terceiro, é necessariamente falso, e diremos mesmo que são rarissimos os manuscritos deste genero, posteriores ao seculo oitavo. Parece sem duvida que na Inglaterra e Allemanha nunca esteve em uso o papyrus, posto que na linguagem daquellas duas nações haja os vocabulos *paper e papier, card e chartre*, evidentemente derivados de termos latinos que designavão o *papyrus*, ou o que com elle se fazia. Passarem os rapidamente pelo papel que os Chinezes fabricão com a casca da arvore chamada *hou-chi;* e o qual so empregão para os manuscritos que não querem conservar por longos annos.

Concordão todos em ter como invento oriental o papel d'algodão ao qual com bem pouco fundamento se tem dado o nome de *charta bombycina*, *papel de seda.* A seda não é propria para fazer a massa adherente do papel. A descoberta do papel d'algodão data do seculo nono, se não for mais antiga: mas a Europa Occidental só o começou a usar no decimo seculo; e este uso so se tornou geral no decimo terceiro. Um escrito latino em papel d'algodão, e datado do seculo decimo

---

(2) Uma Senhora Americana das immediações de Boston fabricou não ha muito tempo com a casca d'uma especie de junco muito parecido com o papyrus (*asclepias Syriaca*), uma especie de papel cuja alvura, solidez e boa qualidade forão gabadas pelos jornaes americanos, e que se compunha, á semelhança do papyrus egypcio, de tiras de papel unidas e crusadas. *Do T.*

deve ser suspeito de falso: pelo contrario um escrito em grego da mesma data, e no mesmo papel, é provavelmente authentico. Quando se começou a fabricar o papel empregava-se o algodão bruto; mas depois foi melhorando muito a qualidade, ao passo que se ião empregando os trapos velhos de pano de linho e d'algodão; o que ao mesmo tempo lhe fazia tambem diminuir o preço. Tal é o papel de que nos servimos, mais commodo, menos caro, e mesmo de mais duração do que a maior parte das materias de que temos fallado.

Destas miudezas historicas não será difficil tirar muitas inducções relativas á idade e authenticidade dos manuscritos. Um manuscrito hebraico sobre o papyrus; um manuscrito Oriental escrito com o ponteiro dos Romanos necessariamente tinhão de passar por apocryphos. A natureza da tinta e a sua cor, merecem tambem não menos consideração. E' manifesto que a tinta dos antigos era melhor que a nossa, e que a receita delles em nada se parecia com a de que hoje fazemos uzo. Pelo que toca á cor, nitidez e duração, não pode haver comparação entre a tinta dos manuscritos do quinto ao decimo quarto seculo, e aquella que se usou desde o decimo quinto até ao decimo setimo. Os eruditos paleographos adquirem, á força d'experiencias, um tacto extremamente seguro, que os habilita para distinguirem, sem receio de errar, a tinta das diversas epochas. Empregavão-se substancias muito diversas para obter tintas de todas as cores, e algumas havia que se empregavão quentes pelo processo *encaustico*. (3) A fuligem das chaminés, o marfim queimado, o mercurio, a prata, o outro, as pedras e as pyrites, tudo servia para este uso. O encaustico sagrado era uma tinta de que os imperadores se servião; nos tempos que se seguírão imitou-se muito bem esta tinta com a qual os copistas gregos escrevião no fim dos manuscritos os seus nomes, o anno, mez, dia e hora em que a obra tinha terminado. Conserva-se um exemplar dos *Quatro Evangelhos*, escritos em lettras d'ouro

(3) *Encaustico* ou pintado a fogo — diz-se das pinturas cujas cores são preparadas com cêra.

sobre pergaminho cor de purpura ; que é talvez o monumento mais splendido da arte dos copistas.

De trinta em trinta annos pouco mais ou menos muda regularmente a forma dos caracteres empregados quer na escritura, quer na impressão ; donde se deduz uma nova e facil inducção adaptada para determinar a idade dos manuscritos. Desde o segundo seculo ate ao decimo quinto ha abundancia de medalhas, de estatuas e de monumentos que contem inscripções ; é facil comparal'os com os manuscritos, e fixar desta sorte a epocha destes ultimos. Antes do meio do seculo quarto, raras vezes se empregavão os caracteres pequenos, ou minusculos. O seu uso foi em certos casos adoptado antes do oitavo seculo ; generalisou-se muito no nono, e no decimo substituírão inteiramente as lettras capitaes e onciaes. Os manuscritos mais antigos, á semelhança das inscripções de monumentos, são em grandes Capitaes ou majusculas; era esta lettra a que se empregava nos documentos importantes, titulos &c. Encontrão-se nas epochas mais remotas, e ate fins do quinto seculo. Os caracteres pequenos so erão usados nas correspondencias particulares.

As lettras capitaes quadradas que a cada passo se encontrão nas inscripções de monumentos, caracterisão particularmente os sinetes e chancellas ate aos seculos onze e dôze. No decimo terceiro tiverão a preferencia as lettras capitaes redondas. As lettras *pontagudas* formadas de linhas angulosas e obliquas ; as lettras *cubicas* notaveis por seu comprimento, e que muitas vezes erão usadas como iniciaes ; e as lettras *rusticas*, que se distinguião por sua irregularidade, conservárão-se ate ao decimo e undecimo seculos com a sua forma originaria. Pelo meio do quinto seculo inventárão os monges as lettras *Onciaes* (alteração da palavra *inicial*), (4) as quaes se distinguem pela forma arredondada e pela sua grandeza, e que se usárão ate ao meio do seculo oitavo. Um manuscrito com lettras onciaes é an-

---

(4) Ha etymologistas que, talvez com mais fundamento, fazem derivar o adjectivo *oncial* do vocabulo *uncia* significando *pollegada*, para indicar a grossura desta especie de lettra — *N. do T.*

mos ainda os *Monogrammas*, os *Siglios*, os *Sigillos*, e as *Cifras*, cujas variantes dão muitos esclarecimentos a este mesmo estudo. Em mui remota epocha inventárão os soberanos pontifices, e os homens poderosos, os *Monogrammas*, ou caracteres, em que n'um pequeno espaço estão amontoadas todas as lettras que compunhão um nome. Os *Siglios*, ou signaes litterarios são contracções syllabaes sujeitas, não ao capricho dos tachygraphos, mas a um systema regular. Muitas vezes uma só lettra representava uma palavra; e era isto frequentissimo na copia dos actos judiciaes e na correspondencia antiga. Cicero terminava uma de suas cartas da maneira seguinte: S. T. E. T. L. N. V. E. E. S. C. V. = quer dizer: *Si tu et Tulia lux nostra valetis, ego et suavissimus Cicero Valemus.* Estas abreviaturas erão tão numerosas que chegárão a compor uma especie de diccionario. Para representar uma serie de palavras, de nomes de convenção, e ate de muitas linhas, empregava-se o *Monocondilion;* isto é, um só traço de penna com muitos altos e baixos, e nós e voltas fazia as vezes de palavras subintendidas; era um verdadeiro geroglyphico, em que se não podia decifrar couza alguma, e em que nem se conservava a forma d'alguma lettra. Os *Sigillos* erão sinetes ou sêllos applicados não só ás cartas, mas tambem ás urnas; ás amphoras, aos lacrimatorios, e aos monumentos funebres. E' claro que comparando a forma dos caracteres, e seguindo suas variações, obtem-se para assim dizer a historia completa da escrituração pelo espaço de vinte seculos; — historia cuja utilidade não custará muito a avaliar, e da qual ainda teremos de fallar. E' impossivel confundir um manuscrito do quinto seculo, com um outro que estiver carregado de *Monocondilios* do decimo terceiro.

[*Continua.*]

A CAVALLARIA e o ROMANCE.

Se dentre as ruinas da idade media vemos transparecer ainda alguma recordação graciosa ; se déssas ruinas nos vem uma especie de sonho deleitoso , uma epopêa , para assim dizer, em que todo o mundo trabalha ao mesmo tempo , renovando-se , ampliando-se sem cessar... é por ventura essa recordação , esse sonho , essa epopêa a historia , a linda e engraçada historia das cavallarias. Que poeticas forão ellas , e que de poesia nos dão tão sublime e prasenteira ! ... Riscae taes paginas , que tresloucados escarnecem , a historia perderá seu brilho ; e de manancial riquissimo , se tornará em fraga esteril , pelo menos para as bellas artes e para a litteratura.

Ainda bem que se não riscão. Deslembrárão-se por tempos ; mas eil-as ahi de novo resurgindo com todo o vigor e luzimento de seus primeiros dias. Onde acharemos sua origem ? ... Até que ponto serviria a verdade de téla para se bordarem tão deliciosas ficções ? ... Em que parte do mundo abririão o calix de sua flor balsamica ?... Sería ao meio dia ?... Os Arabes talvez ... quem sabe ? ... talvez as crusadas , de que essas cavallarias nos parecem o reflexo .. Fosse onde fosse, uma couza houve , uma verdade que lhes serviu de cimento. A verdade , e só a verdade póde crear raizes á frondosa arvore da poesia. O espirito humano não inventa absolutamente fallando , embora elle trate de combinar puras fabulas e quimeras. Com ficções se depara a cada passo ; mas essas ficções formão-se , pelo menos assim o cremos , á conta dos despojos e restos de alguma verdade qualquer. Houve pois um grande acontecimento , um espectaculo extraordinario , que agitando as imaginações humanas , as levou até este sonho das cavallarias , so-

nho que com o andar dos tempos se tornou uma idea commum, uma idea fixa e inalteravel.

Quando teve lugar esse acontecimento? em que lugar se deu esse espectaculo? eis o problema que offerecemos á indagação dos eruditos. Indaguem, indaguem, que pouco mais forão que melhor seja. Estudem a epocha de Carlos Magno, talvez della venhão luzes que illuminem o assumpto. Os homens tinhão com effeito então a imaginação viva e susceptivel... e alem diso, este Carlos Magno, tão elogiado e deprimido ... este caracter magestozo, brilhante, incomprehensivel ... suas emprezas extraordinarias, sua viagem a Roma, sua coroação misteriosa, suas guerras d'Allemanha, suas guerras d'Hespanha, sua luta contra os Mouros, emfim, sua magnificencia, suas festas, os torneios, a corte d'*Aix-la-Chapelle*, verdadeira maravilha erguida dentre a barbaria que a cercava ... são, e são de sobejo, vestigios a que se não deve dar de mão por certo.

Attendamos ao mesmo passo a outros elementos que vem convergir com elles: attendamos ao espirito religioso de galanteria, ao culto romanesco que então havia em favor do bello-sexo. Donde viria este culto? ... talvez de uma origem germanica. *Inesse quin etiam fœminis sanctum aliquid et providam putant;* diz Tacito, quando oppõe a simplicidade destes povos aos vicios da velha Roma. Assim crião elles que as damas tinhão em si fosse o que fosse de prophetico e divino ... e crião bem, Deus me perdoe. — Não erão pois tão barbaros como querem fazêl-os; pois que barbaro não é um sentimento desta nobreza e generosidade. — Depois lhe nasceu do seio a opinião geral da Europa nessa parte, quando o Christianismo emancipou e ennobreceu essa porção tão bella da especie humana, donde passão, como é de crer, para os romances de cavallarias.

O certo é, e não parece pequena semelhante demonstração, que o mais antigo romance de cavallarias foi *la lègende du voyage de Charlemague* por Turpim. Esta vasta epopêa que se estende por muitos seculos adiante, foi-lhe inspirada pelo Monarcha e seus doze Pares: — Bemdito Monarcha e Pares, que tan-

tos livros originárão, dos quaes alguns nos servírão de enlevo á mocidade, e agora de estudo e proveito. — O Ferrabraz, — a Floripes, — Oliveiros e Roldão ... quem ha hi que se não lembre delles no meio das recordações tão suaves e melancolicas de seus risonhos doze annos? ... Ah doze annos, doze annos! ... Quem me dera agora nelles. — !

Em tal voga porem esteve depois o genero, que até Gregos e Romanos vierão ás cavallarias. Pobres Gregos e Romanos, que jamais se lembrárão de tal figura fazer! — Mas fizerão-na na verdade. Alexandre Magno, por exemplo, representa n'um poema do duodecimo seculo, onde os torneios, as fadas, e as allusões a Philippe Augusto são tantas que não sei dizêl-o. E os anachronismos não enjoavão a ninguem; muito pelo contrario os recebião com agrado como que se fossem seus vizinhos ali da porta de cima. — Agora nos admiramos nós disso, porque somos muito eruditos. — Discutimos, altercamos o que convem a cada epocha; o que convem a cada personagem historica ... nem nos enganamos, nem queremos, enganar os outros. E eis aqui porque hoje se não topão poetas a cada canto. Topavão-se outrora, no duodecimo e decimo terceiro seculos: e como não havia de ser assim, se a imaginação do publico era toda de poezia? ... Muitos e muitos contavão practicando o que todo o mundo acreditava; e é esse o motivo porque em semelhantes tempos houverão tantas historias de Paladinos, de gigantes, de fadas ... tudo isso erão poemas; e são estes poemas que constituírão as epochas *metromaniacas* da idade, a que não sei porque chamamos media. A de Carlos Magno parece ter sido a primeira.

Os Normandos com as suas conquistas e correrias formárão talvez a segunda. Que de immensas ficções, que da immensos poemas sem outro merecimento mais do que um arrojo extraordinario d'invenção? ... D'ahi todas as cavallarias da *Table Ronde*. — O primeiro modelo, a pedra angular do desalinhado edificio foi porventura o romance de Brut, que escreveu em 1155. Os primeiros reis de Inglaterra, erão segundo elle, oriundos de Ascanio, filho do Pio Eneas. Viagens, ilhas encantadas, palacios maravilhosos, o magico Mer-

lin ... são os fios com que se tece a tal meada ! — E tanta preponderancia tiverão pelo decurso do tempo semelhantes obrinhas, que o autor do Paraiso perdido, elle mesmo o confessa em seus bellos latinorios, — imaginou immortalizar seu nome consagrando a este assumpto um poema epico todo inteiro ! ... Não era de pasmar. Outros o fizerão antes delle que ainda hoje nos deleitão nas horas vagas. Verdade é que não tomárão a cazo serio; e muito duvidamos que Milton podesse adaptar o estylo d'Ariosto.

Carlos Magno e os Normandos procreárão duas gerações de cavallarias; mas a Hespanha, a bella Hespanha viu nascer a terceira. Foi o Cid que deu o encherto de que brotárão tantas flores; o Cid tal e qual o conhecemos nos fins do undecimo seculo, o Cid no cerco de Toledo ... Combates singulares entre os chefes de dous exercitos, a diversidade infinita de costumes; de trajos, de armaduras ... aquelles homens que corrião do Norte e do Sul para servirem á sombra de sua bandeira ... a vida de tão grande heroe de continuo cercada de perigos e aventuras... tudo, tudo isto variamente reproduzido nos cantos populares, não podia deixar de originar outra epocha nova de composições romanescas. Com effeito a originou, e desta, por nos tocar mais de perto nos entreteremos em um numero seguinte.

Bellas Artes.

O PROGRESSO DA MUSICA

DESDE O PRINCIPIO DO SECULO XIX.

De todas as artes a que fere os sentidos d'uma maneira mais directa é a musica, que por isso mesmo tem ultimamente conquistado um lugar importante na sociedade moderna. Em outro tempo era um estudo reservado aos principes, e aos nobres, uma arte circumscrita a um pequeno numero d'escolhidos; hoje porem é o complemento necessario de toda a educação. Rara é a caza onde se não encontra um piano: e poucas são as familias em que algum de seus membros não tenha estudado os principios da musica.

E será preciso conhecer os preceitos desta arte tão bella para poder sentir os seus magicos effeitos? — Não por certo; — o clima, e mais que tudo o habito d'ouvir dispõe o homem a ponto de poder á primeira vista distinguir o grandioso do commum, e o bello do mediocre. Tomae ao acaso um habitante da Italia, um homem do povo, que desde a sua infancia assistiu á missa com musica de grande orchestra, que todos os dias ouve cantar com precisão e puresa, elle que deste modo recebeu insensivelmente o complemento da sua educação musical, assiste á primeira representação d'uma opera, e chega a comprehender a partitura, mesmo nas suas finuras e delicadezas. Assim á força d'ouvir se torna amador de musica, como o viajante á força de ver quadros fica sendo conhecedor de pinturas.

Grandes tem sido os melhoramentos e alterações que tem soffrido a musica desde os tempos heroicos até os nossos dias. Sujeita aos caprichos, ao genio e temperamento dos compositores, á moda que tudo varia, ella tem por vezes soffrido grandes e profundas alternativas; porem as grandes mudanças na musica moderna datão de Haydn e de Mosart. Elles derão á musica d'igreja e á orchestra uma direcção desconhecida até o seu tempo. — Antes d'Haydn a musica sagrada não procedia senão por grandes massas, e por sabias modulações; occupava todas as suas partes, e por toda ella reinava uma austeridade sombria e monotona. Haydn, obedecendo ao genio da sua epocha, deu um caracter mais dramatico, mais apaixonado, e mais florido ás composições sagradas, excitando sensações mais violentas e mais enthusiasticas. Lançou o drama na oratoria, e uma ternura mais viva animou as suas obras. Tal não era por certo o caracter das cantatas e dos hymnos religiosos antes de apparecer este grande homem; a sua belleza era sempre solemne e austera.

Haydn, considerado como harmonista, mudou inteiramente a arte, elevando-a a grande perfeição. Os seus acompanhamentos em logar de seguirem passo a passo a marcha da melodia prestárão-lhe um novo colorido e a realçárão d'um modo extraordinario. Neste systema aperfeiçoado, a melodia é como o dezenho, no qual o contorno carece de ser sustentado e realçado pelo effeito do colorido. Foi da instrumentação que Haydn derivou esse effeito, esse claro escuro que se admira ha cincoenta annos; foi Haydn o primeiro que deu a cada instrumento o seu devido lugar e o seu proprio valôr.

Depois de ter refundido a melodia geral, destribuiu com uma arte extrema a multidão d'harmonias secundarias. Em fim creou a sinfonia, obra prima da arte musica moderna. — Para os mestres que o precêderão a *fuga* era o *non plus ultra* da sciencia e do talento. A sinfonia apenas consistia em muitas partes que se crusavão e se correspondião em intervallos iguaes. Haydn estabeleceu nos seus quartetos um dialogo entre os diversos instrumentos; fêl-os atacar e res-

ponder mutuamente; transformou-os, por assim dizer, em actores dramaticos, animados de paixões e concepções sublimes, e ricos de brilhantes melodias. Esta conversação musical muda insensivelmente de texto e d'objecto, passa do tom grave ao tom ligeiro, da dôr á alegria, e acaba sempre voltando ao primeiro motivo do qual apparentemente se havia apartado. O ouvinte arrebatado por esta variedade de modulações, e harmonias por vezes tão gratas ao ouvido, sente com gosto reviver o canto primitivo, e saúda alegremente de novo o motivo brilhante com que o autor havia começado.

A sinfonia assim concebida decompõe os sons e os combina engenhosamente de mil diversos modos. Haydn é superior a todo o elogio por sua inexgotavel fecundidade; jamais se viu fatigado o seu admiravel genio, ou esgotada a sua grande invenção. Foi no seio d'uma pobresa esteril que Haydn desenvolveu o seu grande talento. Esta alma creadora não esfriou á face das privações de toda a especie, que o cercárão no começo da sua carreira. Apesar disso jámais o abandonou uma inspiração risonha e fecunda; encontrando-se sempre nas suas obras menos importantes vestigios desse talento que lhe era proprio; isto é, a arte de ornar com uma infinita variedade a mais vulgar melodia.

Haydn havia aberto o caminho a Mosart, o filho querido da musica. O seu estro não careceu de mestre, nem d'estudo, e por isso não teve infancia na arte; a sua intuição advinhou tudo. O seu instincto não houve mister de guia; ao seu alcance se achárão os instrumentos; bastou por-lhes a mão, e ficou logo compositor. Tinha sete annos quando deixou admirados os professores d'Alemanha; oito quando foi a Inglaterra espalhar o espanto, e colher o fructo dos seus prematuros talentos; nove quando appareceu na Hollanda, e doze quando escreveu a sua primeira opera. Na idade de quatorze annos foi representado em Milão o seu *Mithridates*, onde obteve um brilhante successo. Mosart é a maravilha da musica moderna.

O seu caracter especial é uma profunda sensibilidade, mais intensa, e mais apaixonada do que a de Haydn, junta a uma ternura mais viva e mais amorosa.

E' menos methodico do que Haydn; entrega-se com mais abandono ás inspirações da natureza; a sua imaginação é rica e ardente; a de Haydn risonha e graciosa. Procede sempre por grandes massas; põe a mira no sublime, na energia e na força das emoções, e jamais procurou aquella ligeiresa d'estilo, e aquella vivacidade espirituosa, que hoje reinão na musica. Jamais pôde crear uma aria verdadeiramente *buffo*. Em todas as suas composições domina um tom grave e melancolico; e mesmo naquellas a que quiz dar um caracter ligeiro e gracioso se lhe encontra uma certa dignidade.

O emprego dos instrumentos de vento, a novidade e atrevida marcha das harmonias, e o vigor de creação que respira em tudo o que Mosart compoz, junto á grandeza das massas, e á perfeição das pequenas partes justificão a opinião d'aquelles que o considerão como o rei da musica moderna. Nas suas composições d'igreja não se contentou em ser solemne e grave como Handel, ou gracioso e variado como Haydn, mas chegou a tornar-se apaixonado e pathetico.

Nasceu depois um homem destinado a completar as descubertas d'Haydn e de Mosart; este homem foi Beethoven. Pelo que respeita á originalidade, á força, á belleza e á variedade das creações, caminhou elle igual aos dous que nomeámos; talvez que nas suas sinfonias se ache mais interesse, mas tambem, cumpre confessal-o, contem menos regularidade, combinações mais atrevidas, e arriscadas, ensaios d'harmonias mais temerarios, e muitas vezes obscuridade.

Parecia que estes trez grandes homens havião fixado a arte musical d'uma maneira definitiva. A igreja, o theatro, e mesmo os concertos particulares tinhão tomado por seu influxo um caracter inaudito d'elevação e de sensibilidade, e um fecundo desenvolvimento. Inventouse o piano-forte que veio substituir o cravo; e começou a accompanhar-se a voz com mais cuidado, e com uma harmonia mais ampla e mais forte. O Theatro, sustentado por Sacchini, Paesiello, Guglielmi, Zingarelli, Cimarosa, e Winter completou para com a musica ligeira e graciosa, para com o genero chamado *buffo*, a mesma revolução que Mosart, Haydn, e Beethoven tinhão operado no genero grave e sentimental. Toda

a musica vocal do theatro, tal como nós hoje a comprehendemos, não tem outras fontes. Rossini foi no genero *buffo* o que Mosart havia sido no severo; sobre as bases postas por seus predecessores, estabeleceu o edificio da sua gloria, hoje mais do que européa. Conta-se que Mosart não se rira mais do que trez vezes na sua vida; e quem sabe se Rossini, nunca chorou ?! — A differença essencial de suas composições dimana da opposição de seus caracteres. A musica de Mosart inspira um sentimento melancholico e voluptuoso; a de Rossini, que não é destituida de sensibilidade, é cheia d'espirito, mesmo nos seus lugares patheticos.

Apenas appareceu a musica de Rossini, fez logo uma revolução no gosto dos apaixonados da musica theatral. E' tal a fascinação que exerce a sua musica, que depois de saboreada, logo as mais bellas composições de Gluck, Jomelli e Cimarosa parecem pallidas e sem vida. O author da *Cenerentola* com o seu espirito brilhante, e com a rapidez e força das suas melodias, em breve mudou o gosto ao publico. A sua magica é, por assim dizer, fisica e sensual. O encanto de Mosart é mais intelectual e mais apaixonado; e o d'Haydn mais vivo e mais pittoresco. Mosart corresponde á revolução franceza, e áquella animação turbulenta dos espiritos que a Europa involveu no seu vortice; Rossini pertence a uma epocha de materialismo, de corrupção decisiva, e repouso sensual; é o musico dos homens que só querem gosar, e pedir á vida tantos prazeres materiaes, quantos ella lhes pode dar. Quando os outros compositores se contentão de marchar a passo, elle corre, galopa, salta e espalha com profusão suas melodias aventureiras. Mas não é somente aos actores que elle encarrega de cantar estas melodias tão variadas e tão brilhantes; é na orchestra que elle as lança ao acaso; é a todos os instrumentos que elle as confia, e é cada um delles que por seu turno as repete. Rossini semeia os motivos de canto com uma profusão sem igual; arrastado pela riqueza do seu genio, não receia espalhar ao acaso as riquezas, que possue.

Um dos caracteres mais notaveis de Rossini é o luxo das notas que distingue as suas composições; luxo

tão exagerado que muitas vezes o motivo principal desapparece supplantado pelos ornamentos que o involvem. Os inimigos de Rossini lhe lançárão em rosto esta superabundancia ; ella provinha sem duvida da tendencia natural do seu caracter; mas, cumpre confessal-o, o gosto da musica nos theatros d'Italia impelliu Rossini a seguir uma tal vereda. — Os cantores em voga não podião deixar de desfigurar o canto, ornando-o e revestindo-o de tal sorte que chegava a desapparecer como as lettras gothicas, cercadas de mil arabescos esquipaticos, que o talento do illuminador havia amontoado em torno dellas. Muitas vezes o talento real das composições de Rossini perdia muito aos olhos do publico, inteiramente sedusido pela agilidade da voz e brilhantes apojaduras dos cantores. Fatigado de perder assim a recompensa do seu trabalho, e de ver que artistas sem talento roubavão a bella simplicidade ás suas producções mais graciosas, Rossini resolveu introduzir nas suas composições todos os ornamentos possiveis ; — e a isto é que chamão o seu segundo estylo. —

Porem Rossini não parou aqui ; — e vendo que o genero allemão adquiria cada dia nova preponderancia, conseguiu apoderar-se de todos os recursos e de todas as combinações da harmonia. — Então nasceu o seu terceiro estylo, o de Moysés, e de Guilherme Tell ; — e Rossini mostrou aos seus detractores que sabia amoldar-se a todas as escholas, tornar-se excellente em cada uma dellas, dando-lhes a mesmo tempo o desenvolvimento que o seu grande genio podia ministrar. Assim poude apoderar-se do todos os meios proprios para alcançar um brilhante successo ; e durante o seu reinado apenas alguns compositores como Mayerbeer, Bellini, Auber, Herold, se tornárão transcendentes, seguindo porem nas suas composições o estylo que o genio de Rossini tinha posto em voga. — Qualquer que seja a graduação em que se queira collocar estes differentes autores, e qualquer que seja a differença que se pertenda achar entre elles, é certo que o seu chefe commum é Rossini ; todos forão obrigados a adoptar o seu methodo ; a moldar-se por elle ; e a imitar com mais ou menos successo as suas brilhantes concepções.

Entretanto o espirito brilhante que Rossini espalhou

na musica moderna devia necessariamente esgotar-se. A musica é de todas as artes aquella cujas phases se succedem com mais rapidez ; e por isso o reinado d'um grande compositor , por excellente que seja o seu genio, nunca é de grande duração. Tinha ja Rossini exhaurido uma grande parte dos seus successos, quando um allemão ,Weber , começou um novo estylo musical que ainda hoje está em voga. O seu genero consiste n'uma inspiração energicamente mystica e profunda. A sinfonia de *Freischutz* é um exemplo admiravel deste novo estylo.

O effeito de *Freischutz* foi completo e brilhantismo. Toda a Allemanha , a Italia , a França e a Inglaterra applaudírão com enthusiasmo a apparição desta musica nova e bisarra. E' um genero novo que se dirige mais á alma do que aos sentidos ; aquella exalta-se , extasia-se, e se arrebata com a força das impressões que lhe infundem melodias tão nervosas, filhas d'um profundo pensar e de combinações as mais rispidas , e mais insinuantes. Desde então tomou a musica alemãa um grande ascendente em quasi toda a Europa ; e muitos compositores celebres da eschola italiana , como Rossini, Bellini e Mayerbeer, vasárão naquelle molde as suas ultimas composições.

Taes forão as grandes revoluções por que tem passado a musica desde o principio do presente seculo. Muitas veses se mudarão as fontes da emoção musical ; a admiração geral passou da belleza symetrica d'Haydn , á ternura profundamente exprimida de Mosart ; dahi á brilhante vivacidade de Rossini , e depois á energia mystica d'Weber. — E quem poderá conjecturar as alterações que lhe prepara o futuro ?

COMBUSTÃO HUMANA ESPONTANEA.

SEGUNDA PARTE.

Combustões humanas espontaneas locaes.

1.ª *Observação.* — Dom Gio Bertoli, padre, domiciliado em Mont-Valere, foi, a 25 de setembro 1776, á feira de Tiletto. Depois de ter marchado todo o dia e estando muito fatigado, pousou em Tenille, em caza d'um seu cunhado. Quando chegou mandou que lhe mettessem um lenço nas costas; depois, tendo ficado só, poz-se a rezar em seu Breviario. Tendo passado alguns momentos, ouviu-se dar gritos afrontosos; logo corrêrão em seu soccorro, e encontrou-se estendido sobre o solho, cercado d'uma lavareda ligeira que fugia adiante da pressão, e que desapareceu por fim. Conduziu-se á sua cama, administrárão-lhe todos os soccorros que havia á mão. No dia seguinte, o doutor Battaglia, que foi chamado para o tratar, reconheceu que os tegumentos do braço direito estavão quasi inteiramente destacados das carnes, e pendentes; succedeu o mesmo aos do antebraço e coxa do mesmo lado. No dia immediato, a mão direita estava completamente gangrenada, e na terceira visita, o doutor viu que todas as outras partes estavão igualmente esphaceladas. Bertoli queixava-se então de sêde ardente e era victima d'horriveis convulsões; expellia materias biliosas putridas, e estava alem disto atormentado por um vomito continuado acompanhado de febre violenta e delirio. Em fim, morreu no quarto dia depois d'uma somnolencia comatoza de duas horas, durante a qual o doutor Battaglia viu com surpreza que a decompozição

putrida estava já tão adiantada que o doente exhalava um cheiro infecto e insupportavel, e que sahião vermes de seu corpo para s'esconderem em varios sitios, e que as unhas da mão esquerda se destacavam de per si das extremidades dos dedos.

2.ª *Observação.* — Pedro Reynateau, de Leognau, aldea vezinha de Bordeaux, ferreiro, de idade de 40 annos, d'um temperamento biliozo, robusto, e de formas musculares salientes, nunca tinha soffrido mais que ligeiras e raras indispozições: nunca s'embriagou! tal era sua habitual sobriedade. A 5 de setembro 1822 (o calor tinha sido mui grande em todo o dia, o thermometro tinha chegado a 30 graos acima de zero, e apezar das poucas nuvens, o aspecto do ceo parecia presagiar uma tarde de trovoada), Reynateau, vestido com um fato novo, mas que não tinha nada inflamavel, e tendo comido parcamente, voltava de Bordeaux ás quatro horas da tarde, e marchava apressado n'um caminho largo e exposto aos raios do sol. Perto de sua caza, de que distaria pelo muito seis a oito minutos de jornada, quiz deixar a estrada que seguia para tomar outra, e no movimento que fez para trocar, sentiu-se como batido com um pao na parte superior da coxa direita: olhou logo para o lugar aonde julgou lhe tocárão, e não viu nada. Com tudo, um pouco mais adiante, viu o dedo indicador da sua mão direita, que pendia ao longo da coxa, cercado d'uma lavareda azulada; quiz sacudir a mão fazendo estalar o dedo inflamado contra o medio, e este começou rapidamente a arder. No mesmo instante, procurou apagar o fogo applicando os dedos contra as pantalonas, estas principiárão igualmente em combustão. Reynateau ajoelha então, mette sua mão rapidamente debaixo da terra, e com ella tentou apagar o fogo do bolso das calças aonde já tinha chegado; temendo porem que todo o fato não viesse a ser preza das chamas, procura com ambas as mãos de sabotoar as pantalonas, e os dedos da mão esquerda que tocárão a direita, entrão em combustão. Uma ra, pariga que o acompanhava, deixou-o, e correu a advertir sua mulher deste accidente; mas elle chegou quazi ao mesmo tempo que ella. Tinha conseguido suffocar a chama da mão direita tendo-a involvido em arêa; com tu-

do ainda sahia um fumo espesso. Os dedos da ontra mão, que continuavão a arder, forão molhados muitas vezes com agua fria, sem nenhum resultado. Ensaiou-se uma applicação do lodo que se acha por baixo do rebolo dos amoladores, e a lavareda sumiu-se; mas os quatro dedos que erão o local d'uma inflamação ardente e doloroza dezenvolvião sempre um fumo abundante que se não poude extinguir senão com uma nova immersão n'um vaso cheio d'agua.

A invasão do fogo, seus progressos e sua extinção, duraria tudo 10 minutos pelo muito. Pouco depois forão os dedos lavados em agua de cal, depois involvidos em compressas cobertas de manteiga fresca: não se uzou outro tratamento desde esta epoca até á perfeita cicatrisação. E' bom observar aqui que este facto foi descripto com o maior cuidado, que medicos recomendaveis o verificárão, e que, para augmentar sua authenticidade, a auctoridade civil de Leognau o mencionou verbalmente, depois de ter exigido a assistencia d'homens instruidos. O Snr. Doutor Leon Marchant, medico em Bordeaux, a quem é devido o conhecimento desta observação, teve occasião de ver Reynateau dous mezes depois do acontecimento: o dedo indicador da mão esquerda soffria ainda, mas a ferida caminhava para a cura. Os vestigios da queimadura provavão que o fogo não tinha passado acima da primeira phalange dos dedos; uma das unhas somente tinha sido meia queimada; a ulceração, que nunca offerecêra escarrha, limitava-se á epiderme e ao tecido mucoso da pelle; de resto, as partes affectadas apresentavão uma vermelhidão e uma tensão analogas a aquellas que produzem os effeitos do frio. Uma couza digna de notar-se, é que quasi todos os dedos tinhão marcas de combustão, posto que só quatro a tivessem soffrido: é provavel que, pela agitação imprimida ás mãos, a chamma tivesse ligeiramente tocado os outros: por que s'inflamárão no fim d'alguns dias, e esta inflamação portou-se á maneira das frieiras, passando successivamente d'um dedo a outro.

3.ª *Observação.* Catherina Heis, d'Hambourg, costureira, de desesete annos de idade, de constituição delicada, mas brilhante de saude e não conservando ne

nhum encommodo das muitas doenças que soffrêra em sua infancia, era desde algum tempo atormentada de vertigens e dores de cabeça. Em a noute de 21 de fevereiro de 1835, ella estava cosendo, quando ao levantar uma vela, soffreu instantaneamente um calor forte e extraordinario por todo o corpo, e ao mesmo tempo uma queimadura mordicante no dedo indicador da mão esquerda. No mesmo instante foi este dedo cercado d'uma lavareda azulada, na extensão de quasi pollegada e meia, d'um cheiro sulfureo, e sómente visivel na obscuridade. Ella procurou, mas debalde, apagal-a pela immersão do dedo n'agua, e cobrindo-o de panos molhados; a chamma parecia pelo contrario, pela immersão no liquido, augmentar em actividade e extensão no resto da mão. Heis voltou então á pressa para sua caza, e no caminho embrulhou a mão no avental, que foi queimado em parte, assim como os outros vestidos. Frequentes abluções com leite, repetidas em quasi toda a noute, fizerão por fim desapparecer a chamma, mas sem mitigar a sensação d'uma combustão profunda que se sentia na mão; o cheiro sulphureo fez-se ainda sentir de tempos a tempos. Estes dous simptomas resistirão mesmo ao emprego d'alguns meios geraes e d'uma sangria. A 25 de fevereiro, a doente tinha a palma da mão coberta de pequenas vesiculas, semelhantes a aquellas que apparecem em consequencia d'uma queimadura, porem mais persistentes, necessitando 24 horas para seu completo desenvolvimento, e sendo então cercadas d'um circulo vermelho. Uma dellas, mais volumoza, estava situada sobre o dedo medio: no dia seguinte, a extremidade do dedo annular offereceu outra nova que foi precedida de mui vivo prurido. Fricções practicadas com lãa fazião nascer no dedo indicador um sentimento de combustão. Esta mão, que não podia supportar o mais ligeiro contacto sem mui grandes dores, offerecia constantemente um calor singular, porque o thermometro nella subia a 25 gráus, em quanto que não excedia 17 na mão direita. Experiencias numerozas forem feitas com materias combustiveis, mas sem resultados, e os melhores electrometros, postos em contacto com a doente collocada em cima d'um isolador, não produzirão nenhum effeito.

Faiscas electricas, que foram tiradas alguns dias depois da ponta dos dedos da mão esquerda, occasionárão mui agudos soffrimentos. Alem disto Catherina não soffria senão a perda d'appetite, amargos da boca, sêde, e uma dor que ella referia á região frontal. Tendo entrado no hospital geral d'Hamburgo a 25 de fevereiro, sahiu a 5 de maio seguinte, n'um estado de perfeita saude.

4.ª *Observação.* — O Snr. Dessimont, de idade de 24 annos, de mediana estatura, temperamento sanguineo, cabellos negros e bastante espessos, d'uma gordura mediocre, muito sadio e naturalmente sóbrio, foi á Igreja Cathedral de Tuy, em a tarde de 19 d'abril de 1827. Pouco tempo se demorou nella, porque o insuportavel calor que soffreu o obrigou a sahir, e se retirou para o quarto de seu irmão. A's nove horas e meia, este ultimo se divertia em queimar á luz um pequeno fragmento d'enxofre, que tendo-se derretido e inflammado, correu sobre seus dedos. Excitado pela dor viva que soffreu, apressou-se em sacudir a mão com força, e neste movimento rapido algumas gotas do liquido inflamado lhe cahirão sobre os vestidos, e lhe communicarão o lume. Pediu logo soccorro, e o irmão que se occupava a alguma distancia delle, correu, e procurou apagar o fogo compremindo fortemente os vestidos. Assim o conseguiu, e seu irmão nada mais soffreu que uma ligeira queimadura em dous dedos, e um buraco no fato: mas não foi assim para o Snr. Dessimont. Apenas percebeu que seu irmão nada mais tinha a recear, começou elle a sentir dores mordicántes nas mãos: gritou, e a sua visinha Ginoux, que chegou no momento, notou suas mãos cobertas de lavaredas azuladas, e ardendo, segundo a sua expressão, — como candeias. A primeira idea que se apresentou a seu espirito foi que estas chammas erão produzidas pelo enxofre, e em consequencia esforçárão-se para as apagar, pore n debalde, com affuzões frias. Uma cataplasma feita á pressa com azeite e farinha foi applicada depois, e não fez mais que augmentar os accidentes. O Snr. Dessimont desceu então á loja d'um amolador que vivia na mesma caza, e metteu suas mãos no lodo que estava por baixo do rebolo, o que pou-

co o consolou. Em fim, depois de meia hora de intoleraveis dores, tomou o partido de correr a caza do Snr. doutor Richond-des-Brus, e em todo o caminho, sua visinha Ginoux que o acompanhava viu distinctamente, bem como elle, uma lavareda assaz forte para lhes allumiar. O medico, que se acaba de referir, e a quem se deve esta interessante observação, julgando da urgencia do cazo pela força com que batião á sua porta, apressou-se em descer com um creado. Tinha-se apenas aberto a porta, e o doente, com os olhos errantes, o rosto corado e a expressão da desesperação pintada em todos os gestos, grita; " Depreça, senhor, depreça, applicae-me alguma couza sobre as mãos; eu ardo,,. E elle lhe mostrava suas mãos, e erão muito vermelhas, inchadas, e sahia dellas uma especie de vapor ou fumo. Tinha gasto dous minutos, pelo muito, em contar o que lhe acontecera; e, em continuado movimento, accusava o vagar com que procuravão consolal'-o. A immersão prolongada das partes inflammadas n'um liquido frio sendo o meio mais efficaz que se possa por em uzo, o doutor lhe aconselhou ir a uma fonte situada defronte de sua caza, metter as mãos n'agua, e demorar-se alli até que se sentisse alliviado, que mandasse preparar depois banhos frios para a noute. N'um momento, elle s'escapou e voou á fonte. Em quanto teve as mãos mergulhadas n'agua, sentiu allivio; as lavaredas extinguirão-se, e poude correr durante certo tempo sem as observar; mas, a cento e cincoenta passos de distancia pouco mais ou menos, viu-as renovarem-se. Quando chegou a caza, fez preparar dous baldes d'agua, em cada um dos quaes metteu uma mão: em pouco tempo o liquido aqueceu, e foi necessario renoval'-o a miudo. Em toda a noute, as dores persistirão assaz intensas, apezar das melhoras obtidas pelo contacto d'agua, e cada vez que as mãos erão expostas ao ar o doente via correr uma especie de gordura sobre os dedos, e as chammas reapparecerem; mas para bem as distinguir, era necessario examinar as partes debaixo d'uma meza que as abrigasse da claridade que diffundia a vela; ellas forão percebidas muitas vezes durante a noute por o Snr. Vallette, joven estudante de 15 annos, que repousava em o mesmo cu-

biculo, e que depois o affirmou com aquella firmeza que só a verdade pode inspirar. Ao despontar do dia, o Snr. Dessimont não viu senão especies de faiscas que procurou, mas erradamente, extinguir por meio de fricções bruscas.

As dores forão ainda vivas n'uma parte do dia, posto que menos acres, menos pungentes que as primeiras, porque ellas apresentárão um caracter differente. As duas mãos, sobre tudo na região dos dedos, erão cobertas de grossas empolas cheias d'uma serosidade avermelhada; a epiderme em muitos pontos era totalmente despegada; e a derme denudada, acinzentada, parecia corroida; a arteria radial batia com força, e as vias digestivas offerecião signaes d'irritação ligeira. Deu-se sahida á serosidade das phlictenas; cobrírão-se as partes doentes com um pano untado de ceroto, e applicárão-se cataplasmas; prescreveu-se dieta e limonadas. O Snr. Dessimont, tendo sua famillia em Chamely, villa que dista cinco legoas de Tuy, quiz ir vel'-a. Recomendou-se-lhe sómente que se fizesse sangrar no braço, se a inflammação se tornasse mais consideravel. Quando partiu, levava os mesmos vestidos, que trazia no dia do accidente, e em nenhuma parte tinhão sido queimados: nem mesmo a manga da camiza, bem que um punho ficou consideravelmente damnificado. Vinte e dous dias depois do accidente, o Snr. Richond-des-Brus, teve occasião de passar em Chamely, e viu o Snr. Dessimont n'um estado satisfactorio. A sangria não tinha sido necessaria, uma supuração de boa natureza tinha-se estabelecido, e já muitos dedos estavão curados; uma ulceração bastante profunda existia ainda sobre o dedo medio, e sobre o punho da mão direita, que erão as partes mais doentes; não havia febre e o appetite era bom. Nos principios de junho, o Snr. Dessimont, perfeitamente curado, voltou a Tuy. Virão-se então cicatrizes assaz largas, mas não diformes, nos dedos e nos punhos; uma dellas oppunha-se um pouco á perfeita extensão do dedo auriculiar da mão esquerda; muitas das unhas tinhão cahido ou pouco tardarião, e uma dellas tinha sido queimada em sua raiz. — Esta observação não apresenta acaso um destes phenomenos de combustão que confundem

e assombrão a razão ? Se a chamma não tivesse sido observada senão immediatamente depois do incendio dos vestidos, poder-se-hia admittir com razão que tinha sido produzida por algumas porções d'enxofre inflammado adherentes á pelle das mãos; porem ella resistiu ás affusões frias e aos banhos prolongados, durou toda a noute, e reproduziu-se espontaneamente pouco tempo depois da immersão n'agua do tanque ; em fim foi logo em principio assaz viva para admirar os que virão, e para fazer dizer á mulher Ginoux —que as mãos ardião como tochas. Não se póde portanto conceber esperanças d'uma semelhante explicação. O Snr. Richond-des-Brus não viu, é verdade , senão um vapor , uma especie de fumo ; mas é necessario advertir que elle estava então allumiado por duas velas , a que tinha na mão, e a que seu creado levava ; e neste cazo a ligeira lavareda que existia foi por assim dizer eclipsada. Se ella se viu mais distinctamente na camara do doente , é porque então ella seria mais viva, e porque a vela que allumiava o quarto daria pouca luz. A que se deve pois attribuir esta combustão ? E' o que vamos examinar.

Exame e explicação do phenomeno.

Entre os sabios que se teem mais occupado do phenomeno em questão, o Snr. Lair deve ser o primeiro a mencionar-se. Depois de ter classificado os diversos cazos de combustões humanas espontaneas que tem podido colligir , deduziu os corollarios seguintes : 1.° as mulheres são muito mais sujeitas que os homens ; 2.° este phenomeno tem sobre tudo lugar nas pessoas idozas , e quasi sempre depois dos 60 annos ; 3.° os individuos que offerecem este exemplos quasi sempre se achão n'um estado notavel d'asthenia; 4.° a maior parte delles vivem em inacção e são polysarcos (muito gordos) ; 5.° em o maior numero, existe um habito inveterado d'abuzo de licores fortes; 6.° muitas vezes tem-se encontrado um corpo em ignição , tal como uma luz ou carvões ardentes junto do lugar do successo; 7.° a inflammação é ordinariamente mui rapida, e ganha todo o corpo antes que se lhe possa ministrar soccorro; 8.° a chamma é muito movel , difficil d'apagar com

agua, e não ataca as materias combustiveis visinhas, senão quando está em prolongado contacto com ellas; 9.° o sitio em que tem lugar a combustão exhala a maior parte das vezes um forte cheiro empyreumatico, e as paredes, as cinzas, os carvões ficão cobertos d'uma humidade fetida e gorda; 10.° o tronco, com alguns ossos, é quasi sempre consumido pelo incendio, e na maioria dos casos, ficão restos da cabeça e das extremidades; 11.° enfim, quasi sempre, o acontecimento tem lugar quando a atmosphera está secca e fria. — E' facil ver-se, reflectindo nas circunstancias que acompanhárão as observações acima referidas, que as conclusões do Snr. Lair não se conformão com todas, e que muitas estão em oppozição directa com ellas. Muitos auctores teem attribuido a causa deste phenomeno ás bebidas, que penetrando pouco e pouco todos os tecidos da economia, os imbebem a tal ponto, que basta depois a aproximação d'um corpo em ignição para determinar a combustão. Outros, pensando no maior ou menor desenvolvimento do gaz hydrogeno nos intestinos, teem julgado que o mesmo effeito podia existir nos outros orgãos, e que este gaz podia inflammar-se pela aproximação d'um corpo ardente, ou melhor ainda por uma acção electrica, produzida pelo fluido desenvolvido n'estes individuos. Elles teem por tanto admittido: 1.° um estado idio-electrico com estes sujeitos; 2.° o desenvolvimento do gaz hydrogeno e sua accumulação nas areolas do tecido cellular. Estas duas theorias não são mais que especiozas, e não podem sobreviver ás provas da experiencia. O Snr. Julia de Fontenelle tem feito exames numerozos e interessantes sobre este ponto tão obscuro da sciencia, e provou d'um modo positivo, 1.° que a presença do alcool, mesmo em grande quantidade, no tecido muscular não pode fazer-lhe pegar fogo, e menos ainda produzir a incineração do corpo humano; 2.° que a carne muscular mettida nos gazes hydrogeno, hydrogeno bi-carbonado, oxido de carbono, ou oxigeno, não pode arder nem pelo contacto d'um corpo inflammado, nem pela faisca electrica. Finalmente, considerando que é necessaria para incinerar um cadaver uma quantidade de lenha tal que seria sufficiente para incendiar uma

caza, e alem disto que o producto das combustões animaes fazem um carvão, esponjoso, mui negro, luzidio, solido, e não s'incinerando senão a uma temperatura muito elevada, em tanto que as combustões humanas espontaneas não desenvolvem senão uma pequena temperatura, que não incendeião mesmo os objectos mais combustiveis, tem-se concluido que estas combustões não são o effeito e a combinação dos elementos da materia animal com o oxigeno do ar. O Snr. Fontenelle as reputa como reacções intimas e espontaneas devidas a productos novos, que são o resultado d'uma degeneração dos musculos, dos tendões, das visceras, &c. Estes productos pela sua união apresentão os mesmos phenomenos que a combustão, sem depender de maneira alguma dos agentes externos. Sem admittir, em todos os cazos, esta explicação do Snr. Julia de Fontenelle, pelo menos devemos convir que ella é mais plausivel que as outras duas, e que é mais susceptivel de se applicar aos factos até hoje obtidos.

Economia Politica.

SALARIOS.

Salario d'industria é o *preço* do trabalho, é a parte do producto que compete aos serviços prestados pelo operario. O operario assalariado trabalha sempre por conta d'outro. Quando o operario recebe o salario fica satisfeita a parte que lhe toca no producto, seja qual for a forma porque elle a recebe, ou lhe é paga, em todo o caso é um valor, que elle recebe em troca do trabalho prestado. Considerando a forma porque o salario se paga, elle se diz: *Salario natural* ou real quando é pago em generos; por outro modo é a quantidade de mercadorias que o operario pode comprar com o seu trabalho. *Salario nominal* quando lhe é pago em numerario; por outro modo, é a quantidade de numerario ou moéda que o operario recebe, sem attenção ao valor ou importancia dos generos que com elle pode comprar. Na confecção do producto o operario recebe ordinariamente a materia bruta em que trabalha, e os instrumentos de que se serve; ha porem officios em que não se lhes ministrão os instrumentos, e utensilios, e esta circumstancia tem alguma influencia no preço do salario, o qual como outro qualquer preço se divide em —

1.° *Salario necessario*, o qual consiste no alimento, vestido, habitação, e dispendio d'instrumentos, e utensilios; ou é fundado na *subsistencia preciza* que o operario obtem em troca do seu trabalho: se o valor daquella subsistencia é dado em *dinheiro*, este é o representante das materias de consumo de que o operario carece; e quando este é o equivalente preciso daquelles valores, diz-se então *salario necessario*. E já se vê que elle não pode ser o mesmo em todos os officios, mas deve variar segundo estes, porque o modo *de subsistir* dos operarios tambem não é o mesmo em todos os officios:

para determinar portanto o preço necessario do trabalho do operario, é preciso consultar a natureza dos diversos officios.

2.º *Salario corrente* é o preço do trabalho, acima ou abaixo do seu preço necessario.

Para determinar as leis a que este se acha sujeito, é preciso examinar primeiro aquellas que regulão o trabalho necessario.

§. 1.º *Do salario necessario.*

Ainda que a diversidade dos officios estabeleça differenças no respectivo equivalente do trabalho do operario, em ultima analyse elle é quasi o mesmo em todos os officios, porque não pode ser mui sensivel a differença do *lucro liquido* de cada um: é por isto que o salario necessario é sempre o salario indispensavel para fazer existir um genero particular d'industria.

Se os trabalhos de todos os operarios fossem igualmente agradaveis e sadios, se elles demandassem o mesmo gráo de força, e exigissem a mesma habilidade, se não carecessem de tal ou qual gráo de conhecimentos ou instrucção, se não fossem sujeitos a tropeços especiaes, mais pequena seria a differença dos salarios nos diversos officios; porque ainda que uns podessem ser maiores que outros, a concurrencia que vinha a dar-se estabeleceria o nivel entre elles; e quando uns fossem menores que outros, os operarios abandonarião o serviço menos rendozo para empregar-se no que mais rendesse, até que em razão da diminuição de braços, aquelles officios ou havião de ser abandonados, o que não poderia acontecer, ou seus respectivos operarios receberião maiores salarios, e o nivel se acharia restabelecido.

As differenças que existem nos salarios devem ser precisamente compensadas pelos sacrificios feitos pelos operarios, porque não sendo aquelles senão uma compensação dos sacrificios destes, elles devem variar segundo a proporção de seus esforços, segundo a extensão de seus conhecimentos em relação á natureza do trabalho, e segundo outras qualidades moraes importantes. Cumpre portanto ter em linha de conta, por um lado, os *inconvenientes e difficuldades* annexas aos diversos officios, e por outro *as vantagens e facilidades* proprias delles. Por mesqui-

nha que possa julgar-se aquella subsistencia, é necessario que ella não comprehenda só o individuo trabalhador actual; cumpre ter em attenção que a classe operaria deve conservar-se, e augmentar-se, e que se assim não fosse, o numero de trabalhadores diminuiria muito, e o preço do salario subiria proporcionalmente: o *trabalho normal* deve portanto render ao operario pelo menos *o dobro de sua propria subsistencia*, na hypothese de que o trabalho da mulher chegue para si, em razão do tempo que gasta na economia domestica, e arranjo de seus filhos.

Esta avaliação é rasoavel, porque não só deve ter-se em conta o sustento dos filhos, mas os dias que o operario pode deixar de trabalhar, já por accidentes em sua saude, já por effeito das estações, sem fallar em outras occurrencias fortuitas, esta avaliação não deve ser feita em relação ao consumo de um dia, mas em relação ao consumo d'um anno.

(a) *Inconvenientes e difficuldades.*

Na primeira cathegoria Storch estabelece cinco causas da differença; que com leve modificação são ás seguintes.

1.º Fadiga, desgosto, *desaccio* que accompanhão o officio, e desfavor com que a opinião o considera.

2.º Risco que corre a saude e a vida do operario.

3.º A interrupção no trabalho a que é sujeito.

4.º Despezas e fadigas que exige a habilitação, e risco de a não conseguir.

5.º Garantias precisas da parte dos operarios.

Passemos a examinal as; e veremos como ellas concorrem para o augmento do salario.

1.ª *Causa.* — Fadiga, desgosto etc.

Quanto o officio for mais *pezado*, *desagradavel*, *nojento*, ou *aviltado* maior deve ser o salario: se mais pezado, demanda sustento mais substancial e abundante; se *desagradavel e nojento*, demanda mais despezas em roupas proprias; se *aviltado*, é mister que o preço compense o desgosto e despreso com que a sociedade trata os operarios que o exercem; é por isto que em geral o tecelão ganha mais que o alfaiate; o ferreiro ou sarralheiro mais que o tecelão, o cortador ou carniceiro mais que nenhum dos outros.

2.ª *Cauza.* — Risco que corre a saude, e vida do operario. Em tal cazo estão os que trabalhão debaixo da terra, ou na agua, os douradores, os distiladores d'agua forte, e muitos outros. O operario conta sempre com dias de doença; e portanto o salario dos dias em que trabalha deve supprir para aquelles em que preciza de tratamento ou descanço.

3.ª *Cauza.* — Interrupção de trabalho etc. E' evidente que o operario que não conta com trabalho diario tem de deduzir do salario dos dias em que trabalha uma porção para sustentar-se nos dias em que não trabalha; e muitos officios ha que não offerecem trabalho senão em certas épocas ou estações do anno; e mesmo quando um trabalho subsidiario possa substituir o officio peculiar, o salario necessario deve augmentar por esta cauza.

As interrupções são umas *certas*, já por cauza das estações, já pelo numero de dias santificados; outras *accidentaes* e imprevistas e com ellas deve contar sempre o operario; outras são variaveis; e procedentes do officio; neste cazo estão os simples jornaleiros, os alquinadores, alugadores de seges etc.: e dado que o salario seja crescido, elle é com tudo o necessario, porque é indispensavel o que elle deve receber.

4.ª *Cauza.* — *Despezas d'habilitação* etc. Ha officios que demandão pouco tempo de tyrocinio, e poucos conhecimentos. Ha outros que requerem muito tempo, e instrucção para serem bem desempenhados; o salario portanto deve variar segundo esta circumstancia; elle compõe-se neste ultimo cazo, não só do preço do trabalho effectivo, mas do juizo dos avanços ou capital empregado no tyrocinio; e mesmo quando este capital é só o tempo, este tem um valor proporcional á duração do dito tyrocinio; muitas vezes este juizo é superior ao juizo ordinario, pois que o capital é posto como fundo perdido ou morto, como se diz, porque não passa além da vida do homem.

A industria agricola é aquella em que o tyrocinio custa menos, e por isso seus salarios são pequenos, e mesmo porque a esta se unem outras causas de diminuição, que em geral são as oppostas áquellas que originão os inconvenientes.

A habilidade particular e especial dos aprendizes

não lhes fez em geral diminuir o tempo de tyrocinio, mas os mestres tirão partido desta feliz circumstancia; esta habilidade comtudo é um dom especial da natureza, com ella os aprendizes adquirem dexteridade durante o tempo de tyrocinio, com a qual acabado elle podem obter muito maior salario que os outros officiaes: é esta mesma circumstancia que origina o crescido preço do salario d'alguns officios, porque carecendo estes d'uma disposição peculiar, de certo talento, ou genio, que é dom da natureza, debalde procurão conseguir a perfeição, ou competente habilitação aquelles em quem aquella falta: *nihil aggreditor invita minerva.* Se o successo é quasi seguro nas artes mecanicas, não é assim na pintura, na muzica, na escultura etc. e nas profissões liberaes.

5.ª *Cauza.*—Garantias etc. Officios ha que exigem nos operarios certa probidade, e honradez de caracter; e taes são os ourives, lapidarios, joalheiros etc. etc.; esta probidade tem um valor mui peculiar, que deve ser representado no salario.

Antes de passar adiante, será precizo estender um pouco mais a theoria do salario necessario. Este consiste na quantidade dos objectos absolutamente precizos para occorrer as necessidades do trabalhador; o estricto necessario desta quantidade é a taxa mais baixa do salario: elle não pode avaliar-se pela quantidade de *dinheiro* que o operario recebe como salario, mas pela quantidade d'alimentos, e objectos da primeira neccessidade que pode obter com esse dinheiro; é pois mui importante a distincção feita dos *salarios nominaes* e *salarios naturaes* ou *reaes*: se o dinheiro conservasse sempre o mesmo valor em relação aos objectos precizos para a subsistencia do operario, que é o mesmo que dizer, se estes objectos não variassem de valor, os salarios nominaes serião sempre a exacta medida dos salarios verdadeiros, porque uns e outros augmentarião, ou diminuirião simultaneamente na mesma proporção; no emtanto o numerario tendo a faculdade de ser dado em troca por qualquer objecto de riqueza, é sujeito a fluctuações continuas, de modo que muitas vezes os salarios nominaes s'elevão quando os reaes abatem, e ao contrario: o regulador é a subssitancia que recebe o operario daquel-

le que o emprega, e o *dinheiro não é sneão o equivalente desta subsistencia*, a qual consiste nos alimentos, vestido, e habitação; ora, constituindo os alimentos a necessidade mais urgente do operario, o preço que elles custárão augmentará sempre que a riqueza e a população cresção, e os salarios naturaes deverão portanto baixar na nação que prospéra.

O augmento do preço currente dos salarios tem raras vezes lugar ao mesmo tempo que o do preço dos generos de consumo do operario, mas estas duas épocas não distão muito uma da outra, excepto no cazo rarissimo em que o preço currente dos salarios excede muito o preço necessario da subsistencia, a que se dá o nome de *salario superfluo*: o caso contrario, isto é o excesso do preço necessario da subsistencia sobre o preço currente do salario, só póde ter lugar em circumstancia mui especial; se durasse teria sempre por consequencia preciza uma extraordinaria mortalidade, que só poderia terminar quando os operarios viessem a ganhar o precizo para a sua subsistencia.

Ha quem sustente que o preço dos generos de consumo do operario em nada influe no estalão do salario; esta errada opinião provem de confundir a causa do preço currente dos salarios, ou estalão do mercado, com o estalão natural ou necessario dos mesmos salarios: aquelle, o estalão do mercado, pode por algum tempo achar-se em relação com o capital, e com a população, mas importa não ficar no que acontece em um curto espaço de tempo, é precizo julgar sobre uma longa duração: os trabalhadores não querem, nem podem mesmo, offerecr seus serviços senão quando seu salario chegue para a sua subsistencia em tempo determinado: seja qual for o ponto da partida, o custo da producção é sempre o ponto fundamental, de que é mister precizamente partir; este custo é que deve ser a medida do preço nutural e necessario dos salarios, do mesmo modo que serve para fixar o preço currente dos artigos de riqueza.

Quando Malthus (no seu opusculo *Grounds on the policy of restricting importation of foreign corn*) affirma que o augmento do preço das materias primas é proficuo ao trabalhador, é evidente que lhe será muito preju-

dicial, se os salarios não augmentarem simultaneamente em egual proporção: se forem pagos em dinheiro, é claro, que então elle não póde comprar com este no mesmo estado anterior, os generos que encarecérão; se forem pagos em generos de consumo, o augmento destes póde ser-lhes util, se o operario não for cazado, ou tiver poucos filhos, porque póde vender o excesso que não consumir; não sendo assim, então o augmento ser-lhe-ha prejudicial. E' visivel que o augmento do preço das materias primas cauza diminuição no preço natural dos salarios, o qual mui raras vezes está acima do preço nominal ou currente, e tal augmento é para o operario, por pouco que dure, muito prejudicial: além disto o augmento de preço das materias primas tem por effeito baixar o estalão dos juros do capital, o que impede a accumulação de novos capitaes, e enfraquece a procura de trabalho. Aquella asserção de Malthus é em geral falsa, e erronea, porque prejudica primeiro o trabalhador, e depois o capitalista.

No tempo d'escacez os salarios nominaes diminuem, parecendo que devião augmentar; mas esta anomalia é só apparente, porque em taes tempos augmenta muito o numero dos trabalhadores, por isso mesmo que todos procurão trabalho para poder subsistir; então mulheres, e rapazes que antes não s'empregavão, ou s'empregavão em occupações quasi estereis, os operarios que trabalhavão d'empreitada, ou por certo numero d'horas, precizão d'augmentar a somma de seus productos para supprir o augmento do preço; fica pois facil de vêr a razão daquella chamada anomalia; e nestas circumstancias a diminuição da quantidade da carestia dos viveres, e o excesso de trabalho que os operarios fazem, e que a necessidade os obriga, cauza entre elles mortalidade extraordinaria, a qual tem de continuar até que o capital e a população possão achar-se em relação tal, que os operarios possão obter salarios que cheguem para a sua sustentação, e de suas familias.

(*b*) *Vantagens, e facilidades.*

Na segunda cathegoria comprehendem-se as seguintes tres cauzas:

1.ª divertimento annexo ao officio.

2.ª favor com que a opinião o honra.

3.ª facilidade que o operario tem de subsistir independentemente do officio.

E' mui facil de vêr como estas cauzas obrão ; ellas são em geral o opposto das que ficão examinadas : assim ellas podem obrar com as outras na mesma direcção , ou em direcção opposta ; o effeito resultante é mais sensivel , sem que seja mister um mais profundo exame.

§. 2.º *Salario currente.*

Este é o *preço currente* do trabalho ; depende por tanto das leis do mercado , da proporção entre a offerta e a procura.

Será grande se a procura é forte efraca a offerta.

Será pequeno no caso contrario.

Será acima do salario necessario , quando se derem cauzas que augmentem a procura em relação á offerta , ou esta seja estacionaria crescendo aquella ; ou seja a procura estacionaria diminuindo a offerta.

Será *abaixo* nos casos contrarios ; e nestes , se os salarios descem muito abaixo da taxa normal , a mortalidade diminuirá rapidamente o numero d'operarios ; ou aliás o officio que taes salarios rende é immediatamente abandonado , de modo que em pouco tempo o equilibrio fica restabelecido.

Examinemos as cauzas que augmentão a procura em relação á offerta.

1.ª Classe — *Cauzas existentes em dado mercado , e em dada epoca.* (Fl. Estr. l. c.)

Estas cauzas comprehendem-se nesta these geral :

O salario currente depende da proporção entre a totalidade do capital , e a totalidade da população laborioza.

Ainda que a posição do paiz , a fertilidade da terra , a extensão do territorio , e outras circumstancias influão muito na possibilidade de entreter operarios , ellas são inefficazes sem o capital precizo para pôr em acção os serviços dos operarios : se a somma do capital augmentar sem que em proporção cresça a população , caberá a cada operario maior quinhão daquelle , isto é , o salario será maior ; tendo o capital diminuição , o resultado é o inverso : assim se a relação entre o capital e a população fôr sempre a mesma , quer subão , quer desção tanto um como outro , o preço do

salario será sempre o mesmo; mas subindo ou descendo o capital, em ordem á população; e subindo ou descendo esta em ordem ao capital, é bem visivel qual será o resultado. A commodidade e bem estar das classes laboriosas depende por tanto da abundancia, e do augmento do capital destinado a procurar trabalho; ou porque o capital cresça, ou porque a população decresça em ordem áquelle; e toda a tentativa de melhorar a sorte da classe operaria, que não se fundar neste principio, será inefficaz. Muito erronea por tanto é a opinião vulgar de que "o preço do trabalho do homem está precizamente em razão do preço do pão."

Os grãos são mais baratos nos Estados Unidos que em França e Inglaterra, e todavia os salarios são naquelles muito mais elevados; a razão procede de que lá o capital é muito em relação aos trabalhadores; é isto mesmo o que actualmente se observa nesta cidade (em 1838). Os jornaes dos pedreiros, carpinteiros, e officios proprios das construcções de edificios estão mui altos, e o preço do milho é mui baixo; a razão é porque grande somma de capitaes numerarios trazidos pelos emigrados do Brazil, são empregados por seus possuidores na construcção de cazas; ha muita procura de trabalho, e poucos operarios; e o numero destes diminue ainda, porque ha tambem grande emigração d'operarios, e de moços da provincia para o Brazil, attrahidos pelas promessas ou esperanças de promptos ganhos em seus respectivos officios.

Quando por tanto em uma nação cresce a população, e todavia crescem tambem os salarios, este fenomeno é prova decisiva de que os capitaes tem tambem crescido, e de que a nação caminha para a opulencia.

O estalão do mercado não póde por muito tempo ficar abaixo dos salarios necessarios, e naturaes, sem que por isto se possa dizer que elle seja fixo e invariavel: dado mesmo que a quantidade de generos precizos para subsistencia do trabalhador não possa experimentar reducção, mesmo momentanea; entendendo por salarios necessarios não só os generos indispensaveis para a existencia, mas ainda aquelles cuja privação a tornaria infamada e humiliante; a natureza daquelles generos varia conforme o clima, cuja influencia

é essencial no preço dos salarios: é por tanto certo que o preço natural do salario se eleva ou abaixa ao mesmo tempo que o preço do mercado; pois que os trabalhadores são quasi sempre em numero determinado, que não póde augmentar com a mesma velocidade com que o salario s'eleva; nem diminuir, quando elle abaixa; e só no fim d'alguns annos é que póde conhecer-se a cauza que no mercado deu lugar ao augmento da população.

Durante o tempo em que os salarios estão altos os trabalhadores, como podem dispôr de mais meios, acostumão-se a mais gozos, e a vida menos misera, e seus costumes amacião-se. Se o preço do mercado baixa na razão que diminuem os capitaes, ou que augmenta excessivamente a população, como o numero dos trabalhadores não diminua na mesma proporção, elles são forçados a diminuir os seus consumos, e a reduzir-se a alimentos mais baratos, e ao estricto necessario para a existencia.

Eis-aqui a cauza que faz variar o preço dos salarios; — a impossibilidade de manter em proporção sempre igual o numero dos trabalhadores, e somma dos capitaes. — Em quanto a população não estiver em relação com o capital, para o que é precizo muito tempo, a condição do trabalhador não póde ser lisongeira: — examinemos esta doutrina.

1.° Se com o augmento do preço do salario augmentar o numero de trabalhadores, este augmento não póde ser-lhes proficuo, porque será momentaneo, em razão da prompta offerta de braços disponiveis, o que fará abater logo aquelle preço; e assim aquella desejada condição não póde obter-se.

2.° Se com a baixa do preço dos salarios abaixar o numero de trabalhadores, esta baixa favoreceria aquella condição, porque os salarios passarião em pouco a subir ao seu anterior estalão.

3.° Melhorada a condição, ou modo de viver, do trabalhador, cessaria o incremento excessivo da população, porque esta será menos ignorante, e conhecerá por isso que lhe convem restringir o numero dos casamentos; o que é conforme com a observação, dado que seja geralmente admittido (e é verdade) que a

maior commodidade e augmento de meios facilita os casamentos.

4.º Não crescendo o numero de trabalhadores com o augmento de preço dos salarios, tambem não podem diminuir com a baixa deste preço, e em tal caso esta deve ser-lhes mui desfavoravel; e quando ella fôr mui grande, a classe laboriosa ou ha-de restringir o seu consumo, ou habituar-se a fazer uso d'alimentos insalubres, ou corruptos; e nesse caso, e que é o peor que tudo, ha-de desmoralisar-se, e descuidar-se da educação dos filhos; nestas circumstancias os trabalhadores se habituarão a vida misera, e o estalão de seus salarios regular-se-ha pelo custo dos mesquinhos generos de consumo; e então é difficil que o trabalhador, mesmo com o tempo, possa melhorar de sorte.

A experiencia dos seculos, e a lição da historia ensinão que a unica lei que póde inspirar ao homem gosto e prazer no trabalho é a certeza d'uma justa recompensa de suas fadigas; que só esta o leva a dar perfeição ao seu trabalho, e a seus filhos conveniente instrucção; e a sujeitar sua vontade ás leis. O salario proporcional aos esforços do operario imprime no caracter dos artistas o espirito da mansidão, e capacidade, e o desvia da preguiça.

§. 3.º Cauzas influentes na proporção dos salarios.

Tres cauzas operão na *alta e baixa* dos salarios.

1.º Variação no valor do dinheiro.

2.º Procura de trabalho.

3.º Preço dos objectos em que o operario emprega o salario.

A primeira cauza é mais conhecida.

A segunda depende da quantidade do capital; a accumulação deste é mais ou menos rapida, segundo o progresso da civilisação, e das faculdades productivas do trabalho, em geral grandes, quando ha muitas terras ferteis: se pois tal accumulação fôr consideravel em relação ao numero dos operarios, então precizamente os salarios augmentão, e por via de regra sempre que o capital augmentar mais rapidamente que a população, e esta não fôr subitamente augmentada pela affluencia

d'operarios vindos de paizes mais povoados; aquelle augmento, raro com tudo, não póde ser nem permanente, nem de longa duração, porque como sabemos o capital augmenta tanto mais difficilmente, quanto a população cresce mais depressa.

Quando a civilisação cresce, isto é, a riqueza e a população, baixão os salarios, porque o numero dos trabalhadores augmenta na mesma anterior proporção, e as materias primas, cujo consumo é maior que d'antes, augmentão em proporção decrescente, pois cresce a população, e com ella o trabalho que demanda a producção daquellas materias, por ser preciso em tal caso recorrer a terras menos ferteis; e o inconveniente duplica abaixando os salarios nominaes do trabalho, e augmentando o preço dos generos de que o operario carece; o dinheiro que recebem representa menos quantidade de generos precisos para a sua subsistencia; e se aquelles salarios nominaes augmentarem, perdendo o dinheiro proporcionalmente do valor, a condição dos operarios é ainda mais misera.

Supponhamos que um artista ganha annualmente 100 mil réis, com os quaes compra os alimentos que o sustentão e sua familia; se os generos que formão a subsistencia do operario augmentarem 30 p. 100, ainda que os salarios augmentem 10, elle acha se com um desfalque de 20 p. 100.

Por tanto o salario nominal ou dinheiro é para o operario o representante dos objectos precisos á sua subsistencia; se com elle compra estes em quantidade competente para viver commodamente, o salario é sempre normal, ainda que pareça pequeno; mas sêl-o-ha sempre que não lhe chegar para aquelle emprego, ou lhe foi preciso trabalhar em horas precisas para a refeição de suas forças.

E tal é o modo de julgar do estalão dos salarios, — isto é —; pela quantidade dos generos que com elles podem comprar quando são nominaes.

Se o trabalhador não ganha aquelle salario normal, sua existencia é um continuo combate entre a miseria, e as tentações do crime; e bom fôra que assim como as leis favorecem o proprietario, e o capitalista, favorecessem tambem os operarios, que são em

ultima analyse aquelles que mais essencialmente concorrem para a producção.

E' mister que o Legislador saiba que toda a contribuição, sem lei restrictiva que tiver por effeito augmentar o valor dos objectos de consumo geral, diminue *effectivamente* a taxa do salario, ainda que esta suba nominalmente; em todas as circumstancias, porém muito mais quando estes generos são caros, o trabalhador está na dependencia das outras classes, e na necessidade de sujeitar-se a condições duras, porque este tem sempre precisão do salario com que vive, e aquelles nem sempre tem precisão do trabalho.

A elevação dos salarios um tanto acima do estalão normal, é o unico meio de conciliar os interesses do capitalista, do proprietario, e do consumidor; para que aquella elevação tenha lugar é preciso que os trabalhadores o mereção por sua capacidade, e aptidão, intelligencia, e qualidades moraes; só com esta condição a industria prosperará, e prosperando esta tambem crescem proporcionalmente a renda das terras, e o juro de cápitaes.

O trabalho pois que não produzir salario que chegue para a subsistencia dos artistas e sua familia, não só em quanto elles trabalhão, mas nos dias que a religião consagra, ou nos accidentes fortuitos da saude, longe de contribuir para a prosperidade do paiz, não fará senão augmentar o numero d'uma população miseravel, turbulenta, inimiga do systema existente, e instrumento azado para os motores das conspirações, e da desordem.

Variedades.

RETRATOS HESPANHOES

O Hidalgo.

Imagine o leitor uma igreja com a torre do duodecimo seculo, e o portico acabado d'hontem : os olhos do spectador passão de um florão que tem centenares de annos para um ornato moderno; o pedreiro d'hoje corrigiu o obra do artista dos antigos tempos; ali percebe-se um tumulo de cavalleiro, cuja effigie apenas se acha defendida com uma armadura de poeira; acolá descobre-se uma capella lateral com todas as mostras do gosto contemporaneo : é um mixto cheio de cores variadas; é o arco gothico ao pé das volutas e ellipticas; é o capitel da idade media (renascensa) sobre a collumna de ordem composta; é o frontespicio da Batalha rematado com o zimborio de Mafra; é o seculo de Carlos Magno de braço dado com o actual; é o carmin da architectura rebocando as fendas das paredes cheias de sardanicas; é o rebique que debalde tenta remoçar tudo o que envelhece — destino commum das litteraturas, das mulheres e dos monumentos.

Tal é tambem o *hidalgo* d'hoje; elle pensa como se pensava nos tempos de Fernando e d'Isabel, e todavia discute como se discutio nas cortes de 1823; fez-se plebeu, mas conservou sua supremacia aristocratica; enfiou o *fraque* curto, e comtudo não arrancou os bordados do gibão de seus antepassados; dá ouvidos aos principios constitucionaes, não renunciou porem ás recordações cavalheirescas; o passado revive nelle, como elle vive no presente; é tambem um mixto do que foi, e do que é; eis o motivo porque o seu caracter é muitas vezes incompativel com a sua vida, porque para estar d'accordo com

o seu seculo, é mister que elle esteja em contradicção comsigo mesmo.

Antes de Cervantes trazia o *hidalgo* uma armadura, montava um cavallo arreiado, ía em romaria a Compostella, escolhia um nome querido para invocar nos combates, adorava o seu Deus como bom catholico, servia o seu rei como bom vassallo, vivia como suzerano no fundo do seu solar, e morria como heróe n'uma cruzada contra Mouros.

De Cervantes para ca viu-se o *hidalgo* despojado desta poesia theatral; sua lança apenas serve para palito d'antiquario; sua polida couraça de Milão, enche-se de ferrugem nas estantes d'um muzeu; sua adaga só mette medo nas sombrias elucubrações dramaticas; o proprio nome de *hidalgo* vae cahindo em desuso: — e na verdade se a obra de Cervantes fez assignalar a litteratura hespanhola, tambem contaminou para sempre o seu poder: essa epopêa, mordaz como um libello, perfeito iliada maldizente, descarregou sobre a Castella mais despiedado golpe, do que a perda da *grande armada*. Se a satyra é a unica litteratura das nações agonisantes, valia mais para as fazer reviver ter paixão por chimeras, do que escarnecer da realidade.

O *hidalgo* longe de ser o mesmo em toda a Hespanha, varia segundo as provincias; mas o caracter nacional da Peninsula parece sujeito a influencias locaes inevitaveis; assim o Vasconço é pertinaz, o Murciano commerciante, o Navarro guerreiro, o Aragonez intrepido, o Catalão austero, o Andaluz indolente, e o Castelhano fanfarrão.

A Hespanha vê-se hoje entulhada de *hidalgos*, que por uma serie de alternativas ficárão tão pobres como os estudantes de Salamanca; todavia deve-se acreditar que se ha alguns *hidalgos* que se fazem mendigos, ha ainda mais mendigos que se fazem *hidalgos*. Não supponho que a lei o permitta, mas tolera-o o uso. E' porem certo que em parte alguma se pede esmola com tanta arrogancia como em Hespanha; parece que debaixo daquelles andrajos cheios de bixos ha um brasão, e que os farrapos são figuras d'um escudo; nunca um Medina-Sidonia mostrou tanta altivez com a sua coroa ducal, como certos pedintes de Madrid debaixo de seus ca

potes de remendos; elles não ostentão pomposamente a quem passa feridas ou chagas, mas contão todas as suas tribulações de nobres decahidos, e a aristocracia lhes serve de clematite. (1)

Em geral pode-se dizer que quanto menos pretenções de rico tem um Hespanhol, mais tem para ser nobre; o orgulho desta qualidade, sustenta-o no meio das privações da indigencia; elle caminha então com a cabeça erguida, como se tivesse a consciencia do seu merito. E de bom grado accrescento (como observação menos offensiva do que verdadeira) que se um Hespanhol, pobre na sua patria, sempre se declara nobre, esse mesmo, pobre em terras estranhas, declara-se sempre refugiado.

O *hidalgo* opulento vive com a magnifica prodigalidade do caracter hespanhol; sua porta esta sempre aberta e a meza posta; não é a grave generosidade dos Inglezes, mas a velha hospitalidade mourisca quem recebe o estrangeiro com a cabeça descoberta, e que affronta todos os perigos para defender o seu hospede. Pode-se notar que é este um ponto do caracter nacional que não foi modificado, nem pelas mudanças de costumes, nem pelas influencias das revoluções; o Hespanhol dos nossos dias apparece fiel ás tradições paternas; esta feição do *hidalgo* seria bastante para mostrar que na degenerada Hespanha ainda resta o principio indestructivel da antiga virtude.

Mas é raro que a fortuna d'um *hidalgo* lhe provenha de seus antepassados; quasi sempre é elle que a tem ido procurar ás ilhas Philipinas, ou ás Indias Occidentaes. E é por isso que se deve ter como seu distinctivo particular, o habito constante de fallar a toda a gente nos seus immensos prejuizos; quem o ouvir cuida que tem perdido milhões, mesmo sendo millionario; se o felicitão pela sua fortuna, queixa-se logo das calamidades que lhe tem succedido; umas vezes foi uma clausula testamentaria que o obrigou a dar a um parente uma parte de seus bens; a concorrencia outras vezes embaraçou suas ambiciosas especulações em vinhos; ou então uma corveta

(1) *Clematite* é uma planta com cujas folhas os mendigos abrem e entretem as feridas, que provocão a caridade dos fieis.

ingleza fez arriar bandeira a um navio carregado de barras d'ouro ; ou devem-lhe quatro mil piastras em Valparaizo. N'uma palavra, não se lhe pode tomar a elle a culpa de se não arruinar ao passo que ia enriquecendo, porque, pelo que elle diz, bastantes diligencias fez para isso.

Depois de ter cahido em miseria, o *hidalgo* segue um systema contrario, e não falla senão nas suas riquezas ; muitas vezes dirá que possue riquezas consideraveis, mas que só tem o inconveniente de não saber onde ellas parão. Entretanto para justificar suas pretenções não deixará de lembrar que os Hespanhoes no tempo de Pelagio costumavão enterrar seus thesouros em profundos subterraneos para os por a salvo da cobiça dos Mouros.

Porem a maior parte dos *hidalgos* conservão o seu orgulho ainda depois da perda da fortuna ; nestes ultimos tempos perguntou um ministro da rainha a um *hidalgo* reduzido aos seus ultimos cinco reis, porque não abraçava elle uma profissão ; o *hidalgo* cujo olhar altivo estava em perfeita opposição com a capa esfarapada, respondeu : " Já que perdi o meu solar, antes quero viver n'um palheiro do que n'uma officina. "

Noticias Scientificas.

Influencia meteorologica sobre a cultura da vinha. — Os dados que tem servido a dedusir os resultados de que aqui se trata forão fornecidos pela vinha de Schmalzberg, pertencente á familia do Snr. Boussingault, e as observações meteorologicas forão feitas pelo Snr. Professor Herreuschmeider.

A vinha de Schmalzberg é bem cultivada, e os processos de vinificação tem sido feitos sempre do mesmo modo. O Snr. Boussingault tem determinado n'uma serie de 12 annos a quantidade d'alcool fornecido cada anno por uma dada superficie de terreno. O solo em que esta vinha é plantada é argiloso-calcareo assás movel; contem argila, saibro vermelho ferruginoso e calcareo que se acha na fórma de pequenissimos seixos.

O quadro seguinte comprehende o resumo de todo o contheudo nesta noticia.

	Centim.	Centim.	Hectol.	—	Hectol.	Hectol.
Alcool absoluto por hectare	11,2	12,8	49,75	0,050	2,49	1,56
	4,2	2,8	66,0	0,101	6,67	4,55
	6,9	5,7	100,0	0,081	8,10	5,60
	8,4	10,4	87,0	0,071	7,18	4,90
	7,8	6,5	,,	,,	,,	,,
Alcool contido no vinho.						
Riqueza em alcool.						
Vinho produzido pela vinha						
Chuva cahida no começo do Outono. . . .						
Chuva caida antes da florescencia.						

Annos	Epoca em que começou a vegetação	Epoca da vendima	Duração da colheita	Temperatura media durante a cultura	Temperatura media do Estio	Temperatura media do começo do Outono	Hygrometro de Saussure	Chuva cahida durante a cultura
			Dias	Gr. C.	Gr. C.	Gr. C.	Graos C.	Centim.
1833	1.° d'abril	26 d'8br.°	208	14,7	17,3	11,4	76,0	45,9
1834	—	29 de 7br.°	281	17,3	20,3	17,0	73,5	35,2
1835	—	10 d'8br.°	192	15,8	19,5	12,3	72,0	24,5
1836	—	19 —	201	16,7	21,5	12,3	74,0	41,9
1837	—	1.° —	183	17,5	19,6	15,0	„	42,6
Anno do cometa								

Se nós examinamos quaes são as circumstancias meteorologicas que influírão mais na qualidade dos vinhos, logo vemos que a temperatura media dos dias cujo numero compõe a duração da cultura tem uma influencia decidida. Esta temperatura, que foi de 17°,3 no anno que deu o vinho mais rico em espirito, foi sómente de 14°,7 no anno de 1833, cujo producto foi de mui mediocre qualidade . . . . . Debaixo da relação da qualidade dos vinhos, a chuva caida durante a cultura não parece ter uma bem sensivel influencia; mas parece ter succedido d'outra fórma em quanto á quantidade. A cultura que recebeu

menos agua deu mais vinho que a que se achou exposta a chuvas mais abundantes.

Algodão, linho, e canhamo. — Qual destas substancias serviria para a fabricação dos tecidos destinados a involver as mumias do Egypto?

Tinha-se ate hoje pensado que estes tecidos erão fabricados de algodão; mas ultimamente o Snr. J. Thompson e o Snr. Blauer publicárão em Inglaterra analizes tendentes a provar que não era o algodão, mas o linho, que servia a semelhante fabrico. E' por via do microscopio, comparando a forma dos filamentos do linho e do algodão, que elles chegárão a este resultado. Os filamentos do algodão differem com effeito essencialmente dos do linho. Os primeiros são achatados e torcidos sobre si mesmos; assemelhão-se a pequenas fitas torcidas de maneira que representão uma lamina disposta em espiral; os filamentos do linho, pelo contrario, são geralmentente cilindricos. A forma dos filamentos do algodão mostra-se nos fios dos tecidos, e mesmo nos papeis que teem sido feitos com panos de algodão. Ora nada d'analogo a esta forma se tem encontrado nos filamentos dos fios de que são compostos os tecidos das mumias do Egypto. Reconhece-se pelo contrario a forma cilindrica dos filamentos do linho.

O Snr. Dutrochet repetiu as observações dos Snrs. Thompson e Blauer sobre os panos d'involucro das mumias do museu Egypciaco; e viu, como elles, que os filamentos destes panos se assemelhão perfeitamente aos do linho, e de nenhuma forma aos do algodão. Fez demais uma nota que não foi publicada por estes observadores. Examinando os filamentos textis do linho extraídos de fios uzados em que tem sido destruida pelas muitas lavagens a adherencia natural dos filamentos entre si, adherencia que não é geralmente destruida pela maceração (rouissage), elle observou que estes filamentos são de duas formas: uns, semelhantes a bambús microscopicos, são tubos vegetaes compostos d'articulações allongadas, e muitas vezes algum tanto elevadas em os nós que formão estas articulações em sua reunião; estes tubos teem quazi uma centesima de millimetro de diametro. Os outros tubos vegetaes que constituem com os precedentes os filamentos textis do linho

não são compostos d'articulações, são continuos, e não teem senão uma meia centesima de millimetro de diametro. Ora, estas duas especies de filamentos textis que s'encontrão no linho teem sido observadas por o Snr. Dutrochet nos fios que servírão á fabricação dos panos que involvem as mumias do Egypto.

Para saber se algumas das teias do antigo Egypto não erão feitas com o canhamo, o Snr. Dutrochet examinou a microscopio os filamentos textis deste vegetal. Estes filamentos assim como os do linho, são de duas sortes, uns compostos d'articulações, e os outros d'uma só peça. Em geral os filamentos textis do canhamo são mais grossos que os do linho; os filamentos compostos d'articulações teem quasi duas centesimas de millimetro de diametro, o que é o dobro da dimensão dos analogos do linho. Por estes dados, o Snr. Dutrochet conhece que nenhuns dos tecidos provenientes do antigo Egypto, e que elle tem examinado, não são feitos com o canhamo.

E' por tanto o linho só que serviu aos antigos Egypcios para a fabricação de seus tecidos feitos de materia vegetal, e pode d'aqui concluir-se que, contra a opinião geral, elles não conhecião o algodão. Qual é então esta substancia chamada *byssus* (Bróos) por Herodoto, e com a qual erão feitos, segundo elle, os panos que servião a involver as mumias? " Não se poderia pensar, diz o Snr. Dutrochet, que esta palavra servia a exprimir a materia filamentosa textil que fornece o linho, assim como a palavra estopa exprime entre nós esta mesma materia filamentosa textil fornecida pelo linho e pelo canhamo? Ver-se-hia desta maneira de donde provem o erro dos sabios que, apprendendo por Herodoto que as teias dos antigos Egypcios erão fabricadas com o linho e com o *byssus*, concluírão que o linho era differente do *byssus*. Partindo d'aqui elles admittírão que o byssus não podia ser senão algodão. "

O Snr. Dutrochet termina mostrando que a torção dos fios Egypciacos é operada um sentido opposto a aquella que entre nós se dá geralmente aos fios que fabricamos.

Advertencia Essencial.

Por um equivoco que não poude a tempo ser corrigido se diz no retrato do numero antecedente que Jorge Buchanan era Lente de Medecina.

INDICE.

Das materias contidas neste Numero.

I. Paleographia — Dos livros e manuscritos antes e depois da imprensa.. 377

II. Litteratura — Da Cavallaria e do Romance..... 393

III. Bellas Artes — Dos progressos da musica no seculo XIX 397

IV. Sciencias — Combustão humana espontanea (segunda parte) 404

V. .... Economia Politica — *Salarios*..... 414

VI. Variedades — Galeria de Retratos — *O Hidalgo*..... 427

VII. Noticias Scientificas..... 431

VIII. Advertencia essencial 435

D. Henrique Infante de Portugal,
Grão Mestre da Ordem de Christo,
Santo, Sabio, e Valeroso.

REVISTA LITTERARIA.

Historia.

PRIMEIROS DESCUBRIMENTOS MARITIMOS DOS PORTUGUEZES.

Na historia do progresso dos conhecimentos geographicos tem os Portuguezes uma parte tão distincta e honrosa, que nunca serão excessivos quaesquer exforços que se possão fazer para diffundir e generalisar os grandes impulsos que a nossa marinha deu á civilisação europea, estendendo até aos confins do Oriente os limites do mundo conhecido. Os enormes sacrificios que os monarchas Portuguezes fizerão constantemente desde o feliz reinado de D. João 1.° para plantar o estandarte da fé, através dos mares, nas regiões mais distantes, e os felizes resultados de tão heroicas tentativas, excitando a emulação dos estranhos, nos derão por toda a parte a consideração de um povo emprehendedor,

grande no valôr e na constancia, e capaz de levar a cabo as emprezas mais difficeis.

Diversas causas concorrêrão durante a idade media para induzir as nações da Europa a fitar as vistas no Oriente. Na Grecia e na Italia se deu sempre valia ás vantagens do commercio da India. As crusadas, supposto levassem a principio a anarchia e a miseria aos paizes donde dimanárão, não podião deixar de ter depois uma extraordinaria influencia no espirito dos habitantes da Europa, familiarisando-os ao mesmo tempo com o luxo do Oriente. Os funestos resultados daquellas expedições contra os Sarracenos, com quanto exhaurirão os recursos e retardárão o desenvolvimento das nações Europeas, forão com tudo contrabalançados pelas relações que originárão entre paizes tão separados pela distancia, e tão differentes nos usos e costumes.

Entretanto um dos successos que teve mais directa influencia em excitar a energia dos estados occidentaes da Europa para as descubertas maritimas, foi sem duvida a guerra que teve lugar entre os Mouros e os habitantes da Peninsula. Os Arabes tinhão levado á Hespanha a sua magnificencia e os seus costumes orientaes, quando as suas operações mercantis se estendião por toda a parte, desde o Atlantico até á China, e desde o interior da Africa até o coração da Siberia. Na Hespanha o luxo dos principes Mouros tinha tocado o seu zenith. Parecia que ali se havião relaxado todos os preceitos austeros do alcorão, pois qne a religião pequenas restricções causava nas necessidades provenientes do luxo. O extenso commercio dos Arabes tinha enchido a Hespanha com as producções do Oriente. A nação Hespanhola não podia deixar de receber dos seus inimigos o contagio do luxo; porem como nem sempre forão hostis as suas relações com os Mouros, as maneiras das polidas côrtes de Sevilha e de Granada, depressa fôrão imitadas pelos principes Catholicos d'Aragão e de Castella.

Nenhuma duvida pois existe de que as perolas, os perfumes, e todas as commodidades fornecidas pelo luxo do Oriente forão introduzidas na Hespanha, principalmente pelos Mouros; e como as hostilidades entre estes dous povos cada dia se tornavão mais renhidas e

implacaveis, necessariamente havia de começar-se a sentir a falta d'aquelles objectos de luxo, a que os grandes já se havião habituado, e que nas classes abastadas fazião parte das necessidades da vida. Os mercados de Veneza e de Genova, por bem fornecidos que fossem, não podião offerecer tantas vantagens aos mercadores Hespanhoes, como lhes fornecião os Mouros. Assim, a expulsão dos Mouros para fóra da Peninsula deve ser considerada como uma das grandes causas remotas que mais concorrêrão para se procurar uma passagem para á India pelo Oceano.

Fomos nós os primeiros que sentimos toda a força deste incentivo, assim como fomos os primeiros que expellimos completamente os Mouros dos nossos dominios. Não contentes com ter conseguido esta grande vantagem, dentro em poucos reinados fomos perseguil-os ás costas d'Africa. D. João 1.º, accompanhado de seus filhos e da principal nobreza do reino fez um desembarque em Africa, e tomou Ceuta aos Mouros com grande valôr e galhardia. Voltando á patria investiu seu filho D. Henrique no Ducado de Vizeu em premio dos seus conhecimentos e das suas proesas. Era o Infante D. Henrique um principe mui habil e versado em todos os conhecimentos do seu tempo, unindo aos dotes d'estudante o valôr de cavalleiro. Parece que contrahira na mocidade uma paixão ardente para proseguir emprezas maritimas; e a situação politica e geographica de Portugal muito concorria para lhe bafejar os seus intentos. Ninguem por certo se achava então em melhores circunstancias para poder emprehender descubrimentos maritimos, pois que alem dos grandes recursos da sua caza, podia, ajudado dos seus conhecimentos astronomicos, apreciar os riscos e as vantagens provaveis das suas tentativas. O Infante tinha as ideas mais exactas da esphera; e mostrou a utilidade da longitudo e latitude na navegação, e o meio de as achar com o soccorro das observações astronomicas. Sabia alem disso muito bem a architectura naval, e conhecia perfeitamente quantos fructos resultarião do augmento da navegação, e das fundações das colonias, e dos progressos do commercio exterior. Durante a sua residencia em Africa recebeu valiosas informações dos Mouros

pelo que respeita ás populosas nações do interior d'Africa e da costa de Guinè; do que concluiu que se podião communicar pelo oceano, e resolveu desde logo vencer com a maior perserverança todas as difficuldades desta navegação.

Já em 1412, isto é, tres annos antes da conquista de Ceuta, tinha D. Henrique mandado um navio explorar a costa d'Africa. Esta expedição, que não foi coroada por algum successo assignalado, é digna de mencionar-se por ser a primeira viagem de descuberta, emprehendida pelos nossos passados. O Infante depois de regressar d'Africa começou por enviar cada anno uma embarcação com ordem de navegar quanto lhe fosse possivel ao longo da costa d'Africa; e os marinheiros, animados pelo seu zélo, bem depressa dobrárão o cabo Não, o qual, segundo indica o seu nome, era considerado pelos navegantes como um limite que se não podia ultrapassar. Mas mais alem se lhes apresentou á vista um obstaculo não menos terrivel: o cabo Bojador se estendia atrevidamente pelo mar dentro, e na sua frente os tufões e as correntes parecião outras tantas barreiras, de que os navegantes não ousavão approximar-se.

No anno de 1418 João Gonçalves Zarco, e Tristão Vaz Teixeira, fidalgos da caza do Infante D. Henrique, vendo a perseverança com que aquelle principe proseguia os descubrimentos da costa d'Africa, voluntariamente se offerecêrão a servir n'uma expedição com o fim de dobrar o cabo Bojador, e navegar alem delle para o lado do sul. — Segundo as instrucções que levavão, velejárão sempre ao longo da costa; porem, ou por falta de perseverança, ou por qualquer outra causa desconhecida, não podérão conseguir o fim da sua viagem; mas o acaso os recompensou dos seus trabalhos e despezas. Levantou-se repentinamente um vento furioso que os desviou da costa impelindo-os para o mar alto; perdêrão inteiramente a vista de terra, e se consideravão já de todo perdidos, quando durante a noite acalmou o vento, serenou a tempestade, e ao romper do dia virão a pequena distancia uma ilha, que denominárão *Porto Santo* em rasão do seu feliz salvamento. Mui satisfeitos com uma tal descuberta, voltárão

á patria a dar conta ao Infante dos incidentes da sua viagem. Derão-lhe noticia do clima brando, e bom terreno da ilha por elles descuberta; da simplicidade e mansidão de seus habitantes; e lhe supplicárão houvesse por bem consentir que ali fundassem uma colonia. D. Henrique dezejando premiar o seu feliz successo, e julgando ao mesmo tempo que a situação da ilha era vantajosa para o proseguimento da sua empreza, immediatamente consentiu no que dezejavão. Esquipou-se uma nova expedição, composta de tres navios, dos quaes erão commandantes Zarco, Vaz, e Bartholomeu Prestrello, tambem creado do Infante D. Henrique. Esta expedição foi fornecida de todos os petrechos, materiaes e sementes necessarias para plantar uma colonia em Porto Santo, o que conseguírão levar a effeito.

Apenas se firmou na ilha o novo estabelecimento, voltou Prestrello a Portugal a informar de tudo o Infante, ficando na ilha Vaz, e Zarco. Estes observárão de tempos a tempos uma mancha negra no horisonte, a qual, supposto se tornasse por vezes mais ou menos visivel, comtudo nunca mudava de posição. Tentárão descubrir a causa deste phenomeno; embarcárão-se, e navegando para esta sombra distante, em breve descubrírão uma ilha mui consideravel, d'uma apparencia encantadora, inteiramente deshabitada, e cuberta d'immensos bosques e arvoredos; e por esta ultima circunstancia lhe puserão o nome de *Madeira*. Tendo cuidadosamente examinado a ilha, voltárão os nossos viajantes a Portugal com a boa nova desta descuberta; e tanto encarecêrão a superioridade desta ilha acima de todas até então descubertas, que o Infante D. Henrique resolveu fundar nella uma importante colonia, escolhendo mui judiciosamente para a sua cultura a vinha e a cana d'assucar, como generos mais proprios para o seu terreno e situação.

Finalmente no anno de 1433 um certo Gil Annes, natural de Lagos, conseguiu dobrar o cabo Bojador, e na sua volta fez saber, contra todas as conjecturas, que os mares alem deste formidavel cabo erão susceptiveis de serem navegados, e que tanto os terrenos da costa como o seu clima erão excellentes.

Pouco tempo antes desta descuberta o Infante D.

Henrique tinha alcançado do Papa Martinho V. uma bulla, na qual aquelle soberano Pontifice fazia doação perpetua á coroa de Portugal de todas as terras ou ilhas que tinhão sido, ou houvessem de ser descubertas entre o cabo Bojador e as Indias Orientaes; concedendo ao mesmo tempo indulgencia plenaria para todos aquelles que houvessem de morrer no proseguimento d'uma empreza, com a qual, levada a cabo, se conseguiria resgatar todas aquellas extensas regiões das mãos de pagões e infieis. Desta sorte alcançou o Infante D. Henrique para coadjuvar a sua causa o enthusiasmo religioso, que n'aquelle tempo era um dos mais poderosos incentivos para taes emprezas; e ao mesmo tempo obteve, um *titulo* para o dominio exclusivo das suas descubertas, cuja validade as côrtes da Europa reconhecêrão por muito tempo.

Em 1441 mandou o Infante D. Henrique Antonio Gonçalves, e Nuno Tristão, a fim de continuarem os descubrimentos por elle projectados. Nuno Tristão chegou a navegar até o cabo Branco. Nesta expedição capturárão dez Mouros, alguns dos quaes erão abastados e de consideração entre elles; os quaes sendo trazidos a Portugal, chegárão o prometter objectos de valôr pelo seu resgate, se lhes fosse permittido voltar ao seu paiz natal. No anno seguinte partiu novavente Gonçalves com instrucções para desembarcar os Mouros no lugar onde se havião encontrado. Apenas o navio chegou á costa e se espalhou entre os naturaes que os captivos estavão a bordo, seus parentes e amigos pagárão o resgate em ouro em pó e escravos negros. — Por ter ali recebido ouro em pó, denominou Gonçalves rio d'Ouro o braço de mar em que seu navio estava ancorado. Trinta negros que Gonçalves recebeu em terra dos Mouros forão levados a Lisboa, onde causárão a mais viva admiração.

A pequena porção d'ouro em pó que esta expedição trouxe a Lisboa inflamanou extraordinariamente o espirito dos aventureiros. A apparição dos negros confirmou as suspeitas da existencia d'um novo mundo: e os Portuguezes, havendo tocado as praias por elles habitadas, derão provas dos seus grandes progressos na navegação. Os nossos navegantes que primeiro conse-

guirão dobrar o cabo Não, encontrárão junto ás praias aridos desertos sem o menor indicio de vegetação, o que dava sobejos motivos para recear que fosse veridica a opinião daquelles que julgavão que a zona torrida era inteiramente deshabitada; porem quando chegárão a descubrir as ferteis regiões junto ao Senegal, e observárão que erão mais populosas á medida que navegavão para o sul, revivêrão as suas esperanças, reconhecendo que a natureza não havia opposto ao seu progresso tão insuperavel barreira

O Infante D. Henrique, vendo que começava a colher bom resultado dos seus trabalhos, accedeu á proposta d'alguns moradores de Lagos, os quaes movidos mais pelo interesse, do que pelo amor da patria, esquipárão seis caravellas, que mandárão navegar para a costa de Guiné. Por falta de mantimentos foi esta expedição obrigada a voltar antes de haver conseguido os seus intentos, trazendo comsigo grande numero de negros que havião captivado durante a viagem. A fama destas descubertas, bem como das vantagens que dellas resultavão, trouxe a Portugal grande numero d'estrangeiros, principalmente Italianos, considerados então como mui habeis navegantes. O Infante recebia com grandes distincções todos aquelles que lhe erão reccommendados por seus superiores conhecimentos em astronomia e navegação, e de bom grado se aproveitava dos seus talentos. No anno de 1444 mandou novamente explorar as costas d'Africa por uma expedição commandada por Vicente de Lagos e Aluisio de Cada Mosto, nobre Veneziano. Depois de haverem visitado as ilhas Canarias e a Madeira, dirigírão-se ao cabo Branco, onde encontrárão Antonio de Nola, Genovez que andava tambem descubrindo aquelles mares, e juntos voltárão a Portugal. Cada Mosto foi segunda vez empregado n'outra expedição em 1445, e depois publicou uma noticia das suas viagens, que foi sempre lida com muito interesse, e havida em grande reputação; da qual daremos aqui um pequeno esboço.

A principio nos dá relação da grande fortuna que acompanhou no seu começo as colonias de Madeira e das Canarias. O solo produzia cento por um; e as plantações das vinhas e assucar se havião tornado so-

bremaneira florecentes na Madeira: ao mesmo passo que das Canarias se exportava urzella e pelles de cabra mui finas. Os habitantes destas ilhas erão mui ageis em atravessar os cumes de seus escarpados montes, saltando como as cabras d'um para outro rochedo, e atravessando assim para grande distancia sobre immensos precipicios. Lançavão pedras com grande força e uma precisão admiravel, de sorte que acertavão sempre em qualquer ponto a que houvessem mirado. As Canarias erão mui povoadas antes que por nós fossem descubertas, calculando-se em nove mil o numero dos *Guanchas* seus primeiros habitantes.

Cada Mosto faz tambem menção das tribus errantes dos Arabes que habitavão ao norte do Senegal, as quaes denomina *Azanhaji*, ou *vagabundos do dezerto*. Tinhão por costume cingir uma comprida manta em volta da cabeça, de maneira que parte della lhe vinha esconder o nariz e a boca; julgando improprio deixar ver as bocas, excepto quando comião. Delles soube o nosso viajante que quando pela primeira vez descubrírão navios á vela, julgárão que erão grandes passaros que vinhão voando de paizes estranhos com as suas azas brancas; mas, como os vissem depois com as vélas recolhidas, acreditárão serem enormes peixes que nadavão á flor da agoa. Conjecturárão outros que erão espiritos que vagueavão durante a noite, pois que tendo-os visto anchorados uma tarde em um sitio, no dia seguinte os avistavão a uma immensa distancia; e como não pudessem conceber que seres humanos houvessem de caminhar mais n'uma noite do que elles em tres dias, daqui inferião que os navios não podião deixar de ser espiritos.

Muito surprendeu o nosso viajante ao aproximar-se ao Senegal o ver a mudança repentina que se descubria na face da natureza, passando d'um para o outro lado do rio. Os habitantes que ficavão ao sul erão pretos, altos, robustos e bem proporcionados; e todo o paiz vestido de verduras e juncado d'arvores fructiferas; quando os que habitavão o lado do norte erão amarelados, magros e de pequena estatura; e o terreno sêcco e esteril. Cada Mosto acreditava, fundado na opinião dos sabios, que o Senegal era um braço do

rio Gihou, que tinha a sua nascença no paraiso terrestre, e correndo através de toda a Ethiopia se dividia em diversos ramos antes de desembocar no oceano, em quanto que o Nilo, que era outra filiação do Gihou ia desaguar no Meditterraneo. — Esta crença de que os rios principaes d'Asia e Africa provinhão d'uma fonte commum situada lá nos confins da Ethiopia, parece ter soffrido pouca alteração desde o tempo de Virgilio e Lucano até o de Cada Mosto.

Couza de trinta legoas alem do Senegal chegou o nosso viajante ao territorio d'um chefe, por nome Budomel, que o recebeu com attenção e civilidade, onde se demorou por espaço de quatro semanas, entregue á hospitalidade dos negros. A meza de Budomel era, segundo o costume do paiz, supprida por suas esposas, cada uma das quaes lhe mandava todos os dias um certo numero de pratos. O chefe e os principaes da tribu comião estendidos no chão sem alguma regularidade, ou commodos sociaes. Uma vez se arriscou Cada Mosto a declarar na presença de todos no fim da comida, que a religião de Mahomet era falsa, e a catholica a unica verdadeira. — A isto os Arabes se enfurecêrão, porem o chefe Budomel surriu-se, e declarou: "que a religião dos christãos devia ser indubitavelmente boa, pois que só Deus os poderia ter premiado com tantas riquezas e tanto saber ,, — e accrescentou "mas sendo Deus justo, e possuindo os christãos todas as boas couzas desta vida, os negros estão mais ao alcance d'herdar o paraizo celeste ,,. As mulheres erão mui agradaveis e alegres; e se divertião cantando e dançando.

Depois de haver deixado este paiz, Cada Mosto dobrou o cabo verde, e continuou navegando para o sul ao longo da costa. — "A terra, diz o viajante, é neste sitio baixa e cheia de grandes e bellas arvores, que se conservão sempre verdes; e crescem tão perto das praias, que parece estarem bebendo as agoas do mar. Toda esta costa é mui bella, e tal que nenhuma outra tenho visto que se lhe possa comparar, supposto tenha viajado muito no levante o nas partes occidentaes da Europa. Por toda a parte é abundantemente regada por muitas ribeiras que a tornão mui amena e agradavel ,,.

A narrativa de Cada Mosto é sempre mui interessante; e mostra evidentemente o brilhante successo que coroava os exforços do heroico Infante, que chegou a receber de seus proprios emissarios noticias circumstanciadas de differentes paizes habitados pelos negros; vendo ao mesmo tempo um commercio florescente dimanar das colonias, fundadas por seus illustrados trabalhos. — No anno de 1449 concedeu ElRei D. Affonso 5.° a seu tio o infante D. Henriqne permissão para estabelecer colonias nos Açores. Os estabelecimentos de Cabo Verde, da Madeira e das Canarias, erão outras tantas escolas de marinha que se aproveitavão de todas as opportunidades para promover os descubrimentos maritimos. Todos os annos se esquipavão novas expedições, as quaes, bem que lentamente, ião dilatando os limites da navegação. O Infante D. Henrique fundou no Algarve, junto ao cabo de S. Vicente (promontorium sacrum) a villa de Sagres, que ficou sendo a sua residencia favorita, porque dali podia contemplar esse grande oceano que continuamente lhe suscitava os seus projectos de descubertas geographicas. Neste agradavel retiro expirou o infante tendo sessenta e sete annos d'idade; — a sua morte paralisou por alguns annos todas as emprezas maritimas que elle tanto animava com seus talentos, com a sua grande experiencia e á custa da sua fazenda.

Durante o longo periodo de cincoenta e dous annos em que este patriotico principe dedicou toda a sua attenção ao engrandecimento e gloria da patria, nenhum successo verdadeiramente notavel coroou a sua perseverança e a intrepidez dos maritimos ao seu serviço; mas é incontestavel que elle poz um fundamento indestructivel para o proseguimento das descubertas geographicas, e tão solido que poude supplantar todos os prejuisos do seu tempo. O seu vasto genio poz em practica tantos planos d'uma utilidade immediata para conseguir o seu grande projecto, que se pode dizer afoutamente que foi elle o primeiro elo onde se prendeu essa gloriosa cadeia de brilhantes descubertas que nos derão a consideração da nação maritima mais emprehendedora, e que mais concorreu para a dilatação do orbe conhecido. — Destes successos brilhantes resta-nos

só a gloria ; porque dos melhores fructos fomos esbulhados por avidas mãos , que iniquamente se aproveitárão da nossa decadencia e das nossas dissensões internas. Mas depois de tantas calamidades — ao menos salvou-se a honra , e assim ficou intacta a gloria nacional.

Paleographia.

DOS LIVROS e MANUSCRITOS,

ANTES E DEPOIS DA IMPRENSA.

SEGUNDA PARTE.

Os mais curiosos de todos os manuscritos são os *Duplos* ou Palimpsestos, a que tambem se dão os nomes de *Codices* Erasi ou Rescripti. Propriamente fallando são antigos manuscritos com as linhas safadas, e substituidas pelo texto d'uma nova escrita, no tempo em que o papyrus era caro, e em que ainda não havia papel d'algodão. Então dava-se mais estimação ás legendas e tradições monasticas, do que ás obras primas da antiguidade classica; os monges, como possuião grande numero de pergaminhos, raspavão, lavavão, e cobrião com alguma substancia os fragmentos de Tito Livio ou de Platão de que erão senhores, e de que depois se servião, como se fosse pergaminho novo. Porem com bem magoa vião muitas vezes baldados todos estes exforços destruidores; a primeira escrita, graças ás propriedades da tinta caustica que os antigos usavão, nunca desapparecia inteiramente: e nos tempos modernos tem-se conseguido restaurar estas velhas ruinas, cujos vestigios forão quasi que sepultados pela ignorancia de muitos frades. Estes manuscritos dão testemunho de duas antiguidades diversas: a antiguidade das segundas escritas, a maior parte das quaes datão ja de mui

remotos tempos; e algumas vezes ate do seculo nono; e a antiguidade dos manuscritos primitivos, que de necessidade devia ser muito grande; porque é provavel que os monges não sacrificassem assim senão os pergaminhos mais velhos, mais engelhados, e mais usados. Um so homem, o celebre Angelo Maio, contribuiu tanto com as suas descobertas palimpsestas, para o progresso archeologico da nossa epocha, como todos os eruditos dos seculos precedentes. Foi elle quem descubriu as Institutos de Gaio, e os curiosos fragmentos da Biblia traduzidos por Ulphilas. A imprensa pontificia favoreceu com munificencia rara a publicação destas descobertas, que ainda mais rapida teria sido se não houvesse mingoa de typo grego nas typographias da cidade eterna.

Outros documentos preciosos que attestão as mudanças occorridas na arte de escrever, sahirão tambem das ruinas de Herculanum e de Pompeia, e apresentárão-se a nossos olhos assombrados como incontestaveis testemunhos dos progressos seguidos pelas artes antigas. (1) O primeiro seculo da era christan surgiu de subito com seus instrumentos, seu methodo, seu estylo, seus costumes e até com propria forma nas suas lettras. Cada caracter do alphabeto traz em si mesmo uma data que não é possivel desconhecer.

---

[1] Os trabalhos d'um celebre chimico de nossos dias que a morte ha pouco roubou à sciencia — sir Humphry Davy, emprehendidos com o intento de restaurar papirus d'Herculanum, parecem-nos tão importantes que reputamos d'obrigação dar aqui noticia delles aos nossos leitores. M. Davy tendo imaginado um methodo novo para desenrolar os papirus communicou primeiramente o seu projecto a S. A. R. o principe de Galles; porem este tendo ja visto muitos estragados pelos processos de M. Sickler, não quiz expor os outros aos mesmos perigos. No entretanto recommendou M. Davy ao rei de Napoles para que elle podesse tentar alguns ensaios nos papirus d'Herculanum. Não tardou a fazer viagem para esta cidade, e depois de submetter à distillação muitos rôlos de papyrus tirados das excavações, veio a certificar-se que elles não tinhão sido carbonisados pela acção do fogo, como o fazia acreditar a sua côr e um certo grao de probabilidade, porem que elles estavão em estado analogo ao carvão de pedra. As folhas que em outro tempo compunhão aquelles papyrus estão reunidas em uma só massa por uma substancia intermedia, que parece ser o resultado da fermentação e das mudanças chimicas occorridas na substancia vegetal durante os seculos que decorrêrão desde a epocha em que as cinzas do Vesuvio as tinhão sepultado. Em consequencia disto, elle humedeceu com um

Nas principaes cidades da Grecia e das colonias gregas havia grande numero de copistas chamados calligraphos, que tiravão a sua subsistencia da habilidade e perfeição com que transcrevião os manuscritos. Quinze paginas in-folio da grande obra de Montfancon são exclusivamente consagradas para catalogo destes calligraphos: Atticus sustentava mais de cem em sua propria caza; e os trabalhos destes copistas, que erão para vender, forão objecto de mui lucrativa especulação. Em caza de Cicero havia tambem um grande numero delles. Os *notarii* ou stenographos fazião differença dos *librarii* ou secretarios; a occupação dos primeiros era apanhar por meio de signaes abreviados os debates dos processos, as orações dos advogados &c. Chamavão-se *notarii domestici* os caixeiros ou guarda-livros encarregados dos negocios da familia, e *notarii ecclesiastici* os secretarios ou escrivães que transcrevião as actas dos concilios, as nomeações ecclesiasticas &c. Os progressos da religião christan não tardárão a dar importancia e consideração á profissão de copista. Os homens ricos, poderosos e distinctos criavão as suas proprias bibliothecas; e a *transcripção* era reputada como um dos mais nobres recreios: e quando della se queria fazer objecto de lucro, este era consideravel: a falta da imprensa fazia muito dispendiosos estes manuscritos. Ministros da

---

pincel molhado em ether sulfurico, a superficie do papyrus; este fluido penetrando as partes interiores com muita velocidade, despegava d'uma só vez muitas folhas; o que na maior parte dos cazos era nocivo ao bom resultado da operação. Experimentou depois uma dissolução de resina e de goma d'oliveira: e alem desta, ainda outra de chloro e iode feita em ether. Depois disto imaginou que seria bom collocar um papyrus n'um tubo de cobre furado em ambas as extremidades, e fazer passar atravez dellas uma corrente de gaz ammoniaco; porem esta operação não teve melhor resultado. Do que mais alguma couza se conseguiu foi da applicação do ether muriatico a outros papyrus que só estavão ligeiramente carbonisados; mas ainda que se chegassem as despegar as folhas, ficavão apagadas muitas lettras, ficando por este modo destruidos os bons effeitos da operação. O Snr. Davy lembrou-se então de humedecer as lettras apagadas com uma mistura de chloro, iode e ether sulfurico, esperando assim amarelecer a tinta e faser visiveis os caracteres; porem ainda desta vez foi baldada a sua expectação. De mais de dous mil papyrus que forão descobertos em Herculanum, apenas se poude tornar perfeitamente legivel um cento, apezar de se chegarem a desenrolar uns tresentos *N. do T.*

Igreja e do Estado, principes e altas dignidades tomavão a peito a propagação d'uma fé ardente e nova, copiando as obras que lhes servião de testemunho e apoio. Nos seculos terceiro e quarto, multiplicárão-se os conventos, e os frades tomárão para si o monopolio desta arte; e como erão ociosos por voto e por officio, condemnados pela maior parte, em consequencia de errada interpretração do christianismo, á inercia intellectual; e tambem algumas vezes dotados de esperteza e capacidade, enfadados alem disso da monotona serie de formalidades mortas e de practicas supersticiosas, a que os obrigava a sua profissão, devião necessariamente achar no exercicio de transcripção esta especie de ociosidade occupada, e d'assiduidade lethargica que a vida claustral lhes permittia.

A maior parte dos conventos multiplicárão prodigiosamente os manuscritos, e entregárão-se com maior actividade a este trabalho, porque uma boa copia rendia sommas immensas. Até ao principio do seculo decimo setimo sustentou-se este valor, e os manuscritos da bibliotheca d'Heidelberg dados por Maximiliano, duque de Baviera, ao papa Gregorio XV, fôrão avaliados em 80:000 coroas. O exemplar bem acabado d'uma obra piedosa era considerado não só com um trabalho util, mas como uma boa obra religiosa. Quasi sempre o copista terminava o seu trabalho com as seguintes linhas: *Acabei esta copia para salvação da minha alma; quem quer que a ler e entender ore pelo que a escreveu, e deseje-lhe felicidade neste e no outro mundo.*

Entre os conventos estabelecia-se grande rivalidade; e era de quem havia de ter os melhores e mais habeis escritores. Da meia idade por diante acabou este talento. A arte de copista foi pouco a pouco perdendo o seu valor, e ate mesmo suas tradições. As obras dos modernos não se podem comparar em esmero, gosto, graça, exactidão de texto, e belleza de adornos, com os trabalhos que temos mencionado. O frade mais ignorante era d'ordinario um admiravel escrevente: e se á transcripção andava necessariamente annexo um grande numero de faltas, ellas mutuamente se corrigião pela sua diversidade; uma attenta comparação obtinha sem muito custo um manuscrito puro, por meio de todas estas variantes.

Pelo que diz respeito aos copistas hebraicos da Biblia, esses voluntariamente se rodeárão d'extraordinarios tropeços: tem o quer que seja de extravagante o grande numero de condições rigorosas, a que tem de sujeitar-se aquelle, que hoje mesmo transcreve os velhos documentos hebraicos. Todo o exemplar cujo texte se considera corrupto deve ser queimado. Mas parece incrivel o que é bastante para decidir da corrupção d'um texto! uma so lettra emendada ou raspada; o uso d'uma tinta impura, ou da pelle d'animal immundo; de pergaminho que não fosse especial e exclusivamente preparado para este objecto; de pergaminho curtido por estrangeiro, ou encadernado, e pregado com substancias tidas por immundas! Eis-ahi damos as regras sacramentaes, que devem ser recebidas como lei. — Que antes de tudo se regre o pergaminho para servir de guia ao copista; que elle começe pronunciando primeiro, não de cór, mas com os olhos no texto, as palavras que vai transcrever; que antes de escrever a palavra *Deus*, pare para fazer uma oração com respeito, e que limpe a penna; que todas as lettras sejão desunidas e separadas por um intervallo igual, e da mesma sorte as palavras e as phrases; que cada folha occupe o mesmo espaço, e que no intervallo de trinta dias depois de acabado o manuscrito, elle seja relido e examinado, para depois o apresentar á synagôga, encarregada de o admittir ou rejeitar: — sem isto tudo, é impuro o manuscrito, e por tanto condemnado ao fogo. Ainda em nossos dias vigórão todas estas regras.

A vigilancia e pertinaz attenção com que os Hebreus conservavão a pureza do seu texto sagrado, parecerião incriveis aos povos modernos; era uma verdadeira superstição grammatical e philologica. Pouco tempo depois da era christan, alguns litteratos hebreus, animados de profunda veneração pela Biblia, accordárão em lhe consagrar o monumento do trabalho mais minucioso, mais enorme, mais ridiculo, e mais estolido, de que toda a historia das lettras pode fazer menção. Suas notas criticas consagradas a cada versiculo, a cada palavra, a cada lettra, e a cada ponto vogal do tex-

to hebreu, não deixárão escapar uma só particularidade, por inutil ou absurda que ella fosse. Elles contárão todas as lettras dos vinte e quatro livros do Velho Testamento; marcárão tambem o numero de lettras contidas em cada secção, em cada subdivisão, e em cada versiculo; notárão os versiculos em que alguma palavra podia ter esquecido, as palavras que deverião mudar-se, as lettras tidas por apocriphas, as repetições dos mesmos versiculos, as variantes, as differentes significações d'uma mesma palavra; os diversos modos porque uma palavra pode concordar com outra; tiverão até o trabalho de sommar o numero de vezes que uma palavra se encontra no principio, no meio ou no fim d'uma phrase, o numero de caracteres impressos por cima das linhas, o das lettras que se pronuncião, e o das que se não pronuncião, das lettras viradas, e das lettras perpendiculares. Desta forma fizerão elles a importante descoberta de que o ponto central do *Pentateuco* é exactamente a lettra *Noun*, no vocabulo *Gehen*; que no Genezis ha 12 *parascioths* ou grandes secções; 43 *sedarins* ou pequenas secções; 1534 versiculos; 20,713 palavras; 70,100 lettras; curiosidades importantissimas! Tal é a origem da *Massorah*, taes são os seus resultados: gigantesca puerilidade!

Os seculos de trevas e barbaria, como ordinariamente se lhes chama, não forão estereis para a humanidade, não obstante as ninharias que acabamos de citar. Entre a morte de Justiniano e o principio, do decimo quinto seculo trabalhou-se com o maior afinco por salvar do naufragio universal as reliquias da antiguidade erudita.

Não é preciso mais do que citar Procopio o historiador, Hesychius o lexicographo, o grammatico Prisciano, o philosopho Boethe; o veneravel Beda; Alcuin mestre de Carlos Magno; Raban Mauro; o rei Alfredo; e ultimamente Phocio, patriarcha de Constantinopla, a quem o imperador Miguel III fez em uma semana subir todos os degraos que conduzião ao patriarcado. Elle foi monge, leitor, subdiacono, diacono, presbytero e patriarcha no curto espaço de seis dias. O seu *Myribiblion* é o primeiro exemplo das Revistas criticas que hoje a cada passo se encontrão. Os se-

culos undecimo, duodecimo, e decimo terceiro produzirão Avicenna, Psello, Laufranc, Anselmo, Suidas, Anna Comnene, Rogerio Bacon, Tzetzes de Constantinopla. E por fim, Dante, Petrarcha, Chaucer, e Gower, que, quaes lucidas constellações, espargem ondas de luz para os seculos seguintes. Quem pois á vista disto ousará dizer que a cadea de transmissão intellectual foi jamais interrompida? ou que os conventos forão hostis ao desenvolvimento do espirito humano? Quando toda a especie de propensão intellectual era desterrada dos campos e dos palacios, quando nobres e mechanicos desprezárão o movimento do pensamento, os unicos asylos que o protegem contra a geral barbaria, são os conventos.

O caracter religioso e quasi sagrado que andava annexo á arte da transcripção, o grande numero de pontos por onde os manuscriptos andavão disseminados, fazendo-os assim conservar; o respeito dos guerreiros e dos mesmos conquistadores para estes lugares de retiro e para os seus habitantes, tudo concorria para favorecer a transmissão do deposito litterario. Alexandria, antes de ser incendiada pelos Sarracenos, continha sete centos mil volumes: em Pergamo havia dusentos mil: Constantinopla era mais rica: de dia e de noite estavão-se copiando os thesouros da antiguidade, e as tradições christãas nas ilhas do mar Egeo, nos conventos da Asia-Menor, e nas visinhanças de Bysancio. Montfaucon menciona mais de cincoenta destes sanctuarios de sciencias existentes so na Calabria e arredores de Napoles; todo o seu capitulo intitulado: *Dos lugares e dos paizes em que a escritura grega esteve em uso*, dá mui curiosas noticias ácerca dos copistas desta nação. Sobre o promontorio do monte Athos que vem do centro da Macedonia, e entra pelo mar Egeo, elevava-se um mosteiro, que se tornou celebre pelos trabalhos dos monges na arte de copista, que era a sua occupação exclusiva. Os palacios dos reis de França, e as suas quintas, erão outros tantos focos luminosos em que se concentravão os ultimos restos da sciencia humana. Mabillon cita sessenta e tres palacios e quintas em que residião escreventes, e donde erão expedidos os diplomas regios. A comparação destes diplomas,

da forma da sua escritura, e do estylo empregado em seus adornos, offerece um excellente fio conductor aos que cuidão nos trabalhos de que fallamos, e que querem mais especialmente reconhecer a authenticidade dos manuscritos latinos. E' para sobre modo admirar o erro de Voltaire, e de quantos a exemplo delle julgárão que o genero humano embrutecêra na barbaria por espaço de muitos seculos; quando toda a Azia estava povoada de copistas, quando a Europa Occidental, e ate as ilhas Britannicas, ultima raia da Europa, protegião esta arte, e pagavão um manuscrito por 800,000 reis do nosso dinheiro; quando cada igreja tinha uma bibliotheca com seus competentes bibliothecarios, e com um *scriptorium*, salla tão sómente destinada para a transcripção incumbida aos frades; quando cada convento era como uma arca santa, no meio do diluvio da guerra e da barbaria! e os mosteiros forão as unicas fortalezas contras as quaes se despedaçou o poder dos reis, e os unicos templos a que se acoutou a civilisação perseseguida nas outras partes da terra!

Taes são os principaes documentos que nos podem guiar na historia dos manuscritos e da sua transmissão; procuremos agora as deducções que delles devemos tirar. Quando se não poder suspeitar motivo algum plausivel de fraude e falsificação, as probabilidades são a favor do manuscrito. Se porem nelle encontramos factos, datas e nomes que ja se tem visto em outras obras da mesma epocha, e especialmente nas correspondencias contemporaneas, augmentará a probabilidade. No theor mesmo do manuscrito podemos nós receber uma impressão semelhante a aquella que em nós deixa a practica daquellas pessoas, cuja veracidade e candura parece que respirão nos seus semblantes e em suas fallas. Se existirem muitas copias, muitos exemplares do mesmo manuscripto na mesma epocha, mas em differentes lugares, será isto mais uma nova verosimilhança: a qual augmentará ainda, se os factos narrados parecerem estranhos ou monstruosos á primeira vista, e que a sua authenticidade fundada na crença do povo, se achar depois provada pelas historias dos outros escriptores. A extrema minucia dos pormenores relativos ás couzas e ás pessoas da mesma epocha, nem sempre é

sufficiente : quando porem este testemunho se junta a aquelles que acabamos de citar , e que , como nos Evangelhos, as indicações são muito exactas, assim como as datas , e os nomes d'homens muito multiplicados, conformes á tradição e á historia ; resulta deste concurso uma immensa probabilidade a favor da obra antiga. E' necessario ver se a chronologia se alterou, ou se se conservou ; se a successão dos acontecimentos é natural; se está bem exactamente marcada a coincidencia dos factos historicos , e dos reinados sobre os diversos pontos do globo ; se todos os contemporaneos concordão em reconhecer que o autor escreveu a obra que se lhe attribue; se o seu estylo está perfeitamente d'accordo , não só com o tempo em que viveu , mas com o lugar em que nasceu, com a sua situação pessoal , e com os seus habitos ; se as suas phrases tem na verdade a physionomia asiatica ou romana do primeiro seculo , ou do decimo ; e por ultimo , se nos outros escritores apparecem vestigios daquelle cuja authenticidade se quer verificar ; se esses vestigios se conservárão por via de citações ; e se estas citações se encontrão no proprio manuscrito que se dá por authentico.

Quando um autor é citado ao mesmo tempo por muitos escritores coevos , que nenhum interesse tem em suppor uma authenticidade fallaz ; e essas citações se referem exactamente ao texto do escritor ; e numerosas allusões espalhadas por outros contemporaneos concorrem ao mesmo fim ; quando a distancia dos lugares e dos tempos previnem toda a possibilidade de conluio e de fraude, então o mais esturrado sceptico ver-se-ha obrigado a abdicar as suas duvidas. Ha-de convir que o Virgilio e o Seneca, de quem possuimos hoje alguns escriptos , erão com effeito compatriotas de Augusto e de Nero. Poucos livros deixão de os citar mais ou menos ; e nos livros antigos são as citações daquelles autores ainda mais amiudadas. O citador ora copía do texto uma passagem inteira; ora é accidental a sua citação, e algumas vezes lhe acontece servir-se d'um termo , d'um modo de dizer, d'um epitheto , ou d'uma imagem que confessa d'onde as tirou. Fragmentos dos tragicos gregos andão espalhados pelas obras de todos

os philosophos latinos. Encontrão-se em varios pontos minuciosas criticas, analyses circunstanciadas, e commentarios philologicos ou historicos consagrados a certas obras. Todas estas provas devem ser tomadas em consideração, e muitas suspeitas se élevão contra a obra que aspira a remota antiguidade, e que se não apresenta guarnecida com nenhuma destas provas correlativas. Provocou porem ella alguma discussão? apparecem signaes della? e foi traduzida para differentes linguagens? Se assim é; quanto mais essas traducções fielmente se aproximarem do texto original, mais pezo fará esse texto.

Antes de darmos fé á data e ao nome do autor, é mister que elle seja examinado nas differentes luzes que vimos de assignalar. Observe-se particularmente a linguagem que elle affecta, as formas grammaticaes que emprega, a phraseologia de que faz uso, as imagens em que abunda, ou de que é parco, tudo e que constitue o seu modo, o dialecto do seu pensamento, e para assim dizermos, o trajo da sua intelligencia. Este trajo ou vestuario, que é muito variavel, não depende do capricho do escritor, nem mesmo do seu proprio caracter. Elle recebe-o todo de seus contemporaneos, e de seus habitos; e não está na sua mão mudal'-o. O seu primeiro e principal desejo é que o comprehendão. Não dependeu de Santo Agostinho fallar como Seneca, nem de S. Jeronimo exprimir-se como Cicero. O estylo recebe a impressão d'uma epocha, e depois apresenta essa mesma impressão como que em relevo; de forma que é impossivel não a conhecer. Mabillon tem toda a razão para se irritar contra aquelles que aborrecem e não tolérão o latim barbaro de certa epocha. " Reparae, diz elle, que „ esse latim é uma marca, um cunho, e não um modelo. „ Cada terreno dá seu fructos e suas flores; um tem- „ po barbaro produz um estylo tambem barbaro; e se- „ ria na verdade uma loucura pedir a um deserto in- „ culto as angelicas e os junquilhos, os narcisos e as „ rosas, que os nossos jardineiros dispõem nos seus „ vazos de bronze e de porcelana. „ Examine-se tambem se a atmosphera da epocha especial a que a obra quer pertencer é conforme com a historia; inquirão-se nesta as particularidades do clima, os productos da

arte, os vestigios da vida domestica, as opiniões religiosas, a cor local do paiz, e todas as modificações que tal ou tal epocha produziu no pensamento. Com admiravel exactidão disse alguem que as variações da linguagem continhão a *historia intima* das nações. Não ha pastiche (*) completamente verdadeiro; é uma imitação facticia que nunca vinga. Os mais habeis neste genero nunca passão de mentirosos mais espertos; o mesmo Walter Scott põe na boca dos seus heroes do duodecimo, e decimo terceiro seculo um dialecto que a ninguem pertence senão ao proprio Walter Scott, mas cuja base se encontra em Shakespeare, e os adornos se podem tirar da algaravia da Escossia e dos velhos poetas inglezes. A linguagem, qual espelho eterno e movel das ideas e sentimentos populares, reflecte em suas perpetuas evoluções, não só as mudanças e as crises que a historia marca, mas as pequenas variantes que ella não aponta. Por certo que me não consta que uma unica imitação d'um estylo perdido ou antiquado chegasse já mais a illudir um homem de bom gosto.

Os factos e allusões contidas n'uma obra, tambem offerecem uma serie de provas intrinsecas que produzem evidencia em mui subido grao. Quem poderia hoje acreditar na data d'um livro composto no decimo quinto seculo, em que se questionasse directamente sobre a força do vapor, sobre as novas maximas d'economia politica; em que se fizesse menção do direito de intervenção, de leis de Pautas d'alfandegas, da Abolição da escravatura, da anniquilação da Polonia, do systema Penitenciario, e dessas publicações de baixo preço, que diffundem, talvez para a perder, a sciencia que d'antes era contida em grossos alfarrabios? Certamente toda a especie d'obra em que o autor mostrar que foi influido por estes progressos, inventos e ideas, ha-de por força pertencer á primeira terça parte do seculo desenove. Modificações, ou sombras muito mais tenues requerem extrema delicadeza de percepção para poderem ser avaliadas. No tempo d'Augusto, a civili-

---

[*] Pintura d'imitação.

sação romana que abrandava, começava a criar uma especie de litteratura conforme com o apparecimento do christianismo, e com o luxo dos *Patricios* da Corte. Em nenhum tempo Hesiodo, ou mesmo um contemporaneo de Caius Gracchus teria inventado a Dido de Virgilio, mulher sentimental, e meio-moderna, que se não pode comparar, nem á Phedra d'Euripides, nem ás heroinas de Sophocles. So uma ridicula avidez de paradoxos é que podia attribuir esta sublime poesia a um frade barbaro do decimo sexto seculo!

Assim todas as criações do espirito tem em si mesmas a sua data; só o que falta é descubril'-a. Junte-se a estas provas litterarias e intellectuaes, as provas materiaes, com cuja historia nos entretivemos ja; provas relativas á copia dos manuscriptos, á forma das lettras, aos instrumentos e ás substancias de que se fazia uso; vereis então encher-se o abysmo que separa a civilisação moderna da civilisação antiga. Desta sorte saberemos por quantas vicissitudes passou cada um destes thesouros intellectuaes desde a epocha da sua creação para chegar ate os nossos dias. Em quanto ás differentes opiniões que se tem estabelecido sobre o modo de comprehender certas palavras e certas passagens, essa infelicidade era bem natural; e como ella era de esperar, não havia por isso razão de queixa. Sabemos muito bem que se contão mais de cem mil Variantes no texto do Novo Testamento, e que esta diversidade que so a Imprensa podia remediar, dá lugar a uma infinidade d'interpretações contradictorias. Mas os nossos juizos sobre os caracteres historicos acaso não serão muito disparatados? e quem se havia de admirar desta variedade de phrazes e de epithetos? Eu por mim desconfio muito do obra que não tem variantes; semelhante esterilidade prova que os manuscritos originaes erão raros, e que os erros, quasi que hereditarios, se transmittião sem correcção d'um copista para outro.

Maravilhoso phenomeno é este — que quanto mais nos adiantamos nos seculos, mais nos aproximamos da antiguidade, em vez de nos affastarmos della! Cada anno que passa, em lugar de reduzir a pó os ultimos restos desses monumentos venerandos, antes os concer-

ta e alevanta. A imprensa, multiplicando os exemplares faz que se não possão perder ou desapparecer os menores trabalhos do entendimento. Em outro tempo o homem de talento que restabelecia um texto, que o corrigia e limpava, que o commentava e explicava, não podia produzir mais do que uma só copia, cuja destruição casual reduzia ao nada todos os seus trabalhos. Actualmente já o philologo commentador pode contar com uma existencia tão duradoura como a do autor que elle elucida: sua gloria, se elle a merece, é permanente. O tempo com suas mãos destruidoras arrasa successivamente todas as maravilhas da architectura, da pintura e da sculptura; mas o pensamento tão ligeiro, e tão movel, fixa-se, e nunca perece! é o maior dos prodigios. Depois de ter eternisado as invenções novas, e os resultados do presente, esta sublime descuberta acabou constituindo novamente o passado, para o deixar em herança ao futuro.

(Extr. do North American Review.)

REFLEXÕES

SOBRE O ARTIGO

FERNAM MENDEZ PINTO,

NA REVISTA LITTERARIA DE 31 DE AGOSTO DESTE ANNO A PAGINAS 208.

Ninguem mais que nós sente e lamenta o ingrato, e incomprehensivel desprezo, com que alguns dos nossos eruditos tratão a litteratura e lingua portugueza, e as excellentes obras dos benemeritos escriptores, que em differentes generos a illustrárão· Ninguem mais deseja trazer (se nos fosse possivel) a mocidade portugueza estudiosa ao conhecimento, familiaridade, e amor dos nossos autores e livros classicos, tanto para inspirar-lhes o nobre orgulho de descenderem de illustres e generosos avós, e o desejo de os imitar em valor, honra, e virtude; como para saberem avaliar e gostar as riquezas da litteratura patria, e trabalharem incessantemente em restaurar a graça, as elegancias, e a belleza expressiva da linguagem nacional, apta para todos os estilos, e em nenhum inferior aos mais copiosos, e mais bellos idiomas da Europa.

Não podemos pois deixar de louvar o espirito, e as patrioticas intenções que dictárão o art. do num. 4.° da *Revista Litteraria* de 31 de Agosto deste anno, aonde fazendo-se grandes e bem merecidos elogios ao elegante escriptor *Fernam Mendez Pinto*, se nota o pouco conhecimento, que delle tem os proprios litteratos portuguezes, e o pouco que a sua obra é lida e estimada entre nós.

Louvamos (digo) o espirito e as zelosas intenções do douto autor do artigo, porque ellas tendem manifestamente a excitar os nossos estudiosos á leitura assidua de tão bella obra, e a lembrar e recommendar

para a imitação, as graças e excellencias do seu estilo: mas não podemos deixar de dizer ao mesmo tempo, que nos parece hum pouco excessiva, e consequentemente injusta, a censura, que ahi se faz aos Portuguezes. Assás de reprehensão merecem elles, em geral, a este respeito; pede porêm a razão, a justiça, e o proprio amor da patria, que se não transponhão os limites da verdade, nem se impute aos nossos litteratos maior gráo de culpa do que elles em realidade merecem.

„ *Muito pouca gente* (diz o artigo) *conhece Fernam Mendez Pinto. Suas peregrinações .... são tão lidas pelos nossos, fallando mesmo da maior parte dos litteratos, como Piaui-tian dos Chins, ou como as relações arabes de Ebd-Allah-Yaconti* „

Não sabemos se em Portugal são pouco, ou muito lidas as obras chinezas e arabes aqui apontadas, ou muito, ou pouco conhecidos os seus autores: sabemos porêm, que é muito conhecido Fernam Mendes Pinto; que são lidas por muitos litteratos nossos as suas peregrinações; que nos parecem sobejamente exageradas as clausulas do escriptor; e que julgamos que ellas contêm notoria injustiça, e induzem grave e não merecido descredito dos litteratos portuguezes. Reduziremos a huma só consideração as provas que disto podéramos dar.

As *Peregrinações de Fernam Mendes Pinto* forão impressas a primeira vez no anno de 1614.

Sahirão 2.ª vez á luz no anno de 1678.

Sahirão 3.ª vez em 1711.

Sahirão 4.ª vez em 1725.

Sahirão 5.ª vez em 1762.

E sahirão ultimamente 6.ª vez (com grande exacção typografica) em 1829.

Esta multiplicidade de edições prova, a nosso parecer, que a obra de Fernam Mendes Pinto tem tido particular estimação dos Portuguezes, e que, pelo menos, nunca foi desconhecida, nem desdenhada da *maior parte dos litteratos.*

Não seria acertado, nem razoavel fazer juizo nesta materia, comparando o que succede em Portugal com o que se observa em outras nações, sem metter

em conta as differenças, que entre ellas ha. A nação portugueza é pequena em povoação, e tem consequentemente menos litteratos do que se encontrão em outras nações sabias da Europa. O idioma portuguez era, até há poucos annos, pouco conhecido fora de Portugal; e porisso não tinhão os livros portuguezes a sahida, que em outras partes costuma augmentar consideravelmente o numero das edições, fazendo dellas objecto de commercio externo. As edições, por tanto, de Fernam Mendes Pinto, que todas hoje, á excepção da ultima, são mais ou menos raras, todas no reino se consumirão, todas, em grande parte, existem nas bibliothecas publicas e particulares, e certo que os litteratos portuguezes não terão sido os ultimos a frequentar e aproveitar a sua leitura.

Cumpre, àlem disso, que se tenha respeito ás circunstancias, em que a nação portugueza se achou no largo periodo, que decorreu des-de 1614 ate 1829 — Ora subjugada de uma nação estrangeira, que a conduzio ao ultimo termo da humiliação, e desalento — Ora implicada em porfiosas guerras de muitos annos, as quaes, por sua natureza, e pelas circunstancias publicas, demandavão e absorvião todas as attenções, cuidados, e esforços dos Portuguezes, e não lhes permittião a tranquilidade de espirito que se requer para as aturadas e profundas meditações do estudo, ou para os prazeres e delicias da lição, e erudição curiosa. Ora emfim trabalhada por muitas outras poderosas causas, que nem cabem nesta breve nota, nem serião proprias do nosso assumpto. E comtudo, no meio das perturbações, dissabores, molestias, e desventuras, que o povo portuguez experimentou dentro d'aquelle periodo, e por todo elle, nem porisso se mostrou estranho á litteratura, nem ingrato á generosa indole, com que a natureza o dotára, e enriquecêra.

Diz o douto autor do artigo que „ *entre os Portuguezes não há grande inclinação pelas lettras* „ Nós porêm, tendo sempre o respeito devido ao zelo do escriptor, protestamos altamente contra esta especie de accusação, e tanto mais, quanto a vemos adoptada por alguns estrangeiros, que ignorando quasi completamente a historia da nação, e da litteratura portugueza,

ousão servir-se destas e de outras semelhantes expressões (mais zelosas que justa) dos nossos proprios compatriotas, para nos lançarem em rosto, não só que somos huma nação ignorante, mas ate *que nenhuma há que mais inimiga seja de escrever*, e por consequencia de ler e de estudar.

Notem-se embora (não o repugnamos) certas épocas infelices, em que os Portuguezes, reprimidos na sua actividade intellectual, e como adormecidos naquella especie de inercia, que é infallivel consequencia do constrangimento e do medo, privados do vigor e força varonil, que fecunda o genio, e favorece os seus esforços; privados até da justa e innocente liberdade, que inspira novas e grandes producções, se achavão ligados com as duras cadêas da preoccupação, e do temor de huma authoridade estranha, illegitima, e tyranica, quasi esquecidos de seus mais sagrados, e essenciaes direitos, ou sacrificando-os, máo grado seu, á imperiosa, e inevitavel necessidade.

Notem-se essas epocas desastrosas, em que a pasmosa navegação, e vasto commercio dos Portuguezes, que por tantos modos tinha animado, e promovido neste bello paiz o gosto das boas artes, cahio na mais triste inacção, e abatimento. — Em que as riquezas, que esse vasto commercio trouxera a Portugal, forão ou estancadas na sua origem, ou extorquidas com diversos pretextos, e por differentes modos, das mãos dos Portuguezes, ficando elles reduzidos á penosa humiliação, qne é filha da indigencia, e que apenas dá lugar a uma litteratura pobre, mesquinha, e sem energia — Em que a ditosa paz do coração e a mutua franqueza e confiança entre os cidadãos tinha desapparecido de Portugal para ceder á inquieta perturbação, e ao sombrio e suspeitoso temor, que de nenhum modo se pode conciliar com a serenidade do espirito, necessaria para os graves trabalhos scintificos, e para as nobres e bellas producções das artes.

Notem-se embora (digo) na historia da nossa litteratura essas épocas infaustas de pobreza e abatimento. Notem-se tempos de mais illustração, e tempos menos illustrados. Diga-se que já fomos grandes em litteratura, e superiores a essas nações orgulhosas, que ora

nos desprezão; e que hoje estamos muito inferiores a ellas na escala progressiva dos conhecimentos scientificos. Não necessitamos de explicar aqui, para nossa justificação, as causas deste fenomeno. Muitas nações tem passado por semelhantes alternativas: muitas tem tido seculos de esplendor e de gloria, e seculos de ignorancia, e menosprezo. Mas querer por taes principios determinar o caracter e indole natural de uma nação inteira; notal-a, e accusal-a de *pouco inclinada* aos estudos e ás letras, porque em alguma, ou em algumas épocas as não cultivou com diligencia, e esmero; passar em silencio as suas epocas de gloria, para sómente realçar as da sua decadencia! parece-nos, por certo, couza fora da razão e do bom discurso, e alem disso, no nosso caso, desmentida por factos incontestaveis.

Não escrevemos agora a historia litteraria de Portugal, nem isso é necessario ao nosso proposito. Se o fosse, poderiamos lembrar, sem nota de jactancia, as escolas estabelecidas nas cathedraes e mosteiros logo desde o primeiro seculo da monarquia, e os muitos homens doutos, que ou nellas aprendêrão, ou forão buscar as luzes da sciencia aos estudos de Montpellier, de Tolosa, de Bolonha, e a outros da Italia, e da França: poderiamos lembrar os reinados de elRei D. Affonso 3.º e de seu filho D. Diniz; o amor deste principe á Poesia, os serviços que fez á lingua patria; o estabelecimento da Universidade, que fundou, e para a qual concorrêrão com gosto, e com empenho alguns prelados e reitores regulares e seculares do reino; a primeira creação da historia portugueza pelo Conde de Barcellos, & cet: poderiamos lembrar a escola de Alcobaça instituida „ *ad communem utilitatem omnium monachorum, appetentium incomparabilem scientiae margaritam* „; o outro collegio fundado pelo douto Bispo de Lisboa D. Domigos Annes Jardo; e finalmente nomear alguns varões illustres que até os fins do seculo 4.º florecêrão em Portugal nas sciencias, que então mais se cultivavão, e na poesia e litteratura, nunca estranha á nossa gente.

Bastará porêm, para mostra do que aqui intentamos, lançar os olhos rapidamente á nossa historia lit-

teraria dos seculos 15. e 16.

No seculo 15. notaremos sumariamente.

1.° que en-tão florecêrão em Portugal os estudos mathematicos, cosmograficos e nauticos na escola de Sagres, fundada pelo immortal infante D. Henrique, do qual diz o douto Walckenaer, que era *o primeiro mathematico do seu tempo*; que possuia *grandes conhecimentos geograficos*; e que tendo convidado para o estabelecimento da mesma escola hum sabio, versadissimo na navegação, e na arte de fabricar instrumentos, e de projectar cartas nauticas, *o poséra á frente da sua Academia, com o fim de propagar tão uteis conhecimentos.*

2.° que desta escola, e seu observatorio, e dos sabios que a frequentavão, sahirão muitas observações uteis ao progresso da sciencia, e as cartas geograficas e maritimas, que depois servirão aos posteriores geografos e navegantes: e que della mesma resultou a grande pericia nautica dos Portuguezes, e o desenvolvimento de huma marinha respeitavel naquelle seculo, da qual diz o illustre geografo Malte-Brun, qus *foi mui florente no tempo de elRei D. João* 1.°: que *havia então no reino escolas mui celebres para os estudos da navegação, em uma das quaes acabou Colombo de aperfeiçoar os seus talentos*: que *no mesmo reinado erão os Portuguezes reputados como os primeiros navegadores do seu seculo*, e que *Portugal occupava o primeiro lugar entre as potencias maritimas.*

3.° que no mesmo seculo, tanto elRei D. João 1.°; como seu filho D. Duarte, e seu neto D. Affonso 5.°, dirigido então por seu tio, e tutor o infante D. Pedro, concebêrão, e executárão o projecto do *primeiro Codigo de Leis nacional*, compilado em lingua portugueza por doutos jurisconsultos da nação, o qual é anida hoje hum dos mais preciosos, e abonados testemunhos da nossa civilisação e litteratura.

4.° que outro sim se emprehendeu e executou, por ordem dos mesmos soberanos, o outro projecto de lançar em esurictura as *chronicas dos Reis* seus predecessores, em lingua portugueza, as quaes effectivamente forão escriptas, com desempenho, pelos dous habeis chronistas Fernam Lopes, e Gomes Eannes de Azurara, merecendo o primeiro delles, a juizo de hum

critico illustrado o nome *de pai da prosa*, *e do periodo portuguez*; e isto quando nas outras nações da Europa era ainda raro, que se escrevesse a historia com igual dignidade nas linguas vulgares.

5.° que no mesmo seculo fundou elRei D. Affonso 5.° no seu palacio o util estabelecimento de uma Bibliotheca Real, que depois se foi augmentando em riquezas litterarias: e que tanto este illustrado principe, como seu augusto pai e avô, algum dos infantes seus tios, e até algumas das princezas da caza Real portugueza, nos deixarão preciosos monumentos do seu saber em obras que ainda existem, e que ainda hoje merecem a attenção de litteratos.

6.° que no mesmo seculo vimos começado um muzeu de antiguidades e de raridades naturaes, collegidas com singular curiosidade pelo primeiro Duque de Bragança: vimos tambem outro illustre Principe (o grande e infeliz infante D. Pedro Duque de Coimbra) emprehender e executar a sua famosa peregrinação por Europa, Africa, e Asia, communicando no decurso della com os homens mais doutos d'aquelle tempo, e trazendo para a patria as grandes riquezas da instrucção e doutrina, com que tanto honrou os Portuguezes e admirou os estranhos.

7.° finalmente, que a estas provas geraes da instrucção, civilisação, e litteratura portugueza do seculo 15. poderiamos ainda accrescentar (se os limites desta nota o permittissem) outras muitas provas particulares, nomeando os autores e as suas obras; fazendo largo catalogo dos homens doutos, que se distinguirão em algum genero; falando do estabelecimento e progressos da Typografia no nosso reino; e mencionando muitos varões illustres, que sahirão das escolas portuguezas do seculo 15., e do paço de elRei D. Affonso 5.° e de elRei D. João 2.°, e que depois tanto illustrárão o reinado de elRei D. Manoel. E nesta lista figurarião com grande gloria os jurisconsultos João das Regras, João Mendez, Rui Fernandes &c.; os celebres mathematicos e cosmografos de elRei D. João 2.° Mestre José, Mestre Rodrigo, e o Bispo de Viseu; o distincto Geometra Pedro Nunez; os grandes navegadores Diogo Cam, e Bartolomeu Dias, Vasco da Gama,

Affonso de Albuquerque, e Fernam de Magalhães; os chronistas e historiadores Alvaro Gonsalves de Caceres, Duarte Galvão, e Garcia de Rezende; os insignes Oradores D. Garcia de Menezes Bispo de Evora, Vasco Fernandes de Lucena, e João Teixeira; os distinctos litteratos João Rodrigues de Sa e Menezes, Henrique Cayado, Ayres Barbosa, &c. &c. &c.

Do seculo 16 nada diremos, porque a sua historia litteraria é mais geralmente conhecida, e porque receamos fazer esta nota mais extensa, e mais fastidiosa a quem a ler, repetindo o que todos sabem: nem nós poderiamos em tão breve quadro fazer mais que nomear Sá de Miranda, Camões, Ferreira, Bernardes, e mil outros insignes poetas; Castanheda, Barros, Couto, Osorio, e Goes notaveis na historia; Heitor Pinto e Amador Arraez na moral; Andre de Rezende, e Diogo Mendez de Vasconcellos nas antiguidades; Francisco de Moraes na historia fabulosa, e infinitos outros escriptores, que em differentes ramos exercitárão seus engenhos, instruirão a nação, e honrárão a patria.

Ainda no seculo 17. e nos primeiros annos do seculo 18, sem embargo de serem menos prosperas as circunstancias da nação, poderiamos apontar os tres Macedos-Fr. Francisco, Antonio de Sonsa, e Duarte Ribeiro; os dontos escriptores da Monarquia Lusitana; o judicioso Manoel Severim de Faria, Jorge Cardoso, o illustre D. Francisco Manoel, o eloquente Vieira, Manoel Bernardes, Jacintho Freire, os dous Condes da Ericeira D. Fernando e D. Luiz, o Marquez de Alegrete, &c. &c. Poderiamos até citar os muitos varões, que forão membros de varias Academias, Conferencias eruditas, e Associações litterarias, instituidas em Portugal pelos fins da seculo 17., cujas obras, posto que em geral indiquem o abatimento e degeneração a que tinha chegado a litteratura portugueza por causas conhecidas; são comtudo mais que sufficientes para mostrar (que é o que aqui nos basta) que nenhuma aversão tem os Portuguezes ás letras, nem podem, sem grave injustiça, ser taxados de pouco inclinados aos estudos, antes são para elles propensos, habilissimos, e os procurão, e os seguem, e os a-

mão com paixão, quando se lhes proporcionão meios competentes e adequados, como logo se vio nas obras ds Academia R. da Historia, nos estudos da Arcadia, e ainda mais na decurso do feliz reinado de elRei D. Jose I.º, e debaixo da sabia administração do seu grande Ministro, e des de então ate os nossos dias...

Mas é tempo ds darmos fim a esta pequena nota, imperfeita, na verdade, se a julgarmos pelo que pedia o seu objecto, mas proporcionada aos nossos limitados meios, e sobre tudo dictada pelo amor da patria, e da nação, a que temos a honra de pertencer.

Lisboa 19 de Outubro
de 1838.

NB A precedente nota foi-nos enviada por um distincto litterato e erudito philologo, que nos impoz a obrigação de lhe occultarmos o nome.

Fortuna foi que no artigo a que se allude, o nosso pensamento não tivesse sido bem explicado: a nossa censura toda recahe sobre a geração presente: so aos contemporaneos é que taxavamos *de pouco inclinados á leitura dos nossos bons livros*: entretanto reconhecemos a justiça e exactidão das observações, e muito nos honramos em que seu illustre Autor no-las quizesse communicar.

Economia Politica.

DEPRECIAÇÃO DA MOEDA.

5

Duas são as causas que fazem depreciar o dinheiro d'um paiz.

1.º — Quando a moéda contem menos quantidade de metal preciozo, do que, segundo a lei, ella deve conter.

2.º Quando ha grande excesso na quantidade currente de dinheiro.

Em todas as nações tem havido desastrozas épocas em que a 1.ª causa se tem realizado; entre nós os Portuguezes, uma foi no tempo de D. João 1.º.

Esta primeira causa pode ter lugar com intenção, quando na Caza da Moéda se não dá a esta a liga, ou o pezo legal: ou quando se fabrica dinheiro falso, já quanto ao pezo, já quanto á liga, ainda que o *cunho ou estampa* seja tão perfeita como a que se faz na Caza da Moéda; e pode tambem ter lugar quando em rasão do uso a moéda tem perdido o seu pezo; ou quando pela fraude se diminue o mesmo pezo: eis-aqui o que aconteceu com o dinheiro miudo em ouro antes de 1822, e ainda hoje acontece com as peças roubadas.

A segunda causa procede do excesso da quantidade de moéda: ora este excesso na moéda metallica é mui temporario, porque os metaes preciosos seguem as leis do mercado: elles correm precisamente como as outras mercadorias do lugar em que valem menos para o lugar em que valem mais, e com muita mais facilidade que as mercadorias, de modo que em pouco tempo o seu valor se reduz ao natural: mas no cazo do papel moéda aquelle fenomeno não se verifica; e por uma razão mui simples, a qual é, que fóra do paiz em que esse papel moéda tem curso legal, elle não vale couza alguma, quando os metaes preciozos em qualquer parte do mundo tem um valor intrinseco, o qual na Eu-

ropa é quasi o mesmo em toda a parte; assim, como o governo não tem difficuldade alguma em fabricar moéda de papel, cuja materia prima é de valor insignificante, elle quasi sempre emitte quantidade superior á que deve emittir, e a consequencia é a sua depreciação; e se a esta causa acrescentarmos a facilidade da falsificação, muito maior pode ser a quantidade em circulação.

Ambas estas forão parte das causas que fiserão depreciar o nosso extincto papel moéda; mas outras mais, e bem importantes, contribuíraõ para este effeito. A primeira foi a pouca confiança que havia no governo, que as emittio, a despeito das *promessas*, ou obrigações por elle contrahidas na lei da creação de tal moéda; e o tempo justificou a razão desta falta de confiança. Se uma nota de Banco é recebida no valor que ella designa, é porque aquelle que a recebe tem a certeza de que apresentando-a no Banco tem na mão em metal aquelle designado valor; mas quando aquelle, que possue um *bilhete* de papel-moeda, conta que só pode possuir uma quantidade de metal inferior á designada no bilhete, este infalivelmente se deprecia. E' verdade, que para as transacções commerciaes se calcula desde logo com esta depreciação, mas as mercadorias sobem de valor na proporção della; e como esta depreciação não se acha em estado constante, mas sim em continua fluctuação, as transacções commerciaes são feitas sempre debaixo da influencia do risco.

O augmento da quantidade currente do papel moéda em relação á moeda metallica parece provir, alem daquellas mencionadas causas, d'uma outra, desgraçadamente verificada sempre, ou quasi sempre em nossa era, e é a seguinte: como por uma fatalidade em que são culpados os maus e ignorantes governos, que desde muitos annos temos tido, o saldo do nosso commercio tem quasi sempre sido contra nós, e mui particularmente desde a emancipação do Brasil, é evidente que este saldo tem de ser pago aos Estrangeiros em metaes preciozos; assim elles redusem o papel moéda com que se achão, quando fazem passar o seu saldo para o seu paiz; esta reducção faz-se trocando com rebate o papel por metal; é este o que levão, e deixão o papel; e é claro

que a quantidade deste devia crescer annualmente em proporção ao metal.

O mesmo que aconte ce com o papel, aconteceria com o ouro, se a quantidade deste duplicasse em uma nação, continuando nas outras nações a procura deste metal do mesmo modo; então o valor do ouro naquella nação diminuiria, e esta diminuição appareceria na alta proporcionada do preço das outras mercadorias; mas este barateio chamaria logo procurantes para levar o ouro aonde seu valor fosse maior, e esta exportação continuaria até que o valor viesse a nivelar-se com aquelle que tivesse o ouro nas outras nações. Esta é a lei da transmissão dos metaes preciozos, em tudo similhante áquella que regula as permutações das outras mercadorias.

Quando a circulação n'uma nação é suprida em parte com ouro, ou metaes preciozos, e em parte com papel moéda, se a massa do meio circulante dobrar pelo augmento occorrido no dinheiro de papel, o effeito dos preços dentro do paiz será o mesmo, que no cazo antecedente; e como este augmento não foi na massa do ouro, a qual se acha em equilibrio com o das outras nações, o augmento do valor das mercadorias não será em relação ao ouro; mas como o ouro é tambem mercadoria, ainda que no estado de moéda, o seu valor augmentará pela mesma razão que o das outras mercadorias, posto que no seu curso ordinario como moéda não se altére a denominação fixada por lei; o effeito necessario deste augmento é a depreciação do papel, tendo de se dar mais quantidade de dinheiro em papel do que o que elle representa; e esta depreciação afugenta desde logo o metal da circulação, exportando-se grande parte, e guardando-se em caixa outra: este desapparecimento do metal faz subir a massa relativa do papel circulante, e por consequencia o augmento da depreciação.

Vê-se que a exportação do ouro, ou como se diz a *saca da moéda*, é uma consequencia necessaria, contra a qual não tem poder as leis, e muito mais quando o balanço commercial é passivo; e não porque o ouro como mercadoria seja mais abundante, ou tenha menor valor, mas porque não tendo alteração alguma

apparente como moéda corrente, passou a têl-a considerada como mercadoria.

Em quanto a exportação dura, a diminuição que ella vai produzindo na massa restante do dinheiro tende a sustentar o valor desta massa; do mesmo modo que este se sustentaria, consistindo o dinheiro circulante totalmente em ouro, se se verificasse ao principio o seu augmento, e depois uma exportação em igual quantidade á do augmento anterior. O excesso de papel produz, pelo mesmo modo, igual effeito nos preços como o que produzem os metaes preciozos, em quantidade igual, em qualquer paiz particular; mas aquelle excesso não pode ter o mesmo remedio, porque o papel moéda não tem exportação.

Por tanto deprecia-se o dinheiro corrente d'uma nação.

1.º Quando a moéda contem menos metal preciozo do que segundo a lei deve ter, e contra o que o seu cunho certifica; e neste caso o papel moéda que representa a moéda metallica fica depreciado na mesma proporção que esta.

2.º Quando a moéda metallica vale intrinsecamente o que o cunho certifica; o papel que a reprezenta, e é, ou póde ser trocado por ella, deixa de trocar-se pela mesma quantidade d'ouro ou prata contida na moéda que o cunho indica; e neste caso ainda que a moéda não tenha diminuido de valor, ella, como parte do dinheiro currente, participará da depreciação do todo.

E por tanto, se a moéda metallica e cunhada sofrer depreciação, o papel que com ella circula não póde deixar de se depreciar na mesma proporção; mas se a moéda metallica, como tal, não tiver sofrido depreciação, e com tudo ha depreciação no dinheiro currente, esta não póde provir senão do papel moéda; e a causa principal della está no excesso do papel moéda emittido. (Speches of Huskinson).

Esta depreciação teve grande influencia em Inglaterra no principio deste seculo, em que as notas de Banco, em consequencia d'um acto do Parlamento em 1797, tiverão curso forçado, e passárão a ser papel moéda. O Banco augmentou muito a quantidade da emissão de taes notas, cujo valor declinou até quasi um

quarto (25 por 100) : assim, uma nota de uma libra esterlina não podia comprar senão os tres quartos d'uma mercadoria, que se compraria com uma libra esterlina d'ouro : em tal cazo, aquelles cujo redito era estipulado em moéda, como os rendeiros do Estado, não gozavão realmente mais do que tres quartos do seu redito ; no mesmo cazo estavão os funccionarios publicos ; e no mesmo os rendimentos fiscaes do Estado : elles não chegarião se não fossem suppridos por meio dos emprestimos e impostos, e pelo mesmo motivo se augmentárão os ordenados aos funccionarios publicos.

Quando pela paz em 1814 se restringio aquella emissão, e que o valor da moéda subio gradualmente até seu antigo estalão, os reditos dos rendeiros passárão a ser o que erão; e como não se diminuírão os impostos, nem os ordenados dos funccionarios publicos, que erão computados em moéda, o resultado foi que estes encargos mudárão de valor, augmentando um quarto, sem mudar de denominação; e tal foi a causa do *aperto* e crise em que a Inglaterra se vio depois da paz, então que se esperava a maior prosperidade.

Zoologia.

ANATOMIA DOS MOLLUSCOS.

M. Serres leu á Academia Real da sciencias de Paris uma memoria sobre a anatomia dos molluscos comparada á ovologia e á embryogenia do homem e dos vertebrados.

" Depois dos trabalhos de Swammerdam, de Poli e de Cuvier, a organisação dos molluscos é determinada segundo a comparação que se faz com elles dos vertebrados chegados ao termo de seu desenvolvimento. Seus ganglios cephalicos são assemelhados ao cerebro; seu coração e suas arterias reputão-se como analogas das mesmas partes dos animaes superiores; suas guelras são a repetição das guelras dos peixes. N'este sentido, e segundo este termo de comparação, os molluscos são collocados, no methodo natural de classificação do reino animal, á frente dos animaes invertebrados, e seguem-se immediatamente depois dos vertebrados. Este lugar lhes pertence depois dos trabalhos de Cuvier, e posto que lhe tenha sido contestado por varios zoologistas, elles o tem apesar disto conservado, em rasão de que, segundo as bases deste methodo, é na verdade mais difficil assignar um outro lugar a seres nos quaes existe um sistema nervoso bem desenvolvido, um apparelho de respiração superior em muitos casos ao dos peixes, e orgãos de circulação mais completos em apparencia que os seus, e que os dos reptis.

" Comtudo, e conforme a opinião de M. M. Cuvier e Blainville, os molluscos em geral parecem pouco desenvolvidos; não se sustentão senão pela tenacidade de sua vida, e por sua immensa fecundidade. Por outro lado, a variedade de seus organismos é tão grande, que é impossivel assignar alguma generalidade á disposição de seu sistema nervoso, de suas

guelras, de seus orgãos circulatorios, e mesmo á disposição do canal alimentar, d'ordinario tão fixo nas outras classes do reino animal. N'uma palavra, a organisação dos molluscos parece inteiramente anomala, se, considerando-a fora de si mesmo, se tenta comparal'-a á organização dos animaes das outras classes.

" Favoraveis á graduação zoologica dos molluscos, estas condições differenciaes de seus organismos tem offerecido á anatomia comparada difficuldades quasi invenciveis. Porque, d'uma parte, o principio da correlação das formas organicas não se-lhe tem podido applicar com prosperos successos, e d'outra parte, tem se debalde tentado applicar-lhes o principio das analogias organicas de M. Geofroy-Saint-Hilaire, em rasão de que a condição primaria da applicação practica destas duas regras d'anatomia comparada é a determinação dos organismos. Ora, se os principaes organismos dos molluscos são ainda indeterminados, vê-se que por mais adiantada que seja a sua anatomia propria, a comparação delles com os organismos perfeitos das outras classes não poderá ser fructuosa. D'aqui vem a pouca utilidade dos esforços tentados neste sentido por M. M. Oken, Mayranx e Carus; d'aqui, a necessidade de procurarem os anatomicos uma outra baze de determinação e um termo de relação mais apropriado ao desenvolvimento pouco avançado da organização destes seres. "

Esta base nova foi procurada por M. Serres na comparação dos organismos dos molluscos com os organismos temporarios constituintes da ovologia e embryogenia do homem e dos vertebrados. As proposições seguintes, e cujo desenvolvimento fará o objecto de muitas memorias particulares, resumem, da maneira a mais concisa, os principaes resultados a que elle chegou.

" 1.° Os molluscos são embriões permanentes do homem e dos vertebrados. — 2.° São animaes constituidos pela predominancia das visceras abdominaes; tudo n'elles se refere ao serviço da nutrição e reproducção.— 3.° Este caracter fundamental resulta da disposição dos sistemas nervoso e sanguineo.— 4.° Estes dous sistemas tem uma disposisão inversa. O sistema nervoso situado adiante é destinado ao serviço da

boca. Suas modificações são todas subordinadas ás que necessita a apprehensão dos alimentos, e aos meios de transporte que exige esta apprehensão. Da accumulação e da distancia dos centros nervosos derivão os caracteres fixos de classificação dos seres constituintes desta parte do reino animal.— 5.º O que os caracteres de classificação dos molluscos, dedusidos da disposição dos centros nervósos, offerecem de notavel, é que estão n'uma relação perfeita com os que servirão de base á classificação destes animaes por Cuvier, e não são em certo modo mais que a sua confirmação ou verificação.— 6.º O sistema sanguineo dos molluscos é o sistema sanguineo dos vertebrados ás avessas: começa aonde acaba o dos vertebrados, e acaba aonde est'ultimo começa. Representae o coração, nos vertebrados, e no homem, na divisão das iliacas primitivas, no ponto de partida da arteria sagrada media, e tereis a ideia figurativa da circulação arteriosa e venosa dos molluscos.— 7.º Assim collocado, o coração é abdominal ou hypogastrico nos molluscos, em vez de ser epigastrico ou peitoral como nos vertebrados.— 8.º Desta posição do coração nos molluscos resulta a predominancia dos orgãos da reproducção, que n'elles toma um desenvolvimento que se não encontra no mesmo gráo em nenhuma outra classe do reino animal.— 9.º Os orgãos de reproducção dos molluscos são os analogos dos corpos d'Wolf, ou do que se tem chamado *rins primitivos* nos embriões dos vertebrados, e mais particularmente nos dos passaros, dos mammiferos e do homem.— 10.º Seu canal intestinal é o vitellus permanente e desdobrado dos embriões dos animaes vertebrados. Sua formação corresponde particularmente á do canal intestinal dos batracianos.— 11.º A posição do coração é rigorozamente sujeita á posição do anus em todos os molluscos. O centro da circulação fica assim n'uma das extemidades do canal digestivo, e os centros nervosos na outra, como se disse já.— 12.º Desta posição constante do coração resulta a inversão do sistema sanguineo de que nós temos exposto o antagonismo com o dos vertebrados.— 13.º Esta inversão não é limitada ao coração, repete-se nas distribuições das arterias do que se tem chamado, nos mol-

luscos, *aorta ascendente*, a qual é analoga á aorta *abdominal* dos vertebrados, principalmente de seus embriões.— 14.° Esta posição do coração é rigorosamente exigida pela posição e natureza dos orgãos respiratorios dos molluscos.— 15.° Estes orgãos respiratorios não correspondem, como ate hoje se tem julgado, ás guelras dos peixes, e são os analogos dos orgãos respiratorios dos embriões dos vertebrados, particularmente dos passaros, dos mammiferos e do homem.— 16.° Sabe-se que no ovo, os embriões dos vertebrados respirão por intermedio da *allantoidea*, a qual está em relação com a bexiga e anus dos novos embriões.— 17.° As guelras respiratorias dos molluscos são analogas desta allantoidea respiratoria dos embriões dos vertebrados. O que é tranzitorio nos ultimos embriões, é permanente nos molluscos.— 18.° As variações tão numerosas que apresentão as guelras respiratorias dos molluscos desde os cephalopodos ate aos acephalos, correspondem ás numerosas variações que apresenta a allantoidea, começando nos reptis ate aos passaros, aos mammiferos, e ate ao homem. 19.° Nos vertebrados, a *allantoidea* é um desdobramento do chorion que envolve o embrião; é a sua lamina interna ou o endo-chorion.— 20.° Em todos os molluscos, as guelras são um desdobramento de seu manto, que envolve o animal, como o chorion envolve o embrião. E' a lamina interna do manto que se torna orgão respiratorio, assim como succede no ovo dos vertebrados, á lamina interna do chorion.— 21.° Esta determinação das guelras dos molluscos nos conduz á apreciação da analogia do *chorion* do ovo dos vertebrados com o manto dos molluscos.— 22.° O chorion do ovo dos vertebrados é composto de tres camadas ou laminas que são o *endo-chorion*, o *exo-chorion* e o *meso-chorion*.— 23.° O manto dos molluscos é igualmente composto de tres camadas ou laminas, uma interna que corresponde ao endo-chorion; a segunda externa que corresponde ao exo-chorion, e a terceira que representa o meso-chorion.— 24.° Nós acabamos de ver que a lamina interna do chorion e do manto se torna orgão respiratorio do embrião no ovo; e do mollusco.— 25.° No embrião dos vertebrados a la-

mina media do chorion torna-se musculosa, assim como se torna musculosa, nos molluscos, a lamina media do manto. Esta transformação musculosa nota-se particularmente nos molluscos nus, e sobre o chorion do embrião do homem e dos mammiferos.— 26.° a lamina externa do chorion é analoga do lamina externa do manto, como se vê sobre tudo no manto dos molluscos nus.-- 27.° No ovo dos mammiferos e do homem, a lamina externa do chorion segrega um orgão protector que os ovologistas reputão como inorganico; é a *membrana caduca*, especie de vestidura protectora do embrião.— 28.° Nos molluscos chonchiliferos a lamina externa do manto segrega um orgão protector organico; é a concha. *A concha* seria por tanto analoga da caduca do ovo dos mammiferos e do homem.— 29.° Nos reptis, e nos peixes entre os vertebrados, a caduca não é segregada, assim como o não é nos molluscos nus.— 30.° A concha dos molluscos seria pois uma *caduca* permanente, como suas guelras são uma *allantoidea* permanente; seu manto um *chorion* permanente, seu canal intestinal um *vitellus* permanente.— 31.° Estes animaes são por conseguinte embriões permanentes dos animaes vertebrados, e sua composição, do mesmo módo que sua natureza, e assim como seu desenvolvimento, são deducções rigorosas, ou corollarios da lei *centripeta* dos desenvolvimentos organicos."

Chimica.

THEORIA MOLLECULAR.

— M. Persoz leu na sessão da Academia das Siencias de Paris de 30 d'outubro, uma memoria em que enunciou e desenvolveu as quinze proposições seguintes.

1 " Quando um corpo muda d'estado, seu equivalente desenvolve ou torna insensivel uma quantidade definida de calor. Esta quantidade pode ser a mesma para todos os equivalentes, ou um multiplo para numeros inteiros.

2 " Em iguaes circunstancias o tempo necessario para a evaporação dos corpos gazificaveis está na rasão inversa do pezo de seus equivalentes, dividido por 2 ou por 4.

3 " A fuzibilidade dos saes pelo calor está em relação com sua solubilidade n'agua. (Lavoisier.)

4 " A fuzibilidade e a solubilidade dos corpos está em simples relação com o numero das moleculas que se achão n'um equivalente.

5 " Se dous corpos se unem em muitas proporções para formar uma serie de compostos, poderá acontecer que aquelle dos dous cuja quantidade se multiplica entrará no composto maior com quantidades differentes de calorico latente. Não se podia chegar a esta proposição senão pela theoria molecular, pela qual se reputa o acido sulfurico, não como um composto d'enxofre, e d'oxigeno, e o acido nitrico como um composto d'azote e d'oxigeno, mas como combinações de radicaes compostos com o oxigeno, isto é formados de.

2. volum. gaz sulfurico + 1 vol. oxigeno = acido sulfurico.

4 vol. vapor nitroso + 1vol. oxigeno = acido nitrico.

6 " Um corpo sobmettido a uma variação de temperatura pode sofrer modificações mui grandes em su-

as propriedades chimicas. As modificações que elle sofre tem lugar quando mesmo o corpo é solido e não muda d'estado.

7 " Em iguaes condições de formação, os corpos compostos que poderem formar-se terão a mesma composição molecular, e possuirão propriedades chimicas comparaveis.

8 " Existe uma relação de tal sorte simples entre os elementos que concorrem, á formação dos compostos organicos e inorganicos, que se pode sempre reprezentar o volume destes elementos pelas lettras pertencentes a uma ou outra das duas progressões seguintes.

÷ 1:2:4:8:16:32,

ou ÷ 3:6:12:24:48:

" Os corpos pertencentes a esta ultima progressão poderião não ser senão o resultado da combinação de dous corpos da primeira, pois que se vê que combinando.

	1 vol.	R.	: 2 vol. A.
com.....	2 vol.	R.	: 4 vol. A.
se obtem.....	3	6	6

9 " Dous ou muitos corpos estando em contacto, e vindo a reagir um sobre o outro, os compostos que poderão originar-se, deverão sempre, segundo a 8.ª proposição, seguir uma ou outra das duas progressões que n'ella são reprezentadas.

10 " Pelo acto da respiração das plantas, o acido carbonico não se decompõe em carvão e oxigeno, como se suppõe, mas em oxido carbonico e em oxigeno.

11 " Nas substancias d'origem organica, todo o composto que pela acção d'um corpo tiver sahido d'uma das progressões da proposição 8, para entrar na outra, ou que tendo ficado na mesma progressão, tiver perdido mais de um equivalente d'um de seus elementos, não poderá, no maior numero de casos, ser reconstituido, e nem mesmo se prestará mais á formação de todos os derivados que se podião obter com o composto primitivo. Por este enunciado, resultaria segundo a nossa opinião, que do alcool se não poderia voltar ao assucar, do ether sulfurico ao alcool, do acido benzoico ao hydrureto benzoil, e finalmente, que do e-

ther sulfurico se não deveria poder passar ao chlorico, &c.

12 " Os acidos d'origem organica que não contem azote, parecem quasi todos ser formados d'um hydrogeno carbonado, ou d'uma combinação d'oxido carbonico e d'hydrogeno, cujos elementos se achão sempre reunidos segundo uma das progressões da proposição 8, e de mais um equivalente d'acido carbonico ou d'um equivalente d'agua. Sómente observaremos que em o hydrogeno carbonado, um certo numero de volumes d'hydrogeno pode ser preenchido por um mesmo numero de volumes d'oxido carbonico.

13 " Os oxacidos que se obtem pela combinação dos acidos com certas materias organicas, são todos representados pelo hydrogeno carbonado simples ou contendo o oxido carbonico que lhe tem dado origem, menos um equivalente d'hydrogeno, que se acha preenchido pelo equivalente do radical composto d'acido, e todo combinado com um equivalente d'acido, que não tem sofrido reducção nenhuma.

14 " Os ethers formados pelos oxacidos, são combinações correspondentes aos amidos.

15 " Por isso que a agua se decompõe em presença de certas substancias organicas, e porque podem resultar productos distinctos, não deve servir este facto d'apoio para estabelecer o arranjo dos elementos d'uma substancia que decompõe a agua, de maneira que se possa comparar a acção de seus elementos sobre a agua, á que produzirião os pólos d'uma pilha. „

M. Persoz, depois d'enunciar estas proposições, accrescenta:

" Se a composição das materias organicas estabelecida como nós o temos enunciado (proposição 8.ª) é a expressão d'uma lei da natureza, dever-se-ha sempre, na applicação das leis, que, segundo a nossa opinião, regem os corpos inorganicos do mesmo modo que os corpos organizados, estar a espreitar quaes alterações sofrerão os corpos, quaes productos se originarão quando estes corpos forem póstos n'uma dada circunstancia, e debaixo da influencia d'um agente determinado, e finalmente tomar conta da causa porque materias imorganicas, formadas d'elementos identicos, não dão apezar disso,

pela acção d'um mesmo agente, productos semelhantes. Relativamente a est'ultimo caso, nós achamos numerosos exemplos quando examinamos a acção do acido nitrico sobre as substancias organicas que nós vemos comportar-se bem differentemente: com effeito, umas são queimadas completamente e transformadas em agua e em acido carbonico, as outras decompostas em agua, em acido carbonico e em nóvos productos acidos, que varião muitas vezes com as materias submettidas á acção do acido nitrico, ou que são constantes para um certo numero de substancias atacadas por este agente; outras tambem são alteradas particularmente, e se combinão depois com o acido nitrico; e finalmente outras não experimentão alteração alguma.

" Igualmente, por meio d'esta lei, nós deveremos comprehender a rasão porque as decomposições espontaneas de certos corpos podem ter lugar, porque tambem corpos submettidos á acção do calor se decompoem em certos productos, constantes ou variaveis, segundo que a materia tem sido aquecida livre, ou pela influencia de corpos inorganicos; e em fim como succede que a capacidade de saturação d'um acido desapparece em parte ou em totalidade n'uma combinação. „

Variedades.

AS ILHAS BORROMEAS.

Ha cento e cincoenta annos erão as ilhas Borromeas só uns rochêdos escarpados: mas o Conde Vitaliano Borromeo teve a idêa de transportar para elles alguma terra, que amparada com parêdes e estacas ficou como em um caixão: e depois deste trabalho começou o nobre Principe a semear ouro sobre este sólo facticio, como um lavrador semearia grão! Nascerão arvores—aldeas—palacios! apricho magnifico do millionario, que á semelhança de Deus quiz tambem crear um mundo.

Embarcamos e fizemos-nos á vela para a ilha Mãe. Esta ilha de longe tem o aspecto de um montão de verdura no meio de uma grande taça de agoa, mas de perto vê-se que ella é toda plantada de pinheiros, de cyprestes, e de platanos, suas latádas são cobertas de limeiras, de laranjeiras, e de romeiras; as estradas povoadas de faisões, de perdizes e de galinhas d'América; e como é abrigada do frio por todos os lados, e exposta como uma flor a todos os raios do sol, está sempre verde, mesmo no inverno, quando as montanhas que a rodeão se cobrem de neve.

O guarda do palacio colheu-me um cêsto de limas, de laranjas e de romans que mandou levar para o meu barco: confesso que não vi este excesso de hospitalidade sem algum receio pela minha bolça, e apenas cheguei ao barco perguntei aos barqueiros quanto devia dar ao meu *Cicerone*, responderão-me que dando-lhe um cruzado novo elle ficaria muito contente; dei-lhe oito tostões, em troco dos quaes desejou toda a sorte de venturas para a *minha Excellencia*; e com tão felices votos nos pozemos de novo a caminho.

A' medida que nos aproximavamos da ilha Bella, viamos surgir da agoa os seus dés socalcos sobre-postos

uns aos outros. Esta ilha senão é a mais linda deste archipelago, é sem duvida a mais curiosa; todos os seus bronzes e marmores são lavrados no gosto do seculo de Luiz XIV. Um bosque todo de arvores magnificas, um bosque de choupos, e pinheiros, gigantes cujo murmurio é tão agradavel, e a lingoagem tão poética, que o ar e as ondas a entendem, pois lhe respondem no mesmo idioma, e-léva-se sobre arcos de pédra que banhão os pés nas agoas do lágo, por que toda a ilha se acha encerrada em um grande circulo de granito, como um arbusto no seu caixão

Abordámos a esta ilha, e desembarcamos em um jardim de flores exoticas e preciosas que todas viérão estabelecer colonias neste bom clima: cada terrado é um passeio cujo perfume é differente do dos outros, mas sobresahindo sempre o da flor de laranjeira, e povoado de deuzes e deuzas. O ultimo terrado é ornado com um Pégaso e com um Apollo.

Dos terrados descemos para o palacio, é uma verdadeira *villa* regia muito asseada, cheia de verdura e agoa; tem galerias de pinturas muito dignas de serem admiradas; tem quartos em um dos quaes um dos Principes Borromeos deu hospitalidade ao cavalleiro Tempesta, que em um impeto de ciúme tinha assassinado sua espôza. Em fim um palacio subterraneo todo feito de conchas, e buzios, como a gruta de um rio; cheio de Nayades com as urnas tombadas, donde corre em abundancia agoa fresca e pura.

Este andar dá sobre a matta, pois que o jardim é um verdadeiro bosque, cheio de sombra sim, mas em que se engenhárão os pontos de vista mais pitorescos do lágo. Uma das arvores que compõe este bosque é historica: é um magnifico loureiro da grossura do corpo de um homem, e de sessenta pés d'altura: tres dias antes da batalha de Marengo jantava um homem á sua copa: no intervallo da primeira coberta á segunda, este homem de coração impaciente pegou da faca, e na arvore a que estava encostado gravou a palavra *victoria*, palavra que era então a divisa deste homem, que ainda se chamava Bonaparte, e que para desgraça sua se chamou mais tarde Napoleão.

Já não existem vestigios desta palavra prophetica; cada viajante que passa, leva uma parcella da casca da arvore sobre que ella foi gravada, e cada dia faz ao

loureiro uma ferida mais profunda, e de que elle talvez morrerá.

Pela quantia de dezeseis tostões que dei aos barqueiros, e com bom vento que Deus me mandou *gratis*, chegamos em quatro horas a Arona.

Entre as pequenas cidades que dominão o lágo maior, Arona é uma das mais lindas, e de boa vontade se residiria nella ao menos pelas bellas vistas que ha das janellas da estalagem, se não fosse a imperiosa curiosidade que inspira o colósso de S. Carlos.

Foi em Arona no anno de 1538 que nasceu o famoso arcebispo de Milão, o cardeal Borromeo, que pelo uzo que fez da sua riqueza, com que fundou estabelecimentos de caridade, e pela coragem com que expoz seus dias durante a peste de 1576, mereceu que em quanto vivo lhe outorgassem o titulo de santo, titulo que foi ratificado depois da sua morte.

Visitei primeiramente a abobada onde está o seu tumulo: este monumento é já uma das igrejas da Italia ornadas com muito gosto, e das quaes a igreja de N. Senhora do Loreto quer dar-nos uma idea, e que parecem de uma pompa extraordinaria á primeira vista aos homens do norte habituados ás pedras côr de cinza de nossas sombrias cathedraes: eu entrei nesta no momento em que se acabava uma missa de defunctos, chamei por um sacristão, que depois de ter apagado as vellas veio ter comigo, e conduzio-me á capella subterranea: é ali que repouza o corpo de S. Carlos Borromeo: o seu esqueleto está deitado em um caixão, revestido com as insignias episcopaes, as mãos calçadas de luvas roxas, mitra na cabeça, e uma mascara de arrebique na cara; a capella é toda de marmore preto com ornatos de prata maciça; ao lado da porta em um pequeno armario estão uns lençoes ensanguentados sobre os quaes se fez a autopsia do santo que morreu de quarenta e seis annos de uma tisica pulmonar.

O arcebispo de Milão é um dos ultimos santos canonisados pela côrte de Roma, e foi sómente em 1610, isto é, vinte e seis annos depois da sua morte, que Paulo V ratificando o culto tributado ao seu tumulo o transformou em altar; por isso em torno deste edificio quasi comtemporaneo não se achão nenhumas

das antigas legendas do martyrologio: a propria vida de S. Carlos foi um longo milagre. Nascido no centro das dissenções civis e religiosas, vivendo no fóco da corrupção da prelazia Italiana, elle foi o restaurador pertinaz da disciplina ecclesiastica, dando elle mesmo o exemplo com a sua austeridade. Durante os seus estudos em Milão e em Pavia nunca conheceu, á semelhança de S. Bazilio e S. Gregorio Nanzianzeno em Athenas, senão duas ruas, a que conduzia á Igreja, e a que o levava ás escollas publicas: tinha doze annos quando foi nomeado para uma das mais ricas abbadias da Italia, que era feudo da sua familia: de quatorze para um priorado que lhe renunciou seu tio o cardeal de Médicis, quando foi eleito Papa debaixo do nome de Pio IV: finalmente quando tinha apenas vinte e tres annos foi feito cardeal.

Foi então que sendo um dos mais ricos beneficiados da Lombardia, occupando um dos lugares mais elevados na jerarchia ecclesiastica, dividio todos os seus bens em tres porções, uma que deu aos pobres, outra que deu á Igreja, e a terceira para a sua caza.

Tanto abandono, uma vida tão christan lhe tinhão grangeado todos os corações, quando um acontecimento fez juntar a estes sentimentos o do respeito; um dia em que o santo prelado fazia a sua oração na capella archiepiscopal entrou um assassino na igreja, chegou-se ao officiante no momento em que se cantava esta antyphona *non turbetur cor vestrum neque formidet*, e atirou-lhe um tiro á queima roupa. O choque lançou S. Carlos de bruços, mas elle levantou-se, ainda que julgando-se mortalmente ferido, e mandou continuar o officio divino offerecendo-se por esta vez em sacrificio aos fieis em lugar do filho de Deus: acabado o officio divino S. Carlos ergueu-se, e a balla que tinha embaçado nos vestidos archiepiscopaes, cahio a seus pés: este acontecimento foi considerado como um milagre.

Passado algum tempo rebentou a peste em Milão. S. Carlos apezar das representações do seu concelho, transportou-se immediatamente para esta cidade com toda a sua caza, permaneceu durante seis mezes no fóco da infecção levando á cabeceira de todos os moribundos abandonados pela arte o soccorro da palavra. Foi nesta crise que elle vendeu a terceira parte dos bens que elle

tinha reservado para si; baixella de ouro e prata, vestidos, mobilia, estatuas, e quadros; e depois quando já nada mais tinha que offerecer aos pobres e moribundos, imaginou offerecer-se a Deus como uma victima expiatoria: por toda a parte onde o flagello era mais cruel e encarniçado ia elle com os pés descalços, uma corda ao pescoço, os beiços collados em um crucifixo, com as lagrimas nos olhos rogando ao senhor que tomasse a sua vida em troca da do povo que elle tão sevéramente punia: emfim, ou fosse porque o flagello chegava ao seu termo, ou fosse porque as supplicas do Santo tinhão sido attendidas, a colera do Senhor recolheu se ao Ceo.

Apenas acabada esta grande prova continuou Carlos na sua vida pastoral; mas Deus tinha aceitado o sacrificio offerecido, as suas forças achavão-se exhaustas, declarou-se uma tisica pulmonar, e na noite de 3 para 4 de Novembro de 1584 o enviado de Deus terminou a sua laboriosa carreira.

Cem annos depois os habitantes das margens do lago juntamente com a familia de S. Carlos lhe erigirão uma estatua colossal, cuja execução foi confiada a Cerani; disposerão para este effeito uma esplanada no monte vizinho da cidade; sobre esta esplanada elevárão um pedestal de trinta e quatro pés, e sobre este pedestal colocárão a estatua do Santo, que tem noventa e seis pés de altura.

O sacristão tinha todo o cuidado de me não conduzir a aquella maravilha, e eu da minha parte tomava todo o sentido para que ella me não escapasse. Puzemos-nos a caminho, e de longe viamos o Santo bispo, dominando o lago, com um livro debaixo d'um braço, e com o outro lançando a benção episcopal á Cidade onde tinha nascido.

As proporções desta estatua estão tanto em harmonia com as montanhas gigantescas ás quaes ella sobresahe, que ao primeiro aspecto e a uma certa distancia parece ser de estatura ordinaria, e só aproximando-se é que ella cresce desmarcádamente, e que todas as suas partes tomão proporções reaes e fixas. Em quanto eu estava ocupado a examinar o colosso sobre os dedos do qual veio pouzar um corvo que parecia quando muito ter o tamanho de um pardal, deitou o sacristão uma enorme escada ao pedestal, e tendo subido os tres ou quatro primeiros degraus, convidou-me a que o seguisse.

Ainda que esta visita interior me parecia muito curiosa, eu estava muito pouco disposto a effeictual-a. Esta escada comprida e flexivel que devia conduzir-me em primeiro lugar a um pedetal sem parapeito, parecia-me um caminho muito arriscado para um viajante tão sujeito a vertigens como eu sou; e depois de estar no pedestal, apenas estava na quarta parte da minha ascensão, e eu não via de forma alguma por meio de que machina havia de chegar ao indicado termo; fiz esta observação ao sachristão, que logo me apontou para uma prega da tunica da estatua, que era uma especie de corredor por onde se ia para o interior.

Então elle me disse, que eu encontraria ali uma escada muito commoda; toda a duvida estava por tanto em trepar até á plataforma do pedestal, e ainda fiz algumas reflexões sobre o que me podia acontecer; o meu guia porém vendo que eu desanimava, insistio com nova força; e então a vergonha de vêr um sachristão impavido, e eu a tremer, fez-me ganhar brios, e dei-lhe signal para que andasse para diante, seguindo-o sempre tão de perto que chegamos ambos juntos ao pedestal. E foi a tempo que chegámos, porque eu já via andar de roda e desordenadamente as montanhas, a cidade e o lago; de modo que não tive tempo para mais que agarrar-me a uma prega da tunica do santo, e assentar-me sobre o dedo minimo do pé esquerdo. Graças a este assento mais tranquillo, que logo comecei a sentir acalmar o zumido dos ouvidos, e convenci-me da immobilidade da baze em que estava a descançar; e conhecendo que havia recobrado o meu centro de gravidade, abalancei-me a abrir os olhos: tornei a vêr as montanhas, o lago e a cidade socegados, mas faltava me o meu sachristão; olhei para toda a parte, mas tinha desaparecido inteiramente; chamei por elle, mas não me respondeu.

Puz-me em sua procura, desconfiando que queria jogar as escondidas, e que eu o poderia achar em alguma prega deste bronze colossal; e portanto comecei a correr em volta da estatua: ora, em quanto andava pelos lados, era a couza muito facil, mas quando quiz passar d'um para outro obstava a cauda da tunica do santo arcebispo, e foi mister que eu me metesse á ventura por entre as dobras deste vestido pendente so-

bre a borda do pedestal; por fim, ora indo de gatinhas, ora em pé, e algumas vezes trepando, cheguei a passar sem novidade este mar de bronze, e a pôr pé firme na sua praia de granito.

Não me tinha enganado, porque a meio caminho me estava esperando o meu sachristão com uma escada de corda que se introduzia por debaixo d'uma das abas da tunica do santo, e conduzia para o interior da estatua: mal que elle me vio, começou a rir-se da peça que me tinha pregado, e que eu creio que elle repete todas as vezes que algum innocente viajante cahe na imprudencia de o seguir.

Começou então a nossa segunda ascensão, a qual posto que fosse só de oito pés, nem por isso era mais commoda; com tudo tirei-me limpamente, graças ao ponto d'apoio que arranjei, e no fim de poucos instantes vi-me no interior do santo.

Meu primeiro cuidado foi ver á luz que penetrava por cima, se apparecia em alguma parte a promettida escada; e foi só então que eu conheci em que ratoeira tinha cahido: o unico meio d'ascensão que havia, era uma especie d'escada formada por muitas barras de ferro atravessadas á semelhança dos poleiros em uma gaiola, e que servião para sustentar aquella massa enorme. A minha admiração fez-me perder o animo, e ainda bem não tinha eu commettido esta imprudencia, quando o meu sachristão saltou á primeira travessa, e saltou d'umas barras para as outras, como salta um esquilo nos ramos das arvores. Então já me não lembravão vertigens, nem cabeça á roda, deitei-me a seguil'-o, não com tanta destreza, mas com mais força; ia já a tocar-lhe quando segunda vez se sumio em uma especie de caverna, que abria sobre a nossa derrota uma sombria guela da altura de vinte pés, e seis de largura. Como eu não sabia onde ella ia dar, parei, e puz-me a cavallo na barra de ferro em que estava, esperando que elle voltasse por aquelle sitio, e determinado então a agarral'-o para nunca mais o largar.

A' força de olhar para o tal boqueirão habituárão-se os meus olhos a ver naquella obscuridade: e avistei então o meu guia, que algumas vezes me fazia capacitar que era algum daquelles seres phantasticos que Hoff-

mann conheceu, avistei-o, digo, a passear tranquillamente n'uma especie de corredor inclinado, e abanando-se voluptuosamente com seu lenço. Apenas elle vio que eu o tinha descoberto, disse para mim. "E então! não quereis vir para aqui descançar um instante? Olhae que ainda agora estamos em meio caminho."

Assim, elle a um tempo me offereceu uma bem boa couza, e me deu uma excellente novidade: e por isso senti que a minha colera me começava a abandonar para dar entrada á curiosidade. A nossa viajem, pondo de parte as suas difficuldades, que já me começavão a parecer menos invenciveis, tinha seu bocado d'originalidade. Decidi-me por conseguinte a consideral'-a pelo seu lado instructivo e pictoresco; por cujo motivo me dependurei na barra de ferro superior, puz o pé esquerdo naquella em que tinha estado escarranchado, e saltei com o pé direito para a excavação em que me esperava o meu companheiro de gymnastica.

— Em que paragem estamos? perguntei eu, depois de ter debalde procurado ver se me certificava das localidades. — Onde estamos? — Sim — Ah! estamos dentro do livro de S. Carlos.

Com effeito o missal que cá debaixo me pareceu um volume in folio ordinario, tinha bons vinte pés d'altura, dez de comprimento, e cinco de largura.

Tomei folego um instante, encostado á encadernação de bronze; e depois impellido pela curiosidade fui eu o primeiro que instei com o meu guia para continuar a viagem.

Começei, como já disse, a afazer-me ás difficuldades do caminho, e por isso não tardei a chegar á abertura que ha no dorso do Santo, e que é do tamanho de uma janella ordinaria. Ella estava virada para a estrada por onde eu naquella mesma manhãa tinha vindo de Baveno; pouco tempo por conseguinte me demorei, a considerar a paysagem, logo me puz novamente a caminho. O meu sachristão já tinha chegado havia muito tempo, e á semelhança dos limpa-chaminés, eu sem o ver, ouvia-o cantar o seu cantico de acção de graças; e o que mais o encobria era o aperto da estrada, procedente do pescoço da estatua: passado este estreito achei-me ao sahir da garganta em uma immensa cupula alumiada por duas

grandes aberturas, que erão os buracos das orelhas. Entre estas duas trapeiras estava o meu sachristão de pernas dependuradas assentado no nariz de S. Carlos.

Elle então me contou que um jantar de doze cobertas tinha sido dado na cabeça do arcebispo : os cozinheiros estavão no livro, e a dispensa no braço direito ; isto realmente parece-se muito com a historia de Gulliver no paiz dos Gigantes.

Vendo elle que eu teimava em me não querer assentar no nariz de S. Carlos, convidou-me para que olhasse pelo seu ouvido esquerdo; do qual se descortinava um magnifico aspecto: no primeiro plano o lago, azul como o ceo, e lizo como um espelho : no segundo plano as collinas cobertas de vinhas, e o pequeno castello d'Angera com ameias ; e mais longe as ricas campinas da Lombardia que se estendem até Veneza e terminão nos areaes de Lido, prolongando-se entre os Apenninos e os Alpes. A este aspecto fiquei extasiado.

Desci passada uma hora sem me lembrar então dos perigos do caminho ; e depois de ter chegado ao fundo do pedestal, perguntou-me o sachristão se ainda estava arrenegado com elle ; respondi-lhe mettendo-lhe na mão uma coroa.

Mediante esta retribuição, foi elle cuidar em me arranjar um barco, de modo que nessa mesma noite fui ficar a Sesto Calende, que, pelo que me parece, é a primeira povoação do reino Lombardo Veneziano.

Apontamentos de Viagens de Al. Dumas.

INDICE.

Das materias contidas neste Numero.

I. Historia — Descubrimentos Maritimos dos Portuguezes..... 437

II. Paleographia — Dos livros e manuscritos, antes e depois da Imprensa..... 448

III. Litteratura — Reflexões ao artigo Fernão Mendes Pinto..... 461

IV. Economia Politica — Depreciação da Moeda..... 470

V. Zoologia — Anatomia dos Molluscos..... 475

VI. Chimica — Theoria Mollecular 480

VII. Variedades — As Ilhas Borromeas..... 484

VIII. Indice Geral Alphabetico do 1.° Volume.

Indice Alphabetico

Das Materias Contidas no 1. Volume da Revista Litteraria.

Affinidade dos liquidos do organismo vivo para a agoa..... 311
Agricultura ....235...431
Alfandegas. 49
Algodão. V.e Mumias.
Amor e Receio (Poesia) 62
Anatomia dos Molluscos.. 475
Annaes da Sociedade Sericola 308
Antiguidades Portuguezas 73
Arte scenica, e declamação theatral... 85
Biografia de Jorge Buchanan 331
Biographia de José Ferreira Borges ...137...193 ...253...317
Buchanan. V.e Biographia
Camellos (porque supportão a sede).. 312
Camões. V.e Cervantes... 12
Canhamo. V.e Mumias.
Casquilho.. 184
Cavallaria (da) e do Romance.. ... 393
Cementação. V.e Ferro.
Cervantes e Camões 121
Chimica. V.e Theoria Mollecular
Cirurgia... 191
Combustão humana spontanea ... ...358...404
Companhia dos vinhos... 116
Condemnações (Estatistica das)... ... 249

Coração de D. Pedro (Jazigo do) ... 5
Declamação. V.e arte scenica.
Depreciação da moeda... 470
Descubrimentos maritimos dos Portuguezes... 437
Duqueza de Bragança — Romance ... 160
Egoista (O) 304
Erudito (O) 242
Estatistica (commercial) 108
Existencia Milagrosa. 313
Exportação. V.e Estatistica.
Fernão Mendes Pinto ... ...268...461
Fernão Rodriguez (romance) 339
Ferney (caza de campo) 211
Ferreira Borges. V.e Biographia..
Ferro (cementação do) 190
Gall (uma predicção de) 297
Garret. V.e Camões.
Hidalgo (O) 472
Historia Moderna (lições de) ... ... 26...275
Ilhas Borromeas 484
Importação V.e Estatistica.
Infusorios Pathologicos... 313
Instrumento para amputação (Novo)... 191
Irmans (As duas) Conto.. 179
Jogos. V.e Antiguidades.
Lianor de Mendoça. V.e Duqueza de Bragança.
Linho. V.e Mumias.
Martinez de la Rosa 270
Molluscos. V.e Anatomia.
Mumias (do Egypto). Seus involucros. 433
Musica. Seus progressos no sec. XIX ... 397
Nepenthes Distilatoria (agua contida

nas suas folhas) 71
Optica 190
Paleographia ... ... 378...44
Parallelo historico. V.e Cervantes
Phrenologia (Lições de) ... ... 91...2[illegible]5
Physica ... ... 2[illegible]6
Proscripto (O) : conto... ... ... [illegible]5
Quadros Historicos do Sr. Castilho ... 1[illegible]4
Ralhador (O) 244
Retratos Comicos ...184 ...222...244...304...427
Romance. V.e Cavallaria.
Salarios 414
Sapos vivos dentro de calhaos 313
Sedas [criação dos bichos da]... ... 308
Simplon [a estrada do] 21
Terrenos [composição dos] 235
Theoria Mollecular 489
Tuberculos do Pulmão 127
Vela (calculos curiosos sobre a luz d'uma) 246
Vidro (vasos cheios d'agoa, como quebrão) 71
Vinha — Influencia meteorologica sobre a sua cultura... 431
Voltaire V.e Ferney.
Zoologia. V.e Anatomia.

REVISTA

LITTERARIA.

REVISTA
LITTERARIA.

PERIODICO

DE

LITTERATURA, PHILOSOPHIA, VIAGENS,
SCIENCIAS, E BELAS-ARTES.

SEGUNDO VOLUME.

PORTO:

TYPOGRAPHIA COMMERCIAL PORTUENSE

LARGO DE S. JOÃO NOVO N.º 12.

1838.

1º DE NOVEMBRO DE 1838.

REVISTA LITTERARIA.

Estudo Historico.

A ASTROLOGIA JUDICIARIA.

> Quid enim habet astrologus, cur stella Jovis aut Veneris conjuncta cum Luna ad ortus puerorum salutaris sit? Saturni, Martisve contraria?
>
> CIC. DE DIVIN. LIB. I.

Este seculo em que actualmente vivemos, é um seculo de scepticismo. As crenças douradas de nossos maiores, essas poeticas superstições que achavão entrada no tegurio e no palacio, no laboratorio do sabio e no frivolo aposento da Dona, succumbírão, não ás fogueiras da Inquisição, mas ao facho da philosophia moderna. Os reis ja não dão moradia a astrologos estipendiados que dirijão a sua politica; ja não ha alchi-

mistas que queirão converter em ouro quanto tocarem com as mãos; a donzella ja não consulta, entre esperança e receio, a sciencia do necromante. Passão se as noites de S. João, e o Atlantico ja não é sulcado por aquellas ligeiras galés que á meia noite em ponto conduzião galhofeiras bruxas ás costas do Brasil; desapparecêrão emfim os duendes, os lobishomens; perdêrão-se totalmente as magicas pretas, as artes cabalisticas, a Necromancia, a Spatulomancia, a Metoposcopia, a Geomancia, a Hydromancia, a Umbilicomancia (a); e cem outras descubertas que deviamos aos *bons tempos* antigos, e que nós ingratamente trocamos pelo Gaz, pelo Vapor, e, o que mais é, pela Politica e pela Phrenologia. Inda bem que os Magnetisadores promettem reagir, e então o Magnetismo animal virá a ser o orgulho do seculo dezenove.

Porem mal estas risonhas ficções acabão de succumbir aos golpes da austera sciencia — quando ainda estão palpitantes com um resto de alento vital; é então que a generosa Poesia lhe estende mão auxiliadora, e alça pendão pelas menospresadas filhas da meia idade. Os nossos astronomos mofarião de um Principe que officialmente lhes encommendasse o horoscopo de seus generaes na vespera de uma batalha; mas Alexandre Dumas cêrca do magico encanto de sua brilhante fraze o astrologo Ruggieri, revoca-o á vida, e á vista da geração presente o faz decidir da sorte da côrte de Henrique III; e Dumas que tanto se enleva com o astrologo Florentino, pouco se lhe importa que Herschel descubra mais um ou dous planetas com sua comitiva de satellites. E com effeito a Poesia é uma grande protectora da idade media. Pobre meia idade! que seria de ti, desamparada desta força magica que suavemente cala na sociedade, e a vae remodelando a seu talante!

(a) Sub physiognomi generaliter dicta continetur etiam Umbilicomantia, quæ est *divinatio per umbilicum*. Per hanc prædicunt obstetrices, quot partus puerpera sit in lucem editura, consideratis quibusdam nodulis umbilici. Hæc tamen prædictio cum antecedenter sit actus liber, superstitiosa est.

Aphorismi Inquisitorum. auth. P. Fr. Antonio de Sousa Ulysiponensi.

Os architectos academicos, cheios de respeito pelas rectas de Vitruvio, escarnecem os teus gothicos monumentos! mas o poeta possuido de um enthusiastico alvoroço, admira a elegancia de tuas cathedraes, com sua riquissima invenção, seus arcos pontagudos, seus delicadissimos rendados, suas mil estatuas, seus arabescos, e suas fascinantes vidrarias. O politico anathematisando o despotismo feudal, procura tornar odiosas todas as suas recordações, ainda as mais innocentes; porem Scott ataviou o teu feudalismo de tão amaveis enfeites, povoou seus castellos de tão formosas castellans, revestio seus cavalleiros de tão luzentes armaduras, de tanta galhardia e gentileza, que não ha hi quererlhe mal. Emfim os teus moveis vem guarnecendo as nossas salas, as tuas modas enfeitão as nossas elegantes, os teus saudosos romances, as tuas sentidas xácaras promettem desmantelar de todo o imperio da estrepitosa ode e do insipido soneto.

D'entre as banidas sciencias dos nossos maiores, uma das mais pertenciosas e mais honradas no seu tempo, foi a *Astrologia Judiciaria;* por isso é ella a que a Poesia dramatica e o Romance historico mais tem explorado, e com feliz resultado. A ella consagramos este artigo, não para tomar a sua defeza ou combatel-a, que tal polemica seria alheia do seculo, mas para rapidamente esboçarmos sua historia e principios, como estudo elementar da poesia romantica. Para entendermos Virgilio e Camões carecemos de estudar a mithologia grega; para gostarmos a leitura dos poetas modernos, precisamos conhecer a historia do espirito humano das ultimos quatro seculos.

A Astrologia é uma sciencia conjectural que ensina a julgar dos effeitos e influencias das estrellas, e a predizer acontecimentos futuros pela situação e differentes aspectos (b) dos corpos celestes. Esta sciencia se divide em dous ramos, *Natural* e *Judiciaria.* A' primeira perten-,

---

(b) Aspecto em astrologia é uma certa proporção e distancia em que se achão os planetas ou estrellas, mediante a qual se communicão seus raios e forças, e tem maior nos corpos sublunares. (*Blaiou*)

cia o prognostico dos effeitos naturaes, como mudanças de tempo, ventos, chuvas, tempestades &c. Pertence esta arte á philosophia natural e ainda hoje é geralmente praticada. A Judiciaria, mais ambiciosa, pretendia vaticinar acontecimentos moraes, aquelles que dependem do arbitrio e livre acção do homem, como se taes acontecimentos fossem determinados por certas combinações dos corpos celestes. Sustentavão os professores de astrologia judiciaria que os Ceos erão um grande livro em que Deus tinha escripto a historia do mundo, e no qual os humanos podião ler a sua fortuna e os eventos do seu tempo. Esta arte, dizião elles, nasceu entre os Chaldeos, que em suas longas e profundas investigações sobre o curso e periodos dos corpos celestes, descubrírão uma relação constante e determinada, ou analogia entre elles e as couzas da terra. Feita esta maravilhosa descuberta começárão os astrologos a reduzir a certas leis esta relação, e a formar um systema de advinhação, que sendo baseado em solidos principios de astronomia, offerecia, segundo elles, o caracter de uma sciencia exacta.

A maneira porque os astrologos procedião em suas calculações, é um tanto confusa e complicada para poder admittir largo desenvolvimento nos limites deste artigo, por isso nos contentaremos com notar a sua principal base. Os Ceos erão divididos em doze partes iguaes por meio de circulos tirados de polo a polo: estas doze partes se chamavão *cazas*, e cada caza tinha relação com um objecto terrestre generico.

Assim a 1.ª caza era chamada da vida; a 2.ª das riquezas; a 3.ª dos irmãos; a 4.ª dos paes; a 5.ª dos filhos; a 6.ª da saude, a 7.ª do casamento; a 8.ª da morte; a 9.ª da religião; a 10.ª das dignidades; a 11.ª dos amigos; a 12.ª dos inimigos. Cada uma destas cazas era senhoreada por um corpo celeste, e se dizia que a sua influencia augmentava e era predominante na combinação com outras estrellas, quando em seu curso acontecia entrar na caza de que era senhor. Alguns exemplos da applicação da sciencia poderão dar alguma idea do processo de um horoscopo. Primeiramente daremos um prognostico moderno que appareceu em 1814 em um almanack Inglez sobre a sorte da Europa, de-

pois que a fortuna adversa de Napoleão o levou á Ilha d'Elba. (c) " Marte na casa da morte (oitava) , " diz „ o astrologo moderno ", significa alguns novos desastres „ por guerra ou outra qualquer causa: uma personagem „ attentará contra a nova ordem de couzas, mas, *se* „ *não nos enganamos*, a conjuncção da Lua e Saturno „ na 12.ª caza (inimigos) não lhe agoura muita feli- „ cidade." O segundo exemplo será de um horoscopo antigo, sobre transacções domesticas, e muito mais circumstanciado, ainda que receamos que elle offereça alguma obscuridade ao leitor; mas quem poderá ver claro em tanta treva? O caso é o seguinte. Uma senhora de qualidade suspeitando que seu amante tem relações amorosas com outra pessoa, que o estorvão de a despozar, consulta o astrologo sobre a sinceridade das suas declarações, e pergunta se o casamento virá a concluir-se. A resposta é dada no seguinte horoscopo, que se suppõe tirado no momento da consulta. — " O Sol é „ significador da Dama; e Saturno senhor da 7.ª ca- „ za, é o significador do homem. Deve advertir-se que „ em todos os horoscopos de matrimonio, Marte e o „ Sol são significadores naturaes do cazamento de uma „ mulher; Venus e Lua do cazamento do homem. Sa- „ turno, significador do homem, está perfeitamente col- „ locado na 5.ª casa (filhos), e tem Venus dentro de sua „ orbita por meio de conjuncção; o que é um forte in- „ dicio de que seus affectos são sinceros, e suas vistas „ honestas, e que está disposto a abraçar o estado „ conjugal. O Sol, significador da Dama, estando em „ aspecto sextil com Marte, designa igualmente que el- „ la está resolvida a cazar, e que seus affectos são sin- „ ceros. A segunda couza que se deve examinar, é se

---

[c] E' de advertir que ainda hoje se publicão annualmente em Inglaterra almanaques astrologicos com os prognosticos dos acontecimentos publicos do anno seguinte, que ordinariamente são conjecturas formadas sobre a solução de algum acontecimento pendente; mas que nem por isso deixão muitas vezes de surprehender pela sagacidade com que são feitas. Lembra-nos ter lido em 1829 em um destes almanaques a predicção mui circumstanciada da famosa revolução de julho, que de certo era couza de muito espanto; e em outros tempos grangearia a seu auctor a reputação de grande adevinho, ou as fogueiras da Inquisição.

„ existe algum aspecto frustrador entre estes significa-
„ dores; e eu acho que a Lua e Venus significadores
„ do cazamento do homem estão em aspecto quadrado
„ um com o outro. Isto é prova evidente de que o
„ consorcio é demorado por interferencia de alguma ou-
„ tra mulher intimamente relacionada com o noivo,
„ porque o aspecto é feito em signo femenino. Mas
„ como a Lua destacando-se de Venus faz aspecto tri-
„ no com Marte, principal significador do cazamento
„ da mulher, e tambem aspecto sextil com o Sol, seu
„ natural significador na figura; ficão totalmente remo-
„ vidos os maos effeitos do aspecto malifico, e abertas as
„ portas do templo d'Hymeneo."

A origem da astrologia data, como dissemos, de tempos remotos. Descuberta pelos Chaldeos (c), introduzio-se em toda a Azia, communicou-se aos Gregos, e destes passou aos Romanos, entre os quaes chegárão os astrologos a fazer tanto vulto, que a sua expulsão da cidade foi decretada por edictos imperiaes. Os Arabes que forão a arca de Noé a que se recolhêrão as sciencias dos antigos no grande diluvio que por tantos seculos teve submergido o mundo civilisado, nos conservárão tambem a astrologia; e os Judeus que geralmente forão os interpretes na Europa daquelle povo douto, forão dos primeiros que professárão esta sciencia. Então principiou a astrologia a espalhar-se por toda a parte, dando-se por infallivel, com as mais ambiciosas pretenções, e subordinando a seus calculos, não somente a marcha dos acontecimentos humanos, mas ainda das couzas divinas. Assim um certo Judeu chamado Abraham, observando que em 1465 Jupiter e Saturno fazião conjuncção no signo de *Piscis*, annunciou ao Povo d'Israel que o tão desejado Messias viria finalmente neste anno libertal-o do seu longo captiveiro (d). O grande anno appareceu, os Judeus tinhão feito grandes preparativos para sahirem da aborrecida terra do

---

[c] Chaldœi diuturna observatione siderum scientiam putantur efficisse, ut prædici posset, quid cuique eventurum, et quo quisque fato natus esset.

Cic. de Divinatione

[d] Feijoo, Theatro. Critic. . . .

exilio, e regressarem á sua antiga patria; talvez em suas synagogas tivessem ja repartido entre si os primeiros lugares da magistratura e do sacerdocio; quando o marcado prazo expirou, e o Messias continuou a fazer-se desejar. Não faltárão comtudo outros astrologos, que para salvar a reputação da sciencia, e fortalecer a fé rabinica, accusárão de errados e ignorantes os calculos de Abrahão, e prolongárão por mais um seculo este acontecimento. Mas se os astrologos rabinos tinhão esta occasião de submetter o Ceo aos seus horoscopos, os Christãos não entendião ceder-lhe neste ponto; e á falta de um futuro solemne, virárão-se para o passado, e tirárão o horoscopo de Jesus Christo, verificando, não por computações chronologicas, mas pelos *aspectos* das estrellas a verdadeira epocha da seu nascimento. (e) O fim do mundo era tambem um thema muito favorito dos astrologos. Arnaldo de Villa Nova predisse este temeroso acontecimento para o anno de 1326; o Cardeal Alience para o de 1782; Cardan para o de 1800, e o Judeu Isaac Azan que floreceu no tempo de Affonso o Sabio de Castella, media a duração do mundo pelo anno magno de Platão; isto é, aquelle espaço de tempo preciso para que todos os astros voltem ao sitio e posição que tinhão no momento da sua creação, e que uns formão de 15 mil annos, outros de 36 mil, outros de mais, e de menos. (f)

Uma sciencia tão maravilhosa, que prometia correr o veo do futuro, não por meios sobrenaturaes, mas por via de calculos sujeitos a regras e preceitos, devia fazer profunda impressão em uma sociedade credula, cheia de fé, como era a da idade media, acostumada a ver realizar os mais portentosos acontecimentos, e a quem os philosophos ainda não tinhão ensinado o grande preceito = *Duvida* =; preceito que depois roubou tantos prazeres á imaginação, e por ventura felicidades aos homens. Quando um povo via entrar Colombo no Tejo e dizer a João II. = Aquelle mundo que eu vos offereci, e que vós tratasteis de fábula, eu o descubri com effeito, e o vou entregar a Castella. = Quando a Europa

---

[e] Feijoo ibid. [f] Ibid.

soube entrar Vasco da Gama em Lisboa, e depor aos pés de D. Manoel as chaves das mais ricas possessões do mundo; quando se descubriu a Imprensa, quando se inventou a polvora; quando apparecêrão Copernicos Galileos, Raffaeis, Buonarottis, Dante, Camões; que muito era que uma tal raça d'homens cressem e cressem com fé viva? Assim, esta feição saliente daquella idade muito favoreceu as pretenções dos nossos astrologos. Os reis criárão na côrte um novo emprego; e monarcha que não tivesse um *astrologo* para lhe descubrir os tramas de seus inimigos; um *bobo* para o divertir, e muitas vezes para lhe fallar a verdade por exclusivo; e um *anão*, cujo valor augmentava na razão directa de sua difformidade physica, para entretenimento das damas do paço, ou de sua real consorte; esse monarcha teria a sua côrte tão incompleta como aquelle, a quem em nossas dias faltassem seis ministros d'Estado para dirigir os negocios do seu reino.

A influencia da astrologia se espalhou rapidamente por toda a Europa, porem foi principalmente na França que ella reinou como soberana. Luis XI, apezar de sua não commum sagacidade, e das manhas de dissimulação e reserva em que era singularmente versado, por muitas vezes se poz á discrição dos professores desta sciencia. Dignidades, riquezas, lisonjas, nada elle poupava para attrahir á sua côrte os mais affamados astrologos; mesmo aquelles que se achavão ao serviço de seus inimigos. Deste numero foi o celebre *Angelo Catho*, napolitano, que depois de ter consultado as estrellas por conta de Carlos o Temerario, Duque de Borgonha, o formidavel rival do monarcha francez, abandonou seu antigo amo e bemfeitor, para vir tirar horoscopos contra elle no Castello de Plessis-le-Tour. Angelo Catho desempenhou as funcções do seu cargo tanto á satisfacção de seu novo patrono, que este o remunerou com a mais extravagante prodigalidade. Alem das sommas enormes que recebeu em dinheiro e em propriedades das mãos de Luis XI, foi feito seu 1.º Astrologo, seu 1.º Medico, seu Esmoler-mór, e Arcebispo de Vienna. Referiremos algumas das prophecias deste celebre astrologo como vem contadas em uma narração contemporanea, e que anda annexa ás *Memorias de Phi-*

lipe de Commines. " Estando ao serviço do dito rei Luis ,, diz a mencionada relação " deu-se a batalha de ,, Nancy, na qual foi morto o dito Duque (de Borgo- ,, nha) no anno de 1476 ; e na propria hora em que ,, se dava a batalha, e no mesmo instante em que o ,, Duque foi morto , o dito Rei Luis ouvia missa na ,, igreja do Senhor S. Martinho em Tours distante do ,, dito lugar de Nancy dez grandes jornadas pelo menos, ,, e na dita missa servia de Esmoler mór o dito Ar- ,, cebispo de Vienna , o qual dando a paz ao dito Se- ,, nhor lhe disse estas palavras. *Sire , Deus vos dê a ,, paz e o repouso ; ambas estão , em vossa mão ;* quia ,, consummatum est : *vosso inimigo o Duque de Borgo- ,, nha acaba de ser morto , e o seu exercito desbarata- ,, do.* ,, E com effeito , accrescenta o historiador de Catho , esse dia tinha livrado Luis XI do seu mais perigoso adversario. Outra predicção do mesmo astrologo fundada na mesma authoridade é a seguinte. Um dia visitando Angelo Catho a Messire Guillaume Briçonnet , General do Languedoc, que se achava doente , pedio este ao astrologo que lhe tirasse o seu horoscopo, que provavelmente esperava versasse sobre a gravidade da sua molestia , porem Catho que tinha lido nas estrellas a sua vida completa, apresentou-lhe este resultado de seus profundos calculos : *Vós vireis a ser um grande dignatario da Igreja, e por pouco sereis Papa.* O general Briçonnet era casado com Raoulette de Beaune , mulher ainda nova; que como é de imaginar não ficou muito agradada das predicções do astrologo; porem como ella vivesse ainda por largos annos, e continuasse a dar filhos a seu marido , mofava de Catho e de sua sciencia. Comtudo a sua hora chegou primeiro que a do General. Briçonnet conservou-se por muito tempo no estado de viuvez , sem nunca se lembrar de tomar ordens , mas emfim estava escrito na *casa das dignidades.* Tendo acompanhado Carlos VIII á conquista de Napoles , ordenou-se em Roma, foi feito Bispo de San-Maló , Abbade de San-Germano , Arcebispo de Reims em Narbona , e por fim Cardeal , e para nada faltar ao exacto cumprimento do seu horoscopo , teve alguns votos na eleição do successor de S. Pedro por morte de Alexandre VI ! Eis-aqui um caso

maravilhoso que a nossa incredulidade escarnece, apezar de ser solemnemente attestado por tres pessoas *de grande foy, prudence & authorité*, um dos quaes era *Messire Jehan-François de Cardonne, Chevalier, Seigneur de la Foleyne et du Plessis-le-Ver en Bretagne, Conseiller et Maistre d'Hostel du Roy Charles huictiesme &c.* o segundo *Messire Jehan Briçonnet, Chevalier, Seigneur du Plessis-Rideau, Conseiller, et second President des Comptes à Paris;* e o terceiro um *Messire Renaldo d'Alliano*, Gentil-homem de Napoles e tambem Cavalheiro.

Muitas outras predicções se referem deste celebre astrologo e algumas abonadas por authoridade tão respeitavel como a de *Phillipe de Commines.* Este sisudo historiador nas suas memorias dos reinados de Luis XI e Carlos VIII, as quaes dirigiu a seu amigo Angelo Catho, diz, fallando do Principe Frederico de Aragão que depois foi Rei de Napoles. " A respeito do qual „ vós *Monsenhor* de Vienna, muitas vezes me affirmas- „ teis *por astrologia*, que elle viria a ser rei; e elle „ me prometteu então quatro mil libras de renda no „ dito reino se assim accontecesse; e esta promessa „ se cumpriu dahi a vinte annos. „ (g)

Luis XI, como dissemos, teve em seu serviço varios astrologos, porem parece que nem sempre a sua confiança nestes adevinhos officiaes foi isenta daquella suspeita, que sendo uma das feições do seu caracter, elle nutria a respeito das mais pessoas que o cercavão. Eis-aqui um exemplo em que a sua desconfiança e a sua credulidade se veem em presença. — O astucioso monarcha tinha concebido uma empreza, arriscada na verdade, mas de cuja execução elle esperava alcançar grande triumpho para a sua politica, e confusão para seu implacavel inimigo Carlos o Temerario. *Mucio Galleoti*, recebe ordens para consultar as estrellas sobre o resultado. O astrologo declara que a conjuncção dos astros não póde ser mais favoravel. Luis paga com a sua costumada generosidade quando a sua ambição era lisongeada, e engolfa-se cegamente nos seus designios, como homem a quem potestades sobrenaturaes tomárão

---

[g] Ph. de Comm. Liv. 7. Cap. 4.°

debaixo de sua protecção. Mas, ou o astrologo não tinha calculado bem os differentes aspectos das estrellas, ou estava corrompido pelo Duque Carlos; pois com effeito Luis cahe inerme nas mãos do *Temerario*, é encerrado com toda a sua comitiva em um Castello em Péronne, e tudo annuncia que uma morte violenta vae pôr termo ás suas intrigas. O acautelado monarcha julga-se cobardemente vendido ao ouro borgonhez, e a morte do pobre astrologo é decretada. Galeoti é chamado á sua presença; e como não era menos habil em observar o que se passava na terra, do que em especular nos ceos o curso dos astros, pelo ar sinistro do Rei, e pela presença das pessoas que elle costumava empregar em suas execuções particulares, aventou logo a sorte que o ameaçava. Portanto propoz-se a conjurar a tempestade á força de manha e presença d'espirito. Luis acceso em despeito e furor soltou contra o astrologo uma torrente de recriminações que teria feito desanimar outro qualquer que não fosse Galeoti, porem este com semblante placido, e affectando um ar de compaixão pela sua ignorancia e falta de fé, insistiu em defender a infallibilidade de suas predicções, invocando o tempo como seguro vingador da sua honra ultrajada. " Pois bem ,, lhe replicou Luis depois de o ouvir com muita attenção, " tu sustentas com bastante impudencia a tua impostura. Ora repara bem no que te digo, e responde-me cathegoricamente. Essa tua sciencia póde dizer-te quando has-de morrer ?

" Sim, respondeu o astrologo, mas em correla-
,, ção á morte d'outrem. ,,

" Como! que entendes por isso? ,,

" Entendo que a minha ultima hora, replicou Galeotti, ha-de preceder vinte e quatro a vossa, Real Senhor. ,,

Aqui soltou o Rei uma exclamação de horror e angustia. O medo de perder a vida, para cuja conservação elle tinha empregado os meios mais extravagantes, agora mais que nunca lhe revoava pela imaginação. A um aceno de Luis os industriados executores da sua vingança entendêrão que a contra-ordem estava dada; astrologo cuberto de affagos e de grandes promessas

foi mandado recolher ao seu aposento; e o rei ficou bem certo de que, como Mucio Galeotti vivesse, tambem elle, não só escapararia daquelle imminente perigo, senão que viviria tanto como o seu robusto e saudavel astrologo (h).

Estas anecdotas mostrão bem a influencia que naquelle seculo devia ter a Astrologia Judiciaria, não só nas transacções da vida domestica, mas ainda nos mais importantes negocios d'Estado; e tão longe esteve esta falsa sciencia de perder a sua acção com o andar dos tempos, que antes pelo contrario a vemos nos dous seculos seguintes presidir ao destino das nações e lutar arca por arca com a mesma Philosophia. No tempo de Catherina de Medicis se introduziu na côrte de França o Florentino *Cosme Ruggieri* com reputação de grande astrologo. A Rainha que esperava tirar partido da sciencia do seu compatriota para urdir as suas intrigas politicas, o tomou ao seu serviço e lhe deu a abbadia de Saint-Mahè na Bretanha. Porem parece que o astrologo, depois de ter feito uma boa fortuna com os muitos presentes que recebia dos principaes senhores da côrte, que á porfia lhe encommendavão os seus horoscopos, julgou que todos os meios de decepção podião igualmente servir a sua cubiça, e se metteu tambem a practicar artes magicas. Ora, ainda que a astrologia era reprovada como contraria á fé orthodoxa, comtudo nunca foi perseguida, nem correu os perigos da magica. Por isso Ruggieri se vio involvido em graves accusações. O caso é assim referido por autores contemporaneos. La Mole e Cocanas, favoritos do Duque de Alençon, irmão de Carlos IX, forão accusados de practicarem sortilegios contra a vida do rei, por meio de uma figura de cera que se encontrou em caza de La Mole, a qual picavão todos os dias com uma agulha no coração, donde tinha resultado o estado de languidez e definhamento que ia consumindo os dias do rei. La Mole mettido a tor-

---

(h) Esta anecdota fundada em uma tradição similhante, é lindissimamente contada per sir W. Scott no seu romance *Quentin Durward* a que se encosta o A. deste artigo.

mentos confessou o facto, mas negou que o encanto fosse dirigido ao rei; mas sim a uma joven senhora, cujo coração elle esperava conquistar por aquelle meio, e que a figura tinha sido feita, e a practica aconselhada pelo magico Cosme Ruggieri: que a sua innocencia se comprovava mais por ser a figura magica de mulher e não de homem. Cocanas confirmou este depoimento; porem apezar de persistirem nesta declaração entre os horrores da tortura, forão condemnados á morte juntamente com o astrologo. Os dous mancebos forão executados, e Catherina de Medicis salvou Ruggieri para não perder os recursos da sua sciencia.

Ruggieri era um charlatão nesta mesma arte de charlatanaria, porem dous homens florecêrão, um no meado do seculo 16, outro no principio do seguinte, que augmentárão a reputação da sciencia, em cuja defeza medirão suas forças com homens illustres na republica das lettras. Estes homens forão *Cardan* e *Morin*. Serião elles uns miseraveis impostores, ou acreditarião tanto na realidade da sciencia, como os grandes da terra que os consultárão como oraculos? Vejamos algumas passagens da sua vida, e depois responderemos a esta questão.

Jeronimo Cardan, medico, um dos maiores engenhos do seu seculo (diz Bayle) nasceu em Pavia no anno de 1501. Depois de ter professado diversas disciplinas em varias cidades da Italia com muita reputação, morreu em Roma em 1575. Cardan foi um incansavel escrutador dos arcanos celestes: entre seus numerosos horoscopos se conta o de Jesus Christo, de que ja fallamos, em que o astrologo achou todos os accidentes da paixão do Redemptor nas estrellas; bem como diversas predicções sobre a sua propria fortuna. Para não dar demasiada extensão a este ensaio ommittiremos muitas circunstancias de sua vida astrologica, e só faremos menção do seu notavel fim. O historiador *de Thou* e *Joseph Scaligero*, referem, que tendo Jeronimo Cardan marcado o dia da sua morte, conforme o tinha lido nas estrellas, e vendo que este dia se approximava, sem que as suas forças vitaes parecessem querêl-o abandonar; o astrologo, para honra da sua arte, se abstivera de todo o alimento, e se

deixára morrer á fome! Scaligero accrescenta depois de narrar este facto extraordinario = *Res nota est: neque nostrum est mentiri.* (i)

Um homem, cuja vida derrama grande luz sobre os costumes e indole do seu seculo, é o celebre astrologo *Morin.* Assim como o antecedente era elle doutor em medicina, e foi professor regio de mathematica em Paris. Tendo grangeado a amisade de um astrologo escocez, que Claudio Dormi, Bispo de Bolonha, á similhança dos principes do seu tempo, tinha ao seu serviço, affeiçoou-se á astrologia judiciaria, e abandonou a medicina. O primeiro ensaio que fez na sua nova profissão foi advertir o mesmo Bispo de que os astros lhe predizião uma sorte funesta. Com effeito o prelado algum tempo depois achou-se implicado em intrigas politicas, e foi mettido em uma prisão como rebelde. E' provavel que o Bispo desprezasse os avisos de Morin, pois que este astrologo, menos absoluto que seus collegas, era de opinião que, á força d'habito e de cautela se podião modificar as influencias malignas dos astros, e evitar os perigos que ellas ameaçavão. Esta doutrina exemplifica elle comsigo mesmo; pois vendo no seu horoscopo que tinha de correr muitos perigos por causa de mulheres, tomou as necessarias precauções para os evitar, o que em parte conseguiu. Eisaqui as suas proprias palavras: *Tot mala, infortunia, magnaque vitæ pericula mihi propter mulieres acciderunt in juventute, ut jam illa recognitando stupeam, multo que plura et forsan deteriora mihi accidissent, nisi Deus Opt. Max. misertus fuisset, ab eisque me liberasset, et astrologia circa* 35 *meæ nativitatis annum, quo huic scientiæ studere cœpi, infaustæ et mihi per experientiam periculosæ illius constitutionis monuisset.* (l)

A reputação de Morin acabou de estabelecer-se como grande astrologo desde uma victoria que elle alcançou sobre todos os seus rivaes. Luis XIII tendo enfermado em Lião achava-se no maior perigo. Os medicos o tinhão abandonado, e os astrologos que forão

---

(i) *Bayl. art. Cardan.*
(l) Morinus, astrologia gallica. cit. em Bayl.

consultados declarárão que a sua hora extrema era chegada. A rainha-mãe no meio de suas angustias lembrou-se de Morin, e mandou immediatamente um expresso ao Cardeal Berulle para que encarregue João Baptista Morin de trabalhar no horoscopo de Sua Magestade. O astrologo consultou as estrellas em Paris, e declarou que por grande que fosse a molestia o rei não podia morrer della porque os astros lhe davão mais longa vida. A sua predicção realisou-se; pelo que o nosso Morin foi recompensado com munificencia real, e todos os mais astrologos mandados para as galés. (m)

Depois deste successo tudo na côrte de Luis XIII corria a consultar o grande oraculo. As damas querião que as estrellas lhes affiançassem a constancia de seus amantes; os confessores do rei que na *caza das dignidades* lhes estivesse reservada alguma mitra; os militares querião saber se morrerião na guerra, como aconteceu com o Marechal Biron, que morreu de uma bala no dia em que a astrologia o tinha prognosticado; os validos se lhes seria retirado o favor real; tudo affluia ao observatorio de Morin, como hoje em dia se corre em Londres para casa do phrenologista.

Finalmente para que o triumpho da astrologia fosse completo, ella vio atado ao seu carro o mais orgulhoso espirito do seu tempo, o ministro omnipotente que dispunha com poder absoluto da França e de seu rei; profundo homem d'estado que por vezes teve em suas mãos os destinos da Europa, e contra quem se desfizerão em sangue as embravecidas ondas da ambiciosa rivalidade. *Richelieus Cardinalis*, (diz o biographo de Morin) *immensus ille genius, judicio nunquam, ubi quempiam portentasset, errante, dignum ex estimatione Morinum duxit, ut ipsum ad secretius Musaum admitteret, de que negotiis momenti gravissimi consulerit.* Quão difficil não é elevar-se um homem acima dos prejuizos do seu seculo, pois que o mesmo Cardeal *Richelieu* consultava um astrologo nos *mais ponderosos negocios*

(m) Quod cum ex prædicto contigisset, splendidam vati suo mercedem ac rege dignam contulit, ceteris, qui male monuerant, ad remum amandatis.

d'estado! Depois disto nada seria preciso accrescentar; porem para se poder fazer uma idea da espantosa preponderancia que a astrologia judiciaria tinha adquirido sobre as mais elevadas classes da sociedade, referiremos mais o seguinte facto. O Conde de Chavigny *secretario d'Estado* tendo resolvido no anno de 1646 visitar as suas terras na Provença, quiz levar comsigo o nosso astrologo. Este depois de consultar as estrellas julgou que para a jornada ser feliz devião partir no dia 9 de Maio *ás quatro horas e nove minutos da manhan.* Assim se executou com a maior pontualidade, e chegárão felizmente ao seu destino. Na volta forão os astros novamente consultados, e com igual escrupulo executadas as ordens e preceitos de Morin. Chegado porem a Paris, descubrio o credulo Conde alguns tramas de gabinete contra a sua fortuna. Entre outras arguições que lhe fazião, não era das menos graves o ter levado comsigo um astrologo para consultar os astros sobre a sorte futura do rei, da rainha e do cardeal Mazarino, então successor do poder de Richelieu. Chavigny seriamente assustado perguntou ao seu oraculo se os Planetas o ameaçavão com alguma desgraça na côrte. Morin lhe respondeu que não, e o aconselhou a que fosse ver o cardeal, tomando, bem entendido, a precaução de sair de caza na hora e minuto em que na *caza das dignidades* reinava a melhor harmonia. O Secretario de Estado guiou-se litteralmente pelos conselhos da astrologia, e foi bem recebido do cardeal. Isto não obstou, comtudo, para que o Conde não fosse prezo, passado algum tempo.

Morin foi um escriptor laboriosissimo, mas a sua obra querida, aquella com que elle quiz trazer seu nome á posteridade, foi a sua *Astrologia Gallica*, em que gastou nada menos de 32 annos. Este livro volumoso foi impresso á custa da rainha Luiza Maria de Gonzaga, a quem Morin tinha predicto a sua elevação ao throno da Polonia. Entre outras curiosidades que se encontrão nesta obra, citaremos a seguinte que mostra a importancia que Morin dava á sua sciencia. " Os reis, diz elle, devião ter sempre a seu lado um conselho de tres astrologos, que tivessem as figuras nataes de todos os monarchas, bem como dos grandes

da sua côrte. Por este meio seria facil escolher a occasião opportuna para começar uma guerra; saber qual seria o Principe alliado que primeiro devia pôr-se em movimento; e que generaes conviria empregar. O que se diz da guerra é applicavel aos casamentos dos reis, ás embaixadas ,, &c. Pela nossa parte não temos objecção nenhuma ao systhema. Uma vez que os tres lunaticos fossem solidarios e responsaveis, quem duvida que são muito preferiveis a meia duzia de homens *d'estado* improvisados, que não consultão o ceo nem a terra! Com effeito se nos astrologos fallava o diabo, como então muita gente suspeitava, podemos applicar ao nosso caso o dito do P. Antonio Vieira: "Tempo houve, dizia o Padre, em que os Demonios fallavão, e o mundo os ouvia; mas depois que ouvio os politicos, ainda é peor mundo. ,, (n)

Couza difficil seria ajuizar da boa fé, ou impostura dos astrologos: mas porque a couza agora nos parece absurda e eminentemente ridicula, poder-se-ha acaso avançar que seus ministros erão todos uns velhacos, que, á similhança dos augures romanos, rião ás occultas da credulidade do publico? A remota antiguidade da sciencia, o credito incontestavel que ella gozou por muitos seculos entre os povos antigos e modernos, o ardor com que muitos homens, aliás respeitaveis por seu saber, lhe davão suas vigilias e meditações, e finalmente a tenacidade com que a defendêrão contra os ataques de homens sabios, como aconteceu, entre *Cardan* e *Scaligero*, *Morin* e o philosopho *Gassendi*;— tudo isto tomado em consideração, deve concorrer para moderarmos a precipitação do nosso juizo. Com isto não pretendemos tomar a defeza dos astrologos, nem abonar a sua boa fé, ao menos de todos; mas porque a sciencia era falsa, nem por isso se infere que seus professores fossem uns puros embusteiros. E' facil de conceber que homens que consumirão a sua vida a calcúlar o curso e periodos dos corpos celestes, descubrindo a influencia que ninguem lhes disputa, sobre o mundo phisico, chegassem a persuadir-se, por quaes-

---

[n] Sermão do Sacramento

quer circumstancias, que essa influencia se estendia ao mundo moral. Este é o principio e origem da sciencia, como dissemos no principio deste artigo. Este systema podia ser errado, assim como tantos outros, que os philosophos tem imaginado, mas não era um embuste voluntario; o abuso deste principio, applicando-se aos mesmos insignificantes actos da vida, é que veio a formar a charlatanaria astrologica. Assim quando *Guy Patin* fallando do astrologo Morin depois da sua morte diz — *Cet homme etait fou* — supposto que as suas obras scientificas e a sua correspondencia litteraria com tão grande homem como *Descartes* attestem o contrario: ainda assim é Patin talvez mais exacto do que se dicesse — *este homem era um velhaco.*

Resta-nos agora dizer alguma couza sobre a existencia dos astrologos em Portugal. A nossa patria não foi por certo o paiz onde a astrologia judiciaria menos vogou. Um paiz em que os Arabes deixárao algumas sementes das sciencias; onde havia muitos Judeus lettrados, principalmente medicos e astronomos: onde a sciencia da astronomia se estudou com tanto ardor e successo debaixo dos auspicios do Grande D Henrique; — necessariamente devia dar sectarios á irman bastarda de Urania. Assim, ainda que a historia da astrologia entre nós não seja tão cheia e circumstanciada como a vemos em França: falta é de escriptaras contemporaneas, e não mingua de muito grandes astrologos. E' uma observação talvez bem justa, que as descubertas e conquistas matarão com sua muita riqueza e esplendor a historia dos costumes e vida domestica dos nossos passados. Um chronista antigo uma vez que tenha bem Mouros a matar na Africa, e muitos e mui grossos zambucos a abalroar na Asia; apenas se digna, sobre a sua patria, contar á posteridade o dia em que nasceu, casou, e morreu o Principe D. Fulano ou a Princeza D. Cicrana. Comtudo os nossos astrologos como erão pessoas de prol, sempre vão achando aqui e acola um cantinho em uma chronica velha para virem apresentar a sua personalidade aos seculos modernos, tão ambiciosos de fazer conhecimento com as pessoas e couzas dos seculos passados. Assim vemos no seculo 15, no reinado de D. Duarte, florecer o

Mestre Guedelha, Judeu, phisico do rei, e *grande astrologo*, segundo diz Rui de Pina. Refere este chronista que estando D. Duarte revestido já da purpura real, e tudo prompto para o acto da sua acclamação como rei deste reinos, se chegára a elle Mestre Guedelha, e lhe dissera: = Parece-me, Senhor, que vos apparelhaes para logo entrardes na real successão que a vós por direito pertence; peço-vos per mercê, que este auto dilateis até passar o meio dia; e nisso, prazendo a Deus, fareis vosso proveito, e será bem do vosso reino, porque estas horas em que fazeis fundamento ser novamente obedecido mostrão ser mui perigosas, e de mui triste constellação, que Jupiter está retrogrado, e o sol em decaimento, com outros signaes que no ceo parecem assaz infelizes „ = O Infante agradeceu ao astrologo o amor e zelo que mostrava pelo seu serviço, mas desprezando os seus conselhos fez-se logo coroar e acclamar rei de Portugal. Mestre Guedelha logo desde alli affirmou que reinaria poucos annos, e esses serião de grandes fadigas e trabalhos. A historia confirma as funestas predicções do astrologo.

Porem se D. Duarte fez de *espirito-forte* despresando os conselhos de Guedelha; no reinado seguinte o Infante D. Pedro, apezar de ser um dos maiores homens do seu tempo pelas grandes qualidades do seu espirito e pelas suas raras virtudes, submetteu-se ao poder da astrologia. Tractava-se de dar homenagem ao novo Rei D. Affonso 5.º O Infante D. Pedro, como presagiando a catastrophe que lhe estava preparada neste reinado, pedio ao Mestre Guedelha que *por influencias e cursos de estrellas* lhe designasse a *hora em ponto* em que se poderia dar obediencia: O Mestre assim o fez, e declarando *que era boa hora*, o Infante fez o seu acto de menagem como primeiro vassalo da coroa. Inda mal que o astrologo parece ter escolhido tão desastrada conjuncção para este infeliz Principe practicar aquelle acto de lealdade!

Uma classe de pessoas a quem os astrologos de boa vontade tiravão horoscopos, era a aquelles Principes, que supposto não estavão na linha directa da successão, comtudo a proximidade do throno lhe fazia o volver sobre elle olhos de cubiça. Os astrologos quasi

sempre lisongeavão a ambição do Principe, porque se a predicção não vingava, elles tinhão d'industria fallado em termos pouco precisos para não comprometter a sua reputação; se pelo contrario ella se realisava, a recompensa devia de ser real. Destes casos de que ja vimos um exemplo entre Angelo Catho e Frederico II rei de Napoles, pelo mesmo tempo accontecêrão em Portugal, ainda que com varia fortuna. O reinado de D. João II, chamado o *Principe perfeito*, foi tingido por mais de uma vez com o sangue da mais brilhante e poderosa nobreza de Portugal. O Duque de Bragança com outros muitos nobres cahio ao cutello do algoz; e o joven Duque de Vizeu, traspassado tres vezes com um punhal dirigido pela mão de seu cunhado e rei, exhalou com a vida os seus projectos d'ambição. Se dermos credito a historiadores coévos, a astrologia não deixou de ter parte no derramamento deste sangue. *Antonio de Nebrissa* narrando este lastimoso successo, diz: "Nem faltárão aduladores, isto é, doces inimigos, nem *astrologos e mathematicos* que pelo horoscopo do seu nascimento lhe promettessem o reino. ,, (o)

A ardente imaginação do Duque e seu espirito insoffrido lhe roubárão com a vida a coroa que elle tanto appetecia, e que a ordem regular dos acontecimentos veio a cingir na fronte de seu irmão D. Manuel, com razão chamado o *affortunado*. As estrellas como não andassem muito por longe, tanto insistírão, que por fim vierão a ter razão. Sim! D. Manuel tambem foi predestinado pela astrologia para occupar o throno Portuguez! Vejamos o curiosissimo documen-

---

(o) Eis aqui as suas palavras. "Neque deerant adultores, hoc est, blandi inimici, neque astrologi et mathematici; qui ex geneseos horoscopo illi regnum protenderent. Aelii Ant. Nebrissensis, Rerum à Fernando et Elisabeth gestarum. Dec. 2. lib. 3. fol 70.

Alguns historiadores tambem fazem a astrologia cumplice da desgraça do duque de Viseu. *Mariana* na sua hist. de Hesp. = los astrologos por el aspecto de las estrellas le tenian prognosticado que seria rei: gente vanissima, cujas mentiras bien que muchas e conocidas han siempre corrido y correran.

Dos nossos historiadores se encontra esta circumstancia em Mariz e Faria e Souza.

to que nos trouxe á posteridade esta interessante noticia. Elle existe onde bem pouco era de esperar — na *Vida de L. de Camões*, escripta por Pedro Mariz, que precede os *commentarios de Manoel Correa* impressa em 1613. O biographo do grande poeta fazendo a observação de que o Destino parece que se apraz em desfavorecer e perseguir os homens grandes, diz com uma sinceridade e amavel boa fé que tanto caracterisa os nossos antigos escriptores: " A Fortuna, quanto o avantajou mais dos outros homens na excellencia poetica, lhe tirou de ventura em remuneração tambem merecida. Como aconteceu neste mesmo reino, e nesta mesma cidade ao outro astrologo, que em Salamanca tinha prognosticado ao Senhor D. Manuel (quando lá estudava para clerigo) que havia de ser um grande monarcha, rei liberalissimo e mui *grandioso*. Conceito de que os fidalgos portuguezes então zombavão, por elle ter diante de si e da coroa dezeseis pessoas. Mas succedendo depois de tantas couzas a ElRei D. João II, e vindo a esta cidade o astrologo pedir remuneração do que merecia tão boa nova; entrou com o rei, e ainda que não esquecido da promessa que lhe fizera, e possuidor do grande bem que lhe prognosticára, não lhe deu mais que mui poucos cruzados. O que sabido pelos fidalgos, que fóra o esperavão carregado de grandes mercês, accusárão o astrologo de ignorante, pelas poucas esperanças que dava de *grandioso* quem com tal obrigação se mostrava tão escasso. Mas o astrologo acudio logo: que não procedia do rei (pois havia de ser mais grandioso do que elle dizia) senão de sua curta ventura; que nem com tão magnifico principe se estendia a mais que áquella miseria. ,, Oh fé sublime do seculo 16! Um astrologo, e Luis de Camões!...

Apezar do rei não recompensar com largueza real o misero astrologo, nem por isso deixou de ficar com amor á sciencia, pois diz Damião de Goes que tanto na partida das naos para a India, como no tempo em que as esperava, *mandava tirar juizes por um grande astrologo Portuguez, morador em Lisboa por nome* Diogo Mendes Vezinho. Este pela sua morte foi substituido por Thomas de Torres, Medico do Rei.

Neste mesmo reinado, e ja no antecedente, florecêra o grande Cosmographo *Martim da Bohemia*, chamado tambem *o Behaim*, com reputação de habil astrologo. Noticias sobre este homem celebre se encontrão na Historia Insulana de Fr. Gaspar Fructuoso, Vejamos uma amostra dos seus talentos adivinhatorios. " Entre os principaes povoadores da Ilha do Fayal (diz Fr. G. Fructuoso) veio a ella tambem um fidalgo Allemão que casou com uma filha do 1.º Donatario do Fayal, José d'Ultra, e o Allemão se chamava *Martim de Boemia*; e este era tão grande mathematico, e especialmente tão insigne astrologo, que andando na côrte lusitana fazia ElRei grande estimação e conta delle; não só por sua nobreza, mas por sua sabedoria, e noticias que dava por observação das estrellas; a qual era tão notavel, que estando ainda na côrte, e por noticia delle mandou ElRei de Portugal navios que descubrissem as antilhas; e no mesmo Portugal disse o mesmo Boemia ao Rei o dia e hora em que ja os navios voltavão sem descubrirem as antilhas." (p)

Poucos escriptos nos deixárão os nossos antigos sobre a Astrologia Judiciaria. E' notavel um livro intitulado = Epitome das noticias astrologicas para Medecina por *Fr. Antonio Teixeira*. Lisboa 1670=. Seu autor logo no primeiro capitulo pretende mostrar que sem astrologia não ha medicina possivel, e trata com o maior desprezo um Medico de nome e fama que lhe dissera que não havia peor couza no mundo que querer um medico curar por mathematica, porque tal matava mais gente que um Tabardilho; e que um lente da Universidade de Salamanca que quiz curar por astrologia, matava gente como peste. — O bom do frade admira-se que houvesse medico tão ignorante que tal avançasse, e continua a dar os seus preceitos astrologicos. O que é indubitavel é que a astrologia se casou sempre muito bem com a medicina. O nosso Guedelha e Thomaz Torres erão Medicos, bem como Angelo Catho, Cardan, Morin e outros.

(p) Hist. Insulana. liv. 9. cap. 9.

A astrologia apezar de ter avassalado o espirito humano não deixou com tudo de ser combatida em todos os tempos. O celebre Pico de Mirandulo escreveu um livro contra ella, e entre nós foi graciosamente mettida a ridiculo pelo agudo engenho de Gil Vicente. Recommendamos a nossos leitores o seu engraçado auto da Feira como complemento deste ensaio.

Paleographia.

DOS LIVROS e MANUSCRITOS,

ANTES E DEPOIS DA IMPRENSA.

TERCEIRA PARTE.

Nos seculos passados tinha-se por grande merito em um autór provar grande erudição, e citar muitas passagens das mais respeitaveis autoridades; com isto podia-se ao menos distinguir o que era privativo do autor, e o que lhe não pertencia; podia-se observar mais facilmente os progressos do espirito humano. Porem desde o principio deste seculo cahio-se em excesso contrario, e hoje qualquer rapazinho faz um livro de retalhos, tendo todo o cuidado de não se referir a ninguem, para não se saber donde os copia; e consegue assim muitas vezes fazer-se passar, entre aquelles que não se dão ao trabalho de investigar as causas, por litterato e entendido, como que se tivesse adiante de si 60 annos de observação e experiencia. Entre estes dous extremos nós preferimos o primeiro; ate mesmo por que temos por axioma que cançar-se qual-

quer em dizer o que outrem disse por outras palavras, tendo o primeiro dito bem, é pura perda de trabalho. O seguinte artigo, e talvez mais algum sobre o mesmo assumpto, é fielmente copiado das Dissertações chronologicas mandadas imprimir pela Academia Real das Sciencias de Lisboa, as quaes Dissertações todas são obra do muito erudito Conselheiro João Pedro Ribeiro, que em materia de Paleographia e Diplomatica é para nós os Portuguezes a nossa unica autoridade. Sendo a Dissertação que agora copiamos impressa no anno de 1813 e por tanto composta algum tempo antes, julguem os nossos leitores pela comparação com os dous artigos antecedentes se nós a muitos respeitos mesmo no seculo XIX não temos precedido outras nações que presumem de eminentemente litteratas e eruditas. *N. dos Redactores.*

A materia subjectiva da escritura, ou sobre a qual se tem traçado os pensamentos, tem seguido a marcha, os progressos, e a gradação do espirito humano. O uso de taboas de pedra e de páo para escrever é o mais antigo que nos consta, ou essas taboas fossem, ou não cubertas de cera, ainda esta ultima fórma só apparece pouco antes do captiveiro de Babilonia. Os Rollos tambem são da mais alta antiguidade, e delles já consta no livro de Job. Servindo portanto primeiro á escritura para toda a qualidade de acto a madeira, a qual não tinha necessidade de grande preparação; os rollos, ou de casca, ou de folhas de arvore, logo forão adoptados, como menos volumosos; e não menos as pedras, os tijolos, e os metaes forão empregados para conservar monumentos á posteridade a mais remota. Taes forão as Taboas da Lei, os hieroglyficos do Egypto, sobre as Pyramides e Obeliscos, as doze pe-

dras preciosas entre os Hebreos, as Leis de Solon, escriptas sobre taboas de páo, as Leis das XII taboas entre os Romanos gravadas em bronze, as Leis dos Gregos sobre a mesma materia, que elles chamavão *Kurbeis*, as Leis e Tratados de Alliança dos Romanos, sobre bronze tambem. Semelhantes taboas de bronze ou cobre, não menos servião aos Romanos como de tombos os mappas, para nellas representar o plano e limites de huma propriedade, e se depositavão nos Archivos dos Imperadores. Tal era o uso do 1. seculo Christão; e no 4. se servião de igual materia para a promulgação das Leis nas Cidades do Imperio, ou de taboas de páo cubertas de alvayade, ou de pedaços de panno branco. Estes tiverão muito uso na antiguidade e se chamárão *lintei* ou *carbasini*.

Não se duvída terem servido para o mesmo fim laminas de chumbo, não se póde porém conceber como delle se formassem rollos de uso commodo: As pedras preciosas, e metaes, ainda o ouro e prata, empregados pelos Gregos, e Romanos, para eternizar os Documentos, são hoje rarissimos; e ainda mais Diplomas sobre semelhantes materias, e sobre marfim. Apenas restão quatro, e um delles se dá por suspeito.

O marfim, o buxo, a lousa ou schisto, o limoeiro, o carvalho tiverão o mesmo uso: delles o primeiro se empregava sómente, e não outra materia, nos Senatus-Consultos, que respeitavão aos Imperadores. Quando constavão só de duas folhas ou laminas, se chamavão *dypticos*, sendo de mais, *polipticos*. Encontrão-se Documentos em alguns Cartorios escritos sobre bastões; em cabos de facas se encontrão dous Instrumentos de Doações, uma dellas do fim do seculo 12 feita á Cathedral de París.

Não se tem menos empregado para aquelle fim as folhas de palma, oliveira, e outras arvores; e o uso de escrever o nome dos proscriptos entre os Athenienses sobre cascas de ostras deu o nome de Ostracismo á mesma proscripção.

As taboas de madeira servião de materia á escritura, ou sem outro preparo, e se chamavão pelos Gregos *Boves* e pelos Romanos *Schedae*, e por tanto ficava indelevel a escritura, e dellas se formavão *codices*; ou

erão cubertas de uma parte, ou de ambas com cera, alvayade, ou gesso: as cubertas de cera se chamavão *Cerea*, em geral todas *tabulae* (1).

A cera dos antigos era verde ou negra, e as mesmas poucas taboas que hoje restão, tem todas o verde tão escuro, que parecem negras. E' provavel se misturasse na cera pez, ou couza semelhante para lhe dar consistencia. Com tiras de pergaminho coladas de distancia em distancia, nas costas das taboas, e juntas assim entre si, se fazia uma especie de livro, e se chamavão *Codicilli.* Quando o escrito não interessava já, alizava-se outra vez a cera; posto que de algumas se divisa ainda o que antecedentemente se tinha escrito; talvez por isso nada nellas resta anterior ao tempo em que se abandonárão; que foi no principio do seculo 14 com o mais frequente emprego do papel do trapo. O seu maior era para assentar despezas, ou para diarios de viagens.

Foi por tanto o uso antigo da escritura do que propriamente chamamos Documentos independente de licor algum, e mais merece o nome da gravura; mas nem por isso data de poucos seculos o uso de materia mais ordinaria da mesma escritura em pelles, ou papeis, como já vamos a vêr, não merecendo maior contemplação o uso que tambem consta ter-se feito de intestinos de elefantes, e outros animaes.

Papel Egypcio.

A mais antiga especie de papel, que se conhece, é o do Egypto, que communicou o nome de *Carta*, por que era conhecido, aos Documentos que nelle se escrevião, e aos mesmos Codices; e até ficou por herança aos Documentos de pergaminho, quando se intermittio o uso do mesmo papel do Egy-

---

(1) No Regimento dos Tabelliães de 15 de Janeiro da Era 1343, se lhes prohibe no Artigo 1. fazerem as notas das Escrituras em *Cedulas* e Roes: e no lugar correspondente da Ord. Aff. Liv. 1. tit. 47. §. 2. se manda aos mesmos Tabelliães notem as Escrituras nos Livros, e não em Canhenhos, nem em *taboas*.

pto. Já antes do 8. seculo se costumavão nelle expedir Diplomas, o seu uso porém se diz preceder 3 seculos á fundação de Alexandria; e verdadeiramente se ignora. O *Papirus*, de que se fabrica, é uma especie de cana semelhante á nossa tabúa; e das camadas, ou tunicas interiores da haste desta planta, se preparava o papel. As suas differentes qualidades e modo da sua preparação, se pódem vêr nos Novos Diplomat., e em Vaynes (verb. Papier).

Restão ainda bastantes Documentos na França e Italia neste papel, todos Latinos, e sómente tres em Grego; porém nenhum tem escapado inteiro, e sem defeitos. O seu comprimento não tinha nada de certo, a largura não excedia dous pés: o que tinha 14 pollegadas, ou mais, se chamava *Macrocola*. Quando era mais fino, se divisavão encontradas, e em grade as suas fibras, por se costumar fazer o seu preparo com camadas alternadas, uma ao alto, e outra ao travéz, fingindo á vista uma peneira de cabello branco; mas enxovalhado. O seu distinctivo essencial é constar só de duas camadas.

No Oriente, e no Occidente se empregou este papel nos Diplomas. Por mais de um seculo apenas se encontrão na Franca Diplomas em pergaminho; mas no fim do seculo 7. principiou aquelle a ter menos uso; ainda menos o teve no 8. Com tudo no 9. seculo se empregava ainda em Cartas missivas; e do 11. ainda nos restão Bullas Pontificias escritas neste papel. Se por tanto chegou ao seculo 12., certamente já se não usava no 13.

Papel de Casca.

Não se pode duvidar que até o seculo 11. se escreveo algumas vezes sobre papel feito de cascas de arvores, permittindo isto mesmo a qualidade de algumas dellas. Alguns Codices, que restão, e se suppunhão de papel do Egypto, melhor examinados, se conhecem antes ser de casca de arvores. A sua fragilidade tem sido a causa de menos se conservarem: e como no nosso Reino não restão Documentos ou Codices, nem

nesta especie de papel, nem do Egypto, escuso demorar-me mais a este respeito.

Papel de Algodão.

Esta especie de papel foi inventada pelos Orientaes, e teve uso desde o 9. seculo. No 12, e ainda mais no 13. se vulgarizou o seu uso, sendo até ahi maior o do pergaminho. Antes do 11. seculo não se conheceu no Occidente, e mesmo depois do 12., fora de Napoles, Sicilia, e Veneza, que commerceavão em Levante. Não menos tinhamos nós relações com estas Nações no seculo 13., e 14., e por isso não admira que o Livro das Vereações da Camara do Porto da Era 1428, e um Processo do Juizo da Coroa da Era 1454 (Armario 16 da casa da Coroa Maç. 2. n. 6. no Real Arch.) sejão deste papel, em que tambem se acha escrito em data de 18 de Dezembro de 1504 uma Carta do Senhor D. Manoel e outra de Affonso d'Albuquerque ao mesmo Senhor em data de 10 de Dezembro de 1514, como tambem entre outros muitos do mesmo Reinado 3 Documentos de 4 de Agosto, e 9 de Novembro de 1507, e 7 de Fevereiro de 1508.

Papel de Trapo.

Por que só do Anno 1239 se conserva um Documento escrito neste papel, supposta a sua fragilidade, não se póde argumentar que elle não seja mais antigo que o mesmo seculo 13.: mesmo era natural, que uma vez conhecida a sua natureza, se não usasse delle para Documentos, que se destinavão a maior duração. Com tudo o seu invento não se póde suppor posterior ao seculo 12., nem o seu uso ordinario mais moderno que do seculo 14.

Sobre o uso que se tem feito do mesmo papel, e ainda do pergaminho, para os Documentos publicos com timbre ou sello, pode consultar-se Novos Diplomat. Tom. 1. P. 2. Sect. 1. Cap. 9. p. 525. Vaynes

Tom. 2. p. 172 e seguintes. *No nosso reino foi introduzido o papel sellado no reinado do Senhor D. Affonso 6° em 1666; e o seu uso acabou pouco mais ou menos no anno de ... e começou novamente no reinado da Snr.ª D. Maria 1.ª em 1797 e acabou em 1804: tornou ultimamente a usar-se em 1827 e ainda dura.*

Neste lugar bastará notar que muitas vezes se pode conhecer a falsidade de um Documento em papel, ou pergaminho, por lhe faltar o timbre, ou mesmo pelo ter; pela sua qualidade e marca da fabrica, quando se suppõe anterior ao estabelecimento della; até pelo anno, que algumas das fabricas costumão assignar-lhe: o que nada deve escapar a um bom Diplomatico.

Pergaminho, e Vitella.

Differe só o pergaminho da vitella em aquelle se fabricar da pelle de cabra e carneiro, e este de bezerro; ambos se polem com a pedra pomez. Diz-se que em Roma se descubrio primeiro o segredo de o branquear, e depois de o pintar. Conhecem-se 3 especies: branco de ambas as partes; amarello de hum lado, e branco de outro; purpurado de ambas as partes. Nesta côr são rarissimos os Diplomas, e vulgares os Codices, principalmente do uso Ecclesiastico.

A primeira invenção do pergaminho he incerta, apenas se julga tomar este nome de Pergamo aonde se inventou, ou aperfeiçou. O purpurado apenas se principiou a usar no fim do 1. seculo, e no principio do 4. ainda era assás raro. Até ao 6. seculo se usava do pergaminho só para os Codices; e para os Diplomas e mais Documentos, do papel Egypcio, menos aonde este não foi conhecido, nem o de algodão. Do 6. seculo já nos restão Diplomas, e Documentos em pergaminho.

A grandeza dos mesmos Documentos em pergaminho varía segundo a forma da lettra, e extensão do contexto: achão-se Diplomas (e até com sello) do tamanho de uma carta de jogar; (1) quando o con-

---

(1) Pouco maiores restão do Reinado do Senhor D.

texto o pedia, se cosião mais pelles e se fazião rollos, ou *volumina* (á volvendo). Deste accidente trataremos quando fallarmos da forma dos Documentos.

A falta e careza do pergaminho obrigou a praticar um meio funesto á literatura, e foi o pagar com agoa fervente e pedra pomez, ou cal viva, a letra de um pergaminho, para se servirem delle novamente, a que vulgarmente chamão *rescriptos*. Desde o 8. seculo se praticou isto; e só no 14. e 15. se advertio no prejuizo da literatura, e até na difficuldade de não deixar vestigios da antiga letra: os Imperadores o prohibirão; e até passou em formula nos juramentos dos Natarios. Em alguns pergaminhos ainda se lêem palavras, e ás vezes regras no que primeiro se escreveo, posto o Documento entre o raio do sol e a vista; não obstante terem sido raspados, e novamente escritos.

Ao pergaminho (como ainda veremos) se lhe dá ás vezes o nome de couro; mas tambem he certo se usou das pelles curtidas de outros animaes, escrevendo-se da parte donde se lhes tinha tirado o pello. Restão rollos destes couros cosidos uns a outros em algumas Bibliothecas. Ulpiano mesmo (Liv. 32 do Digest. tit. 1. Lei 52) distingue o couro do pergaminho; mas se nelle se escreveo algum Diploma, não he conhecido; posto que se diga (o que he mais extraordinario) existir no Archivo de Milão um Diploma escrito em pelle de peixe.

A côr preta e defumada do pergaminho não prova por si só a antiguidade do Documento: assaz o mostra a sentença dada em Granada no seculo passado contra uns falsarios, eminentes nesta manobra, a qual corre impressa; porém similhantes artificios são faceis de descobrir com a mais leve raspadura.

Affonso III. (Pergaminho numero 1 e 2 da Camara de Coimbra) Huma Doação de D. Constança Sanches, filha do Senhor D. Sancho I, das Kalendas de Agosto da Era 1302, de que pende o seu sello de cera encarnada, posto que mais comprido, he com tudo mais estreito que huma carta de jogar (Arch. Real Gav. 1 Maço 3. n. 22). Pouco maior he huma Carta do Senhor D. Affonso II. de 4 de Maio da Era 1259, que tem pendente o sello de chumbo (Arch. R. Gav. 1 Maço 7. n. 15).

Pelo contrario ha Codices e Documentos antigos, que tem conservado toda a alvura no pergaminho; outros mais modernos por algum accidente se envelhecêrão consideravelmente, e sem proporção á sua idade. Desde o seculo 11. até o 14. he mais grosso o pergaminho, e de branco çujo. Depois ainda se fez mais grosso.

A vitella (que os Italianos chamão Velino, e os Francezes Velin) quando he tão fina que o calor da mão a faz enrolar, ou encarquilhar, mostra um caracter certo de antiguidade. Desde o 6. seculo até o 10. se não encontra desta qualidade, quando não são folhas já servidas, raspadas, e novamente escritas; o que logo se percebe.

A differença do preparo do pergaminho em diversos seculos melhor a ensina o uso (que he o melhor Mestre de Diplomatica) do que se pode explicar theoricamente.

Materia dos Documentos no nosso Reino.

Concluidas estas noções geraes, segue-se fallar especialmente da materia subjectiva dos nossos Documentos.

Quantos restão nas nossas Bibliothecas, e Cartorios, os mais antigos, assim Codices, como Diplomas e mais Documentos, são todos em pergaminho. O do periodo de caracter Gothico tem uma côr acamurçada escura, com igual preparo dos dous lados, e he muito flexivel e tratavel.

O uso do pergaminho nos Documentos públicos tem continuado até ao presente entre nós naquelles, cuja perpetuidade se faz mais interesante; e ainda fora destes em alguns outros, como v. g. Padrões de Tenças, Cartas dos Gráos Academicos, de Ministros de Justiça &c., suppondo ainda a Ordenação actual Liv. 1. tit. 24. §. 13. e tit. 19. §. 3. que algumas Cartas se devem lavrar em pergaminho. Em uma Apostilla de Provis. do 1. de Junho de 1549 se mandão lavrar em

pergaminho as Provisões para os Tabelliães, e Escrivães terem Escreventes ajuramentados.

O Exemplar das Ordenações do Senhor D. Manoel de 1514 no Real Archivo he impresso em pergaminho, e tambem a Lei de 5 de Dezembro de 1549 no mesmo Real Archivo Maço 3. de Leis n. 23. O exemplar dos Capitulos de Côrtes do Senhor D. João III. de 1525, e 1535, o encontrei tambem impresso em pergaminho. As Constituições de Evora de 1534 se achão impressas em pergaminho, assignadas pelo Cardeal (Archivo R. Maço 5 de Leis n. 17.)

Quando principiasse entre nós o uso do papel não se deve determinar pelos originaes, que hoje restarem, como já ponderei; mas antes pelas memorias que nos deixassem os nossos Historiadores a este respeito; porém em vão se procura nelles estas e ainda outras materias de maior natabilidade e interesse: recorrendo porém ás provas que se podem deduzir da nossa mesma Legislação, he certo, que quando o Senhor D. Diniz em uma Lei de 10 de Junho da Era 1341 (Leis Antigas R. Archivo) manda que os Escrivães levem um dinheiro por cada duas regras escritas, e que o pergaminho seja de *couro em ancho*, já parece distinguir entre pergaminho e papel. Mais claramente no Regimento que deo aos Tabelliães a 15 de Janeiro da Era 1343 (Ibid. fol. 17. e 19. v.) no Artigo 1. ordena que elles fação as notas das Cartas, ou instrumentos que hão de lavrar, em livro de papel. No Artigo 3. exceptua a nota das *firmidoens*, que manda fazer em livro bom de couro. No Artigo 17. distingue o Registo dos Documentos que se fazem para dentro, ou fora do Reino, mandando fazer aquelles em papel, estes em pergaminho.

Na Ordenação do Senhor D. Affonso 5. (Liv. 1. tit. 36. e 37.) se faz menção dos Documentos, feitos em pelle de carneiro, ou em folha, ou meia folha de papel. A Ordenação do Senhor D. Manoel (Liv. 1. tit. 20. §. 20.) manda que os Escrivães dêem o papel para os Processos; e o pergaminho para as Cartas o recebão da Chancellaria, para cujo fim se expedirão no seu Reinado as Provisões de 5 de Fevereiro de 1518. No Liv. 1. tit. 63. da mesma Ordenação §. 11.

12. e 13. se taxão os salarios dos Documentos feitos em pelle de carneiro, ou em papel. No lugar parallelo da Philippina só se contemplão Documentos lavrados em papel (Liv. I. tit. 84. §. 12.), signal que nos processos, e mais papeis forenses, se tinha posto em desuso o pergaminho; mas já vimos que no tit. 24. §. 13. e tit. 19. §. 3. do Liv. I. da mesma Philippina ainda se suppõem Cartas lavradas no mesmo pergaminho.

O mais antigo Original, que tenho encontrado em papel, he do Reinado do Senhor D. Affonso IV. He uma Provisão, expedida em nome da Infante D. Branca, Esposa destinada para o Senhor D. Pedro I., de 4 de Novembro da Era 1372, assignada pelo seu Ouvidor. Existe no Cartorio de Pendorada Armar. B. Maço XVIII. n. 15.

Do Reinado do Senhor D. João I. se conservão varios Originaes em papel na Camara de Coimbra, dous no Cartorio de Pendorada (1), outro no Cartorio do Cabido de Coimbra, e no R. Archivo um Processo original do Juizo da Coroa da Era 1456 na Gav. 11. Maço 4. n. 9., e outro do mesmo Reinado n. 11.: e Gav. 18. Maço 1. n. 9. Mais dous Processos do mesmo Juizo da Coroa naquelle Reinado das Eras 1452, e 1454, e este em papel de algodão, no Armar. 16. da Coroa Maço 2. n. 6.

A Carta de Fronteiro d'Entre Douro e Minho, expedida a Rodrigalvarez Pereira em 3 de Junho da Era 1424, se acha em 10 do mesmo mez e Era, passada por Instrumento em papel, no Cartor. da Camara do Porto (Liv. I. P. I. Maço I. dos Pergaminhos fol. 12.)

Em um Documento do Cart. da Camara de Coimbra de 23 de Janeiro da Era 1391 se menciona uma Carta da Era antecedente, lavrada em papel. D. Bernardo da Encarnação refere nas suas Memorias Msscr. ser o mais antigo Documento em papel, que encontrára, uma Provisão do Senhor D. Diniz da Era 1353 no Tombo velho de S. Simão de Junqueira a fol. 75; mas talvez so quizesse dizer que ahi se affir-

---

[1] Cont. do Mosteiro n. 12. Maço. I. de Vendas n. 88.

mava ter sido a dita Provisão lavrada em papel. Mais antigo é um Documento da Era 1326, 8. Kal. Sept., existente no Cartor. da Fazenda da Universidade de Coimbra, no qual já se menciona uma Carta escrita em *polgaminho de papilo.* Em um Instrumento Latino do anno de 1360 (Era 1398) se menciona tambem o theor de uma appelação, a que se chama *quandam papiri cedulam*, a qual data da mesma Era (Pergaminhos de Pedroso no Cartorio da Fazenda da Universidade). Tambem em um Diploma do Senhor D. Diniz (R. Archivo Liv. 3. de Doações do mesmo Senhor fol. 57. v. Col. 2.) se faz menção de uma Carta escrita em *purgaminho de coiro*, e de outra escrita em *purgaminho de papel.*

Se acreditamos porém ao Lecenciado Gabriel Gil, um daquelles a quem o Senhor D. Manoel encarregou a Reforma em Leitura nova do R. Archivo, quando affirma em uma nota ao Liv. 1. das Inquirições do Senhor D. Affonso III. p. 1. com a data de 12 de Junho de 1512, que elle encontrára o terceiro Caderno das Inquirições do mesmo Soberano, *escrito em papel de letra muito antiga*, *que parecia ó proprio original*, accrescentando fora logo *roto* e se houvera por escusado; teremos de reconhecer (como é bem natural) o uso do papel nos Documentos do nosso Reino, ainda anterior ao Reinado do Senhor D. Diniz; achando-se já usado em Hespanha a esse tempo. Pode vér-se a Nova Hist. de Malta P. 2. §. 84. p. 123, como tambem a Especial Memoria sobre este mesmo assumpto do seu Author no Tom. 2. das de Literatura da Academia Real das Sciencias de Lisboa p. 227, e Merino Escuela p. 182, e 283.

Quanto a Codices, não só nos restão o citado Livro das Vereações da Camara do Porto no Reinado do Senhor D. João I. da Era 1428 em papel de algodão; mas outros 5 do mesmo Reinado em papel de trapo, que se conservão no Cartorio da mesma Camara, e são os mais antigos que me tem occorrido. Concluida a breve exposição da materia subjectiva dos Documentos, resta fallar de materia apparente dos mesmos, que vulgarmente chamamos

Tinta.

A tinta preta dos antigos nada tinha de commum com a nossa, excepto a gomma e a côr. A galha, pedra hume, e gomma, faz a base da nossa; e da dos antigos o negro de fumo, ou de marfim, preparado ao Sol, e não ao fogo. A nossa he de infusão; a delles era moida. Ainda no 7. seculo tinha esta composição; com tudo não se deve sem maior exame reputar por falso qualquer Documento anterior a esta Epoca, pelo aspecto similhante aos Documentos de tinta de galha; pois qualquer composição menos apurada, ou ainda qualquer accidente posterior podia por tempo fazer a letra avermelhada, amarellada, ou de qualquer maneira desbotada. He porém verdade, que os Documentos anteriores ainda ao seculo 10., e mesmo entre nós até o seculo 13., conservão quasi todos o preto vivo da tinta.

Aquella má composição, e aquelles mesmos accidentes tem muitas vezes cegado quasi a letra de alguns Codices, e Documentos: as dissoluções de galha e çumagre para os remediar, os tem acabado de perder. Veja-se o que noto a esse respeito na Observ. 1. de Diplomatica Artigo 2. p. 46. Vaynes (Tom. 1. p. 509, e seguintes) aconselha a leve infusão de galha em boa agoa ardente e agoa commum, partes iguaes, molhando com ella as letras com uma esponja fina. Adverte se não pratique esta operação sem concurso da authoridade publica; o que he tanto mais indispensavel, quanto o remedio he so instantaneo, e deixa para o futuro o Documento ainda em peor estado, e por tanto ha mais precisão de haver delle uma copia authentica. Devo notar ter já observado usar-se de similhantes infusões, ou agoas declaratorias, sem outro fim, que de occultar a adulteração em um Documento practicada.

Tinta de ouro.

As nossas Bibliothecas conservão alguns poucos de Codices, que assaz provão o uso da tinta de ouro em

algumas das suas iniciaes. Outras Nações mostrão o mesmo até em Diplomas, posto que nestas mais raras, e com menos profusão e opulencia. As Cruzes de ouro, no principio do Documento, ou na subscripção de alguns Reis de Inglaterra, he mais ordinario que as letras serem de ouro (1). O modo com que os Gregos preparavão esta tinta se pode vêr em Vaynes Tom. I. p. 511.

De prata.

Desta bastará dizer que só se encontra em Codices, mas nunca se usou em Diplomas, ou Documentos.

Vermelha.

He assaz vulgar, mesmo nos nossos Codices, a tinta feita de vermelhão, cinabrio, ou purpura, para nellas se escrever certas letras, palavras, ou ainda regras inteiras. Nos Diplomas he mais rara, e talvez se não encontre Documento mesmo algum, todo de uma tinta, que não seja a preta.

Os Imperadores Gregos usavão do vermelho de purpura para a sua subscripção, e por uma Lei do Imperador Leão do anno 470 se declara nullo todo o Decreto Imperial, a que faltasse aquella assignatura em vermelho, a que chamavão *lepor erkaustor* (sacrum incaustum). No seculo 12. concedêrão os Imperadores Gregos este privilegio aos seus proximos parentes, e depois aos grandes Officiaes de sua Casa, reservando para si a distincção de usar da mesma tinta na data do mez e Indicção.

Similhante pratica não teve uso no Occidente; talvez só de Carlos Calvo nos consta a adoptasse em alguns Diplomas; e de papeis só um Documento com as letras iniciaes em vermelhão pôde encontrar Mabillon.

---

[1] A assignatura do Grão Senhor em letras de ouro se encontra em Cartas dirigidas aos Reis de Portugal, no R. Arch. Gav. 15. Maç. 14. n. 20.

No nosso Reino apenas o Cartorio da Batalha conserva um Documento de 15 de Junho do anno 1401, (Era 1439) datado de Paris, aonde se achava o Imperador Manoel Paleologo, e he uma Carta do mesmo ao Senhor D. João I. que acompanhou as Reliquias, que lhe remetteo, escrita em duas columnas em Grego, e Latim, e no fundo em toda a extensão da pagina o *Sacro Encausto*, ou assignatura do Imperador em letras vermelhas.

Verde.

Esta tinta assaz vulgar nos Codices para as iniciaes, foi privativa no Oriente para a assignatura dos Tutores dos Imperadores na sua minoridade.

Azul, e Amarella.

Estas tintas tiverão tambem uso nos Codices; mas a amarella não se encontra depois do seculo 12.

O uso da tinta vermelha, e azul, se pode vêr no R. Archivo, entre outros, nos Codices das Partidas: da de ouro em uma Biblia Msscr. da Bibliotheca de S. Bento da Saude; no Mosteiro de Belem no nitidissimo Codice de Nicolao de Lira, e em varios Codices da Livraria publica de Lisboa. A verde a encontrei em um Breviario Msscr. do Mosteiro de Travanca, hoje recolhido á livraria de Tibaens.

As letras metallicas, e mesmo as outras erão ás vezes envernizadas, principalmente com cera, entre os Romanos, e mais entre os Gregos, que por muito tempo o praticárão. Este uso principalmente se frequentou no seculo 9.

O luxo, com que se debuxárão similhantes letras em alguns Codices, tem excitado a barbara curiosidade, e leveza de alguns, que as cortarão nos Codices, e perdêrão o contexto do que continha o seu reverso, deixando uma lacuna. Em outros Msscr. encontrão-se em branco por que não chegárão a debuxar-se: assim se nota no Cancioneiro do R. Collegio dos Nobres. O mesmo succede em algumas das primeiras Edicções,

em que por falta de capitaes, se lhes fazião depois á penna, ou pincel.

Resta ultimamente advertir que a tinta preta dos seculos 7., 8., e 9., he a que melhor se tem conservado; sendo de todas a peor a do seculo 15., e 16. A destes seculos e seguintes, passa a amarellada. Isto mesmo se observa nos Documentos dos nossos Cartorios; sendo a tinta de alguns tão carregada de caparrosa, que tem corroido as letras, e deixado as folhas do papel todas crivadas, principalmente nas iniciaes.

Advirto ainda, que do seculo 12. em diante os Diplomas com letras de ouro, ou vermelhão, são de fé muito duvidosa, quando a sua solemnidade, ou pessoas a que respeitão, não fação suppor, que se quiz practicar essa distincção, que nos nossos dias se tem visto até em obras impressas.

Com a materia dos Monumentos, e Documentos, tem toda a relação os Instrumentos com que os mesmos se traçárão; e por isso delles diremos neste lugar quanto seja opportuno.

Instrumentos.

O buril e cinzel tem sido o instrumento para a escritura, ou antes gravura, dos caracteres sobre metaes, pedras, e madeira, ou fossem os caracteres em concavo, ou relevo. O stilo servia nas materias mais flexiveis, como a cera, &c.; abrindo-se os caracteres com a parte aguda, raspando-se com a outra, que era chata, quando havia engano: donde nasceo a frase *vertere stilum*.

O *calamus*, ou cana, servio em outro tempo para traçar caracteres com materias liquidas sobre o papel, ou pergaminho; e se aparava como as nossas pennas: mas os caracteres erão mais grosseiros pela maior parte. Parece terem sido escritos com este instrumento, na opinião de Vaynes, os Diplomas Merovingicos. Os Orientaes ainda hoje usão do calamo. No Occidente se deixárão de usar pelo seculo 10. As pennas de pato, e outras aves suppõem-se já usadas

no 5. seculo; e certamente um bom antiquario não verá sem nota as pinturas dos Evangelistas escrevendo com as nossas pennas (Masdeu Hist. Crit. Tom. 8 p. 95.)

O pincel era o mais opportuno para as telas de linho, e para os caracteres em ouro, e ainda em cinabrio. Os Chinas ainda usão delle, como mais proprio para a tinta de que mais se servem, chamada Nankin, ou tinta da China.

Com o mesmo instrumento foi talvez escrita uma Inscripção em letras vermelhas, sobre reboque, em uns Banhos publicos dos Romanos, que se descobrirão depois do terremoto de Lisboa, nas casas que edificou o Correio mór, que por haver a incuria de se demolir, aqui a conservarei, segundo a lêo pessoa bem instruida. (1)

---

[1] Thermae Cassiorum
Renovatae a solo juxta jussionem
Numerii Albani V. C. P. P. J.
Curante Aur. Firmo
Nepotiano et Facundo Conss.

[Corresponde ao anno de 336]

Veja-se a Obra: Instrucções, e Cautelas Praticas do Doutor Francisco Tavares, impressas na Officina da Universidade em 1810. P. 1. Cap. 11. p. 130.

Economia Politica.

DOS CAPITAES.

Capital é propriamente a porção dos productos creados que fica em *disponibilidade*, depois do consumo. *E' o excedente da producção sobre o consumo.*

Art.° 1.° — *Da natureza dos capitaes.*

O capital é um dos elementos ou instrumentos da producção: é a somma de valores consagrados aos *avanços* precisos para a producção; se estes valores consumidos antecipadamente se restabelecem por inteiro no producto creado, sem augmento ou diminuição, o capital ficou como d'antes; se porem o producto creado não tem valor igual ao do capital empregado, uma parte deste perdeo-se, e o *capital* diz-se *desfalcado*; se porem o valor é superior ao do avanço, o capital crescêo, e diz-se *capital acrescido.*

Este termo não é exclusivamente empregado para exprimir somma de valores em moeda; é verdade que o capital costuma avaliar-se em moéda ou em numerario, quando se deseja saber a sua importancia; mas a essencia do capital consiste em ter valor destinado (*) a prestar avanços á producção, e em disponibilidade de ser convertido sem perda em objectos adequados ao genero d'industria, em que tal capital deve ser empregado.

A qualidade essencial de todo o capital é de poder render algum valor. *L. Say Etud. sur la Rich. p.* 46.

A somma dos valores das differentes especies de cousas, que compõe a totalidade do capital posto em acção, constitue a importancia do capital total.

O *officio* ou *funcções do capital* é de fornecer o valor dos avanços á producção; deixando-se consumir

(*) Say. Cours. P. 2.ª Cap. X.

para de novo renascer debaixo d'outras formas; e isto d'um modo successivo, eternamente mesmo, uma vez que o valor empregado renasça no producto.

O capital pois tem de ser *consumido* para *ser reproduzido*; ainda que seu valor seja conservado, a utilidade residente em seus diversos objectos tem de ser destruida, para ser convertida em nova utilidade, que representa o valor empregado. Assim as tintas de que o tintureiro se serve para tingir os tecidos, depois delles tingidos, desapparecêrão como drogas de tinturaria, porque perdêrão seu valor cambiavel, para reapparecer no valor dos tecidos tintos. — Tal é a natureza e serviço do capital.

Em todas as industrias o valor do capital conserva-se, mas o objecto em que elle temporariamente foi consumido, isto é, sofreu alteração ou mudança em sua forma; e por este modo entenderemos sempre este modo d'empregar o verbo *consumir*.

Examinando bem o processo do capital em qualquer industria nós acharemos sempre, = que o capital empregado é um valor consagrado a um avanço, que se consome no decurso das operações productivas, mas que é reembolsado pelo producto dessas operações (*).

Estes avanços são empregados em differentes objectos segundo o genero d'industria; e taes são v. g. os gados, os instrumentos aratorios, as sementes, e todas as demais cousas relativas á industria agricola: as maquinas, edificios, instrumentos, materias primas &c., na industria fabril; as embarcações, e os diversos objectos que pertencem á industria commercial. Nos productos da agricultura devem reapparecer todos os capitaes empregados para a sua producção; igualmente as diversas transformações porque passárão os capitaes na industria fabril, os fazem reapparecer em seus productos; e os retornos do commercio, isto é, os differentes productos que elle reconduz dos lugares para onde transportou os productos da agricultura, e da industria, sejão elles outros productos d'agricultura e d'industria, ou sejão metaes preciosos, comprehendem os capitaes empregados pelo commercio.

(*) Say Cours. l. c.

Seja pois qual fôr a forma em que o valor capital se apresente, uma vez que esse valor se perpetúe, existe sempre o capital.

O termo *capital* exprime sempre " o resultado do trabalho humano empregado na producção, ou na distribuição d'outras riquezas " (*Senior*); por este modo o capital não é um instrumento simples de producção, e póde ser o resultado de todos os outros instrumentos productivos combinados.

Elle é sempre o producto d'industria antecedente.

Por oito maneiras diversas póde o possuidor d'um capital fazer uso delle como meio de producção ulterior. (*)

1.º Destruindo o capital com intenção determinada, para que nasção os effeitos que são consequencias directas de sua destruição: tal é o consumo da polvora em uma mina; o do carvão para entreter o movimento d'uma maquina de vapor; o alimento que o productor é obrigado a consumir para conservar o estado de saude e robustez indispensavel para continuar a ser productor &c.

2.º Fazendo com que a destruição ou consumo seja gradual, ou incidentemente, e não por necessidade absoluta.

3.º Variando a forma a esse capital; taes são as materias brutas convertidas em mercadorias acabadas.

4.º Conservando-o até que com o tempo, ou com a procura adquira valor maior: tal é o vinho que o proprietario depois da abundante colheita guarda com estas duas intenções.

5.º Tendo-o prompto para a venda, a fim de prover ás necessidades dos compradores; taes são os objectos acabados que o mercador conserva em sua loja.

6.º Dando-o ao proprietario de certo agente natural, em compensação do emprego deste agente; como o cazeiro que paga o aluguer ao proprietario da quinta, ou terra que aquelle cultiva, e em que reside.

7.º Dando-o ao trabalhador em troca de seu trabalho, ou em outros termos, empregando-o como salario.

8.º Dando-o em fim em troca d'outro objecto que

(*) Senior. l. c.

tem de ser tambem empregado como capital; isto é, servindo-se desse capital para commerciar.

O emprego, que por qualquer dos mencionados modos se faz d'um valor capital, foi para o pôr na forma que mais convenha ao fim a que seu possuidor se propõe (a): elle o reduz a moédas querendo empregal-o em compras; a mercadorias, se quer fazer remessas, e especulações &c. &c.

O capital de qualquer nação não consiste só nas sommas de dinheiro que nella existem; as unicas, que como capitaes se devem reputar, são aquellas que se destinão a consumo reproductivo; pois que seu valor não se dissipa, e apenas muda de forma; mas aquellas que são destinadas a occorrer ás necessidades das familias, não fazem parte do capital (*).

Os capitaes de qualquer nação compõe-se de muitos outros valores, alem dos do seu numerario, e consistem elles em todos os objectos pertencentes a qualquer das industrias, em suas estradas, canaes, pontes, vehiculos de transporte, edificios quer publicos quer particulares &c. cujo officio é essencialmente influente na producção; e deste modo s'entenderá a *composição* dos capitaes.

Durante a producção não se consomem os fundos productivos mas sim os *serviços* que *elles* prestão. Na industria agraria o fundo de terra não se consome, porque elle no fim do anno vale quanto valia no principio, o fundo industrial tambem se não consome, porque o trabalhador conserva sua capacidade productiva, salvas as occorrencias provenientes das leis naturaes, que nada tem com o objecto em questão, e no mesmo caso estão as maquinas, salvos os competentes repáros; conserva-se pois sempre o fundo capital, e consumio-se unicamente o *serviço productivo*: e não se confunda (como bem nota Say) o *fundo* com o *serviço prestado* por *elle*; o serviço do fundo de terra é representado pelo aluguer; o do capital pelo juro; o do trabalhador pelo salario; estes serviços forão unicamente o que se destruio durante a operação; compensados comtudo por ella, e vendo-se unicamente

(*) (b) Say. C. l. c.

consumido o valor destes serviços, menos a *porção economisada* para ser accumulada aos capitáes de sociedade, a qual annualmente vende o serviço productivo dos fundos que possue, e vive do rédito que delles tira.

Portanto de qualquer maneira que *reproductivamente* s'empregue um capital, este emprego resolve-se em comprar serviços productivos antigos ou nóvos para com elles formar um producto: e alem disto

Os capitaes productivos não consistem em valores ficticios ou convencionaes, mas em valores reaes e intrinsecos, consagrados por seus possuidores á producção; — porque os serviços productivos não se pagão senão com objectos materiaes, nem se accumula, ou transmitte a outro, senão valores incorporados na materia.

Debaixo deste ponto de vista nós temos considerado unicamente os *capitaes productivos*; aquelles que não prestão serviço algum á producção, é como se *para ella* fossem sem existencia, porque são *improductivos*. Temos pois que

os *Capitáes* são *reproductivos*.
„ e *improductivos*.

Antes d'entrar no exame destas differentes especies de formas do capital, será util dizer quaes em summa são os officios que os capitaes prestão á producção, e que é o resumo do que fica dito,

1.° O capital dá occasião a executar trabalhos que sem elle jamais poderião emprehender-se, e á producção de productos que não poderião haver-se sem o seu auxilio.

2.° — O capital contribue para a economia do trabalho empregado na producção de toda a sorte de productos.

3.° — O capital faz com que o trabalho s'execute com mais presteza e perfeição. (a)

Art. 2.° — *Dos capitaes reproductivos.*

As formas substanciaes porque podem apresentar-se os capitaes que tem de ser destinados á producção, costumão ser divididas pelos EE., unicamente como objecto de methodo, porque ellas não alterão a essencia, em

(a) Flor-Est., — l. c.

Capitáes fixos, ou *occupados*;
Capitaes circulantes; ou *reproductivos*; (*)
Capitaes reproductivos d'utilidade, ou *de recreio.*

Os réditos do capital designão-se especificamente:

Tem o nome *d'utilidade*, *ganho*, *proveito*, *lucro*, a renda que o capital produz áquelle que o emprega, ou administra.

Diz-se *juro*, *interesse*, quando o capital se compõe de numerario.

Diz-se *frete*, quando o capital consiste em navios, ou vehiculos de transporte.

Diz-se *aluguer*, *renda*, quando o capital consiste em terras, casas, ou moveis.

(a) *Capitaes fixos.*

Com o nome de capital *fixo* ou *occupado* se designa aquelle, cujo valor reside em instrumentos occupados na producção debaixo de forma permanente:

e taes são as officinas, maquinas, ferramentas, &c.; que não podem desoccupar-se do emprego em que são empregadas, sem perda total ou parcial.

Os objectos que compõe os capitaes fixos por mais cuidado que haja em sua conservação, passado algum tempo já não podem valer o que custárão; na avaluação annual custumão sempre computar-se em $\frac{4}{5}$ do valor do anno precedente, salvas as considerações provenientes dos reparos feitos durante esse anno, o que faz alterar seu valor relativo.

Mas quando elles tem de mudar de destino, a deterioração é muito maior.

(a) *Capitaes circulantes.*

Diz-se *capital circulante* aquelle que necessariamente muda de forma pela propria producção; cuja forma material perece renascendo debaixo d'outra no decurso das operações productivas; e aquelle, cujos avanços e reembolsos se succedem uns a outros para continuar de novo.

Este movimento, por assim dizer circular, na fraze de Say, esta transformação reproductiva na fraze de

---

(*) Esta denominação é de Flores-Estrada T. 1.º C. 5.º A doutrina que apresentamos é de Say. C. IX. e seguintes, P. 1.ª — e do referido Flores-Estrada. D.º l. c.

Mill, e Flores-Estrada, é a essencia desta forma de capitaes, a qual facilmente se reconhece em qualquer das tres especies d'industrias.

E' visivel o circulo em que o commerciante traz os seus capitaes, comprando, vendendo, e realisando, para de novo repetir as mesmas operações: não é menos evidente este circulo de transformações nas outras duas industrias: os avanços feitos na paga dos salarios servem para comprar serviços productivos, e nestes se transformão; e seu valor fica incorporado no producto fabricado, que é nova transformação, e passa para outra quando estes productos se vendem, e realizão dinheiro com que se comprão novos serviços productivos &c.

(c) *Capitaes reproductivos d'utilidade* ou *recreio.*

São estes aquelles que produzem productos immateriaes, que se não fixão, nem incorporão em substancia alguma material.

Devem comprehender-se nesta cathegoria as casas edificadas para habitação do proprietario, as quaes produzem uma utilidade apreciavel, que póde vender-se (alugando-a) ou consumir-se se em vez d'alugar a caza elle a habita; na mesma razão estão as capacidades adquiridas, como certos officios, prendas, ou habilidades, cujo capital é igual ás despezas feitas para as adquirir, e poder fazer uso dellas; e é proporcional á utilidade resultante desse officio, prenda, ou habilidade; igualmente se comprehendem nesta cathegoria os bens moveis; e ultimamente nella se contão aquelles que pertencem ao publico, como os edificios publicos, pontes, estradas &c.

Pertencem mais a esta cathegoria os fundos de consumo, ou riquezas destinadas á producção esteril, *segundo Storck.* L. 2.° Cap. 2.° (no fim).

Art. 3.° *Capitaes improductivos.*

Esta expressão seria contradictoria se os valores a que ella se refere não podessem jámais servir á producção. Dizem-se pois *capitaes improductivos* aquelles que se não produzem actualmente, podem ter produzido, ou vir a ser alguma vez consagrados á producção: por não haverem sido votados á destruição; ou ao consumo esteril.

Estão neste cazo todos os valores *parádos*, ou dis-

postos para serem empregados na producção: tambem nelle estão os capitaes numerarios, ou sommas existentes nos cofres dos negociantes ou capitalistas á espera d'emprego; as fazendas ou artefactos por acabar, até obterem a ultima mão d'obra; e, acabadas, mas á espera de consumidor; as maquinas sem exercicio á espera de o ter.

Cauzas politicas podem muitas vezes motivar a improducção de capitaes; em geral, isto acontece facilmente nos paizes aonde não ha segurança e liberdade, como principio e garantia social; e quando se receião as depredações, e violencias das invasões armadas, ou das extorsões organizadas systematicamente; muitos capitaes numerarios se enterrão nesses tempos calamitozos, e grande numero se perde para seus primitivos donos para sempre, e por muito tempo para a sociedade.

Estes capitaes fazem parte do capital nacional;

Duas cauzas determina a improducção dos capitaes,

1.º *o temor*, — quando o estado politico d'uma nação imprime no possuidor do capital o receio de o perder, já porque teme que o governo lho vá extorquir, já porque por falta de segurança publica o guarda, e esconde. Assim se enterrárão muitos valores que erão capitaes durante as desordens do tempo feudal, na invazão dos Sarracenos, e dos Francezes em diversos pontos da Europa; e eis-aqui a origem dos *thesouros escondidos*, practica ainda hoje mui usada nos Estados em que a propriedade não tem garantia; como nos Estados despoticos da Asia.

A maior parte dos habitantes do campo, accumulando uma porção excedente do fructo de seus suóres, accumulação muitas vezes devida á sua sobriedade, ignora que este excedente por elles convertido em dinheiro, póde dar-lhe um *juro*; e tal é o *temor* de o perder, que não o confia de ninguem, e mais facilmente o confia á terra, enterrando-o, e escondendo-o; deste modo se tem formado, e vão ainda formando entre os camponezes grandes thesouros.

2.º A *avareza* — é uma doença d'alma, que felizmente não é mui commum, mas cujo resultado é condemnar á ociosidade, e improducção fundos que poderão ser bem productivos.

Art. 4.° *Da formação dos capitaes.*

Os capitaes formão-se, e augmentão-se pela *economia*, e por meio da *industria* (a).

Formão-se pela *economia*, quando o valor criado para consumo, não foi todo immediatamente, ou inteiramente consumido, mas reservou-se uma porção, para ser successivamente augmentado com nova sobra de valor não consumido; cuja accumulação é destinada para posterior consumo, ou para ser empregada na producção.

Formão-se *pela industria*, quando o producto della é empregado para a formação d'outro producto, no qual se acha o valor do primeiro, e mais augmento de valor, independente das despezas de seu custo.

Economisa-se pois tanto dispendendo v. g. dinheiro, como accumulando-o, uma vez que esta despeza seja a titulo d'avanço, e para consumo reproductivo, cujos productos reproduzem os avanços, e mais: não é a forma em que se acha o valor economisado aquella que constitue a economia, mas sim a especie d'emprego que desse valor se faz destinado a prestar novos avanços á producção, é novo capital formado, seja o que fôr a couza em que reside o valor economisado.

(a) Esta é a opinião de Say: Storch porem néga á industria esta faculdade: toda esta materia é extrahida de Say Cours. l. c. Cap XIII.

Noticias Scientificas.

Conservação das substancias vegetaes por meio do sublimado corrosivo — A conservação das materias animaes pelo deuto-chlorureto de mercurio (sublimado corrosivo) tinha desde longo tempo suggerido a idea de applicar o mesmo processo á conservação das substancias vegetaes expostas ao ar e á humidade; mas tinha-se notado que logo que os paos embebidos de sublimado, depois de convenientemente seccos, são postos em maceração na agua fria, elles abandonão a este liquido todo o sal metalico, o que tornava o processo inutil e podia até fazel'-o perigoso. Se o mesmo inconveniente não tem lugar nas substancias animaes, é porque a gelatina e outros principios immediatos se combinão com o sal mercurial, e formão um composto insoluvel e incorruptivel. Para chegar ao mesmo rezultado nas substancias vegetaes, é necessaria a formação d'um igual composto, e para isso depois que as substancias tenhão sido embebidas a frio n'uma solução concentrada de sublimado, e sufficientemente seccas, o Snr. Letellier as mette n'uma solução quente d'uma parte de gelatina para oito partes d'agua. Por este meio, diz o author, todo o sal é decomposto, e se mais tarde se expõe a uma longa maceração em agua o corpo assim preparado, esta agua posto que fortemente córada pelo excesso da gelatina, não dá indicios de sal mercurial pela ammoniaca.

O Snr. Letellier accrescenta que tecidos assim preparados se conservárão desde o mez d'Abril até Julho de 1837 sem que se desenvolvesse nelles o menor bolor, em quanto que outros não preparados e postos nas mesmas circunstancias se tinhão coberto de espesso bolor.

Solubilidade dos corpos. — O Snr. Peltier que desde muito tempo s'occupa no estudo da causa dos phenomenos electricos, e para o que, tendo estudado por necessidade o que se passa na solução debaixo do ponto de vista phisico, fez patente a uma sociedade scientifica

de Paris o resultado de suas experiencias sobre este phenomeno; e do qual vamos occupar-nos.

Elle determina primeiro o valor que se dá ás palavras que s'empregão para exprimir os differentes productos da agua sobre os corpos; os quaes são *suspensão*, *solução*, *dissolução*, *e diluição*. A primeira destas palavras tem um sentido evidente por si mesma, e significa que pequenas parcellas visiveis estão suspensas em agua sem alguma alteração: são pequenos corpos nadando em razão de sua leveza especifica. Entende por *solução*, a desagregação das particulas integrantes d'um corpo sem que as moleculas constituintes tenhão soffrido alguma alteração em suas relações d'affinidade; não é senão uma suspensão das particulas integrantes. Por *dissolução* entende que as particulas d'um corpo são não só desagregadas, mas tambem que a affinidade dos atomos constituintes tem soffrido uma alteração pelo liquido, o qual tem mesmo participado da constituição das particulas. Assim, o leite está em *suspensão* na agua, o nitrato d'ammoniaca em *solução*, e a potassa em *dissolução*. A palavra *diluição* significa que se tem misturado a *solução* ou a *dissolução* com uma maior quantidade d'agua; mas a *solução* e a *dissolução* conservão ainda seus caracteres primitivos na sua diluição como diremos mais abaixo; pois que uma continúa a produzir o frio, e a outra o calor ate um certo ponto de diluição, em que parece, na ultima, haver uma verdadeira saturação e combinação determinada alem da qual não ha mais combinação nova, mas um simples affastamento das novas particulas, o que entra então em a simples *solução*, e produz uma diminuição de temperatura.

O Snr. Becquerel tem mostrado desde muito que nas combinações da potassa com o acido nitrico ou sulfurico, havia uma corrente positiva, marchando do alcali ao acido, e pelo contrario em sua separação; estas correntes assim observadas em algumas combinações, teem feito admittir que, em toda a combinação, o corpo que representa o acido, dá ao corpo que representa o alcali electricidade negativa, e, pelo contrario, que o corpo alcalino dá ao acido a eletricidade positiva. Estendendo esta observação á agua, tem-se

dito que ella faria as vezes d'acido com os alcalis, e as vezes d'alcali com os acidos nas dissoluções. Segundo as novas experiencias do Snr. Peltier, haverá numerosas modificações a fazer a semelhante enunciado, considerando as dissoluções debaixo deste ponto de vista phisico.

Para fazer estas experiencias, o autor ata uma colher de platina n'uma das pontas d'um bom multiplicador de 3000 voltas, e na outra extremidade um pugilo do mesmo metal; enche d'agua distillada a capsula e introduz nella os ramos da pinça para se certificar do equilibrio do circuito; põe depois na extremidade daquelles ramos os cristaes de sal cuja parte inferior mette na agua; por esta disposição, a pinça recolhe o estado electrico do sal, e a colher o da agua, logo que a desagregação dos corpos produz a electricidade. Depois de ter assim reconhecido o phenomeno electrico no momento da desagregação, elle toma as soluções destes mesmos corpos para as diluir mais. N'uma capsula de platina atada á ponta do multiplicador, lança a solução, e agua destillada n'uma segunda capsula atada á outra extremidade. Estabelece a comunicação entre as duas capsulas, ou com uma mecha d'asbesto, ou com um tubo de vidro estreito; ou por meio d'uma gota d'agua entre as duas capsulas muito aproximadas. Querendo conhecer a influencia da temperatura, examina primeiro a da agua quente sobre a agua fria: tendo enchido as duas capsulas d'agua distillada elle eleva a temperatura d'uma por meio d'uma alampada d'alcool, depois fecha o circuito por um dos tres meios acima indicados; no momento da reunião do circuito, estabeleceu-se uma corrente que ia da agua quente á agua fria, e indicava que a primeira fazia as vezes d'um alcali e a segunda as d'um acido. Conservando o circuito fechado e elevando a temperatura d'uma das capsulas, teve lugar uma corrente semelhante, cujo maximo teve lugar no momento da ebullição tirando a candeia, logo que o arrefecimento começava a operar-se, a agulha do multiplicador veio primeiro a zero, depois passando para o outro lado, ella indica uma corrente inversa á primeira, e uma troca d'acção nos

dous liquidos: a corrente positiva marchava do frio ao quente, e era então a agua quente que fazia as vezes d'acido e a fria as d'alcali. O Snr Peltier considerará de novo esta experiencia quando fizer conhecer outros resultados que lhe dizem respeito.

Para estudar a temperatura no momento da desagregação dos corpos ou de sua diluição, o autor tem feito um esteio thermoscopico composto de cinco pares de laminas de bismuto e antimonio, cujo circuito é fechado por um bom multiplicador de 150 voltas de fio grosso; este fulcro ou esteio tem a forma d'uma coroa, apresentando soldaduras pares d'um lado e soldaduras impares do outro: as soldaduras d'um lado sendo bem circulares e no mesmo nivel, recebem e tocam o vazo de que se quer medir a temperatura. Esta disposição em coroa tem a vantagem de tornar activo cada um dos pares por seu contacto com a capsula, e de tornar assim o instrumento mui sensivel á mais fraca mudança de temperatura: a forma ordinaria das pilhas é menos conveniente, porque não tem senão tres pares que toquem a capsula, e porque as outras sendo inertes alterão inutilmente a conductibilidade do circuito. O autor faz notar alem disto que esta disposição é tambem preferivel ao uzo d'um par inatacavel que s'introduzisse no liquido, 1.° porque o ouro e a platina poderião só servir juntos e porque elles são pouco poderosos; 2.° porque seria difficil de os alimpar das parcellas da solução da ultima experiencia, e ficando a mais pequena porção haveria uma corrente de combinação que illudiria; pareceu-lhe por tanto preferivel construir um fulcro dos mais poderosos metaes e operar livremente na capsula. Este apparelho é de tal maneira sensivel que a evaporação espontanea da agua n'uma camara pequena e bem fechada produz um frio de 40 a 60 galvanometros, frio que desce a 5.°, se se cobre a capsula com um plano de vidro.

Combinando estes meios d'experimentação, o autor tem obtido resultados, cujos principaes são os seguintes: o acido sulfurico não tem offerecido nada que não seja conhecido; algumas gotas n'uma capsula tem produzido por sua affinidade para o vapor da agua uma elevação de temperatura de 50 galvanome-

tros, depois pondo este acido em contacto com a agua, estabelece-se uma corrente poderosa marchando da agua o acido, e no mesmo tempo a temperatura s'eleva consideravelmente. Nesta primeira diluição, ajuntando-se uma segunda quantidade d'agua, os effeitos são os mesmos na intensidade; elles diminuem a cada quantidade ajuntada até um certo grao d'enfraquecimento, em que a addição das novas quantidades d'agua não produz mais calor apreciavel, e parece mesmo haver um começo d'arrefecimento.

Os acidos nitrico, borico, e oxalico, procedem da mesma maneira, mas n'um grao infinitamente menor, á excepção do arrefecimento final que é mais notavel. A potassa, a soda, e a cal produzem fortes correntes e uma grande elevação de temperatura, mas então a corrente positiva marcha do alcali para a agua, e indica que esta ultima faz as vezes d'acido. O abaixamento de temperatura que não era senão indicado nos acidos precedentes, depois de certos limites em sua diluição, é muito mais sensivel nestes alcalis.

Estas correntes tão intensas e tão decididas em seu sentido não s'encontrão com os mesmos signaes, nem com a mesma energia em todos os acidos; o acido chlorhydrico em seu contacto com a agua não dá senão uma corrente e uma temperatura mediocre, mas o que ha de notavel é que ella é contraria á dos acidos precedentes, vae do acido para a agua, isto é, nesta diluição o acido se conduz como um alcali, e a agua como um acido. Se se ajunta á agua a mais pequena porção de potassa, logo a corrente muda de sentido, e marcha da agua para o acido. O acido sulfhydrico conduz-se como o acido chlorhydrico, assim como os acidos citrico, tartrico, benzoico, oxalico &c em diferentes intensidades.

Na segregação dos saes, ou em sua diluição, e em certos acidos, a temperatura abaixa-se tanto mais quanto a substancia é mais soluvel, e que ella dá menos correntes electricas; assim o nitrato e o chlorhydrato d'ammoniaca produzem um grande abaixamento de temperatura, porque são mui soluveis, e não dão, ou dão mui poucas correntes; tanto que o acido benzoico, mediocremente soluvel não dá senão 5.° de frio, e a

potassa dá 80.° de calor e de corrente. Em todas as combinações, e mesmo nas amalgamas, o autor tem obtido sempre correntes electricas: sua presença é para elle o indicio d'uma nova combinação. A elevação de temperatura acompanha sempre as correntes electricas e a combinação; pode portanto acontecer que uma substancia, como uma dissolução d'iode, produza por sua combinação com a agua tanto calor como o affastamento das moleculas produz de frio; mostra-se então equilibrio de temperatura, mas tendo-se em conta a corrente electrica, reconhece-se que houve combinação.

O auctor termina fazendo observar, que visto haver sempre correntes electricas nas combinações chimicas, e que se obtem soluções sem correntes electricas, ha nellas então desagregações por intermedio da agua que não produzem combinações definidas, como se tem dito: que a solubilidade sem combinação produz o abaixamento de temperatura, e que este abaixamento é tanto maior quanto a solubilidade e a neutralidade são maiores.

INDICE.

Das materias contidas neste Numero.

I. Historia — Astrologia Judiciaria..... 5

II. Paleographia — Dos livros e manuscritos, antes e depois da Imprensa (3ª *parte*)..... 28

III. Economia Politica — Dos Capitaes... 45

IV. Noticias Scientificas..... 54

REVISTA LITTERARIA.

Antiguidades.

SOBRE A ESTATUA EQUESTRE

DA ILHA DO CORVO.

Imprimiu-se ha pouco tempo em Lisboa um folheto de 14 paginas em 12, com este titulo:

" Resumo de observações geologicas feitas em uma viagem ás ilhas da Madeira, Porto S., e Açôres nos annos de 1835 e 1836 pelo Conde Vargas de Bedemar, Camarista d'el-Rei de Dinamarca, Director do Museu R. de Hist. Nat., e Socio da Academia R. das Sciencias em Copenhagen. — Lisboa 1837: na Impressão de Galhardo Irmãos."

Logo no principio desta pequena obrinha diz o autor:

" ... A tradição, a credulidade, e o gosto das maravilhas, apoiados pela difficuldade que ha em chegar a estas ilhas em todos os tempos, e na communicação entre ellas, tinhão envolvido a sua historia, e a natureza da sua constituição, em um veu tecido de factos singulares, que occupárão por muito tempo a ima-

ginação dos sabios, em consequencia da falta de observações locaes, que subministrassem uma informação completa e decisiva."

"A presente viagem, abrangendo o exame de todas as ilhas sem excepção, contribuiu para fazer desapparecer essas illusões. Ella serviu para *verificar que é uma pura quimera a Estatua equestre, que se dizia existir na ilha do Corvo com a mão estendida para o lado da America ... &c.*"

Posto que ao ler este folheto se nos offerecerão naturalmente algumas reflexões sobre o seu principal objecto, e sobre a nimia brevidade, com que o escriptor trata um assumpto tão importante; abstemo-nos com tudo de as produzir aqui, e deixamos aos sabios geologos o exame das materias, que são da sua competencia, e de que nós não podemos ser juizes.

Abstemo-nos tambem de interpellar o sabio escriptor para que nos diga que *factos singulares*, que *illusões* forão essas, que por tanto tempo *occupárão a imaginação dos sabios*, e cubrirão de tenebroso veu *a historia, e a natureza da constituição* daquellas ilhas, por falta de observações locaes, e de informações completas e decisivas. — Elle, que teve a felicidade de vencer as difficuldades, que até agora se oppunhão ao conhecimento geologico das ilhas, e de romper o veu de que estavão envolvidas, não deixará por certo de nos dar mais ampla idéa de seus scientificos trabalhos, e de desvanecer completamente as falsas apprehensões, de que tem estado occupada a imaginação dos sabios.

O nosso objecto no presente escripto é tão sómente rebater a decisão dogmatica, com que o aûtor affirma, que pela sua viagem se verificou ser "*pura quimera a estatua equestre, que se dizia existir na ilha do Corvo, com a mão estendida para o lado da America.*"

E primeiramente reflectiremos, que nos não é possivel entender, como o sabio autor, pelo exame *geologico* da ilha do Corvo (que na sua obra se encerra em só oito linhas de impressão, a pag. 13) conseguiu, no Sec. 19, verificar de *quimerica* a existencia de uma estatua, que ali estava, e foi desmontada e destruida no Sec. 16, sem ao menos nos dar algum indicio do caminho, que tomou para chegar a este resultado; a não

ser que prevenido contra as *tradições*, *credulidades*, e *gosto das maravilhas*, a que se mostra tão avêssò, metteu nestas categorias, ou em alguma dellas, a historia daquella estatua, e peremptoriamente a julgou *quimerica*, sem ouvir as partes interessadas, e sem admittir (ao que parece) appellação, nem aggravo.

Nós não julgamos prudente desprezar de todo as *tradições*, nem mesmo as *credulidades* populares; e em quanto a *maravilhas*, achamos tão cheio dellas o mundo fysico, que nos pareceria grave temeridade rejeita. alguma, sem nos darmos ao trabalho de examinar a sua natureza, e as provas, com que se acha abonada nas historias.

Mas ainda bem! que o nosso caso não é de meras tradições, ou credulidades populares, que nos seja necessario defender; nem tão pouco de cousas de tal modo maravilhosas, que se tornem por isso de difficil exame e prova, ou pouco dignas de crença rasoavel. Não ha no facto de que tratamos contos absurdos de gigantes e monstros, de thesouros encantados, de magicos, fadas e vampiros, de apparições ou visões espantosas, emfim de fabulas inverosimeis, criadas em alguma desordenada, e delirante fantasia. Trata-se de um facto natural, visivel, palpavel, puramente historico, e na historia é que devemos buscar as provas que o abonão, ou o rejeitão.

O P. Antonio Cordeiro, que tira grande parte das suas noticias da obra de Gaspar Fructuoso, escriptor do Sec. 16., diz que uma das cousas dignas de admiração na ilha do Corvo é, que não se achando nella ao tempo do seu descobrimento vestigios de gente, que a habitasse, *se achou com tudo em uma alta rocha, que cáe sobre o mar, e em uma grande lagem huma fatal e grande estatua de pedra, que consta de um cavallo em osso e de um homem vestido, e posto no cavallo, com a mão esquerda pegando-lhe na cema, e com o braço direito estendido, apontando com o dedo indice para o poente, e mais direitamente para o noroeste. (Hist. Insul. liv. 9. cap. 5.)*

O escriptor geologo não ignorava a relação de Cordeiro e de Fructuoso, pois os cita a ambos sem lhes fazer a honra de os refutar, sendo que nem el-

les, nem a relação do facto merecião este desprezo. Mas não parece ter tido igual conhecimento do que ao mesmo respeito refere Damião de Goes na *Chronica do Principe D. João*, cap. 9. Nós lhe daremos as formaes palavras deste sabio chronista.

"Destas ilhas (diz elle, falando dos *Açôres*) a que mais está ao norte é a do Corvo, que terá uma legua de terra: os marcantes lhe chamão *ilha do marco*, porque com ella, por ter uma serra alta, se demarcão, quando vem demandar qualquer das outras. No cume desta serra da parte do noroeste, se achou uma estatua de pedra posta sobre uma lage, que era um homem em cima de um cavallo em osso, e o homem vestido de uma capa, como bedem, sem barrete, com uma mão na coma do cavallo, e o braço direito estendido, e os dedos da mão encolhidos, salvo o dedo segundo, a que os latinos chamão *index*, com que apontava contra o ponente. Esta imagem, que toda sahia mocissa da mesma lage, mandou el-Rei Dom Manoel tirar pelo natural por um seu criado debuxador, que se chamava Duarte Darmas, e depois que viu o debuxo, mandou um homem engenhoso, natural da cidade do Porto, que andára muito em França e Italia, que fosse a esta ilha para com aparelhos, que levou, tirar aquella antigualha: o qual quando de lá tornou disse a el-Rei, que a achára desfeita de uma tormenta, que fizera o inverno passado: mas a verdade foi que a quebrárão por mau azo, e trouxerão pedaços della, a saber, a cabeça do homem, e o braço direito com a mão, e uma perna, e a cabeça do cavallo, e uma mão, que estava dobrada e levantada, e um pedaço de uma perna, *o que tudo esteve na guardaroupa d'elRei alguns dias*; mas o que se depois fez destas cousas, ou onde se poserão, eu o não pude saber. „

Temos pois a favor da existencia desta antigualha o testemunho de hum escriptor tão douto, tão pouco crédulo, e tão judicioso, como sabemos que era Damião de Goes, e o mostrão as suas obras: de um escriptor que não se contenta com repetir o que por ventura terião tido outros antes delle; mas o attesta

e confirma com factos positivos, e publicos, acontecidos no seu tempo; citando pessoas determinadas, mandadas por el-Rei D. Manoel para debuxarem, e depois para desmontarem a estatua, e a trazerem a Portugal; referindo o successo destas diligencias, notando os fragmentos da estatua que vierão ao reino, e finalmente indicando o lugar em que se guardàrão e estiverão depositados, isto é, a *guardaroupa* de el-Rei, da qual era encarregado naquelle tempo Fructuoso de Goes, irmão do proprio chronista.

E não pára só nisto a miudeza e exacção historica de Damião de Goes, senão que nos dá noticia do *letreiro entalhado na rocha*, abaixo do lugar em que estivera collocada a estatua; aponta a pessoa, que o mandou examinar e copiar, o anno em que isto se fez, e o pouco fructo que resultou desta investigação: passando ainda depois a expender a sua opinião e juizo conjectural ácerca da gente, que em tempos antigos poderia ter aportado á ilha do Corvo, e deixado nella aquella memoria; e lembrando por ultimo, que bem se poderia a caso tirar a limpo alguma boa conjectura a tal respeito, se á ilha fossem, ou se mandassem pessoas instruidas nas linguas da Noruega, Gothia, Suecia, ou Islandia, donde elle julga verosimil, que tivessem vindo os autores de tão notavel monumento.

A' vista de tudo isto quereriamos nós agora perguntar ao douto geologo, se com effeito ainda julga *verificada de pura quimera a estatua equestre da ilha do Corvo*: e no caso que elle insistisse na sua opinião, lhe pediriamos muito de mercê, que nos dissesse os fundamentos que tinha, ou tivera, para assim tão ligeiramente a adoptar, e tão decisivamente a dar por certa.

Elle nem ao menos pode allegar a seu favor alguma presumida inverosimilhança do facto, fundada na sua singularidade, ou raridade.

Já Goes parece ter querido occorrer de algum modo a uma semelhante lembrança, quando, para mostrar a possibilidade de ser aquella memoria obra da gente do norte, reflecte e prova, que todas as nações daquellas partes *costumavão fazer entalhar, e esculpir os seus feitos, acontecimentos e façanhas em rochas*

de pedra viva, para mór lembrança e perpetuidade dos casos, que lhe acontecião, como n'aquellas provincias todas (diz o chronista) *hoje em dia se vê, e achão em muitas partes dellas imagens, e historias entalhadas, abertas, esculpidas, e escritas em rochedos, e outras pedras altas, e de maravilhosa grandeza.*

E isto que o chronista escrevia, ha perto de tresentos annos, receberia hoje muito maior luz das indagações, viagens, trabalhos, e escritos de tantos sabios, e de tantas sociedades litterarias, que nos tem dado, e estão cada dia dando a conhecer varias riquezas da antiguidade de todas as partes do mundo, e os admiraveis monumentos, que a industria e o trabalho humano por ellas espalhou desde os mais remotos tempos. De maneira que seria hoje uma bem miseravel e bem insensata preoccupação suppôr, que as obras das artes sómente fossem conhecidas e praticadas pelas nações e povos da India, do Egypto, da Phenicia, da Grecia, ou de Roma, e totalmente desconhecidas ou estranhas ás nações, que nós chamamos barbaras, quando a historia moderna tem desvanecido esta mesquinha idéa, publicando collecções copiosas dos monumentos archeologicos de todas as idades, e de todos os povos.

Esperamos pois, que o nosso autor nos deixe na posse pacifica desta antigualha, que nenhuma relação tem com a *constituição geologica* d'aquella ilha; e que se limite a empregar os seus abalisados talentos no verdadeiro objecto, que ali o conduziu, e que por certo devêra merecer-lhe mais amplo desenvolvimento.

Lisboa 22 de Novembro de 1838

(Pelo Auctor das Reflexões sobre o Antigo Fernam Mendes Pinto)

Paleographia.

DOS LIVROS e MANUSCRITOS,

ANTES E DEPOIS DA IMPRENSA.

QUARTA PARTE.

Entendemos por forma dos Documentos, e Monumentos quanto diz respeito ao seu mechanismo, que pertencendo aliás ao seu caracter, ou materia, comtudo merece particular especificação. Deixaremos porém o que pertence á forma das Inscripções, Medalhas, Moedas, e Sellos, para quando tratarmos de cada uma em particular. Aqui fallaremos sómente de Codices, Diplomas, e principalmente contemplaremos as linhas, margens, divisão de palavras, de paragrafos, a pontuação, os accentos, reclamas, &c.

Linhas.

A distancia entre si das linhas, ou regras da escriptura, ajuda ás vezes muito a discernir a idade dos Documentos. Desde o tempo dos Romanos até o seculo 7. a distancia, ou separação, era de meia pollegada; depois passou a reduzir-se a quarto de pollegada, ou tres linhas. Esta medida teve quasi sempre uso em todos os Documentos, que não erão Diplomas.

Nos de Carlos M. chegou a mais de tres quartos de pollegada: cresceu ainda nos de Luiz o Bom, e nos de Carlos Calvo, até duas pollegadas. Durante os tres seculos seguintes até o 12. diminuio insensivelmente, achando-se nos Diplomas de Filippe Augusto a distancia sómente de um quarto de pollegada.

Quando no fim das regras dos Codices restavão algumas syllabas, se passavão para a seguinte, ou se escrevião adiante na margem em caracter mais miudo, e por abbreviação, e conjunção de letras. De um e outro modo ha exemplo nos antigos Codices: desde o seculo 10. estas junções de letras apparecem tambem pelo meio das regras na escritura Oncial [1]. As riscas no fim da regra para indicar o transporte para a outra de parte da palavra são rarissimas até o seculo 12., e os exemplos quasi todos são da Italia; ao principio érão obliquas, e não horizontaes, como hoje usamos de uma, ou duas para o mesmo fim.

Os antigos Msscr. erão regrados horizontalmente, a fim de serem escritas as regras direitas, e em igual distancia; e tambem perpendicularmente, para designar o tamanho da pagina ou columna [quando a pagina tinha mais que uma] e formar as margens.

Serem vermelhas estas riscas mostra ser o Msscr. moderno. Sendo de lapis indicão Msscr. do seculo 12., 13., e 14.; sendo o uso ainda raro no 11. Antes deste seculo, e ainda até o 13. se achão os riscos de ponta de compasso ou instrumento semelhante em secco. Estas riscas seccas, assim traçadas horizontalmente, passando da largura das letras a todas as margens, são do seculo 7. ou antecedentes: se parão na largura da letra, ou das columnas, e ao mesmo tempo as duas ao alto, e as duas ultimas horizontaes, passão da extremidade da folha até o fim da pagina, mostrão Mscr. posterior ao seculo 10. Quando os buracos feitos com o bico do compasso ficão occultos com as letras do texto, mostrão Msscr. do seculo 7.

---

(1) He mais ordinario o transporte de parte da palavra para a regra seguinte, nos nossos Documentos Gothicos, escrever-se por baixo da regra com uma abraçadeira. Vej. Novos Diplomat. Tom. 3. p. 491.

ou de tempos proximos. Desde o seculo 6. ao 14. quasi todos os Diplomas apparecem regrados ou com lapis, ou em secco.

A separação ordinaria dos nossos Documentos nas suas regras tem sido de tanto espaço, quasi quanto occuparia outra regra até duas. As riscas apparecem pela maior parte em secco, talvez por se ter çafado o lapis.

Margens.

Tem sido tão varia a largura das margens nos Documentos e Msscr., que apenas se nota, que os Codices do seculo 12., ou não tem algumas, ou são muito estreitas. A forma quadrada dos mesmos Codices indica, por via de regra, serem de seculos mais remotos que os da forma ordinaria dos nossos livros, sobre o comprido, ou em parallelogramos. Aqui advertiremos que restando hoje originaes de Codices mais antigos que de Diplomas, com tudo nem temos Codices mais antigos que o 3. seculo, nem Documentos, ou Chartas, que sejão sem disputa deste mesmo seculo (Vej. Vaynes verbo *Manuscript.*)

Divisão entre as palavras.

Os mais antigos Codices não tem quasi separação, ou branco entre as palavras: uso que prevaleceu até o seculo 9. mesmo em Diplomas. Antes do 8. seculo em alguns apparece; mas quasi imperceptivel: no 8., posto que pequena, é regular. Desde o 9. seculo em alguns Codices e Diplomas é assaz clara e regular, em outros esquece ás vezes. No fim do 8., e no principio do 9. o mesmo Codice e Diploma separa em umas partes, e em outras não, e ao mesmo tempo divide a palavra em duas ou mais partes. Até o fim do 6. seculo e principio do 7. só apparece intervallo no fim de §., ou onde o sentido se suspende ou acaba. Em uma palavra, desde o 5. seculo é que principiou a separação, imperceptivel quasi, de dicções; no 8. e 9. ainda de quando em quan-

do se não separão algumas, excepto nos Reinados de Carlos M., e Filippe Bom.

Nos seculos posteriores alguns Leitores quizerão remediar aquella falta, e a difficuldade de lêr os antigos Codices, dividindo com riscas as palavras. Existem ainda alguns destes modos (Nov. Diplomat. Tom. 3. Pl. 42.) e mostrão tambem que quem as poz, se enganou ás vezes, fazendo de uma palavra duas, ou de duas uma. Aquelle modo de escrever seguido, e sem separação, tem introduzido nas copias immensos erros pela difficuldade, que ha em ler uma regra inteira, sem separação de palavras; juntando-as, ou dividindo-as aonde o não deve ser.

Os nossos Documentos do seculo 9., 10., e 11. em letra Gothica tem este defeito, e é uma das causas, que difficulta a sua leitura; pois a cada passo se encontrão as palavras em dous ou mais retalhos, e outras palavras diversas unidas. Os Codices que nos restão, como são de epocha posterior, são espacejados com regularidade, e exactidão entre as palavras.

Divisão de Paragrafos.

Os antigos usárão diversos modos de dividir os §. §. Ao principio deixavão em branco o espaço de uma pollegada, pouco mais ou menos; e se depois deste branco principia o §. com letra igual ás outras mostra ser mais antigo o Documento que o 8. seculo. Até este tempo (como ainda veremos) suppria o signal de dous pontos, ponto, e paragrafo, o espaço em branco; subindo gradualmente até uma pollegada. No 9. seculo se conservou o mesmo espaço; mas além disso se distinguiu com pontos.

Depois passárão a distinguir-se os §. §. com uma inicial maiuscula; mas continuando na mesma regra, ou principiando o §. em nova regra, alinhando com as outras regras, ou sahindo sobre a margem, ou entrando para o corpo do texto, a que se chama §. alinhado, saliente, ou reintrante.

Não sendo a inicial dos §. §. e dos titulos maior

que as letras do texto, ou sendo todas onciaes, mostra uma grande antiguidade.

Um Codice em minusculo, com as iniciaes dos §. §. em capitaes, não póde ser mais antigo que o 8. seculo. Se as mesmas se encontrão em um Codice escrito em uncial, mostrão menos antiguidade que tendo tambem em onciaes as iniciaes dos §. §.

Sendo as iniciaes dos §. §. cursivas, sempre excedem na altura as outras letras do texto. Quando são capitaes, umas vezes se encontrão das ordinarias, outras das agudas, e outras das rusticas. A uniformidade caracteriza os mais antigos Codices.

Além das distincções enunciadas se tem designado os §. §. com diversos signaes, v. g. com uma figura semelhante a 2, a 5; com pontos de interrogação deitados; &c.

O texto dos Diplomas, e dos mais Documentos, rarissimas vezes se tem dividido em §. §.; apenas se principia nova regra nas datas ou nas assignaturas: alguns espaços, que se notão em branco, ficárão para escrever nomes proprios. Um Documento do fim do seculo 16 todo dividido em §. §. se nota como singular.

Divisão de versiculos.

A Stichometria ou divisão de sticos ou versiculos, e meios versiculos, nos livros Prosaicos do Antigo Testamento, a exemplo de Cicero, e Demosthenes, se deve a S. Jeronymo, posto que já houvesse anteriormente algum pouco uso: por tanto os Codices da Escritura, assim constantemente divididos, não podem exceder esta idade.

Pontuação.

Reservando para os principios da Numaria, Numismatica, e Lapidaria, quanto respeita á divisão do sentido das Inscripções, Medalhas, e Moedas: e para a Sfragistica, ou Tratado dos Sellos, o que a estes

especialmente respeita, fallaremos aqui sómente da pontuação [a que os Diplomaticos chamão Stigmeologia] com relação a Codices, e mais Documentos.

Nos Codices.

Já vimos que o mais antigo uso foi supprir o ponto com um claro entre as diversas frases, ou tambem (posto que menos vezes) avançar sobre a margem com uma letra maior o principio da nova frase. Estes espaços vazios servindo de pontos derão origem á distincção das palavras. Estas principiárão-se a separar no 7. seculo, e ainda melhor no 8. As frases espaçadas, ou isoladas, derão lugar á pontuação.

Attribue-se a invenção da pontuação ao Grammatico Aristophanes, que floreceo dous seculos antes da Era Christã. O mesmo ponto designava o *coma*, ou *inciso*, posto em baixo da linha; no meio o *colon*, ou *membro:* no alto o sentido perfeito. Ha muitos seculos que no fim do inciso se usa de virgula: no fim do periodo de dous pontos: no meio deste de ponto e virgula: e no fim de sentido perfeito de um ponto em baixo.

Posto que o uso do ponto, como acabamos de vêr, seja mais antigo que os mais antigos Codices que restão, com tudo faltão nelles a cada passo, por omissão dos copistas, ou dos seus correctores.

Os diversos usos, que se notão no 4. 5. 6. e 7. seculo, são os seguintes. Um só ponto no alto, no meio, ou em baixo da regra: a virgula, ou qualquer ornato muito simples: fructos: um triangulo: dous pontos horizontaes ou perpendiculares, ou atravessados de uma linha horizontal [Vej. Vaynes Tabl. 14. fig. 21.]: tres pontos em triangulo: grandes j j consoantes cada um com dous pontos em cima (Ibid. fig. 22.), folhas, e muitos outros diversos signaes, exprimião o sentido perfeito, que hoje designamos com o ponto. A's vezes punhão o ponto no fim de cada palavra; o que durou entre os Gregos até o 9. seculo. (Vej. Novos Diplomat. Tom. 3. Pl. 60. in fin. Vej. Vaynes Tom. 2. Pl. 26.)

Na meia idade serviu tambem ás vezes de virgula o ponto, e se figurou como um 7; e os dous pontos com 77 a par. No 9. seculo os mais habeis Amanuenses constantemente se servírao do ponto em baixo por virgula, no meio por dous pontos, e no alto por ponto final. Esta simplificação de pontuação ainda apparece no seculo 15. em algumas das primeiras Edições; porém muitos Amanuenses desde o 9. seculo a substituirão pelos seus caprichos particulares. No seculo 10. serve muitas vezes de ponto final a virgula com dous pontos em cima, um j consoante com um ponto em cima, um 7, um *s* sem cauda, com um ponto de baixo, o nosso ponto de admiração, duas virgulas, dous ou tres pontos a prumo (Vaynes Tabl. 14., figura 23. seguintes). No seculo 11. se usou além disso do 5 e do . (Ibid. fig. 25. 26.) No seculo 12. foi assaz irregular a pontuação; mas os tres pontos a prumo, e a risca, no fim das linhas se usou muito. No seculo 13. e seguintes, se nota a maior negligencia na pontuação.

Os pontos de exclamação se designárão muitas vezes com um *o* com ponto dentro, ou ao lado, ou com virgula dentro, ou em cima, ou com assento circumflexo em cima, ou entre duas virgulas (Ibid. fig. 24. e seguintes.)

O ponto de interrogação se designava com o signal (Planch. 26. no Tom. 2. fig. final) e com outros mais semelhantes ainda ao nosso actual.

A virgula encontra-se em Msscr. Gregos desde o 7. seculo, e com o mesmo uso: a sua figura tem com tudo variado bastante, e della se usava muito para o apostrophe entre os antigos.

Em geral, podemos dizer, que a falta de signaes para pontuação indica em um Codice a maior antiguidade; só no 6., 7., e 8. seculo, é que apparecem exemplos da sua inteira falta. A pouca exactidão a este respeito, e a irregularidade tem depois exemplos em todos os seculos. Taes apparecem os Codices, que restão do nosso Reino, á cerca dos quaes será difficil dár regras particulares a este respeito. O mesmo reconhece á cerca dos de Hespanha Meriño Escuela p. 133.

Nos Diplomas, e mais Documentos.

A pontuação nos Diplomas da França ainda era imperfeita no 9. seculo, tendo principiado no 8. No 10. é mais exacta, supprindo com tudo o ponto o lugar das virgulas; mas continuando sómente depois do lugar, que pedia ponto, letra majuscula. Os tres pontos a prumo se usárão muito na Alemanha por ponto final neste seculo. Em geral, a pontuação nos seculos 10. e 11. foi assaz arbitraria: no 12. mais exacta; no 13. se substituirão accentos mais que virgulas a todos os pontos: não se tardou a voltar aos pontos; reservados os accentos para os lugares, em que o sentido não era senão um pouco suspenso.

A maior irregularidade se observa tambem nos nossos antigos Diplomas, e mais Documentos; supprindo quasi sempre o ponto os outros signaes, omittindo-se a cada passo, e figurando-se o mesmo ponto de diversos modos.

Os pontos tambem servirão muitas vezes a notar as abbreviaturas v. g. *b.* por *bus*, *q.* por *que*. As letras numeraes, as siglas, e as cifras erão ordinariamente distinctas com um ponto. O ponto de baixo da letra, ou letras, se usou entre nós para notar que se escreveu de mais, a que se chamava sopontar: para o mesmo fim em outras Nações se punha tambem em cima, ou á margem para notar sentenças, ou no fim do Documento para supprir a assignatura (Vej. Novos Diplom. Tom. 3. P. 2. Sect. 4. Cap. 8. §. 10. p. 474. e 475.)

O uso dos pontos sobre os *ii* não é mais antigo que o 14. seculo. Para distinguir os dous *ii* do *n*, e *u* nas escrituras do Gothico moderno se usou primeiro de accentos, ou virgulas; depois se usou de pontos (Nov. Diplom. Tom. 2. p. 210. e seguintes.)

Desde o 5. seculo se principiou a usar de ponto sobre o y para o distinguir do v. Este uso se fez cada vez mais vulgar até ser geral no 9., e continuou ainda além do 15. Neste seculo é vulgar achar-se entre nós o y com o ponto: assim se observa no exemplar do Codigo Affonsino da Camara do Porto, que é daquelle seculo.

Accentos.

Os accentos, ou espiritos, entre os Gregos erão usados já dous seculos antes da Era Christã; com tudo faltão muitas vezes nos Codices anteriores ao 7. seculo. Neste foi constante o seu uso. Entre os mesmos Gregos não só servião para regular a pronuncia, mas para fixar a significação de certas palavras.

Entre os Romanos se encontra o seu uso já do seculo de Augusto, até para distinguir as palavras equivocas (com o agudo para as syllabas breves, e o grave para as longas) ou os casos semelhantes do mesmo nome. A união dos dous accentos (Vaynes Tabl. 1. fig. 51.) deu o circumflexo. Este com um ponto em cima, ou sem elle, suppriu muitas vezes o *m*, ou *n* omittido. O agudo entre dous pontos significava omissão de palavra, ou letra; outras vezes servia de virgula, ainda no seculo 13. Em uma palavra os accentos entre os Latinos servirão, como entre os Gregos, não só para regular a pronuncia, mas para distinguir os casos, ou significar as abbreviações, as ligações, as omissões, a separação de frazes, &c.

Já dissemos que a confusão dos *ii* com o *u* no Gothico moderno obrigou a distinguir os *ii* juntos com accentos, ao principio menos, depois com mais frequencia, desde o seculo 10. Desde o seculo 11. se puzerão sobre outras letras, especialmente sobre o *u* para o distinguir do *n*; o que tornou a confundir os i i com o u. No seculo 13. se puzerão tambem no i separado: no 14. foi quasi constante este uso; e diminuindo gradualmente, ficárão em pontos, de que já ha exemplos no 14.; fazendo-se geral e constante este uso só no seculo 16. Notamos ultimamente que os antigos Copistas, e Notarios forão pouco exactos no uso dos accentos; e quanto ao ponto, se observa nos nossos Codices, e Documentos antigos, faltar ordinariamente no i, e ser muito usual no y.

Reclamos.

Reclamos, ou chamadeiras, se diz a primeira

palavra do caderno de um Codice, ou a sua primeira syllaba, posta no fim da ultima pagina do antecedente: pratica que ainda se usa em cada pagina das obras impressas. Do 11. seculo principia o seu uso, e se faz mais constante no 14. A's vezes falta, por se ter aparado o Codice.

Estes reclamos se encontrão no Codice da Partida 3. do R. Archivo mettidos em tarjas, diversas em cada caderno, na figura de aves, flores, &c.

O uso dos reclamos era o mesmo, que nos impressos se suppre com as letras do alfabeto para governo dos Encadernadores.

Divisão das paginas.

Foi quasi constante o uso da meia idade de dividir as paginas dos Codices em duas columnas para facilitar a sua escrituração, e leitura. Esta pratica passou ainda para as obras impressas, posto que menos frequentada nos nossos dias.

Nos Diplomas, e mais Documentos, se não introduziu este uso, e se nota por singular um do Imperador Manoel Paleologo em duas columnas em Grego, e Latim, que se conserva no Cartorio do Convento da Batalha; outro no R. Archivo em Portuguez, e Arabe de 16 de Outubro de 1488.

Rollos, e Codices.

Fazemos differença entre Rollos, e Codices, pelo modo da sua conservação: sendo as escrituras em tiras de pergaminho, ou papel, conservadas enrolladas, e as de folhas na sua extensão. O uso dos rollos chamados pelos Latinos *volumen* a *volvendo*, e depois *rotulus*, *rotula*, *rollus* é o mais antigo. A extensão dos Tratados, ou Documentos fazia necessario ás vezes coserem-se mais peças de pergaminho, ou papel cuja juncção testifica Josepho (Ant. Jud. Liv. 12. Cap. 2.,) fazer-se entre os Hebreus quasi imperceptivel.

No nosso Reino se praticou o uso dos rollos nos Documentos mais extensos. No Cartorio da Fazenda da Universidade, dos Mosteiros de Santo Thyrso, e Pombeiro, e em outros, se conservão ainda do seculo 13., e 14., e algum raro de 15., tanto de pergaminho, como de papel. No R. Archivo Gav. 11. Maço 3. n. 10. se conserva um rollo de 10. palmos de comprido, e 5 pollegadas de largo em pergaminho, de Outubro da Era 1322, e, além de outros, na Gav. 8. Maço 5. n.,) o 3. Rol. para execução das Inquerições do Senhor D. Diniz da Era 1326 em um rollo de pergaminho de mais de palmo de largo, e 62 de comprido. No mesmo seculo 15., no Liv. 1. das Ordenações Affonsinas tit. 36. §. 4. se prohibio aos Escrivães, e Tabelliães fazer certas escrituras em mais de tres folhas de papel inteiras *de longo*; pois nesse caso ordena que sejão em *processo*, e *fazendo-as de longo se lhes conte o salario somente como se fosse de processo*: (o que mostra era menor). E no §. 5. de baixo da mesma pena, prohibe fazer as appellações, senão em *processo*, ainda que só occupe uma folha. Deste lugar se vê chamar-se entre nós no seculo 15. ao rollo escritura de *longo*, ou ao comprido; e á outra de processo. Na Ordenação Manoelin. Liv. 1. tit. 63. §. 13, renovando-se aquella prohibição, se chama á mesma forma de escritura em *bandeira*, ou rollo, ou *feita ao longo;* mandando escrever como se escreve no processo, sem já exceptuar as que pudessem caber em tres folhas.

No R. Archivo Gav. 18. Maço 5. n. 18. ainda se encontra em rollo um instrumento de tres folhas de papel cosidas, de 22 de Janeiro de 1488, com o sello de chapa; e outro no Maço 10. n. 8. da mesma Gav. tambem de tres folhas de papel; e é uma sentença do Juiz de Fóra de Evora de 29 do mesmo mez, e anno.

O uso da escritura em rollo durou mais tempo na Curia Romana, ao menos para as commissões dos processos de canonizações. Do Cartorio dos Jesuitas de Coimbra passou para o da fazenda da Universidade um destes rollos, que ainda se conserva fechado, e respeitava á canonização de Santo Ignacio de Loyola.

Do uso do mesmo rollo em Codices parece restar-

nos um exemplo no Cartorio do Mosteiro de Refoyos de Lima, achando-se nesta forma o Cartulario, ou Livro de Doações daquelle Mosteiro, e do de Crasto, áquelle unido; quando outros de diversas Corporações os tenho encontrado sempre em forma de Codice, ou Livro.

Do modo de authenticar as juncções dos pergaminhos, ou papel, nos rollos, fallaremos quando tratarmos dos Tabelliães.

Opistografia.

De todos os rollos, que restão nos nossos Cartorios, quasi nenhum é opistografo, isto é, escrito de mais de uma parte. Tal foi o uso mais antigo, e constante. Apenas se encontrão nas mais Nações Documentos anteriores ao seculo 10. escritos dos dous lados. O mesmo se praticava ordinariamente ainda nas cartas familiares; reputando-se incivilidade o contrario (Santo Agostinho Ep. 171. na nov. Edic.). Na França são raros os exemplos de Documentos opistografos até o seculo 15.; e mais vulgares na Inglaterra.

Alguns poucos apparecem nos nossos Cartorios; e em dous delles notei no fundo a palavra = torna = isto é = volta =; porém apenas passão por via de regra, para o reverso o nome das testemunhas. Todos são anteriores ao seculo 13., um do Cartorio de Pendorada, outro do de Vayrão; e em maior numero no de Moreira aonde até se achão no reverso escrituras diversas. No mesmo reverso com tudo é raro o Documento antigo, que não contenha o seu resumo, ou em letra coeva, ou posterior.

A Opistografia nas Taboas da Lei entre os Hebreus parece deduzir-se na opinião de Vaynes do Cap. 32. v. 15. do Exodo = Scriptas ex utraque parte =.

Litteratura.

ROTEIRO DA VIAGEM

que em descubrimento da India fez D. Vasco da Gama pelo cabo de Boa-Esperança em 1497, publicado por Diogo Kopke, e o Dr. Antonio da Costa Paiva, lentes da Academia Polytechnica do Porto. — Porto 1838. —

O descubrimento da India pelo cabo de Boa Esperança, dando ao commercio europeu uma nova direcção, marcou uma epocha das mais famosas nos annaes dos progressos geographicos, e grangeou para os Portugueses os louvores de todos os povos, por terem levado a cabo tão grande empresa. — Este famoso feito, decantado pela penna de muitos e mui abalisados escriptores nacionaes e estrangeiros, e immortalisado pelo nosso insigne poeta, abriu um vastissimo campo á nossa industria, ao nosso commercio, e á gloria nacional. Sem elle não teriamos nós plantado as quinas portuguesas nos angulos das Indias Orientaes; — não teriamos practicado acçoens famosas, que assombrárão os contemporaneos, e serião julgadas fabulosas pelos vindouros a não ser o testemunho de tantas e tão graves personagens; — sem elle Lisboa não se haveria tornado o emporio do commercio do Oriente, — e a nossa marinha, sempre occupada em viagens tão longinquas, não teria chegado áquelle grau

de perfeição que a tornou rival das mais poderosas nações maritimas, principalmente da Hollanda, que só abrandou seus ataques contra nós, quando sentiu que ia em decadencia a nossa preponderancia nos mares, o que era devido aos vergonhosos espolhos que nos havia causado nas nossas possessões maritimas.

Aberta pois a passagem para a India pelo cabo de Boa Esperança, — effectuadas as nossas vastas e importantes conquistas no Oriente; — regadas essas terras longinquas com o sangue de tão illustres varões; — perdido por fim o melhor fructo de tantos sacrificios e de tantos exforços, restou-nos em galardão tão somente a gloria dos nossos feitos, — e á testa destes o da passagem do cabo de Boa-Esperança. — A este valioso elo de tão brilhante cadeia faltava ainda um monumento simples e puro como os costumes do tempo; mas grandioso e nobre como o pedia a façanha, a fim de se pôr o ultimo sêllo ás brilhantes descripções dos nossos historiadores; faltava, digo, uma relação da viagem feita por D. Vasco da Gama em descubrimento da India, narrada por uma testemunha occular, por um dos poucos que commetterão esse heroico feito.

Estava reservado para os nossos dias vir a lume tão rico monumento na publicação do precioso manuscripto de que fazemos menção. E' ao cuidado dos Senrs. Diogo Kopke e Dr. Antonio da Costa Paiva que a litteratura nacional e a historia da geografia são devedoras da publicação deste roteiro, que foi impresso na typographia commercial portuense com uma nitidez pouco usada entre nós, ornado d'um bello retrato de D. Vasco da Gama, e d'uma carta demonstrativa da sua viagem, delineada pelo Sr. Kopke.

Consiste o roteiro n'uma narração succinta da viagem que fez á India a expedição de que era capitão mór D. Vasco da Gama; narrada desde o dia da partida em 8 de julho de 1497 até 25 d'abril de 1499, quando na sua volta da India, navegavão, segundo o autor do roteiro, nas alturas da ilha de S. Thiago. — Em uma nota final satisfazem os editores o complemento da viagem, dizendo como chegou Nicolau Coelho á barra de Lisboa em 10 de julho do mesmo an-

no, e D. Vasco da Gama nos ultimos dias d'agosto, ou principio de septembro seguinte.

A narração do roteiro é dividida em §§. e em forma de diario, relatanto tudo o que ia accontecendo de notavel debaixo da sua competente data; indicando a altura em que se achavão; fazendo observações á cerca das contrariedades que encontravão, dos costumes dos povos a que arribarão, das producções do terreno e seu clima; o que a torna mui interessante.

Alem da publicação deste valioso manuscrito, forão os litteratos mimoseados com um mui erudito e elaborado prologo, em que se ventilão diversas questões relativas a este opusculo. Tocaremos aqui as principaes para conhecimento dos que não tiverem noticia deste excellente livro.

O manuscrito existe na biblioteca publica do Porto, e pertencia ao mosteiro de St.ª Cruz de Coimbra. Collige-se não ser autographo da seguinte passagem que se lê a pag. 64 do M. S., onde se diz " ficou „ na ponta da pena ao auctor deste livro como estas „ armas são fectas „ — Com tudo pela inspecção da letra em que está escripto, (da qual nos derão os editores um bello fac-simile) se conjectura não ser posterior ao seculo 16.° — Prosegue-se no erudito prologo ventilando a questão de saber quem fôra o autor deste M. S. — Barbosa Machado diz que D. Vasco da Gama composera uma *relação da viagem que fez á India em o anno de* 1497 — *M. S.* —

Será verdadeira esta asserção? — E quando o seja será por ventura o roteiro agora publicado o que compoz D. Vasco da Gama? — E se não foi elle, quem seria o seu autor? — Eis outras tantas questões mui interessantes e delicadas, que ali se ventilão com grande sagacidade e profundesa. Em resultado de grandes investigações se conclue no prologo que a relação de D. Vasco da Gama é um sonho bibliographico que talvez tivesse origem na noticia que haverião os authores que della fazem menção, do presente M. S. — Mas ainda resta indagar quem seria o seu autor; — para isso o prologo depois d'estabelecer as primicias de que o autor do roteiro fôra um simples soldado, ou marinheiro; e sabendo-se pela sua mesma narra-

ção que fôra um dos doze que accompanharão Vasco da Gama quando desembarcou em Calecut para ter audiencia do Çamorim, vae por uma serie d'inducções excluindo successivamente onze, até lhe restar Alvaro Velho que suspeita ser o author do M. S.

Continua o prologo dando-nos as rasões, aliás mui plausiveis, por que conservou a irregularidade da orthografia do M. S.; e conclue dizendo que no mappa demonstrativo da derrota de D. Vasco da Gama se procurára, quanto era possivel, marcar a sua verdadeira direcção, a fim de " destruir de uma vez para sempre a força das asserções que entre nacionaes e estrangeiros tem apparecido, da impericia e casualidade do descubrimento da India ,,

O prologo depois de apontar a falsa asserção do Dezembargador — Antonio de Mariz Carneiro, que pertende que D. Vasco da Gama fôra " guiado mais " por Deus, nosso senhor, que por roteiros, nem informaçoens que levasse a que parte do mundo a India " estava" mostra que D. Vasco da Gama " ia munido de quantas instrucçoens lhe podia ministrar a " observação, a politica, e as sciencias d'aquelle tempo; " e que o seu destino lhe fôra d'antemão marcado, " a saber Calecut, para cujo rei elle levava uà carta de D. Manoel. ,,

O curto espaço a que nos cumpre limitar este artigo não nos permitte desenvolver mais extensamente este ponto tão essencial para a nossa gloria nacional. Em breve porem publicaremos um artigo em que se mostrará como ElRei D. Manoel havia noticias certas dos estados da India pelo roteiro de Pedro da Covilham que D. João 2.º, alem d'outros, lá havia mandado por terra; o qual vizitou Calicut, Cananor e Goa. Havendo-se depois estabelecido em Abyssinia, dali se correspondia com ElRei, informando-o da possibilidade de navegar para a India pelo cabo de Boa Esperança; affirmando ao mesmo tempo que os navegantes Indios e Arabes havião conhecimento deste cabo. Assim a grande empresa executada por D. Vasco da Gama, estava já theoricamente demonstrada por Pedro da Covilham.

O estilo do roteiro está mui bem avaliado no pro-

logo quando diz " Pelo que toca ao merito do estilo
" e lingoagem, debalde se buscará neste inedito cou-
" sa de menor valia nesta parte; nem é d'admirar que
" assim acconteça em um livro escripto por um sol-
" dado ou marinheiro, quando nas obras dos eruditos
" d'aquella epocha, até muitas veses se busca em vão
" a concordancia grammatical. O merito, porem,
" deste roteiro consiste, não na lingoagem, nem no esti-
" lo, mas em ser escripto por uã testemunha occular
" do portentoso feito do descobrimento da India ,,.

Muito deve por certo a litteratura nacional aos editores de tão valioso manuscripto, não só pelo esteril e delicado trabalho da sua copia, mas pelo minucioso cuidado que puserão em o illustrar com um excellente prologo e notas mui eruditas. Oxalá que tão louvavel exemplo fosse imitado, a ver se podiamos trazer a lume esses preciosos manuscriptos, que jazem sepultados nos reconditos gabinetes das nossas bibliothecas.

O TORISTA EM PORTUGAL.

ANNUAL PINTURESCO

Para o anno de 1839

PUBLICADO POR JENNINGS.

Todos annos se costuma publicar em Londres diversos livros de luxo, nitidamente impressos, ornados de bellissimas gravuras, os quaes apparecendo antes do principio do anno são destinados principalmente para mimos que se costumão fazer na entrada do anno novo. — Acaba de se dar á luz em Londres, em um volume em 8.º o annual para o anno de 1839 com o titulo de *Torista* em Portugal = por W. H. Harrisson =. Contem este livro dezoito estampas desenhadas por Holland e gravadas pelos melhores artistas inglezes. E' impossivel encontrar desenhos levantados com mais espirito, situações mais bem escolhidas, e mais animadas, e pontos de vista mais pintorescos; — ali a vivacidade e excellencia do dezenho só pode ser igualada pela perfeição e delicadeza do buril.

Porém se o editor Jennings foi tão feliz na escolha do habil artista que enviou a Portugal para colher tão bellos dezenhos, não o foi por certo na eleição da personagem que convidou para redigir a parte litteraria. — Sabemos muito bem que taes publicações não aspirão a ser consideradas obras primas de litteratura; pois que lhes basta a belleza das gravuras para a sua immensa extracção. Porém quando debaixo do titulo de viagem a qualquer paiz se lêem as observações mais vulgares, se reproduzem asserções sem fundamento e sem

veracidade, tirando d'um facto particular uma deducção geral; não vendo nada do que é bom, e encarando só aquillo que é mao; passando em silencio tudo o que encontra conforme aos usos do seu paiz, e estigmatisando aquillo que lhe é opposto, ou seja veridico ou falso, só com o fim de fazer effeito, e sobretudo calumniando por acciute; — um tal livro, cumpre confessal-o, é uma blasfemia litteraria.

Mui costumados estamos nós os habitantes da Peninsula, a ser-mos tractados desta sorte por quantos escriptos se publicão ácerca deste bello paiz, dos seus usos e costumes. — E' usança antiga, que viajantes estrangeiros, sem conhecimentos alguns litterarios, e sem aquelle tacto fino e delicado que se torna necessario para conhecer os costumes e habitos d'uma nação, e o que mais é, sem procurar discerni-los e avalia-los nesse curto espaço que habitárão o paiz, ou sem fallar magistralmente do que não puderão ver nem conhecer; como se bastasse passar rapidamente por qualquer territorio para logo poder marcar os destinos dos seus habitantes.

De todos os povos da Europa, é a nação ingleza a que tem mais prejuisos nacionaes. Ninguem é mais aferrado aos seus habitos domesticos, e por isso ninguem mais improprio do que um inglez para poder em pouco tempo observar todas as classes da sociedade d'um paiz estranho, e alcançar deste modo o verdadeiro conhecimento dos seus usos e costumes. — O inglez tudo sacrifica ao gôso das suas habituaes commodidades. — Sahe do seu paiz natal e procura só a sociedade dos seus compatriotas; não pode passar sem o seu *roast beef*, sem o seu *black tea*, em uma palavra, sem os seus *conforts*. E assim concentrado, vivendo, por assim dizer, em Inglaterra fóra d'Inglaterra, é que se julga apto para escrever o que somente poderia obter por pessimos cannaes e informações pouco veridicas. Muito honrosas excepções se encontrão; mas nem por isso deixará este de ser o typo caracteristico da nação Britannica.

Por muito tempo só a escriptores desta laya coube fallar de Portugal; até que em 1822 foi a nossa honra desagravada por um litterato, que hoje gosa d'uma reputação européa: o qual para nos conhecer esteve muitos mezes entre nós; consultou todos os sabios da na-

ção; entrou nas bibliotecas e repartições publicas, e nenhuns meios poupou para poder escrever com sciencia e maduresa; fallamos do celebre Adriano Balbi.

E' tempo de dizer-mos alguma coiza em particular do nosso livro. — Começa o author por nos appresentar uma succinta noticia historica dos reis de Portugal; e para se poder formar uma idea do espirito com que foi extractada, trasladaremos algumas linhas do 1.° capitulo, onde a paginas duas diz o A. " A historia de todas „ as nações é sufficientemente manchada por crimes; „ mas Portugal é preeminente pelas atrocidades prati- „ cadas pelos seus governantes. Um cavalheiro, a cujo „ genio muito deve a litteratura do nosso paiz, obser- „ vou uma vez ao author, com a maior ingenuidade e jus- „ tiça, que da historia de Portugal se podia colher um „ ramalhete d'horrores, digno de ser apresentado por „ Proserpina ao seu hediondo marido no dia de suas „ bôdas. „ — Nada ha por certo mais contrario á verdade historica. — Podemos avançar affoitamente, que monarchia nenhuma na Europa, apresenta, geralmente fallando, uma serie de reis tão virtuosos, tão humanos, e tão amantes de seus povos. Pena é que o author nos não désse, nem mesmo na sua breve noticia, uma pequena amostra desses horrores; — E onde iria elle busca-los, se reunidas todas as atrocidades dos nossos antigos monarchas, jámais poderião igualar o que praticou um Ricardo 3.°, um Henrique 8.° ou uma *bloody* Mary?

As fontes em que bebeu o *Torista* para a continuação da sua narrativa forão as viagens do Marquez de Chatelet, do Rev. Mr. Kinsey, e o denominado manuscrito de Murphy, o qual pelas grandes diligencias do author e eximio favor do Snr. Croker foi pela pimeira vez apresentado aos Inglezes, como se diz no prefacio; quando nós os Portuguezes desde 1795 temos lido em bella letra redonda, se não o precioso manuscripto, ao meno todas as passagens cotadas no *Torista*. — Todo o resto, isto é, o que é de sua lavra, consiste n'uma triste encadeação de factos, de historietas, e d'observações mal assentadas, sem nexo nem critica, e recheadas de prejuisos, de preconceitos e até de falsidades.

Apontaremos algumas destas observações para dar

uma leve idéa do criterio do *Torista*. Diz elle a paginas 49 = " que os Portuguezes, conforme seu costu-
„ me de traduzir todos os nomes proprios inglezes, cha-
„ mavão ao antigo consul Mr. Whitchead Snr. *Cabe-*
„ *ça Branca.* „

A ninguem espantará a veracidade desta asserção, pois todos sabem que no Porto os commerciantes inglezes são conhecidos pela versão dos seus nomes, e assim chamamos Snr. Homem d'Areia, Snr. Atrevido, Snr. Casa de Pau etc. etc.

A pagina 59 vem uma passagem que citaremos pelas proprias palavras; — diz o A " A torre dos clerigos
„ é um dos mais notaveis edificios publicos do Porto. Nel-
„ la cahiu um raio, o que muito assustou os habitantes
„ da cidade, e por isso se congregárão para o fim de
„ deliberarem sobre os meios de a preservar d'uma ca-
„ tastrophe. Dous planos se apresentarão, ambos sus-
„ tentados com igual calor; o primeiro estabelecer na tor-
„ re um conductor; e o segundo fixar nella uma alam-
„ pada para se accender todas noites a Sancta Barbara,
„ padroeira da igreja. A ultima proposta foi por fim a-
„ doptada, como o meio mais efficaz para proteger a tor-
„ re contra os effeitos das tempestades futuras. „ Uma tão refinada calumnia, não carece de commentario.

Diz mais abaixo o A. " que é mui curioso vêr
„ no mercado da Cordoaria como as regateiras correm
„ a cada momento para a igreja a resar, voltando
„ logo ao seu trafico; em quanto que outras recean-
„ do deixar de vender alguma couza em quanto vão á
„ igreja, se contentão com resar as contas no seu res-
„ pectivo logar no mercado. „ — Se o Torista ouvisse uma só vez declamar as *resas* das nossas regateiras, por certo que não ficaria com ellas tão edificado! —

Não passaremos em silencio um facto que o nosso A. assevera, fundado na authoridade de Mr. Kinsey. A pagina 58 allude a uma imagem de S. Francisco, que existia na extincta igreja dos frades muito venerada pelas devotas do bello sexo, as quaes ião lavar-lhe as mãos e a sagrada effigie com sabão, e depois bebião a agua, ou a conservavão n'uma garrafa como uma sancta reliquia.

Chega o *Torista* a Coimbra e nada nos diz que não seja fundado na authoridade de Mr. Kinsey, ou do *precioso manuscripto* de Murphy. Pena é que nem ao menos podesse corrigir os erros em que cahirão pois que ainda refere que em 1827 andavão em Coimbra duzentos estudantes, quando naquelle anno erão mil e oitocentos!

Passa o nosso author á Batalha, e em lugar de começar por descrever aquellà magnifica maravilha da arte, occupa-se em fallar d'um mau quarto que pôde obter, e das pulgas que ousárão assaltar e mortificar a *bella e fina pelle d'um inglez.* Chega porém o momento de fallar d'aquella estupenda fabrica, e para alguma coisa dizer vae o nosso viajante buscar a descripção do Portuguez Frei Luiz de Souza, servindo-se da traducção de Murphy, talvez por a ter descuberto no celebre *manuscripto.*

A' vista de tanto plagiato não podemos deixar de conjecturar que o author deste romance não fez como Sallustio, que foi a Africa vêr o campo onde se derão as batalhas de Jugurtha para escrever com conhecimento de causa; mas, metido no gabinete do Snr. Jennings, com o *precioso manuscripto* aberto diante de si, fez uma viagem imaginaria, rodeado dos *conforts* inglezes, e sem expôr a sua bella e delicada pelle a ser lacerada pelas pulgas da Batalha, cujo horror lhe incutirão os seus predecessores Kinsey, Rhyes, e o author do manuscripto; — pois que do Torista se pode dizer com Voltaire:

Au peu d'esprit que le bonhomme avait,
L'esprit d'autrui par complément servait,
.....
Il compilait, compilait, compilait. —

— —

Economia Politica.

(Continuação do Artigo — Capitaes — de pag 53)

Accumular não é pôr em monte o que se ajunta, mas uzar do que se ajunta para o empregar na producção, em vez de o uzar na *satisfação* de necessidades, que se suppõe, ou podem suppôr-se satisfeitas. Assim aquelle que tem poucas necessidades que satisfazer forma mais facilmente capitaes; é por isto que os Hollandezes por meio de *sua activa industria* tem engrossado seus capitaes; e por meio de sua sobriedade consagrão menor parte de seus lucros a consumos improductivos, e a maior a consumos reproductivos.

A somma do capital formado não depende de sua forma material, mas de seu valor.

"A situação de qualquer povo, seu genio, a na-
„ tureza de seu solo, e clima, e posição geografica,
„ determinão communmente a especie de producção a
„ que elle se applica, e por conseguinte a forma que
„ tomão os valores que elle accumula; pois que os
„ transforma nos objectos proprios á producção do paiz."

Se pois o capital é o excedente da producção sobre o consumo, é evidente que é mister preceder primeiro a producção; isto é o trabalho, e a industria, seu primeiro motor; esse excedente póde fazer-se por dois modos; 1.° *directamente* quando na verdade depois de feito todo o consumo ainda sóbra da producção alguma cousa que póde accumular-se; 2.° *indirectamente*, quando por meio da sobriedade se obtem excesso, que póde tambem accumular-se; no 1.° caso a sobra é o effeito da producção, ou da industria e trabalho; no 2.° a sobra é o resultado da economia.

Para que o acto da producção tenha todo o seu effeito, importa que o capital consumido (e que consiste 1.° na subsistencia do operário; 2.° nas materias primas postas em obra, 3.° nos instrumentos ou parte

dos instrumentos com que se trabalha) seja não sómente reproduzido, mas que dê ainda uma sóbra ou excedente, que constitue *capital* novo; quando a producção restabelece unicamente o capital empregado, ella assenta em condições mal calculadas.

A sobra da producção sobre o consumo é indispensavel; se apenas se produzisse, supponhamos, o que é mister para o sustento do dia, teria de morrer aquelle que por effeito de enfermidade, de falta de trabalho, ou d'outra qualquer cauza eventual, estivesse dias sem produzir; e neste cazo estão os selvagens da America do Norte, que morrem aos milhares quando o gêlo os impéde de procurar a caça de que se sustentão durante o estio (a).

O trabalhador que consome em suas necessidades, quaesquer que ellas sejão, tudo o que ganha por seu trabalho, não accumula capital, seu trabalho fica sem *excedente*; é verdade que se sustenta, mas sua posição não melhóra, e seu estado é sempre precario: em razão igual está uma nação; ella ficará *estacionaria* se seu trabalho for sem *excedente*; a menor cauza que diminúa seu capital léva a população á mais penosa mizeria; e se uma receita diminuta encurta ainda mais a subsistencia dessa nação que não *economise* ahi vem a *divida* que ha-de apremal-a, porque nada tem a dar em troca do que carece. (a)

Trabalhar para viver é maxima que tem feito mais mal á humanidade, que as mais funestas guerras.

Trabalhar para viver é cauza improvidente de não augmentar-se o capital pela economia, e de que se consuma quanto se produz.

Trabalhar para viver foi a cauza da invenção das *caixas d'economia (caisses d'epargne, saving banks)* ou mialheiros: a adopção pura deste principio faria com que a *economia* deixasse de ser uma verdadeira necessidade, *ninguem contaria com o dia d'amanham, deixando ao hospital, ou á caridade o cuidado do futuro.*

O capital por tanto não póde ser formado, nem reproduzido, e augmentado senão pelo trabalho: todo o

---

(a) Diction. de Commerce et marchand. *art. Capital.*
(a) Diction. c. art.º cit., e o mais que aqui se segue.

trabalho deve crear mais do que elle consome; e esta é a lei do progresso.

Esta é tambem a razão porque os capitaes devem render um juro para aquelle que os possue ; e tanto mais custão a produzir , que é o mesmo que dizer tanto mais raros elles são tanto maior deve ser o juro que elles rendão : este juro representa uma porção do excesso da producção , a que elles dérão causa.

A nação pois que bem empregar seus capitaes, isto é, que por meio delles e do trabalho produzir mais do que consóme , verá augmentar successivamente seus capitaes , e riqueza : mas importa observar que o capital das nações não augmenta na mesma proporção , que o capital dos individuos , de modo que quando muitos particulares enriquecem a massa geral faz progressos bem pouco sensiveis. Em Inglaterra os capitáes duplicárão em 60 annos ; na França o incremento tem sido bem inferior. Qual a razão da disproporção entre estas duas, e entre outras nações ? 1.° Nem sempre as nações aproveitão todo o trabalho dos cidadãos , cujas operações são algumas improductivas , ou não augmentão o valor do capital existente ; e taes são geralmente as operações da *Bolsa* , as especulações de fundos publicos &c. , as loterias, as operações da agiotagem ; a acamarcação de fazendas, ou criação de procuras artificiaes & &c. — Em caso semelhante está a extrema divisão do terreno , do qual resulta que grande porção de cidadãos se occupa simplesmente da producção d'alimentos preciosos para o seu consumo ; este trabalho é sem excedente, e mesmo chega até não produzir o que lhe é mister ; — são em tal cazo mui limitados os capitaes occupados, e o seu producto deve igualmente ser mui limitado.

2.° A segunda cauza deste fenomeno é a ociosidade dos pequenos proprietarios ruraes, que vivem do rendimento de seus bens ; gastão tudo, sem que porção alguma se consagre ao melhoramento de seus fundos , e á creação d'um excedente ; tanto o proprietario , como o caseiro vivem sem accumular , e ficão ambos estacionarios.

3.° Os exercitos permamentes ; e os serviços da guarda nacional: aquelles consomem muito sem trabalho productivo , propriamente dito ; esta deixa muitas vezes

de trabalhar, sendo por tanto, genericamente fallando, muito maior o prejuizo, que o proveito que della rezulta. As nações mais providentes não tem adoptado esta instituição seductôra.

Logo que as nações conhecerão a importancia das artes industriaes, e que os governos, mais conscios de seus intereses, dérão protecção aos industriaes, a accumulação, que em tempos d'ignorancia era condensada, e aviltada com o nome de avareza, passou a ser um acto de prudencia, e de virtude: de prudencia, porque ella não tinha em vista só o gozo futuro á custa da privação d'um gozo prezente, mas novo manancial de redito, e de commodidade; formar um capital é como crear um campo, que começa a render desde o principio: e tambem acto de virtude, porque é meio de trabalho que se offerece aos homens laboriosos; o creador desse capital, que vale um campo, chama á partilha dos producetos desse campo todos aquelles que houver chamado para o cultivar. E quando aquelle que faz a accumulação não tem meios de dirigir seu emprego, por si mesmo, elle presta seu capital a outro, a um emprezario que o sabe fazer valer, e que com o capitalista reparte uma porção dos lucros; o effeito é o mesmo.

A faculdade d'accumular capitaes é superior á intelligencia dos animaes, é uma prerogativa do homem; e como a natureza do capital é ser instrumento da producção, porisso a accumulação que as abelhas e as formigas fazem de provisões, não é um capital, é o effeito do instincto, e não da premeditação: como as formigas, e abelhas fazem muitos homens.

Os meios d'augmentar o capital vão sendo successivamente mais consideraveis em proporção do augmento, que tiverem os lucros ou utilidades de todos os membros da sociedade, que empregão capitaes em industria; isto é, a facilidade de accumular capital cresce em proporção do incremento do producto liquido da communidade (ou *excedente do producto sobre o consumo*). Aquelle, que de seus fundos productivos tira mais redito que outro, póde accumular mais, na razão do consumo proporcional a ambos: ter facilidade ou possibilidade d'accumular não é realmente accumular; não exis-

tirião capitaes se os homens constantemente houvessem consumido suas utilidades annuaes. Os grandes productos dão não só mais meios d'accumulação, mas imprimem nova força ao desejo d'accumular. Antes d'accumular é mister occorrer á subsistencia que faz viver, a somma que sobra, depois da competente satisfação de necessidades, é mui pequena para que o homem fique sem esperança d'accumular, dentro d'alguns annos, capital d'alguma importancia, elle antes quererá consumir a sobra que economizal-a; o effeito contrario tem lugar quando os lucros são grandes, porque a economia das sobras e sua accumulação constitue o homem, dentro d'alguns annos, em estado de poder prescindir ou de diminuir muito sua força de trabalho. O sentimento da economia, e de muitas outras virtudes, fortifica se com a esperança d'uma recompensa equivalente ao sacrificio que ellas nos impõe. O sentimento d'accumular riqueza, e melhorar de situação é inherente ao homem; elle o põe em execução sempre que lhe é possivel, e tem esperança de bom rezultado (a): e este sentimento é felizmente por sua natureza mais poderozo no homem, que o da prodigalidade, assim o diz A. Smith, e outros Auct; é elle o estimulante que desenvolve o progresso da sociedade: e tal é a ligação que as doutrinas economicas tem entre si, que nós veremos qual é o influxo que sobre a potencia do principio da accumulação exercem as despezas dos governos: bem longe d'adoptar a opinião daquelles que cuidão que sua acção augmenta na razão dessas despezas, nós achamos que quanto maiores ellas forem e improductivamente, menos podem os individuos economizar, porque menor é a porção dos productos que podem retirar do consumo immediato para o empregar na industria: as taxas, e impostos devem crescer na proporção daquellas despezas; e se alguem ainda depois destas novas exigencias pode continuar a accumular, muito mais facil lhe seria a accumulação com menos consideraveis contribuições (b). E tal é a razão porque na America Septentrional a industria é tão productiva, as contribuições

(a) Flores-Estrada. T. 1. Cap. 5.º — (b) D.º l. c.

internas não existem ; porque os impostos das alfandegas bastão para o costeamento de todas as despezas do governo ; e eisahi a razão porque esta nação dobra o seu capital , e sua população todos os 25 annos , incremento desconhecido em qualquer outro lugar.

As sciencias , as artes , e o capital d'uma geração passão a ser o patrimonio das gerações subsequentes ; estas aperfeiçoão , e multiplicão sua herança , tornando-a mais productiva , se causas imprevistas , e ignorancia , ou abuso dos governos não atalhão , ou destróem esta tendencia : o principio do melhoramento actúa sem cessar e afiança ás nações constante progresso , se por alguma das genericas razões apontadas não foi paralysada sua acção. Tal a origem dos inventos dos Hargraves , Askirights waltes , &c.

O credito nacional não tem influencia alguma na producção da riqueza ; o que elle faz é dar aos governos mais facilidades d'arranjar emprestimos, mas elle não cria capitaes : o credito das nações sóbe ou desce na razão da maior facilidade de cumprir as estipulações de seus contractos ; isto é , na rasão da industria e capital que possuem ; e em vez de ser o credito a cauza da producção , é a producção a cauza do credito. (a).

Art. 5.° *Emprego dos capitaes.*

Os Capitaes podem empregar-se de muitos modos ; apontaremos alguns (a).

1.° Em gozos e consumos sem reproducção ; vg. fogos d'artificio , illuminações ; nesta cathegoria estão os capitaes encarcerados nos cofres , e até os proprios paizanos estão neste caso , para o que o melhor remedio são os *mialheiros.*

2.° Emprestando-se a industriaes , ou a governo acreditado , contentando-se o possuidor com uma porção do excedente da producção creada por seu emprego ; a qual se designa com o termo de *taxa do juro.*

3.° Podem ser empregados immediatamente pelo possuidor , recebendo este todo o excedente da producção ; salva porem a parte deste excedente, que pertence aos operarios , no cazo que estes sejão empregados, ao que se chama *salario.*

(a) Flores Estrada. l. c.
(a) Diction. d.° art, c.

Em geral, quando o dinheiro é raro, e a sciencia commum, a parte do industrial é menor que a do capitalista; quando o capital abunda, e a sciencia é mais rara, a parte do capitalista material é menor.

O melhor emprego do capital para a nação é, em primeiro lugar, o que tem por objecto a agricultura; depois o que tem por objecto a industria interior; e são estes empregos os que pelos capitalistas são preferidos, quando as couzas vão segundo o seu curso natural (b).

Art. 6.º *Dissipação dos capitaes.*

A dissipação dos capitaes é o acto contrario á economia que os engrossa: e esta dissipação se faz em proporção, não da natureza substancial, mas do valor das couzas consumidas; aquillo que se consome não é de ordinario a forma substancial; ella muitas vezes pode ser, ou quazi sempre é, conservada por seu novo possuidor; é sim o valor capital; a somma empregada por este novo possuidor é um capital; que a não ser a dissipação que fez o vendedor dessa couza, permaneceria no emprego de que foi tirado, e portanto o *valor* da couza dissipada foi realmente destruido.

Nem tambem o luxo, o fausto, e a vaidade são a cauza da dissipação; muitas vezes é a impericia dos emprezarios d'industria; fica perdido e dissipado o valor que não é restabelecido na operação productiva em que elle foi empregado (a).

O dezejo d'economizar e accumular riquezas é felizmente por sua natureza mais poderozo no homem que o da prodigalidade.

(b.) Say. C. cap. XIII, e Trat. T. 2.º
(a) Say. C. P. 1.ª Cap. 11.

Variedades.

O PREÇO DA VIDA,

Historieta extraida das memorias d'um fidalgo de Bretanha.

..... Um creado, abrindo a porta da salla, nos veio annunciar que a carruagem de posta estava prompta. Minha mãe e minha irmã se lançarão nos meus braços — Ainda é tempo, me dizião ellas, renuncia a esta jornada; fica comnosco. — Minha mãi, tenho apenas vinte annos, sou nobre e cumpre que um dia se falle de mim; assim devo começar a minha carreira quer na côrte, quer no exercito. — E que será de mim quando tiveres partido? — Sereis feliz, sabendo dos successos de vosso filho. — E se cahires morto em alguma batalha? — Que importa! De que vale a vida? Um coração nobre só se deve occupar de gloria. Em breve me vereis voltar coronel, ou marechal de campo; — então serei respeitado, esposarei Henriqueta, e viveremos todos tranquillos e felises nas minhas terras de Bretanha. — E quem t'impede de o ser desde já, meu filho? Teu pae nos deixou uma bella fortuna; o nosso castello da Roche-Bernard é dos mais magnificos desta provincia; teus vassallos te respeitão; — que te falta pois? Ah! não nos deixes; não vás sacrificar por uma vã gloria, ou por cuidados e tormentos de toda a especie, a vida que se esgota tão breve; ah, tu não partirás! — e dizendo isto me abraçava chorando. — Sentindo me prestes a succumbir fiz um ultimo exforço; levantei-me bruscamente; desenlacei-me de seus braços; — corri para o pateo, e ia a subir para a car-

ruagem quando uma mulher appareceu no patamal da escada. Era Henriqueta ! — ella não chorava ... não proferia uma palavra ... mas palida e tremula apenas podia suster-se. Com um lenço branco que tinha na mão me disse um derradeiro adeus — e cahiu sem sentidos. Corro a ella ; levanto-a ; aperto-a nos meus braços ; juro-lhe um amor eterno ; e quando ella começava a tornar a si , a deixo entregue a minha mãe e irmãs ; corro para a carruagem sem parar e sem voltar a cabeça. Se tivesse visto de novo Henriqueta , de certo não teria partido. Alguns minutos depois rodava a sege de posta sobre a estrada.

Por muito tempo não pensei senão em Henriqueta e na felicidade de que ia fugindo ; mas estas ideas se apagavão á medida que ia ganhando distancia , e em breve sonhos d'ambição e de gloria se apoderarão do meu espirito. — Quantos projectos ! Quantos castellos no ar ! Que bello futuro eu me figurava ! riquesas , honras , dignidades , successos de todo o genero , nada eu me recusava ; e elevando-me á medida que caminhava na estrada era já duque , par , e marechal de campo , quando á noite cheguei á estalagem. A vóz do meu creado que me chamava modestamente , *Sr. Cavalheiro* , me obrigou a cahir em mim e abdicar todos os sonhados empregos.

Nos dias seguintes (pois que a minha jornada era longa) me accompanhárão os mesmos sonhos e a mesma embriaguez. Dirigia-me aos arrabaldes de Sedan , ao palacio do duque de C... , antigo amigo de meu pae e protector da minha familia. Devia elle conduzir-me consigo a París , e dali ir appresentar-me na côrte em Versailles , onde contava alcançar para mim uma companhia de Dragoens.

Cheguei de noite a Sedan , e não devendo apresentar-me áquella hora no palacio do meu protector , deferi a vizita para o dia seguinte e fui pernoitar na melhor hospedaria da cidade , ponto de reunião de todos os officiaes da guarnição.

Ceei á mesa redonda , e perguntei que caminho devia seguir para ir ao Castello de C... , situado a tres legoas da Cidade. — Quem quer vo-lo indicará , me responderão ; é bem conhecido de todos ; foi nes-

se castello que morreu um grande guerreiro, um homem celebre, o Marechal Fabert. — A conversação rolou acerca do Marechal, o que era bem natural entre jovens militares. Fallou-se das suas batalhas, dos seus successos, e da modestia com que recusou o foro de fidalgo e varias condecorações que lhe offerecera Luis XIV; — fallou-se sobre tudo da incomprehensivel felicidade que de simples soldado o havia elevado ao gráu de Marechal de França; elle, homem de nada, e filho d' um impressor, era o unico exemplo, que então se podia citar, d'uma semelhante fortuna, e tal que mesmo na sua vida havia parecido tão extraordinaria, que o vulgo havia atribuido a sua elevação a causas sobrenaturaes. Dizia-se que elle se havia occupado desde a sua infancia de magica, e feiticarias; e que até havia feito um pacto com o diabo. Havia quem asseverasse que no Castello do duque de C... onde Fabert tinha morrido, se tinda visto um preto, que ninguem conhecia, entrar no seu quarto, quando exhalava o ultimo suspiro, e desapparecer immediatamente; e que agora mesmo no mez de Maio, epocha da morte de Fabert, se descubria ali o preto trazendo uma luz comsigo. Este accontecimento foi o principal assumpto da nossa conversação, rindo todos cordialmente da credulidade do vulgo.

No dia seguinte levantei-me cedo, e me dirigi ao palacio do Duque de C... immenso edificio d'architectura gothica, ao qual eu não daria attenção alguma em qualquer outra occasião, mas que observava com uma visivel emoção, recordando-me da conversa da vespera.

O creado que me fallou disse-me que não sabia se o duque podia receber. Dei-lhe o meu nome e me deixou em uma especie de salla d'armas, ornada com emblemas de caça e retratos de familia.

Esperei algum tempo, e ninguem apparecia. — Então esta carreira d'honra e de gloria que eu havia sonhado começa por me fatigar na antecamera! — exclamei eu; — e já, como pertendente desgostoso, começava a impacientar-me. Havia examinado mais de uma vez todos os retratos de familia, quando senti na parede um pequeno ruido. — Era uma porta mal fe-

chada que se havia aberto de per si. Espreitei, e descubri um lindo quarto com duas grandes janellas e uma porta com vidraças que davão para um magnifico parque. — Entrei neste quarto, e parei á vista d'um espectaculo que a principio não tinha ferido meus olhos. — Um homem estava deitado sobre um canapé com as costas voltadas para a porta por onde eu acabava de entrar. — Levanta-se, e sem me haver apercebido, corre bruscamente á janella. Grossas lagrimas lhe corrião pelas faces, e todas as suas feições indicavão uma profunda desesperação. — Permaneceu por algum tempo immovel, com a cabeça escondida nas mãos, e depois começou a passear pelo quarto a largos passos. — Chegou-se a mim, e ao encarar comigo, estremeceu. — Desolado e confuso com a minha indiscrição, tentei retirar-me, balbuciando algumas palavras d'escusa.

— " Quem sois vós? Que quereis? ,, me diz elle com uma voz forte, retendo-me pelo braço. — Sou o cavalheiro de la Roche-Bernard, chego da Bretanha ... Bem sei, bem sei, me responde; e nisto lança-se nos meus braços, obriga-me a sentar-me a seu lado, falla-me de meu pae e de toda a minha familia, que dizia conhecer muito bem, de modo que não hesitei em acreditar que era o senhor do palacio. — Vós sois o Duque de C...? lhe digo. Levanta-se, e depois de olhar para mim com exaltação me responde: — eu o era, mas ja o não sou; já não sou nada; — e reparando no meu espanto; exclamou; — mancebo, nem mais uma palavra; não m'interrogueis. — Ah, senhor, eu, sem o querer, fui testemunha do vosso pesar e da vossa dôr; — e se algum sacrificio meu; se a minha amizade podesse adoçar ... — Sim, sim; tendes rasão; vós não podeis mudar a minha sorte; mas ao menos sereis depositario da minha ultima vontade, dos meus derradeiros votos; ... é este o unico serviço que espero de vós.

Dito isto, foi fechar a porta, e voltou sentar-se ao meu lado — Tremulo e confuso, esperava ouvir as suas palavras graves e solemnes. A expressão da sua physionomia era tão singular que não me recordava ter jamais visto outra semelhante. Esta fron-

te que eu examinava attentamente, parecia marcada com o sêllo da fatalidade. — O seu rosto estava pallido; seus olhos negros brilhavão como relampagos; e de tempos a tempos, as suas feições, supposto alteradas pelo soffrimento, se contrahião com um surriso ironico e infernal.

" O que vou revelar-vos, me disse, vae confundir a vossa rasão. — Duvidareis; — não acreditareis, — mesmo muitas vezes ainda me custa a crêr; — ao menos eu o dezejára, mas as provas são patentes, e há em tudo o que nos cerca, na nossa propria organisação, muitos outros mysterios que não podemos comprehender." — Parou um momento, como se carecesse de aclarar as suas idéas, passou a mão pela testa, e continuou: " Eu nasci neste palacio. Tinha dous irmãos mais velhos a quem devião pertencer os bens e as honras da nossa casa. Nada tinha a esperar senão o barrete de clerigo e entretanto fermentavão na minha cabeça pensamentos da ambição e de gloria, que fazião bater o coração. — Infeliz com a idéa da minha obscuridade, avido de fama, só sonhava nos meios de a alcançar; e esta idéa me tornava insensivel a todos os praseres e doçuras da vida. O presente era nada para mim; não existia senão no futuro, e este porvir se me appresentava com o mais sombrio aspecto. Contava perto de trinta annos e ainda não era nada, quando de todos os lados se elevavão na capital reputações litterarias cuja fama retinia na provincia que habitava. Ah! se ao menos, dizia eu muitas vezes, pudesse alcançar um nome na carreira das lettras! Sempre obteria a fama e só della depende a felicidade. — Tinha eu por confidente dos meus pesares um antigo creado, um preto velho, que existia no palacio desde muito antes do meu nascimento; era certamente o mais idoso de toda a familia, pois ninguem se recordava de o ter visto entrar no serviço de meu pae; e havia mesmo quem affirmasse que elle havia conhecido o marechal Fabert e assistido á sua morte. " Neste momento o meu interlocutor me viu fazer um gesto de surpresa que o obrigou a parar e a perguntar-me o que eu tinha. — Nada, lhe disse eu; mas a meu pesar pensava no preto que havia sido na vespera objecto da nossa conversa na hospedaria.

O duque de C...continuou. "Um dia deixei-me vencer na presença d'Yago (assim se chamava o preto) da desesperação que me causava a minha obscuridade e a inutilidade da minha existencia, e exclamei então: *de bom grado daria dez annos da minha vida para me collocar ao nivel dos nossos authores mais distinctos.* — Dez annos, replica elle com indifferença, é muito; é pagar mui caro coisa de bem pequena monta; mas não importa; acceito os vossos dez annos. Recordae-vos da vossa promessa; pois que serei exacto em cumprir o vosso dezejo. — Não poderia pintar-vos a surpresa que-me causou a sua resposta. Julguei que os longos annos lhe haverião enfraquecido a rasão; encolhi os hombros com um surriso incredulo, e dentro em pouco parti para París. — Ali me lancei na sociedade dos mais famosos litteratos; o seu exemplo me animou, e em breve publiquei varias obras que tiverão um brilhante successo. Toda a França se apressou a lê-las; as gazetas me tributavão mil louvores; o novo nome que eu havia adoptado tornou-se celebre, e ainda hontem, mancebo, vós mesmo o admiraveis....."

Aqui um novo gesto de surpresa interrompeo a narração..., e eu exclamei; e vós não sois o duque de C..... ?

"Não, respondeu elle friamente. — E então pensei eu comigo ... quem poderá ser um litterato tão celebre? ... Será Marmontel ?... Será D' Alembert ? ... Será Voltaire ? ...

O desconhecido suspirou; um surriso de pesar e de despreso appareceu nos seus labios ... e continuou depois a sua narração.

"Esta reputação litteraria que eu tanto havia invejado foi em breve insufficiente para uma alma tão ardente como a minha. Aspirava a novos successos e disse a Yago, que me havia accompanhado a París: A verdadeira gloria e a indubitavel fama são só aquellas que se alcanção na carreira das armas. Que vem a ser um literato? um poeta? — Nada — Fallai-me d'um grande capitão, d'um general famoso! — Tal é o destino que ora invejo; e não duvidaria dar dez annos da vida que me resta por uma grande reputação militar.—Eu os acceito, me respondeu Yago; são meus; pertencem-me; não o esqueçais."

O desconhecido parou novamente, e reparando na hesitação e incredulidade que se pintava nas minhas feições exclamou: " Eu vo-lo havia predicto, mancebo; vós não poderieis acreditar-me. Tudo isto vos parece um sonho, uma chimera! ... e a mim tambem! ... mas entretanto os postos e as honras que alcancei não forão uma illusão; — esses soldados que conduzi ao fogo, esses reductos que tomei, essas victorias que alcancei e que retumbarão por toda a França ... tudo isso foi obra minha ... toda essa gloria me pertence. "

Em quanto elle marchava a largos passos, fallando com tanto calôr e enthusiasmo, os meus sentidos se havião gelado de surpresa, ao mesmo passo que eu dizia a mim proprio: será por ventura Coigny? ... Richelieu? ... ou o Marechal de Saxe?

O desconhecido havia passado daquelle estado d'exaltação a um profundo abatimento;—e aproximando-se a mim me disse com um ar sombrio: " Yago tinha rasão; e quando mais tarde, desgostado desse fumo subtil a que chamão gloria militar, aspirei ao que há unicamente de real e positivo neste mundo; — quando pelo preço de cinco ou seis annos d'existencia, dezejei o ouro e as riquezas, elle tudo me concedeo. — Sim, mancebo, eu vi a fortuna secundar, e mesmo exceder os meus votos. — Ainda esta manhã terras, florestas, palacios ... tudo me pertencia ... — E se duvidais de mim, se duvidais d'Yago ... esperai ... esperai ... elle não tarda ... e então vereis com os vossos proprios olhos que aquillo que confunde a minha e a vossa rasão é infelizmente uma verdade real. "

E logo o desconhecido se aproximou da chaminé, olhou para o relogio, e dando um grito d'espanto me disse em voz baixa:

" Senti-me esta manhã ao romper do dia tão fraco e tão abatido que apenas podia levantar-me. Chamei por o meu creado e foi Yago que me appareceo. — Que é isto que eu sinto, lhe disse. — Senhor, nada há mais natural; a hora se aproxima; está chegado o momento. — E qual? lhe tornei. — Pois não o advinhais? O céo havia destinado que vivirieis sessenta annos. Tinheis trinta quando começasteis a obedecer-me ... — Yago, exclamei aterrado, fallas acaso seriamente? —

Certamente, senhor; tendes gasto em cinco annos de gloria vinte e cinco da vossa existencia. Estes dias de que estais privado, e que vós me concedesteis, serão agora reunidos aos meus. — Que? pois é esse o preço dos teus serviços? Outros houverão que ainda os pagarão mais caro; assim como o Marechal Fabert, que eu tambem protegia. — Calla-te, calla-te, lhe disse, não é possivel; não é verdade. — Embora, mas ide-vos preparando, pois que só vos resta meia hora de vida.—Tu zombas de mim, tu m'enganas...—Não por certo; senão calculae vós mesmo. Trinta e cinco annos que tendes vivido realmente, e vinte e cinco que perdesteis, fazem sessenta.

Dito isto, tentou sahir ... ao mesmo passo que me parecia que as forças me abandonavão ... e que a vida se me extinguia. — Yago! Yago! exclamei, concede-me algumas horas; sómente algumas horas. — Não, respondeu elle, seria rouba-las á minha existencia, e eu conheço melhor do que vós o preço da vida. Não há thesouro algum que possa pagar duas horas d'existencia.

Então mal podia eu fallar; a luz fugia de meus olhos, e o frio da morte me gelava as veias. — Ouve, lhe disse fazendo um exforço; torna a haver esses bens pelos quaes sacrifiquei tudo. Dá-me mais quatro horas de vida, e renuncio a esse ouro, essas riquezas, a essa opulencia, que tanto dezejei. — Consinto, tornou o preto, tendes sido bom amo, e quero conceder-vos alguma cousa."

E logo senti que as minhas forças se reanimavão.... e de novo exclamei; Quatro horas, é tão pouco; Yago!.. Yago!.. dá-me outras quatro, e de bom grado renuncio á minha gloria litteraria, a todas as minhas producçoens, e a tudo o que me havia grangeado no mundo tão alta estima. — Quatro horas por tudo isso, disse o preto com desdem... é muito; mas embora, não posso recusar-te a ultima graça que me pedes. — Não, não é a ultima, exclamei juntando as mãos, — Yago... Yago, por quem és, concede-me doze horas, o dia inteiro até começar a noite, e consinto que seja para sempre riscada da memoria dos homens a fama das minhas victorias, e da minha gloria militar. — Estais abusando da minha bondade, torna o preto; mas não importa, a-

inda consinto e te concedo a vida até o pór do Sol. Seria inutil pedir-me mais concessoens ; adeus, á noite virei reclamar o resto da tua existencia.

" E logo partio , prosegue o desconhecido com um accento de desesperação ; . . e este dia em que vos fallo é o ultimo que me resta ! —" Aproximando-se depois á porta que communicava com o parque , exclamou —" Ah ! não tornarei a ver este azulado céo , estes verdes prados , e essas agoas cristalinas ; nem poderei mais respirar o ar embalsemado da primavera ! Quanto fui insensato ! Quem me impedia de gosar por mais vinte e cinco annos estes bens que Deus concede a todos , estes bens a que era insensivel , e cujo valor só agora aprecio ! Desperdicei os meus dias , trocando-os por uma chimera vã, por uma gloria esteril, que me não trouxe a felicidade , e que morreu antes de mim. „

Neste momento tomando-me pelo braço exclamou ; " Vêde como o sol é bello ! . . . e tudo serei obrigado a deixar ! — Quero ao menos gosar este dia tão puro e tão sereno que para mim será o ultimo da vida ! . . „

Dito isto , correu para o parque , e n'um momento , entrando em uma rua travessa , desappareceu a meus olhos.

O que eu acabava de ouvir me tinha sobremodo commovido. Caminhava a largos passos pela salla , como para me persuadir que estava acordado . . . que tudo isto não havia sido um mero sonho . . . quando um creado , abrindo a porta me annunciou seu amo o Duque de C . Entrou logo uma personagem mui grave , com uma physionomia mui insinuante, a qual estendendo-me a mão mui cordialmente me pediu que o desculpasse por me haver feito esperar tanto tempo. " Eu não estava no palacio , me disse elle ; acabo de chegar da proxima Cidade , onde fui consultar um medico em rasão do mau estado de saude de meu irmão mais moço , o conde de C... E a sua molestia é muito grave , lhe perguntei. — Não , graças ao Ceo , me tornou o duque ; na sua mocidade ideas d'ambição e de gloria tinhão exaltado a sua imaginação ; e ultimamente teve que soffrer uma molestia mui grave , que lhe

deixou no cerebro uma especie de delirio e d'alienação, que lhe faz crer que só tem um dia para viver. Tal é a sua loucura. ,,

Estas poucas palavras me explicarão todo o mysterio.

Porem tratemos do vosso negocio, proseguiu o duque, e vejamos o que se poderá fazer para o vosso adiantamento. No fim do mez partiremos para Versailles, e lá vos appresentarei na côrte.

— Conheço a bondade com que me favoreceis, e é justamente o que eu vos vinha agradecer. — Que! Pois tendes já renunciado á côrte e ás vantagens que dali podeis tirar! — Sim, senhor. — Mas pensae, que com os meus bons officios podereis caminhar rapidamente .... e que daqui a dez annos ... — Dez annos perdidos! exclamei. — Então, respondeu elle admirado, será pagar muito caro a gloria, a fortuna, e as honras? .. Vamos, mancebo, partiremos para Versailles. — Não, Sr. Duque, eu parto para a Bretanha, e vos rogo queiraes receber os meus agradecimentos e os da minha familia.

E' uma loucura! exclamou o duque.

E eu, pensando no que acabava de ver e ouvir, disse comigo; — é ter juiso! —

No dia seguinte estava já a caminho. E com que praser eu tornei a ver os patrios lares, os meus vassallos, minhas irmãs, minha mãe, e a felicidade!... sim a felicidade que nunca mais me abandonou, pois passados oito dias tinha desposado Henriqueta.

———

Noticias Scientificas.

Origem da Iliada. — Pretende-se sómente fornecer os materiaes que possão servir para decidir a questão da origem dos cantos homericos, e não resolvel-a inteiramente. Partindo desta observação, que muitas vezes em certos fragmentos se reconhece a forma de cantos destacados, e a que o começo d'um não se liga com o fim do precedente, o Snr. Lachmann (autor destas reflexões) procura descobrir estes fragmentos isolados n'uma parte da Iliada e compara-os uns com os outros em relação ao objecto e ao estylo. Encontra poucos que concordem entre si para que se possão attribuir ao mesmo poeta. As continuações mesmo e os preambulos que parecem ao autor terem sido compostos para cantos já existentes, estão em seus detalhes em contradicção com estes cantos. O autor marca tambem no curso mesmo de cada canto interpolações d'uma grande extensão, e de que algumas são indignas do original.

Consumo de París em differentes epocas. — Eis aqui o resumo das observações do Snr. Chateauneuf.

Segundo os calculos de Lavoisier, na epocha de 1787 — 1789, consumia-se em París, termo medio, por habitante, 174 libras de carnes de toda a especie, 120 garrafas de vinho, 4 d'agua-ardente, e 1 *voie* de lenha.

Em 1817 o Snr. Chateauneuf tendo refeito, segundo dados novos, os mesmos calculos, achou que cada habitante de París consumia annualmente 149 libras de carnes, 144 garrafas de vinho, e queimava meia *voie* de lenha.

Hoje o Snr. Millot, tendo feito um calculo analogo, tem chegado a este singular resultado, que o consumo da cidade de París de carnes d'açougues vae diminuindo á proporção que a população augmenta. A prova é fornecida pelos relevés de permissão calculados pela mediania de 5 em 5 annos, e comparados com a popu-

lação igualmente redusida á mediania dos recenseamentos quinquenaes de 1831 a 1836. Assim por exemplo, em 1789, epoca em que a população de París era de 600,000 individuos, entravão na cidade 558,000 cabeças de gado; hoje entrão somente 526,000. Para que cada habitante bebesse a mesma quantidade de vinho que n'esta epoca, seria necessario que entrassem 962000 hectolitros; não entrão porem senão 872,000. Finalmente, se o consumo do pão não tem diminuido, não tem tão pouco augmentado. Avalia-se que quasi 2000 sacos de farinha são convertidos em pão pelos padeiros da capital em um só dia, o que não dá com tudo uma libra a cada habitante.

Se tem havido diminuição no consumo de carnes d'açougue e outros objectos, tem havido notavel augmento em outros generos d'alimentação, principalmente no consumo de carnes salgadas e da carne de porco, assim como no consumo de manteiga e legumes.

Economia politica. — Sistemas penitenciarios. — O Snr. Carlos Lucas combate o sistema pensylvaniano que, como se sabe, impõe a reclusão cellular de dia e de noite. Procura provar que a prisão solitaria é contraria á humanidade, á necessidade da nossa epoca e ao caracter da nacionalidade franceza; sustenta demais que elle não pode servir para fazer a educação do criminoso. Não vê, por conseguinte, senão uma repressão e não uma regeneração, fim principal a que um sistema penitenciario deve tender. " A prisão solitaria, diz elle, não é senão uma quarta invasão da força material, uma quarta medida da mesma natureza e da mesma familia que a detenção perpetua, a deportação e a morte; porque este sistema reduz-se a metter entre o preso e a sociedade, em lugar do intervallo dos mares, da escravidão e da tumba, o intervallo da solidão. Não é com effeito a vontade do bem, mas a impotencia do mal que elle vem impor ao criminoso. Elle só tem por fim agrilhoar o vicio por um obstaculo material durante o tempo do captiveiro, sem oppor á reincidencia o obstaculo moral do habito para a época da soltura; esquecendo que tem arrebatado á sociedade o prezo e que necessita depois restituil-o nella ..... Ora, em a nossa época em que, na or-

dem penal como na ordem social, a força moral tem tomado possessão do homem e da sociedade, é necessario que o castigo regenere ao mesmo tempo que pune. A penalidade, intitulando-se penitenciaria, tem inaugurado por esta palavra a era da força moral. E eisaqui que no fim desta era nova, depois da abrogação gradual da pena de morte, a decadencia progressiva da deportação, o fim proximo das penas perpetuas, a reclusão solitaria vem de novo recorrer á força material ... „

O Snr. Carlos Lucas procura depois mostrar todas as vantagens que apresenta o systema da reunião para operar a educação moral dos prezos.

" E', diz elle, o mesmo da reunião em prizão como da liberdade neste mundo: segundo o seu bom ou mau uso, é uma fonte de mal ou de bem. E' com a reunião que se pode, na caza destinada á penitencia, crear o movimento; depois pelo movimento a acção do corpo e do pensar; por esta acção, a vida externa e interna; por esta, o imperio da disciplina, chamada a fazer um homem d'um criminoso, interna como externamente, para seguir e regular sua existencia phisica e moral no movimento quotidiano da vida ponitenciaria. E' pela reunião que dispondo de todos os movimentos e de todas as faculdades do preso, se chega a involvel-o n'uma atmosphera d'habitos sanitarios, sobrios, regulares, laboriosos, economicos, moraes e religiosos..... „

Probabilidade do erro nos tribunaes. — O auctor considéra o cazo de desigual veracidade dos juizes que é o de todos os tribunaes.

Suppondo que os limites da veracidade de càda juiz sejão conhecidos, o Snr. Ostrogradski dá as formulas analiticas relativas aos differentes casos que podem aprezentar-se para a probabilidade do erro d'um tribunal composto d'um numero dado de juizes. Elle suppõe primeiro que se conhecem nominalmente os juizes que decidem affirmativamente uma questão litigioza, e por consequencia que tambem se conhecem os que votão contra. Examina tambem os casos em que só uma parte de juizes d'um mesmo parecer e uma parte dos de parecer contrario sejão nominalmente conhecidos. Depois indica os meios para determinar os limites da veracidade dos juizes se-

gundo a experiencia ; e termina pela consideração do caso d'igual veracidade , caso já tratado por Condorcet e Laplace.

Na hypothese que as veracidades dos juizes se achão todas comprehendidas nos mesmos limites , o Snr. Ostrogradski acha que a probabilidade do erro a temer não depende senão da maioria , isto é , da differença entre os numeros dos juizes d'opiniões oppostas. Laplace e Condorcet tinhão pensado que um igual resultado seria contrario á indicação da simples razão natural ; porem o Snr. Ostrogradski pretende que não ha nisto cousa alguma contraria ao bom senso. Depois de ter citado a passagem em que Laplace falla da extrema differença que se é naturalmente obrigado a estabelecer entre a probabilidade do erro d'uma sentença proferida unanimemente por um tribunal de 12 juizes , e a probabilidade do erro da sentença proferida pela maioria de 12 votos n'um tribunal de 212 juizes , o Snr. Ostrogradski s'exprime assim :

" Para menos discussão , comparemos um só juiz pronunciando-se affirmativamente n'uma questão em um tribunal A de 3 juizes, dous dos quaes se pronunciem affirmativamente e o terceiro negativamente. Sem mudar nadá á questão pode-se representar o juiz unico por um tribunal B de 3 juizes um dos quaes affirma e os dous outros são d'opiniões desconhecidas. Nós poderemos , relativamente ao tribunal B , fazer as tres hypotheses seguintes: 1.° os dous juizes d'opiniões desconhecidas são do mesmo parecer que o primeiro ; 2.° um delles é da opinião do primeiro , outro não ; 3.° ambos contradizem o primeiro. A 2.ª hypothese é exactamente o caso do tribunal A ; a primeira é em vantagem do tribunal B, ou, o que é o mesmo , em vantagem d'um só juiz ; e a ultima , pelo contrario , é em vantagem do tribunal A. Ora, eu não vejo porque razão a primeira hypothese augmentaria a probabilidade d'um só juiz mais do que a ultima a enfraquece.

" N'um tribunal de 212 juizes , a maioria de 12 votos mostra que 112 são conformes; mas n'um tribunal de 12 juizes que pronunciam unanimemente , não ha certeza senão do accordo de 12 votos, e ignora-se se elevando-se o numero dos juizes a 212 , os 200 que a-

crescem não serião d'opinião contraria aos 12 primeiros juizes. Dá-se a maior confiança a um tribunal imparcial e esclarecido composto de 12 juizes que decidem unanimemente ; mas se o tribunal fosse composto de 212 juizes cujas opiniões s'ignorassem á excepção de 12 que fossem unanimes seria necessario esperar que a maioria fosse conhecida para se decidir; com tudo, ignorando a opinião dos 200 juizes, nós somos exactos no cazo do tribunal dos 12 juizes concordes. De donde resulta a grande differença na confiança, que nós concedemos ao mesmo numero de juizes igualmente veridicos e na mesma situação relativamente a nós. Esta differença não existe; nós somos indusidos em erro por não ter sufficientemente aprofundado a materia. Mais uma observação :

" A decisão d'um tribunal de 1000 juizes, por exemplo, dos quaes 500 decidem uma questão affirmativamente e os outros 500 negativamente, é nulla. Os 500 votos pozitivos são destruidos pelos 500 negativos, como o serião duas forças iguaes e contrarias applicadas a um mesmo ponto. Ajuntemos um voto affirmativo de mais. Segundo a opinião recebida, este voto addicional será enfraquecido pelos votos destruidos, ou enfraquecerá o pezo de 500 votos affirmativos que o teem precedido; porque antes do voto addicional os 500 votos affirmativos destruirião os 500 votos negativos, e depois da addição não os destroe, os votos negativos o importão sobre os positivos, pois que a differença de 501 votos positivos e 500 votos negativos é menor que um voto. Vê-se que o enfraquecimento do voto addicional por os votos que, d'alguma sorte, não existem, não poderia ser admittido ; vê-se igualmente que uma voz demais não pode senão augmentar a força d'aquella a que se ajunta.

" Sendo certo que se é indusido a considerar como nulla a decisão d'um numerozo tribunal dada por uma fraca maioria, e que se dá pelo contrario um grande pezo a uma decisão unanime do tribunal composto d'um pequeno numero de juizes, eu julgo que o que nos induz a isto é antes um prejuizo que o bom senso e a consideração exacta da materia. ,,

Tribunal dos Centumviros em Roma. — Sua origem, forma e attribuições.

Os autores latinos fallão do tribunal dos Centumviros como d'uma instituição judiciaria á qual se recorria

frequentemente em Roma ; mas não ha na historia do Direito objecto algum sobre que hajão opiniões tão incertas e divergentes. Para fixar a epoca de seu estabelecimento , costuma commummente invocar a auctoridade do testemunho indirecto de Pomponio que , em seu Enchiridion, falla da instituição dos *decemviri stlitibus judicandis.* Este testemunho é d'um fraco valor ; e como os decemviros são já nomeados na lei *Valeria Horatia* (tit. Liv. , 3 , 55) , promulgada em 449 ant. de J. C. , os *judices decemviri* são os mesmos que os *decemviri rebus judicandis* ; torna-se verosimil que os decemviros e centumviros , entre os quaes é por certo necessario admittir uma ligação , teem sido estabelecidos no mesmo tempo que todo o processo judiciario dos Romanos , por a legislação das doze *tables.* O augmento que se fez a seu numero primitivo explica-se pelo mesmo augmento do numero das tribus; porque não havião senão vinte e uma na epoca da promulgação das taboas , tanto que mais tarde houverão trinta e cinco. E' verosimil que os centumviros fossem escolhidos sem distincção de classe. O signal de sua jurisdicção , *a hasta*, é o simbolo do povo , ou uma maneira d'annunciar que se trata dos negocios do povo, *populi res agitur.* Elles formavão quatro conselhos , *consilia* , e pode-se provar , pela interpretação de diversas passagens d'autores, que estes conselhos julgarão umas vezes separadamente , cada um sobre negocios differentes ; outras vezes reunidos dous a dous ou n'uma só hasta (*quadruplex judicium*). Neste ultimo caso, os votos erão contados não segundo o numero total dos cento e oitenta juizes, mas segundo o dos conselhos , e que differião com igualdade, um contra um, dous contra dous ; o juizo ficava suspenso , e a decisão dependia d'uma convensão dos centumviros. *Plin. Epist. VI*, 33. *Marcellus*, l. 10. *Dig. de inoff. test. Si pars judicantium contra testamentum, pars secundum id sententiam dederit,* Humanius *erit siqui ejus partis sententiam.* O tribunal dos centumviros é por tanto mais que um tribunal especial , é um corpo politico judiciario , opposto ao *judex privatus.*

Se procuramos saber qual era sua attribuição , vê-se primeiro que elle julgava as *causæ privatæ* ; Phedro (Fab. III , 10) faz tambem menção d'uma causa civil que lhe pertence. Mas quando se quer determinar quaes

erão as *causæ privatæ* que erão de sua jurisdicção, vê-se com facilidade que não ha rasões legitimas para crer, como nestes ultimos tempos se tem pertendido, que erão sómente *actiones in rem*, das queixas concernentes á propriedade quiritaria; que até á lei Æbutia todas as queixas desta natureza erão da competencia dos centumviros, e que depois desta lei o accusador tinha a liberdade de levar o negocio ao juizo particular em virtude da formula pretoriana, ou perante os centumviros em razão da antiga *legis actio*. Com effeito a hypothese d'uma livre escolha é fundada sobre uma falsa interpretação d'uma passagem de Cicero (*in Verr.* 1, 45), e sobre uma inexacta combinação de duas outras passagens do mesmo autor, *De orat*, 1, 28; et *Orat.* 21. Quanto á opinião que *todas* as queixas em materia de propriedade quiritaria, e aquellas *somente*, erão destinadas aos centumviros, ella vem de se ter mal comprehendido a passagem acima citada, *De orat.*, 1, 38, de donde se poderia concluir com igual razão que todos os processos em geral pertencião ao tribunal dos centumviros; e que fóra deste tribunal não havião outros juizes em Roma.

Confrontando e classificando os vinte processos pouco mais ou menos mencionados pelos autores como levados perante o tribunal dos centumviros, acha-se que não erão somente queixas em violação da propriedade que lhe erão submettidas, mas que em todas se tratava tambem essencialmente de decidir uma questão de direito, ou fosse porque o direito escripto era incompleto sobre o ponto em litigio, ou porque elle devesse ser reformado como vicioso, isto é, como não conforme ao sentimento de justiça dominante no momento. Os centumviros formavão por tanto uma representação juridica do povo para o engrandecimento e melhoramento do direito; suas decisões, em quanto se não alteravão, vinhão em frente do edito do pretor, e nota-se que os pontos mais importantes sobre que o direito romano desenvolvendo-se se affastou das doze tabellas, eram decididos neste sentido pelos centumviros, muitos seculos antes que a lei os providenciasse ou fosse alterada. E' de crer que o collegio dos *decemviri stlitibus judicandis* tinha primitivamente a decidir a questão de competencia, isto é, se um negocio devia ser appresentado aos centumviros, e por consequencia tambem

as questões que elle originasse antes de seu julgamento. Esta marcha foi pouco e pouco abrogada em consequencia d'uma usurpação do pretor no edicto *actionem dabo* et *possessionem dabo*, usurpação que teve sua origem nos usos dos decemviros e dos centumviros; de sorte que as funcções dos decemviros tornarão-se insignificantes, e que Augusto pode ajuntar-lhe o presidir os conselhos do tribunal dos centumviros. Nada s'encontra nos autores que indique que a competencia destes tenha sido determinada de novo e elevada por Augusto. Se, como se pretende, se não fez sempre o mesmo caso de sua jurisdicção nos differentes periodos da historia romana, é necessario attribuil'-o á differença entre a eloquencia da praça publica e a da caza da Audiencia; tanto que a primeira foi florescente e que se usou nos julgamentos publicos; a outra não occupou senão um lugar inferior e foi muito menos florescente. O numero dos processos que se appresentou aos centumviros, notavelmente d'aquelles que tinhão menos importancia, augmentou sempre mais á proporção que a rudeza e a simplicidade do antigo direito romano forão mais discordes com a molleza e a corrupção do imperio, até que Adriano introduziu no seio dos corpos judiciarios uma mudança ligada á fixação do edito do pretor. A authoridade do tribunal dos centumviros tambem, antes desta epoca, devia soffrer da appelação ao principe que ganhou sempre mais terreno, e é lá que deve procurar-se a razão que fez insensivelmente cahir em desuzo esta jurisdicção popular.

Leis de formação dos vegetaes. — O Snr. Chatin offereceu á Academia Real das Sciencias de Pariz as seguintes cinco proposições sobre que promette voltar mais tarde.

„ 1.° A lei de symetria ou de formação centripeta, descoberta por o Snr. Serres no reino animal, preside tambem á formação dos vegetaes.

„ 2.° Esta lei é propria aos vegetaes d'um e de dous cotyledones.

„ 3.° Uma lei de formação bem differente, centrifuga ou radiante, muitas vezes irregular em sua marcha, estende-se a uma outra parte dos vegetaes.

„ 4.º A esta segunda formação pertencem as plantas inferiores, conhecidas em geral pelo nome de plantas cellulares.

„ 5.º A lei d'equilibrio dos orgãos; proclamada em zoologia por o Snr. Geoffroy Saint-Hilaire, desde muito admittidas em suas descripções pelos botanicos, resurge claramente d'observações em que a natureza tem sido surprehendida na obra. „

Sobre o mesmo objecto, dirigiu o Snr. Moquin á mesma Academia na Sessão de 8 de Maio de 1837 o resumo d'um *ensaio sobre as anomalias da organisação* vegetal, que elle intenta publicar brevemente. Faz esta communicação por ter sabido das cinco proposições do Snr. Chatin, ás quaes tambem o autor tem chegado.

Nesta primeira carta sómente se trata da ordem de formação dos vegetaes vasculares. Nós vamos reproduzir a maior parte desta carta.

O autor começa por fazer ver que, segundo as observações do Snr. Mirbel, a ordem de formação do ovulo tem lugar marchando da peripherica para o centro; com effeito, esta ordem nos apresenta successivamente a primina e o exotomo, a secundina e o endostomo, a tercina e sua cavidade, a quartina, a quintina e o embryão.

Se se observa o desenvolvimento dos botões notãe-se tambem tunicas que se cobrem umas ás outras. Vèr-se-hão formar primeiro as escamas, a pellugem, ou as partes exteriores, depois o primeiro verticillo ou a primeira espiral de folhas, a segunda depois, e assim por diante, e em cada espiral de folhas as mais inferiores ou as mais exteriores mostrar-se-hão antes das outras. Desta maneira mostra-se o desenvolvimento executivo ou contripeto tanto nos botões como nos ovulos.

Se nós estudamos depois o modo de formação dos apparelhos floraes, nós reconhecemos que o calis apparece primeiro; vem depois a corrolla e a androcea, ou o verticillo dos estames, e depois a gynecea ou o verticillo dos pistillos.

Eis aqui o ovulo, os olhos e as flores que nos apresentão em seu modo de formação a lei do desenvolvimento excentrico ou centripeto. Mas as partes das

flores, dos olhos ou do ovulo serão submettidas á mesma lei que rege estes aggregados organicos? O Snr. Moquin escolhe para exemplo a anthera em razão da sua complicação.

„ A anthera, diz elle, é composta primeiro d'uma pequena quantidade de tecido cellular perfeitamente uniforme, contendo alguns corpusculos em estado de liberdade. As cellulas da peripheria se modificão primeiro e se dispoem para a producção das membranas antheraes; veem-se logo no centro dous grupos de cellulas que se dilatão gradualmente. Os granulos que ellas encerrão se multiplicão e enchem suas cavidades augmentadas. As paredes destas cavidades augmentão d'espessura, e se separão da massa dos granulos. Pouco tempo depois 2 ou 3 ou 4 appendices em lume de cerro desenvolvem-se a igual distancia uns dos outros sobre a face interna da cellula, e enterrão gradualmente o seu cortante para o centro, de tal sorte que fendem a massa granulosa e terminão por dividil-a em duas ou muitas pequenas massas. Quando seus appendices se encontrão no meio, elles se enxertão mutuamente. Então as pequenas massas granulosas se fazem esphericas; o tecido que as cérca se desloca, se arredonda e forma a cada uma dellas um duplo tegumento. Cada pequena massa é então convertida n'um grão de pollen.

„ E' evidente, conforme o exemplo citado, que os orgãos se desenvolvem da peripheria ao centro como nos aggregados organicos. Póde-se por tanto concluir que a lei da formação centripeta, descoberta por o Snr. Serres no reino animal, preside tambem á embryogenia dos vegetaes vasculares.

„ Esta conclusão, acrescenta o autor, é confirmada por um grande numero d'observações que publicarei n'uma memoria particular.

„ Entretanto uma circunstancia tem parecido oppôr-se á nova theoria; é a maneira porque os olhos dos gomos e os botões das folhas sahem ou nascem dos eixes vegetaes. Uma força particular os impelle de dentro para fóra, e esta primeira apparição é indubitavelmente um phenomeno centrifugo. O estudo dos animaes das classes inferiores me tem feito apreciar a natureza e o valor desta apparição.

„ Todo o mundo conhece o Polypo da agua doce. Nos primeiros tempos de sua existencia, é um pequeno tuberculo composto d'uma substancia cellulosa homogenea. Esta materia escava-se no centro, e forma-se o tubo ou estomago, isto é, a cavidade representante de todo o systema digestivo. O nascimento dos orgãos tem por tanto lugar neste animal da peripheria para o centro como nos animaes os mais bem organisados. Quando o Polypo se reproduz, vêem-se apparecer em diversos pontos da superficie de seu corpo, pequenos tuberculos primeiro microscopicos que se desenvolvem gradualmente segundo a mesma lei, e acabão por formar individuos á sua similhança. Estes tornão-se livres e a reproducção está preenchida. Ora, estes tuberculos que apparecem na superficie do Polypo não nascem do animal por um movimento da peripheria para o centro, mas, pelo contrario, por uma evolução do centro para a peripheria; porque a reproducção deve ser encarada em definitiva como a expulsão para fóra d'um individuo d'uma porção de sua substancia. E' um phenomeno essencialmente centrifugo.

„ Entretanto, supponhamos que todos os novos animaes produzidos pelo primeiro Polypo se não destacão; que elles se augmentão e produzem de sua parte outros Polypos similhantes a elles, prezos da mesma maneira a seu corpo, e que 3, 4, 5, 10, 20 gerações se succedem apresentando o mesmo phenomeno; nós teremos um ser collectivo maior ou menor e mais ou menos ramificado. Neste aggregado, cada Polypo elementar será o producto d'um desenvolvimento excentrico ou centripeto, e o Polypo collectivo será formado por um desenvolvimento do centro para a circumferencia. O que se passa nos vegetaes vasculares é exactamente o que acontece nestes Polypos aggregados.

„ A maior parte dos botanicos considerão hoje os vegetaes não como seres simplices ou unitarios, mas como seres compostos ou aggregados d'individuos. Os individuos elementares são os olhos. Estes olhos manifestão-se de duas maneiras. São olhos propriamente ditos (embriões genuinos ou fixos) ou botões floraes (embriões grãos ou moveis). Os primeiros ficão sempre adherentes ao vegetal; allongão indefenidamente

seu eixe ou suas ramificações, e formão a seu tempo outras gerações d'individuos. Os botões floraes não estão fixos ao vegetal senão n'uma limitada duração; elles se abrem nelle, terminão assim o desenvolvimento do eixe que os sustenta, e produsem germes que se separão do individuo collectivo e vão em outro lugar dar origem a seres novos.

„ Eu deixo provado mais acima que estas duas especies de olhos e as partes que os compoem se desenvolvem da peripheria para o centro. A comparação do vegetal com os Radiantes acaba d'estabelecer que o nascimento destes individuos é uma verdadeira reproducção, e que elles são impellidos do interior para a peripheria; por conseguinte, nos vegetaes vasculares os individuos elementares formão-se segundo a lei excentrica ou centripeta, e o individuo collectivo segundo a lei centrica ou centrifuga. „

Apparelho para copiar depressa. Este apparelho inventado por o Snr. Lanet, e chamado por elle *prompto-copista*, compõe-se d'uma pequena prensa de borel em rolo, um humedecedor, um panno envernizado, uma folha delgada de metal, um pincel, um frasco de tinta e pós; podendo tudo ser contido n'uma boceta de 18 pollegadas de comprimento, 12 de largura, e algumas d'espessura. Uma tinta muito hygrometrica para escrever os originaes, um pó igualmente hygrometrico para tomar as copias, eis o que formão a baze da invenção.

Para trabalhar com o apparelho *prompto-copista*, começa-se comprimindo por meio da prensa o original contra uma folha de panno envernizado. A contra-prova obtida sobre o panno pelo transporte d'uma porção da tinta do original é pulverisada com o pó hygrometrico para servir no tirar da copia.

O original fornece em caso de necessidade sobre o panno envernizado muitas contraprovas; e estas podendo ser muitas vezes successivamente pulverisadas, podem-se assim simultaneamente tirar muitas copias. Basta para isto pulverisar de cada vez a escrita do original, enfraquecida pelos successivos emprestimos, para lhe restituir a sua côr primitiva.

Nestas diversas operações, o ligeiro grao d'humidade necessario para fazer a descarga da tinta do ori-

ginal, ou a dissolução da copia, é dado só pela insuflação do ar quente e humido que tem servido á respiração. Este methodo é aqui substituido por um apparelho especial que o Snr. Lanet chama um humedecedor. Uma chapa de metal com um rebordo, coberta d'um panno molhado, é revirada durante alguns segundos sobre o original ou sobre o panno envernizado carregado pela copia. Esta mui curta demora na atmosphera humida da chapa basta para dar á tinta e ao pó hygrometrico toda a sua efficacia.

(Este apparelho foi approvado pela Academia Real das Sciencias de París.)

Experiencias sobre as propriedades do sangue. — Estas experiencias feitas por o Snr. Letellier, e approvadas pela Academia de Medicina de París, são enunciadas nas seguintes proposições.

1.° A quantidade do soro do sangue está geralmente em relação com a quantidade d'agua que este contem. 2.° A separação do sangue em sôro e em coalho explica-se pela simples suspensão da circulação. 3.° A albumina e a materia colorante são precipitadas pelos acidos em massa soluveis na agua, inconcresciveis pelo calor. 4.° A materia colorante absorve o oxigéno no mesmo tempo que ella desenvolve o carbono para dar nascimento á fibrina. 5.° Ella é precipitada pelos saes acidos em massa insoluvel. 6.° A fibrina formada pela respiração é empregada em a nutrição. 7.° Ella perde um pouco mais de dois terços, e um pouco menos de $\frac{3}{4}$ de seu pezo pela dissecação. 8.° O sangue humano peza de 1041 a 1058,5, e este pezo não parece em relação com nenhum de seus elementos organicos; ella é mais consideravel quando se priva da fibrina. 9.° Os tres elementos organicos do sangue são globulares; a albumina parece sómente suspendida e não dissolvida. 1.° O sangue arterial peza menos que o sangue venozo, contem mais fibrina e menos sôro. 11.° A fibrina é susceptivel de variações mui rapidas com o mesmo individuo; os outros elementos não mudão senão lentamente. 12.° Dos tres elementos do sangue não ha senão a fibrina que pareça em relação com a febre nas doenças sthenicas. 13. A crusta inflammatoria não está em relação com a albumina do sôro.

Animalculos contidos no succo das plantas. O Snr. Mandl tem encontrado uns succos de quasi todas as plantas infusorias de diversas formas.

Estes animalculos são muito desenvolvidos em alguns generos, por exemplo, no genero *Euphorbia.* Expondo uma gota do succo lacteo destas plantas ao microscropio, observão-se animaculos de muitas especies, ou talvez sómente de differentes graus de desenvolvimento; uns oblongos, mui estreitos, arredondados nas extremidades, compridos d'uma a 3 centessimas de millimetro, flexiveis e transparentes; parecem tanto mais vivos quanto são mais pequenos, e vêem-se muitas vezes encurvar seu corpo. Se a planta tem sido arrancada desde uma ou duas horas, elles morrem perdendo sua transparencia e sua fórma; inchão então, vêem-se nascer excrecencias em sua superficie, e logo arrebentão. Achão-se ás vezes alguns já mortos nos sucos em circulação. Uma segunda especie, mais viva, d'uma centessima de millimetro de comprimento pouco mais ou menos, é oblonga d'um lado, arredondada do lado opposto; uma terceira consiste em globulos mui vivos, voltando-se continuamente sobre si mesmos, e muito differentes por sua fórma e grandeza dos globulos do succo. Seu numero varía nas diversas plantas; são muito numerozos, por exemplo, no *Euphorbia buplevri folio.* Em outros generos, o genero Aloes, por exemplo, elles estão n'um grau menos avançado de desenvolvimento. Nota-se no interior destes infusorios uma apparencia de movimento, mas que é devido talvez ás continuas oscillações destes corpusculos. Bem differentes em sua fórma dos Raphidios que se encontrão nas cellulas de muitas plantas (por exemplo *Aloë*, *Tradiscantia discolor*, &c.), a natureza de seus movimentos, de suas inflexões, e o genero de sua morte apresentão alem disso caracteres mui distinctos para que se não possa confundil'-os com os globulos observados por o Snr. Robert Broum e alguns outros sabios.

O autor termina com a seguinte questão: Os animaes que circulão com a seiva não serão a origem dos Infusorios atribuidos a uma geração espontanea? Não constituirão elles por si só tambem as substancias azotadas observadas em algumas plantas?

INDICE.

Das materias contidas neste Numero.

I. Antiguidades — Sobre a Estatua Equestre da Ilha do Corvo ... 61

II. Paleographia — Dos livros e Manuscriptos antes e depois da imprensa (*Quarta Parte*) 67

III. Litteratura — Roteiro da Viagem, que em descubrimento da India fez D. Vasco de Gama... 79

IV. „ O Torista em Portugal.... 84

V. Economia Politica — (Continuação do artigo *Capitaes* 89

VI. Variedades — O Preço de Vida (*Historieta*) 96

VII. Noticias Scientificas 106

REVISTA LITTERARIA.

Historia Portugueza

MEMORIA.

Sobre a expedição de Vasco da Gama ao Descobrimento da India em 1497

> Credendumque doctissimis hominibus, qui unicum adversorum solatium litteras putaverunt.
>
> *Quintilian. Inst. L. VI. Praefat.*

A viagem maritima, que o grande Vasco da Gama fez ao descobrimento da India no anno de 1497, de mandado de elRei de Portugal, navegando de Lisboa até Calecut, foi huma das emprezas mais extraordinarias, que se concêberão e executárão nos seculos modernos, ou se considerem as difficuldades e os perigos, que se podião temer, e effectivamente se encontrarão no seu desempenho, ou se attenda á influencia que ella teve sobre os progressos da Geografia, e co-

nhecimento do globo, sobre a extensão do commercio, e communicação dos povos, sobre o adiantamento das sciencias e artes, e finalmente sobre a civilisação geral do mundo.

Com este grande acontecimento poserão os Portuguezes o ultimo remate e gloriosa corôa aos vastos planos do immortal infante D. Henrique, e ás perseveradas diligencias, e incessantes e dispendiosos trabalhos, com que, depois da sua morte, os Reis Portuguezes promoverão seus grandiosos e utilissimos intentos. Com este acontecimento mostrárão, apezar da inveja, e da ingrata malevolencia, até onde podia chegar o valor, a constancia, e a nobre ousadia de hum Povo que em todo o tempo se distinguio, ou na guerra por feitos illustres, ou na paz por actos de generosa virtude, e sempre pelo mais ardente amor de gloria, e da grandeza da sua patria.

Este mesmo acontecimento porêm, assim como muitos outros, que honrão os Fastos de Portugal, tem sido quasi acintemente alterado, e talvez desfigurado com circunstancias pouco exactas, com reflexões vãas e ineptas, e até com accessorios fabulosos, por escriptores não bem informados das particularidades da historia, ou pouco attentos á verdade, e imparcial sinceridade, que ella deve professar. Pelo que nos pareceu ajuntar nesta Memoria tudo o que possa concorrer para o bom conhecimento de tão notavel successo, rectificando os erros que ácerca delle temos notado em differentes escriptos, e preparando deste modo materia para hum dia se escrever com exacta e sincera verdade esta parte da historia de nossos descobrimentos.

Art. I.

Primeiros preparos da armada que foi ao descobrimento da India.

ElRei D. João II. comprehendeu perfeitamente o plano traçado por seu tio o grande e immortal infante D. Henrique, e vio que elle se não limitava ao simples e vago descobrimento de novos mares, e novas terras, mas que tinha hum objecto mais determinado, e não

menos grande e util, qual era hir por meio da circumnavegação africana debellar a potencia dos mouros na India, trazer os povos idolatras á fé christãa, estabelecer com elles ajustes de commercio, e dar uma nova direcção ás drogas e especiarias orientaes, cujo monopolio era então o principal nervo do poder mahumetano, e o hia habilitando para submetter ao seu dominio os estados da Europa.

O grande Rei, possuido destas ideas, que tanto conformavão com o seu caracter nobre, e elevado, logo que subio ao throno, não deixou na verdade de promover o commercio portuguez da costa occidental de Africa de que já se tiravão grossos proveitos; mas teve sempre em vista o descobrimento da India, como fim principal a que devião endereçar-se seus cuidados e esforços, e com este intuito ordenou e executou a serie de descobrimentos, que sabemos, desde o cabo de santa Catharina até álêm do cabo da Boaesperança, e logo immediatamente o descobrimento da India por aquelle caminho já em parte explorado, e conhecido.

„ Polos grandes desejos (diz o seu chronista e
„ criado da sua escrivaninha, Garcia de Rezende) que
„ elRei *sempre teve* do descobrimento da India, no que
„ muito tinha feito e descoberto até álêm do cabo da
„ Boaesperança, tinha concertada e prestes a armada
„ para descobrila, com os regimentos feitos, e por ca-
„ pitão mór della Vasco da Gama, fidalgo da sua caza.
„ E por fallecimento de elRei a armada não partio. E
„ elRei D. Manoel, tanto que reinou, mandou par-
„ tir a dita armada, assi como estava prestes, pela
„ mesma ordenança, e os mesmos regimentos, que es-
„ tavão feitos, e por capitão mór o mesmo Vasco da
„ Gama, que depois foi Conde da Vidigueira, e Al-
„ mirante das Indias &cet. „

Por onde se vê que foi elRei D. João II. o que mandou aprestar a armada para o descobrimento da India, ordenando os regimentos para isso necessarios, e designando para a execução desta grande empreza o illustre Gama, que depois com effeito a executou: e se mostra ao mesmo tempo quaes forão os verdadeiros motivos, que influirão na resolução de elRei, a saber, *os desejos que sempre teve do descobrimento da India*, a

cuja satisfação e complemento se tinhão constantemente dirigido os seus precedentes descobrimentos desde a linha equinoccial *até além do cabo da Boa-esperança.*

Sem embargo porêm da innegavel verdade destes factos, hum geografo moderno, que devêra estar bem instruido delles, e de todas as circunstancias de hum acontecimento tão importante em geografia, não só altera e confunde algumas dessas circunstancias; mas até parece querer attribuir a expedição da armada, ao menos em parte, a hum motivo totalmente alheio do animo e das intenções de elRei, por ventura com o fim de deprimir por este modo, ou diminuir hum pouco a gloria dos Portuguezes.

„ Como as informações (diz este escriptor) que se
„ receberão da Abyssinia confirmavão a possibilidade
„ de huma passagem (por mar para o oriente), que
„ devia facilitar o commercio da India; elRei de Por-
„ tugal, *estimulado aliás pelo bom successo da viagem*
„ *de Colombo a oeste*, fez preparar outra expedição,
„ e Vasco da Gama foi encarregado de a commandar.
„ A 20 de Novembro de 1497 dobrou o cabo da Boa-
„ esperança ...etc. (*Pinkerton*, *Abregé de Geograph.*)

O escriptor parece confundir neste lugar o reinado de elRei D. João II. com o de elRei D. Manoel, e a época, em que se receberão as informações da Abyssinia, e se resolverão os preparos da armada, com a época da effectiva execução do descobrimento, e da primeira viagem de Colombo.

No fim do anno de 1487 foi elRei D. João II. informado do feliz successo da viagem maritima do intrepido navegador Bartolomeu Dias, que havia descoberto e dobrado o cabo da Boaesperança, e passado ainda além delle (1): e no anno de 1489, ou quando mais tarde no de 1490, recebeu tambem elRei as informações da Abyssinia, em consequencia da viagem por terra, que para esse fim tinha ordenado e expedido. (2)

---

(1) Bartolomeu Dias chegou a Lisboa em Dezembro de 1487, havendo 16 mezes e 17 dias, que tinha sahido para o descobrimento do grande Cabo.

(2) Affonso de Paiva e João Perez da Covilhãa sahirão para a India e Ethiopia por terra em 1487, e segundo as circunstancias, que sabemos da sua viagem, não é verosimil que tardassem mais de 3 annos as noticias della.

Humas e outras informações, pondo fóra de duvida a possibilidade de se passar por mar á India, excitárão (como era de esperar) grande alvoroço no animo de elRei, que se via em fim tão adiantado na empreza, que sempre desejára executar. E então tomou a resolução de logo mandar apromptar a armada para a expedição da India, como refere o seu domestico, e veridico chronista.

Em nada disto teve, nem podia ter, parte alguma o *estimulo*, que o geografo estrangeiro quer suppor *excitado pela viagem de Colombo*, o qual sómente partio para o seu descobrimento d'ahi a dous annos, em 1492, e sómente em 1493 aportou a Lisboa já de volta da sua primeira viagem.

Os projectos de elRei D. João II., em tudo conformes ás idéas primitivas do illustre infante D. Henrique, erão muito anteriores á expedição de Colombo, e tendão originariamente, e por huma longa serie de factos entre si ligados, á execução do plano, de antemão sabiamente concertado, e constantemente seguido desde o anno de 1416.

Em continuação deste plano he que elRei D. João II., subindo ao throno em 1481, mandou logo proseguir nas navegações de Africa, despachando para isso a Diogo Cão, que em 1484 e 1485 descobrio o Congo, e chegou aos 22 gr. austr.

Em continuação do mesmo plano é que este grande Principe mandou em 1486 Bartolomeu Dias (de que já falamos) ao descobrimento do cabo extremo meridional de Africa, a que el Rei deu o nome da *Boaesperança*, pela que então concebeo de chegar á India, termo de seus desejos. E despachou tambem por terra varios viajantes, entre os quaes se nomeão especialmente os dous Affonso de Paiva e João Perez da Covilhãa, encarregando-os de passarem á India, e penetrarem na Ethiopia sob-o-Egypto, como com effeito se executou. E tudo isto é muito anterior á viagem de Colombo.

Em continuação finalmente do mesmo plano é que aquelle sabio Rei rejeitou as vãas e quimericas propostas de Colombo (3), que ainda quando parecessem exequi-

(3) Chamamos *vãas e quimericas* as propostas de Colombo, por que lo verdade o erão, e não julgamos fazer com isso injuria ao nobre

veis, não satisfazião ao intento previsto, antes tornavão em certo modo inuteis todos os trabalhos até então emprehendidos, e com incrivel perseverança seguidos e executados por tantos annos.

Genovês, nem detrahir cousa alguma do seu merecimento e da sua gloria. *Colombo* (diz o Tarragonez *Girava*, na sua *Cosmografia*) *era grande marinheiro, e mediocre Cosmografo*. Este juizo nos parece exactissimo. Colombo tinha adoptado as erradas idéas de alguns antigos sobre a medida da circumferencia do globo, e sobre a prolongação das terras orientaes a éste; e consequentemente presumia, que navegando pelo atlantico ao occidente, havia de achar, a pequena distancia, as terras mais orientaes da Asia, e que poucos dias de navegação lhe bastarião para chegar a toca-las. Esta idêa estava de tal modo fixa em seu pensamento, que elle se encarregou de huma carta de elRei Catholico D. Fernando para o gran-Kan dos Tartaros, esperando dentro de pouco tempo entregar-lha, e comprimentar aquelle Principe em pessoa da parte del-Rei de Castella: e ainda depois de ter achado as Antilhas, insistia, em suas cartas, no projecto ou esperança de tocar na Asia, projecto e esperança, em que muitas vezes se achou enganado, mas que, segundo parece, nunca de todo abandonou. (Veja-se sobre este assumpto o moderno escriptor Anglo-Americano *Washington Irving*, na *Hist da vida e viagens de Colomb*, Paris, 1828, 4 vol. em 12.) E d'aqui vem que o douto historiador *Mr. Depping*, analysando a obra que citamos, não duvidou dizer, que *Colombo era evidentemente visionario*, e que esta fôra a razão, porque os Reis Catholicos tiverão tanta difficuldade em se decidirem a annuir a seus planos, e a fazer os gastos das expedições que elle propunha. E na verdade (continua ainda o mesmo escriptor) que hum estrangeiro que provava pela Biblia, e por S. Agostinho e S. Basilio, que a Asia não devia estar muito longe da Hespanha, e que prometia hir por mar ao gran-Kan da Tartaria para o converter, e o fazer alliado dos Reis catholicos, não podia inspirar grande confiança... etc. El-Rei D. João II. e os mathematicos e geografos portuguezes, que elle consultou, tinhão ideas mais justas de Cosmografia e julgarão as idéias e propostas de Colombo, como ellas em realidade devião ser julgadas. Os escriptores que tachão a el-Rei de pouco avisado e prudente, e accusão os seus conselheiros de apaixonados, e invejosos da gloria do navegador genovês, julgão o projecto de Colombo, não pelo seu valor real, mas sim pelo seu resultado casual, imprevisto, e totalmente inesperado Este modo de julgar, com ser frequente no mundo, é tão proprio do vulgo ignorante, quanto alheio da razão e do bom senso. De mais: ainda que Colombo realisasse a sua quimera, e chegasse a tocar as terras mais orientaes da Asia, e a celebre Zipango, de que por ventura lhe tinhão dado idêa as viagens de Marco Paulo; nem porisso elRei de Portugal, e os astronomos, e cosmografos seus conselheiros merecerião a iniqua censura, que se lhes tem feito: por quanto o plano portuguez não tendia vagamente (como já dissemos) ao descobrimento e conhecimento desses mais remotos paizes da Asia; mas sim, e determinadamente, a debellar o poder dos Mahumetanos *na India*, e a arrancar das suas mãos o monopolio das especiarias e drogas orientaes, que os enriquecia, e os habilitava para a me-

Se el-Rei D. João II. não chegou a expedir effectivamente a armada, não foi por que esperasse, ou necessitasse ser para isso estimulado pela viagem de Colombo; mas sim por que logo foi com maior violencia accommettido da enfermidade, que des de muito tempo padecia, e da qual veio a fallecer em Outubro de 1495.

El-Rei D. Manoel, que lhe succedeo no throno, seguio á risca o plano que achou traçado, e aproveitando-se dos aprestos, que estavão feitos, fez sahir a armada em Julho de 1497.

Pelo que tudo se vê que os successos de Colombo são totalmente estranhos a huma empreza, que em substancia estava projectada havia mais de oitenta annos, e á qual se tinhão constantemente dirigido os esforços dos Portuguezes em conformidade com as idèas e direcções do infante D. Henrique, como bem expressou o Poeta Portuguez na fala do Gama ao Çamori de Calecut, que vem nos *Lusiadas*, C. 8. est. 70 — 73. e consta das nossas historias.

ART. II.

Motivos por que D. Manoel mandou tão pequena armada, e tão pouca gente ao descobrimento da India.

He constante nos nossos escriptos, que a armada, que foi ao descobrimento da India, constava tam sómente de quatro navios, hum dos quaes era de mantimentos, e havia de ser queimado em certa paragem; e que em todos elles hião não mais que cento e sessenta, ou cento e setenta homens, tanto de armas, como de marinhagem.

Deste pequeno numero de navios, e de homens

---

ditada invasão e conquista de toda a Europa christãa. Se os Portuguezes adoptassem as primeiras de Colombo, perderião em grande parte os trabalhos de mais de oitenta annos de navegações, que os tinhão levado até além do cabo da Boa esperança; não salvarião (como salvarão) a Europa do pezadissimo jugo que a ameaçava: ficaria ainda por muito tempo esquecida, ou abandonada a circumnavegação africana, e só mais tarde se ... os immensos recursos d'esta parte do mundo &c. &c.

tirarão alguns escriptores a bem estranha consequencia de que elRei D. Manoel tinha tão pouca esperança de conseguir o effeito desta empreza, que não houvera por conveniente arriscar nella maiores forças, nem sacrificar-lhe maior numero de individuos.

Semelhante modo, porèm, de discorrer nos parece inspirado por aquelle mesmo ciume, que tantas vezes, e com tanta razão, temos notado nos escriptores estrangeiros, quando falão de nossos descobrimentos: o qual faz, que não podendo elles de todo negar, ou occultar as acções, que nos são gloriosas, procurão ao menos desluzil-as, e dar-lhes alguma falsa côr que as desfigure. Assim agora, não lhes sendo possivel passar em silencio a empreza do illustre Gama, a felicidade da sua estupenda navegação, e a incalculavel importancia do seu descobrimento, pertendem attribui-lo em certo modo ao acaso, suppondo o proprio Rei D. Manoel, apenas com alguma leve esperança do bom successo da expedição, e comtudo não duvidando sacrificar a hum projecto quasi vão e quimerico (como elles suppõem) a vida do insigne Gama, dos nobres capitães, que o acompanhárão, e desses poucos Portuguezes, que mareavão, e guarnecião os navios.

Todo o discurso porêm destes escriptores he fundado em falsidade, e ignorancia, como outros muitos do mesmo toque, que podéramos apontar; e sómente serve de mostrar o espirito que os dirige em tão absurdas e insensatas reflexões.

Não queremos negar, que a expedição da India fosse arriscada, e de exito incerto. Quem o poderia negar, tendo o juizo são? Tinhão os navegantes de passar mares ainda pouco frequentados, e outros totalmente desconhecidos, e nunca trilhados dos navios europeos. Não conhecião as costas, nem os povos que as habitavão: ignoravão a direcção dos ventos, as correntes das agoas, a influencia dos climas, os baixos, restingas, parceis, e arrecifes, que poderião encontrar em seu caminho: tudo em fim para elles era novo, e nunca experimentado.

Comtudo, no meio de tantas difficuldades, e apezar dos riscos, que ordinariamente acompanhão as grandes e arduas emprezas, e que todavia sómente

parecem invenciveis ás almas mediocres; outras circunstancias occorrião então, que desvanecendo parte dos temores e medos populares, inspiravão animo e confiança, assim ao venturoso Rei que resolveo e ordenou a expedição, como ao heroico Gama, e aos illustres capitães, que della se encarregárão.

Largos annos havia, que os Portuguezes estavão acostumados a soportar as fadigas do mar, a afrontar os perigos de temerosas navegações, e a descobrir e praticar costas, ilhas e povos até então desconhecidos. Já o grande navegador Bartolomeu Dias tinha descoberto e dobrado o cabo-tormentoso, que logo se chamou da Boaesperança, e observado os mares que o banhão, e a nova direcção, que d'ahi começa a tomar a costa de Africa. Não faltavão informações, posto que ainda vagas e confusas, dos povos daquelle Oriente, das suas riquezas, e do grande commercio que fazião de differentes e mui remotos pontos da Asia pelos golfos Persico, e Arabico. Já tambem se sabia pelas relações de Covilhãa, que era possivel a navegação desde a costa oriental de Africa até á India pelo Oceano. Havia finalmente entre os Portuguezes grande instrucção da Cosmografia, Geografia e Náutica, a que se applicavão com particular esmero e curiosidade, e sobre tudo levavão os ousados navegantes o animo heroico, de que erão dotados, o amor invencivel da gloria, e aquella incontrastavel obdiencia, que os Portuguezes sempre tiverão ás ordens e vontades dos seus soberanos.

Era pois a empreza (outra vez o dizemos) difficil e arriscada; mas não era impossivel, nem quimerica, nem temeraria. E se o grande animo de elRei D. Manoel a não julgasse praticavel, quem o obrigaria a emprehendêl-a? Muitas pessoas distinctas da sua côrte e até do seu conselho a desaprovavão e a havião por impraticavel, nem duvidavão dar seus votos em conformidade com esta opinião. ElRei porem desattendeo estes votos; desattendeo os temores e clamores populares, ainda mais contrarios ao seu projecto (4).

---

(4) El-Rei resolveo esta expedição, *não obstante as muitas almoestações de seus vassallos, que o contrario lhe persuadião; nem os medos e carrancas, que de tão longa navegação, de tão procellosos mares, de tão incognitos e perigosos cursos lhe erão cada dia com muita vehemencia*

E diremos, ou poderá alguem com razão dizer, que o fizera, não tendo elle mesmo esperança de feliz successo? Como encarregaria elle uma empreza, que reputasse quimerica, não a algum atrevido aventureiro, mas sim ao illustre Gama, a um varão tão habil nos conhecimentos nauticos, tão experimentado no mar, cheio de prestimo, e dotado de tão superiores qualidades? Como caberia aliás na piedade, e nos benignos sentimentos de elRei sacrificar a uma ruina quasi certa (como se quer suppôr) os seus vassallos, ainda os de inferior condição, e menos uteis?

Mas venhamos já ao ponto, e digamos a verdadeira razão, porque elRei mandou a uma expedição de tão alta importancia tão poucos navios, e nelles sómente cento e cincoenta, ou cento e setenta homens. Este pequeno numero de navios, e de homens, longe de nos dar alguma idéa da pouca confiança de elRei no desempenho da sua empreza, nos parece, pelo contrario, uma nova prova do seu grande discernimento, e consummada prudencia, e do sério desejo que tinha de chegar ao fim do seu intento.

Sabia elRei D. Manoel, que a chusma dos navios, com que Bartholomeu Dias afrontára pela primeira vez o cabo Tormentoso, tinha chegado a enfastiar-se da longura da sua navegação, e quasi o forçára a retroceder para Portugal. Sabia mais recentemente, que a tripulação dos navios de Colombo se tinha revoltado contra o seu capitão, e estivera a ponto de frustrar seus gloriosos trabalhos. Sabia quanto é raro achar para as grandes e arriscadas facções um consideravel numero de homens ousados, fortes, destemidos, sofredores de trabalhos, superiores aos perigos, e de animo intrepido, e constante. Sabia final-

---

representados. São os termos, de que usa Mariz, no Dial. 4. cap. 14. Veja-se tambem Camões, nos *Lusiad.* c. 4 est. 89 — 104. e especialmente a admiravel fala do Velho na est. 94 e segg. aonde o Poeta exprimio os receios e temores do Povo do reino sobre aquella navegação. Ainda ao tempo da segunda viagem do Gama em 1502 fazendo el-Rei conselho, *muitos dos conselheiros* (diz o citado Mariz, no mesmo Dial. cap. 15) *apontavão mil inconvenientes para se proseguir poderosamente com força de armas a conquista e comercio de terra tão remota*. Pode ver-se tambem Barros, *Decad.* I. liv. 4. cap. I. e liv. 6. cap. I. &c., Goes, *Chron. de el-Rei D. Manoel* Part. I. cap. 23., e os outros nossos escriptores.

mente, que em um grande numero de navios seria mais difficil unir as vontades e os votos dos capitães, quando por ventura fosse necessario consultalos; conservar a unidade e harmonia, que é indispensavelmente necessaria ao desempenho dos grandes e extraordinarios projectos; e manter entre a marinhagem e os homens de armas a quietação, a prompta obediencia, a subordinação devida, e o exacto e fiel cumprimento dos deveres de cada um.

Por outra parte o fim d'aquella expedição não era conquistar terras, nem fazer guerra a povos alguns; mas tam sómente descubrir o caminho maritimo da India, denotar nas Cartas os seus principaes pontos, e tomar todas as informações que ao diante podessem ser uteis: para o que não concorria tanto o numero dos navios e dos homens, quanto a sua qualidade, o seu valor, a sua experiencia, e a sua união e perseverança.

Por todos estes motivos pois resolveu o prudentissimo Principe mandar ao descobrimento da India uma armada de poucas velas, que podessem auxiliar-se reciprocamente nas necessidades do mar, sem que pelo seu numero causassem embaraço, confusão, ou desordem nas operações do serviço.

Nomeou para chefe da expedição o grande Vasco da Gama, cujos superiores talentos erão conhecidos, e para cuja abonação sobejava o ter merecido a escolha de elRei D. João II., e pôz em suas mãos

..... a chave
Deste commettimento grande e grave,

como diz o immortal Poeta (5). Deo-lhe por companheiros, a seu aprazimento, Paulo da Gama seu irmão, que se offerecéra para o acompanhar, e que pela obrigação do cargo, e pelo affecto do sangue se uniria sempre com elle, e faria todo o possivel porque fosse bem succedido na sua empreza: e Nicoláo Coelho, varão

(5) *Lusiad.* cant. 4. est. 82.

De trabalhos mui grande sofredor,

e que tambem merecia o conceito de elRei, dos quaes dous capitães diz Camões:

Ambos são de valia e de conselho
De experiencia em armas e furor. (6)

A marinhagem e gente de armas foi escolhida com igual discrição. Alguns erão criados dos capitães: alguns outros criados de elRei: todos acostumados ás navegações, e nellas experimentados, homens de animo esforçado e constante, como mostrárão em todo o decurso da sua viagem. E assim mesmo pareceu tão admiravel, e tão digna de louvor a sua obediencia aos cabos, e a sua tolerancia nos trabalhos daquella prolixa e perigosa navegação, que o Poeta Portuguez, a quem não escapou genero algum de gloria nacional, que não deixasse immortalizada no seu Poema, julgou tambem esta digna de ser commemorada, e honrada naquelles versos do Canto 5. est. 71, que põe na boca do proprio Gama, fallando a elRei de Melinde:

Crês tu, que se este nosso ajuntamento
De soldados não fôra Lusitano,
Que durára elle tanto obediente
Por ventura a seu regente?

E logo depois na est. 72;

Grandemente por certo estão provados,
Pois que nenhum trabalho grande os tira
Daquella portugueza alta excellencia
De lealdade firme e obediencia.

E por aqui se vê quam errado conceito tiverão desta navegação alguns escriptores nossos antigos (7), e depois delles modernamente Mr. de LaClede, que no liv. 14 da sua *Histor. Geral de Portug.* diz, que

---

(6) *Lusiad.* cant. 4. est. 82.

(7) *Osor. De Rebus Emmanuelis &c.* e o P. *Mafeu*, *Rer. Indicar. &c.*

Vasco da Gama forcejando por dobrar o Cabo da Boa-esperança fóra contrastado pelas *tormentas*, *escolhos*, *nevoeiros*, *e ventos contrarios*, sendo tamanho o perigo da armada que *toda a equipagem*, *e os proprios officiaes della* começárão a *perder as esperanças de vida*, *e a pedir a Vasco da Gama que voltasse atrás*: Que o grande capitão os exhortára a arredar de si estes vãos temores; mas que suas exhortações forão inuteis; e que os Portuguezes *possuidos do medo conspirárão contra a sua morte*: finalmente que sendo o conluio descuberto por Paulo da Gama, mandára Vasco carregar de ferros os autores delle; tomára elle mesmo o leme da sua náo, e que depois de sofrer *por muitos dias horrivel tormenta*, mudára o tempo e a armada dobrára o cabo.

Todas estas circunstancias nos parecem destituidas de fundamento, e verdadeiramente fabulosas. Os nossos dous escriptores mais antigos, Castanheda, e Barrôs não fazem dellas menção alguma, antes positivamente as desmentem (8), e Camões, que estava mui particularmente informado da viagem, e successos do seu heroe, e que nos pontos essenciaes descreve os acontecimentos conforme a verdade historica, não só não faz menção alguma da supposta conspiração; mas até louva e engrandece a constancia, obediencia, e lealdade da gente dos navios, com as encarecidas expressões, que deixamos allegadas.

O que porém acaba de refutar completamente esta fabula he que a armada portugueza nem sequer experimentou tormenta alguma notavel ao dobrar o cabo da Boaesperança, como já vimos pelos lugares citados, e o notárão outros escriptores Portuguezes como cousa digna de admiração (9). O proprio Camões, que neste lugar introduzio o immortal episodio de Adamastor,

---

(8) *Castanh. Hist. da Ind.* liv. 1. cap. 11 „ *dobrou este cabo* (Vasco da Gama) *indo ao longo da costa com vento á popa, com muito prazer de folias, e tanger de trombetas em toda á frota &c.* Barros, 1. 4. 4 „ *passou aquelle grão cabo de Boaesperança com menos tormenta e perigo do que os marinheiros esperavão, pela opinião, que entre elles andava, donde lhe chamavão o cabo das tormentas* „

(9) Goes, *Chron. de elRei D. Man.* P. 1. cap. 35. Mariz Dial, 4, cap. 14 &c.

desvanece, em sua mesma poetica ficção, a idéa de grandes tormentas, que os navegantes experimentassem naquella paragem: por quanto o fero gigante, depois de os atemorisar com a vista de huma *nuvem negra, temerosa, e carregada*, e com os grandes bramidos do mar (Cant. 5. est. 37. e 38); se limitou ás terriveis *ameaças de futuras vinganças*, e com isto

Subito d'ante os olhos sè apartou,
Desfez-se a nuvem negra, e c'um sonoro
Bramido muito longe o mar soou. (10)

Pelo que entendemos, que os escriptores que falárão de grandes tormentas e conspirações no cabo da Boa-esperança, ou se equivocárão com as viagens de Colombo e Magalhães, ou julgárão realçar a gloria do Gama, ornando a sua narração com huma circunstancia semelhante. (11)

Art. III.

Corrigem-se algumas equivocações de hum escriptor Portuguez sobre esta viagem.

Em outro escripto nosso descrevemos succintamente a viagem da armada portugueza, notando os principaes pontos das costas que ella tocou, e os dias em que os tocou, e seguindo nisto o que nos pareceu mais provavel no meio da variedade, que se observa nos escriptores ácerca destas particularidades. Assim, por exemplo, posemos a sahida do Gama de Lisboa no dia 8, e não 9, de Julho de 1497; porque notando alguns artigos que fôra em hum sabbado, esta condição se verificou n'aquelle anno

---

10) Cant. 5. est. 60.

(11) Agora, que de apontamentos escriptos ha alguns annos tiravamos a limpo esta Memoria, chegou ás nossas mãos o *Roteiro da Viagem de D. Vasco da Gamà á India em* 1497, impresso *na Typographia Commercial Portuense* no presente anno de 1838. Os doutos editores na sua nota 17. pag. 143. concordão no que temos dito da conspiração contra o Gama, e apontão breve, mas judiciosamente, os argumentos, que a fazem inverosimil, sendo hum delles o silencio do proprio Roteiro ácerca das suppostas tormentas no cabo da Boa-esperança.

no dia 8. Posemos a chegada a Melinde no dia 15 de Abril de 1498, porque tambem achamos notado que era dia de Pascoa, (12), a qual effectivamente cahio naquelle anno a 15 de Abril. Posemos a chegada á costa do Malabar a 20 de Maio, porque lemos em alguns antigos, que fôra em Domingo, e esta nota se verificou n'aquelle anno no dia 20, etc.

Aqui sómente pretendemos agora notar algumas equivocações, que padeceo o benemerito autor da *Histor. Genealog. da Caz. R. Portug.*; porque sendo escriptor domestico, sincero, e veridico, pode a sua authoridade indusir em erro os leitores desprevenidos.

Diz elle (13) que a armada de Vasco da Gama *andára no cabo da Boaesperança os mezes de Agosto*, *Setembro e Outubro*, *padecendo tormentas*, *e tendo avistado a ilha, a que se pôz o nome de Santa Helena*, e que finalmente *dobrára o cabo a 25 de Novembro.*

Porêm o proprio escriptor nota, que o Gama sahira do Tejo com a armada a 8 de Julho de 1497, e como assim, bem claro he, que não podia estar, e *andar no cabo da Boaesperança* em *Agosto*, *Setembro*, e *Outubro* (14).

Os nossos escriptores dizem que era *o quinto mez da navegação* (15), quando os navegantes avistárão terra, e nella sahirão, que foi na *Angra de Santa Helena*, onde o Gama quiz fazer aguada, e tomar a altura do sol. Alguns notão que era sabbado 4 de Novembro. Camões diz que erão *passadas cinco luas*, quando a armada chegou e se demorou aqui; e logo suppõe, que tendo continuado viagem, e passados mais *cinco soes* (isto he, *cinco dias*)

---

(12) A este dia de Pascoa allude Camões, cant. 2. est. 72 Vej. Goes *Chron del Rei D. Manoel.* P. 1. c. 35 e segg.

(13) No art., em que trata de el Rei D. Manoel.

(14) O douto escriptor equivocou-se, por ventura, na intelligencia das palavras de Damião de Goes, que diz „ *Assique, seguindo Vasco da Gama sua viagem, passou á vista das ilhas de Canarea, e d'ahi foi ter ao porto de Santa Maria na ilha de Santiago aos 28 dias do mez de Julho, donde seguindo seu regimento, começou de cortar a léste em busca do cabo da Boaesperança, no que andou* (não no cabo; mas em busca e demanda delle) *os mezes de Agosto, Setembro, e Outubro, com muitas tormentas, e tempos contrarios, até que* Deos *se houve por servido lhes mostrar terra.... e acharão ser huma terra baixa, em que ha huma grande bahia, a que poserão o nome a angra de S. Helena* „

(15) *O quinto mez*, ou *ao quinto mez* de navegação, e não *depois de passados cinco mezes*, como alguns disserão pouco exactamente.

se avistára o grande cabo (16), e nenhum destes escriptores faz menção de tormentas algumas, que os navegantes soffressem nestas paragens, como já mostramos no Art. antecedente.

Tambem o escriptor se equivocou em dizer que a armada avistára a *ilha de Santa Helena*. Esta ilha foi descoberta por João da Nova em 1502 ao voltar da India. O douto escriptor parece ter confundido a *ilha de Santa Helena* com a *angra de Santa Helena*, que foi, como acabamos de dizer, a que Gama descobrio, e aonde sahio em terra. A *angra* ou bahia de Santa Helena he situada quasi na extremidade de Africa; mas ainda na costa occidental, antes de chegar ao rosto do cabo. As Cartas a denotão em pouco mais de 32.°, ao mesmo tempo que *a ilha de Santa Helena* está em 16.°, ou 16.° 40′ segundo a computação dos nossos antigos marinheiros, e dista alguns 16 gr. em latitude do lugar, aonde Gama tomou terra. (17)

A passagem do cabo da Boaesperança a 25 de Novembro he ainda outra equivocação do escriptor. Alguns dizem que os navegantes o passarão a 20, outros a 22, e que a 25, dia de Santa Catharina, chegárão á angra ou agoada de S. Braz; já 60 leguas alem do Cabo. Nós julgamos que o dia 22 tem melhores votos a seu favor, e conforma mais com as notas precedentes e subsequentes da viagem (18).

Art. IV.

Da pessoa do Gama.

São uniformes os nossos escriptores em dizer que Vasco da Gama era homem fidalgo, natural da villa de Sines, e filho de Estevão da Gama (19): mas não temos achado notado o anno do seu nascimento, nem a idade que tinha, quando foi mandado ao descobrimento

---

(16) *Lusiad.* cant. 5. est. 24 e 37.

(17) Veja-se o Roteiro da viagem de Vasco da Gama (de que já acima falamos) recentemente dado á luz da imprensa na cidade do Porto, not. 11. pag. 189.

(18) Ibid. not. 17 pag. 142.

(19) Moreri diz „ *filho de Estevão da Gama*, e *de Isabel Sodré, filha de Jeão de Rezende, provedor, ou director dos Diques do Tejo*„ *Provedor das vallas de Santarêm*„ *Grand .de Portugal.*

da India, sendo que todas as particularidades são dignas de memoria, quando se trata de homens, que por suas grandes e illustres acções se fizerão acredores da immortalidade.

Mariz, falando da expedição da India, diz que Vasco da Gama era então *mancebo solteiro*, e de idade e disposição para sofrer todos os trabalhos (20). Mas que idade era esta? e até onde alargava este escriptor a denominação de *mancebo*? isto he o que elle nos não diz: e sómente sabemos, que em 1478 já Vasco da Gama tinha passado a Tangere, em companhia de Fernam de Lemos, mandados (como he verosimil) por elRei, e encarregados de alguma importante commissão, pois consta que havendo passado pelos reinos de Castella com direcção áquella praça, forão munidos de salvo-conducto, dado pela Rainha Dona Isabel (21): E em 1492, mandando el-Rei D. João II. pôr embargo em todos os navios francezes, que estavão nos portos de Portugal, encarregou de executar esta ordem em Setuval e no Algarve a Vasco da Gama, por onde entendemos, que já então devia ter idade e prudencia para commandar alguns navios, e dar, como deo, cabal satisfação ao que elRei lhe encarregára (22).

Diz mais o mesmo Mariz, que *D. Vasco da Gama era homem de meãa estatura; hum pouco envolto em carnes; cavalleiro de sua pessoa; ouzado em commetter qualquer grande feito; em mandar aspero; e muito para temer em qualquer paixão; sofredor de trabalho, e grande executor no castigo de qualquer culpa em comprimento da justiça*,, e em outro lugar,, que *Vasco da Gama era dotado de hum animo grande, e incansavel, curiosissimo da arte maritima, e tão douto e diligente nella, que podia competir no entendimento e cuidado de suas cousas com os mais experimentados pilotos de Europa* (23): qualidades, que lhe merecerão o conceito e a estimação d'aquelle grande Rei, tão bom conhecedor dos homens, e tão

(20) Goes diz „ *homem solteiro* „ *e de idade para sofrer os trabalhos de huma tal viagem.*

(21) *Navarrete: Viages y descobrimientos de los Españoles des de fines del siglo 15. Madrid 1825 tom. 3.º pag. 477.*

(22) *Garcia de Rezende*, Chron. de D. João II.

(23) *Mariz, Dial.* 4. c. 14. e *Dial.* 5. c. 1.

justo avaliador do merecimento, que não só o encarregou da commissão que dissemos, mas tambem o destinou para a ardua empreza do descobrimento da India, logo que começou a aprestar a armada que lá queria mandar (24).

Alguns escriptores nossos, e entre elles Goes, e o mesmo Mariz, dizem qne elRei D. João II. *tinha dado a capitania da armada do descobrimento da India a. Estevão da Gama, pai de Vasco da Gama*; e que por elle ser fallecido ao tempo que elRei D. Manoel mandou executar a empreza, escolhera elRei o filho para esse fim (25). Esta noticia porêm he desmentida pelo testemunho de Rezende, que no principio desta memoria deixamos citado, o qual por ser escriptor contemporaneo, e veridico, e ter sido do intimo serviço de elRei D. João II. nos merece mais credito: álem de nos parecer provavel, que Estevão da Gama tivesse já então mais idade do que convinha para tão difficil, e laboriosa empreza.

O illustre Gama fez a viagem da India da maneira que referem nossas historias, e nós tocamos em outro escripto: e voltando a Portugal, teve o desgosto de deixar sepultado na ilha Terceira seu irmão Paulo da Gama, que ali veio fallecer, e chegou a Lisboa a 29 de Julho de 1499 (26), pouco mais de dous annos depois da sua sahida, sendo recebido com applausos, e admirações, que facilmente se podem presumir (27).

---

(24) Rezend. Chron de D. João II. capp. 146 e 205.

(25) *Goes*, *Chron de elRei D. Man.* P. I. c. 23. *Mariz*, *Dial* 4. c. 14. Moreri acrescenta mais alguma cousa, e diz: que Estevão da Gama fôra nomeado por elRei D. João II.; mas que não executando a empreza por elRei fallecer, nomeára elRei D. Manoel a Paulo da Gama, o qual recusára aceitar a commissão *com pretexto de falta de saude*; mas que depois quisera hir com seu irmão *para mostrar que não temia a incerteza da viagem.* Isto nos parece inverosimil. Nós preferimos, neste ponto, a narração de Rezende a todas as outras.

(26) Goes, e Mariz dizem, que Nicoláo Coelho chegára ao Tejo a 10 de Julho, e o Gama a 20 de Agosto. Castanheda diz que chegára em *Setembro* a Belêm, *havendo dous annos e dous mezes*, *que d'ali partira* Outros dizem que entrára em Lisboa a 29 de Julho; e Barros a 29 de Agosto. Nós seguimos o que tivemos por mais verosimil, parecendo-nos, que nem o Gama se demoraria 40, 49 ou 50 e tantos dias na ilha Terceira, nem elRei deixaria de mandar algum navio em busca delle, se tanto se demorasse.

(27) Além das festas e alegrias publicas que houve em Lisboa, escreveo elRei a todas as cidades e villas notaveis do reino, partecipan-

Muitos escriptores notão e estranhão que Vasco da Gama não tivesse hum premio correspondente a tão relevante serviço. Eu não sei se ha nisto alguma exageração, ou alguma confusão de tempos. He certo que alguns serviços nunca podem ser recompensados de hum modo conveniente, e com premio, que os iguale, e taes erão os que Vasco da Gama fez ao Estado naquella viagem: mas tambem he certo, que a avaliação dos serviços, e a estimação dos premios são cousas mui varias no juizo e conceito dos homens, e dependem muitas vezes de considerações particulares, que nem sempre podem ser uniformes.

Como quer que seja; Vasco da Gama teve de elRei a mercê do prenome *Dom* para si e seus irmãos, e descendentes, e a honra de pôr no centro do escudo das suas armas o escudo das quinas Reaes (28). Estas distincções, posto que meramente honorificas, tinhão n'aquelle tempo muito maior valor do que hoje se lhes daria. Teve mais trezentos mil reis annuaes de juro e herdade para si e para seus descendentes, impostos na dizima nova do pescado de Sines, e de villa-nova de milfontes, nas sizas de Sines e de Santiago de Cacêm, e no Paço da madeira de Lisboa; e a faculdade de poder empregar na India cada anno dozentos cruzados, *os quaes regularmente, na especiaria que lhe vinha do emprego delles, no tempo de João de Barros, respondião cá no reino dous contos e oito centos mil reis* (29).

Alguns acrescentão aqui o *officio hereditario de Almirante da India*, e tambem (com pouca exacção chronologica) o *titulo de Conde da Vidigueira*: mas este titulo sómente foi dado ao Gama vinte annos depois, como logo diremos: e em quanto ao *Officio de Almirante*, diz Castanheda, que elRei lhe fizera delle mercê depois da segunda viagem á India em 1503. (30)

---

do-lhes a chegada de Vasco da Gama, os trabalhos que tinha passado, e o descobrimento que deixava feito, e encommendando-lhes que solemnizassem este successo tão prospero, e de tanta gloria e utilidade para a nação com acções de graças ao Ceo, e com demonstrações de piedade e alegria. *Mariz, Dial.* 4. cap. 14.

(28) *Severim de Faria, Notic. de Portug.* Disc. 3. §. 16.

(29) *Mariz Dial* 4. cap. 14. Conf. *Barros*, 1. 4. 11.

(30) As palavras de *Castanh.* são estas, no liv. 1. cap. 48,, *Chegou a Lisboa ho primeiro de Setembro do mesmo anno* (de 1503), *e todos os grandes da côrte delRey dom Manuel ho forão receber ao cays, e ho levarão ao paço onde ho elRey recebeo com muita honrra, e lhe fez mercê do*

Nós vimos hum traslado authentico do *Regimento do Almirante destes reinos tirado do liv. 1. das hordenações amtyguas*, dado, em pergaminho, a pedido de D. Vasco da Gama, em 12 de Fevereiro de 1524, pouco antes da sua terceira viagem á India, e quando já tinha o titulo de Conde.

Vasco da Gama foi mandado segunda vez á India no anno de 1502 com vinte náos, parte das quaes havião de ficar em guarda d'aquelles mares. Fez tributario o Rei de Quiloa, e trouxe a elRei o ouro das páreas, que aquelle Principe prometteo pagar, e que erão as primeiras, que vinhão da Ethiopia Oriental. Assentou novos ajustes de commercio a amizade com os Reis de Cochim e Cananor; castigou severamente a perfidia e trato doble do Çamorim de Calecut, e recolheo-se a Portugal com treze náos carregadas de ricas mercadorias, *que acabarão de desvanecer todas as desconfianças, que ainda havia contra o commercio do Oriente.*

Destes novos, e mui relevantes serviços he que parece não ter tido Vasco da Gama premio algum que nos conste, ate o anno de 1519, salvo se dissermos com Castanheda, que então lhe foi dado o almirantado.

Em 1519, o Duque de Bragança D. Jayme, que estimava o Gama, *sabendo que este grande homem estava queixoso da pouca remuneração de seus serviços*, não só lhe facilitou a venda das duas villas da *Vidigueira*, e *Villa de frades* (que erão dos Duques) mas tambem interveio com elRei para que o fizesse *Conde da Vidigueira*, o que tudo se effeituou no mesmo anno, sendo a Carta do Titulo passada a 29 de Dezembro (31). Com este Titulo continuou a sua cáza até o tempo de elRei D. João IV., em que o *Conde Almirante* foi elevado a *Marquez de Niza*, pelos bons

---

almirantado do mar Indico, e o fez Conde da vila da Vidigueira,, mas como a ultima clausula não he verdadeira, receamos que tambem na precedente houvesse equivocação.

(31) *Hist. Geneal.* no art. *do Duque D. Jayme.* Faria e Sousa, *Europ. Portug.* tom 2. Part. 4. cap. 1. §. 52, diz que elRei deo a D. Vasco da Gama o titulo de Conde, *menos instado da gratidão Real, que de seu valido D. Alvaro da Costa.* Pode ser, que o Duque e o valido concorressem ambos para o despacho do Gama. A venda das duas villas foi feita pelo Duque por escriptura celebrada em Evora a 17

serviços, que fizera á Coroa na embaixada de França (32).

O Conde D. Vasco da Gama foi ainda mandado terceira vez á India em 1524, com o cargo de Vice-Rei (33): mas chegando a Goa em Setembro, foi fallecer em Cochim com cousa de tres mezes e vinte dias de vicereinado, a 24 de Dezembro do mesmo anno.

He bem notavel, que Mr. de la Clede, fazendo menção desta terceira viagem do grande Gama, no liv. 16 da sua *Histor. Geral de Portugal*, não só lhe dê nesse lugar constantemente e por muitas vezes o nome de *Lopo Vaz da Gama* (34); mas tambem nos dê a nós a noticia de que o Gama era então já velho, e quasi caduco.

Acima dissemos, que ignoravamos a idade do Gama, quando foi a primeira vez á India; e he provavel que Mr. de la Clede não tivesse disto melhor conhecimento: mas dado que o Gama tivesse então quarenta annos, teria agora sessenta e sete, que nem he grande velhice, nem he idade, que faça o homem *caduco*. Muitas vezes temos observado e notado, a outros respeitos, quam pouco exacto he este escriptor, e quam propenso a ornar com fabulas a historia de Portugal! não duvidando ás vezes, de nos dar as suas fantasias por factos historicos (35).

---

de Novembro de 1519. O Gama deo por ellas *quatro mil cruzados em dinheiro, e quatro centos mil reis de juro* (*Chron. do Carmo* de Fr. Jose Pereira de S. Anna.)

(32) D. Vasco Luiz da Gama 5.º Conde da Vidigueira, e 8.º neto do nosso heroe, do Conselho de Estado, e embaixador a França, foi feito *Marquez de Niza* por Carta de 18 de Outubro de 1646: e a seu filho fez el Rei Conde da Vidigueira de juro e herdade, concedendo que os primogenitos da sua caza tomassem este titulo, sem necessidade de nova Carta, ou Graça.

(33) Em Evora, a 28 de Fevereiro de 1524 fez D. Vasco da Gama homenagem a el Rei pela *Capitania-mór, e governança da India*, como consta do auto, que disso se lavrou, e está no R. Archiv., no *Corp. Chronol.* Part. I maço 30 num. 90, sendo testemunhas o *Conde do Vimioso, e Bartholomeu de Paiva, amo de S. Alteza.*

(34) Já precedentemente, no mesmo liv. 16., descrevendo Mr. de la Clede o acto da acclamação de el Rei D. João III., nomêa entre os fidalgos, que o acompanhavão, o *famoso Conde da Vidigueira Lopo da Gama, que foi o primeiro que entrou nas Indias*! E o traductor deixou passar tudo isto sem correcção!

(35) Como a accusação, que aqui fazemos a Mr. de la Clede, pode parecer grave, havemos-nos por obrigado a dar della algumas provas e serão escolhidas, entre muitas outras, dos proprios factos que pertencem á historia dos nossos descobrimentos e conquistas.

1.º No liv. 11. toda a narração que o escriptor ahi faz do princi-

Os nossos Reis não costumavão mandar á India para governar aquelles estados homens *caducos*, nem D. Vasco da Gama mostrou no decurso desta ultima viagem merecer essa qualificação. ElRei não só o mandou para restaurar as cousas da India que ja então ameaçavão decadencia, mas tambem lhe confiou huma poderosa armada, em que hião tres mil homens de armas para servirem n'aquelles estados debaixo do seu mando. A armada navegou prosperamente até á vista das terras de Cambaia, aonde, estando o mar em calma, se sentio repentinamente nas náos hum espantoso tremor que pôz toda a gente em confusão, cuidando que naufragavão. Huns acodião ao leme, outros á bomba, outros a prevenir algum modo de salvação, todos em grita, todos em grande perturbação e desordem. Senão quando o illustre Gama se levantou intrepido, e adiantando-se ao meio do convéz, bradou ,, *cia, amigos, não temaes, que o mar é o que treme de nós* ,, as quaes palavras, ditas com grande acordo e seguridade, alentárão a gente, e d' ahi a pouco cessou o terremoto que elle mui bem conheceo que era a causa daquelle fenomeno. Acaso será isto prova de que Vasco da Gama estava *quasi caduco*? Não o julgou assim Camões, que a esta palavra do Gama alludia, quando disse no cant. 2. est. 47. ,,

---

pio dos descobrimentos maritimos dos Portuguezes he escripta com extrema negligencia, e cheia de erros. Notaremos porém sómente, que falando de *Gil Eannes* (a quem na traducção se dá o nome de *Gil Annio*, e ás vezes simplesmente de *Annio*) que dobrou o cabo Bojador, diz que elle chegára até *Serra Leôa*, e que depois por espaço de cincoenta annos *ninguem ousou dobrar o cabo de Serra-Leôa*. Mas tudo isto he falso: porque nem Gil Eannes chegou a SerraLeôa, nem em Serra-Leôa havia cabo algum que demorasse ou difficultasse a ulterior navegação, nem nos descobrimentos houve essa interrupção de 50 annos, imaginada pelo escriptor. Desde que Gil Eannes dobrou o Bojador, toda a costa para o sul se foi descobrindo successiva, e progressivamente, por espaço de 30 annos, e por differentes descobridores, em vida do immortal Infante D. Henrique. Logo depois da sua morte, que foi em 1460, mandou elRei D. Affonso V. Pedro de Cintra á costa de Africa, e este foi o que descobrio SerraLeôa em 1461, e a correo em toda a sua longura de 50 milhas, passando ainda álem della cousa de 240, ou 250 milhas ate o cabo *Mesurado*, em quasi 5 gr. meridionaes &c.

2.º No liv. 17, escrevendo Mr. de la Clede a historia do primeiro cerco de Diu dá constantemente ao insigne capitão, que defendeo aquella fortaleza, o nome de *Heitor da Silveira*, sendo bem sabido de todos, que se chamava *Antonio* (e não *Heitor*) *da Silveira*. Hei-

„ *Vereis este, que agora pressuroso*
Por tantos medos o Indo vai buscando,
Tremer delle Neptuno de medroso,
Sem vento suas agoas encrespando"

E logo „

O' gente forte e de altos pensamentos,
Que tambem della hão medo os elementos

O mesmo que os escriptores, e com elles Mr. de la Clede, referem ácerca das providencias, que o Gama logo deo nesse pouco tempo de seu Vice-reinado; das expedições que ordenou; dos effeitos, que a sua chegada á India produzio, tanto nos Portuguezes, como nos estrangeiros, &c., desvanece a idêa de *caducidade*, mui impropria, e desattentadamente introdusida por Mr. de la Clede na sua narração. O fallecimento de D. Vasco, aos tres mezes e pouco mais do seu governo, podia acontecer, ainda que elle estivesse no vigor da mocidade.

As respeitaveis cinzas deste grande homem vierão trasla-

---

tor da Silveira, que tambem se assignalou muito em feitos militares na India, já era fallecido ao tempo do primeiro cerco de Diu.

3.º No mesmo liv. 17., referindo Mr. de la Clede a vinda de Nuno da Cunha para o reino, depois de ter governado a India por dés annos, e como fallecera no mar, acrescenta *o grande conceito*, que el-Rei fazia deste excellente capitão, *o muito que sentio a sua perda, e as lagrimas que por ella derramou.* Mas o certo he que na ilha Terceira estava hum Ministro de elRei, esperando por Nuno da Cunha para o trazer em ferros a Lisboa, e Barros diz, que cada por credito da nação as festas e apercebimentos, que esperavão a Nuno da Cunha com Portugal, se cá chegasse.

4.º No liv. 18 diz la Clede que D. João de Castro era governador de Ormuz, quando recebeo a patente *de governador geral das Indias.* Mas D. João de Castro nunca foi governador de Ormuz, nem estava na India, mas sim em Portugal, quando lhe foi dado aquelle governo.

5.º No mesmo liv. 18 refere ao tempo de elRei D. João III. o estabelecimento dos Portuguezes na ilha de S. Thomé, sendo que a ilha foi mandada povoar em 1493, como o mesmo la Clede reconhece no liv. 14: e em 1559, que he o anno que assigna áquelle estabelecimento, já na ilha havia grande commercio, como nos consta da *Navegação de Lisboa a S Thomé*, escripta no anno de 1551 por hum piloto portuguez, que lá tinha hido cinco vezes, como elle mesmo diz. etc. &c

dadas para Portugal, e forão depositadas no convento carmelitano da villa da Vidigueira, em hum caixão collocado no presbyterio da igreja ao lado do evangelho, em cuja parede se metteo huma lapida com esta inscripção:

„ *Aqui jaz o grande argonauta D. Vasco da Gama, primeiro Conde da Vidigueira, e Almirante das Indias Orientaes, e seu famoso descobridor.* „

Parece cousa mui verosimil, que Vasco da Gama escrevesse a Relação ou Diario da sua primeira navegação á India, para o appresentar a elRei Dom Manoel; ou pelo menos o mandasse escrever debaixo da sua immediata direcção e nota. Este devia ser (ao que parece) hum dos primeiros cuidados, se não rigorosa obrigação, que incumbia aos capitães das expedições maritimas, maiormente quando hião a descobrir novos mares, costas, e terras; tanto para que por suas observações se verificassem os pontos já denotados nas cartas, ou se demarcassem os que novamente se hião descobrindo, ou se determinasse e corregisse a projecção das mesmas cartas, como para se notarem os differentes povos que habitavão as costas, os seus costumes, indole, linguagem, e trato, e emfim todos os accidentes que podessem servir ao conhecimento dos lugares e da gente, e fossem de utilidade aos futuros navegantes, que fizessem o mesmo caminho. A viagem de Vasco da Gama era de tal novidade, e importancia e de tanto empenho de elRei, e expectação dos Portuguezes, que temos por absolutamente incrivel, que elle não satisfizesse aquelle cuidado, e obrigação. Comtudo não temos achado a este respeito noticia alguma mais positiva, que a que nos dá *Ortelio* no seu *Theatr. orbis Terrar.*, impresso em Antuerp. em 1612, na breve Nota que precede á taboa 4 de Africa, aonde apontando alguns autores, que descreverão esta parte do globo, diz: *Ex recentioribus consule Aloysium Cadamostum*, VASCUM DE GAMA, *Franciscum Alvarez, qui Aethiopiam perlustravit*, &cet.„ donde parece colligir-se que Ortelio tinha conhecimento de alguma Relação feita

por Vasco da Gama, ou que corria com o seu nome Hum escriptor nosso moderno diz „ *Ha tradição que escrevera a sua primeira viagem* „ E Moreri „ *Dizem, que publicára a Relação da sua primeira viagem á India*„ e cita huma Bibliotheca Lusitana Ms. E eis aqui tudo o que a este respeito temos achado até o presente. (a)

Na Collecção das Cartas de Americo, publicada por Bandini em 1745, vem no art. 3.° a *Relação de huma expedição feita por ordem de elRei de Portugal pelo Cabo da Boaesperança a Calicut, dirigida a Lourenço de Pedro de Medicis*, que Bandini chamou *inedita*. Desta Relação diz *Camus*, que he a da viagem de Vasco da Gama, escripta por Americo Vespucio. Vej. a *Memor.* de Mr. Camus *sobre a Collecção das grandes e pequenas viagens* &c. Paris 1802 em 4.°

Art V.

Dos Portuguezes, que acompanhárão a Vasco da Gama na sua viagem.

Como este nosso trabalho, e outros que temos emprehendido ácerca de nossas navegações, viagens, e descobrimentos tenha por hum de seus principaes fins renovar a memoria de tudo quanto possa ser glorioso á nação portugueza, e vindicar os nossos compatriotas do injusto e ingrato desprezo dos estrangeiros, bem quizeramos nomear aqui hum por hum os heroicos companheiros, que forão com o Gama na expedição da India, e dar a todos até ao mais inferior, a porção de gloria, que a todos indubitavelmente compete. Mas a historia sómente nos conservou escassa memoria de poucos, e com essa nos devemos contentar.

Já nomeamos os dous illustres Capitães *Paulo da Gama* da náo S. Rafael, e *Nicolao Coelho* da náo Berrio. O primeiro que era (como dissemos) irmão de Vasco da Gama, ficou sepultado na ilha Terceira, aonde falleceo, vindo de volta para Portugal.

(a) Pela data desta Memoria, e por algumas notas precedentes facilmente se explica o nenhum conhecimento que seu Illustre Autor devia ter do *Roteiro de Vasco da Gama* que existe na Bibliotheca Publica do Porto, e que neste presente anno de 1838 foi publicado pela Imprensa *N dos RR.*

De Nicoláo Coelho, diz Severim de Faria (*Not. de* Portug. Disc 3. §. 16) que era *fidalgo de grande valor*, e que se houvera na expedição *com singular esforço e prudencia.* Na volta da armada ao reino apartou-se da capitanea, e chegando á bahia de Cascaes a 10 de Julho de 1499, e sabendo que o Gama ainda não era vindo, dizem alguns, que quisera voltar ao mar a procuralo, mas que elRei o não consentira, e o mandára entrar: pelo que foi o primeiro que informou a elRei de tudo o succedido.

ElRei D. Manoel *entre outras mercês* (diz o mesmo Severim) *lhe deo por armas em campo vermelho um leão rompente entre duas columnas de prata, que estão sobre huns montes verdes, e em cima de cada hum hum escudo com cinco dinheiros, e ao pe o mar* que significava os padrões que deixou postos no novo descobrimento do mar e terra do Oriente, e no leão o valor, com que neste descobrimento se houve.

Faria e Sousa diz que Nicolao Coelho fora premiado com *o foro de fidalgo, e cem escudos de tença annual.*

Este nobre Capitão foi segunda vez à India, governando uma das náos, que forão na armada de Pedro Alvarez Cabral em 1500, e com elle aportou *á Terra de Santa Cruz* (Brazil) então descoberta, e d'ahi o acompanhou caminho da India.

Fez ainda terceira viagem no anno de 1603 em uma das náos da armada de Francisco de Albuquerque, e o ajudou com grande valor a castigar os rebeldes de Cochim, e a restituir ao Rei as terras que lhe pertencião. Mas vindo Francisco de Albuquerque para o reino, e com elle Nicolao Coelho, em Janeiro de 1504, ambos se perderão na viagem, *sem se saber onde, nem como*, diz Goes. E a isto se reduzem as noticias que podemos alcançar de Nicolao Coelho.

Da outra gente da armada do Gama, achamos nomeados os seguintes.

1.º *Gonçalo Nunes*, capitão do navio em que hião os mantimentos. Delle diz Faria e Souza, com Barros, que era *criado dos Gamas* (36).

---

(36) Escusado parece advertir, que *criado* não tinha naquelle

2.° *Pedro de Alemquer*, celebre Piloto, que ja tinha hido com Bartolomeu Dias ao descobrimento do Cabo da Boa-esperança, e agora foi na capitánea *S. Gabriel.*

3.° *Gonçalo Alvarez*, mestre da mesma náo capitánea (Barros. 1. 4. 4.)

4.° *João de Coimbra*, Piloto da náo *S. Rafael* de Paulo da Gama

5.° *Pedro de Escobar*, Piloto da náo *Berrio* de Nicolao Coelho.

6.° *Fr Pedro da Covilhãa*, Trinitario, Prior do convento de Lisboa, confessor de Vasco da Gama. (37)

7.° *Fernam Martins de Lisboa*, qne falava bem o arabico, e que mereceo porisso ser commemorado de Camões naquelles versos dos *Lusiad.* cant 5. est. 77 :

Pela arabica lingua, que mal falão,
E que Fernam Martins mui bem entende &c.

do qual diz Faria e Sousa, que tivera de elRei *os privilegios do seu foro, e os mesmos para seu filho mais velho.*

8.° *Martim Affonso*, que *sabia muitas linguas dos negros* (diz *Castanheda*) e que achamos nomeado com Fernam Martins *linguas*, e tambem *pilotos.*

9.° Diogo Dias, irmão do intrepido Bartolomeu Dias, escrivão da náo capitánea.

---

tempo a significação, que hoje se lhe dá. Chamava-se então *criado* o que se criava, e educava, e vivia nas cazas dos fidalgos, e era ás vezes seu parente &c.

(37) Nos mais antigos escriptores nossos, que tratárão da expedição do Gama não temos achado o nome deste Religioso Trinitario. Faria e Sousa lhe dá o nome de *Pedro de Cobillones*, e diz que fora com effeito por confessor de Vasco da Gama: mas este escriptor não nos merece grande credito de exacção. O moderno Chronista dos Trinitarios tambem delle falla com o nome de *Fr. Pedro da Covilhãa*, e refere a hida com o Gama, ajuntando circunstancias que nos parecem pouco verosimeis, especialmente a de ser *martyrisado na India, em* 1498, *ás lançadas, estando ensinando e explicando o mysterio da Santissima Trindade*, pelo que lhe chama *o protomartyr da India*, e diz que fora *enterrado no campo por alguns catholicos* &c. O leitor fará desta narração o conceito que lhe parecer rasoavel.

10.° *João de Sa*, escrivão da nào S. Rafael. Voltou à India na armada de Cabral, e foi depois thesoureiro da Caza da India.

11.° *Alvaro de Braga*, escrivão da Berrio, e depois escrivão da alfandega do Porto.

12.° *Fernam Velloso*, mancebo valente e ousado a quem succedeo a aventura, que Camões refere no cant. 5. est 31 e segg, e de quem torna a falar no c. 6. est. 41.

13.° *Leonardo*, lembrado pelo Poeta no cant. 6. est. 40, de quem diz Manoel Correa, que se chamava Leonardo Ribeiro, e que assim lho dissera Camões.

14.° *Gonçalo Pirez*, marinheiro, da criação do Gama, e que o acompanhou á visita do Çamorim.

15.° *Alvaro velho*, soldado.

16.° *Pedro de Faria e Figueiredo.*

17.° *Francisco de Faria e Figueiredo*, irmão do antecedente, e ambos nomeados por Faria e Sousa

SERRA D'OSSA.

Anno de 1831.

(Pelo A. das Refl. sobre o art. de Fernam Mendes Pinto.)

Memoria Biografica.

DO

Dr. JOAQUIM MARIA D'ANDRADE

Vice-Reitor que foi da Universidade de Coimbra: Lente d'Astronomia na mesma Universidade; fallecido em Londres em 26 de Março de 1830, e sepultado em 3 d'Abril na Capella Catholica de MOORFIELDS.

Devido e grato tributo pagaremos agora á memoria veneranda d'um illustre Portuense, cujo nome, tão conhecido por sua sciencia como por suas virtudes, é respeitosamente pronunciado por estranhos e por nacionaes. Devedor quasi unicamente a si mesmo da merecida reputação de que como sabio inquestionavelmente gosou na Republica das Letras, e com que como homem probo e virtuoso foi geralmente considerado por quem o conheceu, tratou, e poude devidamente avaliar seus meritos, e qualidades moraes, elle sofreu a sorte quasi sempre commum aos homens grandes; — foi *furibundamente* perseguido nos ultimos annos de sua illustrada vida, e morreu nos braços da angustia, em terra estranha, longe de caros irmãos, que sobre uma dolorosa perda, ainda hoje lamentão não poder prestar-lhe os ultimos tributos da amisade fraternal!

Nós, que ainda hoje nos presamos muito de haver sido seu discipulo, e não menos a honra de merecer a sua amisade, que cultivamos desde que, como Doutor oppositor, entramos na Faculdade de Philosophia, cometteriamos indesculpavel censura se consentissemos que

se perdesse na noite do tempo a memoria illustre deste varão estremado, e de que as sciencias exactas em Portugal devem ufanar-se, e não menos o Porto, sua patria; peza-nos que os rasgos da nossa penna mal possão decrever sua honrosa biografia, como desejavamos; mas a anciedade de reparar a falta, que tem havido em a publicar, servirá de desculpa á nossa humilde linguagem.

Joaquim Maria d'Andrade nasceu na Heroica Cidade do Porto em igual dia ao em que estamos escrevendo esta memoria, em 29 de Novembro de 1768, e de pais humildes; honra sempre illibada e geralmente reconhecida era toda a sua nobresa, por certo grande e genuina; que é gloria mui van, esteril, e contra producente ufanar-se d'antepassados illustres, e annuviar-lhes essa gloria com acções deslusidas, e abjectas! erão sim humildes seus paes, mas assaz elevados e generosos forão sempre os seus sentimentos, pois que dando ao Estado treze filhos, dos quaes quatro forão varões a todos mesmo em a sua vida tiverão a satisfação de vêr estabelecidos em mui decentes profissões; porque o maior numero de filhas, a quem derão excellente e recolhida educação, e adornarão com prendas proprias do sexo feminino, poude entrar nos melhores Conventos de Religiosas, taes como S. Bento da Ave Maria do Porto, e Vairão; os filhos estabelecêrão-se todos pela carreira commercial, em que adquirirão fortuna, reputação, e consideração publica, bem merecida por sua probidade, e notoria aptidão. Joaquim Maria foi desde o berço destinado para a vida ecclesiastica, e logo em seus primeiros annos justificou o acerto da profissão, porque desde os primeiros estudos deu inequivocas provas de talento transcendente; de modo que sendo estudante de lingua grega, seu Mestre o Professor Thomaz de Lane o encarregava de preencher as funcções do magisterio nos repetidos impedimentos, a que as molestias o obrigavão. Feitos os primeiros estudos preparatorios, seus paes conseguirão sua admissão á Ordem Benedictina, a qual sempre em todas as Nações, e não menos em Portugal, foi reputada uma das mais illustradas, e ferteis em varões eximios, em cujo seio contava então grande numero

sobejamente conhecidos como sabios consumados ; e para prova bastará lembrar os nomes illustres de Fr. Joaquim de S. Clara , Lente de Theologia na Universidade de Coimbra, que morreu Arcebispo d'Evora; de Fr. Vicente da Soledade, igualmente Lente na mesma Faculdade , que morreu Arcebispo da Bahia , e de Fr. Francisco de S. Luis , ainda hoje vivo, Bispo resignatario de Coimbra , e Conde d'Arganil , um dos mais brilhantes luseiros da Literatura Portugueza. Nesta celebre e respeitavel Ordem entrou em 31 d'Outubro de 1785, e um anno depois professou no Convento de Tibães, com o nome de Fr. Joaquim José de Maria Santissima. Dahi passou em 1788 para o collegio de Coimbra aonde começou o curso de Filosofia ; em 1791 matriculou-se como voluntario em Phoronomia e Chymica na Universidade ; em 1792 no 1.º Anno da Faculdade de Theologia ; no seguinte de 93 matriculou-se no primeiro anno de cada uma das Faculdades de Filosofia e Mathematica ; no seguinte de 94 no 2.º anno das mesmas Faculdades, e alem d'isso no 2.º da de Theologia ; sendo premiado em todos os annos do curso Mathematico, e no 1.º e 2.º do curso Filosofico. Em 1796 tomou o gráu de Bacharel em Filosofia, e fez a sua formatura na mesma faculdade; e o mesmo fez na de Mathematica no anno seguinte de 1797. Tão notaveis e conspicuos se havião feito seus talentos, e tão decidida a sua vocação para as sciencias abstractas , nas quaes se havia distinguido por um modo que enchia d'admiração seus Mestres, homens respeitaveis por muitos titulos, e cujo nome só bastará para fazer o seu elogio, e erão elles os celebres José Monteiro da Rocha, Manoel Joaquim da Maya Coelho , José Joaquim de Faria, Franzini , e outros ; que estes á uma fizerão vêr ao Reitor Reformador, então o Principal Castro , quam vantajosa acquizição seria para a Faculdade a de alumno de tão agigantadas esperanças, de sorte que este illustre Prelado, sinceramente zeloso do lustre da Universidade, conseguiu do Governo de S. M. que elle podesse continuar o anno de repetição, para fazer os Actos grandes , e graduar-se na Faculdade de Mathematica , o que então não era permittido aos Regulares; como se vê do seguinte Aviso.

" Ex.mo e R.mo Snr. S. Magestade Attendendo a que Fr. Joaquim José de Maria Santissima da ordem de S. Bento, Bacharel formado em Mathematica e Filosofia, tem até agora dado singulares provas de talentos para estas sciencias: Ha por bem (reservando deferir á Carta de V. Ex.ª de 27 de Março do presente anno para outra opportunidade) que na forma dos estatutos dessa universidade elle continue, querendo, os Actos que seguem ao da Formatura. O que de ordem da Mesma Senhora participo a V. Ex.ª para que assim o faça executar. Deus Guarde a V. Ex.ª Palacio de Queluz em 18 de Novembro de 1797. — José de Seabra da Silva. Senhor Principal Castro." Em consequencia, defendeu conclusões magnas; fez Exame privado, e tomou o gráo de Doutor em Mathematica em 1799. Foi nesse mesmo anno que por Aviso Regio assignado por D. Rodrigo de Sousa Coutinho em o 1.º de Março, e dirigido ao D. Abbade Geral da congregação Benedictina, foi em nome de S. Magestade convidado, pela reputação que já tinha de bom Mathematico, para ir servir nas Igrejas da China, e entrar ali no Tribunal Mathematico, o que seria, diz o Aviso, de grande interesse para o Estado, e para o Real serviço; — mas elle declinou este honroso convite com o fundamento de seguir de preferencia o Magisterio da Universidade; e com effeito no despacho geral da Faculdade elle foi nomeado Lente Substituto d'Astronomia practica, com as seguintes expressões lançadas na carta Regia do 1.º de Junho de 1801: E porque ..... Me foi presente que o Doutor Fr. Joaquim José de Maria Santissima, Monge da congregação de S. Bento, é notoriamente reputado por um dos mais habeis Doutores da mesma Faculdade: Hei por bem nomea-lo para Lente substituto da cadeira de Astronomia Practica, sem embargo de quaesquer ordens, que em contrario haja para Regulares serem excluidos do corpo desta Faculdade, da qual nunca o deverão ser em quanto tiverem tal merecimento, e reputação, que deva esperarse de sua litteratura e luzes um vantajoso credito á Faculdade, e aos progressos della. „ Em 1817, depois de 16 annos de substituto foi despachado Lente cathedratico de Phoronomia.

Durante todo este tempo não cessou de cada vez mais profundar a sciencia a que se havia dedicado , e tornar-se nella de dia em dia mais conspicuo , e respeitavel. Ninguem na cadeira o excedia em clareza , facilidade d'exposição , methodo , amenidade de estilo , e na affabilidade de maneiras. Nos actos e exames expunha seus argumentos , e questões com tal ordem e disposição , que só discipulos pouco applicados deixarião de o entender, e com tal facilidade os guiava, que mesmo em assumptos em que fossem inexpertos , tendo com tudo os precisos principios , chegavão naturalmente aos competentes e necessarios resultados. Sobre tudo applicou-se com formal dedicação á intelligencia do sublime e intricado Tratado da Mechanica Celeste , obra que eternisará o nome do celebre de La Place ; e ja se vê que para isto lhe era mister estar ao nivel das theorias do illustre Lagrange, e d'outros Mathematicos contemporaneos não menos esclarecidos, e taes erão Monge , Legendre , Lacroix , e outros. Ao mesmo tempo dirigia as observações Astronomicas qne no observatorio de Universidade se fazião em outro tempo com a maior regularidade e precisão , não só como objecto d'ensino, mas por causa das Ephemerides que então se publicavão, que merecêrão a mais honrosa commemoração dos Astronomos Estrangeiros ; encarregando-se d'uma parte importantissima desta obra qual foi a composição da Taboa cosmografica, não só na occasião da sua primeira , e laboriosissima coordenação mas tambem em duas reformas , que successivamente lhe forão feitas ; e com seu penoso e diligentissimo trabalho concorreu muito para o credito que aquella producção academica da universidade de Coimbra grangeou nas universidades Estrangeiras.

Em 1803 por um Breve Apostolico de transferencia passou da ordem de S. Bento para Freire da ordem de Christo , , e nesta como secularisação deixou o nome que tinha pelo que novamente adoptou de Joaquim Maria d'Andrade.

Por Sentenças do Conselho dos Decanos de 12 de Janeiro de 1821 foi julgado habil para ser appresentado nas conesias Magistraes pertencentes á Faculdade de Mathematica ; sendo finalmente nomeado

conego Magistral de Sé de Leiria por carta Regia de 27 de Fevereiro de 1821.

Por Carta Regia de Abril de 1823 foi promovido a Lente cathedratico com exercicio na cadeira d'Astronomia Practica, e Primeiro Astronomo do Observatorio Real, no qual preencheu o officio de Director, emprego, que se achava vago desde o fallecimento do illustre José Monteiro da Rocha, que havia sido quasi o seu fundador.

Em 1825 foi despachado Segundo Lente da Faculdade com exercicio na mesma Cadeira. Incessante e incansavel em seus estudos, prestando continuos documentos de seu saber progressivamente crescente, forçado por tanto a uma vida sedentaria, foi lentamente adquirindo a fatal enfermidade que lhe abreviou os dias da vida; mas sem embargo do sofrimento habitual em que desde antes deste tempo começou a viver, e do sevéro regime dietetico que lhe era mister observar, nem por isso diminuio a sua applicação litteraria, ou os seus trabalhos nocturnos no Observatorio Astronomico da Universidade.

Depois do fallecimento do illustre e respeitavel Maya, Lente d'Astronomia Theorica, offereceu-se voluntariamente para substituir a cadeira, e continuar a explicar a theoria Astronomica escripta pelo celeberrimo Auctor da Mechanica Celeste; contribuindo grandemente por sua parte, para que a Eschola Mathematica da universidade de Coimbra fosse considerada e respeitada na Europa.

Por este tempo publicou o seu Ensaio sobre a Trigonometria spherica para servir d'introducção ao Tratado d'Astronomia Fysica de Biot, com o qual facilitou a seus discipulos os conhecimentos desta sciencia: este trabalho scientifico foi impresso pela Academia das Sciencias de Lisboa, da qual era socio correspondente; este opusculo foi tambem impresso em França.

Por espaço de 29 annos exerceu o Magisterio na universidade, que tantos decorrem desde 1799 até 1828, sempre com a mesma reputação de profundo Mathematico, d'illustrado Filologo, e de homem conspicuo por seu comportamento e virtudes; forão estes requisitos, e o cabal conhecimento da sua honradez, e principios politicos, a causa de que pela Junta Provisoria installada no

Porto depois do memoravel dia 16 de Maio de 1828, fosse nomeado Vice Reitor da universidade, emprego que, por causa da serie de acontecimentos infaustos que sobrevierão, em vez de servir, deprimio a seus serviços e longos trabalhos litterarios, e deu causa á perseguição que lhe foi feita pelo Usurpador da Corôa de Portugal, e por seus sanguisedentos satelites; sendo por isto forçado a homisiar-se logo que mallograda a generosa, e com tão prosperos auspicios começada tentativa na Heroica Cidade do Porto, o mesmo Usurpador poude a seu salvo empunhar o Sceptro que traiçoeiramente arrancára das maõs da Joven Rainha, que um Irmão Generoso, quando Rei, destinára para sua Esposa!

Por longos mezes sofreu o penoso e arriscado homisio; mais penoso ainda por causa da doloroza e fatal enfermidade que lentamente o ia levando ao tumulo; até que estando quasi a ponto de cahir nas mãos dos vis instrumentos do Usurpador, que indubitavelmente o levarião ao patibulo, só por ter servido a causa da legitimidade, foi forçado a emigrar para Londres, aonde chegou em Julho de 1829. -- Cumpre mencionar aqui, para desta arte excitar os remorsos, e se é possivel o arrependimento de seus perseguidores, se por ventura ainda algum existe, que (custará a acredital-o, mas ainda custa mais a escrevê-lo) entre seus proprios companheiros Academicos, invejozos certamente de sua reputação litteraria, e por ella offuscados, houverão alguns que não se pejárão de jurar contra elle nas Devassas instauradas em Coimbra no tempo da Usurpação !! .. e sem a minima attenção para com o eximio Professor, que por tantos annos fôra um dos mais prestantes ornamentos da Universidade, e da faculdade Mathematica!

Não se havendo jamais negado a prestar quantos serviços delle dependião em prol da legitimidade, S. M. Imperial o Snr. D. Pedro, o havia escolhido para Mestre de Sua Augusta Filha; na verdade acertadissima escolha, porque Joaquim Maria d'Andrade alem de seus vastissimos conhecimentos em Mathematica, abundava tanto em conhecimentos filologicos, quanto em virtudes; sua dolorissima enfermidade o impedio d'exercer este honrozo emprego, e vendo-se na precisão de recolher-se ao Asylo de *Lysson Grove*, estabelecimento para enfermos em curati-

vo, aonde só são recebidas, e tratadas por modica despesa, as pessoas de costumes irreprehensiveis: ali foi tratado por mui habeis Professores, com o mais exemplar carinho e affabilidade, principalmente pelo illustre *Brodie*, que ainda existe para gloria da Cirurgia Ingleza, da qual é um dos primeiros ornamentos, e por tanto um entre os primeiros e mais distinctos Cirurgiões da Europa, conhecido assaz não menos por esta relevante e singular qualidade, que por sua extremada filantropia, da qual muitos Emigrados Portuguezes podem dar o mais amplo testemunho.

Mas de nada aproveitárão os desvelados cuidados dos professores, e em especial do *Dr. Brodie*, que predilectamente estimava, e respeitava o desditoso enfermo; e cumpre, em abono da verdade, e em perpetuo reconhecimento do generoso e sobre modo delicado Professor, confessar que o enfermo, a não ser no seio de sua estimavel familia, aonde por certo receberia os mais desvelados auxilios, que a amizade fraternal que estreitamente a unio sempre, poderia certamente prestar-lhe e pela qual esta estimavel familia se tem tornado digno exemplo para os irmãos que respeitão a virtude e a preciosa qualidade fraterna, em parte alguma poderia ser tratado com mais affabilidade, abundancia de recursos, zélo, e assiduidade de Professores, que no Azylo de *Lysson Grove.*

Ali vio aproximar-se o termo de sua existencia, e de seus sofrimentos; elle os encarou sem pavor, saudoso porem da Patria, na qual deixava os mais caros penhores de seu fraternal affecto; e competentemente preparado para o terrivel passamento com todos os soccorros espirituaes, que pode ministrar a santa Religião Catholica Romana, e que effectivamente lhe forão ministrados por um sacerdote Portuguez tambem Emigrado, que muito antes de chegar o momento fatal, havia chamado para lhos prestar, passou para melhor vida no dia 26 de Março de 1830. O cadaver deste illustre Martyr da Patria e da Legitimidade foi depositado no jasigo da Igreja Catholica Moorfields em 3 d'Abril do mesmo anno.

Um amigo lhe fez o seguinte epitaphio, o qual vem commemorado no n.º 33 do Paquete de Portugal, periodico portuguez publicado em Londres, em 6 d'Abril do mesmo anno.

DOCTOR JOACHIMUS MARIA DE ANDRADE

NON EXTAT ! DECESSIT ! PLANCTUM FACITE,

SAPIENTES IN TERRA.

Vir probus, sapiens, moratus, prudens, honestus.
Lysiæ gloria, Conimbricæ Ornamentum.
Scientiarum decus.
Inter maximos orbis mathematicos magnus.
Primus in Lusitania Astronomiæ Professor.
Homo vere liber, non licentiosus.
Fidelissimus Fidelissimæ Portugaliæ Reginæ Mariæ.
Secundæ subditus., electus que Magister.
Juris jurandi Fidelitatis que Marthyr, Patriam
ancilatam fugiens ægrotus, fratribus suis
exilatis se Londini adjunxit.
Operationes perplurimas, summa sustinens virtute,
Sapientissimo *Brodie*,
Nimia cura, ternissimo que affectu ministrante;
Adtamen jam diu ærumnis, angustiis et laboribus
consumptis, corruptis visceribus, obdormivit
in Domino 65° ætatis suæ anno.
Septimo Kalendas aprilis die

A

M D C C C XXX.

Variedades.

Novo genero de Desagravo.

Estavão para dar oito horas na Igreja de S. Thomaz d'Aquino, quando o Conde de Mornay se levantou da sua grande poltrona antiga, e deu signal a Margarida para que interrompesse a leitura que fazia.

Não gostaes deste livro? disse ella.

O Conde levantou-se vagarosamente encostado ao braço de sua filha, e atravessando muitos salões desceu ao jardim, no qual, depois de numerosas voltas, entrou em um pequeno e delicioso bosque.

O ar estava aprazivel, o firmamento no horisonte mostrava-se de vermelho e azul, e os ultimos raios do sol parecião deixar com magoa a terra que elles já não aquecião: era uma bella noite de Junho que recendia com o perfume das flores, e que uma branda viração refrescava, predispondo a alma para a meditação, ou para as visões. O Senhor de Mornay foi sentar-se em um banco; Margarida seguio-o, e foi sentar-se ao pé delle, e ambos dominados talvez pelas mesmas impressões, permanecêrão silenciosos por alguns minutos. O Conde com os olhos no chão tinha-se abandonado a perigosas reflexões, pelo que mostravão as contracções do seu rosto naturalmente serio e tranquillo. Margarida tambem pensava em couzas tristes, e de quando em quando olhava anciosa para seu pae.

— Que tendes meu pae? lhe perguntou ella com uma voz quazi tremula.

O velho estremeceu; e aproximando-se de Margarida pegou-lhe na cabeça, apertou-a com uma indizivel angustia contra os seus labios, teve-a assim por muito tempo, e não respondeu.

Nesta scena sobre maneira simples havia um inexplicavel sentimento de dôr profunda que ia directamente á alma, e que só ella podia comprehender. Uma ca-

beça d'ancião reclinada sobre uma face encantadora; cabellos raros, misturando-se com cabellos abundantes; uns olhos amortecidos, e outros olhos tão vivos que falavão uma lingoagem tão eloquente ... em fim a vida e a morte — estas duas antitheses apertando, por assim dizer, a mão uma á outra, e exhortando-se tacitamente á resignação! ... a vista deste quadro era triste, sem que no entretanto se possa explicar o porque; e a muito custo se podião affastar delle os olhos: tanta era a grandeza e o interesse que esta muda afflicção inspirava!

— Vós choraes meu pae! exclamou de repente Margarida; e depois accrescentou, mas em voz muito baixa, e como com grande susto: — Manoel deu-vos algum desgosto?

O velho Conde voltou a cara e estendeu a mão para Margarida.

— Isto não é nada, respondeu elle de vagar.

— Vós soffreis, lhe replicou sua filha; vós soffreis, e não me quereis dizer nada, meu pae: houve tempo em que vós não tinheis segredos para mim; penas ou prazeres tudo repartiamos entre nós.

— Fóra de sua casa ha tres dias! .... disse o Senhor de Mornay; e Deus sabe o que elle faz com os seus dignos amigos!

— E' natural que elle venha hoje, disse docemente Margarida, fazendo por mostrar ao Conde um ar de rizo, crêde no que vos digo, os meus pressentimentos nunca me enganárão.

— Querida filha! se elle ao menos se parecesse comtigo em alguma couza? talvez eu me resignasse: mas em nada! em nenhuma de suas acções mostra ser de sangue nobre, e generoso: tenho ás vezes tentações de negar que elle seja meu filho.

— Oh meu pae! exclamou a joven donzella — não digaes isso: vós assustaes-me. Até hoje, continuou ella, vós fosteis sempre indulgente para com meu irmão, haveis-lhe perdoado sempre os seus erros, porque motivo hoje ....?

— Hoje, replicou o velho com severidade, os seus erros são crimes.

— Crimes! repetio Margarida toda tremula.

— Sim, disse o conde, crimes! Agradeça ao seu nome e aos seus titulos, por que se elles não fossem, já ha muito tempo estaria mettido entre as quatro paredes humidas de uma enxovia; elle porem chama-se Manoel de Mornay, visconde de Beaugency, Barão de S. Vicente; e como um sangue illustre lhe circula nas veias, póde impunemente passar os seus dias nas casas de jogo, e á noite levar a desolação ao seio de familias pacificas. Se fosse pobre e obscuro a lei o castigaria; como é nobre e rico poupa-o a lei: os fidalgos applaudem-no e invejão-no! mas de que serve fallar-te em couzas desta natureza, que tu não pódes comprehender? para que te hei-de eu affligir ainda mais iniciando-te em outros objectos de dòr mais pungente, mais terrivel que os que tu conheces?

Acabavão de dar onze horas, Margarida offereceu a cara a seu pae que a beijou, depois sahiu.

Vendo-se só o Conde pensou muito tempo em seu filho; fatigado de esperar, deitou-se; e as ultimas palavras que pronunciou antes de adormecer, forão para abençoar sua filha.

Desembaraçada das criadas, Margarida fechou-se no seu quarto, ajoelhou, e rogou a Deus que prolongasse os dias de seu pae, e mudasse o comportamento de seu irmão Manoel.

No dia seguinte o visconde Manoel de Mornay foi sentar-se á meza de seu pae; o almoço foi triste e silencioso, Margarida fez toda a diligencia para distrahir o velho, mas elle apenas se sorria para ella de quando em quando. Acabado o almoço fez o Conde signal a seu filho, que já ia a sahir, para que ficasse, e disse-lhe com tom firme e severo — tenho que vos dizer. Margarida retirou-se: o mancebo e o ancião ficárão sós.

Senhor, lhe disse este, dentro em um mez haveis-de deixar Paris que está cheio da vossa vergonha; eu pedi ao Rei Luiz XV uma patente de capitão que brevemente vos ha-de ser enviada pelo ministro; tendes pois um mez para me fazer morrer de desgostos, se assim o quizerdes.

Estas palavras pronunciadas com tom solemne aterrárão o mancebo. — Meu pae, ... respondeu elle, como podeis vós pensar....?

— Eu penso que vós não tendes por mim a menor affeição, o menor respeito, interrompeu o Conde: se assim não fosse, vós reputarieis como um dever conservar sem mancha um nome que nunca a teve; vós não farieis curvar cada dia a minha cabeça sob o pezo de afflicções; vós não consumirieis a vossa mocidade em vergonhosas orgias, e não tomarieis por divertimento deshonrar familias honestas, no seio das quaes vos introduzis fraudulenta e cobardemente; eu vo-lo repito, senhor, vós não me amaes!!..

O Conde de Mornay apenas acabou de dizer estas palavras, voltou as costas a Manoel, e entrou para o seu quarto.

II.

Em uma casa de mesquinha apparencia na rua de Sorbonna vivião havia dous annos um mancebo e uma donzella; elles habitavão um terceiro andar bem simples e bem modesto.

Balthazar estudava Direito, e destinava-se á profissão de advogado; Maria occupava-se do arranjo de casa. Elles tinhão perdido, quando erão ainda muito crianças, sua mãe já viuva; e depois de terem reduzido a dinheiro a sua pequena legitima vierão para Paris. Balthazar promettêra a sua mãe moribunda de nunca abandonar sua irman Maria, e elle cumpria fielmente a sua palavra. Nunca amizade mais santa tinha unido duas almas tão amantes. Nunca houve intimidade mais agradavel nem mais pura; ambos parecião viver um para o outro. Entre elles não havia destas nuvens que ás vezes vem escurecer um ceo sereno, nem destas tempestades passageiras que sempre alterão as affeições mais duradouras: o seu amor suave, tranquillo, cheio de confiança era para elles sempre energico, sempre novo, sempre cheio de delicias. Não conhecendo ninguem senão seu irmão, Maria tinha-se esquecido que existia um mundo em torno de si, e nunca o seu pensamento foi alem do ar que ella respirava, ou do ceo que ella via. Balthazar, pelo que lhe dizia respeito, esforçava-se por abafar antecipadamente no coração de

sua irman os impulsos desconhecidos que poderião algum dia arrastal-a para a sociedade. A felicidade, lhe dizia elle, é uma filha celeste que se lembra da sua origem, e é por isso que ella foge com todo o cuidado do palacio dos grandes da terra para se acoutar no coração dos justos. A felicidade, Maria, não consiste nem nas riquezas, nem nos titulos, nem nos prazeres, o que a dá é unicamente uma consciencia pura e tranquilla. Maria escutava attenta estas palavras, e respondia assim a seu irmão : — Balthazar, tu tens razão, o que deve fazer a gente feliz não são nem os titulos, nem as riquezas que eu não conheço, nem os prazeres de que me fallas, e que eu não invejo, mas sim unicamente uma boa consciencia ; e não somos nós a prova disto ! ?

Maria era completamente feliz, e na sua propria felicidade se comprazia; entretanto ás vezes uma tristeza vaga vinha destruir a harmonia de seu bello e sereno rosto, e cobrir o brilho de seus olhos azues e melancolicos ; seu irmão perguntava-lhe algumas vezes se ella tinha alguma couza que a affligisse, e a donzella respondia : — Eu estava agora pensando na nossa boa mãe. Depois suas aveludadas faces tornavão a tomar o seu terno colorido, seus olhos o brilhante esplendor, a nuvem tinha passado, e o seu coração tinha socegado.

Eis-aqui pouco mais ou menos os unicos acontecimentos que no espaço de dous annos assombrárão alguma couza a felicidade de Balthazar e de Maria.

Pela manhan apenas Balthazar se levantava corria para o pé de sua encantadora irman, dava-lhe os bons dias, e abraçava-a se ella já estava acordada; sentava-se ao pé do seu leito se ella ainda dormia, e nesse entretanto contemplava-a retendo a respiração para não interromper o seu somno puro e pacifico : desta maneira permanecia elle ás vezes uma hora, e a primeira couza que a donzella percebia ao abrir os olhos era o sorrizo de seu irmão.

Mas por ventura existe sobre a terra alguma felicidade duradoura ?

Um dia depois de ter acompanhado com a vista seu irmão que sahira, ou porque o ar estivesse aprazivel, ou porque ella estivesse triste, ficou alguma tem-

po á janella, e quando hia a retirar-se olhou por acaso para a rua, seus olhos encontrárão os de um mancebo que a observava com uma muito particular attenção; ella córou sem saber porque, e retirou-se precipitadamente. Balthazar, quando entrou, achou-a distrahida, e a rir lhe fez esta observação: Maria corou, e calou-se: no dia seguinte seu irmão foi para a aula á mesma hora; a donzella hesitou um pouco antes de se pôr á janella como costumava, mas sempre se resolveu a ir, na firme intenção de não olhar senão para seu irmão; a curiosidade porem venceu, e ella viu pela segunda vez o mancebo que da primeira a tinha assustado.

Fechou a janella, e tomou a resolução de perguntar nesse mesmo dia a Balthazar, porque motivo olhavão para ella daquella sorte: chegou elle, e de repente as suas bellas resoluções a abandonárão no mesmo momento em que elle entrava. Ella esteve triste toda a tarde: Balthazar fez toda a diligencia para a distrahir, porém debalde; ella respondia a todas as suas perguntas por estas palavras. — Eu penso na nossa boa mãe: e dizendo isto sentia-se incommodada; pobre menina! ella mentia pela primeira vez na sua vida: custou-lhe a suster as lagrimas. No dia seguinte foi á Igreja com seu irmão, e confessou-se a Deus desta mentira.

Desde este momento a felicidade que tinha igualmente acompanhado os dous orfãos fugiu lenta mas continuadamente do coração de um delles: porem, ou fosse porque Maria não queria affligir seu irmão, ou porque ainda lhe restava a esperança de tornar a apoderar-se dos bens preciosos que lhe fugião, ou porque lutava com o anjo máo que a arrastava, ella entranhou por tal fórma no coração os seus tormentos e angustias, que Balthazar não desconfiou de nada.

Por oito dias consecutivos tinha a imprudente ido á janella, e sempre tinha visto o mancebo de que acima fallamos. Passados estes oito dias, e depois de ter deixado que o veneno fizesse estragos horriveis, e que a doença se tornasse incuravel, armou-se repentinamente de coragem, e resolveu morrer ou triumphar do seu coração. Nunca ella tinha ouvido pronunciar a

palavra *amor*, nunca lhe tinha vindo á idéa a suspeita de que fosse possivel a uma mulher amar um homem de outra maneira differente da que ella amava seu irmão: e por isso se assustava das terriveis commoções que sentia; de noite, quando depois de esforços inauditos para gozar um instante de somno, ella conseguia adormecer, a imagem daquelle que ella queria esquecer a perseguia até em sonhos, suspendia-se tenazmente á sua abrazada cabeça, e murmurava a seus ouvidos palavras que ella jámais tinha ouvido, mas cuja suavidade era deliciosa. Brevemente acordava, e então começavão as lagrimas e os remorsos.

Até a aquelle tempo nunca ella se levantava sem que Balthazar viesse acordal'-a, ou dar-lhe os bons dias: desde então era ella quem todas as manhans ia despertar seu irmão; a desgraçada donzella até temia o seu somno! — temia denunciar por algumas palavras ditas em voz alta, o que ella tinha tanto empenho em occultar a Balthazar. Elle ás vezes admirava-se de ella madrugar tanto, e como a visse macilenta e desfigurada, perguntava-lhe: — Tu não dormistes esta noite, estarás doente, minha irman? Maria sorria-se immediatamente para dissipar desta maneira o seu cuidado.

Era sobre tudo quando Balthazar voltava da aula que elle notava maior alteração no semblante de Maria. Perguntava-lhe algumas vezes se ella tinha chorado: ella respondia-lhe que não, e elle a acreditava.

Um dia erão quazi duas horas, (e seu irmão só devia vir ás quatro) quando batêrão á porta de vagar: Maria levantou-se, e foi abrir a porta. Cheia de terror deu um grito; um mancebo estava diante della, o mesmo que tinha visto olhar para si os oito dias antecedentes. Fez toda a diligencia para se tranquillizar, e tornando a abrir a porta que tinha fechado: — Senhor, disse ella com uma voz tremula, que é o que quereis?

Estas palavras, posto que simples, embaraçárão o desconhecido.

— Menina, disse elle adiantando-se alguns passos, eu . . . . . .

— Senhor, replicou ella, se quereis fallar a meu irmão, elle estará aqui esta tarde.

E sem esperar resposta empurrou a porta com força.

Não faremos deligencia por seguir os acontecimentos, apparentemente futeis, mas na realidade terriveis, do drama que se preparava em casa de Balthazar: nós vamos referir-nos a um acontecimento que teve lugar tres mezes antes do tempo em que começa o primeiro capitulo desta pequena novella — vinte e cinco dias depois da entrevista de Maria e do desconhecido.

Uma manhan Balthazar recebeu uma carta que lhe annunciava a morte de seu Tio, advogado junto ao parlamento de Marselha, e dava-lhe ao mesmo tempo o conselho de partir immediatamente para aquella cidade para fazer valer os seus direitos á herança do defunto, que tinha morrido sem deixar filhos. Balthazar cuidou que estava sonhando, pois que oito dias antes seu Tio lhe tinha escripto, e passava muito bem; no entanto foi obrigado a render-se á evidencia; mostrou a carta a sua irman, e annunciou-lhe que no dia seguinte partia para Marselha. — Tão depressa? meu irmão, disse ella; mas eu não tenho tempo de preparar o que *nos* é preciso para a nossa jornada.

— Eu bem o sei, respondeu Balthazar, é por isso que a minha intenção é partir sozinho para Marselha.

— Só! replicou Maria fazendo-se pálida, tu pois queres abandonar-me, deixar-me! e que será de mim sem ti?

— Esta jornada penaliza-me tanto como a ti, e se tu soffres por me vêr partir, eu padeço por te vêr ficar: mas as ordens são terminantes; é preciso que eu parta immediatamente. No entanto posto que auzente na realidade, no pensamento eu estarei sempre ao pé de ti, e tu has-de seguir o meu exemplo: não é assim?

— Eu não consinto em ficar aqui, se tu não ficas tambem, disse Maria.

— Pensa, minha irman, que a tua saude não é boa: eu tenho te occultado isto até hoje, para te não assustar; mas visto que é necessario, devo dizer-te que a mudança que ha muitos dias sobreveio na tua saude e no teu genio me tem assustado, e estou certo que uma jornada, as fadigas inseparaveis della, e a mudança de clima te serião fataes.

— O ficar aqui é que me será fatal; exclamou a donzella, fitando olhos aterrados em seu irmão.

Ella pronunciou estas palavras de uma maneira tão extraordinaria, que Balthazar, que não era supersticioso, não poude resistir a um sentimento vago de terror.

— Que queres tu dizer com isso? replicou elle espantado.

— O que eu quero dizer.....

Ella parou subitamente, e debalde intentou fallar; a agitação, o terror, e a vergonha a emudecêrão, ella só poude continuar com as lagrimas. Seu irmão olhava para ella, e pensava comprehender os motivos da sua violenta dôr! Maria deitou-se-lhe ao pescoço.

— Se ao menos eu ainda tivesse minha mãe!.. disse ella no meio dos seus soluços.

Balthazar explicou ainda, ou cuidou explicar o motivo destas palavras. O resto do dia foi passado bem tristemente. Maria teimou em ficar fechada no seu quarto, e ahi com a cabeça encostada ás mãos e lavada em lagrimas trouxe á memoria tudo quanto ella tinha sentido e soffrido desde o dia em que pela primeira vez um mancebo lhe tinha apparecido; depois perguntou a si mesma, se acaso ella não devia dizer tudo a seu irmão. — Eu nunca o ousarei, disse ella finalmente, e desceu.

Balthazar recorreu a todos os argumentos possiveis para lhe provar que ella não tinha razão em se affligir; e accrescentou que ella não ficava inteiramente só, porque uma mulher de idade adiantada e honesta, que felizmente elle tinha descuberto, não a deixaria sem elle ter voltado. Maria por comprazer, mostrou-se convencida; pobres creaturas! nem ella nem elle o estavão; e apenas cada qual se vio só, abandonou-se ás occultas a toda a sua afflicção.

No dia seguinte Maria foi abraçar seu irmão como costumava, e ajudou-o nos seus preparativos de jornada. Deu a hora fatal; Balthazar apertou Maria em seus braços, abraçou-a com angustia, depois apartando-se subitamente disse-lhe adeus, e voltou a cara, a fim de occultar uma lagrima que lhe escapára.

Oh! deixa-me abraçar-te ainda uma vez, excla-

mou Balthazar, e quando acabou de a abraçar, disse-lhe, até daqui a quinze dias. Desceu rapidamente as escadas. Maria abriu a janella disse adeus com a mão, e não viu o desconhecido que a estava contemplando.

— Em fim partiu! disse este comsigo.

— Agora, disse a donzella entrando no seu quarto; oh! agora, meu Deus! protegei-me.

III.

No dia seguinte ao da partida de Balthazar a tal velha veio installar-se ao pé de Maria. Dous dias deixou ella passar sem nem levemente dar consolações algumas á joven desamparada; mas finalmente vendo que a sua afflicção augmentava a cada momento deu-lhe algumas reprehensões cheias de benevolencia e bondade, e ao mesmo tempo conselhos judiciosos, sem cessar de lamentar com ella o abandono em que se achava. Maria ouvio-a com attenção, depois fallou-lhe de seu irmão que era tão bom, e tão amavel, e de quem ella estava separada.

Elle ha-de voltar breve, disse a Senhora Roberta, e com elle a vossa antiga felicidade, isto é um noviciado, minha filha; quem ha que não tenha tido suas afflicções? qual de nós não tem chorado? vós sois muito nova, nenhuma paixão veio ainda destruir as vossas illusões, ou mirrar o vosso coração, mas ao passo que vos fôrdes adiantando no caminho da vida, ao passo que aprenderdes a conhecêl'-a, estae certa que em breve lhe haveis de dar o valor que ella na realidade tem, e não o que parece ter. Maria não respondeu, mas meditava. — De que serve o affligir-vos? continuava a velha, para que quereis fazer murchar com as vossas lagrimas as faces que tendes tão mimosas? amortecer vossos olhos, cujos raios devem ser tão suaves? fazer desmaiar a bóca cujo sorriso deve ser encantador? destruir a harmonia desse lindo rosto que nada tem de terrestre? A afflicção, minha filha, é quasi sempre uma fraqueza, e a resignação uma virtude.

Maria ouvia-a em silencio, e fazia tenção de ter

animo. Outras vezes dizia-lhe a velha — Vós chorasteis hoje menos do que hontem: estou contente comvosco, minha filha, não continueis pois a estar triste: pensaes acazo que vosso irmão quando voltar se não ha-de affligir vendo-vos doente ou inconsolavel, procurando, mas debalde, reconhecer em vós a sua linda irman que elle tanto estimava, se em vez de um rosto meigo e encantador elle não visse senão um rosto macilento; se em vez de grandes e lindos olhos elle só encontrasse olhos sem vivezà e sem animação, se em fim elle não encontrasse em vós mais do que a sombra da menina que elle me confiou? o pobre Balthazar de certo morreria de desgosto, e vós sois muito sua amiga para desejar que elle morra. — Eu não torno a affligir-me, respondia Maria.

Uma noite, a Senhora Roberta perguntou-lhe se ella nunca tinha ido á Opera, e se gostava muito de ir ao theatro, aos divertimentos publicos, ou passear pela cidade, e pelo campo; Maria dizia que não conhecia nenhuma destas couzas; a sua amiga admirava-se, e tinha compaixão della; depois fazia-lhe pinturas tão seductoras, narrações tão pomposas do que havia em Paris, que a innocente menina duvidava de quanto ouvia, e suspirava em segredo. Uma outra noite a Senhora Roberta depois de lhe ter explicado o que era Versalhes e a côrte, os fidalgos e as lindas senhoras, censurou altamente Balthazar por não lhe ter mostrado nada disto. — Na verdade, minha filha, já não estimo tanto vosso irmão, depois que vi que elle vos tinha como em uma prisão no centro de Paris.

Ella olhou para Maria quando pronunciou estas palavras, e parecia querer penetrar os seus mais intimos pensamentos: o semblante de Maria permaneceu immovel — Eu nunca sahi senão para ir á Missa, respondeu ella.

Havia cinco dias que Balthazar tinha partido, e ainda não tinha escripto, e Maria principiava a estar com cuidado. Uma manhan a velha foi-se para a janella, e lá esteve pelo menos uma hora dizendo a cada momento — que lindo dia!! depois dirigindo-se para Maria: — Minha filha, disse ella, vós não podeis respirar assim fechada no vosso quarto; vinde pois para o pé de mim, o ar ha-de fazer-vos bem.

Maria tinha vontade de recusar. A Senhora Roberta pegou-lhe pela mão, e conduzio-a. Ella ardia em febre, e o seu coração pulsava com violencia.

— Oh que lindo joven! disse de repente a velha, mostrando-lhe um mancebo que passava pela rua: olhae para elle, que lindo pórte! que nobre figura!!

Maria perturbou-se ao ouvir estas palavras, no entretanto, para não dar suspeita alguma olhou para a rua, e logo disse comsigo — Elle já cá não vem: e esta idéa a fez estar algum tempo pensativa.

Na noite desse mesmo dia a sua amiga lhe perguntou se ella ainda estava inconsolavel pela auzencia de Balthazar. Maria calou-se, accusando-se talvez interiormente de o esquecer. — Apezar de todos os meus esforços vós estaes constantemente triste, continuou a velha, e eu pertendo curar-vos. — Já que as minhas observações nada podem para melhorar a vossa afflicção, vou recorrer ás distracções. Não sei como ainda não tinha pensado nisto, mas não percamos as esperanças. Daqui a uma hora. um pouco antes de anoitecer ao sahir da igreja havemos de ir dar uma pequena volta pelo caes: a noite promette estar muito bonita: o passeio ha-de ser delicioso. Então que dizeis?

— Mas, senhora, eu não sei se meu irmão gostará.....

— Trata-se da vossa saude, minha filha. Ora vamos; sêde humilde e obediente, e sobre tudo não escandalizemos as pessoas que nos estimão: e dizendo isto affagou as faces de Maria.

Erão quasi oito horas quando ellas sahirão da igreja. Maria tremia toda; a Senhora Roberta escarnecia do seu medo.

Erão dez horas quando se recolhêrão. — Então que vos parece Paris? minha filha.

— Não sei onde tenho a cabeça, respondeu Maria, estou aturdida.

— Que direis então, continuou a sua amiga, quando eu vos disser que ainda não é nada?

Maria ouvia com a boca aberta; e sonhou uma parte da noite em festas, e passeios.

No dia seguinte forão novas descripções ainda mais exageradas que as da vespera.

Pouco a pouco Maria se habituou a sentir menos a auzencia de seu irmão; havia alguns dias que ella respirava, para assim dizer, o ar de um mundo novo, e a cada passo que ella dava neste terreno desconhecido, desejava penetrar mais adiante. Mas, ou fosse acaso, ou calculo, a senhora Roberta que primeiro tinha buscado despertar a sua curiosidade, mostrou-se depois mais circunspecta, e não fez caso algum das promessas que lhe tinha tão generosamente feito.

— Senhora Roberta, disse um dia Maria, quando havemos de ir ás Tulherias?

— Eu não sei? lhe respondeu ella com uma fingida indifferença.

— Eu desejava lá ir passear uma só vez, disse a joven donzella.

A senhora Roberta não deu resposta. Dous dias depois ella disse-lhe sorrindo-se, que se fizesse linda, e Maria tambem se sorrio. — Bem sei que isso não vos ha-de ser difficil, mas é que hoje é preciso fazer-vos mais linda que nunca.

Maria começou a vestir-se; depois de ter vaidosamente empoado o cabello, arranjado e desarranjado dez vezes as mangas do seu engraçado vestido: depois de se ter mirado bem, examinado, e admirado no seu fiel espelho, desceu para ao pé da senhora Roberta, que a achou encantadora, e lhe fez cumprimentos que na verdade erão bem merecidos: depois sahirão, atravessárão o suburbio de S. Germano, e depois de terem caminhado tres quartos de hora, entrárão nas Tulherias.

Os jardins estavão cheios de jovens fidalgos e fidalgas. Tudo quanto Maria tinha podido imaginar nos seus sonhos ácerca de luxo, de riqueza, e de maneiras delicadas se achava excedido pela realidade. Ella não se cançava de contemplar as lindas meninas que cercadas de luzidos cavalheiros e agitando com negligencia os seus leques, se sorrião indifferentemente para um, respondião a outro com um signal de cabeça, e parecião umas rainhas no meio dos seus subditos.

Por toda a parte sua admiração as seguia, até nos seus menores gestos, nas suas mais insignificantes palavras, nas suas menores acções; tudo nellas lhe agra-

dava, até o desdem que de vez em quando lhes fazia enrugar os labios.

A senhora Roberta conduzio-a para um outro lado, e repentinameute Maria córou e estremeceu; ella acabava de vêr o mancebo que se tinha aprezentado em caza de seu irmão. Elle olhou muito para ella e cumprimentou a senhora Roberta, que lhe correspondeu com o maior agrado.

No entretanto Maria estava estupefacta; ella não podia conceber como um gentilhomem as podesse cumprimentar a ellas — mulheres obscuras. Tendo hesitado algum tempo, deliberou-se a perguntar a explicação disto á senhora Roberta.

— Minha cara, disse ella, porque motivo aquelle joven senhor foi tão cortez para comnosco?

— Eu conheço-o muito bem minha filha.

— Vós conhecei-lo muito bem?

— Um signal de cabeça affirmativo foi a resposta da Senhora Roberta. — Maria não se atreveu por então a fazer novas perguntas á velha, mas depois de terem dado um pequeno passeio, disse-lhe de repente, e como que casualmente: — Quem era aquelle mancebo?

— E' o Conde Manuel de Mornay, um dos mais ricos, mais nobres, e mais apurados cavalheiros da côrte de Luiz XV, respondeu a senhora Roberta.

Ellas derão ainda alguns passeios, e depois seguirão para uma das portas de sahida que era menos frequentada. — Minhas senhoras, disse uma voz suave, vós deveis estar fatigadas: quereis utilisar-vos da minha carruagem?

Maria voltou-se rapidamente, e reconheceu o mancebo da rua da Sorbonna. Espavorida encostou-se quanto pôde á senhora Roberta, e fez diligencia por a desviar dali: no entretanto esta respondia ao Conde Manuel:

— Eu acceitaria, senhor Conde, o vosso delicado offerecimento se estivesse sósinha, porque sei que só o desejo de nos obsequiar é quem vos moveu a praticar esta cortezia; porem esta menina não tem a honra de vos conhecer, e eu ignoro se devo.....

— Menina, disse o joven, aproximando-se de Maria, então quereis privar-me de uma ventura em que estava esperançado desde que hoje vos encontrei?

Maria turbada nada respondeu. O Conde insistiu, pediu, supplicou; e a senhora Roberta depois de fingidas e estudadas recusas pareceu ceder só ás reiteradas instancias. Manuel e a senhora Roberta fallárão familiarmente parte do caminho: o Conde nesta practica empregou todo o seu talento, e a velha gastou quanto tinha pilhado a varios. Maria ia ouvindo com os olhos inclinados, e de quando em quando uma saudade de seu irmão lhe atravessava o pensamento. Manuel recorreu a todos os estratagemas possiveis para a fazer fallar; ella porem teimou em estar calada. Algumas vezes, e só quando tinha a certeza de que elle a não podia surprehender, é que ella ouzava lançar para elle um olhar timido.

Chegados a pequena distancia da rua da Sorbonna a senhora Roberta pediu ao Conde que tivesse a bondade de mandar parar a sege. — Elle obedeceu logo; ajudou-as a apear, e separou-se dellas depois de lhes ter feito os mais delicados cumprimentos. Maria esteve melancolica por espaço de dous dias. No terceiro, ao levantar da cama, achou sobre o seu travesseiro um pequeno bilhete perfumado. Ellà chamou pela senhora Roberta para lhe perguntar quem tinha posto ali aquelle bilhete. A senhora Roberta ainda não tinha vindo de fóra. A sua admiração augmentou. Ella virou e tornou a virar o bilhete por todos os lados antes de se resolver a quebrar o sinete.

— Não tem sobrescripto, por consequencia não me é dirigido! no entretanto porque motivo estava elle aqui, se . . . . . .

Ao acabar estas palavras ella quebrou o sinete e leu o que se segue — " Maria, ha um anno que
„ vos amo, e occultei-vo-lo até ao momento em que
„ tive a ousadia de me apresentar em vossa casa —
„ Oh! vós me punistes com bastante severidade, e ago-
„ ra só me resta morrer se persistis em ser inexora-
„ vel.

„ Tudo quanto vos peço, Maria, é a permis-
„ são de vos tornar ainda a vêr uma só vez, e ao
„ depois dizer-vos Adeus. "

MANUEL DE MORNAY.

Maria sentiu rumor, guardou a carta no seio, e recebeu com um sorriso a senhora Roberta, que vinha entrando.

Este bilhete foi seguido de muitos outros; e depois de tudo isto resultou — que Maria, aconselhada pela sua amiga, recebeu o Conde, e que este obteve em breve tempo a certeza, e a prova de quanto era amado.

Seis semanas sómente depois da partida de Balthazar, chegou ás mãos de sua irman uma carta concebida nestes termos.

" Querida irman, já te escrevi duas vezes, e ain-
,, da estou á espera d'uma resposta: ter-se-hão desen-
,, caminhado as minhas cartas? se estás doente faz-
,, me sciente immediatamente, e eu voarei para ao pé
,, de ti. Aborreço muito o estar em Marselha, e no
,, entretanto meu Tio quer demorar-me até ao fim do
,, mez. Ignoro ainda quem foi o author da falsa no-
,, ticia que me annunciava a sua morte: o bom ve-
,, lho passa ás mil maravilhas, e não está resolvido,
,, pelo que me parece, a deixar tão cedo este mundo.
,, -- E tu, querida irman, se não estás doente, que
,, fazes? continuas a estar triste? és ainda amiga do
,, teu irmão? se soubesses como os dias me parecem
,, compridos, Maria! conto-lhe as horas, e parece-me
,, que elles tem ametade mais: isto não deve custar a
,, acreditar, porque até hoje ainda não tinha estado
,, separado de ti! Oh! quanto me tarda o ir já de vol-
,, ta, querida irmansinha, apertar-te em meus braços,
,, dizer-te quanto te amo e quanto serei ditoso tor-
,, nando a ver-te! Adeus, Maria, pensa em mim, e
,, não serás recompensada com ingratidão. "

" Balthazar. "

Maria depois de ter lido esta carta escondeu a cara com as mãos, e poz-se a chorar.

Entretanto o Conde Manuel de Mornay não era homem capaz de uma paixão violenta e duradoura. Depois de ter amado Maria por espaço de tres semanas consecutivas logo o enfastiou esta intriga obscura, e começou a meditar na conquista de uma bella Marqueza. Desde então as suas vezitas tornárão-se mais raras, mais languidas e menos familiares. Maria bem o conheceu, mas não se queixou, esperando á força de carinhos, e

de ternura recuperar o amor do seu amante. — Maria amava pela primeira vez, quer dizer, com transporte, com delirio, com ciúme. Manuel com uma só palavra restituia a alegria ao seu coração, e o sorrizo a seus labios; mas com uma palavra tambem elle a despenhava na mais triste desesperação. — Oh meu Deus, clamava ella, fazei que elle me ame sempre! preciso do seu amor para esquecer a minha vergonha!

No dia seguinte veio Manuel, beijou-a com indifferença na testa, assentou-se tranquillamente em uma cadeira e passou os olhos por uma carta. Maria chegou-se para elle, e apertando-lhe a mão com ar triste: — Manuel, disse ella fazendo esforço para se sorrir, vós já me não amaes, não é assim?

Dizendo isto ella tinha os olhos fitos nelle.

— Eu amo-vos sempre; respondeu elle, como quem lhe não importava o que dizia. Houve um momento de silencio, Manuel acabou de ler a carta que tinha começado; depois levantou-se, beijou ainda Maria na testa, e retirou-se. — Elle já me não ama! disse comsigo Maria.

Manuel voltou ainda, mas desta vez, nem abraçou Maria. Tanta indifferença partia-lhe o coração; no entanto ella teve a coragem de reprimir as lagrimas nos seus olhos. O conde fallou de uma festa brilhante que ia dar-se em Versalhes, ella ouviu-o friamente e sem que se devisasse em seu rosto a indignação que a transportava.

— Desta sorte, não poderei ver-vos por muitos dias, continuou elle.

— E' mais uma occasião, respondeu ella ainda a sorrir-se, que vem muito a proposito dos vossos desejos, senhor conde; dizei a verdade?

Veio a noute; Manuel retirou-se sem a abraçar, e dizendo-lhe adeus.

— Adeus, senhor, respondeu a joven menina com tranquillidade.

— Não quero mais amal'-o, disse ella comsigo fechando a porta.

O conde Manuel de Mornay não voltou; a senhora Roberta adoeceu, ou fingio que estava doente; e Maria viu-se abandonada pela segunda vez.

(*Concluir-se-ha.*)

Noticias Scientificas.

Insectos parasitos do homem. — O Snr. Guyou escreveu d'Argel para fazer conhecidos alguns factos que provão a existencia de larvas de Moscas no corpo do homem, e especialmente nas feridas. Assim elle tem achado as larvas da *Musca carnaria* n'uma ferida da orelha d'um militar ferido na tomada de Constantina pela explosão que teve lugar pouco depois do assalto. Um grande numero de homens queimados nesta circunstancia forão todos cobertos d'uma especie de vermes ou larvas desde de que a suppuração se apoderou de suas largas e profundas feridas.

Não é só nas feridas que as larvas de Mosca tem sido encontradas pelo Snr. Guyou. Observou-as em Argel na parte anterior do paladar n'um sugeito affectado de febre tiphoidea; igualmente na orelha affectada d'um flaxo n'um individuo doente da febre dos pantanos.

O Snr. Guyou falla depois das larvas do Œstre humano, cuja existencia ainda duvidada por alguns entomologistas, não lhe parece contestavel. Elle afirma que sua larva conhecida em Cayenna pelo nome de *verme macaque*, fora por elle vista em 1823 na Martinica em um marujo que chegava do Mava, rio da Gayanna. Este sugeito, calafate a bordo do *Baymais*, tinha entrado no hospital do Forte Real com uma febre intermittente; tinha ao mesmo tempo no hypochondrio direito um tumor do qual se escapou uma manhaa uma larva que viveu ainda algum tempo depois de sua saida. Esta larva, acrescenta o Snr. Guyou, que se não poderia confundir com a das moscas propriamente ditas, differe pouco da que se encontra algumas vezes em numero consideravel no estomago dos Cavalos cujas paredes ella matiza d'uma maneira mui notavel.

Composição chimica da lympha humana. — E' rara a occasião d'obter lympha, e quando esta se offerece, as mais das vezes a quantidade que se pode recolher é tão pequena, que difficultoso é faze-la servir a experiencias chimicas. E' por isso que as de que os Snrs. Marchand e Colberg acabão de publicar os resultados offerecem interesse, apesar de serem imcompletas. Uma exacta analise chimica da limpha comparada com o sangue seria d'uma importancia particular, pois que assim seria esclarecida a cooperação desta substancia na formação do sangue.

A limpha submettida ás experiencias dos Snrs. Marchand e Colberg tinha sido colhida n'uma ferida do dorso do pé. A quantidade que se poude recolher em 24 horas não foi senão 1 grammo e meio. O pezo especifico do liquido era 1,037.

Pelas analises destes chimicos, nas quaes não tem podido haver, repitamos, a exactidão que elles desejavão, a limpha humana consiste em

Agua	96,926
Fibrina	0,520
Albumina	0,434
Osmazoma	0,312
Oleo gordo / Gordura cristalina	0,264
Chlorureto de sodum / Chlorureto de potassium / Carbonato e lactato alcalino / Sulfato de cal / Phosphato de cal e oxido de ferro	1,544
	100,000

Vê-se que esta analise indica uma grande analogia entre a composição chimica da limpha e a do sangue. Nas duas substancias com effeito se achão quasi os mesmos saes, albumina, fibrina, osmazoma, e talvez mesmo uma gordura analoga. Na verdade a quantidade d'albumina é mais consideravel no sangue, mas existe na limpha uma maior quantidade de fibrina. A limpha tambem carece da propriedade caracteristica do sangue, a presensa de materia colorante.

Balsamos. — O Snr. Fremi confessa, que as ideas admittidas ate hoje sobre a composição dos balsamos estão longe da exactidão, porque os balsamos mais bem caracterisados não contem acido benzoico.

„ Eu me tenho occupado, diz elle, so do balsamo da Peru liquido, que d'alguma sorte é o balsamo primitivo. Tenho averiguado que por sua oxidação elle dá nascimento a uma substancia perfeitamente identica com o balsamo de tolu.

„ O Balsamo do Peru, purificado por um methodo que me é particular, apresenta as maiores analogias com os corpos gordurozos; contem uma materia liquida que se assemelha á oléina, e que, assim como ella, pode saponificar-se pela influencia dos alkalis dando origem a uma materia neutra, analoga á glycerina, e a um sal com a baze de potassa, que não é outra cousa senão o cinnamato de potassa. Esta saponificação faz-se sem desenvolvimento de gaz, e sem absorção d'oxigéno. Deposita-se mais no balsamo do Peru uma materia cristalina, isomerica com o oleo de canella, que se transforma em cinnamato de potassa e em gaz hydrogéno, quando se aquece com o hydrato de potassa fundido. Este corpo, que apresenta, como se vê, todas as reacções do hydroreto de cynnamylo, produz o chlorureto de cynnamylo quando é tratado pelo chloro.

„ A materia liquida do balsamo de Peru é a que se transforma em resina; a materia cristalina dá o acido cinnamico.

„ Em fim, os balsamos de Peru e de tolu, que tem sido expostos ao ar contem acido cinnamico e não acido benzoico, como se julga geralmente. „

— *Não decomposição do acido carbonico pelas plantas.* O Snr. Dalton calculou que n'um espaço de 5000 annos, os animaes que se suppõe terem vivido na superficie da terra não podião produsir senão 0,001 d'acido carbonico, e que por conseguinte a cooperação das plantas para purificar nossa atmosphera parecia completamente superflua. Achou, diz elle, por experiencia que as estufas quentes não contem mais acido carbonico, nem de dia nem de noite, que o ar exterior, e este resultado tem sido confirmado pela repetição multiplicadissima dos mesmos ensaios.

Raridades.

Um homem digno de credito assevera ter visto n'uma rua quatro ou cinco cães, postos a certas distancias, n'uma atitude d'esperar, que picou a sua curiosidade; demorando-se, não tardou a vêr chegar um outro cão contra o qual todos se lançárão juntos, apenas o avistárão, como cousa entre elles pactuada, e como se estivessem muito certos de que elle alli devia passar. Seria isto consequencia d'uma antiga reixa, ou uma vingança? ...

Pessoa de credito vivendo algum tempo n'um arrabalde, observou, que durante algumas semanas uma meia duzia de cães, vinhão todos os dias, *ás mesmas horas*, distrairem-se, correr e saltar n'um prado remoto; o motivo de sua reunião, o desejo de se divertirem, não parece differir do das pessoas que frequentão os bailes ou os theatros.

Desejava-se ensinar um cão a subir uma escada de mão, fatigado ou aborrecido deste exercicio, fugiu; porem, no outro dia, viu-se voltar só, aproximar-se da escada, e começar a ensaiar-se, como se um movimento d'amor proprio o impellisse a tentar este novo ensaio.

Eis-aqui, a este respeito, um outro facto em que a reflexão se vê junta á memoria. Um leiteiro, que no inverno todos os dias antes d'amanhecer hia buscar o leite a casa d'um caseiro que lho vendia, tinha um cão ao qual fazia conduzir sua lanterna. Uma manhãa que este cão se achou por acaso fechado no momento em que seu amo partia, apressou-se em apanhal'-o logo que se achou livre, mas vendo que elle não levava a lanterna voltou para traz, fez abrir a porta, e que lhe déssem a lanterna que immediatamente levou.

Uma cousa nos move sempre a curiosidade, e é o ar meditativo que tem certos cães em alguns momentos;

não é crivel que elles não pensem em couza nenhuma. Tem-se-nos fallado n'um cão distrahido, que passava ao lado de seu amo sem o vêr, mas que sahia de sua meditação desde que chamavão por elle.

Conta-se que um pombo domesticado desappareceu d'uma cozinha, de que era commensal, logo que viu matar uma galinha. Póde suppôr-se que elle se tinha assustado com esta execução, pensando talvez que uma sorte igual o esperava!...

N'uma vasta planicie da India ingleza, inteiramente privada d'arvores e d'arbustos, e que apenas cobria uma curta relva, nutrição dos numerosos rebanhos que se apascentão neste deserto, vendo-se no sólo aqui e acolá eflorescencias salinas, o Snr. Stephenson, observou, ás tres horas da tarde n'um dia de Setembro, um raro phenomeno. — " Cada objecto parecia 5 ou 6 vezes maior que d'ordinario. Os homens e os animaes assemelhavão-se a espectros gigantescos marchando a grandes pernadas; alguns parecião marchar em pernas de pau, tanto que a cabeça de alguns burros parecia mais volumosa que o corpo; um pequeno numero estavão tão elevados, que suas pernas se assemelhavão a troncos de palmeiras. Estas esquipaticas apparencias variavão com o movimento dos objectos, de sorte que os homens e o gado mudavão de forma a cada momento como as sombras. „ O observador contemplando o horisonte, viu distinctamente um vapor azulado e transparente, dotado d'um movimento ondulatorio, e a que, sem hesitar, atribuiu o phenomeno.

INDICE.

Das materias contidas neste Numero.

I. Historia — *Memoria sobre a expedição de Vasco da Gama* 122

II. Biografia — *Memoria biographica do Dr. Joaquim Maria d'Andrade.* 149

III. Variedades — *Novo genero de desagravo.* Novella 158

IV. Noticias Scientificas — Insectos parasitos do homem — Composição chimica da lympha humana — Balsamos — Não decomposição do acido carbonico pelas plantas... 175

V. Raridades 178

AVISO.

Aos Snrs. Assignantes

Com o numero seguinte termina o 1.º Semestre da REVISTA LITTERARIA. Ausencias obrigadas d'alguns Redactores e prolongada molestia d'outro concorrêrão para o atrazo actual da publicação deste Jornal: atrazo que os Redactores esperão vencer em poucos mezes, contando com maior expedição da Typographia.

As duas Estampas que ainda faltão, esperamos que sejão entregues com o seguinte Numero: uma é do Snr. Joaquim Maria d'Andrade, cujo art.º biografico ja vai publicado; outra será do Visconde de Chateaubriand.

A publicação deste Jornal continuará, apezar do pouco favor que por ora tem obtido do publico, porque em suas paginas se dá pouca ou nenhuma margem a frivolidades; porque não tem charadas nem anedoctas, e apparecem raras as historietas. Folgamos de ter ouvido allegar só esta causa. Por outros seremos julgados mais favoravelmente, e ainda esperamos merecer os gabos dos que agora nos desprezão, porque em fim, as modas varião de momento para momento, e de mais nós procuramos sempre em todos os Numeros dar um Art.º Variedades que recreie a generalidade dos nossos leitores.

Se nos fosse permittido publicar o nome do Sabio distincto que se tem dignado escolher as paginas do nosso Jornal para inserir as suas elucubrações litterarias e scientificas, algumas das quaes ja tem sido publicadas, estamos certos que haviamos-de *obrigar* todos os litteratos do paiz á leitura deste periodico. No seguinte numero avisaremos do modo da Publicação do seguinte semestre.

Os Snrs. Assignantes a quem falte algum Numero da R. L. por descuido da entrega, queirão reclamal'-o no Escriptorio da Direcção.

F. de Chateaubriand.

REVISTA LITTERARIA.

Litteratura.

O VISCONDE DE CHATEAUBRIAND.

MR. de Chateaubriand é um d'aquelles homens a quem o céo reservou o mais bello destino que um homem pode invejar, — o de ver o seu nome apregoado pelo universo; — d'assistir ao triumpho de todas as suas obras; — de as ver traduzidas em todas as lingoas; — de gosar da sua propria gloria; — podendo em fim dizer que não deve estes successos, estes triumphos, e esta gloria, senão á superioridade do seu genio. Elle será considerado como um dos maiores homens do nosso seculo, e as suas producções se tornarão o mais subido monumento á sua fama.

Nesta epocha de revoluções e de maravilhas, de triumphos e de reveses, d'elevações e de quedas, foi Mr. de Chateaubriand um exemplo das vicissitudes humanas, e do quanto pode uma alma forte, e uma elevada intelligencia. O Ceo que o fez nascer d'uma familia nobre, rica, feliz e estimada, não parecia have-

lo destinado para uma carreira de perigosas viagens, d'immensos trabalhos litterarios, e de continuas lutas politicas. Sendo mancebo no começo da revolução Franceza, persuadiu-se que a sua vocação era a das armas, e entrou effectivamente no serviço militar. Seu pae desejava que elle servisse na marinha, e sua mãe que seguisse a vida ecclesiastica; porem nada disto aconteceu; sendo porem notavel que depois de longas viagens fosse o primeiro que veio levantar em França o symbolo do Christianismo, que havião lançado por terra as desenfreadas paixões de 1793 — Eis aqui como elle mesmo explica a sua partida de França nesta epocha.

" Eu era capitão de cavalaria no Regimento de Navarra. Os soldados deste regimento seguirão, como todos os outros, os movimentos revolucionarios, de sorte que no fim do anno de 1790 me achei inteiramente livre. Quando deixei a França no principio de 1791 marchava a revolução a passos largos.

Eu professava os principios em que ella se fundava; mas detestava as violencias que já a havião manchado. — Era pois muito por minha vontade que eu ia procurar uma independencia mais conforme com o meu genio, e mais propria do meu caracter. — Nesta mesma epocha crescia o movimento da emigração; mas como se não tractava de guerra, nenhum sentimento d'honra me podia obrigar, contra os dictames da minha rasão, a entrar nas loucuras de Coblentz. Uma mais digna emigração se dirigia para as Margens do Ohio; uma terra de liberdade offerecia um asilo áquelles que fugião da liberdade da sua patria. Na primavera de 1791 disse adeus a minha respeitavel e digna mãe, e embarquei em S. Maló, levando para o General Washington uma carta de recommendação do Marquez de la Rouairie „

E' pois constante que Mr. de Chateaubriand não emigrou; elle não deixava a França simplesmente com o fim de a deixar; tinha concebido um plano immenso, cuja execução começava a pôr em practica. Seu intento era nada menos do que descubrir a famosa passagem ao Noroeste da America, tentativa atrevida proseguida depois pelo celebre capitão Parry, e pelo intrepido capitão Franklin. Tal era o fim da sua em-

preza, havendo começado por visitar as vastas solidões da America, onde se lhe revelou esse magnifico talento descriptivo, bem como um profundo sentimento religioso, exprimido em todas as suas obras com tanta elevação, e poesia. Foi ali, junto ás choupanas dos selvagens, e debaixo da protecção incerta d'uma hospitalidade duvidosa, que elle compoz as suas primeiras obras, pondo-lhe aquelle sêllo original até então desconhecido, como a natureza e os costumes novos que tinha a descrever... Foi ali que, cercado de povos barbaros, e de logares ainda mais selvagens, que se decidiu a vocação de Mr. de Chateaubriand.

Passou da America para Inglaterra, onde se occupou com affinco a ordenar todos os apontamentos que tinha feito, e todas as obras que havia esboçado nas solidões do Novo Mundo. Quando em 1800 se lhe abrirão de novo as portas da França, e que a liberdade, que havia degenerado em licença, acabava pelo despotismo, entrou de novo na patria com Mr. de Fontanes que foi sempre seu amigo, e que depois se tornou um escriptor celebre. Desde esta epocha até 1814 publicou Mr. de Chateaubriand — *os Martires*, *o Itinerario de Paris a Jerusalem*, *e o Genio do Christianismo*, obras admiraveis, que são os mais bellos titulos da sua gloria como author, como philosopho e como christão. Neste periodo pouco figurou nos negocios politicos, e nenhum contacto teve com o poder, supposto fosse por elle ameaçado, e algumas veses perseguido.

Quando em 1814 foi assignada a paz, quiz Mr. de Chateaubriand reclamar uma malla que havia deixado em Londres, contendo todos os seus manuscriptos da America; mas infelizmente não se recordava nem do nome da pessoa em cuja caza havia habitado, nem tão pouco do nome da rua. Foi so depois de longas indagações, que se encontrárão os herdeiros desta velha Senhora. — Seus filhos havião respeitado o deposito confiado a sua mãe, e a malla foi entregue intacta. Entretanto ja o nome do author se tinha tornado celebre; uma familia pobre tinha ao seu alcance o meio de se enriquecer com estes manuscriptos; ella nem nisso pensou, julgando mui simples respeitar o deposito, que lhe

fòra confiado. Mr. de Chateaubriand deveria ter revelado o nome desta familia respeitavel ao reconhecimento de todos os seus leitores.

Em 31 de Março de 1814 appareceu a primeira brochura politica de Mr. de Chateaubriand, e desde este dia tornou-se homem politico. Foi eleito membro da Academia Franceza, depois creado par de França, depois nomeado ministro d'estado, sem que nunca deixasse de ser o homem da sua consciencia e da sua convicção. Ligado ao principio da legitimidade, que elle considera como o penhor da paz universal, e como a garantia mais forte da estabilidade das instituições dos povos, nem por isso deixou jamais de pugnar pela liberdade. Foi um dos mais zelosos sustentaculos da liberdade d'imprensa, desta instituição vital, mãe de todas as outras liberdades. — O seu *ensaio sobre revoluções*, publicado em Inglaterra, não tinha penetrado em França em 1800; — apenas alguns artigos do *Mercurio* e as promessas de Mr. de Fontanes presagiavão um talento novo, quando subitamente as suas grandes obras enchêrão o horisonte com as suas grandes bellezas. Este incomparavel snccesso conferiu a Mr. de Chateaubriand a sua influencia triplice; religioza, poetica e monarchica: — Todos os seus ulteriores successos estão ligados a esta magestosa inauguração da sua vida publica como escriptor. A religião, a poesia, e a monarchia, dominárão mais ou menos nos ultimos trinta annos esta vida que se engrandecia como um poema. Elle serviu a Patria; illustrou-a com a sublime influencia do seu genio: -- dilatou o seu nome n'um horisonte tão vasto como o que occupa a intelligencia humana, deixando ás gerações futuras um exemplo sublime de quanta fama pode subitamente alcançar um talento transcendente empregado em propagar as salutiferas verdades do Christianismo.

SCENA

D'um Drama Inedito.

A Rainha e o Conde d'Ourem.

C. d'Ourem. (*entrando.*)

Ei-la aqui finalmente. — Vosso recado desta manhãa . . .

Rainha.

Assustou-te talvez . . . mas demoraste-te tanto ! .

C. d'Ourem.

Não podia vir mais depressa.

Rainha.

Encontraste esses Senhores, que d'aqui sahírão agora ? Insolentes ! . .

C. d'Ourem.

Já sabia que elles vinhão; e me informárão ha pouco de seus criminosos designios.

Rainha.

Outras cousas me dão maior cuidado. — Vaes talvez rir-te de mim ... — embora. Um sonho, — um simples sonho foi a causa porque mandei chamar-te.

C. d'Ourem.

Um sonho ! . .

Rainha.

Sim, — um sonho : — mas horrivel, — medonho...

C. D'OUREM.

Contae-me tudo, — tudo ... — e partilhae commigo vossas penas ...

RAINHA.

Assenta-te aqui ... — mais perto ... — Bem. Attende-me agora, — e não mofes de meus tormentos. Ah! és tu, — tu só, a origem de todos elles. O mundo inteiro póde rir-se; mas o Conde d'Ourem, nunca: — O Conde d'Ourem, é o unico que tem obrigação de respeitál'-os.

C. D'OUREM.

Senhora!..

RAINHA.

Não me interrompas. — Depois que hontem me deixaste, fui mendigar sobre o leito alguns momentos de repouso. Não tardou muito que adormecesse. — Adormecida!.. mas para que adormece Leonor?.. para soffrer, Joanne... — para soffrer: pois quer o ceo que eu soffra sempre. — A cabo de pouco, — meia hora talvez ... — meia hora, é repouso de mais para os remorsos!.. — Um clarão sobrenatural começou de illuminar-me tudo. Não era a luz brilhante do dia; nem a da lua tão melancolica e suave. Parecia antes o reflexo de um brazido, — um reflexo, como deve sahir no inferno das fogueiras dos condemnados. Todos os objectos se revestião destas cores!.. Ah! como erão medonhas e feias de vêr!.. e queres saber que objectos erão?.. Ossos descarnados, — caveiras, — esqueletos, — cadaveres já corruptos!.. — Estremeci ao vê-los, — recuei espavorida ... — mas quando me voltava para fugir... — minha irmãa ... — ah! sabes de que irmãa fallo?.. Não tive senão uma... — Maria, a desgraçada Maria. Fui eu quem lhe dei a morte, a morte mais cruel á creatura mais innocente!.

C. D'OUREM.

Por piedade affugentae essas idéas ...

RAINHA (*levantando-se.*)

Affugentál-as ! . . e como ? o remorso é pintor que desenha com cores bem vivas ! . . — e esse remorso, está aqui (apontando para o coração) no coração que te ama tanto. Tua imagem não o destroe; — que ha-de destruil-o ? — Ah ! eu fui, como sabes, quem dirigio o golpe ... — mas não me digas que o sabes ... — não quero que ninguem o saiba, — ninguem ... nem mesmo tu ! . . Mas que estava eu dizendo ! Ajuda-me, Joanne ! Minhas idéas se confundem ... — minha memoria se escurece ...

C. D'OUREM.

Maria, — a desgraçada Maria ...

RAINHA.

Sim ... Maria ! . . Foi ella que me appareceu, como me tem apparecido outras vezes. Vestida de branco, — pálida ... Os olhos turvos ... — uma ferida aberta e gotejante ... — laivos de sangue por toda ella ! . . — Porem, não vinha só.

Trazia pela mão o Mestre d'Aviz, com cotta de malha e braçal, — espada cingida como quem vem de caminho. Oh ! parece-me que o estou vendo ... — seus labios se dilatavão com o sorriso do desdem : e em seu rosto, transparecia certo ar de triumpho, que me varou o coração como o ferro de uma lança. Eu estava assentada, — tu mui perto de mim ... — E, que temivel coincidencia ! . . (olhando com attenção para o Conde) Teu vestido era o mesmo que esse que agora trajas ! . . Um gibão de setim vermelho, — e tabardo de panno preto com alhetas e trancelins dourados ... Ah ! Tira essas roupas ... — por piedade tira essas roupas ... — Diz-me o coração que ellas serão tua mortalha.

C. D'OUREM.

Tranquillizae-vos . . .

RAINHA.

Mas como te dizia, — minha irmãa guiava pela mão o terrivel Mestre d'Aviz: e logo que entrárão, — este te lançou uns olhos ... como os do tigre quando calcula o salto para se apoderar da preza. — Eu estava comtigo, entendes? . . — estava comtigo ... e não pude valer-te. Seu punhal atravessou-te o coração sem a menor piedade; — e tu cahiste agonisante, — moribundo ... — Quiz abraçar-te; mas ah! vergando-me sobre teu cadaver, não achei senão ossos, e pedaços de carne podre, que mil cães disputavão com sanha. Então dei um grito; e acordei toda coberta de suor frio, como a estatua de marmore, que esteve exposta ao rocio da madrugada.

C. D'OUREM.

Sempre agitada, — afflicta sempre? . .

RAINHA.

Se tua vida não corresse risco ...

C. D'OUREM.

Que queres que faça para vos dar socego? . . Que sáia de Lisboa, — que deixe Portugal, — que viva longe de Leonor? . .

RAINHA.

No castello d'Ourem mais seguro estarias ... — mas em quanto viver o Mestre ...

C. D'OUREM.

O Mestre morrerá.

RAINHA.

Quando?

C. D'OUREM.

Talvez hoje ... — ámanhãa ... quem sabe? . . conto que d'aqui a pouco.

RAINHA.

Ainda outro crime ! . .

C. D'OUREM.

E' necessario.

RAINHA.

Não nos servirá de nada. — Se logo que o Mestre morresse se terminasse tudo ... — O mais breve seria o melhor. Mas ah ! O momento de um assassinio nem sempre garante a seus autores a infallibilidade do successo. — Nem sempre, passado esse momento, podemos dizer com segurança, — eis-ahi o que tinhamos calculado. As lições de sangue que damos ao mundo, não esquecem facilmente : — e a justiça divina, nos emborca sobre os labios o licor envenenado que preparavamos para outros ... — E mesmo quando escapamos de o beber, — os remorsos ... — tenho soffrido tantos ...

C. D'OUREM.

Porem se o Mestre vive ...

RAINHA.

Morres tu, não é assim ? . . Pois bem, arrisquemos tudo.

C. D'OUREM.

Vou tratar de arranjar os meios.

RAINHA.

E quem correrá os riscos da empreza ? . .

C. D'OUREM.

Um assassino.

RAINHA.

Que os não corras tu ao menos. — O povo o adora com excesso.

C. D'OUREM.

Logo lhe esquecerá.

RAINHA.

Seus parciaes são poderosos ...

C. D'OUREM.

Em quanto que o tem por seu chefe.

RAINHA.

Voltarás em breve ? . .

C. D'OUREM.

Sim, — em breve. (beija a mão á Rainha.)

RAINHA.

O Ceo te ajude ... — mas este pressentimento de morte não deixa de attribular-me ! Eu tremo ...

C. D'OUREM (*á parte.*)

E eu tambem, — tremo tanto como ella.

Estatistica.

Proporções numericas dos sexos nos nascimentos.

Com este titulo vimos uma memoria do Snr. Girou de Buzareingues, destinada a provar a seguinte proposição: = Tudo o que tende a augmentar a força muscular, quer seja no homem, quer na mulher, contribue para a procreação do sexo masculino. =

As observações que na supradita memoria se mencionão, quasi todas comprehendem os nascimentos occorridos em França desde o anno XI da Republica, até ao de 1834; que contem mais de 27 milhões d'individuos: e forão deduzidas essas observações dos documentos officiaes sobre a população. O A. divide-as em 4 periodos: 1.º os 3 ultimos annos do Consulado: 2.º o Imperio: 3.º a Restauração; 4.º os 4 primeiros annos do reinado actual. E com isto achou que a proporção dos nascimentos femeninos para os masculinos tem sido a seguinte:

	Filhos legitimos.	Filhos naturaes.
1.º periodo	— 932 : 1000	(ignora-se)
2.º periodo	— 9342 : 1000	9435 : 1000
3.º periodo	— 9388 : 1000	959 : 1000
4.º periodo	— 9375 : 1000	953 : 1000

O autor ja tinha feito observar n'uma memoria sobre a distribuição mensal dos sexos, que entre os nascimentos mais antigos o numero relativo das femeas é em geral maior que entre os mais recentes; ex-

plica este facto dizendo, que "é porque em geral a mulher tem chegado na epoca do seu casamento ao mais alto gráo do predominio lymphatico que caracterisa seu sexo;" que, objectando-se-lhe que logo que ella se casa nova e apenas nubil, o que acontece mais frequentemente nas cidades que no campo, não deve haver razão para que o primeiro seja antes femea que varão; elle responde, que "nas cidades, a influencia geral da ociosidade favorece a procreação das raparigas, e que alem disso os casamentos não são tão fecundos como nas aldeas." Cita a este respeito a proporção do numero dos nascimentos para o dos casamentos que é de 2503 : 1000 em Paris, e de 3737: 1000 na totalidade da França.

Um outro facto tinha sido observado pelo auctor, e é que as fecundações, quer do carnaval ás quaes presidem a ociosidade, a intemperança ou a incontinencia, tres causas de enfraquecimento, quer do principio da quaresma quando a organisação se resente ainda das influencias do carnaval, dão proporcionalmente mais raparigas que as dos outros mezes do anno. Este facto geral lhe tinha feito pensar, que quando por causas extraordinarias o numero dos casamentos recebe um augmento consideravel nos dous mezes de janeiro e fevereiro, a proporção dos sexos devia variar no mesmo anno, com vantagem dos nascimentos femeninos. Ora este resultado foi verificado por elle em 1813, em cujo anno o numero dos casamentos foi quasi o duplo da medianía annual dos annos precedentes e seguintes; com effeito, n'este anno a proporção dos nascimentos femeninos para os masculinos foi de 955 : 1000. Em Paris, aonde, em razão da distribuição mensal quasi uniforme dos casamentos, só no anno seguinte se devião procurar os primeiros productos destes casamentos acha-se que a quantidade dos nascimentos femeninos, que tinha descido a 905 em 1813, foi de 952 em 1814.

M. Girou observou mais que nos annos em que a classe operária obtem com difficuldade o trabalho, e sofre um repouso forçado, por effeito, ou da carestia dos viveres, ou do rigor do inverno, ou da paralisação do commercio, os nascimentos fornecem um

numero de femeas superior ao termo medio. Esta mudança de proporção foi sensivel em Paris nos annos 1753, 1754, 1767, 1789, 1817, 1830. O contrario succede quando catastrophes que tem de se reparar, ou outras circunstancias, occasionão um augmento na classe laboriosa, como os acontecimentos de 1790 e 1791, e os do fim do Imperio, ou do principio da Restauração, que occasionárão em Paris uma diminuição em os nascimentos femeninos dos annos que os seguirão immediatamente.

Examinando-se as relações dos sexos n'um grupo continuo de treze districtos, aonde a população agricula é quasi tudo comparada á população industrial; e que se comprehendem no lado do territorio francez que Arthur Young considerou como o mais fertil, o numero dos nascimentos femeninos é para o dos masculinos n'um total de 3$754:790 nascimentos como 922: 1000, ou :: 12: 13, e em cada um destes districtos o numero relativo das femeas é inferior ao termo medio.

Se depois se examina esta mesma relação em dés districtos nos quáes a industria fabril predomina sobre a industria rural, acha-se n'um total de 3$799:525 nascimentos, 951 : 1000, ou 21 : 22; e em cada um destes districtos o numero relativo das femeas é superior ao termo medio.

Com os filhos naturaes as proporções dos sexos não são as mesmas que com os filhos legitimos, e M. Girou o explica da mesma maneira. Assim, se o numero relativo dos nascimentos femeninos é maior, isso é devido, na opinião delle, a que o numero relativo dos primo-genitos é maior tambem, e temos já dito que estes fornecem mais raparigas que os nascimentos mais anteriores. Partindo desta consideração que os militares tem uma grande parte na procreação de filhos naturaes, e que por elles pertencerem á parte mais forte e mais vigorosa da sociedade, devem determinar por sua influencia um augmento relativo dos nascimentos, M. Girou explica por esta influencia este facto, que o numero relativo dos nascimentos masculinos, considerando toda a França, foi maior no tempo do Imperio que durante a Restauração, e mais elevado no periodo de 1831 a 1834 que no tempo da Restauração, mas menor que durante o Imperio.

Esta ordem de nascimentos offerece ainda esta particularidade, que o numero relativo dos rapazes é maior entre os que nascem nos Hospitaes, que entre os que nascem nos domicilios.

Em fim, comparando-se as variações das proporções dos sexos dos filhos legitimos com os dos filhos naturaes, vê-se em geral que entre os legitimos, quando ha augmento de nascimentos, ha augmento do numero dos rapazes, em quanto que succede o contrario entre os filhos naturaes. Mas M. Girou faz notar, que este facto se explica, porque com os primeiros o augmento dos nascidos é devido principalmente em geral aos nascimentos anteriores, ao passo que é devido principalmente aos nascimentos posteriores com os segundos.

Miscellanea.

MEMORIAS

Do dia 28 de Dezembro de 1838.

INTRODUCÇÃO.

Tambem eu quero escrever as minhas memorias; ¿ e por que não. ? não tenho eu pennas ? e não poucas...? não ha por ahi tanto papel ? sem contar mesmo o papel-moeda, e seus substitutos, *exchequer's-bills*, bilhetes d'alfandegas, do contracto do tabaco & & &.... tinta bem negra, tambem não falta, que bem pretas são as lagrimas dos reformados, orfaõs, viuvas, e das diversas classes não activas, e bem passivas, dos das mil e uma convenções.... dos egressos, que tambem o são de uma outra convenção, não cumprida, o Decreto da extinção dos regulares; não sei a data nem isso me importa muito para a minha obra, porque nas memorias não se exige senão exactidão, e não uma chronica, ou historia de datas, e descripções campanudas... Quero escrever as minhas memorias, e como não tenho os dedos aleijados, e posso dispôr de todo o meu tempo, quem mo ha-de impedir ? E' verdade que não posso obrigar ninguem a que as leia; isso tambem não me fará mudar o meu proposito, que é de as escrever. E como ninguem faz um livro sem que lhe faça um Proemio, Introlocução, Prologo, ou couza similhante, tambem eu faço o mesmo, e com o mesmo fim, justificar o Autor, e a obra; do A. direi que em quanto escreve, livra-se de maos pensamentos; ¿ e da obra ? não posso dizer nada porque ainda não está feita, no fim della porei o fim da introducção, que por ora deixo aqui.

CAPITULO 1.º

O Terreiro do Paço.

" Roque ! para o Terreiro do Paço. "

Apenas soárão estas palavras, duas, ou tres chicotadas applicadas com pouco amor em o cavallo da mão, ás quaes fizerão acompanhamento obrigado duas, ou tres esporadas em o cavallo da sélla, pozerão em rapido movimento, uma não elegante, mas commoda traquitana; e os pobres cavallos conduzião com ufania o seu senhor ... e levavão chicotadas, e esporadas do seu criado ... estas as minhas primeiras idéas ao partir a carruagem ... lembrou-me o Dr. Swifth, e suas viagens, e confesso que tive, quasi remorsos . . . . Depois de alguns minutos de caminho passava pela gradaria do passeio de S. Pedro d'Alcantara, ninguem passeava debaixo das arvores da nova alameda, era de manhãa, horas de cada qual tratar de sua vida ... só eu talvez não tratasse então da minha ... porque pensava nos outros.

Um cavallo de frisa fechava a passagem da rua ao pé da Igreja de S. Roque ... um canno estava aberto, pondo á mostra os alicerces das casas, como prompto a sepultal-as, com seus moradores ... é progresso ... por causa das immundices devem solapar-se os fundamentos da habitação do homem ... para quando se desmoronar ao primeiro leve tremor de terra, ter uma digna sepultura ...

Em quanto estas, e muitas outras couzas me passavão pela imaginação, tinha o bolieiro mudado de caminho, e por uma das ruas parallelas á de S. Roque, seguia trotando sempre; e a calçada do Chiado gemia debaixo das rodas. Como em camara-optica via passar successivamente, casas, lojas, seges, damas, tafues, agoadeiros, mariolas, e todos os demais objectos que estão, ou andão por essas ruas a que chamão publicas, mas cuja posição não é tão igual para todos, como a palavra quer designar.

Tenho a maldita pécha de pensar, e mesmo dentro da minha carroagem, nem o barulho das rodas, traquinada do jogo, já não muito novo, e patear dos cavallos, me faz perder a manha, que não é boa;

e temo sempre que penso em tal, que venha eu a ganhar o bolo ao vinte e um, fazendo eu este numero, unido aos vinte doudos que dentro deste seculo tem contado a minha numerosa familia ... mas seja como Deus quizer ... não quero mesmo fazer o calculo comparativo das vantagens, ou desvantagens que teria, se no Hospital de S. José tivesse um quarto ... talvez achasse que ... ainda por lá ha mais juizo, do que cá por fóra...

Até aqui tenho deixado de escrever apontamentos de minhas cogitações, não quero indagar agora se tenho feito bem ou mal: que mudei d'opinião é prova o que estou escrevendo, e confesso que acho prazer na variedade ... mas não digão as minhas leitoras, se alguma se cançar a lêr meus escriptos, que o A. das memorias, é prégador da inconstancia ... não, minhas Senhoras, eu sou tão constante como ... não achei comparação, porque tudo gosta do movimento na natureza, porem acreditem a minha palavra, já que outra garantia não posso dar-lhes ...

Mas como estes apontamentos são para mim, ¿para que dár satisfações? a outrem não poderão elles interessar ... salvo se a alguem dér no bestunto escrever a *Chronica do homem*; nesse caso as minhas memorias poderião servir para me historiar a mim ... que pertenço á classe, segundo a opinião de Linnêo, e até conforme a definição de Platão, animal de dous pés, e sem pennas; já se sabe, que se vejão por fóra, porque cá por dentro... sabe Deus o que por cá vai!!!

Tambem não tenciono fazer imprimir as minhas memorias, ao menos á minha custa, e talvez daqui a tres, ou quatro seculos meus manuscriptos occupem muitas, e muitas horas a sabia attenção dos Paleografos, que é de crêr seja quem só entenda então a letra de mão, porque espero de minha vida ainda vêr aproveitado até suas derradeiras consequencias o sublime pensamento do celebre Economista Escocez Adam Smith, ácerca da influencia da divisão do trabalho em relação á producção das riquezas = *quem faz uma cousa só, fa-la melhor e mais depressa* = então ninguem mandará ensinar a seus filhos o alfabeto inteiro, uns farão *AA* grandes, outros *aa* pequenos, e assim por diante até ao til, e pontos, e virgulas. Tal o feliz progres-

so que se nos antolha no seculo 19 ... em que as maquinas de vapor substituem todas as forças motôras, que breve chegarão ao resultado de, applicadas aos pólos, fazerem descrever ao mundo tão rotineiro, em vez da elipse, todas as curvas imaginaveis, e de o fazerem escapar pela tangente até ao setimo ceo.

¿ A que vem toda esta farragem? ouço eu dizer ao leitor, que sabe Deus, quem será, e com que humores estará!! São memorias; e já se sabe, que nas memorias escreve-se tudo que vem á memoria, que seja bom, ou máo, pouco importa ... as memorias não são joeira que limpa o trigo do joio, esse é o officio da razão, que é a joeira d'alma, e a critica a sua peneira. Das minhas memorias já disse na introducção não quero eu dizer nada: quando no fim da obra pozer o resto da introducção, como protestação em livro do seculo 17, então direi o que penso a seu respeito; da minha razão, e de minha critica, que hei de eu dizer? qual é o obreiro que desfaz nas suas obras?

Pensava eu, não agora, quando hia pelo Chiado abaixo ..... mas não tirem daqui os maldizentes, e curiosos motivo para julgarem ter advinhado o nome do A. das memorias; eu não disse ainda aonde morava: nem pelo nome do bolieiro, podem indagar o meu; porque em Portugal homens de carruagem não tem tempo de escrever, ás vezes nem para o correio ... quem sabe mesmo, se eu tenho ou não carruagem, se é ficção ou verdade isto que escrevo? sei-o eu; mas não o quero dizer agora; e como ninguem sabe a minha residencia não podem mandar citar-me, nem por éditos eu compareceria em juizo. Isto de quem não está costumado a escrever, e quer fazê-lo, tem suas difficuldades; e muito mais eu, que sou o Chronista de um dia da minha vida, que para mim ao menos é muito mais interessante, que toda a era das olympiadas, da egira &c. &c.

Ia eu pensando no melhoramento que o Chiado tinha recebido com o concerto da calçada; via a gente de pé que transitava pelos passeios lateraes, sem receio de ser atropellada como dantes era: e disse para os meus botões = A' bem, á moda da França = Vejão que disparate; tinha lido havia pouco tempo,

a Chronica do Mestre Gil no Panorama, e lembrou-me a expressão do Duque de Bragança D. Fernando 2.º ao subir para o cadafalso .... ¿ ha *desapontado* maior?? mas se eu quizesse justifical-o não me faltarião razões boas ou más, lá iria achar uma synonimia igual ás muitas dos glozadores que escrevêrão volumes *in folio*, e em linguas mortas, que bem mortas estão ellas para nós, que só lêmos os jornaes do dia, e que pouco tempo nos sobrára se os lessemos todos; tão grande é a colheita que, louvado Deus! temos da arvore *civilisação*, que verga com o pezo de seus mimosos fructos, e cuja seiva de vida é a bemaventurada liberdade d'imprensa, que os nutre a todos, e os faz crescer como o luar do São João faz aos pepinos. Bemdito seja o seculo 19!! e o anno de 1838!! que, é penna! está a acabar e a pertencer ao cemiterio chamado Historia!!

Disse eu comigo a expressão do Duque de Bragança; e fui pensando, pelo *Pote das almas* abaixo, na commodidade com que eu ia; depois de pensar em mim, como todos fazem, sem terem a sinceridade de o confessar, pensei nos outros, que ião, vinhão, ou estavão olhando para as lojas, para as janellas, ou conversando; e então conheci eu que sendo as ruas publicas, e para todos, nem todos as gozavão igualmente, porque eu ia de carroagem, outros ião a cavallo, e outros a pé; algum vi eu só com uma perna, e o supplemento de uma muleta, sendo por tanto bem desigual o espaço que das ruas occupavamos.

Ainda estas idéas me occupavão quando cheguei ao Terreiro do Paço, e alli parando rapidamente os cavallos, perguntou o bolieiro "¿ Para onde agora?" Não respondi, mas acenei com a mão, e ao longo da arcada do poente, seguio correndo até ao caes.

"Pára, pára!" Gritei eu de dentro: parou aquella maquina locomotora do tempo de nossos pais; e ao apear-me olhei, com ternura não direi, com saudade tambem não, com sentimento, que é para tudo, e para todos serve; e pensei que dentro em breve o carvão de pedra viria substituir o animal nobre em que outr'ora se fizerão as façanhas que recheião os bellos Romances do seculo 15... que partilhavão a gloria do

Amadis de Gaula, e de Palmeirim d'Inglaterra ... cobriu-se-me a cabeça de tristeza ... mas o ar fresco do Téjo, e o irem os cavallos para o sol, ou para a sombra, o caso é que não os vêr diante dos olhos fez-me esquecer minhas tristezas, como acontece quasi sempre; a presença traz as lembranças, a ausencia varre-as: excepto aos romanticos, que são omni-presentes, e não admittem as tres unidades classicas, d'acção, lugar, e tempo, e que eu traduzira desta fórma, *eu*, *aqui*, e *já*: *eu* a acção, *aqui* o lugar, e *já* o tempo da acção.

Dei algumas voltas no lageado do cáes, onde muitas pessoas passeavão, uns sós, outros com senhoras, ou homens, e tão alheios uns aos outros como é costume nos lugares de publica concurrencia, e ás vezes até no centro das familias.

Cançado de passear dentro de espaço tão curto, como é o lageado do cáes, sentei-me em um dos assentos de pedra que o guarnecem; defronte estava um homem, já d'idade, com um vestido que de longe dissera bom, tal o asseio em que estava, nem uma nodoa tinha, e sabe Deus a razão!! mas visto ao perto, era velho, porque não tinha pêllo a sobrecasaca azul que trazia, nem as calças da mesma côr; seu chapéo estava no mesmo estado que as calças, e sobrecasaca; suas botas, posto que lustrozas, tinhão mais de uma tomba; a sobrecasaca que estava abotoada com uns botões amarellos muito limpos, e uma gravata de couro preto, que fôra invernizada, impedião se visse a camiza, que no caso proposto fica sendo um mysterio na minha Chronica: lizos cabellos já brancos sahião raros debaixo das pequenas abas do chapéo; mas não obstante um ar de velhice, e pezares, a fisionomia era nobre, insinuante, destas que vistas uma vez não esquecem nunca. Quando me sentei defronte delle saudei-o com o meu chapéo, e elle fez o mesmo com o seu, talvez bem pouco affeito a cortezias daquella especie; elle continuou olhando para o Téjo, e eu? para a estatua equestre d'ElRei D. José; talvez tão distantes nossos pensamentos, quam perto estavamos materialmente, porque seus pés tocavão quasi nos meus.

Dava o sol na estatua equestre, e fiquei por al-

gum tempo absorto; se quizesse fazer saber a meus leitores todas as idéas que n'alma me passárão, muita paciencia lhes julgára eu para lerem uma mão de papel escripta por todos os lados, e confesso que nem eu tivera paciencia para escrevê-la: não rezisto porem á idéa de lhes dar como um indice de capitulos das materias em que pensei = Capitulo 1.º ElRei D. José, cujo caracter não obstante tão proximo a nós, é tão pouco conhecido, já como rei, já como homem = Capitulo 2.º O Marquez de Pombal, cujo busto em baixo relevo de bronze adorna a baze, ou pedestal da estatua do lado do Téjo; neste capitulo vierão como episodio ao grande poema heroico, o terremoto, a reedificação, as prisões da Junqueira, os Jesuitas, auto da fé, *Pelle*, juizo da inconfidencia, e até o theatro da rua dos Condes e o Drama que lá se representa. — Capitulo 3.º A inauguração da estatua, as festas, banquetes e bailes dos tres dias, as lagrimas das Colarejas, imprecações dos homens d'officio que derão parte do fructo do suor do seu rosto para os sessenta moios de sal, que a adubar a comida se gastárão! ..... Capitulo 4.º Os esqueletos humanos que servem d'alicerce á cidade nova; e os seus edificios construidos em argamaça composta de cinzas, sangue, e lagrimas &c.

Indistinctas, confuzas forão minhas cogitações n'aquelle breve espaço de tempo que me demorei olhando para a estatua, similhantes a baralho de cartas bem baralhado, com a differença, que nas cartas são quatro os naipes, e treze as peças de cada um, e as idéas não tem naipe certo, e são tão vazias como infinitas.

Muito difficil ha-de ser escrever-se a historia dos homens, se a do homem tanto custa por extensa; e se o espaço de uma hora para a escrever com exactidão levára tanto tempo. Sei já me responderão = só se escreve o que vale a penna que fique na memoria = ¿ mas quem é o juiz? é o escriptor; e se a pessoa que se quer historiar é interessante, até seus pensamentos o devem ser para o escriptor, ainda mais que suas acções, porque no pensamento está a filosofia da acção, e seu motivo.

O meu nariz distrahiu-me de minhas idéas, porque um cheiro de marezia, d'agua de caldas, ou dos

cannos de despejo da cidade, veio cortar-lhe o fio historico-politico-filosofico, e ¿ que sei eu mais? E ahi está como a mais pequena, e abjecta causa interrompe grandes idéas; assim como ás vezes motivo igual obsta a grandes successos. Tirei a minha caixa, e ri-me. Já vejo o leitor zangado; descança, eu conto a minha historia; se não tens paciencia para me aturares, deixa a leitura, que eu não posso perder o mao costume das digressões, e episodios; e como nas minhas memorias quiz ser exacto historiador de mim mesmo, não posso prescindir d'escrever tudo o que me diz respeito; demais eu só escreverei a Chronica de poucas horas de um dia dos mais indifferentes da minha vida, que se a fosse a escrever toda, e com a exactidão de quem não quer deixar nada no escuro, não seria um in folio bastante para cada mez, e viria a exceder minha biografia a do eleito Bispo das comedias de Moratin, que tendo vivido 86 annos, não sei, ou não me lembra quantos mezes, e dias, era a sua vida escripta em um *in folio* por anno .... mas para tanta escritura carecêra a vida de Mathusalem, ou a de Nestor.

Tirei a minha caixa, e olhando para ella ri-me; porque é de papelão, e tem pintada uma cabeça de burro que virada para cima fórma a de um filosofo. Lembrou-me quem ma deu, e onde a recebi; nas côrtes, sendo eu então *uma molecula* (ainda que infinitamente pequena) *da Soberania* ..... E não tinha eu razão de me rir..? uma caixa de papelão, com a cabeça de um filosofo identificada com a de um burro, dada a um fabricante de leis. dos mais inuteis, porque rara foi a obra que fez, por ter a desgraça, ou *a fortuna* de estar não só na minoria, mas quazi sempre em posição singular naquella officina, que *por vapor* trabalhou alguns dias, e noutes, e tantos mezes a fio, *fez cêra*, como dizem os artistas quando madracêão!! Que bello contraste para o author das Harmonias da natureza, o refeitorio dos monges pretos convertido em Salão da Constituinte..! mas tinha que fazer para delle tirar uma harmonia...

Cheirei a minha pitada, saboreei-a, e confesso que no caso actual achei razão a Bernardin de Saint Pierre, em nascer harmonia dos contrastes; e de ve-

ras o era o cheiro dos cannos, e do rapé da Princeza, velho, amarellinho, *sem môfo*, até por me custar o meu dinheiro... e aqui temos nós cortadas as idéas que a estatua equestre fez nascer; e quem diria que um mao cheiro me trouxesse dos mortos aos vivos, do passado ao presente, da historia á politica..?

Como eu hia contando, (que é sempre o começo de um paragrafo historico de uma velha ao soalheiro, ou no *escano*, cercada de sua descendencia), como eu hia contando, ao fechar a minha caixa reparei que o meu visinho sentíra como eu o mau cheiro, e que olhára para mim, ao tomar da pitada, nem eu sei com que ar. O *Sterne* fez-me costumar a estudar as fizionomias, não digo bem, os gestos dellas; quiz vêr se *tachigrafava* os seus pensamentos pelas rugas, ou inflexões de seu rosto; e offereci-lhe uma pitada, dando a uzual desculpa = *perdoará, não tinha reparado* =. Aceitou-a, e reparei que a sorvêra, não a tomou, tal a anciedade com que seu nariz a reclamava.

= Se gosta, e quer outra? = = Com muito gosto. = Trocámos estas palavras, e o homem da sobrecasa azul tomou segunda pitada, que levou ao nariz já mais pauzadamente, guardando nos dedos parte della para melhor occasião.

= E' muito bom o seu rapé... ainda que mal posso eu julgal-o...

= Porque? não toma tabaco?

= Tomava, e muito, mas agora... não tomo... = A estas palavras voltou a cára para o lado; e tantas forão suas sensações, que não ha por certo quem possa dar a descripção das contracções de sua fisionomia ao dizer aquellas poucas palavras, e fazer a acção de virar o rosto, para que eu o não visse. Pensando ter advinhado, parte ao menos, disse-lhe = Se gosta deste, e quer servir-se do que contém a minha caixa...

= Fico-lhe muito obrigado = Seu ar talvez me reprehendesse; um offerecimento offende tanto com uma repulsa quando deixamos vêr a nossa superioridade, e humilhamos com ella ainda mais, aquelle que valendo tanto como nós, ou mais ainda, se vê o baldão da sorte, quasi sempre injusta: talvez elle pensou assim, regeitando, mas agradecendo minha offerta... eu o pensei por elle... e vexei-me...

= Muito bonito está o dia! faz esquecer que é Dezembro = disse eu para começar conversação.

= Eu preferia porem o de 28 de Dezembro de 1813, não obstante as neves, e gêlos dos Pirinéos, e as dores de um pleuriz que então sentia, sobre a contusão de uma bala em uma perna. . . . .

= Já vejo que fez a campanha contra os Francezes =.

= E a da America do Sul : e fui tão infeliz que resisti á intemperie de climas tão oppostos, ás balas, e aos laços dos Europeos, e dos Indios . . . . perdoar-me-ha . . . . eu tenho que fazer ... alli vem um homem por quem esperava ... passe muito bem. =

Dito isto, levantou-se, tirou o chapéo, e foi encontrar-se com um homem que para elle se encaminhava ; parárão juntos um do outro, e pouco depois atravessárão a praça na direcção do poente, e sumirão-se debaixo das arcadas.

Confesso que fiquei com interesse pelo homem : e o desejo de saber quem era fez-me deixar o meu lugar, e minhas antecedentes idéas ; e tendo pensado em menos de meia hora reis, ministros, historia, e politica, naquelle momento só o velho me lembrava. = ¿ Quem será ? = era a pergunta que fazia dentro de mim mesmo; = militar sei eu que é, que fez as campanhas da Peninsula, e da America ; que é infeliz e pobre o trage o diz.

Levantei-me apenas o vi desapparecer, e segui o seu caminho, para vêr se o alcançava.

CAPITULO 2.º

As escadas do Thezouro.

Nem eu sei a razão, chegando ás arcadas, e não vendo quem procurava, subi pelas escadas do Thesouro, largas, vastas, espaçosas ; perfeita antithese do que contem ; onde umas pessoas subião, outras descião. Notei de passagem que as caras dos que subião erão mais alegres, do que as dos que descião; assim é em tudo, quem sóbe tem esperanças, quem desce vê-as murchas. Alguns homens vi eu que estavão pa-

rados nos degráos, e patamal, uns pedião esmola aos que subião, outros só fallavão aos que descião, mas estes não pedião, conversavão: não pude por então conhecer a cauza, nem a advinhei; antes me parecia extraordinario, porque na ordem do mundo, a quem desce ninguem falla, aos que sobem todos cortejão.

Como por instincto havia subido aquellas escadas pensando encontrar o velho militar; não me enganei, que apenas cheguei ao salão d'entrada, o vi estar folheando *os livros* chamados *da porta*, onde se lanção os despachos dos requerimentos, e os interessados vão vêr a sorte de seus negocios.

Ia para descer quando encontrei um meu conhecido, que me saudou com estas palavras = Tambem V... por aqui?

= E' verdade = respondi eu; mas não dei a razão.

= Vinha vêr se me justavão as minhas contas, porque servi um lugar da fazenda, e estando eu credor a ella, soffri um embargo, sequestro, e penhora, no que é meu, no que é de minha mulher, e até no que de meus filhos é; porque é de uma herança de um tio e são menores; e não tenho podido, vai em tres annos, conseguir fação as minhas contas, ou ao menos relaxem, sobre fiança idonea, a penhora; tendo assim os meus bens perdidos, e por mãos alheias, se por terceira pessoa não fizesse lançar nelles.

Tive pena do homem, de sua mulher, de seus filhos, e até do bom tio, que lhes havia legado seus bens para sua educação, e que agora andavão em praça; encolhi os hombros, e foi a unica expressão de conforto, que soube dar-lhe.

Outro meu conhecido veio fallar-me, era um Procurador; eu estive conversando com elle, em quanto tomava sentido que não sahisse o militar; pouca attenção dei ao que elle me disse, mas creio que me fallou nos negocios de seus constituintes, que são o seu negocio, porque tratando delles trata de si, e anda de sege, vai ao theatro, a Cintra &c. &c. e entre muitas couzas ouvi fallar-lhe em titulos de indemnisações, bilhetes admissiveis, commendas, terras, pensões, e de tantas outras couzas que hoje de nada valem, que mal posso eu agora dizer o que elle me disse. Tal o cui-

dado com que eu estava em o outro objecto que alli me levára; e digão que os homens não são distrahidos, até por curiosidade."

= Ainda bem = disse eu cá para mim, quando vi fechado o livro da porta, e o militar sahiu; elle ao passar por mim saudou-me, e sorriu-se descendo as escadas; e eu apoz elle, tendo cortado a palavra ao Procurador com uma cortezia, e um aperto de mão; e porque não? um Deputado não é tambem um Procurador? e ás vezes sabe Deus com que Bullas; e quem ha ahi que não? aperte a mão a um Deputado? estou eu por tanto justificado, com meus leitores da alta aristocracia, se algum lêr as minhas memorias.

= A' ordem, á ordem = ouço eu gritar aos leitores democraticos; tem razão; ¿ mas aonde deixei eu a minha historia? já sei, no serviço do militar quando ao sahir do salão passou junto a mim. Deu-me que pensar aquelle sorriso, porque não era de alegria, era como de compaixão; ou porque ás vezes idéas tristes, suscitadas pela presença d'alguem, contrahem o rosto com a expressão de um rizo particular; ou talvez pensando-me como elle requerente no Thesouro, sorrise á idéa de ter mais um companheiro de subir e descer as escadas daquella caza, onde ouvi se ia mandar pôr sobre a porta da entrada, o rotulo = *Aqui juz o thezouro publico nacional* =.

Quando eu descia vi o militar fallando com um dos homens que só fallão aos que descem, e ao passar por elles, o tal homem chegou-se a mim, e disse em voz baixa = Quer rebater algum recibo? dou-lhe a 18.

= Não Senhor = respondi eu, descendo um degráo mais.

= Dou-lhe mais $\frac{1}{4}$ por cento, e é o preço maximo porque pago os do Snr. Coronel F... que está prezente, e o monte-pio de sua mulher a Snr.ª D. F... = tornou o homem descendo tambem outro degráo.

= Não importa, não vendo. =

= Pois não faz bem, que maior preço não achará, e este é o fixado por nós para reformados, monte-pio, pensões, tensas, patriarchal, repartições extinctas.....

Muito mais contára o homem, mas eu não quiz ouvir mais. = Não quero, já lhe disse = repliquei enfadado.

= Perdoar-me-ha; como os papeis de credito de nada servem senão para nós, que os cazamos com dinheiro, e fazemos com elles emprestimos *ao par*...

= Faça de conta que tendo-os eu *ao par*, tambem os quero vender *ao par*.

= Agora o percebo, se quizer comprar algum, eu contento-me com uma commissão bem pequena, conforme a quantia que precisar $\frac{1}{4}$, $\frac{1}{6}$, $\frac{1}{8}$; ninguem nos ha-de ouvir; de certo, o Senhor é da Companhia Confiança? =

= Sou da Companhia *Desconfiança*, que tem muitos mais Accionistas, e mais fundos empatados sem esperança de receber ao menos o juro, quanto mais o capital: e que tem de reforçar as suas acções de paciencia ... e de ... = Cortando a fraze desci as escadas, não a salvo, porque um ou dous dos taes me fizerão a mesma pergunta, a que eu nem ao menos respondi.

Ahi estão como são *ao par* os emprestimos publicos!!! é do alimento do reformado, da orfan, da viuva, do egresso, que o juro se tira; 82 por 100!!! sobre as classes mais desvalidas!! e é *ao par?!* ...

Parece que o Coronel reformado leu na minha fisionomia, o que atraz deixo escripto, e que n'alma eu dizia; porque chegando-se a mim disse-me = E' um mal, mas este mal é o nosso unico remedio; dão-nos pelo que deveria ser para o sustento de um mez o que apenas basta para tres dias ... mas se elles não jogassem *a risco* o seu dinheiro, como haviamos nós matar a fome esses tres dias ... A culpa não é delles: é de... de nós, que esperámos achar recompensa de serviços, quando tinhamos certa a ingratidão, e esquecimento. Se uma bala me tivesse morto, não teria de arrastar uma vida infeliz, não veria as desgraças da minha familia. =

Uma lagrima cahio dos olhos do Coronel; que elle fez por occultar, virando-me as costas.

= Senhor Coronel, se eu posso ser-lhe util ....

= E que importa o fosse a mim, se tantos centos ficarão ainda, como eu, desgraçados? o nosso desejo é que nos paguem regularmente, ainda que com

algum atrazo fosse; mas ha tres annos ! ! é horrivel ... é querer forçar o homem de bem a que seja mendigo, salteador, e assassino ... é desmoralizar as familias honestas, que lutão com a seducção, e a fome... é quebrar o coração de quem tem pulsações de honra, e de virtude ... é fazer renegar da providencia ... Eu vi V ..... nas Côrtes, ouvi-o advogar a nossa causa, e as promessas dos ministros; mas lá se perdêrão no ar suas vozes, verdadeiros echos de nossos ais; e até agora, nem um mez ao menos recebemos... e já passou um anno ... e as cazas a pagarem-se ... e o pão de cada dia, é para nós — de quem o estado não carece agora, mas que démos por elle a vida, a mocidade, e as forças, que não temos agora para o ganhar com a enxada — amaçado com fel, cozido com o fogo das imprecações suffocadas, e devorado com a fome nunca satisfeita ... que não nos deshonra a nós, mas a quem no-la deixa ter, e vendo-a não a satisfaz, antes sobre nossa mizeria calcula especulações de banco, como se foramos cafres da costa de Guiné .... Adeus, Sr. F... feliz foi seu Pae meu antigo, e honrado General, que não viu os seus irmãos d'armas nesta mizeria ... Deus lhe dê o socego dos justos, e a V ..... a fortuna de o imitar sempre .....

Fiquei só, que o Reformado não esperou pelas minhas palavras; e no meio dos que ião e vinhão, estava como se estivesse em uma das montanhas de Barrozo, só. E disse para mim = Passão-se Portarias, Decretos, Leis, e fazem-se tratados sobre a extincção do trafico dos negros: e á face de Deus e de todo o mundo faz-se por conta do governo o trafico dos brancos ! ! é progresso; é nova descoberta em Economia Politica, que honra a sciencia das riquezas, quem a inventou, e a põe em pratica; de certo é um capitulo interessante de *Chrematistica*, cujo titulo deve ser = da maneira de haver credito, pelo descredito; e de contrahir emprestimos ao par, quando ninguem confia na boa fé do governo. =

E diz-se por ahi á boca cheia = em Portugal não ha saber = letras não haverá, mas *trêtas* de certo ninguem o contestará.

O Reformado desappareceu, mas tinha-o tão presente, que me parecia o via diante de mim; e até uma fitinha verde quasi encoberta que trazia em uma caza de um botão da sobrecasaca do lado esquerdo, que dissera envergonhada de estar em tal fato, e que eu não vira a primeira vez que no cáes o encontrei. = Talvez tenha filhos, e filhas!! = pensei eu, e uma terrivel sombra de tristeza cobriu os quadros já bem negros de minha imaginação.

Uma carroagem puxada por quatro lindos cavallos inglezes lustrozos como setim, e envernizada como um espelho atravessou diante de meus olhos, para o lado do cáes; ião damas; e tão lindas! tão alegres folgando umas com outras! tão cortezes com quem as saudava, e erão todos; até eu as saudei, mas não sei quem erão; ião em uma *calexe* elegante, erão bonitas, talvez fossem estas as razões que me convencêrão a corteja-las maquinalmente; mas creio que satisfazem tanto como as dos Escriptores de Direito Publico, quando descem a explicar os factos sociaes sempre em contradicção com suas bellas utopias; tirão-lhes todos o chapéo, porem perguntão depois = ¿ quem é? =

Meus olhos ião atraz da carruagem, ou para fallar mais exactamente, dentro della; e breve fizerão o giro da praça. Ouvi relinchar um cavallo; era um dos meus. Talvez fosse inveja de não servir tão bellas damas, e de me arrastar a mim, *Chronista de mim mesmo*: póde ser: aquelle animal é nobre, assim o classificão os Poetas, e Zoologos, e a emulação, dizem os Moralistas, é propria das almas nobres.

Bem sei eu que o leitor dirá agora = que o A. escreva a sua Chronica, vá; que diga o que elle, e os outros pensão, não escandaliza; mas que nos venha tambem historiar os pensamentos do seu cavallo!! é uma indignidade para nós que o lêmos, e para elle, que escreve. = Confesso que não tenho que responder, é justa a observação; mas eu quero defender-me, depende dahi a minha honra como escriptor; porem eu não tenho á mão a Encyclopedia, nem os meus livros me ajudão; de que servem Economistas? e que servem Chronicas de reis, e de conventos??? que fatalidade!!! Ahi estão perdidos os cuidados, e dinheiro de meus

pais ! ! moro longe d'advogados, não tenho tempo de os consultar, aliás elles me citarião logo duas leis do Digesto, tres do Codigo, e mil e uma Extravagantes, com que me justificára ... fico perdido . . ! nunca mais terei o suffragio dos povos; visto que tão mal soube deffender os pensamentos do meu cavallo ! !

Apenas eu sahia debaixo das arcadas . . . .

Que fortuna ! ! *inveni ! inveni !* Já não preciso Encyclopedia, nem livros, nem advogados; já posso deffender-me sem alheio favor; á minha reminiscencia devo dar um presente, visto que me tirou d'aperto.

„ A peine nous sortions des portes de Trézéne,
„ Il etait sur son char ; .....
„ Ses superbes *coursiers*, qu'on voyait autrefois
„ Pleins d'un ardeur si noble obéir á sa voix
„ L'œil baissé..... et la tête courbée
„ Semblaient se conformer à sa triste pensée.

Ahi tem os meus leitores um bocado de Racine estropeado, da sua Phedra, e um dos mais lindos traços justificando-me, e de sobejo; porque este luxo de descripção, não é em Chronica de homem de pouco mais ao menos, é a narração da morte de Thezeu, que por ir de carroagem morreu de morte macaca; e quem ouve a historia é seu pae, cheio de remorsos, e sua amante ..... Bem se diz vulgarmente, que a memoria escorrega como o unto do porco, mas derrete-se tambem como elle; agora me lembravão muitas mais razões para justificar-me, mas não abusarei por esta vez.

Ouvi a trinada voz de meu cavallo, toda em *iii*; e appliquei o pensamento de Smith, em que atraz fallei, elle era prova da verdade de seu principio, ninguem póde igualar a um cavallo na pronuncia do *i* . . . . depois lembrei-me logo da historia antiga, e moderna, e dos quadros ou esboço dos progressos do espirito humano ... eu dou a razão; nem ella será pouco razoavel. Pelo rinchar de um cavallo começou a Dinastia de Dario Hystaspes; tão grande disparate não é o meu por certo, como foi o dos povos que elegêrão rei o *candidato* cujo cavallo *rinchasse* primeiro em o dia da eleição, e no lugar della. Já se vê que não se tratava de eleger Deputados, Senadores, Junta de Districto, Camara Municipal, Juiz Ordinario, Administrador de

Concelho, Juiz de Paz, Juiz eleito, Junta de Parrochia, Regedor de Freguezia &c. &c. &c.. para monarcha se fazia a eleição, e erão muitos milhões de vassallos os que interessavão nella. Tal era porem a rudeza daquelles tempos, que a eleição era na praça publica; agora é nas Igrejas de Deus . . . e em lugar de escrutinio secreto, urnas, mezas d'eleição, presidentes, secretarios, escrutinadores, portadores d'actas, mezas d'apuramento, maioria absoluta, escrutinio forçado, listas triplices, maioria relativa, clubs preparatorios, protestações de fé politica, candidatos do ministerio, da opposição, e do centro, e artimanhas que todos, e cada um empregão para serem eleitos; era um cavallo, talvez bem sendeiro, quem decidia a eleição ! ! Assim o decretou a soberania daquella terra, não se sabe ao certo se foi por acto de *omnipotencia parlamentar*, se em virtude da Constituição politica daquelle reino; mas fosse como fosse, foi lei que teve o consenso de todos, e é lei organica, e constitutiva conforme a opinião de Rousseau, Benjamin Constant, e Silvestre Pinheiro. Dario era homem fino; que fez? tratou de ganhar a eleição: e como a alcançou? desta fórma; ordenou a um seu escudeiro que conduzisse o seu cavallo na vespera á praça do *escrutinio*; mandou a outro que lá tivesse uma egoa muito bonita . . . . no dia seguinte apenas Dario entra na praça, seu corcél cheio d'amor, e saudade *rinchou*, e alcançou dest'arte para seu amo, que lhe dava com as esporas, a coroa de Rei dos Persas.

¿ E que tem Dario, o seu cavallo, e a sua eleição com a historia moderna? com o anno de 1838? com Rousseau, Benjamin Constant, e Silvestre Pinheiro? Tem tudo; respondo eu ao leitor, que bem sei fará estas perguntas; e eu o próvo.

A historia deve não só contar, mas explicar os factos, assim como a jurisprudencia consignar, e demonstrar os direitos, nesse cazo não devia esquecer aos historiadores, e publicistas modernos o methodo de eleição Persa, que ainda não foi analysado, e que merece a pena, porque ninguem o contestou até agora como falso: e como elles o não tem feito, fa-lo-hei eu, que tenho prazer de examinar as chronicas velhas, e dar a cada um o que é seu: verdade seja, que más noutes me tem

feito dormir o dizer eu algures, que = *Perfeito* = só é Deus; e que esse epitheto dado a reis, é incenso podre de lisonja cortezan... Vamos porem ao assumpto; que póde ser me dê tambem máos dias, pensando em convencer que não é partidista, nem retrogrado, quem diz a verdade nua e crua.

Ainda que um critico moderno, o Snr. da analyze de um Drama intitulado Lopo de Figueiredo, não dá licença de fazer reacções historicas, no modo de conceituar um rei, a nós pobres homens do seculo 19.... e quem o fizer está debaixo da influencia de suas iras, que uma vez apanhadas, não nos deixão inteiro um pêlo... Porem eu affrontarei tão grande potencia, e a despeito de sua *memoria*, analyzarei o facto da eleição de Dario, e tirarei a limpo a synonimia com as modernas eleições; e augmentarei assim um capitulo á historia filosofica do direito publico constitucional; embora S. Ex.ª *me denuncie á corôa*, como *inimigo da dynastia reinante*; aos nobres, como *amigo das convenções nacionaes*, *bernardas*, *constituintes*; ao povo, como *aristocrata*, *absolutista*, e *seu inimigo jurado*; ao clero, como *heterodoxo*; aos homens de letras, como *sem logica*; aos de timidas consciencias, como *refalsado*, *e de intensões damnadas*; tudo isto devo eu já a S. Ex.ª; o augmentar as dózes não me fará mudar a tenção; porque sou *teimozo*, ao que parece.

¿ E Dario? é verdade tinha-me esquecido com a lembrança de *S. Ex.ª critica*; Dario, era homem esperto, já se entende, tratou de ganhar, e ganhou a eleição; para o conseguir não prometteu fitas, commendas, titulos, e empregos ao seu cavallo, que era a *urna* de que a sua eleição dependia; sabia-lhe das baldas, e satisfez suas caprixosas exigencias; e seu cavallo agradecido rinchou com a saudosa ternura de um amante que vê os lugares onde pouco antes fôra venturozo. E que fazem os Darios d'este seculo? Como sabem das baldas ao cavallo que lhes deve ganhar a eleição, fazem-lhe a boca doce na vespera; e no dia seguinte a *urna rincha* primeiro o nome do seu Senhor, *agradecida*, e saudosa, e terna pelas lembranças da vespera.... Dario esporeava o seu cavallo, quando lhe grangeava a corôa; ¿ os d'agora não farão o mesmo?

eu digo que sim. Na minha edição do *novo direito publico constitucional*, hei-de por á luz do dia, e provar mathematicamente toda a filosofia do antigo codigo Persa ácerca da theoria d'eleições, que sendo o alicerce dos governos representativos, nunca ficou assaz demonstrado, e discutido; a minha these será, *que* ..... agora não o digo, aliás não teria venda a minha obra depois, e quero excitar a curiosidade, que é a unica maneira de fazer ir ao theatro, e comprar livros. O programa será publicado em todos os jornaes de politica, annuncios, litteratura, e recreio; e mandá-lo-hei affixar como cartazes do circo olympico, adornado da estampa da eleição de Dario, feita pelo mais habil Pintor de Cartazes.

Nestes altos projectos de litteratura e politica pensava eu, quando parou uma sege ao pé da arcada, trazia um correio atraz, montado em um cavallo todo escorrendo em suor; tive pena do animal, e a olhar para o arquejar da barriga, e tomar do folego quando parou, não vi quem vinha na sege, e se apeou; tambem isso não importa a meus leitores, nem a mim; e ainda que nos importasse a todos muito, e eu o visse, está tanto frio, que a penna cahe-me da mão, tão gelada está ella, e eu tambem, e a paciencia dos leitores, porque já vai tão grande este capitulo! assim é melhor para mim, e para o que se apeou.

Chamei o bolieiro, e o Roque veio correndo receber-me dentro da carruagem, onde me metti com as minhas idéas, e projectos; pensando no ultimo objecto em que fallei.

Ao primeiro movimento da traquitana lembrou-me o Coronel, que pouco havia me deixára, e que tendo-me occupado tantos minutos, me tinha esquecido com a historia da *calexe*, relinchar do meu cavallo, e sege do Ministro.

" Para o Cáes do Sodré " gritei eu ao bolieiro.

CAPITULO 3.°

O Caes do Sodre'.

" Quem as quer do Callaia, e do Pão-quente?

„ quem quer sortes? quem se quer habilitar aos cin-
„ co contos de reis? merca as sortes???" Apregoa-
va um rapaz quando me apeei perto de uma das ar-
vores do Cáes do Sodré. = Quer um bilhete para a
nova loteria? = Não quero, não = Ora compre-mo,
que lho dou baratinho .... um pinto .... e já rejei-
tei seis tostões ...

= Fizestes mal = tornei eu auzentando-me.

Variedades.

NOVO GENERO DE DESAGRAVO

(*Continuado do N.º antecedente de pag.* 174.)

IV.

Assentada na poltrona em que Manoel se tinha tantas vezes assentado, Maria com um olhar espantado lia á pressa a seguinte carta, que de quando em quando ella apertava na mão. *Regosija-te, querida irman*, continuou ella lendo em voz alta: *esta carta só me precederá alguns dias.*

Oh meu Deus! disse ella para si e cruzando os braços, quem me diria ha trez mezes que eu havia de chegar a ponto de recear a presença de meu irmão, e desejar que elle não volte. Ella calou-se admirada das suas expressões.

Deixo depois d'amanhan meu Tio e vôo para ti para ficar sempre ao teu lado. Meu Tio fez exforços inuteis para conseguir que eu despossase uma rica herdeira de Marselha, eu recusei, sem comtudo lhe expender os motivos sagrados que me obrigavão a rejeitar este casamento. De que me servia dizer-lhe que eu prometti a minha Mãe no leito de morte de nunca te abandonar, e de nunca separar a minha da tua vida?

Maria limpou uma lagrima, e continuou: *E alem disso confessar-te-hei que não sou tentado com cazamentos. Tenho-te tanto amor que receio não poder amar minha mulher como deveria. Demais, a minha nova familia, no caso de eu consentir em a querer, exigiria talvez que nós vivessemos longe um do outro, e ou seja o habito de te ver, ou seja amisade profunda, eu não me sinto com animo de o fazer.*

Oh ! tu vales mais de que eu , meu irmão , exclamou Maria.

Ella continuou ainda com uma voz tremula : = *Tenho quasi dez annos mais do que tu , Maria , e antes de te amar como irman tinha-te amado como filha. Quando eras ainda criança , se sahias dos braços de tua Mãe era para passar para os meus , e muitas vezes aconteceu o embalar-te horas inteiras a fim de que o sommo descesse sobre tuas palpebras. Teu Pae morreu quando tu ainda não tinhas mais que dous mezes , e de toda a affeição que eu lhe tinha junta á que tu me inspiravas formei um unico amor : e desde este momento eu o concentrei em ti — pobre creatura , condemnada desde berço a nunca ver o sorriso de teu Pae , a nunca sentir os seus carinhos , a nunca ouvir a sua voz pronunciar o teu nome em um beijo.*

— Matae-me , meu Deus , exclamou Maria banhada em lagrimas , matae-me , porque eu não tenho coragem para apparecer diante delle. — Esta carta é a minha condemnação ! disse ella , com terror. — Eu sei bem o que hei-de fazer , acrescentou ; ali ... ... e nisto apontava para o papel , ali está a minha sentença ! aqui , apontava para a sua cabeça , está o meu castigo. Ella passeou no quarto com passos vagarósos , e mil ideas sinistras lhe passárão pela imaginação. Fatigada com tantas agitações sentou-se , e reflectio de novo. — Não , não , exclamou ella delirando , não , eu não quero morrer , elle talvez ainda me ame , e a minha morte o affligiria.

De repente levantou-se : Quanto sou desgraçada ! disse ella , e não é Balthazar que eu temo affligir ! ! Dous dias depois daquelle em que Maria tinha recebido esta carta , chegou seu irmão. Ella lançou-se logo a seus braços , apertou-o contra o seu peito , beijou-lhe a testa , os cabellos , as mãos , o vestido ; chamou-lhe mil vezes seu irmão , seu amigo , seu protector , riu e chorou ao mesmo tempo. Passados estes primeiros transportes Balthazar poude em fim reparar para sua irman , e recuou de afflição e surpreza.

— Maria ! lhe disse elle , como tu estás mudada, tão palida ! tu estiveste doente durante a minha auzencia ? ou o estás ainda ?

— Tenho padecido, respondeu ella. — Querida irman! disse Balthazar abraçando-a.

A saude de Maria não se restabeleceu, e antes de pouco seu irmão teve a certeza de que uma paixão occulta e desconhecida a minava. A sua alegria de outr'ora tinha desapparecido com o mimo de suas faces; o seu genio tão docil, tão soffredor, tinha sido substituido por um genio exigente e iracundo; tudo aquillo que outr'ora amára, agora lhe desagradava; ella fallava pouco e procurava a solidão: entretanto não se queixava, nem suspirava; soffria e calava-se. Balthazar recorreu a toda a casta de meios com o intuito de descubrir a causa desta subita mudança: supplicas, lagrimas, tudo foi baldado.

Uma tarde elle voltou da aula uma hora antes de acabar a lição; sua irman não o esperava ainda, elle abriu a porta sem fazer barulho e entrou. Maria levantou-se logo, e a elle pareceu-lhe que tinha escondido um papel no seio; receando ter-se enganado fingio não ter visto nada, mas determinou advinhar em breve o enigma.

Redobrou de vigilancia, e não tardou a convencer-se de que sua irman corria muitas vezes e sem pretexto para o seu quarto, demorava-se alguns minutos, e sahia de lá sempre mais triste. Uma vez que Maria se suppunha só, Balthazar appareceu e pedio-lhe com voz imperiosa o papel que ella tinha na mão. Ella ficou immovel de atterrada. — Dae-me esse papel, lhe disse de novo Balthazar.

— Que papel? balbuciou ella com os olhos espantados; eu não tenho papel nenhum.

— Aquelle que ainda tendes na mão.

Estas palavras fizerão-lhe comprehender o horror da sua situação; ella inclinou a cabeça, abaixou vagorosamente os olhos até ver as mãos, mas percebendo a carta fatal, deu um grito pungente, largou da mão a carta, e cahiu desmaiada nos braços de seu irmão.

Elle deitou-a sobre a cama, apanhou a carta, estremeceu ao ver a lettra, e leu.

— Deus me não salve, disse elle, se eu não obtiver um desagravo deste homem!

Pegou logo na carta, trancou a janella, fechou a porta á chave, desceu, correu todo o suburbio *de S. Germano* = entrou em muitas casas, e depois de numerósas pesquizas dirigio-se para um rico palacio na rua da Universidade. — O Senhor Conde Manoel de Mornay está em caza? perguntou elle a um criado.

— Acaba de sahir neste momento, senhor, foi a caza de seu Pae, onde podeis ir procural-o.

— Esperal-o-hei aqui, respondeu Balthazar: e esperou, apezar de sua irman ter ficado moribunda.

Uma hora depois parou uma carruage diante do palacio; um mancebo sahiu della, dirigio-se para um pateo, subio uma escada; Balthazar seguio-o e entrou para o salão, em quanto um creado ia dar parte da sua estada ali.

O Conde voltou-se ao ouvir pronunciar o nome de Balthazar. O criado fechou as portas: e eil-os um ao pé do outro. Balthazar com o chapeo na cabeça e com semblante sevéro tirou pensadamente um pequeno bilhete do bolso do colête, e chegando-se para o Conde, que sem sobresalto o examinava, poz-lhe diante dos olhos o bilhête aberto, dizendo-lhe: — Conde Manoel de Mornay conheceis esta letra?

O Conde olhou — E então? respondeu elle.

— Então!... esta carta contem a prova de um insulto feito a um homem de honra; e alem disso a prova de uma seducção exercida contra uma innocente menina.

— E isso que tem?

— Tem... respondeu Balthazar cruzando os braços, que não será vosso divertimento esquadrinhar segredos de familia, fabricar cartas falsas, tirar firmas falsas para me obrigar a partir de Pariz, para seduzir uma irman infeliz que aqui deixei quando parti!! Isto tem... e quer dizer, que vós me haveis de dar uma reparação, ou me desagravareis hoje mesmo, e já.

O Conde olhou para Balthazar a rir; e disse-lhe: — Eu!

— Sim vós; e eu não sáio daqui sem que me tenhaes prometido uma ou outra couza.

— Em primeiro lugar, disse insolentemente Manoel, vós bem haveis-de saber que no cazo mesmo

que eu amasse vossa irman, não podia desposal-a; um tal cazamento seria impossivel; porque o meu nascimento...

— O vosso nascimento, Conde, devia ter-vos feito reflectir, antes de vos abaixardes a deshonrar minha irman. Mas não, eu enganei-me: as meninas da esfera da minha irman devem sem duvida ambicionar a honra de que vós queiraes ter a bondade de as deshonrar. Ora pois! continuou elle com uma voz mais tranquilla, já que me negaes a reparação, eu conto com o desagravo — Quaes são as armas que escolheis, a que hora, e em que sitio devemós encontrar-nos?

— Antes de cruzarmos as nossas espadas haveis de fazer favor de dar os vossos pergaminhos a examinar ás minhas testemunhas.

Vós mesmo, Conde, os lançareis na balança, pois que tirando-me a honra me haveis tirado os unicos pergaminhos de que um homem de bem se pode vangloriar, e vereis então que de certo elles pesão tanto como os vossos.

— Ninguem consentirá que combatamos, senhor.

— Como assim! vos sois novo e cheio de coragem, e não quereis dar-me o desagravo? vós oppondes a vossa nobreza, os vossos titulos; e no entretanto sabeis que nobreza e titulos são meras palavras; vós bem o sabeis, e recusaes combater!? Então não será permitido a um fidalgo deixar de ser cobarde, uma vez ao menos em sua vida, contra um do povo? e se este plebeu vos insultjasse, Conde, como vós o haveis insultado; se elle vos ultrajasse na vossa honra como vós o ultrajastes na sua, que dirieis? exigirieis reparação?

Balthazar tinha-se aproximado de Manoel.

— Faustino!... gritou este ultimo; não ouseis dar mais um só passo ...

— Basta, basta! imterrompeu Balthasar, muito bem! haveis-me entendido. Nesse cazo imaginae um momento que eu sou o fidalgo e vós o plebeu; e não vos será muito difficil suppol-o; porque se algum de nós se conduzio nobremente, por certo que não fosteis vós.

— Lançae mão da espada, senhor, gritou o Conde.

— E antes duas vezes do que uma, por que eu fui insultado duas vezes, respondeu Balthazar lançando mão della. Então! porque esperaes? replicou elle vendo que Manoel hesitava.

— Senhor, disse este ultimo friamente, eu não posso combatter comvosco; e quebrou a sua espada.

— Visto isso deshonrastes-me impunemente?...

O Conde tocou a campainha: dous lacaios entrárão — Senhor fidalgo, disse Balthazar em voz baixa, ignoro ainda como me hei-de vingar de vós, mas juro-vos que me hei-de vingar. E sahio.

Apenas chegou a caza, foi logo para ao pé de Maria, que estava ainda fria e inanimada: pobre irman! disse elle, condemnada a chorar o seu erro toda a sua vida, e o que é ainda mil vezes mais terrivel, condemnada a córar de vergonha diante de mim? não, não ha-de ser assim, disse de repente, basta que a tua consciencia te accuse: e nisto pegou da carta do Conde, e escondeu-a no seio de Maria.

— Agora, segredo fatal, tu estás de novo encerrado no seu coração: quanto a mim, esqueci-te.

Depois de um desmaio que durou tres horas, e de mais uma hora de socorros e de carinhos os mais ternos, Maria abrio os olhos, pareceu ao principio admirada do estado em que se achava, depois lembrou-se pouco a pouco do que lhe tinha acontecido, olhou para seu irmão com terror, e lançando-se como por inspiração a seus pés.

— Balthazar, disse ella, virás tu a perdoar-me um dia?

— Que me fiseste tu para que eu te perdoe? respondeu elle levantando-a.

— Mas ... disse ella: eu pensava... eu cuidava... eu ...

Calou-se e reflectiu.

— Meu Deus! que se passou? continuou ella pondo a mão na testa.

— Nada de extraordinario, boa irman: nós estavamos conversando quando repentinamente tiveste um desmaio. Trouxe-te para aqui, e agora estou-te abraçando.

Elle abraçou-a; porem Maria meditava sempre.

— Pois não se passou couza nenhuma mais? perguntou ella hesitando?

— Não, minha irman.

— Para evitar novas perguntas, elle sahiu. Logo que Maria se viu só poz a mão sobre o seu coração, sentiu o papel; — eu sonhei, sem duvida, disse ella de vagar, elle não sabe nada!!

V.

Balthazar tinha deixado a rua da Sorbonna para morar no *Marais*, e mudou o nome de baptismo para tornar a tomar o seu appelido de familia. Tinhão-se passado dous mezes, e a affeição que elle tinha até então por sua irman parecia ter dobrado: erão cada dia novos carinhos, novas attenções, novas provas de amizade; d'antes amava-a elle pela sua pureza, e agora pelo seu infortunio. Maria ás vezes parecia ter tornado ao tempo antigo, tristes restos da sua felicidade passada, porem estes clarões duravão pouco, e a medonha realidade vinha logo opprimil'-a. Entretanto ambos fazião o que podião para parecerem felizes; se falavão um para o outro era sempre com um ar risonho, e com expressões quasi alegres. Quem podesse ler no seu coração teria tido compaixão delles.

Meu Deus! quando me chamarás para o pé de ti? dizia a toda a hora Maria vendo-se ao espelho, e reparando para os terriveis estragos que a paixão fazia em seu semblante.

Meu Deus! como me poderei vingar? resmungava a cada instante Balthazar.

Depois de ter inutilmente pensado porque meio poderia constranger Manoel a combater comsigo, veio-lhe á idea ir procurar o General Conde de Mornay, contar-lhe tudo, e obter que seu filho lhe desse um desagravo. — Elle hade ouvir-me, disse elle a si mesmo, porque é um homem honrado.

Foi a caza do Conde, que não estava só quando Balthazar entrou.

— Eu já vos fallo ; disse o velho. Depois voltando-se para Margarida continuou

— Minha filha , deixa-me um instante.

Balthazar recuou um passo : seu sangue refluio com violencia ao coração ; seguio com os olhos Margarida que se affastava. Sua filha !.. pensou elle : ah ! o Conde Manoel de Mornay tem uma irman ! Parecia que lhe faltava o ar , e encostou-se á parêde.

— Ah ! é sua irman! repetio elle lá comsigo.

— Senhor, disse o Conde , que me quereis ?

Balthazar todo enleado e ardendo em febre não pôde pronunciar uma só palavra. O velho atribuindo o seu silencio a timidêz fez-lhe novas perguntas.

— Senhor Conde , o que eu tenho a dizer-vos, respondeu Balthazar, só pode ser dito na presença de vosso filho.

— Na presença de meu filho ! e porque motivo ?

— Vós mesmo o julgareis, replicou o mancebo.

O Velho olhou para elle com ar de desconfiança.

— Ja vejo que vós ignoraes que meu filho partio ha um mez para o seu regimento, e que só para o anno estará de volta ?

— Ah ! ellepartio ? resmungou Balthazar admirado, e calou-se outra vez.

— Agora , senhor, continuou o Conde , quereis dizer-me o objecto da vossa vizita ?

— Senhor , disse o mancebo depois de ter hesitado alguns momentos, eu estou em Pariz ha dous annos ; cursei os meus estudos e não sou feliz ; tenho em vão sollicitado algum emprego. Alguns fidalgos tem tido a bondade de se interessar a meu favor, e entre outros vosso filho : todas as promessas que tem sido feitas ficárão sem resultado até hoje , e eu vinha valer-me de vós e de vosso filho.....

— Que é o que vós sabeis ? perguntou o velho.

— Latim , grego , mathematica ....

— E que mais, e que mais ?

— Alguma couza de archeologia.

— E que mais, e que mais?

— Historia, desenho ....

— Está bom : disse o Conde.

— Então vós esperaes ..... ? perguntou Balthazar agitado.

— Vós pareceis-me um bom moço, continuou com ar severo o senhor de Mornay, examinando-o de novo; deixae-me o vosso nome, e a morada, e voltae daqui a oito dias.

Balthazar fez a sua cortezia e sahio: dahi a oito dias dias voltou a caza do Conde.

— Pareceis outro! meu amigo, lhe disse o velho, estivesteis acaso doente?

— Sim, senhor Conde, respondeu elle.

— Sentae-vos.

Elle sentou-se.

— Tirei informações a vosso respeito: vós tendes uma irman?

Balthazar córou.

— O vosso comportamento é bello, replicou o Conde.

— Como assim! Senhor! interrompeu o mancebo admirado.

— Vos sois o ampáro de vossa irman; e eu vo-lo repito, é uma linda acção que praticaes — Balthazar respirou.

— Para nos occuparmos das vossas pertenções, dir-vos-hei que ainda não encontrei arranjo algum: promettêrão-me muito, assim como vos promettêrão a vós em outro tempo, mas tudo tem ficado em promessas; porem eu bem sei que vós o que precisais é de resultados immediatos. O Duque de Vitry ha-de patrocinar-vos, elle tem um sobrinho ainda muito criança, hei-de fazer as diligencias para que elle vos tome para seu mestre; por em quanto espero que tereis a bondade de aceitar uma couza que vos tenho guardada? — e offereceu-lhe uma bolça cheia de dinheiro.

— Dinheiro!! não, senhor Conde, disse Balthazar com altivez: eu não vos vim pedir uma esmola.

— Que diabo de rapaz! disse o Conde com algum embaraço.

— Senhor, disse Balthazar, não é por orgulho que eu recuso, mas por sentimento de dignidade: eu acceitaria sem hesitar o dinheiro que acabaes de me offerecer, se o tivesse ganhado; de outra sorte jamais

o aceitarei. Vós interessaes-vos por mim? pois bem! dizei em que posso ser empregado, que trabalho podeis confiar-me, e no mesmo instante eu aceito esse dinheiro. Vós tendes sem duvida bens a administrar, contas a receber dos vossos cazeiros? concedei-me unicamente duas horas por dia para abraçar minha irman, e o resto do meu tempo pertence-vos. — Concordaes neste arranjo?

— Vós arranjaes tudo muito depressa, meu caro amigo, disse o velho sorrindo. — Balthazar fez-se amarello. — No entretanto eu aceito as vossas condições; de hoje em diante fazeis parte da minha caza.

Balthazar installou-se nessa mesma noite em caza do Conde de Mornay. Quem o visse tão socegado e apparentemente tão feliz, jámais teria pensado que este mancebo nutria em seu peito um sentimento profundo: quem o visse tão cuidadoso, zelando tanto os interesses do Conde, nunca teria suspeitado que a vingança que elle meditava tinha de recahir sobre o mesmo Conde. Este mandou-o chamar um mez depois, e disse-lhe:

— Dupré! estou muito contente comvosco: dobro o vosso ordenado, e nomeio-vos meu secretario. Eu daqui a quinze dias hei-de ir á minha Quinta de Pomeray, vós me acompanhareis, e se quiserdes trazer vossa irman, dou-vos licença para o fazer.

— Sêde menos bom para comigo, senhor Conde, eu vo-lo péço, respondeu Balthazar com uma agitação extraordinaria.

Quinze dias depois, o Conde, sua filha, e Balthazar seguião a estrada de Compiègne. A primeira semana passou-se em passeios e em leituras. Balthazar não deixava o Conde nem um momento. — Prouvéra a Deus que teu irmão se parecesse com este rapaz!! dizia algumas vezes o senhor de Mornay a sua filha

Um dia tendo dado alguns passeios pela tapada elle teve a lembrança de ir surprehender Margarida em um mirante onde a tinha deixado pela manhan assentada diante de um bofete; ella estava a acabar uma paysagem.

— Está muito linda, minha filha, disse o Con-

de: depois virando-se para Balthazar —

— Não sois do meu voto?

— Estas arvores estão muito naturaes: parece que se vê circular o ar a través das folhas: e estas meias tintas, senhor Conde, que exquisita delicadeza!

Vós entendeis de pintura!? perguntou Margarida virando-se para Balthazar.

— Alguma couza, Menina, respondeu elle.

— Vos devieis então dar-me um conselho; este ceo parece-me muito obscuro?

— Na verdade que não está em harmonia com o resto; e se me daes licença.....

A menina appresentou-lhe os pinceis.

— Quanto está lindo!! disse ella logo que elle acabou, não é assim meu Pae?

A' noite Margarida só com o Conde de Mornay lhe supplicava que pedisse a Balthazar alguns conselhos de que precizava.

— Não, minha filha, respondeu elle.

Margarida passava uma parte do dia no seu mirante, ali ella lia, bordava, pintava, ou tocava algum instrumento. Balthazar, escondido do Conde, dirigia-se muitas vezes para este lado como por acaso; depois, um dia, a certo signal que a menina lhe deu, elle entrou.

— Interrompo sem duvida o vosso passeio, lhe disse ella sorrindo-se; elle certificou-a do contrario.

— Não sei o que hei-de pôr aqui, disse ella designando um canto de terreno deserto.

Elle pegou nos pinceis, e traçou um lindo grupo.

No outro dia e nos seguintes Balthazar foi ao mirante sem que o percebessem — O que eu medito é infame! disse elle comsigo um dia ao separar-se de Margarida.

E no mesmo instante Margarida dizia tambem lá comsigo, seguindo-o com os olhos — Este mancebo é bem agradavel!

O Snr. de Mornay adoeceu repentinamente, e foi obrigado a ficar de cama, por cujo motivo Margarida hia so mui raras vezes ao mirante, e por conseguinte apenas via Balthazar, e com grandes intervallos de tempo.

O Snr. de Mornay melhorou depressa, porem ficou muito fraco para podêr sahir; sua filha lia com intento de o distrahir.

— Basta! basta, dizia muitas vezes seu pae, tu canças do peito, minha filha: e então chamava Dupré, e pedia-lhe que continuasse a ler.

Uma noite depois de se ter separado do Conde, Balthazar, segundo o seu costume, encaminhou-se para uma das ruas mais obscuras da tapada, e entregou-se ás suas tristes reflexões: tinha chegado ao meio da rua quando lhe pareceu ver ao longe um vulto branco; admirado apressou o passo. — Quem está ahi? perguntou uma voz tremula.

— Perdoae-me, senhora, se vos assustei; respondeu o mancebo; eu julgava que estarieis a esta hora no vosso quarto.

— Sinto-me esta noite quasi doente, disse Margarida, e pensei que o ar me havia-de fazer bem. Elles continuárão a andar. — Eu vou para caza; disse dahi a pouco Margarida.

— Já! responde Balthazar.

Havia uma queixa tão sincéra, uma supplica tão maviosa, uma expressão tão triste nesta unica palavra, que Margarida commoveu-se, e elles continuárão ainda no seu passeio. Depois os passos tornarão-se mais vagarosos e mais iguaes, a voz mais baixa, e mais meiga, as palpitações do coração mais apressadas; depois as maõs, os cabellos, as faces, e as bocas aproximárão-se...

— Oh! eu amo-te! dizia Margarida suspensa ao pescoço de Balthazar.

Oh! quanto sou perfido! pensava elle dirigindo-se para o seu quarto.

O Conde de Mornay depois de um mez de padecimentos foi uma manhan com Margarida ao mirante.

— Tu vaes novamente entregar-te aos teus antigos habitos, minha filha, disse elle, tornar a ver o teu mirante querido, de que has-de ter tido muitas saudades, porque elle contem todas as tuas venturas, de que te privei por bastante tempo.

— Então vós já vos não metteis na conta, meu pae? disse Margarida a sorrir-se.

Não, disse o velho, basta nomear-te a ti para tambem eu entrar na conta.

Durante este tempo, Balthazar com a cabeça a arder, e a mão tremula, escrevia o seguinte:

SENHOR CONDE.

Insulto por insulto, desfeita por desfeita. Vós deshonrastes minha irman, eu deshonrei a vossa; vós abandonastes a minha, e eu abandono a vossa.

— Pobre menina! pensou elle, que será della se eu mando esta carta? e rasgou-a.

Dahi alguns dias, o Conde depois de ter mandado procurar inutilmente Balthazar em todo o palacio, soube que o tinhão visto entrar na tapada, e que ainda de lá não tinha sahido.

Tocado de uma idea repentina, o Senhor de Mornay foi direito ao mirante.

Miseravel!! clamou elle.

Não poude dizer mais: a desesperação, a colera, o delirio abafárão-lhe a voz. Elle havia surprehendido Balthazar aos pés de Margarida! Sufocado, de boca aberta, e com o punho fechado collocou-se a través da porta para impedir a passagem a Balthazar, este porem saltou por uma janella que estava aberta.

O Conde quiz ainda fallar, chamar os criados: mas não poude articular senão gritos inintelligiveis, palavras confusas, sem connexão, mas que na sua horrivel eloquencia exprimião energicamente toda a indignação de uma ternura não correspondida, de um orgulho espezinhado, e de uma vingança que lhe fugia.

Duas horas depois desta scena o Conde, que teve de ser conduzido para o seu quarto, mandou chamar sua filha. Ella entrou com a face livida e os olhos amortecidos. Chegae-vos, disse o velho, — Margarida estava banhada em lagrimas. — Dispensae-me as vossas lagrimas, continuou o Conde; approximae-vos ainda mais; e agora, olhae para mim cara a cara se o ouzaes!

— Meu pae! disse ella erguendo as maõs.

— Não me torneis a dar esse nome, disse elle

severamente. Então ! olhae para mim , continuou elle, vós desviaes os olhos ! metto-vos medo , não é assim ? Margarida só estava desviada delle alguns passos.

— De joelhos ! disse elle , de joelhos ! filha criminosa ! é assim que deveis ouvir o que tenho a dizer-vos.

Sua filha ajoelhou.

D'antes tinha eu dous filhos, disse o Conde, amava-os ambos com igual ternura , fui obrigado a expulsar um do meu coração, ficava-me ao menos o outro , era o apoio da minha velhice , era o meu idolo , era tudo quanto eu possuia , era todas as minhas esperanças neste mundo ; julguei que este me amava, e ás vezes fazia quanto podia para me consolar das faltas de um com o amor do outro....

— Meu Deus ! exclamou Margarida.

— Este segundo filho enganou-me ainda mais indignamente do que o primeiro, continuou o Conde. O outro se não respeitava a honra das familias , ao menos não deshonrava a minha ; e tu ! tu a deshonrastes : eu fiz desterrar teu irmão para o centro de uma obscura provincia , ámanhan tu vaes entrar para um convento , e o homem que te seduzio ha-de morrer ás minhas mãos — Vae-te.

Margarida deixou-se ficar de joelhos.

— Sahe ! já to disse , repetio o velho.

— Perdoai-lhe , meu pae ! disse ella em voz baixa.

— Sahe ! disse outra vez o velho.

Ella levantou-se sem dizer palavra, e sahio com passos vagarosos : depois quando o Conde se viu só :

— Ella ama-o , pensou elle , ella ama-o.

Encostou a cabeça ás maõs. Nessa mesma noite ordenou que se pozessem os cavallos á carruagem ; partio sem ver sua filha , e voltou para Paris.

No dia seguinte pelas duas horas da tarde , bateu-se com força á porta de Balthazar ; elle foi abril-a e viu o Conde de Mornay. Fez signal a Maria para que fosse para o seu quarto , e ficou com o velho.

— Qual é o vosso nome de baptismo ? perguntou o Conde.

Balthazar , respondeu , o mancebo machinalmente.

— Eix aqui um attestado de nobreza em que só faltão os vossos nomes, senhor Balthazar Dupré , disse

o velho desenrolando um pergaminho: El-Rei vos nomeou esta manhan Barão. Escrevei o vosso nome ao lado deste titulo.

— Mas, senhor Conde .....

— Alem disso eix-aqui uma patente de capitão que alcancei para vós: tomae, lêde. Desenrolou o outro pergaminho, e deu-o a Balthazar.

— Eu não entendo nada disto ....

— Eu vou explicar-vos tudo, senhor, disse o Conde. Vós seduzistes minha filha. Eu podia mandar-vos para uma das enxovias da Bastilha, mas tudo isto não restablecia a minha honra. Eu quero antes que se critique altamente a união desproporcionada da minha familia com um homem obscuro, do que vir a descobrir-se que minha filha foi deshonrada por esse homem obscuro.

Estas palavras, pronunciadas com severidade, diminuírão algum tanto a emoção a que Balthazar não tinha podido evadir-se no primeiro movimento de surpresa.

— Vós haveis-de vir comigo, disse o Conde. Balthazar parecia dormir a somno solto, mas o seu pensamento não participava desta inacção. Então! que esperaes? accrescentou o Conde.

Balthazar fez um esforço violento, e respondeu — Eu não posso cazar com vossa filha.

— Vós não podeis cazar com minha filha? ...

— Eu não quero desposal-a, disse Balthazar levantando a cabeça.

Tu não queres desposal-a, repetiu o Conde, e seduzistel-a! então tu não a amas! miseravel!

— Eu não a amo, disse Balthazar com placidez d'animo.

— Então porque motivo a seduziste tu? era por ser ella linda e nova, e eu velho e fraco? era porque invejavas a felicidade que eu gozava junto della? Mas essa felicidade era-me permittida a mim — seu pae.

Tu seduzistel-a e não lhe tinhas amor! no entanto só o amor podia servir-te de desculpa.

Miseravel! tu cobres de opprobrio uma familia illustre, antiga, só para satisfazer um desejo? e quando o chefe desta antiga e illustre familia se abaixa a pon-

to de pegar em ti perdido no pó da terra, e te propõe a união dos teus pergaminhos de um dia, aos seus pergaminhos de seculos, recusas, sendo mendigo, a rica esmolla que uma mão prodiga deixa cahir sobre ti?

— Eu estou habituado a receber insultos, senhor Conde, disse Balthazar.

— Dize-me que queres tu para desposar minha filha? é o meu titulo de Conde? dou-to; são os meus bens, tambem t'os dou.

— Não quero nada, respondeu o mancebo.

— Mas então dize-me porque motivo a seduziste? tu!... a quem eu tinha feito tantos beneficios, tu!... a quem eu tinha franqueado a minha caza! ninguem comette um crime tal sem motivo forte.

— Oh! por certo que não, disse Balthazar em voz baixa.

— Pois bem, dize-me quem te impellio a practicares uma acção tão execranda.

— Quem me impelliu!... exclamou Balthazar, mas de repente parou.

— Sim, falla. Mas elle ficou calado. — Olha; eu to vou dizer, replicou o Conde todo enfurecido; foi porque tu bem sabias que eu era velho, doente, e cheio de feridas, sem força para te castigar; finalmente é porque tu contavas ficar impune, cobarde! e por isso te arrojaste a tanto.

— Sim! estas feridas tu ja as tinhas visto e contado, e elle mostrava o peito coberto de numerosas cicatrises. — Tu sabias que este braço aleijado já não podia sustentar uma espada, nem disparar uma pistolla; e elle fazia todos os esforços para levantar a espada que trazia; — mas tu, pelo que vejo, ignoras que a desesperação pode reanimar por um momento as forças extinctas, e que a colera pode levantar uma espada com ambas as mãos, e com ella acutilar-te?

E nisto agarrou a espada com as mãos ambas, e fez quanto pode por a levantar sobre a cabeça de Balthazar; a espada tornou a cahir quasi immediatamente; e a ira fazia espumar o Conde.

— Até outra vez, lhe disse elle por fim com uma voz cavernosa; nem sempre has-de ter de responder a um velho: lembra-te disto.

Apenas chegou ao seu palacio escreveu logo a seu filho a carta que segue.

Senhor.

" Pedi uma licença ; e se não vo-la derem, demittivos : a honra da vossa familia está em perigo ; vinde a toda a pressa ,,

Manoel deixou o seu regimento e veio immediatamente.

— Margarida foi seduzida, lhe disse seu pae, e o seu seductor recusa desposal-a.

— Seu nome ?

— Dupré.

— Sua morada ?

— Eil-a aqui.

— E' nobre ?

— Não.

— Então como via elle minha irman ?

— Eu tinha-o tomado para meu secretario.

— Pois bem. Vós sereis obedecido, e a nossa honra desagravada. Levou para a carruagem espadas e pistollas e dirigio-se para o *Marais*.

Em quanto isto se passava no palacio de Mornay, Balthazar sentado ao pé de sua irman procurava dissipar a paixão que a devorava, exhortava-a a que tivesse animo, e dizia-lhe que as chagas, mesmo as mais dolorosas, cicatrisão com o tempo, e que então a paz vem habitar para sempre o coração daquelles que tem soffrido. Maria ouvia-o, e ás vezes perguntava a si mesma se elle teria adivinhado. Uma carroagem parou debaixo das janellas, e ou fosse curiosidade ou fosse pressentimento, Balthazar levantou-se e conheceu a libré do Conde.

— Até que em fim ! ! ! disse elle comsigo

Depois, voltando-se para Maria — Minha irman, disse elle, seja quem fôr a pessoa que aqui entre, deixa-te ficar. Ja subião a escada. — Senta-te aqui, disse Balthazar a sua irman, e não deixes este lugar por motivo nenhum. Dirigio-se depois para a porta. Batêrão : elle abriu.

— Entrae, Conde Manoel, disse elle com ironia, vós não vos enganastes na porta ; é aqui mesmo que mora Balthazar Dupré.

Sois vós? perguntou o mancebo segurando-se ao corrimão da escada.

— Eu mesmo.

Maria tinha reconhecido Manoel; o seu susto era extraordinario, ella quiz levantar-se, fugir; mas os seus joelhos não tiverão força para a sustentar.

— Vinde para aqui, disse elle ao Conde conduzindo-o para o seu quarto.

— Senhor, replicou Manoel, o que eu tenho a dizer-vos ... — Pode dizer-se diante de minha irman, disse Balthazar; fallae.

A conjunctura era difficil: o Conde depois de alguns momentos de silencio, e de hesitação, continuou nestes termos. — A injuria que vós fizestes á minha familia não pode ficar inpune.

— Eu não vos entendo.

— Eu tenho armas na minha carruagem, disse Manoel em voz baixa; entendeis agora?

Maria, attonita, julgava estar sonhando.

— Para que são as armas? disse Blathazar em voz alta.

— Para combatermos. E' necessario que vós me mateis, ou que eu vos mate.

— Combater! nós? de certo estaes zombando, senhor Conde.

— Vós deshonrastes minha irmãa, e não quizestes desposal-a, — apezar de ser um cazamento em que eu nunca teria consentido; — e pensaes que eu estou zombando? ora pois! porque esperamos?

Maria deitou-se ao pescoço de seu irmão, elle fez-lhe signal para que se sentasse. — Vós bem sabeis, respondeu elle tranquillamente a Manoel, que um Grande não pode humilhar-se ao ponto de combater com um homem como eu: seria couza nunca vista.

— Não; mas ha-de vêr-se — Recordae-vos, Conde, que eu não tenho pergaminhos que apresente ás vossas testemunhas.

— Combateremos sem testemunhas, disse Manoel; vinde!

— Nós não havemos-de combater, interrompeu Balthazar com vóz firme. Ah! vós pensaes que por ser fidalgo havieis de ter o direito de seduzir as mulheres

e meninas obscuras sem dar um desagravo a seus maridos ou irmãos; e depois se por justas represalias, alguem seduz as vossas mulheres, ou vossas irmans, quereis ter o direito de exigir de nós, pobre povo, o desagravo que nos havieis recusado em iguaes circunstancias? nada! não hade ser assim. Vós deshonrastes minha irmãa! eu deshonrei a vossa. Faz agora seis mezes que, depois de me ter insultado, achastes que ereis *grande* para medir a vossa espada com a minha; hoje eu insultei-vos, e tambem me chegou a vez de achar que sou demasiadamente *pequeno* para medir a minha espada com a vossa. Maria estava desmaiada com vergonha e terror..

— Vós haveis de combater! clamou Manoel.

— Ainda que me pedisseis de joelhos, eu havia de vos responder — Não; não hei-de combater.

— Eu fazendo o que fiz, não aspirava a um desafio, mas a uma vingança que fosse em tudo igual á offensa que tinha recebido. — Agora estou satisfeito!!!

— E tambem eu o ficarei em pouco tempo; exclamou o joven Conde, desembainhando a espada. Defendei-vos, ou vos assassino. Maria deu um grito. Balthazar lançou-se ao Conde, e antes que este lhe podesse ter chegado, agarrou-o vigorosamente pelo braço, arrancou-lhe da mão a espada, e disse.

— No dia em que eu vos pedi uma satisfação, quebrastes a vossa espada para não combater comigo; e eu quebro esta, porque não quero combater comvosco: e nisto lançou ao chão a espada em pedaços!

— Agora, continuou elle, não chamarei, como vós, criados em meu soccorro para me livrar de *Vossa Senhoria*; ordeno-vos simplesmente que vos auzenteis. Elle abriu a porta fazendo um gesto imperioso. Adeus senhor, disse elle, estamos pagos.

— Oh não! disse Manoel sahindo.

— Sim, senhor, disse uma voz grave e angustiada.

Era o general Conde de Mornay quem fallava assim, elle tinha ouvido quasi todo este fatal dialogo!

— Como conhecias tu o meu crime, e não me tinhas morto? meu irmão!

— Eu conhecia a tua falta, respondeu Balthazar e se tu soubesses o que eu fiz para vingar a tua

honra ... Maria ! disse elle em vóz baixa.

— Então que fizeste ?

— Eu amava Margarida ... entendes agora ?

— Oh ! que fizestes meu irmão ? disse baixo Maria banhada em lagrimas.

Maria morreu seis mezes depois destes acontecimentos; e Margarida de Mornay entrou para um convento: — que era o mesmo que morrer.

(Extr. d'O Cahir das Folhas.
de Alphonse Brot.)

Noticias Scientificas.

Composição e propriedades do leite. — O Snr. Donné communicou á Sociedade Philomatica de Paris na sessão de 25 de Fevereiro de 1837 os seguintes resultados das recentes observações que fez á cerca do leite.

Observado ao microscopio, o leite parece composto de globulos de diversas grandezas, nadando n'um liquido; Leuwenhoeck reputa estes globulos como formados pela materia gorda e pelo casseum; esta opinião foi depois admittida pela maior parte dos observadores, e o Snr. Raspail diz que elles são, uns albuminozos, outros oleaginosos.

Estes globulos não passão através do papel: ficão sobre o filtro com a nata; o liquido que passa não contem globulos, mas contem o caseum em dissolução que se faz precipitar por meio dos acidos. O ether dissolve inteiramente todos os globulos lacteos, e não ficão senão gotas oleaginosas sem forma determinada.

Os alcalis, taes como a ammoniaca, a potassa e a soda, não dissolvem os globulos do leite a frio; grande numero escapão até á acção destes agentes em ebullição.

Esta resistencia dos globulos lacteos aos alcalis é devida, segundo o Snr. Donné, a uma membrana particular que involve cada globulo; estes pequenos corpos são alem disto formados inteiramente de manteiga, como o prova a sua solubilidade no ether.

Deve-se por tanto considerar o leite como composto de soro, no qual o caseum está em dissolução, como a fibrina no soro do sangue; este soro contem em suspensão globulos formados de materia gorda e d'um involucro.

O leite de mulher, o de vacca, de cabra, e de jumenta, são alcalinos no momento em que se tirão.

Na sessão de quatro de Março da mesma sociedade, o Snr. Donné disse que na sessão precedente enun-

ciára em facto relativo á natureza dos globulos do leite, e uma opinião sobre a organisação delles, bem como sobre a existencia d'uma membrana d'involucro. O primeiro facto, disse elle, é estabelecido pela acção dissolvente do ether e pela resistencia dos globulos aos alcalis, donde resulta que estes globulos não podem ser compostos senão de substancia gorda e não de caseum. Quanto á sua opinião sobre a existencia d'uma membrana, o Snr. Donné expoz, que tem feito novas experiencias para a confirmar: depois de ter tratado o leite por um excesso de soda, filtrou o liquido; depois tratando pelo ether a materia gorda obtida sobre o filtro, observou que esta materia não se dissolveu inteiramente neste menstruo; ficou no fundo do tubo uma substancia escura e leve, que sobre as soluções de potassa e de soda não tem acção alguma; esta substancia, examinada ao microscopio, apresenta-se na forma d'uma trama extremamente rara; o Snr. Donné julga que a organisação dos globulos lacteos pertence antes a uma especie de tecido areolar em cujas malhas a materia gorda é depositada, do que a uma membrana d'involucro. Sempre é certo que entra realmente na composição dos globulos lacteos uma substancia que nem é gordura, nem caseum, e sobre a qual não tem acção nem os ethers nem os alcalis.

— Sobre este objecto disse o Snr. Dujardin que, tendo posto entre duas laminas de vidro muito delgadas uma pequena gota de leite, e tendo roçado estas laminas uma contra a outra, viu que um certo numero de globulos adherirão entre si e se confundirão, mas conservando sempre um ligeiro indicio da forma globular; esta experiencia parece provar que os globulos do leite não tem membrana alguma, mas não se oppõe á opinião de que exista um tecido areolar; aquecendo-se, a materia gorda reune-se e forma uma gota oleosa.

O Snr. Donné apresentou á mesma sociedade na sessão de 24 de Junho de 1837 o resultado de seus trabalhos sobre o leite das amas — cujo resumo é o seguinte:

1.º Os conhecimentos actuaes sobre os caracteres do bom e do mau leite das amas são quasi nenhuns.

2.º As condições tiradas do estado geral da saude

são insuficientes para determinar as qualidades nutritivas deste fluido.

3.° E' no proprio leite que é necessario procurar a indicação de suas propriedades; e o microscopio, com o auxilio d'alguns reagentes, é mais proprio que a analyse chimica para chegar a este fim.

4.° A composição do leite deve ser considerada da seguinte maneira: um liquido que contem *em dissolução* assucar de leite, saes, uma pequena quantidade de materia gorda e caseum; e *em suspensão* globulos de differentes grandezas, formados de manteiga e soluveis no ether.

5.° Os globulos lacteos são mui difficilmente soluveis nas soluções alcalinas.

6.° O *colostrum* compõe-se, alem dos globulos lacteos, de corpos particulares que o Snr. Donné descreveu debaixo do nome de *corpos granulozos*; os globulos lacteos no colostrum estão pela maior parte apinhoados e confundidos entre si por uma materia mucoza.

7.° Os principios do colostrum não desapparecem inteiramente senão no fim do primeiro mez depois do parto: n'esta epocha, o leite de boa natureza não apresenta algum indicio de colostrum, e todos os globulos se achão bem distinctos uns dos outros, bem regulares e numerosos. Desde o 6.° ou 10.° dia depois do parto, o bom leite começa a desembaraçar-se de seus elementos primitivos.

8.° O leite segue entre os animaes quasi a mesma marcha que na mulher; é nos primeiros tempos turbado por uma materia mucoza que reune os globulos entre si.

9.° O leite é constantemente alcalino na mulher, na vacca, na jumenta, e na cabra.

10.° Os elementos do colostrum podem persistir no leite álem do termo habitual, e mesmo até ao fim da lactação, o que constitue um genero d'alteração d'este fluido; neste estado, o leite toma-se em massa viscosa quando se trata pela ammoniaca.

11.° Certas affecções pathologicas, taes como o enfarte das mammas nas mulheres e nos animaes, determinão no leite modificações particulares analogas a aquellas que elle apresenta no seu estado primitivo.

12.° Em cazo d'abcesso formado nas mammas, o leite pode conter pus; o Snr. Donné tem encontrado muitas vezes esta circunstancia nas amas e nas vaccas.

13.° O leite algumas vezes contem sangue.

14.° O leite das mulheres affectadas de syphilis, mas apezar disso sadias, não apresenta nada de particular; não se vê com effeito nenhuma rasão para que a secreção lactea soffra o influxo da existencia d'um cancro, d'um bubão ou d'algum outro simptoma venereo, e não é provavel que a doença se transmitta pelo leite; é antes pelo contacto immediato que se opera o contagio; tambem a observação do leite não deve dispensar um exame da saude geral. (*)

15.° A quantidade de materia gorda n'uma mesma especie de leite está geralmente em relação com a quantidade dos outros elementos solidos deste fluido, de sorte que é possivel conhecer aproximadamente a riqueza d'um leite pela observação dos globulos.

16.° O leite das amas pode pecar tanto por excesso como por falta de principios nutritivos.

17.° Finalmente o diametro dos globulos parece augmentar á medida que s'está mais longe da epoca do parto, mas este meio não pode servir para determinar exactamente a idade do leite.

Telegraphos electricos. — O autor deste sistema, o Snr. Wheatstone, emprega nelle cinco fios conductores, por via dos quaes se podem instantaneamente indicar as differentes letras do alphabeto e transmittil-as quasi em numero de trinta por minuto, muitas até podem ser transmittidas a dous ao mesmo tempo. Os mesmos fios servem de dar e receber as communicações, sem que se deva modificar o apparelho em couza alguma. Por meio destes cinco fios obrando sobre cinco agulhas cujos movimentos se combinão dous a dous ou tres a tres, &., o Snr. Wheatstone produz quasi 200 signaes differentes. Cada um dos dous observadores nas extremidades da linha está assentado em frente d'um pequeno instrumento que tem tantos

(* E' preciso não ter como infallivel a doutrina que se encerra neste 14.° Corollario. A' falta de razões theoricas podiamos apontar differentes casos d'infecção syphilitica por via do amamentar. *N. dos RR.*

ponteiros quantas são as letras do alphabeto. Na parede em frente delle está suspensa uma tabella em que se achão legivelmente escriptas as letras do alphabeto. Quando um dos observadores põe o dedo sobre um ponteiro do instrumento, o caracter que lhe corresponde é distinctamente posto em acção debaixo de seus olhos, e manifesta-se da mesma sorte aos olhos do outro observador na paragem opposta. A attenção do observador a que se quer transmittir uma communicação é despertada por uma *campainha de rebate* que faz soar um martello subitamente relaxado pela acção d'um iman temporario de ferro macio, sobre o qual o observador da outra extremidade faz obrar a corrente electrica.

O Snr. Wheatstone parece que tem de estabelecer em ponto grande este telegrapho na Belgica, assim como o Snr. Cooke em Inglaterra. Tem para isto obtido patentes de novos inventos em França, na Belgica, em Inglaterra, nos Estados unidos, &c. A delicadeza dos apparelhos que emprega é tamanha que basta para os por em acção no maior numero de circunstancias um elemento voltaico d'um decimetro de lado; nos casos de grande humidade somente, é que a prudencia recommenda empregar um elemento d'uma intensidade um tanto maior.

Pollen das plantas. — M. Tritzsche publicou o resultado de suas investigações sobre a estructura e organisação do pollen observado com o microscopio.

" O auctor começa por dizer que, apesar de que depois da publicação de seus primeiros trabalhos sobre o pollen, M. Mohl tenha feito aparecer uma obra sobre o mesmo objecto, elle julgou que nem o numero das plantas que este sabio analisára, nem os desenhos que por sua exactidão excedem todos os trabalhos dos precedentes observadores, o não devião impedir de levar mais longe seus exames anterores. " Eu mesmo tive, diz elle, occasião d'observar no decurso de trabalhos recentes, que M. Mohl não tinha ainda percebido tudo o que nossos instrumentos actuaes nos permittem hoje descobrir. Demais, qualquer que seja o merito desta obra, mesmo quando nós possuis-

semos analizes sobre o pollen de todas as plantas conhecidas, não deixaria por isso d'existir um problema assaz importante a resolver, e vem a ser, analizar este orgão n'uma só planta, e seguil-o ate suas minimas partes, e ate ao ponto a que pode chegar o microscopio, tal como hoje é construido. Ora a solução deste problema é o fim a que me hei proposto em minhas novas investigações, e o proseguimento d'ellas me tem ministrado grande numero de resultados nóvos e interessantes; e fazendo-os conhecer hoje, so pertendo dar aos phytotomistas uma nova occasião de fixarem sua attenção sobre um objecto d'inexhausta fecundidade, e que bem recompensa os trabalhos do observador.,,

Eis a analize que o proprio M. Fritzsche dá como resultado de seus trabalhos:

" Em primeiro lugar fiz novas observações sobre a organisação das pretendidas anthéras do genero *Charo.* Uma coroa, servindo de base aos triangulos que for mão a esféra, e um orgão lageniforme que pouza sobre ella tornão esta interessante organisação mais complicada, e as observações sobre o desenvolvimento dos globulos, e sobre o estado embrionario dos filetes confervoides que ali se observão completão uma lacuna que tinha existido ate aqui em nossos conhecimentos a semelhante respeito. E' particularmente o ultimo periodo destes filetes que merece attrahir a attenção; nesta epoca, com effeito, os montões gelatinosos que enchem suas articulações teem-se transformado n'um fio espiral de tres circumvoluções que se eleva sobre a articulação. Antes, durante, e depois de sua formação, estes fios em espira manifestão um movimento proprio mui notavel, e em muitos casos parece confundirem-se com o genero *Spirillum* dos Infusorios.

,, Entre novas formas do verdadeiro pollen das plantas mais elevadas em organisação, nota-se, na primeira variedade distincta por uma só membrana, a *Zostera* e a *Najas maior.* E' por isso que M. Mohl não annunciou senão uma membrana nas Asclepiadas que, assim como M. Broum e eu o annunciámos no mesmo tempo, possuem duas membranas distinctas. As formas que offerece esta 2.ª variedade de pollen

das plantas munidas de duas membranas, são muito multiplicadas, e esta diversidade parece ser principalmente devida a esta circunstancia notavel d'uma membrana duplicada e exterior. M. Mohl suppoz, em sua obra, que esta membrana é composta de duas partes integrantes, de pequenos grãos correspondentes a cellulas não desenvolvidas, que se percebem principalmente em sua superficie, e d'uma massa homogenea, semigelatinosa, que une cada orgão a uma membrana. Observações que indicão uma tal organisação tinhão já sido feitas por mim precedentemente, sobre o *Martynia proboscidea* e o *Catalpa Syringuifolia*; tambem, desde que tenho procurado verificar a exactidão da hypothese de M. Mohl, tenho achado uma explicação satisfactoria. Parece resultar de minhas observações que entrão tres partes distinctas na composição da segunda membrana do pollen. Uma membrana uniforme, verdadeira, serve primeiro, d'um lado, de base ou de fundo, e sobre esta se nota, na maioria dos casos, uma camada que consiste em uma membrana bem distinctamente penetrada aqui e ali em differentes pontos do que M. Mohl chama grãos, ou em orgãos distinctos, apertados uns contra os outros, assemelhando-se a cellulas, sem que se possa distinguir uma materia propria para unil-os. Os differentes materiaes que servem ao desenvolvimento destes grãos produzem uma interessante variedade em sua textura, pois que umas vezes vê-se aparecerem como excrecencias, e outras vezes como espinhas; que n'uma época é uma massa solida, e que mais tarde se observa um canal em seu interior; em fim que umas vezes não seguem lei alguma de formação, e outras vezes se congregão seguindo disposições as mais variadas, possuindo a membrana que lhe serve de base n'um momento aberturas mui variaveis em numero e posição, e em outros não apresentando alguns indicios, segundo que o grão offerece um ou outro destes desvios, circunstancia que dá lugar a numerosas fórmas.

„ M. Mohl julga tambem que quando esta membrana mostra uma textura cellular, cada grão se transforma n'uma cellula, e que é nesta época sómente que estes grãos tem chegado ao seu perfeito desen-

volvimento. Este modo d'organisação é ráro ; eu o tenho encontrado, por exemplo, na *Martinia* e na *Catalpa*; mas tenho tambem observado dous outros modos de desenvolvimento d'uma textura cellular. Estes modos tem lugar, em alguns casos, quando as series distinctas de grãos ligados uns aos outros e bem desenvolvidos estão arranjados sobre a membrana d' uma maneira tal que esta por uma observação superficial parece cellulosa, como por exemplo na *Ruela Formosa*, na qual estes grãos se destacão facilmente em filetes ou series, e pódem com facilidade reconhecer-se. N'outros casos pelo contrario, vê-se elevarem-se na superficie da membrana, sem lesão apparente, tendo as paredes uma estructura cellular, e que me tem parecido empôlas ou borlas da membrana. Estas borlas, chegando a certa altura, principião a formar lacunas ou vazios em sua base, que por seu desenvolvimento successivo ate á formação completa dos grãos do pollen, adquirem mais ou menos altura, sobre tudo por seus pilares que estão unidos entre si por arcos mais ou menos largos. Esta estructura tem-se encontrado da maneira a mais completa na *Cobæa*, e provavelmente tambem existe, se se entra em analogias, em outras plantas. O *Geranium* aprezenta nesta estructura uma modificação mui interessante : cada arco é decorado, como um monumento d'architectura, com adornos que se elevão de sua superficie.

INDICE.

Das materias contidas neste Numero.

I. Litteratura. — O Visconde de Chateaubriand. 185

II. ..... Scena d'um Drama inedito. ... 189

III. Estatisca. — Proporções numericas dos sexos nos nascimentos. 195

IV. Miscellanea. — Memorias do dia 28 de Dezembro de 1838 199

V. Variedades. — Novo Genero de Desagravo. (*continuação*) 219

VI. Noticias Scientificas. — Composição e propriedades do leite — Telegrafos electricos — Pollen das Plantas. 239

AVISO

Com o presente numero termina o 1.º Semestre da Revista Litteraria. Os Snrs. Assignantes cuja subscripção agora acaba, terão a bondade de declarar se *não continuão* a assignar; na intelligencia de que a falta de declaração indica continuação.

A publicação da Revista Litteraria é mensal desde Janeiro em diante; e conterá cada numero, com insignificante differença, a materia que até aqui se encerrava em dous.

A *Direcção* á vista da difficuldade de obter estampas originaes, e de objectos interessantes, ou de pessoas conspicuas, que não venhão repetidas em oito e mais jornaes, como de muitas temos visto, não se compromette a dar uma estampa em cada mez; podendo comtudo assegurar que não deixará de a fazer litografar quando a materia dos Artigos a pedirem, e ella não for vulgar e geralmente conhecida.

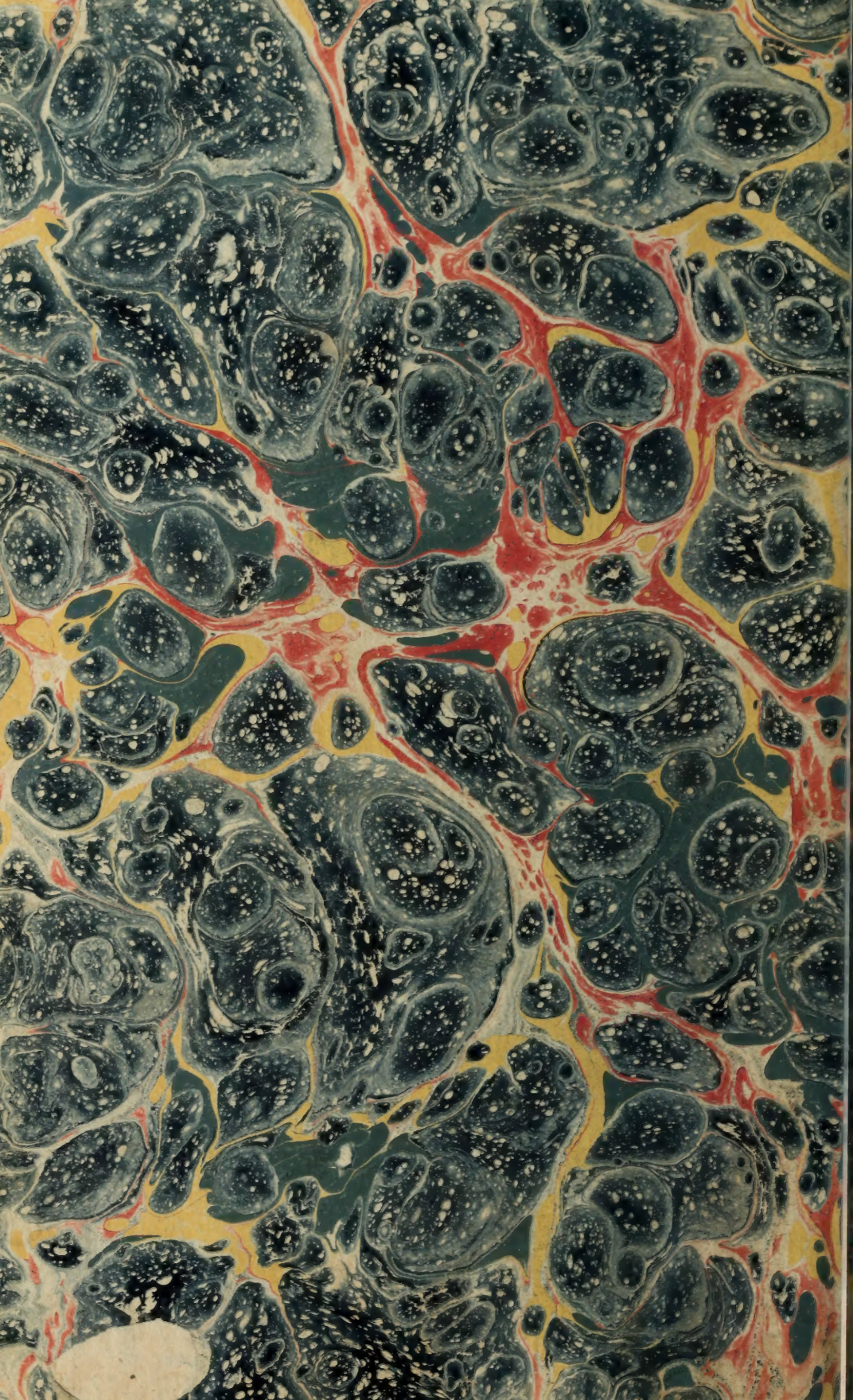
Por este motivo os preços da assignatura serão d'ora em diante os seguintes. —

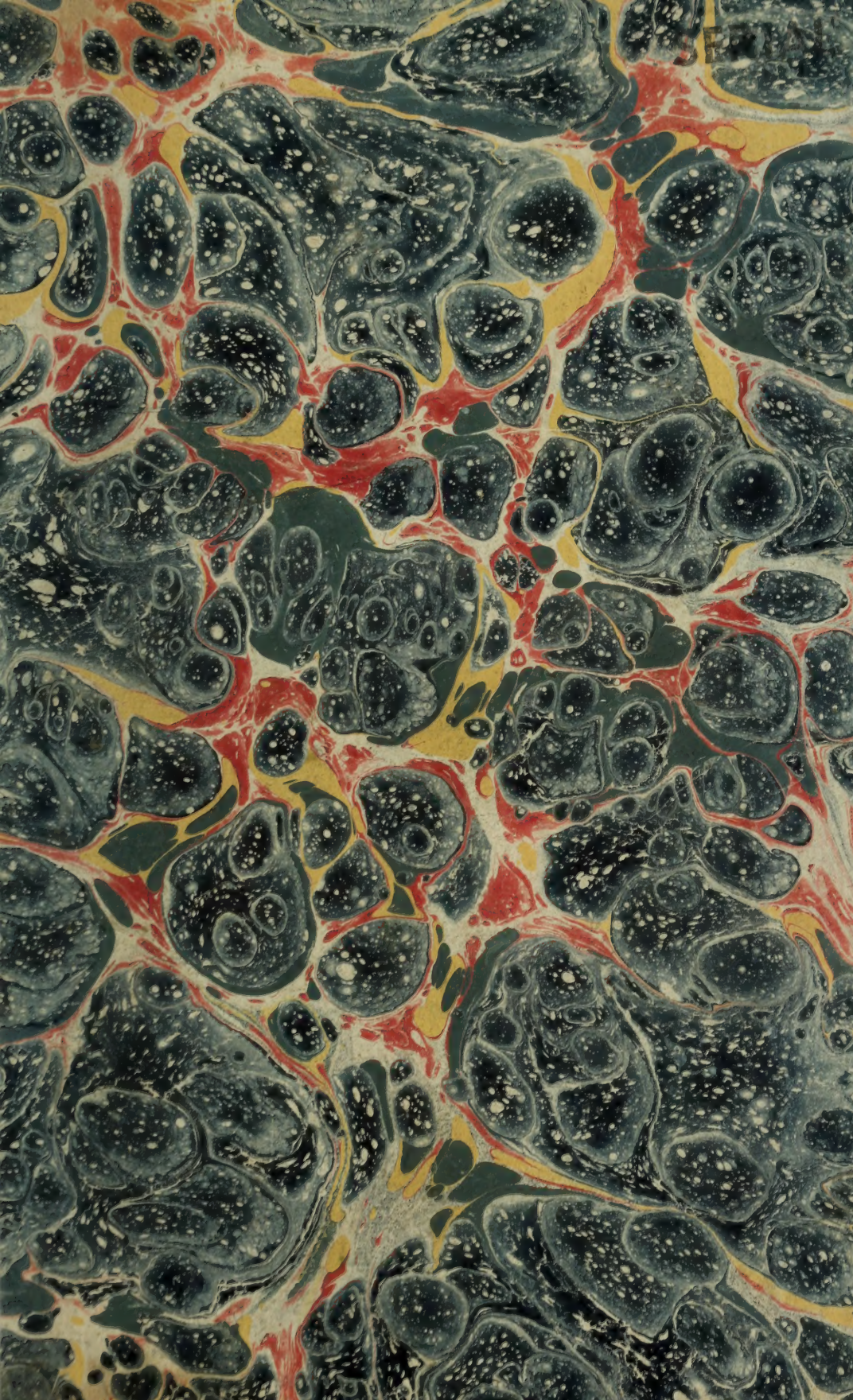
Por semestre 1920.

anno 3600

Aos Snrs. que assignárão por um anno será feita a competente restituição.

LIBRARY
1987
UNIVERSITY





UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 15 22 08 05 016 5